REVISTA DA ASBRAP

26

REVISTA DA ASBRAP N.º 26

REVISTA DA ASBRAP Nº 26



2019

RESPONSABILIDADE

Os conceitos e informações contidos nos artigos assinados são de exclusiva responsabilidade dos seus autores.

DIREITOS AUTORAIS

Os direitos autorais sobre os artigos ora publicados foram cedidos, por seus autores, gratuitamente, para a presente edição e disponibilização na internet (*site* da ASBRAP).

PROPRIEDADE

ASBRAP

Associação Brasileira de Pesquisadores de História e Genealogia

ENDEREÇO PARA CORRESPONDÊNCIA:

Rua Dr. Cid de Castro Prado, 79 – Planalto Paulista

04064-040 - São Paulo, SP - BRASIL

Visitem o nosso *site* na Internet: **www.asbrap.org.br**

E-mail da Presidência: **presidencia@asbrap.org.br**

E-mail da Secretaria: **secretaria@asbrap.org.br**

E-mail da Tesouraria: **tesouraria@asbrap.org.br**

E-mail de Contato: **contato@asbrap.org.br**

.....

SUMÁRIO DA REVISTA DA ASBRAP Nº 26

APRESENTAÇÃO DA REVISTA 7

BANHOS DO ARQUIVO DA CÚRIA METROPOLITANA DO RIO DE JANEIRO 9
Attila Augusto Cruz Machado

DOIS CASOS DE REJEIÇÃO GENEALÓGICA 115
Gilberto de Abreu Sodré Carvalho

PAUPERCULA DOMO, A METRÓPOLE, A MEMÓRIA E NOSSAS ORIGENS 119
Maria Aparecida Lacerda Duarte Weber

A MESA DA VISITAÇÃO NO TERMO DE PITANGUI:
UMA ESTRATÉGIA DA INQUISIÇÃO 129
Maria da Graça Menezes Mourão

OS BARÕES DE PIRACICAMIRIM 167
Marcelo Meira Amaral Bogaciovas

FUZIL AK-47 E A VEXILOLOGIA 191
Cícero Caldas Neto

ASCENDÊNCIA EM PORTUGAL DO ALF. ANTÔNIO JOSÉ SIMÕES DIAS 205
Luiz Gustavo de Sillos

ASCENDÊNCIA EM PORTUGAL DOS IRMÃOS BORGES DA COSTA 223
Luiz Gustavo de Sillos

MARIA PEDROSO, A FILHA ESQUECIDA DE SEBASTIÃO DE FREITAS 237
Luiz Gustavo de Sillos

ALGUMAS FAMÍLIAS POVOADORAS DO ALTO RIO DAS VELHAS:
FERREIRA PEDROSA, AGUIAR, PEREIRA LIMA E RODRIGUES PEIXOTO 247
Maria Celina Exner Godoy Isoldi
Carlos Alberto da Silveira Isoldi Filho

GENEALOGIA E HISTÓRIA DA FAMÍLIA DO CONSELHEIRO
LEÔNCIO DE CARVALHO 447
Renato de Lucca

LOURENÇO WESTIN (1787-1846) 475
Nilson Lemes da Silva

Linha Editorial, Diretrizes da Revista da ASBRAP e Prêmios ASBRAP. . 489
Metodologia para descrição de ascendentes 490
Metodologia para descrição de descendentes 490
Convenção de abreviaturas, de expressões usuais 491
Convenção de abreviaturas, de fontes arquivísticas 492
Convenção de abreviaturas, de fontes bibliográficas 492

Medidas e parâmetros a serem utilizados para editoração de artigos para a Revista da ASBRAP
(acessar a página: http://asbrap.org.br/medidas_parametros.html)

Publicações Recebidas
(ver a relação completa em: http://asbrap.org.br/relacao_acervo.html)

Diretoria e quadro social (biênio 2018-2019):
(ver a relação em: http://asbrap.org.br/diretoria.html)

APRESENTAÇÃO DA REVISTA

A Comissão de Publicações

Esta é a quinta revista eletrônica da ASBRAP. A 26.ª Revista da ASBRAP, em 26 anos de existência da entidade.

Quando passamos a revista de papel em digital, ouvimos muitas reclamações. Muitas advindas de entidades que hoje fazem o mesmo. Basta pensar que a entidade cultural mais antiga do país – o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro – também vem se utilizando desse recurso quando não dispõe de verba para pagar a gráfica.

Nossa grande motivação vem do número de leitores que ora conquistamos – no mundo inteiro – e que antes ficavam circunscritos ao número de exemplares vendidos (que não passavam de 500).

A Revista 26 tem um artigo com sabor especial: os índices dos banhos do Arquivo da Cúria Metropolitana do Rio de Janeiro. Cremos que seja a primeira vez que os interessados nessa matéria poderão programar suas pesquisas no acervo daquela instituição centenária, que abriga espetacular documentação. Que antes eram obrigados a praticamente perder um dia para saber se um determinado processo existiria ou não. Enfim, no total, são 12 artigos, de 11 autores, espalhados em 488 páginas. Como sempre, com trabalhos que denotam pesquisa do mais alto nível. Com artigos de História, e, notadamente, de Genealogia.

Pedimos aos associados que apresentem artigos para a Revista 27 da ASBRAP, com fechamento previsto para 20 de junho de 2020. E, aos que ainda não forem membros da entidade, fica o convite para se filiarem.

Continuamos a contar com a participação de todos. Uma boa leitura!..

Outro projeto, a ser lembrado, é o da **Biblioteca Genealógica da ASBRAP**, disponível a todos no Mosteiro de São Bento. É indispensável que o interessado agende pelo telefone (11) 3328-8799. Muito brevemente poderá se tornar a maior biblioteca genealógica pública do Brasil.

xxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxx

Visitem o nosso *site* na Internet: **www.asbrap.org.br**

Como se associar à ASBRAP:
http://www.asbrap.org.br/instituc/associar.htm

Como comprar as revistas impressas da ASBRAP (as que existirem, dos números 1 a 20):
http://www.asbrap.org.br/publicac/revista/venda.htm

Chamamento aos associados e interessados

Pedimos o comparecimento de associados e interessados aos nossos encontros. Nosso *site* procura ser útil e informativo. Para uma participação maior, tanto presencial (comparecendo aos eventos da entidade), como intelectual (apresentando trabalhos para a Revista, palestras ou comunicações nos congressos). Mas, principalmente, precisamos de pessoas que possam efetivamente colaborar para a renovação de seus quadros diretivos, com a experiência dos mais antigos e a disposição e o ideal dos mais jovens.

xxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxx

Sobre como escrever um artigo na Revista da ASBRAP:

Linha Editorial e diretrizes da revista:
http://www.asbrap.org.br/publicac/revista/diretrizes.htm

Pareceres dos artigos:
http://www.asbrap.org.br/publicac/revista/parecer.htm

Medidas e parâmetros a serem utilizados para a editoração:
http://www.asbrap.org.br/publicac/revista/medidas.htm

Metodologia e convenção de abreviaturas a serem utilizadas na Revista da ASBRAP:
http://www.asbrap.org.br/publicac/revista/metodologia.htm

Atenção:

- ► Os conceitos e informações contidos nos artigos são de exclusiva responsabilidade dos seus autores;
- ► Os direitos autorais sobre os artigos ora publicados foram também cedidos para inserção na internet, no site da ASBRAP;
- ► A Revista da ASBRAP se isenta por possíveis falhas ortográficas e gramaticais nos artigos.

BANHOS DO ARQUIVO DA CÚRIA METROPOLITANA DO RIO DE JANEIRO

Attila Augusto Cruz Machado

***Resumo**: Índice dos banhos do Arquivo da Cúria Metropolitana do Rio de Janeiro dos séculos XVII e XVIII.*

***Abstract**: Index of the marriage waivers of the Rio de Janeiro Metropolitan Curia Archive of the 17th and 18th centuries.*

BANHOS – Século XVII
ARQUIVO DA CÚRIA METROPOLITANA
ARQUIDIOCESE DE SÃO SEBASTIÃO DO RIO DE JANEIRO

Nº	Ano	Orador	Oradora	Observações
A1	1632	Antônio da Silveira	Francisca de Faria	
A2	1632	Aleixo Rodrigues	Bárbara Ferreira (?)	
A3	1632	Antônio Peres Caldeira	Catarina Pereira	
A4	1632	Agostinho Ferreira Raposo		Justificação
A5	1632	Antônio da Rocha	Isabel de Freitas	
A6	1632	Antônio de Andrade	Maria de Andrade Pimenta (?)	
A7	1660	Antônio Garcia	Margarida (Florinda?) da Silva	
A8	1664	Antônio Soares	Apolônia Ferreira	
A9	1664	Antônio de Muros	Joana Gomes (?)	
A10	1667	Antônio Martins	Isabel Coelha (?)	
A	1667	Antônio Rodrigues		Justificação/DMBB
A11	1669	Antônio Gonçalves	Ilegível / danificado	
A12	69-72	Ilegível / danificado		
A13	69-72	Ilegível / danificado		
A14	69-72	Ilegível / danificado		

Nº	Ano	Orador	Oradora	Observações
A15	69-72	Ilegível / danificado		
A16	69-72	Ilegível / danificado		
A17	69-72	Ilegível / danificado		
A18	69-72	Ilegível / danificado		
A19	69-72	Ilegível / danificado		
A20	69-72	Ilegível / danificado		
A	1670	Antônio da Silva Brandão	Ana dos Reis	DMBB
A	1672	Antônio Lopes de Macedo	Maria Martins	DMBB
A	1672	Adrião da Costa [† < 1698; x ca.1667]	Maria da Costa [c.s.]	DMBB/CBG
A21	1673	Antônio da Costa	Joana (Ana?) Coelha	
A22	1673	Amaro Correia [x ca.1682]	d.Isabel de Vargas [c.s.]	CBG
A23	1673	Antônio Nunes	Catarina de Aguiar	
A24	1675	Antônio Rodrigues Pina	Maria Farinha	
A25	1675	Antônio Pedroso	Antônia Diniz	
A26	1675	Antônio Fernandes	Ana Sarmento	DMBB
A27	1675	Antônio [Álvares] de Azeredo	Leonor de Queirós	DMBB
A28	1676	Antônio de Benevides	Úrsula [de Azevedo] Coelho	DMBB
A	1676	Antônio da Fonseca [° Santarém, ca.1646 e † RJ (Candelária 2°, 27v), 22.10.1677, fº cap.João Gomes e Ana Dias (ou Reis?); x ib.(Sé 2°, 55), 11.09.1676 (na casa de d. Paulo Giutria (?)]	Paula Bultoa da Silva, d.[° RJ, fª cap.Antônio Curvelo e d.Joana do Souto]	DMBB/CBG
A29	1676	Antônio Gomes	Isabel Álvares	DMBB
A30	77-80	Ilegível / danificado		
A31	77-80	Ilegível / danificado		
A32	77-80	Ilegível / danificado		
A33	77-80	Ilegível / danificado		
A34	77-80	Ilegível / danificado		
A35	77-80	Ilegível / danificado		

Nº	Ano	Orador	Oradora	Observações
A36	77-80	Ilegível / danificado		
A37	77-80	Ilegível / danificado		
A38	77-80	Ilegível / danificado		
A39	77-80	Ilegível / danificado		
A40	77-80	Antônio Ribeiro	Helena Guimarães (?)	
A	1676	Antônio Gomes	Bárbara de Aguiar (ou Gomes)	DMBB
A	1677	André Correia Vidigal [° Évora, ca.1647 e † RJ (Candelária 3°, 123), 07.08.1709, fº Jacinto Correia e Domingas de Mesa Vidigal; x ib.(Candelária 1°, 4), 03.11.1677]	Antônia da Fonseca [Ana de Afonseca, ° RJ, fª Antônio da Fonseca e Joana de Medeiros, c.s.]	DMBB/CBG
A	1677	Antônio Fernandes Monteiro	Teresa de Aguiar	DMBB
A	1678	Antônio Ferreira da Cruz [° Cova de Vez d'Aviz, Porto, fº M^{el} Antº e Marta Gonçalves; x RJ (Sé 2°, 64v), 11.08.1678 (na Ig.São José)]	Isabel Pedrosa [fª Julião do Couto e Maria Mendes, c.g.]	DMBB/CBG
A	1678	André Cardoso Pinto	Albana da Costa	DMBB
A	1679	Antônio Dias Cordeiro [cap.; ° Sto. Antº de Vilamonte, bisp.Elvas (ou na v.do Crato), ca.1649 e † RJ (Sé 7°, 87), 02.07.1705), fº Pedro Cordeiro e Maria Cabassa; x ib.(Sé 2°, 69v), 06.05.1679 (na Ig.S.José)]	Catarina Rodrigues Pinta [° Montemor-o-Velho, ca.1659 e † RJ (Sé 6°, 190 ou 188), 24.12.1700, fª Manuel Rodrigues e Maria Pinta, s.g.]	DMBB/CBG
A	1679	Antônio de Albernaz Veiga [° RJ (Candelária 1°, 96), b.20.03.1651 e † ib.(Sé 10°, 154), 18.06.1721; x 1° ib.(Candel.1°, 5v), 10.04.1679]	Beatriz Vilalobos da Silveira [° RJ e † ib.(Candelária 2°, 40v), 03.03.1681, fª Pedro da Silveira e Úrsula da Costa (?), s.g.]	DMBB/CBG
A	1679	Antônio Pinto Pestana	Beatriz Rangel	DMBB

Nº	Ano	Orador	Oradora	Observações
A41	1680	Antônio Ribeiro	Isabel Vicente	DMBB
A42	1690	Antônio Ribeiro	Maria de Paiva	DMBB
A43	1680	Amaro da Rocha, pardo	Lourença da Fonseca	DMBB
A	1680	Antônio Ribeiro	Helena Quaresma	DMBB
A	1680	Antônio da Costa		Justificação/DMBB
A44	1681	Antônio de Bastos	Maria Vieira	DMBB
A45	1681	Antônio Dias	Lourença Correia	DMBB
A	1681	Anastácio Furtado [de Mendonça, ° RJ (Candelária 2°, 3), b.28.08. 1662 e † ib.(Candelária 3°, 103v), 26.10.1707, fº Manuel da Costa Furtado e Floriana de Mendonça; x 1ª ib.(Sé 2°, 83), 19.04.1682]	Isabel Correia [° ca.1662 e † RJ (Candelária 2°, 60v), 27.06.1685, fª Leonardo Correia (de Oliveira) e Maria de Mendonça, c.g.]	DMBB/CBG
A46	1681	Antônio Álvares	Jerônima de Faria	DMBB
A47	1681	Anastácio Furtado	Isabel Correia	
A48	1682	Antônio Álvares de Magalhães [° São João de Lervois, arceb.Braga, ca.1652, fº Amaro Álvares de Magalhães e Catarina Frenandes; x RJ (Sé 2°, 87), 13.12.1682 (na Igreja de São José}	Luzia Freire, d.[° RJ, ca.1662 e † ib.(Sé 10°, 90), 21.07.1720, fª cap. Antônio Freire e Felipa de Andrade, c.g.]	DMBB/CBG
A49	1682	Abel Nunes	Joana Cardosa	DMBB
A50	1682	Antônio Marques Esteves		Banhos em forma
A51	1682	Antônio Ferreira	Ana de Siqueira	
A52	1682	Antônio Álvares	Clara Ferreira	
A53	1682	Antônio Soares	Gregória da Costa	
A54	1682	Antônio da Silva	Isabel Sardinha	DMBB
A56	1682	Antônio Rodrigues [Madeira]	Clara do Couto	DMBB
A55	1682	Antônio Álvares Filgueira	Antônia da Silva	DMBB
A57	1682	Amador Francisco de Queirós [cap.; x 1ª ca.1680]	Eugênia Borges da Luz	DMBB/CBG

Nº	Ano	Orador	Oradora	Observações
A58	1682	A... Rodrigues	Inês Palhares	
A	1682	Antônio Soares de Azevedo	Gregória de Brito da Costa	DMBB
A	1682	Antônio Ferreira	Ana de Siqueira	DMBB
A	1682	Antônio Álvares Moreira [° Porto, fº Antônio Álvares e Maria Moreira; x RJ (Sé 2°, 76), 15.06.1680 (na Igreja de São José)}	Clara Ferreira de Souza [° RJ, fª Manuel Ferreira e Catarina de Souza, c.g.]	DMBB/CBG
A	1682	Antônio Marques Esteves [irmão de Domingos Marques Esteves; fº Antônio Esteves e Cecília Marques; x ca.1680]	Águeda Delgada [† RJ (Candelária 3°, 8v), 08.06.1697, c.g.]	DMBB/CBG
A	1682	Amador Rodrigues	Adriana da Silva	DMBB
A59	1683	Antônio Marques [da Costa][° Cabeça Alta, N.S.Mercês de Carvalhal, t.Salir do Mato, ca.1653 e † < 1704, fº Antônio Marques e Maria Lopes; x RJ (Irajá 2°, 10), 24.09.1683]	Joana da Cruz [° RJ, fª Bartolomeu de Pontes e Margarida Ribeira, c.s.]	DMBB/CBG
A60	1683	Alonso da Gaia [° RJ (Sé 4°, 27), b.06.01.1662, fº Diniz Dias e Margarida de Aguiar; x RJ (Sé 2°, 89v), 30.06.1683 (na Ig.São José)]	Joana Maciel [Tourinha; ° RJ, ca.1664 e † ib.(Sé 7°, 35), 13.06.1702, fª Antônio Fernandes Trigueiro e Margarida de Aguiar, c.g.]	DMBB/CBG
A61	1683	Antônio (?) da Fonseca	Paula Barbosa, d.	
A	1683	Antônio de Sá	Marcela Correia	DMBB
A	1683	Antônio Gonçalves Castro	Ana da Assunção	DMBB
A	1683	Antônio Ribeiro de Araújo	Luzia do Couto	DMBB
A62	1683	Antônio Machado	Francisca Correia	DMBB
A	1683	Antônio de Mendanha Souto Maior [° RJ, ca.1653 e † > 1706, fº Luís Vieira de Mendanha	Maria da Fonseca, d.[Coutinha; ° RJ, ca.1663 e † ib.(Sé 7°, 99v), 20.03.1706, fª João da	DMBB/CBG

		Soutomaior e d. Luisa Dória; x RJ (Sé 2°, 87v), 28.01.1683 (na casa do Bispo); depois de viúvo, fez-se padre]	Fonseca e Isabel Barreta, c.g.]	
Nº	**Ano**	**Orador**	**Oradora**	**Observações**
A63	1683	Antônio Fernandes	Inês Soares	DMBB
A	1683	Antônio Gonçalves Castro	Cipriana Cardosa	DMBB
A66	1683	Antônio do Vale	Helena do Vale	DMBB
A	1683	Antônio de Moura [cap., provedor da Fazenda Real, ° Castelo de Vide, Alentejo, † RJ (Sé 6°, 137), 27.01.1697, fº Antº de Moura e ...; x ib.(Sé 2°, 89v), 13.07.1683 (na Ig.N.S.Neves da banda dalém)]	Bárbara Barreto, d.[° RJ, ca.1663 e † ib.(Candelária 9°, 43v), 04.09.1737, fª cap.Francisco Barreto de Faria e Catarina de Barros, c.g.]	DMBB/CBG
A	1683	Manuel Álvares Só		Justificação/DMBB
A78	1684	Antônio da Silva	Tomásia Correia	DMBB
A82	1684	Antônio Marques [Giraldo]	Josefa da Silva [Bultão]	DMBB
A81	1684	Amador Álvares	Margarida Rodrigues	DMBB
A80	1684	Antônio Furtado	Sebastiana Domingues	DMBB
A79	1684	Antônio Fernandes [Porto]	Ana Cardosa	DMBB
A83	1684	Antônio Gomes		Banhos em forma
A84	1684	Antônio Lopes	Filipa de Melo	DMBB
A85	1684	Antônio Dias Filgueiras [° Sta.Eulália de Margaride, arceb.Braga, ca.1651 e † RJ (Sé 8º, 40-C), 18.11.1710, f° Fernão Gonçalves e Maria Antônia; x ca.1681]	Inácia da Silva [c.g.]	DMBB/CBG
A	1684	André de Souza	Úrsula Gomes	DMBB
A86	1685	Antônio Ferreira (Fernandes?)	Luzia Maia	
A87	1685	Apolinário da Costa	Isabel de Mendonça	DMBB
A88	1685	Antônio Jorge	Joana Correia	DMBB

Nº	Ano	Orador	Oradora	Observações
A89	1685	Antônio Carneiro	Ana de Melo	DMBB
A90	1685	Antônio de Almeida	Bárbara de Amorim	DMBB
A91	1685	Amador Francisco, cap.[x 2ª RJ (Sé 5º, 98v), 17.05.1685 (na Ig.S.J.)]	Maria José [Josefa; ° bisp. RJ, fª Miguel de Freitas e Francisca Pereira]	DMBB/CBG
A92	1685	Antônio de Almeida	Maria Soares	DMBB
A93	1685	Antônio Muniz [de Menezes]	Isabel da Costa, d.	DMBB
A95	1685	André de Freitas	Maria Soares	DMBB
A94	1685	Antônio Fernandes [Marrão]	Luzia Maria [Bentes]	DMBB
A	1686	Antônio Dias	Maria da Assunção	DMBB
A	1686	Antônio Francisco [ferreiro; ° Santa Maria, bisp. Porto, ca.1656 e † RJ (Candelária 3°, 49), 25.09.1702, fº Manuel Francisco e Margarida Francisca; x ib.(Candelária 1°, 15v), 02.02.1686]	Margarida Vieira [° RJ e † ib.(Candelária 3º, 28v), 14.02.1700, fª João Mendes de Leão e Maria Vieira, c.g.]	DMBB/CBG
A	1686	Antônio Pais Sardinha	Ana Pais de Muros	DMBB
A	1686	Antônio de Sá da Silva	Catarina Maciel	DMBB
A97	1686	Antônio Teixeira Pinto	Isabel de Azevedo	DMBB
A96	1686	Agostinho Correia [º RJ, fº Francisco da Rocha e Felipa Cardosa; x RJ (Sé 2°, 94), 01.08.1684 (na Igreja de N.S.do Desterro)]	Helena Gomes de Morais [° bisp.RJ, fª Manuel Álvares Murselo e Ana Pedrosa, c.g.]	DMBB/CBG
A	1686	Antônio Manuel Castelo Branco	Antônia da Graça	DMBB
A	1686	Antônio Pereira do Rosário	Úrsula de Góis	DMBB
A	1686	Antônio Vieira da Cunha	Jerônima Ferraz	DMBB
A	1686	André Gonçalves Coelho [° ca.1656 e † RJ (Candelária 2°, 123v), 08.11.1695; x ca.1686]	Luzia do Couto [c.g.]	DMBB/CBG
A	1686	Antônio Cordeiro [° Sarapuí, RJ, f° Antônio	Ana de Sampaio [° Sarapuí, RJ, fª Simão da	DMBB/CBG

		Cordeiro e Luzia de Es córcia; x RJ (Candelária 1°, 16), 21.07.1686]	Cunha e Maria da Costa, c.g.]	
Nº	**Ano**	**Orador**	**Oradora**	**Observações**
A	1686	Antônio Martins da Palma	Cecília Barbosa	DMBB
A	1686	Antônio Borges	Isabel Pacheco	DMBB
A	1686	Antônio Carvalho Pereira, cap.[° I.Madeira, ca.1656 e † RJ (Candelária 3°, 13), 25.04.1698, fº Lopo Dias Pereira e Catarina Henriques de Castilho; x ib.(Irajá 2°, 13), 12.08.1686]	Clara Soares de Melo [d.; ° RJ, fª Antônio Soares de Medeiros e Apo- lônia Ferreira, c.g.]	DMBB/CBG
A	1686	Agostinho Moreira de Campos [° v.de Alhandra; x RJ (Candelária 1°, 17v), 12.06.1687]	Leonor de Azevedo [† RJ (Candelária 3°, 27v), 04.02.1700, fª alf. Antônio Ribeiro Godinho e Ana de Escórcia, c.g.]	DMBB/CBG
A112	1687	Antônio Correia Ximenes, dr.	Isabel Cabral, d.	DMBB
A113	1687	Amaro Gomes Sardinha [cap.; ° RJ, ca.1629 e † < 1693, fº cap.-mor João (Gomes) Sardinha e Margarida Antunes; x 2ª RJ (Sé 2°, 104), 18.06.1687]	Beatriz Sardinha [º bisp.RJ, fª Pedro de Abreu Rangel e Maria Viegas, c.g.]	DMBB/CBG
A114	1687	Antônio da Silva de Magalhães	Francisca de Oliveira	DMBB
A111	1687	Ascenço Pimentel	Teodósia de Barros	DMBB
A120	1687	Antônio Garcia [Santiago, cap.]	Maria Faleira, d.	DMBB
A119	1687	Antônio Martins	Francisca de Alvarenga	DMBB
A116	1687	Antônio Lopes	Joana das Neves	DMBB
A 115	1687	Antônio de Almeida	Maria da Conceição	DMBB
A117	1687	Antônio Vicente	Apolônia Vieira	DMBB
A118	1687	Antônio Gomes Cação	Catarina Gomes	DMBB
A123	1688	Agostinho Leite [° capitania do Espírito Santo, fº Salvador de Sá e	Sebastiana de Aguiar [° vila de São Paulo, SP, viúva do cap.Antônio Dias	CBG

		Leonor Mendes da Costa; x RJ (Sé 2°, 109v), 23.08.1688 (Ig.S.J.)]	de Moura, morador em Santos, SP]	
Nº	**Ano**	**Orador**	**Oradora**	**Observações**
A121	1688	Aleixo Leme	Clara de Miranda	DMBB
A125	1688	Antônio da Rocha do Canto	Cecília de Lima	DMBB
A124	1688	Antônio Pinto Homem	Ana de Sampaio	DMBB
A122	1688	Antônio de Azevedo	Antônia de Azeredo, d.	DMBB
A127	1688	Antônio da Silva [Lima]	Domingas de Deus	DMBB
A126	1688	Antônio Francisco	Maria Cardoso [de Araújo]	DMBB
A128	1688	Antônio Pacheco [Calheiros]	Maria Antunes [da Silva]	DMBB
A129	1688	Antônio de Barros [° São Tomás, t. Guimarães, ca.1658 e † RJ (Candelária 2°, 75v), 02.10.1689; x ib.(Candelária 1°, 19v), 20.10.1688]	Antônia de Souza [° RJ, exposta em casa de Manuel Borges, s.g.]	DMBB/CBG
A130	1688	Antônio Coronel [x 2ª RJ (Sé 2°, 110v), 09.10.1688]	Ana Correia [° Santos, SP, fª Francisco Soares e Ana Correia, c.g.]	DMBB/CBG
A131	1688	Álvaro Gomes [da Silva] [x RJ (Candelária 1°, 18v), 16.02.1688]	Antônia das Neves [° RJ (Sé 4º, 55), b.15.01.1668, fª Basílio das Neves e Francisca Gomes da Silva (ou Fca.do Valongo), c.g.]	DMBB/CBG
A 133	1688	Antônio de Sá da Silva	Helena de Azevedo	DMBB
A132	1688	André Barbosa [° Parati, RJ; x RJ (Candelária 1°, 18v), 16.12.1687]	Margarida de Almeida [° Sto.Antônio de Cassarebu, RJ]	DMBB/CBG
A135	1689	Antônio Soares Maciel	Francisca Borges	DMBB
A	1689	Antônio de Aguiar		Justificação/DMBB
A	1689	Antônio da Mata [° RJ (Sé 4°, 39), b.24.10.1663, fº Tomás Ribeiro e Ana (da Costa); x ib.(Candelária 1°, 20v), 21.05.1689]	Maria Coutinha [° RJ (Candelária 1°, 44), b.18.04.1641, fª Heitor Fernandes Carneiro e Joana Coutinha]	DMBB/CBG
A137	1689	Antônio Carvalho	Helena Coelho	DMBB
A	1689	Antônio Gonçalves da	Maria Ciríaca da Fonseca	DMBB/CBG

		Cruz [° Santa Maria da Retreta, bisp. Porto, ca.1660 e † RJ (Irajá 1°, 5), 18.10.1693, fº João Antônio e Francisca Gonçalves; x ca.1690]	[Mª Celíaca; fª Manuel da Costa; c.g.]	
Nº	**Ano**	**Orador**	**Oradora**	**Observações**
A	1689	Antônio Teixeira de Matos	Ana da Conceição	DMBB
A	1689	Antônio de Araújo	Andreza de Jesus	DMBB
A	1689	Antônio Pinto	Isabel Soares Coutinho	DMBB
A	1689	André, índio da terra	Susana, escrava de Manuel Gonçalves da Veiga	DMBB
A139	1689	André de Souza	Filipa de Sá	DMBB
A	1689	Antônio de Alvarenga [° Suruí, RJ, fº Manuel Rodrigues de Alvarenga e Bárbara de Andrade; x RJ (Candelária 1°, 21v), 12.10.1689]	Isabel Fernandes [° São Paulo, SP, fn. Luís Fernandes]	DMBB/CBG
A145	1690	Antônio de Oliveira [Lagartinho]	Maria de Abreu [de Brito?]	DMBB
A146	1690	Antônio Ribeiro	Lourença de Brito	DMBB
A147	1690	Atanásio da Cruz [fº Manuel Rodrigues de Alvarenga e Bárbara de Andrade; x RJ (Sé 3°, 1), 18.05.1690 (na Ig.São José)]	Ana da Conceição [° Suruí, RJ, fª Inácio Gomes e Maria da Cruz]	DMBB/CBG
A148	1690	Antônio Ribeiro Quaresma	Filipa [de Freitas] de Oliveira	DMBB
A149	1690	Antônio Gomes Cabral [° N.S.Calhau, I.Madeira, fº Amaro Gomes e Antônia de Almeida; x RJ (Candelária 1º, 23v), 11.09.1690]	Mônica da Cruz [° RJ, fª Manuel Dias Diniz e Francisca Soares, c.g.]	DMBB/CBG
A150	1690	Agostinho de Miranda	Maria de Medeiros	DMBB
A151	1690	Antônio Rodrigues	Ana Mendes	
A152	1690	André Mendes	Ana Maria Morais (?)	
A153	1690	Antônio Gonçalves	Maria da Silveira	
A154	1691	Aleixo Manuel	Maria Albernás	

Nº	Ano	Orador	Oradora	Observações
A156	1691	Antônio Pereira de Queirós	Bárbara de Brito [de Mariz]	DMBB
A157	1691	André Cardoso da Fonseca	Clementina da Silva	DMBB
A155	1691	Antônio da Silva	Ana Lopes	DMBB
A158	1691	Antônio da Silva de Araújo	Maria Pacheco	DMBB
A159	1691	Antônio Dias Lopes [° freg.Cabeça, bisp.Porto, fº Gaspar Lopes e Catarina Dias; x RJ (Jacarepaguá 4°, 36v), 01.10.1691]	Juliana da Gama [° RJ (Jacarepaguá), fª João de Bastos e Antônia Ribeira]	CBG
A160	1691	Amaro Gonçalo	Clara das Neves	
A161	1692	Antônio Machado [° Inhomirim, RJ, fn.Águeda da Costa; x RJ (Sé 3°, 13v), 10.11.1692 (na Ig.S.J.), c/dip.de afinidade “dúbia” de 2° grau]	Bárbara da Fonseca, d.[viúva de João Ferreira Dormundo (que seria tio de Antônio Machado)]	CBG
A162	1692	André Ribeiro	Luzia ...	
A163	1692	Antônio Lopes [º Santa Cruz, bisp.Porto, fº Manuel Gonçalves e Maria Lopes; x RJ (Sé 3°, 11v), 01.07.1692 (na Igreja de São José)]	Maria Pinheira [° RJ, fª Francisco Lopes e Bárbara da Costa]	CBG
A164	1692	Antônio Pereira Rabelo	Clara, d.(?)	
A165	1692	Antônio da Silva	Antônia ...	
A165	1692	André de França [° Porto (Santa Maria da Campanhã), ca.1663 e † RJ (Candelária 9°, 39v), 03.03.1745, fº Manuel João e Isabel Antônia; x 1ª RJ (Candelária 1°, 27), 07.01.1793]	Isabel do Amaral [° Itambi, RJ, fª Antônio Antunes Lima e Úrsula de Arão, c.g.]	CBG
A166	1692	Antônio da Silva	Maria ...	
A167	1692	Ilegível / danificado		
A168	1692	Ilegível / danificado		

Nº	Ano	Orador	Oradora	Observações
A169	1692	Ilegível / danificado		
A170	1693	Antônio da Silva	Isabel da Conceição	
A171	1693	Antônio da Silva Pinto	Catarina de Sena	
A172	1693	Afonso Gomes Horta	Isabel da Cruz	
A173	1693	Antônio Rodrigues Ribeiro	Vitória de Vasconcelos, d.	
A174	1693	Antônio de Souza	Bárbara Viegas, d.	
A175	1693	Antônio de Mendanha	Maria de Menezes	
A176	1693	Antônio Gonçalves (?) Ramos	Joana Gomes	
A177	1693	Alberto Cardoso	Esperança do Rego	
A178	1694	Antônio Álvares Preto	Ascensa de Abreu	
A179	1694	Antônio Pereira Machado	Antônia de Almeida	
A180	1694	Antônio Mendes da Silva (repetido?)	Isabel Pereira	
A181	1694	Antônio Dantas Correia		Banhos em forma
A182	1694	Agostinho de Barros	Mônica da Cruz, d.	
A183	1694	Antônio Mendes da Silva (repetido?)	Isabel Pereira	
A184	1694	Antônio Cardoso de Lucena		Justificação
A185	1694	Antônio de Freitas	Isabel Correia	
A186	1694	Agostinho (Antº?) de Souza	Micaela de Freitas	
A187	1694	Antônio Soares	Maria Ferreira	
A188	1694	Antônio de Souza	Maria Loreta (?)	
A199	1694	A... Sodré	Domingas Gerdon (?)	
A200	1694	Ângelo Fagundes	Madalena da Silva (?)	
A201	1694	Agostinho de Paredes, dr.	Isabel de Queirós (?), d.	
A202	1695	Ilegível / danificado	Páscoa Vieira (?)	
A203	1695	Ilegível / danificado	Margarida Gomes	
A204	1695	A ... Pereira		Justificação
A205	1695	A... Raposo Barreto	Maria Carvalha	
A206	1695	Antônio de Souza	Antônia Gomes	
A207	1695	A... Amaral (?), índio	Mariana, índia	
A208	1695	A... Barbosa	Mônica de Oliveira	

Nº	Ano	Orador	Oradora	Observações
A209	1695	Antônio Álvares (?) Correia	Antônia (?) Rodrigues	
A210	1695	Ilegível / danificado		
A211	1695	Ilegível / danificado		
A212	1695	Ilegível / danificado		
A213	1695	Antônio de Loureiro (?)	Domingas Nunes	
A214	1696	Antônio Gomes	Constância Gomes	
A215	1696	Adrião Fernandes	Isabel Ribeiro (?)	
A216	1696	Aleixo Ferreira	Catarina Pereira	
A217	1696	Antônio Coelho [° Lisboa (São Julião), fº Antônio Coelho e Antônia Duarte; x RJ (Sé 3°, 29v), 26.11.1696 (na Igreja de São José)]	Ana Ferreira [° RJ, fª Tomás Ferreira e Jerônimo Fernandes, c.g.]	CBG
A218	1696	André Rodrigues	Teresa dos Reis	
A219	1696	Antônio Álvares Chaves	Madalena Rodrigues	
A220	1696	Antônio Cardoso de Souza	Joana Gonçalves	
A221	1696	Ambrósio Ramos	Joana de Faria	
A222	1696	Antônio Monteiro	Joana de Sá, d.	
A223	1696	Antônio Coelho	Francisca de Oliveira	
A224	1696	Antônio Borges Teixeira [° Santa Clara do Torrão, Entre Ambos os Rios, arceb.Braga, ca.1666 e † RJ (Sé 10°, 298), 28.12.1723, fº Pascoal Borges e Catarina Teixeira; x ib.(Candelária 1°, 37v), 05.02.1696]	Helena de Jesus [ou da Cruz; fª Antônio Gonçalves da Cunha e Teresa de Jesus; c.g.]	CBG
A225	1696	Antônio Ribeiro Nunes	Antônia da Fonseca	
A226	1696	Antônio Ferreira de Aguiar	Teodora de Lira (Lima?)	
A227	1696	Antônio Rodrigues Pereira	Úrsula Correia	
A228	1696	Afonso Gonçalves de Lima	Francisca Vieira	
A229	1696	Antônio de Macedo	Maria, d.	

Nº	Ano	Orador	Oradora	Observações
A230	1696	Antônio Marques Ribeiro	Isabel de Oliveira	
A231	1696	Antônio de Menezes	Maria da Ressurreição	
A232	1696	Ilegível / danificado		
A233	1696	Ilegível / danificado		
A234	1696	Ilegível / danificado		
A235	1696	Ilegível / danificado		
A236	1696	Ilegível / danificado		
A237	1696	Ilegível / danificado		
A238	1696	Ilegível / danificado		
A239	1696	Ilegível / danificado		
A240	1696	Ilegível / danificado		
A241	1696	Ilegível / danificado		
A242	1696	Ilegível / danificado		
A243	1696	Ilegível / danificado		
A244	1696	Ilegível / danificado		
A245	1696	Ilegível / danificado		
A246	1697	Antônio da Cunha	Maria de Marins, d.	
A247	1697	Antônio Cordovil	Joana Gonçalves	
A248	1698	Antônio Rodrigues Castelhano	Joana de Andrade, d.	
A249	1698	Antônio da Fonseca [° Lisboa (Alecrim), fº Sebastião Rodrigues e Mª da Fonseca; x RJ (Sé 3°, 34), 14.06.1698 (na Igreja de São José)]	Maria Vieira [° RJ, ca.1678 e † ib.(Sé 8°, 2 e 5), 12.04.1710, fª Mateus Álvares e Ana Vieira, c.g.]	CBG
A250	1698	André de Souza da Silva	Bárbara Pinta	
A251	1698	André de Souza da Cunha	Joana Quaresma, d.	
A252	1698	Antônio Machado	Ana Vieira	
A253	1698	Antônio da Silva	Isabel Cardosa	
A254	1698	Antônio da Costa Peixoto [º Óbidos, patr.Lisboa, fº Domingos Fer- nandes da Costa e Catarina Peixota; x RJ (Sé 3°, 34), 24.05.1698]	Mariana da Costa [° RJ, fª Pedro da Costa Travassos e Maria Pereira, c.g.]	CBG

Nº	Ano	Orador	Oradora	Observações
A255	1698	Aleixo Pinto	Escolástica do Couto	
A256	1698	André Álvares Coelho	Ana Garcia	
A257	1698	Antônio Rodrigues	Joana de Andrade, d.	
A258	1698	Antônio de Araújo	Sibila da Costa	
A259	1698	Antônio Guedes	Esméria Teixeira	
A260	1698	Antônio Vieira	Luzia Rodrigues	
A261	1698	Antônio Vás	Leonor Benta	
A262	1699	Antônio Ferreira da Costa [° São Salvador de Friamunde, bisp.Porto, ca.1669 e † ib.(Irajá 1°, 22v), entre 09.06.1709 e 02.04.1710, f° Gonçalo Ribeiro e Madalena F^{ra}; x ib.(Candelária 1°, 55), 03.08.1699]	Teodora de Oliveira [Sampaio, viúva de Francisco Viegas, fª Luís Pinheiro de Montarroio e Catarina Machada, c.g.]	CBG
A263	1699	Antônio Nunes de Souza	Joana Soares	
A264	1699	Amaro Gomes de Pinho	Teresa de Jesus	
A265	1699	Antônio Soares Barbosa	Ana Correia	
A266	1699	Agostinho Lopes Flores [° arceb.Évora, fº Manuel Lopes Flores e Maria do Ó Mendes; x RJ (Sé 3°, 36), 23.03.1699 (na Ig.S.José)]	Brites Soares [Beatriz Soares Pereira, ° RJ, fª João Soares Pereira e Leonor Gomes, c.g.]	CBG
A267	1699	Antônio Correia	Isabel da Silveira	
A268	1699	Antônio Botelho		Justificação
A269	1699	Antônio Carvalho	Maria Rabela	
A270	1699	Antônio Rodrigues (Martins?)	Joana de Jesus	
A271	1699	Antônio Jorge		Justificação
A272	1699	Antônio Gonçalves	Luzia Carneira	
A273	1699	Antônio Pontes	Maria de Oliveira	
A274	1699	Ilegível / danificado	Margarida de Barcelos	
A275	1699	Ilegível / danificado	Maria Rabela	
A276	1699	Ilegível / danificado	Páscoa de Sá	
B1	1615	Belisário de Azevedo		Justificação
B2	1615	Bartolomeu Ferreira		Justificação

Nº	Ano	Orador	Oradora	Observações
B3	1640	Bartolomeu da Silva		Justificação
B4	1643	Brás Gonçalves		Justificação
B5	1646	Baltazar de Azevedo Escórcio [° ca.1620]	Felipa Cardosa da Costa [° Rio (Sé 2°, 104), b.22.08.1629 e † ib.(Sé 3°, 68v), 09.07.1647, fª André Álvares e Domingas Cardosa, s.s.]	* CBG
B6	1657	Bento Dias	Ana de Azevedo	
B7	1657	Baltazar Ferreira		Justificação
B8	1664	Baltazar de Brito		Justificação
B9	1667	Belchior Antônio [† Rio (Candel.2°, 60), 27.05.1685, s.s.]	Sebastiana Martins	CBG
B10	1669	Brás Sardinha	Serafina Pereira	
B11	1669	Baltazar de Abreu [fº Baltazar de Abreu e Isabel Rangel?]	Isabel, d.	CBG
B12	1670	Brás do Couto	Francisca de Brito [† Rio (Sé 5º, 64v), 30.03.1678, muito pobre; fª ... Gonçalves e Branca Luís de Espinha, c.s.]	* CBG
B13	1671	Brás Cubas	Ana de Abreu [Ana Maria Correia]	*
B14	1671	Baltazar Rodrigues Coutinho [1669]	Brites Cardosa	*
B15	1672	Bernardo Cardoso [° ca.1641, c.c.]	Marta de Araújo	CBG
B16	1672	Bento de Oliveira	Mariana de Sampaio	
B17	1673	Baltazar Pinto	Beatriz Paes	*
B18	1673	Bartolomeu de Torres		* Justificação
B19	1673	Bento Borges de Araújo [° ca.1643 e † < 12.1698]	Lucrécia Viegas, d. [Coutinha; fª ? Francisco de Macedo Viegas e d.Joana Coutinha, c.s.]	* CBG
B20	1673	Bento Nunes Furtado	Maria de Alvarenga Mariz	*
B21	1673	Belchior Martins	Leonor Soares	
B22	1675	Bartolomeu Lopes de Carvalho [° Viana, fº Leonardo Lopes de Carvº	Isabel Pereira de Souza [° Rio, fª Francisco Mendonça e Paula da	CBG

		e Joana da Costa Ferrª; x Rio (Sé 2°, 48), 24.02.1675 (Ig.S.José)]	Fonseca, c.s.]	
Nº	**Ano**	**Orador**	**Oradora**	**Observações**
B23	1675	Bartolomeu de Araújo	Ana Cabral de Melo, d.	
B24	1676	Belchior Homem [de Azevedo; fº Antº Riscado e Mariana de Távora; x 1° Rio (Candel.1°, 3), 7(?).11.1676 com sua prima; c.s.]	Lasária de Mendonça [Lázara, ° Vitória, ES, e † Rio (Campo Grande 3°, 103v), 30.06.1690, fª Miguel de Mendonça e Bárbara da Rocha]	* CBG
B25	1676	Bento Coelho Borges [° ca.1646 e † Rio (Candel.3°, 31v),07.06.1700]	Ana Ribeira [da Silva; ° ca.1656, c.s.]	* CBG
B26	1677	Bento da Silva	Bárbara de Oliveira	*
B27	1678	Baltazar Coutinho [° ca.1640, vvo.; x 2º, c/disp.2º grau, São Gonçalo, RJ, 09.05.1678]	Maria das Neves [Araújo; ° ca.1668, fª Francisco Carvalho e Bernarda de Araújo; sobrinha da 1ª mulher de Baltazar]	* CBG
B28	1679	Brás [de] Ferreira [Mendes, ° Lisboa (S.Tomé) e † Rio (Candel.9°, 112), 22.07.1739, fº Antº Mendes e Dom^{gas} Ferreira; padre em 1706]	Úrsula de Freitas [e Ortega][° Rio, ca.1659 e † ib.(Candel.3º, 79v), 28.12.175, e.e.c.Antº de Freitas; x Rio (Candel.1°, 5v), 06.02.1679; c.s.]	* CBG
B29	1680	Belchior Pereira [fº Custódio da Sailva e Maria Pinta; x Rio (Sé 2º, 73v), 20.04.1680 (na Igreja de São José)]	Maria Ribeira [fª Bartolomeu de Pontes e Margarida Ribeira *]	CBG
B30	1680	Baltazar de Freitas	Domingas Maciel	
B31	1680	Bento Martins [1681]	Maria de Oliveira [vValéria de Oliveira]	*
B32	1681	Belchior do Amaral [Paes; º ca.1639 e † < 1684]	Domingas Gomes [° Rio (Sé 3°, 108), b.26.05.1652, fª Domingos Gomes e Isabel Teixeira, c.s.]	CBG
B33	1681	Bartolomeu Ribeiro	Maria Velosa	*
B34	1681	Bento Furtado de Mendonça [° I.Faial, ca.1650, fº Gaspar	Joana Batista [° Rio, fª João Bento (?) (†) e Isabel do Vale (†), c.s.]	CBG

		Furtado e Mª Rodrigues; x Rio (Sé 2°, 75), 18.05.1680 (na Igreja de São José)]		
Nº	**Ano**	**Orador**	**Oradora**	**Observações**
B35	1681	Bernardo de Paiva		Justificação
B36	1682	Baltazar de Feo (?)	Isabel ... ilegível	
B37	1682	Bernardo Vieira de Araújo	Paula de Andrade	*
B38	1682	Bartolomeu Fernandes Varela	Inês Dias de Lucena	*
B39	1682	Bernardo da Silva	Domingas Ferreira	*
B40	1683	Bartolomeu Cabral	Jacinta Dias	
B41	1683	Bento de São Paio	Ana da Fonseca	
B42	1683	Bento Furtado de Andrade		Justificação
B43	1683	Bento Rodrigues	Maria Rodrigues	CBG
B44	1684	Bento de Alvarenga	Ana da Costa	
B45	1686	Bartolomeu Dias [° RJ, ca.1656; x Rio (Sé 2º, 101v), 24.04.1686 (na Ig.N.Sra.da Guia de Pacobaíba]	Isabel de Siqueira [° RJ, ca.1666]	CBG
B46	1687	Batista da Silveira, índio	Faustina, índia	
B47	1687	Brás de Souza	Antônia Pinta	
B48	1689	Belchior de Azevedo [° Rio (S.João da Traíraponga), ca.1659, fº Bal- tazar de Azevedo (†) e Mariana Peralta *; x Rio (Candel.1°, 20), 05.12.1689]	Messia da Costa [° Rio (idem), fª Miguel Ribeiro (†) e Isabel da Costa *]	* CBG
B49	1689	Baltazar Machado [° RJ (vila I.Grande), ca.1659, fº Nicolau Machado (†) e Mª Delmundo (†); x Rio (Sé 2°, 11v), 04.03.1689 (na Ig.S.José)]	Catarina Pereira [Machada; ° Rio (Jacarepaguá) e † ib.(Jacarepaguá 5°, 32v), 29.09.1717, fª João Pereira Machado e Vitória Machada]	* CBG
B50	1689	Bartolomeu Langosta [pd.escr.Sta.Casa de Misericórdia, ° ca.1659; x 1º Rio (Sé 2º, 112v),	Teresa da Costa [de Jesus, pd.for., fª Maria da Costa, c.s.]	* CBG

		30.05.1689, c./disp.de diferença de condição]		
Nº	**Ano**	**Orador**	**Oradora**	**Observações**
B51	1691	Belchior Homem	Margarida Pedrosa	
B52	1691	Baltazar da Silva Borges		Justificação
B53	1691	Bárbara de Faria		Justificação
B54	1691	Brás de Mendonça		Justificação
B55	1691	Bernardo da Costa	Violante do Céu	*
B56	1692	Belchior de Abreu Saminas	Florência da Costa	*
B57	1692	Brás de Lemos	Branca Cardosa	*
B58	1692	Baltazar, índio [moço da terra forro]	Antônia, preta, Guiné, escr.Bento Nunes Furtado	*
B59	1692	Bartolomeu Ferrás [Tinoco; ° ca.1663]	Maurícia da Costa [Maria da Costa Pacheco; c.s.]	* CBG
B60	1692	Bento Rodrigues	Maria Correia	*
B61	1693	Batista Álvares Teixeira		* Justificação
B62	1694	Bonifácio de Almeida	Joana Soares	*
B63	1695	Baltazar de Figueiredo	Antônia Correia de Brito	*
B64	1695	Baltazar da Costa [° Itambi (ou Rio), ca.1665, fº Baltazar da Costa e Maria da Conceição *; x Rio (Candel.1°, 33v), 14.02.1695]	Violante Correia [Salema; ° Rio, ca.1667, fª Gonçalo Teixeira Tibáo e Maria de Mariz *, c.s.]	* CBG
B65	1695	Bento Lobo	Eugênia de Oliveira	*
B66	1695	Belchior Mendes [° freg.Pulsos, bisp.Coimbra, ca.1665, fº Estevão Mendes e Isabel Gomes; x Rio (Candel.1º, 35), 11.06.1695]	Isabel Gomes [viúva de João Mendes da Fonseca]	CBG
B67	1696	Bento Fernandes, índio	Bárbara, preta, escrava	
B68	1696	Bartolomeu da Fonseca	Isabel Gomes	
B69	1696	Bento da Costa [° Braga, ca.1666, fº Gonçalo da Costa e Maria de Aarújo; x Rio (Sé 3°, 27), 24.06.1696 (na Ig.São José)]	Francisca de Aguiar {° Rio, ca.1676, fª pais incógnitos e criada em casa de Maria Fernandes, c.s.]	CBG
B70	1696	Brás Veloso	Ana Pereira	

Nº	Ano	Orador	Oradora	Observações
B71	1696	Bento de Oliveira	Júlia de Brito	
B72	1697	Bento Rodrigues Fróes	Antônia Ribeira	
B73	1697	Bartolomeu da Costa, índio	Maria da Costa	
B74	1697	Bento Dias Gonçalves	Páscoa Rodrigues	
B75	1697	Bartolomeu Gomes de Mendonça	Francisca Gomes	
B76	1698	Bartolomeu Batista do Amaral [° ca.1663, fº Bartolomeu Batista do Amaral e Mecia de Arão *; x 2° São Gonçalo, RJ, 11.02.1698]	Ângela da Fonseca [Cerqueira; ° ca.1678 e † < 1726, fª Manuel da Fonseca Cerqueira e Maria de Oliveira, c.s.]	CBG
B77	1698	Bartolomeu da Costa	Josefa Henriques	
B78	1698	Bento Martins Marinho		Justificação
B79	1698	Bento de Souza	Apolônia Ferreira	
B80	1699	Basílio de Souza	Margarida Cabral, d.	
B81	1699	Batista Veloso de Caldas [1690]	Luisa de Souza	*
C1	1667	Clemente da Rocha	Mariana Francisca	
C2	1678	Constantino de Paiva	Ana Ferreira	
C3	1680	Cristóvão Correia		Justificação
C4	1681	Cristóvão Moreira		Justificação
C5	1684	Custódio Gomes da Costa	Teodora da Fonseca	
C6	1684	Carlos de Oliveira		Justificação
C7	1687	Cristóvão de Noronha	Catarina de Albuquerque, d.	
C8	1688	Cipriano da Costa	Maria de Lemos	
C9	1689	Custódia da Rocha		Justificação
C10	1689	Carlos Montes da Cruz	Madalena de Ledesma, d.	
C11	1691	Cristóvão de Souza	Maria Duarte Oliveira	
C12	1691	Cristóvão da Silva Guimarães		Justificação
C13	1694	Cristóvão de Santana		Justificação
C14	1695	Cipriano Ferreira [° S.Cristóvão, v.Sto.Antº de Coren(?), ca.1665, fº Jerônimo Ferreira e Mª	Francisca da Silva [° Rio, ca.1675, fª Manuel da Silva Brandão e Ana Correia]	CBG

		Ribeira; x Rio (Candel.1º, 35v), 31.07.1695]		
Nº	**Ano**	**Orador**	**Oradora**	**Observações**
C15	1696	Crispim Serrão Ferreira	Bárbara Pacheca, d.	
C16	1697	Cristóvão de Azevedo	Margarida de Alvarenga	
C17	1697	Crispim da Cunha	Leonor de Barros, d.	
C18	1698	Cristóvão Tavares	Tomásia Fernandes	
C19	1698	Calixto da Mota	Ana Martins	
C20	1699	Custódio de Brito		Justificação
C21	1699	Cristóvão Caminha		Justificação
D1	1648	Domingos de Oliveira	Ana do Sim	
D2	1651	Domingos Nunes	Ana Monteira (?)	
D3	1651	Diogo de Azeredo Sampaio	Ana Tenreira, d.	
D4	1666	Domingos Rodrigues Ramires	Beatriz da Costa	
D5	1671	Domingos Francisco	Bárbara da Silveira	
D6	1772	Domingos de Souza	Isabel de Freitas	
D7	1772	Domingos Rodrigues	Bárbara da Costa	
D8	1673	Dionísio Ferreira	Francisca Ribeira (?) Álvares (?)	
D9	1673	Diogo Ferreira	Joana de Souza	
D10	1673	Domingos Gomes	Maria de Souza	
D11	1676	Domingos Álvares [patrão-mor; ° S.Martinho de Couta, arceb.Braga, ca.1646 e † Rio (Candel.3°, 83v), 25.05.1706, fº Afonso Álvares e Domingas Fernandes (?); x ib.(Candel.1°, 3), 14.12.1676]	Escolástica [de Jesus] Rodrigues [° Rio, ca.1656, fª Domingos Rodri- gues Rezende e Mecia Barreira, c.s.]	CBG
D12	1678	Domingos Coutinho [°S.Miguel de Remulosa?, bisp.Porto, ca.1648 e † < 1682, fº Mateus Coutinho e Maria Dias; x Rio (Candel.1°, 4v), 16.09.1678]	Maria de Fontes [° Rio, ca.1658 e † ib.(Candel.2°, 70), 12.11.1687 (irmã do padre licencido Pedro da Costa, x 2 ª c.Manuel Gomes), fª José da Costa e Isabel de Fontes]	CBG

Nº	Ano	Orador	Oradora	Observações
D13	1679	Domingos Pereira	Maria Gomes	
D14	1679	Domingos Barbosa	Maria de Leo (Feo ?)	
D15	1679	Domingos Esteves [ºS.Pedro de Morgade, t.Chaves, ca.1647, fº Antº Esteves e Mª Dias; x Rio (Jacarep.4°, 11v), 16.08.1677]	Maria Francisca [° Rio (Jacarep.) e † ib.(Jacarep. 11°, 9v), 22.06.1741, fª João de Bastos e Antônia Ribeira]	CBG
D16	1680	Domingos Fernandes	Maria Cardosa	*
D17	1680	Domingos da Costa Ribeiro [° Porto, ca.1650, fº Domingos da Costa e Mª Ribeira; x Rio (Sé 2°, 76v), 04.08.1680 (na Ig.N.Sra.do Parto)]	Catarina da Silveira [viúva de Luís Mendes; c.s.]	CBG
D18	1680	Diogo Rodrigues de Faria, cap.	Paula da Cunha de Marins	*
D19	1680	Domingos Dias Felgueira	Isabel da Silva	
D20	1681	Domingos Martins [Vás; ° Vila Real, Port., f° Bartolomeu Marz (sic) e Ana Martins, x Rio (Sé 2°, 56), 07.10.1676 (na Ig.São José)]	Jacinta da Silva [° Rio, ca.1656, fª Pascoal Dias (?) de Oliveira e Natália Pinta, c.s.]	* CBG
D	1682	Diogo Paes de Flores	Catarina de Bitancourt, d.	*
D21	1682	Domingos Pimenta	Joana de Torres	
D22	1682	Domingos de Lima Ferreira	Margarida Teixeira	*
D23	1682	Domingos dos Santos Pereira	Maria Esteves da Costa	*
D24	1682	Domingos Dias [de] Figueiredo [° Rio, ca.1652, fº José Garcia e Mª de Figueiredo; x Rio (Sé 2°, 85v), 26.10.1682 (na Ig.São José)]	Francisca de Oliveira [da] Cruz [° Rio, ca.1662 e † ib.(Sé 5°, 154), 18.07.1684, fª João Monteiro e Mariana Rodrigues, c.s.]	* CBG
D25	1682	Domingos Gomes	Máxima Cordeira	*
D26	1682	Domingos Gonçalves	Antônia Vieira	
D27	1683	Domingos Furtado de Mendonça {° Ilha das Flores, RJ, ca.1660, fº Antº FM e Ana Mª}	Sebastiana Correia [° Suruí, RJ, ca 1670, fª Pedro Feio e Isabel Ferreira, c.s.]	* CBG

Nº	Ano	Orador	Oradora	Observações
D28	1683	Domingos Francisco de Carvalho	Isabel da Silveira	*
D29	1683	Domingos Pereira Luz	Bárbara Teles	*
D30	1683	Diogo Bernal da Fonseca [° Celorico da Beira, ca.1653, fº Francisco Rodrigues e Mª Bernal; x S.Gonçalo, RJ, 01.03.1683]	Maria Bernal [Maria de Andrade, ° ca.1663, fª de Simão Rodrigues de Andrade e Grácia Dias, ambos ° Lisboa (Santa Justa)]	* CBG
D31	1683	Domingos Dias	Paula Simoa	*
D32	1683	Domingos Borges Teixeira	Isabel Martins	*
D33	1683	Domingos Marques [Fortuna; ° S.Mamede de Valongo, bisp.Porto, fº Mateus de Paiva e Catarina Pinta; x Rio (Candel.1°, 6), 02.07.1679]	Escolástica Nunes [° Rio, fª Antônio de Leão e Maria Nunes, c.s.]	* CBG
D34	1683	Dionísio Correia de Brito	Helena de Alvarenga, d.	*
D35	1684	Domingos Rodrigues	Paula Álvares [de Morais]	*
D36	1684	Damaso Pimenta de Oliveira	Maria de Alarcon, d.	*
D37	1684	Domingos Quaresma		
D38	1684	Domingos Dias de Figueiredo	Lourença de Mendonça	*
D39	1684	Domingos de Aguiar [º Aguiar de Souza (S.Romão), bisp.Porto, fº Mel Brás e Ana Domingas; x Rio (Sé 2º, 96), 26.11.1684 (na Ig.S.José)]	Domingas Gomes [º Rio, fª Domingos Gomes e Isabel Teixeira (??)]	CBG
D40	1684	Domingos Marinho	Maria do Rosário	*
D41	1685	Domingos de Andrade		Justificação
D42	1685	Domingos Amaro [°S.Tiago de Lustosa, t.Porto, fº Sebastião Francisco e Maria Manuel; x Rio (Candel.1°, 14v), 19.02.1685]	Florência Correia de Souza [º Rio, ca.1665, f° Manuel Jorge Feio (Feijó?) e Antônia Correia de Souza]	CBG

Nº	Ano	Orador	Oradora	Observações
D43	1685	Domingos da Costa	Maria de Almeida	
D44	1685	Domingos Ramos	Helena Gonçalves	
D45	1685	Domingos Correia	Apolônia Gonçalves	
D46	1685	Domingos de Andrade, moço forro do gentio da terra	Maria, Guiné, escrª de Jerônimo da Rocha Vasconcelos	*
D47	1685	Damião de Quintanilha	Joana Gomes Sardinha	*
D48	1685	Domingos Luís de Linhares [° Setúbal, fº Antônio Luís e Maria João, x Rio (Sé 2°, 100v), 10.01.1686 (na Ig.São José)	Marta Rodrigues, parda, ex-escrava [° Rio, ca.1666, fª João Rodrigues Madeira e Marcelina Madeira]	* CBG
D	1686	Domingos de Aguiar	Domingas Gomes	*
D49	1686	Domingos Cabral de Souza [º Ribeira Grande, I.S.Miguel, fº M^{el} de Souza e Mª Cabral de Melo; x Rio (Sé 2°, 92), 25.01.1684 (Ig.S.José)	Ana de Araújo [º Rio, fª Fernão da Rocha e Natália Correia]	* CBG
D50	1686	Domingos Dias Santiago [° Santiago da Carreira, bisp.Porto, ca.1656 e † Rio (Candel.3º, 53v), 17.01.1703, fº Antônio João e Felipa Gaspar; x Rio (Candel.1º, 15v), 16.01.1686]	Úrsula da Fonseca [º Rio, fª Simão Afonso Fortuna e Luzia Camela, c.s.]	* CBG
D51	1686	Domingos da Rocha dos Santos	Maria do Prado	*
D52	1686	Domingos de Abreu	Isabel de Mariz	*
D53	1686	Domingos Rodrigues Teixeira		* Justificação
D54	1686	Dionísio, índio forro	Paula, crioula, escrava de Maria do Couto	*
D55	1686	Domingos Alves	Antônia de Abreu	*
D56	1686	Domingos de Castro	Joana Gomes, viúva de José da Silva [c.s.]	* CBG
D57	1686	Domingos de Braga	Joana Coutinha	*
D	1687	Domingos Amaro	Florência Correia de Souza	*
D	1687	Domingos Quaresma	Isabel Teixeira de Aragão	*

Nº	Ano	Orador	Oradora	Observações
D58	1687	Domingos Gonçalves Nunes [fº Manuel Francisco de Souza e Isabelda Rocha, x Rio (Irajá 2°, 13v), 10.02.1687]	Catarina de Sena [° Rio, fª Mateus da Costa e Maria de Sande]	* CBG
D59	1687	Domingos de Souza Pessoa	Antônia de Barros	*
D60	1687	Domingos Dias de Aguiar [º Paredes, arceb.Braga, ca.1657 e † Rio (Candel.3º, 100v), 24.09.1707, fº Antº Dias e Catarina Ferreira; x ib.(Sé 2º, 105), 16.08.1687}	Aurélia da Costa [° Rio e † ib.(Candel.3°, 78v), 13.10.1705, fª Antº da Silva Ferreira e Paula da Costa, c.c.]	* CBG
D61	1687	Domingos de Oliveira	Bibiana Coelha	*
D62	1687	Domingos de Souza	Valéria de Barros	*
D63	1688	Domingos Gonçalves Ramos [° Vila Melã de Aguiar, fº Pedro Gon çalves Fontes e Isabel Gonçalves, x Rio Candel.1°, 19), 07.06.1688]	Maria Teixeira [° Ubatuba, SP, ca.1668, fª Adrião Vás Vongel e Ma ria Teixeira, c.s.]	* CBG
D64	1688	David da Silva	Joana Batista	*
D65	1688	Domingos Luís Posada [Pousada; º S.Martinho de Pousada, Barcelos, arceb.Braga, fº Francisco Gonçalves das Pedras e Francisca Luís, x Rio (Sé 2º, 110), 22.09.1688 (na Ig.N.S.Ajuda)]	Joana de Abreu [° Rio, ca.1668 e † ib.(Sé 6°, 138v), 10.2/5.1697, fª cap.João de Abreu Rangel e Maria de Oliveira, c.s.]	* CBG
D66	1688	Diogo da Silva	Micaela Ribeira	*
D67	1688	Domingos Gonçalves Lanhoso	Maria Ribeira	*
D68	1688	Domingos Ramos	Úrsula de Souza	*
D	1689	Domingos de Andrade, moço do gentio da terra	..., escrª de Jerônimo da Rocha de Vasconcelos	*
D	1689	Domingos Ferreira	Leonor da Cruz	*
D	1689	Domingos Ramos	Leonor Gonçalves, viúva	*

			de Valentim da Rocha	
Nº	**Ano**	**Orador**	**Oradora**	**Observações**
D	1689	Domingos Correia	Apolônia Gonçalves	*
D69	1689	Domingos Ferreira [º vila de Alagoas, bisp.PE, fº Sebastião Ferreira e Beatriz da Costa; x Rio (Sé 3°, 1), 07.03.1690 (na Ig.São José)]	Catarina Martins [° Rio, ca., 1670 (x 2ª c.Manuel Pestana), fª ... Leitão e Domingas Martins]	CBG
D70	1689	David Soares	Valéria da Rocha	*
D71	1689	Domingos Duarte	Maria Fernandes, viúva de Cristóvão ou André?	*
D72	1689	Dimas da Cruz	Maria da Costa	*
D73	1690	Domingos Dias Ferreira	Escolástica de Azevedo [c.s.]	* CBG
D74	1690	Domingos Esteves	Catarina da Costa	* Justificação
D75	1691	Domingos da Costa Moreira	Francisca Pereira da Cunha	*
D76	1691	Domingos Afonso	Paula de Aguiar	*
D77	1691	Domingos Luís [° Sobral, t.Óbidos, x Rio (Jacarepaguá 4°, 36), 25.07.1691]	Margarida das Neves [° Rio (Irajá ou Magé0, ca.1671 e † Rio (Sé 7º, 153), 11.10.1710, fª Mateus da Costa e Maria de Sande; c.s.]	* CBG
D78	1691	Domingos Paes	Catarina de Bitancurt, d.	
D79	1691	Dionísio Quaresma	Valéria Gonçalves	*
D80	1691	Domingos Rodrigues Cruz	Isabel Gomes da Silveira, viúva de João Pinto da Fonseca	*
D81	1691	Dionísio Correia [mor.freg.N.Sra.Piedade(Magé?), fº M^{el} de Araújo e d.Isabel; x Rio (Campo Grande 3°, 5), 27.08.1691]	Joana de Andrade, d.[sua prima-irmã, fª cap.Francisco de Andrade e d.Maria Delmundo]	* CBG
D82	1691	Damião Rodrigues Moeda	Ana Rodrigues	*
D83	1692	Domingos Correia	Ana da Silva	*
D84	1692	Diogo Álvares Madeira	Anastácia Adorna	*
D85	1693	Domingos da Costa da Silva	Cecília	* Justificação

Nº	Ano	Orador	Oradora	Observações
D86	1693	Domingos João [Franco; x Rio (Sé 3°, 16v), 31.10.1693]	Domingas Pereira	CBG
D87	1694	Domingos Lourenço	Sebastiana Gaga	*
D88	1694	Diogo, índio [° Ceará]	Antônia, Guiné, escrava de Bento Nunes	*
D89	1694	Domingos de Souza Silva	Josefa de Oliveira	*
D90	1694	Domingos Carvalho	Ana de Sampaio	*
D91	1694	Diogo Rodrigues Moeda	Maria Ferreira	*
D92	1694	Diogo Valente do Quental	Isabel da Câmara, d.	*
D93	1695	Domingos da Costa [° Lamego, e.e.c.Gonçalo ...; x Rio (Irajá 2°, 18), 16.04.1695 (no orat.N.S.Bonsucesso e Sto.Antº na faz.Mel B.deLima)]	Ana Martins [viúva de Felipe Francisco]	* CBG
D94	1695	Domingos Soares	Domingas da Costa	
D95	1695	Diogo de Morais	Felícia de Abreu Pereira	*
D96	1695	Duarte de Barros de Abreu	Leonor da Lapa	*
D97	1695	Domingos Calheiros	Maria Oliveira de Barros	*
D98	1696	Domingos Ferreira [cap.; ° Lisboa (?)]	Bárbara de Abreu [° Rio (Sé 4°, 59v), b.02.02.1669, fª cap.João de Abreu Rangel e Maria de Oliveira, c.s.]	* CBG
D99	1696	Domingos Vieira Barreto	Joana de Jesus	*
D100	1696	Diogo Francisco	Antônia da Conceição	*
D101	1696	Diogo Pereira da Silva	Bárbara Cordeira	*
D102	1696	Domingos Barbosa	Isabel de Lemos	*
D103	1696	Diogo Machado	Mariana Casada	*
D104	1697	Domingos Vieira Leite	Maria da Assunção	*
D105	1697	Domingos Cardoso Coelho	Antônia Correia	*
D106	1697	Domingos Delgado	Maria de Arnelos	*
D107	1697	Domingos Rodrigues Barros	Mariana de São Boaventura	*

Nº	Ano	Orador	Oradora	Observações
D108	1697	Domingos de Matos	Ana da Costa	
D109	1698	Domingos Ferreira [° S.Miguel, Torres Vedras, fº ... e Mª dos Santos; x 1ª Rio (Irajá 1°, 22), 8/10.02.1698]	Josefa de Jesus [ou da Costa; ° Rio (Irajá), ca.1678 e † ca.1703, fª Manuel (?) Moreira e Inácia da Costa, c.s.]	* CBG
D110	1698	Domingos Borges da Costa	Antônia do Bonsucesso	*
D111	1698	Domingos Francisco de Araújo [cap.; ° S.Silvestre de Requião e † Rio (Candel.9°, 206v), 25.02.1742, fº alf.Pedro Francisco e Mª Gonçalves; x Rio (Candel.1°, 45), 07.01.1698]	Josefa Correia do Lago [dona; fª alf.Bartolomeu de Pina Pereira e d.Ângela do Lago Correia; s.s.]	* CBG
D112	1698	Diogo Afonso	Maria da Rocha de Jesus	*
D113	1698	Domingos de Freitas	Mônica Rodrigues	*
D114	1698	Domingos de Matos	Bernarda Vieira	*
D115	1699	Domingos Vieira Barreto	Joana de Jesus	
D116	1699	Diogo Lopes Soto		Justificação
D117	1699	Domingos Pinto Rangel	Leonarda Maria ad Rocha	*
D118	1699	Domingos Gonçalves Calheiros	Isabel Pereira da Rosa, d.	*
D119	1699	Domingos Esteves (Estevens)	Francisca Rodrigues, viúva	*
D120	1699	Domingos da Silva Salgado	Ana Barbosa	*
D121	1699	Domingos Pereira da Silva	Joana Soares, viúva de Antônio de Aguiar	*
E1	1651	Estevão Vasconcelos	Maria Coutinha, d.	
E2	1665	Estevão Pereira	Assença de Andrade	
E3	1678	Estevão, índio	Mônica, índia	
E4	1682	Estevão Martins	Ana Vieira	
E5	1683	Estevão Brandão		Fiança
E6	1684	Estevão Cavaleiro [da Fonseca; º bisp.RJ e † < 1722, mor.Pacobaíba, RJ, fº Antº da Fonseca Vilez	Maria de Jesus [ou da Silva;, ° bisp.RJ, ca.1664 e † ca.1700, fª Felipe (ou José) Vás e Lourença da	CBG

		e Mª Morgada; x 1ª Rio (Sé 2°, 96), 13.11.1684 (na Ig.São José)]	Costa]	
Nº	**Ano**	**Orador**	**Oradora**	**Observações**
E7	1687	Eugênio Cardoso		Justificação
E8	1695	Estevão Martins	Helena dos Santos	
E9	1697	Eusébio Cardoso	Margarida Coutinho, d.	
E10	1699	Eugênio Dias Pereira [° Itambi (N.Sra.Desterro), RJ, fº Inácio Mardis (?) Pereira e Cipriana Cardosa; x Rio Candel.1º, 53v), 02.04.1699]	Dionísia da Costa [º Itambi, RJ, fª Pedro de Leão e Luzia Dias]	CBG
E11	1699	Eusébio de Macedo	Marta de Braga	
E12	1699	Eusébio Dorneles [° Casserebu, RJ, f° Francisco Dorneles e Joana Pinta; x Rio (Candel.1°, 21v), 07.10.1789 (?)}	Maria Correia [° RJ (Candel.), fª Manuel de melo e Florência da Costa]	CBG
E13	1699	Estácio Gomes de Aguiar	Maria Pinheira	
F1	1641	Francisco da Rocha	Felipa Cardosa	
F2	1642	Francisco Ferreira		Justificação
F3	1645	Francisco Gomes Barbosa		Justificação
F4	1651	Fulgêncio Pereira	Beatriz Cabral	
F5	1652	Francisco Nunes	Francisca Furtada	
F6	1653	Francisco da Ruda (?)		
F7	1654	Fernando Moniz	Maria Machada	
F8	1654	Francisco Ferreira (?) de Aguiar	Bárbara Correia	
F9	1656	Felipe da Costa [° I.Terceira, fº Manuel Rodrigues e Maria Gaspar; x Rio (Sé 2°, 3v), 12.02.1656 (na grade da cadeia por estar preso)]	Úrsula dos Anjos {° Ilha Terceira, ca.1626, viúva de Antônio Martins]	CBG
F10	1660	Francisco Rodrigues		Justificação
F11	1663	Francisco Nunes (?)		Justificaç~~ao
F12	1665	Francisco Vieira (?)	Ana Lopes	

Nº	Ano	Orador	Oradora	Observações
F13	1665	Vicente Machado de Aguiar	Margarida Francisca (Fonseca?)	
F14	1669	Francisco Madeira Souza	Estácia da Candea	
F15	1670	Francisco Brás	Cecília de Souza	
F16	1672	Francisco Gomes de Almeida		Justificação
F17	1673	Francisco Nogueira [° RJ (Sé 3°, 86v), b.12.03.1647, fº João Nogueira e Mônica Gomes; x RJ (Sé 2°, 40v), 28.07.1673]	Bárbara Correia [sua prima-irmã, fª Domingos Nogueira e Joana Batista, c.g.]	CBG
F18	1673	Félix Correia [de Castro Pinto Bragança, ten.-cel.; ° São Clemente de Loulé, † < 1707, fº Antº Correia P.B.e Joana de Freitas; x 1ª]	Maria do Amaral [° Rio (Candel.1°, 90), b.07.03.1649 e † < 19.03.1682, fª licenciado João de Azevedo Roxas e Antª do Amaral]	CBG
F19	1673	Francisco da Costa [sarg.-mor; † Rio (Sé 5º, 180), 07.03.1686, fº Manuel da Costa Nunes e Maria da Conceição; x 1673-4]	Ana de Araújo [° ca.1654]	CBG
F20	1673	Francisco Ribeiro Pinto	Bárbara Pinto	
F21	1673	Florentino Madeira	Helena da Silva (?)	
F22	1673	Francisco da Silveira Souto Maior	Isabel da Câmera (?), d.	
F23	1677	Francisco Cardoso [° Coimbra, ca.1637, fº Simão Fernandes e Madalena Nunes; x Rio (Candel.1°, 4), 03.11.1677]	Mariana Barbosa [° Rio, fª Tomásia dos Santos, c.s.]	CBG
F24	1677	Francisco Rodrigues	Isabel de Aguiar	
F25	1677	Francisca Pereira		Justificação
F26	1679	Felipe Guilhens Freire	Ana de Passos	
F27	1679	Feliciano de Medeiros	Bárbara Rodrigues	
F28	1679	Francisco Dias Sanches	Beatriz Barradas	
F29	1680	Francisco Gonçalves	Maria da Conceição	
F30	1680	Félix de Macedo		Justificação

Nº	Ano	Orador	Oradora	Observações
F31	1680	Francisco Machado		Justificação
F32	1680	Francisco Soares Ferrão (?)	Maria Nunes	
F33	1681	Francisco Nunes		Justificação
F34	1681	Francisco da Costa	Luzia Antunes	
F35	1681	Francisco Gonçalves Garcês		Justificação
F36	1681	Francisco Rodrigues	Ana Pinheira	
F37	1681	Francisco Barbosa de Matos		Justificação
F38	1681	Fernão de Souza Medonho		Justificação
F39	1681	Francisco Garcia Leite		Justificação
F40	1682	Feliciano Ferreira		Justificação
F41	1682	Francisco de Oliveira	Assença de Menezes	
F42	1682	Francisco de Souza	Maria da Silva	
F43	1682	Francisco Soares	Maria Nunes	
F44	1682	Francisco Nogueira [° RJ, ca.1652, f° Antônio (?) Lopes e Joana da Fonseca; x RJ (Sé 2°, 86v), 22.11.1682]	Juliana da Silveira [° RJ, ca.1662, fª Hipólito Vaz e Águeda da Silvei- ra]	CBG
F45	1682	Fernão Gomes		Justificação
F46	1683	Felipe Vieira de Moura		Justificação
F47	1683	Francisco Lopes [fº Paulo Lopes e Luzia de Souza; x Rio (Candel.1°, 10v), 22.02.1683]	Maria da Montanha (?) [Monteira; ° ca.1663, fª Antônio Monteiro e Helena da Silva]	CBG
F48	1683	Felipe de Sueiro (?)		Justificação
F49	1683	Francisco Pereira		Justificação
F50	1683	Francisco Antunes		Justificação
F51	1683	Francisco da Silva Costa		Justificação
F52	1683	Frutuoso Cardoso		Justificação
F53	1683	Francisco de Lima Barros [° Viana do Castelo, aeceb.Braga, ca.1653 e † Rio (Sé 7°, 109v), 10.12.1706; x 2ª Niterói, RJ (Icaraí 1°, 105),	Maria Machada [Machado de Sampaio; ° ca.1663, fª Domingos Machado Homem e Catarina Pinto de Castilho, s.g.]	CBG

		26.07.16783]		
Nº	**Ano**	**Orador**	**Oradora**	**Observações**
F54	1683	Francisco de Abreu Lima [sem Lima; x 1683/4]	Ana Rodrigues de Mendonça [c.s.]	CBG
F55	1683	Francisco Nogueira Travassos [° RJ, fº Lauriano de Souza Travassos e Maria Furtada; x Icaraí, RJ, 05.07.1683]	Páscoa Martins [fª Amaro Gomes e Luisa Martins, c.g.]	CBG
F56	1684	Francisco Veloso	Manuela da Costa	
F57	1684	Felício Pereira	Luiza Espinosa	
F58	1684	Francisco Ferreira		Justificação
F59	1684	Francisco Cardoso de Carvalho		Justificação
F60	1684	Francisco Coelho [° S.Miguel do Couto de Castelo, bisp.Porto, ca.1654 e † Rio (Candel.3°, 169), fº Domingos Coelho e Maria Antônia; x ib.(Candel.1°, 14), 08.10.1684]	Catarina Carvalha [° São João da Foz do Douro, orto, ca.1664 e † Rio (Candel.9°, 12v), 14.12.1736, fª José Pires e Maria Francisca Carvalha]	CBG
F61	1684	Francisco Rodrigues		Justificação
F62	1684	Francisco Coelho	Catarina Carvalha	
F63	1684	Francisco Nunes da Costa	Joana das Neves	
F64	1685	Francisco Pereira		Justificação
F65	1685	Félix Correia de Castro [Pinto Bragança (vide F18); x 2ª Rio (Candel.1°, 14v), 22.04.1685}	Isabel Correia de Souza [dona; ° ca.1665, fª André Mendes da Silva e Mª Henriques, c.s.; d.Isabel foi presa por ordem do Santo Ofício, acusada de judaismo]	CBG
F66	1685	Francisco Gomes	Isabel de Flores	
F67	1685	Fernão Gonçalves		Justificação
F68	1685	Francisco Fernandes	Maria Rodrigues	
F69	1686	Francisco Usson (?)	Inácia de Azevedo	
F70	1686	Faustina da Silva Pinto		Justificação

Nº	Ano	Orador	Oradora	Observações
F71	1686	Francisco Cabral	Mariana de Alvarenga	
F72	1686	Francisco Barbosa	Maria de Lima	
F73	1686	Francisco Mendes Simões [° Rio (Sé 4°, 42), b.22.07.1664, fº Diogo Lopes Simões e Maria Rodrigues; x Rio (Candel.1º, 16v), 08.09.1686]	Teresa Paes [de Jesus; ° Rio (Candel.1°, 145v), b.04.03.1659, fª João Godinho Leite e Romana Paes, c.s.]	CBG
F74	1687	Francisco Pereira Lobo	Paula Soares	
F75	1687	Francisco da Silva		Justificação
F76	1687	Francisco da Silva Antunes	Beatriz Rangel	
F77	1687	Francisco da Costa Figueiredo		Justificação
F78	1687	Francisco Gonçalves		Justificação
F79	1687	Francisco de Souza		Justificação
F80	1687	Francisco Álvares (?) Correia		Justificação
F81	1688	Francisco Ferreira		Justificação
F82	1688	Francisco de Lima Machado		Justificação
F83	1688	Faustino da Silveira	Isabel Gomes	
F84	1688	Francisco de Seixas da Fonseca	Maria da Rocha	
F85	1688	Francisco Álvares Porto		Justificação
F86	1688	Francisco Antônio		Justificação
F87	1689	Feliciano Gomes	Luisa da Costa	
F88	1689	Francisco da Cruz	Isabel Gadelha	
F89	1689	Francisco da Costa [° freg.N.S.Conceição da I.Terceira, fº Fco.Luís e Domingas Pereira; x Rio (Sá 2°, 112), 17.04.1689 (na Ig.S.José}	Maria Carvalha [° Porto (Massarelos), fª Pantaleão de Carvalho e Ma- ria de Souza]	CBG
F90	1689	Francisco Machado	Ana Martins	
F91	1689	Francisco Álvares Moreira		Justificação
F92	1689	Francisco da Costa Simões	Águeda Gaga da Câmera	

Nº	Ano	Orador	Oradora	Observações
F93	1690	Francisco Ferreira de Sá		Justificação
F94	1691	Francisco da Silva		Justificação
F95	1691	Francisco de Aguilar [ou Aguiar] Abreu {° bisp.RJ, ca.1657; x 2ª RJ, 1691/2]	Bárbara [de] Barcelos [° RJ (Candel.1°, 150v), b.22.10.1659 e † ib.(Irajá 1°, 6), 06.04.1697, fª cap.Cosme da Guarda Maciel e Bárbara de Barcelos (Machado), c.s.]	CBG
F96	1692	Feliciano Brandão de Sá		Justificação
F97	1692	Francisco Leite de Barros	Maria do Prado	
F98	1692	Francisco Camelo [cap.; ° PE, ca.1662; x Rio (Sé 3º, 10), 23.04.1692 (na Ig.São José)]	Brites de Morais [† Rio (Candel.5°, 26), 23.05.1711, parda forra do cap.Luís Vieira de Mendanha, c.s.]	CBG
F99	1692	Francisco Lopes Pereira [º ca.1662; viúvo; x 2ª Rio (Candel.1°, 27), 13.12.1692]	Faustina Coelha [ou Gomes; º ca.1672 e † Rio (Candel.2°, 120), 19.04.1695, c.s.]	CBG
F100	1692	Faustino Fernandes (?)	Francisca Pereira	
F101	1692	Francisco Ferreira Dormundo	Jerônima Carvalha	
F102	1692	Felipe, índio	Maria, cabra, escrava	
F103	1692	Frutuoso Batista Rebelo	Maria da Assunção (?)	
F104	1692	Felipe de Cairos [° I.Madeira, fº Inácio Martins e Domingas de cairos; x.Rio (Sé 3°, 11v), 08.07.1692 (na Ig.São José]	Maria Rosada [° v.de Borba, Port., ca.1673 e † Rio (Candel.3°, 138), 11.09.1710, fª João Francisco Raimundo e Maria Rosada, s.g.]	CBG
F105	1692	Francisco Ribeiro Passos	Antônio da Costa	
F106	1693	Francisco Casado Tourinho	Maria de Azevedo	
F107	1693	Francisco dos Santos Romeiro	Maria Mendes	
F108	1693	Francisco Paes Sardinha	Helena de Oliveira	
F109	1694	Francisco Cardoso	Joana Vieira	
F110	1694	Francisco da Cunha		Justificação
F111	1694	Francisco de Campos Silva	Branca Henriques	

Nº	Ano	Orador	Oradora	Observações
F112	1694	Francisco da Silva, índio	Maria, escrava	
F113	1694	Francisco Fernandes	Francisca Pereira	
F114	1694	Francisco Coelho da Silva	Antônia da Costa	
F115	1694	Francisco da Silva Negreiros		Justificação
F116	1694	Felipe de Almeida [° Sacavem, patr.Lisboa, fºMartim Gonçalves e Domingas Pereira; x Rio (Sé 3°, 20), 16.10.1694 (na Ig.São José)]	Inês de Andrade [º Rio e † ib.(Sé 6°, 126), 24.03.1696, viúva Manuel Fernandes Monteiro, e fª Diogo Munhoz e Estácia de Andrade, s.g.]	CBG
F117	1694	Francisco Maciel da Costa [° Viana do Castelo, ca.1666 e † MG; x 1694/5]	Feliciana Mendes [de Araújo, ° Rio, ca.1678, c.s.]	CBG
F118	1694	Francisco de Siqueira Machado	Leonor Henriques	
F119	1695	Francisco de Lemos	Beatriz Cardosa	
F120	1695	Francisco Coelho [º freg.São João, t.Sintra, fº Francisco Coelho e Margarida Rodrigues; x Rio (Candel.1º, 34), 04.04.1695]	Maria da Silva [fª João Pereira Corte Real e Catarina da Silva]	CBG
F121	1695	Francisco Nunes Corte Real	Clara dos Anjos, d.	
F122	1695	Francisco Ribeiro	Catarina de Sá	
F123	1695	Frutuoso Álvares de Barros [º Sta.Mª de Sarraquinhos, arceb.Braga, ca.1665 e † < 1716, fº Pedro Álvares e Mª Gonçalves; x 1ª Rio (Can- del.1º, 35v), 18.08.1695]	Plácida de Valadares [Vieira; ° Sta.Marinha da Ribeira (da Pena?), arceb.Braga, ca.1675 e † Rio (Candel.3°, 47v), 16.08.1702, fª Pedro Domingues e Domingas Vieira, c.s.]	CBG
F124	1695	Francisco Jorge {º freg.São Jorge, v.Mafra, fº Francisco Jorge e Maria João; x Rio (Candel.1°, 37), 24.12.1695]	Bárbara de Siqueira [° Rio, fª Domingos Gonçalves e Leonor de Siqueira]	CBG

Nº	Ano	Orador	Oradora	Observações
F125	1696	Felipe Pacheco	Domingas Pereira	
F126	1696	Francisco da Rocha	Ana Cardosa	
F127	1696	Feliciano Lopes Pacheco	Ana de Souza	
F128	1696	Francisco Valadares Madeira	Josefa de Souza	
F129	1697	Francisco da Costa Salinas [° São Martinho de Lordelo, bisp.Porto, f° ... e Ana Salinas; † Rio Candel.1°, 39v), 03.02.1697]	Leonarda Cardosa [fª Carlos Antônio e Ana da Silva, c.s.]	CBG
F130	1697	Francisco Nunes Lisboa (?)	Catarina Correia	
F131	1697	Francisco de Faria Coutinho [º Funchal (Sé), I.Madeira, fº Antº Simões Coutinho e Mª de Faria; x Rio (Sé 3°, 32), 30.10.1697 (Ig.S.J.]	Josefa Rodrigues [° Rio (Sé), fn.José de Anchieta, c.s.]	CBG
F132	1697	Francisco Pereira	Úrsula da Fonseca	
F133	1697	Francisco Gil [º Rio, ca.1667, fn.Isabel de Siqueira; x Rio (Sé 3°, 31), 28.04.1697 (na Ig.São José)}	Córdula Delgada [fª Manuel Delgado e Joana Barbosa, c.s.]	CBG
F134	1697	Felipe da Costa, índio	Úrsula, preta	
F135	1697	Francisco Martins	Domingas Coutinha	
F136	1697	Félix Alves (Álvares?) da Costa	Ana de Magalhães	
F137	1697	Francisco de Brito Rego	Cipriana de Madeira (?), d.	
F138	1697	Francisco de Macedo Freire [cel; ° Rio (Irajá 6°, 38), b.08.11.1677 e † mor.Inhaúma, fº João Barbosa de Sá e Joana do Soberal; x Rio (Irajá 2°, 21v), 25.12.1697]	Bárbara de Viegas, d.[de Azevedo, ° ca.1668 e † Rio (Candel.9°, 89 e Irhaúma 2°, 17), 06.12.1738, fª Lucas do Couto Viegas, o moço, e d.Isabel Coutinha, c.s.]	CBG
F139	1698	Francisco Vás	Bárbara da Silva Pinheira	
F140	1698	Francisco Ferrás	Inês da Silveira	
F141	1698	Francisco Rebelo	Helena da Costa	
F142	1699	Francisco Álvares da	Maria Bezerra	

		Cunha		
Nº	**Ano**	**Orador**	**Oradora**	**Observações**
F143	1699	Francisco Coelho da Silva	Josefa de Jesus	
F144	1699	Francisco da Cunha [° Pilar do Iguaçu, RJ, ca.1669 e b.Rio (Candel. 2°, 51v), 26.08.1674, fº Manuel Afonso caminha e Bárbara da Cunha; x Rio (Candel.1°, 54v), 24.05.1699]	Inocência Moreira [° Pilar do Iguaçu, RJ, ca.1679, fª Francisco Gomes Rangel e Paula (?) Moreira	CBG
F145	1699	Francisco de Araújo	Leonor de Araújo	
F146	1699	Frutuoso de Macedo Cruz		Justificação
F147	1699	Frutuoso de Faria [º S.Martinho de Lordelo do Ouro, bisp.Porto, fº Frutuoso M^{el} e Mª Martins; x Rio (Sé 3°, 37), 27.11.1699 (Ig.S.José)]	Maria Pereira [Correia; º Santa Maria de Capanhã, bisp.Porto, fª Francisco Pereira e Maria Correia]	CBG
F148	1699	Francisco de Araújo [° Sta.Mª de Leça do Bailio, bisp.Porto, fº Francisco daFonseca e Isabel Soares; x Rio (Candel.2°, 1v), 19.09.1699]	Maria Ribeira [Ribeiro da Silva; ° Rio (Candel.2º, 66v), 10.04.1679, fª Bento Coelho Borges e Ana Ribeira da Silva, c.s.]	CBG
G1	1633	Gaspar Rodrigues Pimentel	Maria Coelha	
G2	1648	Gaspar Andrade	Grácia Antunes	
G3	1648	Gonçalo Ribeiro Barbosa	Sabina (Urbana?) Gusmão (?)	
G4	1649	Gonçalo de Queirós (?)	Catarina Ebanos	
G5	1650	Gonçalo da Costa	Beatriz Pereira	
G6	1653	Gregório Fonseca [G.Nazianzeno da F., ° RJ (Sé 1º, 53v), b.16.05. 1622 e † ib.(Candelária 3º, 74v), 02.04.1705, fº licenciado Jorge fernandes da Fonseca e Beatriz de Barcelos; x 1ª	Grácia de Barcelos ° ca.1633 e † ca.1665; seria fª de Bartolomeu Machado e Jerônima Machada]	CBG

		ca.1653]		
Nº	**Ano**	**Orador**	**Oradora**	**Observações**
G7	1666	Gonçalo Correia Brito		Justificação
G8	1668	Gonçalo Rodrigues	Isabel das Neves	
G9	1669	Gonçalo Gomes Boniz (?)	Marta do Amaral	
G10	1669	Gaspar Pereira de Oliveira		Justificação
G11	1670	Gonçalo Gomes	Felipa Delgada	
G12	1671	Gaspar Rangel	Maria de Araújo	
G13	1673	Gaspar Machado	Maria da Silva	
G14	1673	Gonçalo de Castro Peixoto [° ca.1643 e † Rio (Candel.2°, 24), 03.01.1676; x 1673/4]	Antônia do Amaral [º Rio (Candel.1º, 9v), b.26.04.1651e † ib.(Candel.2°, 109v), 06.05.1708, fª licenciado João de Azevedo Ro- xas e Antônia do Amaral, c.s.]	CBG
G15	1673	Gregório Dias Pinheiro [º Sta.Mª de Loures, patr.Lisboa, ca.1645 e † Rio (Candel.2°, 97v), 14.03.1693, cirurgião, fº Sebastião Dias Pinheiro e Domingas Antunes; x ib.(Candel.1°, 1), 03.07.1675]	Joana de Campos [° Rio (Candel.), ca.1655 e † ib.(Sé 10°, 304), 04.02.1724 (com o nome de Joana de Campos Sá), fª André de Siqueira Lordelo e Madalena de Camps, c.s.]	CBG
G16	1674	Gonçalo de Souza	Margarida Antunes	
G17	1674	Gaspar Rodrigues Ferrás		Justificação
G18	1674	Gaspar Antunes	Francisca Cardosa	
G19	1676	Gonçalo Ferreira Pinheiro		Justificação
G20	1677	Gonçalo da Costa	Helena da Costa	
G21	1677	Gonçalo Gomes	Joana da Costa	
G22	1678	Gonçalo Pacheco Pessoa (?)		Justificação
G23	1678	Gaspar de Campos (?)		Justificação
G24	1679	Gonçalo da Fonseca	Inês Branca	
G25	1681	Gonçalo Gomes	Ana de Paredes	
G26	1681	Gonçalo Gomes Barroso [° S.Salvador de	Antônia Gomes [° Rio, ca.1659, fª Francisco Lopes	CBG

		Fervença, Celórico de Bas- to, ca.1649 e † Rio (Sé 7º, 49v), 12.04.1703, fº Salvador Álvares e Ana Gomes; x ib.(Candel.1°,6v), 17.071.1679]	e Águeda Coelha]	
Nº	**Ano**	**Orador**	**Oradora**	**Observações**
G27	1681	Gaspar Pires	Ângela dos Anjos	
G28	1681	Gaspar Marcante [° Pádua, cidade de Veneza (sic), ca.1644 e † Rio (Candel.3°, 133), 20.02.1710), fº cap.Gaspar Marcante e Luzia Marcante († †, 1674); x Rio (Sé 2°, 46), 22.10.1674 (na Ig.São José)]	Joana de Almeida [° Rio (Sé 3°, 62v), b.02.06.1642, fª Antônio Ribeiro de Almeida e Maria de Mendonça, c.s.]	CBG
G29	1682	Gaspar Fernandes	Maria Rodrigues	
G30	1682	Gonçalo Pacheco	Beatriz de Aguiar	
G31	1682	Gaspar da Silva	Mariana Freire	
G32	1683	Gonçalo Fernandes	Isabel de Passos	
G33	1683	Gaspar Fernandes	Maria Pinta	
*	1683	George Rubi (Robim, ° Hamburgo) [na caixa letra "J"]	Tomásia Jardim	*
G34	1682	Gaspar da Silva	Florência de Jesus	
G35	1685	Gonçalo do Couto [º S.Romão de Paredes, Port., ca.1655, fº Amaro Fernandes e Antª do Couto; x Rio (Sé 2°, 96v), 14.01.1685 (Ig.S.J.)]	Águeda Correia [de Souza; , fª manuel Ferreira de Souza, c.s.]	CBG
G36	1687	Guilherme do Vale	Ana de Chaves	
G37	1687	Gaspar Simões		Justificação
G38	1689	Gaspar Cardoso	Ângela de Morais	
G39	1689	Guilherme Cordeiro [° Rio (Sé 4°), b.??166?, fº Antônio Coelho e Inês Cordeira; x Rio	Tomásia Fernandes [º Itambi, RJ, ca.1669, fª Inácio Baldim (?) de Leão e Inácia de Leo]	CBG

		(Candel.1°, 21v), 24.09.1689]		
Nº	**Ano**	**Orador**	**Oradora**	**Observações**
G40	1690	Gregório Mendes	Vicência de Sá	
G41	1690	Gonçalo Pinto de Basto	Felipa de Sá	
G42	1691	Gonçalo Pinto Raposo	Teodósia de Sampaio (?)	
G43	1691	Gaspar Leite Pereira	Maria da Silva	
G44	1692	Gonçalo de Muros	Bárbara de Sampaio	
G45	1692	Gonçalo da Fonseca		Justificação
G46	1693	Gonçalo João	Maria da Assunção	
G47	1695	Gregório Gomes	Branca Coutinha, d.	
G48	1695	Gaspar Ribeiro de Araújo	Maria de Araújo	
G49	1696	Gonçalo Pereira	Maria da Cunha	
G50	1697	Gonçalo Rodrigues	Felipa de Sá	
G51	1697	Gabriel Mendes Soares	Margarida de Alam	
G52	1697	Gonçalo Martins Mendes [° S.Tiago de Figueiró, conc.Ribatão de Sta.Cruz, arceb.Braga, ca.1667 e † Rio (Sé 7°, 14v), 03.08.1701, fº Gonçalo Martins e Mª Mendes; x ib.(Sé 3°, 32), 29.10.1697 (Ig.S.J.)]	Antônia Mendes Oliveira [da freg.São Gonçalo, ° ca.1677, fª Francis- co de Leão e Leonor Mendes, c.s.]	CBG
G53	1697	Gregório da Silva Coelho	Emerenciana da Costa	
G54	1698	Gregório Pereira (?) Correia (?)	Jacinta de Menezes	
G55	1699	Gaspar Gonçalves	Marina Correia	
H1	1657	Heitor de Barros	Marta de Oliveira	
H2	1658	Henrique Ferreira	Isabel de Castilho	
H3	1693	Henrique da Cunha	Isabel Vieira	
J1	1647	Julião da Costa		Justificação
J2	1650	Inácio, escravo	Cipriana, escrava	
J3	1651	João de Pina	Beatriz Teixeira	
J4	1657	João da Fonseca Coutinho [° Rio (Sé 3°, 6), b.24.07.1633 e † ib.(Sé 6°, 186v), 15.12.1700); x ib.(Sé 2°,	Acensa de Lucena [Nascença de Lucena Montarroio, mais tarde Isabel Barreta, ° ca.03.1647, fª de Sebastião	

		5v), 24.09.1657 (na capela de São Bartolomeu, da faz.cap.Bartolomeu Dares, padrasto do noivo]	de Lucena (Montarroio)]	
Nº	**Ano**	**Orador**	**Oradora**	**Observações**
J5	1658	José Correia de Brito	Ana de Amorim, d.	
J6	1666	Inácio Gomes Romano		Justificação
J7	1666	João Barbosa	Joana de Queirós	
J8	1668	Inácio de Madureira [Machado, cap.; ° Rio, ca.1647, fº cap.José de Barcelos Machado e Bárbara de Madureira; x ca.1668]	Águeda Faleira [dona; fª cap.Fernão Faleiro Homem e Inês de Andrade, c.s.]	CBG
J9	1669	João de Souza		Justificação
J10	1670	João Ribeiro	Beatriz Fernandes	
J11	1670	Julião Cardoso		Justificação
J12	1670	Jerônimo Pereira Sodré	Maria de Azevedo, d.	
J13	1671	João de Souza	Maria de Azevedo	
J14	1671	João Batista (?) de Pinho	Maria da Fonseca	
J15	1672	João Francisco	Ana de Faria	
J16	1672	João Antunes	Ana de Faria	
J17	1673	João Ferreira Freire	Joana de Souza	
J18	1673	João, escravo	Inês, escrava	
J19	1673	João Soares Pereira	Leonor Gomes da Costa	
J20	1673	João Maria (?) de Carvalho	Joana Cardosa	
J21	1673	José da Costa Ramos	Vitória Pereira (?)	
J22	1675	José de Souza	Maria (?) Barbosa	
J23	1675	José (?) Pacheco de Andrade	Maria de Abreu (?), d.	
J24	1675	Jerônimo Gonçalves	Isabel Peçanha (?)	
J25	1675	José Coelho	Ana ... (?)	
J26	1675	João Pires de Oliveira (?)	Joana Coelha	
J27	1676	João Rodrigues	Isabel Pereira	
J28	1676	João de Lira Bacelar	Joana de Bastos	
J29	1676	Jorge de Aguiar	Bárbara Gomes Ribeiro	

Nº	Ano	Orador	Oradora	Observações
J30	1676	João da Costa da Silva	Isabel de Siqueira	*
J31	1676	Jerônimo da Silva	Marcelina de Palma	* Justificação
J32	1676	José Pereira Lobo	Isabel Pedrosa	
J33	1676	João Rodrigues	Isabel Pereira	
J34	1677	Jerônimo Ferrão	Maria da Costa	
J35	1678	João Lopes Garcia	Domingas da Costa	*
J36	1678	José Fernandes [viúvo de Maria Pereira Garcia]	Maria da Silva [viúva de Gaspar Machado]	*
J37	1678	João Vicente	Margarida da Silva [de Lira?]	*
J39	1679	João Velho, preto liberto	Catarina Rodrigues, preta forra	* Justificação
J40	1680	Jaques Marim	Luzia dos Orio da Fonseca	* Justificação
J41	1680	José de Souza	Luzia Fróes	*
J42	1680	João Nunes Vasques	Catarina da Silva	*
J43	1680	João Roberto	Suzana Maciel	* Justificação
J44	1680	José de Matos	Maria João, viúva de Manuel (?) Fernandes	*Justificação
J45	1680	Julio Moniz	Domingas Pereira	*
J46	1680	João Gonçalves da Costa	Ana Roiz (?)	
J47	1680	José de Frias	Helena da Costa ...(?)	
J48	1681	João da Costa		Justificação
J49	1681	João Torres (?) Vasconcelos (?)		Justificação
J50	1681	João de Araújo	Josefa ...(?)	
J51	1681	João da Rocha Cavalas (?)	Josefa ...(?)	
J52	1681	João Henriques de Castro	Francisca ...(?)	
J53	1681	João Monteiro	Sebastiana Antunes (?)	
J54	1681	J... Rabelo (?)	Francisca da Silva	
J55	1681	J... Pereira (?)	Rita Ferreira	
J56	1681	José (?) Pereira	Helena de Medanha, d.	
J57	1681	João Pinto de Araújo	Bernarda Pereira da Silva	*
J58	1681	José ... Teixeira		Justificação
J59	1682	João da Rocha Freire	Jerônima Coelha (Rocha?)	
J60	1682	João Francisco		Justificação

Nº	Ano	Orador	Oradora	Observações
J61	1682	João Ferreira Teixeira	Maria Fernandes	
J62	1682	José Lopes da Silva, dom		Justificação
J63	1682	João Leitão	Catarina Rodrigues	
J64	1682	João Ferreira	Helena Vieira	
J65	1682	João Pereira		Justificação
J66	1682	João Martins da Rocha		Justificação
J67	1682	João Álvares		Justificação
J68	1682	João Antônio	Maria Dias Vieira	
J69	1682	João dos Reis Pereira		Justificação
J70	1682	João Homem		Justificação
J71	1682	Januário (Ireniso?) Dias, preto	Maria, preta	
J72	1682	João do Prado Soveral	Joana Machada	
J73	1682	João da Costa [° Coimbra, fº Domingos Nunes e Luzia da Costa; x Rio (Sé 2°, 51v), 15.12.1675 (na Igreja de São José)}	Margarida Cardosa [Mascarenhas; viúva d Antônio Dias Garcia]	CBG
J74	1682	João da Silva		Justificação
J75	1682	João da Guerra [de Araújo?]	Maria de Alvarenga	*
J76	1682	João de Araújo [º Castanheiro, t.Coura, fº Pedro Rodrigues e Ana Rodrigues; x Rio (Candel.1°, 7), 18.03.1680)	Maria de Alvarenga [º Rio, fª João (Gu) Alberto e Maria de Almeida]	CBG
J77	1682	José do Rosário	Ana Gomes, viúva	*Justificação
J78	1682	João Barbosa	Ana da Conceição	
J79	1683	João Batista	Isabel Barbosa	
J80	1683	Jerônimo da Rocha		Justificação
J81	1683	José da Costa Barbalho	Madalena de Campos, d.	
J82	1683	João de Figueiredo		Justificação
J83	1683	Jerônimo da Costa [° Porto (N.S.Vitória), fºJoão Fernandes e Isabel da Costa; x Rio	Helena da Silva [° Rio, ca.1661 e † ib.(Sé 5°, 155), 01.08.1684, fª Gaspar da Silva e Maria Freire,	* CBG

		(Candel.1°, 8), 30.04.1681]	c.s.]	
Nº	**Ano**	**Orador**	**Oradora**	**Observações**
J84	1683	José Cordeiro, alf.	Joana da Cruz	*
J85	1683	João Fradiques (?)		Justificação
J86	1683	Inácio de Oliveira	Dorotéa da Silva	
J87	1683	Inácio Henriques		Justificação
J88	1683	João Francisco (?) Ribeiro	Felipa da Costa	
J89	1683	João Dantas Pereira	Felipa da Costa Soares	* Justificação
J90	1683	Inácio Pereira		Justificação
J91	1683	José Ferreira		Justificação
J92	1683	Jerônimo Ferreira	Sebastiana de Matos	* Justificação
J93	1683	João da Mota Leite	Sebastiana da Silva Pereira	* Justificação
J94	1683	João da Costa	Maria de Oliveira	* Justificação
J95	1683	João Pimenta de Carvalho	Maria Machada	*
J96	1683	João Cardoso Martins		Justificação
J97	1683	João da Silva		Justificação
J98	1683	Inácio Rodrigues		Justificação
J99	1683	João (?) Martins (?)		Justificação
*	1683	José da Silva	Juliana da Costa	*
*	1683	João Cardoso Machado	Bárbara da Silveira	*
J100	1684	José de Marins	Maria de Muros	
J101	1684	João da Costa	Isabel Barbosa	
J102	1684	José da Costa Ramos		Justificação
J103	1684	João da Silva Cordeiro		Justificação
J104	1684	João da Costa Ferreira	Isabel Rodrigues	
J105	1684	João Batista	Catarina de Araújo	*
J106	1684	João Rodrigues		Justificação
J107	1684	João Rodrigues Barros	Ascença Tourinha	* Justificação
J108	1684	João Monteiro Borges		Justificação
J109	1684	João Gomes de Miranda		Justificação
J110	1685	Inácio de Souza	Domingas da Silva	* Justificação
J111	1685	João Pinheiro de Lemos	Antônia do Couto	*
J112	1685	João Cardoso		Justificação

Nº	Ano	Orador	Oradora	Observações
J113	1685	Jacques Moll [Mollo ou Jácomo Mosso – CBG][francês]	Francisca Pereira	* Justificação
J114	1685	João Ferreira Dormundo [° ca.1657 e † <1692; x ca.1687]	Bárbara Cordeira da Fonseca [c.s.]	CBG
J115	1685	João Botelho Nogalez	Teresa de Jesus	*
J116	1685	João de Barcelos	Luzia de Farias	*
J117	1685	José Fernandes Valongo [° Rio, ca.1655; x ib.(Sé 2°, 97v), 05.03.1685 (n Igreja de São José)]	Ana Tourinha [Maciel; fª Manuel Gonçalves da Silva (?) e Ana Tourinha Maciel]	* CBG
J118	1685	João da Cunha Silva	Andreza de Azeredo Coutinha	*
J119	1685	João Rodrigues do Vale	Leonor Guterres	*
J120	1686	José Pires	Maria da Conceição	*
J121	1686	João Antônio Luz	Inocência Moreira	*
J122	1686	Inácio Correia	Felipa de Mendonça	
J123	1686	Julião da Cunha [fº João ... e Ana Antunes; x Rio (Sé 2°, 103), 26.10.1686]	Maria de Azevedo [° Rio, fª Manuel Monteiro e Maria de Azevedo]	* CBG
J124	1686	João Francisco [x ca.1687]	Teodósia [Teodora?] de Medeiros [c.s.]	* CBG
J125	1686	João Camelo das Neves [º Porto (Santo Ildefonso), ca.1656 e † Rio (Candel.3º, 141v), 06.03.1711, fº Antº Fernandes Camelo e Mª Came- la das Neves; x 1° Rio (Candel.1°, 16), 29.06.1686]	Maria do Bonsucesso [viúva de Manuel Ferreira da Costa, fª Antônio Rodrigues Cruz e Catarina Rodrigues, c.c.]	* CBG
J126	1686	João Alves de Freitas		Justificação
J127	1686	João Dias [pardo; x ca.1686]	Isabel Dias [parda, c.s.]	* CBG
J128	1686	João Batista de Matos [º Lisboa, ca.1641 e † Rio (Candelária ..., 178), 01.08.1717, fº cap.Fco.Luís Lobo e d.Catarina de Sene; x	Micaela Pedrosa [Barbalha; ° Rio (Sé 3°, 111), b.18.05.1653 e † < 1723, fª cap.Jerônimo Barbalho Bezerra e d.Isabel Pedrosa, c.s.]	CBG

		ca.1671]		
Nº	**Ano**	**Orador**	**Oradora**	**Observações**
J129	1686	João Dias, índio	Isabel Lopes	
J130	1686	José Soares de Lima	Maria Alves da Cruz	
J131	1686	João Ramalho Arão	Catarina Fróes	
*	1686	João do Couto Ferreira	Isabel Rodrigues, vva.de Bento Rodrigues	*
*	1686	João da Silva Cordeiro	Paula da Cruz	*
*	1686	João Monteiro Borges	Violante Correia	*
J132	1687	João Lopes	Ana da Costa	*
J133	1687	João de Faria Moniz	Úrsula de Melo, d.	*
J134	1687	João de Sampaio (?)		Justificação
J135	1687	João Rodrigues	Josefa de Queirós	*
J136	1687	João de Bretanha [° Inglaterra]	Marta Ferreira	* Justificação
J137	1687	José Soares da Silva	Maria de Oliveira	* Justificação
J138	1687	João da Costa Varela [José; x ca.1690]	Ana da Cunha [Dutra, c.s.]	CBG
J139	1687	João Ribeiro de Bastos	Maria Rodrigues Alvarenga	
J140	1687	José Rodrigues Durão	Luzia da Piedade (?)	
J141	1687	Jorge da Costa	Catarina de Albernaz	*
J142	1687	João Ferreira Urbano	Juliana Rodrigues	*
J143	1687	José de Andrade Lemos	Inácia de Melo, d.	*
J144	1687	Inácio Rider	Guiomar de Souza, d.	*
J145	1687	João Leal de Valença	Ana de Faria	* Justificação
J146	1687	Jerônimo da Silva	Maria de Monserrat	* Justificação
*	1687	José de Santiago [pardo]	Bárbara Pinta [parda]	*
J147	1688	João da Rocha	Marta de Azevedo	*
J148	1688	José Ferreira	Cecília da Silva	* Justificação
J149	1688	João Manuel da Costa	Brigida da Guarda Maciel	
J150	1688	João Gonçalves Ferraz	Isabel Vieira [viúva de Mateus Dias]	*
J151	1688	João Rodrigues Coelho	Isabel Vieira	
J152	1688	Inácio Francisco de Araújo	Joana de Barros	* Justificação
J153	1688	João Gonçalves	Ana da Costa	

Nº	Ano	Orador	Oradora	Observações
J154	1688	José Barbosa de Matos	Ana da Luz	* Justificação
J155	1688	João Antunes de Araújo		Justificação
J156	1688	José, índio	Margarida, preta	
J157	1688	José da Costa Braga [João; ° ca.1659 e † <1702; x Port.ca.1689}	Maria Pereira [da Boa Nova, ° Porto (São Nicolau), ca 1669 e † Rio (Candel.9°, 215v), 28.05.1742, fª Domingos Pereira Neves e Maria de Souza, c.s.]	CBG
J158	1688	José do Rego e Sá		Justificação
J159	1688	Inácio Pereira Leão	Faustina Ribeiro	
J160	1688	João Mendes de Leão [° ca.1639 e † Rio (Candel.3º, 34v), 28.09.1700; x 3ª ib.(Candel.1º, 18v), 09.02.1688]	Francisca Correia [de Souza; † Rio (Candel.9º, 153), 16.12.1740, fª Manuel Ferreira de Souza e Catarina Correia]	CBG
J161	1688	Inácio de Azeredo [° ca.166; x Rio (Candel.1°, 19), 26.05.1688, f° cap.Lucas do Couto (Viegas), o moço, e d.Isabel Coutinha]	Eugênia da Rosa [° Rio, fª André da Rosa e Isabel Pinta, c.s.]	* CBG
J162	1688	João Furtado Rijo	Tomásia Gonçalves	
J163	1688	José de Aguiar Daltro [° Rio, ca.1658; x ib.(Candel.1°, 18v), 02.02.1688]	Isabel Pedrosa [° Rio, fª Miguel Gomes Bravo e Joana Gonçalves (†), c.s.]	* CBG
J164	1688	João Franco Viegas [cap., º Espírito Santo de Portel, bisp.Évora, ca.1640 e † Rio (Sé 6º, 98v), 16.06.1694; x 1ª c.Bernarda Luís de Oliveira; x 2ª ib.(Candel.1°, 19v), 25.08.1688]	Úrsula de Sá Pereira [Úrsula da Silva Pereira, ° ca.1668, fª Francisco de Oliveira Leitão e Maria dos Santos, c.s.]	* CBG
J165	1688	John Cherry [º Londres, Ing.][Lachere, Laxara, Lechere = Cherém]	Bárbara de Sá	*
*	1688	José Ferrão [índio da Aldeia de São Lourenço]	Paula Francisca [id.]	*

Nº	Ano	Orador	Oradora	Observações
J165A	1689	João Dias	Isabel da Silva	
J166	1689	Julião Rangel	Maria de Mendonça	
J167	1689	José Pereira	Helena da Costa	*
J168	1689	João Bueno da Vega	Inês Ferreira [Felipa da Silveira, d.]	*
J169	1689	João Godinho	Inês Ferreira	
J170	1689	José da Silva		Justificação
J171	1689	José da Silva	Maria das Neves	
J172	1689	Ilegível		
J173	1689	Ilegível		
J174	1689	Ilegível		
J175	1689	Ilegível		
J176	1689	João Cardoso de Alvarenga	Maria de Aguiar, d.	*
J177	1689	João Dormundo Pereira (?)	Caetana (?) ...	
J178	1689	João Ferreira	Isabel de Aguiar Rodrigues	*
J179	1689	Jerônimo de Paiva	Antônia Carneira	*
J180	1689	José (?) Ribeiro Camelo		Justificação
*	1689	José de Azevedo	Maria de Lara	*
*	1689	João Francisco Coelho	Lourença dos Reis [fª Baltazar da Silva Borges]	*
*	1689	José da Silva	Maria da Silva	*
J181	1690	Inocência Moreira (?)		Justificação
J182	1690	José Gonçalves de Abreu	Joana Nunes	*
J183	1690	João Batista Francisco [cap., ° Grécia, vvo.em Constantinopla]	Teodósia Pinta [Pinto]	* Justificação
J184	1690	Jacinto, índio	Ana, preta, Guiné	*
J185	1690	João de Barcelos	Ana de Lemos	*
J186	1690	João de Medeiros [morador em Sarapuí, RJ, ca.,1760; x 2ª Rio (Sé 2º, 114v), 04.02.1690 (na Igreja de São José)]	Maria de Andrade [fª Baltazar de Meira e Domingas de Andrade]	CBG
J187	1690	João de Freitas Mafra (?)		Justificação
J188	1690	João Barbosa		Justificação

Nº	Ano	Orador	Oradora	Observações
J189	1690	José Moreira de Souza	Maria de Lima	* Justificação
J190	1690	Jaques Branco [Jacques Branco – CBG]	Teresa de Jesus	* Justificação
J191	1690	Jerônimo Tavares	Antônia do Rego e Sá	
J192	1691	José de Andrade Soto Maior	Ana de Araújo	
J193	1691	Jacinto Barbosa	Maria de Marins, d.[seria Úrsula de marins, d.?)	CBG
J194	1691	João Ramos		Justificação
J195	1691	João da Costa	Joana de Andrade (?)	
J195A	1691	João Fernandes	Isabel da Silva (?)	
J196	1691	João Correia		Justificação
J197	1691	João Gonçalves		Justificação
J198	1691	José Mendes Garcia (Gralha?)	Ilegível	
J199	1691	João Gomes de Faria	Ilegível [Catarina do Vale? – CBG]	CBG
J200	1691	João de Souza Correia		Justificação
J201	1691	João Furtado de Mendonça	Ilegível	
J202	1691	João de Oliveira		Justificação
J203	1691	José Tavares de Siqueira	Isabel Maria da Cruz	
J204	1691	João Francisco (?) Roriz		Justificação
J205	1691	João da Silva		Justificação
J206	1691	José de Figueiredo		Justificação
J207	1692	João Soares	Catarina Ferreira	
J208	1692	João Correia (Corvo?)	Isabel Rabela	
J209	1692	João Esteves Quintão		Justificação
J210	1692	João Vieira		Justificação
J211	1692	José Alamar (?)		Justificação
J212	1692	Inácio de Menteroja (?)	Beatriz Paes	
J213	1692	Inácio da Guarda [e Souza; ° RJ (Sé 4°, 80v), b.04.10.1672, fº João de Araújo de Souza e d.Isabel de S^{za}; x ib.(Sé 3°, 12), 04.10.1692 (ISJ)]	Antônia da Fonseca, d.[fª Mateus de Mora Varela e Isabel de Andrade]	CBG
J214	1692	João Rodrigues da Costa		Justificação

Nº	Ano	Orador	Oradora	Observações
J215	1692	João Marins de Oliveira		Justificação
J216	1692	João Alves da Costa		Justificação
J217	1692	José de Moura Corte Real [cap.-mor, governador de Cabo Frio, RJ; ° RJ (Sé 4°, 57v), b.18.06.1668; x ca 1698]	Bárbara de Madureira [Machado, d.; fª licenciado Luís de Barcelos Machado e d.Catarina de Melo]	CBG
J218	1693	João Álvares Viana		Justificação
J.219	1693	João Vieira		Justificação
J220	1693	José da Silva Batista		Justificação
J221	1693	José Monteiro Rodrigues		Justificação
J222	1693	José, escravo	Maria, escravo	
J223	1693	José Lins Inglês (sic)		
J224	1693	Jerônimo Gonçalves		Justificação
J225	1693	Inácio Fernandes	Luzia Correia	
J226	1693	João Maciel [da Costa; ° freg.N.S.Monserrat de Viana do Castelo, arceb.Braga, ca.1668 e † RJ (Caldel.5°, 155), 26.06.1723; x Jacutinga, RJ, ca.1696]	Brígida da Guarda [fª cap.Manuel da Guarda Muniz e Joana de Nadrade, c.s.]	CBG
J227	1693	José Pinheiro de Macedo	Margarida Pinta (Pinheira ?)	
J228	1693	José Correia	Margarida Barbosa	
J229	1693	João de Azevedo Couto (?)	Isabel de Lins, d.	
J230	1694	Inácio de Távora	Vitória Freire	
J231	1694	João Gomes	Úrsula Ribeira	
J232	1694	João da Silva Ribeiro		Justificação
J233	1694	João de Avelar		Justificação
J234	1694	João de Souza (?) de Azevedo	Bárbara Correia	
J235	1694	José Pereira (?)		Justificação
J236	1694	João Teixeira (?) da Cunha		Justificação
J237	1694	José (Inês?) Botelho	Nicolau (?) Lucas (?)	
J238	1694	João Ferro (?)		Justificação

Nº	Ano	Orador	Oradora	Observações
J239	1694	João Afonso		Justificação
J240	1694	João Francisco Vilela		Justificação
J241	1694	Inácio, índio	Maria, preta escrava	
J242	1694	João Moten (?) Francês (sic)		Justificação
J243	1694	Jorge Mainar [George Mainarth; ° Porto, ca.1664, fº Walter M. e Leonor Mainarth da Silva; x RJ (sé 3°, 19), 04.07.1694 (na Ig.Sta.Cruz)]	Úrsula da Silva Pereira [vva.de João Franco Viegas; fª Francisco de Oliveira Leitão e Maria dos Santos, c.s.]	CBG
J244	1694	José de Viegas	Helena Marques	
J245	1695	José Gomes Pereira	Isabel de Oliveira Silva	
J246	1695	João Fernandes	Bárbara da Silveira	
J247	1695	Inácio de Azeredo [Coutinho; x ca.1696]	Helena da Cruz [Marques da Cruz, c.s.]	CBG
J248	1695	José Gomes Silva [° Crato, Port., ca.1646, fº Belchior Henriques e Catarina Marques; x 2ª RJ (Irajá 2°, 18), 31.07.1695]	Isabel de Paredes [e] Silva [fª cap.Luís fernandes Crato e Beatriz de Paredes, c.s.]	CBG
J249	1695	João Gomes Brum	Clara Isabel de Morais	
J250	1695	José Álvares da Cruz	Luisa do Rego	
J251	1695	José Soares de Brito	Maria de Oliveira	
J252	1695	Jorge Damy (?) [de Amim?]	Clara Barbosa	
J253	1695	João Brás	Isabel Ferreira	
J254	1695	João da Silva Alpoim	Catarina de Lima	
J255	1695	João Rodrigues Pereira		Justificação
J256	1695	João Simões Loureiro		Justificação
J257	1695	João Gomes Paco (sic)		Justificação
J258	1695	João Moreira		Justificação
J259	1696	João Esteves Moreira	Maria Nunes Velha	
J260	1696	João de Paiva Moreira (?)	Joana de Andrade, d.	
J261	1696	João de Andrade Soninho (?)	Úrsula de Souza	

Nº	Ano	Orador	Oradora	Observações
J262	1696	João de Barros de Melo	Maria da Fonseca	
J263	1696	Jerônimo de Morais Melo	Maria Ferreira, d.	
J264	1696	João Rodrigues	Josefa Maria	
J265	1696	João de Barros Gavião		Justificação
J266	1696	José Correia de Aragão [° São Bento da Ribeira Brava, I.Madeira, fº João Correia da Silva e d.Mariana de Aragão; x RJ (Sé 3°, 27), 12.05.1696 (na Ig.São José)]	Inácia da Porciúncula, d.[° I.Madeira, fª Francisco Gonçalves e d.Catarina Gonçalves]	CBG
J267	1696	João Nunes (?) da Silveira	Teodósia (?) de Lelis (?)	
J268	1696	José Gonçalves	Felícia Lopes	
J269	1696	João de Lana	Maria de Jesus	
J270	1696	João da Silva	Maria dos Santos Ribeira	
J271	1696	João Pereira do Lago	Teresa do Lago, d.	
J272	1696	João Porto Pacheco	Joana de Araújo	
J273	1696	João Duarte Branco	Maria da Silva	
J274	1697	João Luís	Maria de Oliveira	
J275	1697	João de Oliveira	Apolônia Rodrigues	
J276	1697	José Pereira de Souza	Isabel Coutinha	
J277	1697	João Ribeiro de Matos	Maria de Oliveira	
J278	1697	João Coutinho de Bragança	Maria Vieira.d.	
J279	1697	João Gonçalves Viana [† RJ (Sé 8°, 159], 05.07.1713; x]	Bárbara Pereira de Jesus [c.s.]	CBG
J280	1697	João de Souza Taveira	Josefa de Souza	
J281	1697	José de Oliveira	Joana Soares	
J282	1697	João Gomes	Eugênia da Silva	
J283	1697	João Gomes Belo		Justificação
J284	1697	João Gomes da Silva	Andréia de Souza	
J285	1697	João Pires de Aguirre	Francisca Muniz, d.	
J286	1697	João Gomes Pereira	Joana de Azeredo	
J287	1697	João Gomes de Sá	Suzana Pinheiro	

Nº	Ano	Orador	Oradora	Observações
J288	1697	José Ribeiro	Eugênia Lopes	
J289	1697	João de Barros		Justificação
J290	1697	José de Barros	Paula Barbosa	
J291	1697	José Ferreira	Josefa Correia de Melo	
J292	1697	João Pereira	Lourença Correia	
J293	1698	José Barreto de Faria [cap.; ° RJ (Candel.1°, 96), b.11.01.1651 e † <1731, fº cap.Fco.Barreto de Faria e d.Catarina de Barros; x ca 1702]	Paula Rangel, d.[de Macedo; ° RJ (São Gonçalo), fª licenciado Luís de Barcelos Machado e d.Catarina de Melo, c.s.]	CBG
J294	1698	José Barbosa [fº N.Barbosa e Isabel de Brito; x RJ (Candelária 1°, 45v), 23.01.1698]	Antônia Carneira [° RJ, fª Barnabé Rapooso e Joana Gomes]	CBG
J295	1698	João Lopes, índio		Justificação
J296	1698	João de Souza Pereira	Maria Soares	
J297	1698	João da Silva		Justificação
J298	1698	José Ferreira		Justificação
J299	1698	João de Barros		Justificação
J300	1698	José de Freitas	Maria de Almeida, d.	
J301	1698	João Coelho		Justificação
J302	1698	João Vieira de Carvalho		Justificação
J303	1698	João Antônio (?) Francês (sic)		
J304	1698	José de Siqueira Vilafortes	Isabel Barbosa, d.	
J305	1698	José Cardoso	Maria Teixeira	
J306	1698	Inácio Rangel de Azeredo	Isabel Rangel	
J307	1698	José dos Reis Cavalheiro	Eufêmia Antunes	
J308	1699	José Diniz	Francisca Correia	
J309	1699	Júlio Correia de Azeredo	Grácia de Souza, d.	
J310	1699	José Cardoso	Valéria Barbosa	
J311	1699	José Borges	Lourença de Macedo	
J312	1699	João Pires de Vasconcelos (?)	Úrsula de Gouveia, d.	
J313	1699	José de Barros Moniz (?)	Eugênia de Menezes, d.	

Nº	Ano	Orador	Oradora	Observações
J314	1699	José Correia	Joana de Jesus	
J315	1699	José da Costa [° RJ, ca 1669, fº João Lopes e Clara de Alvarenga; x RJ (Sé 3°, 37), 16.11.1699 (na Ig.São José)]	Maria da Trindade [fª João Álvares de Matos e Isabel Cardosa, c.s.]	CBG
J316	1699	João Dias Braga (?)		Justificação
J317	1699	João Pedro Freitas (Freire ?)	Josefa de Souza	
J318	1699	José das Neves	Vitória da Costa	
J319	1699	João Batista Viegas [° Cordova, fº João Batista Viegas e Joana de Castilho Vieira; x 1ª Irajá (2º, 23), 14.05.1699]	Florência da Fonseca [° RJ ca.1679 e † ib.(Irajá 1°, 11v), 17.06.1700 (de parto), fª Manuel Afonso ? Pereira e Maria da Assunção, c.c.]	CBG
J320	1699	José Correia	Francisca de Oliveira	
J321	1699	João Correia do Couto [° Salir dos Matos, bisp.Leiria, fº Manuel Correia e Madalena Francisca; x Rio (Candelária 1°, 52), 14.01.1669]	Maria da Rocha [° N.S.Piedade, RJ, fª João da Rocha e Teodósia Natunes, c.c.]	CBG
L1	1662	Luís de Oliveira	Úrsula de Oliveira	
L2	1670	Luís Cardoso	Inocência da Cruz	
L3	1670	Lucas do Couto Viegas	Inês de Gouveia, d.	CBG
L4	1670	Leandro da Costa [° ca.1631 e † < 1711; x ca.1661]	Paula Soares [° ca.1641 e † < 1711, c.g.]	CBG
L5	1671	Luís Machado	Ana Fróes, d.	
L6	1671	Lázaro Gonçalves	Maria da Conceição	
L7	1674	Luís Lopes Pegado	Maria da Cunha	
L8	1677	Leandro Alves	Esperança Cardosa	
L9	1677	Luís Cabral		Justificação
L10	1676	Luís da Costa [° Lisboa e † RJ (Sé 2°, 121v), 30.10.1682, fº Gaspar da Costa e Luisa Pereira]	Violante Soares	CBG
L11	1676	Luís Castanho	Maria Pedrosa	

Nº	Ano	Orador	Oradora	Observações
L12	1676	Lourenço [índio]	Isabel, do gentio da terra	
L13	1678	Luís de Barcelos [Machado, licenciado; ° RJ (Candelária 1°, 84v), b.15.11.1648 e † ib.(Candelária 2°, 122), 29.08.1695; x ib.(Sé 2°, 23, 09.04.1668 (na Igreja de São José)]	Catarina de Melo, d.[fª cap.Marcos de Azeredo Coutinho e Paula Rangel (de Macedo), c.g.]	CBG
L14	1679	Luís Francisco		Justificação
L15	1680	Luís Vaz	Maria Álvares da Silva	
L16	1681	Luís Pereira	Tomásia da Luz	
L17	1681	Luís Nogueira	Teodósia da Cunha	
L18	1681	Luís de Castro	Isabel Cardosa	
L19	1681	Luís da Costa		Justificação
L20	1681	Lázaro Gonçalves		Justificação
L21	1681	Luís Teixeira de Figueiredo		Justificação
L22	1682	Luís da Silva		Justificação
L23	1684	Lourenço Ribeiro	Escolástica de Sá	
L24	1685	Leonardo de Morais	Maria Camela da Luz	
L25	1685	Leonardo Dias		Justificação
L26	1685	Lourenço Rodrigues		Justificação
L27	1686	Lopo Fernandes	Francisca Correia	
L28	1686	Leonel Pereira Taveira		Justificação
L29	1686	Lourenço, índio	Isabel, parda escrava	
L30	1686	Lourenço Pinto	Úrsula Martins	
L31	1687	Luís Ferreira		Justificação
L32	1688	Lourenço Barbosa Ribeiro [° São Martinho de Arrifana de Souza, fº Bento Barbosa e Joana Ribeira; x RJ (Candelária 1°, 20), 25.11.1688]	Maria Vieira [Ana Vieira; fª Mateus Luís Pavão e Maria Raposa, c.g.]	CBG
L33	1688	Lourenço da Silva	Maria Borges	
L34	1689	Luís Nogueira Tavares	Ana Correia	
L35	1689	Luís de Seixas	Branca da Fonseca	

Nº	Ano	Orador	Oradora	Observações
L36	1689	Luís de Souza Coutinho	Isabel Coutinho, d.	
L37	1689	Luís Barbalho Bezerra [seria cap.-mor e fº Luís Barbalho Bezerra e d.Maria de Mendonça; x RJ ca.1690]	Ana Maria Freire, d.[d.Ana Maria de vasconcelos, c.g.]	CBG
L38	1690	Luís Ferreira	Jacinta da Rosa	
L39	1690	Luís Correia	Antônia Rodrigues	
L40	1690	Lourenço Correia	Francisca de Barcelos	
L41	1691	Lourenço Nunes Azevedo	Marcelina de Figueiredo	
L42	1691	Lourenço Ribeiro	Grácia de Andrade	
L43	1693	Luís Mota Leite		Justificação
L44	1693	Luís da Costa		Justificação
L45	1694	Luís Carlos Rault		Justificação
L46	1694	Luís Freire Esteves		Justificação
L47	1694	Luís Paes de Paredes	Isabel da Silva	
L48	1694	Lázaro de Flores	Maria Coelha	
L49	1695	Lucas Nicolau		Justificação
L50	1695	Luís Álvares Pereira	Maria Viegas de Vasconcelos	
L51	1695	Luís Machado Homem (?), dr.	Clara da Costa	
L52	1696	Luís Martins	Joana do Amaral	
L53	1696	Luís da Cunha [° Porto (Sta.Maria), fº Manuel João da Cunha e Maria Manuel; x RJ (Candelária 1°, 38v), 20.08.1696]	Mariana de Oliveira [° RJ (Candelária), fª Manuel Tavares da Cunha e Margarida de Oliveira, c.g.]	CBG
L54	1696	Luís Pereira Carneiro	Brites de Sá, d.	
L55	1696	Leandro Lourinho	Benta Rodrigues	
L56	1696	Lourenço de Siqueira	Messia Fragosa	
L57	1697	Luís Moreira		Justificação
L58	1697	Leonel de Souza	Luzia de Souza	
L59	1697	Luís Ferreira Ribeiro		Justificação
L60	1697	Lourenço de Palma		Justificação
L61	1698	Luís de Almeida Ramos	Isabel de Souza	

Nº	Ano	Orador	Oradora	Observações
L62	1698	Luís de Barros	Mariana de Lima	
L63	1699	Luís Gomes Pereira		Justificação
L64	1699	Luís Gomes de França		Justificação
M1	1609	Manuel de Araújo	Maria Fernandes	
M2	1610	Mateus Antunes		Justificação
M3	1620	Manuel da Silva		Justificação
M4	1624	Manuel Rebelo		Justificação
M5	1626	Manuel Fanacho	Maria Vaz	
M6	1637	Manuel Fernandes		Justificação
M7	1639	Manuel Dias		Justificação
M8	1640	Marcos de Azeredo Coutinho	Paula Rangel	
M9	1640	Marcos Afonso Duarte		Justificação
M10	1641	Mateus da Costa	Ana Rodrigues	
M11	1642	Manuel de Oliveira		Justificação
M12	1644	Manuel Álvares Pereira		Justificação
M13	1646	Manuel de Barcelos Machado	Missia Bocarra Barbosa	
M14	1647	Manuel Vaz	Andreza de Almeida	
M15	1648	Maurício Gomes		Justificação
M16	1649	Manuel do Rego	Marina Gonçalves de Lima	
M17	1652	Miguel Carvalho Menezes	Ana da Fonseca	
M18	1653	Manuel Coelho	Margarida Gomes Sardinha	
M19	1658	Miguel Lopes	Maria de Andrade	
M20	1658	Manuel Antunes		Justificação
M21	1662	Miguel de Camargo	Maria Luís	
M22	1664	Manuel Fernandes		Justificação
M23	1664	Manuel da Silva	Maria Pinta	
M24	1666	Manuel Ferreira	Margarida da Silva	
M25	1666	Manuel Gomes Sardinha	Isabel Pereira	
M26	1667	Manuel Lobo Franco	Maria Buena	
M27	1668	Manuel Cardoso Coutinho	Isabel Freire da Fonseca	
M28	1668	Manuel Rodrigues Cunha		Justificação

Nº	Ano	Orador	Oradora	Observações
M29	1668	Manuel Rodrigues Franco	Ana Carneira	
M30	1669	Matias de Souza		Justificação
M31	1670	Miguel Ferreira	Brites da Costa	
M32	1671	Manuel Afonso	Mariana Cardosa	
M33	1671	Manuel de Souza	Joana da Silva	
M34	1671	Manuel Rodrigues	Teresa Cardosa	
M35	1671	Manuel da Costa		Justificação
M36	1672	Manuel Cardoso	Paula de Campos	
M37	1672	Manuel da Silva	Sebastiana Mendes	
M38	1672	Manuel Vidal	Úrsula Maia	
M39	1672	Manuel Barbosa	Marina de Medeiros	
M40	1672	Manuel Cordeiro	Maria da Cruz	
M41	1672	Manuel de Araújo	Guiomar Morala (?)	
M42	1672	Manuel Delgado	Maria de Azevedo	
M43	1672	Manuel Garcia	Lourença da Costa	
M44	1672	Manuel de Marins	Clementina Correia, d.	
M45	1672	Manuel Pereira Henriques		Justificação
M45A	1672	Manuel Batista	Ana Pinta	
M46	1673	Manuel Simões		Justificação
M47	1673	Manuel Gonçalves	Catarina Nunes	
M48	1673	Manuel Rodrigues de Figueiredo		Justificação
M49	1673	Manuel Fernandes		Justificação
M50	1673	Manuel Pinto da Costa		Justificação
M51	1673	Miguel Cardoso	Mariana da Silva, d.	
M52	1673	Manuel da Costa da Fonseca		Justificação
M53	1674	Manuel Freire		Justificação
M54	1674	Manuel de Almeida	Cosma de Lira	
M55	1674	Manuel Nunes		Justificação
M56	1674	Miguel de Barros		Justificação
M57	1675	Manuel de Oliveira		Justificação
M58	1675	Manuel Ferreira		Justificação

Nº	Ano	Orador	Oradora	Observações
M59	1675	Manuel de Souza, índio		Justificação
M60	1675	Manuel da Silva	Ana da Veiga	
M61	1675	Manuel Tavares		Justificação
M62	1676	Manuel da Silva		Justificação
M63	1676	Manuel Marques Vareiro		Justificação
M64	1676	Maria Teixeira		Justificação
M65	1676	Manuel Cordeiro Sampaio	Maria de Marins, d.	
M66	1676	Manuel Soares, índio		Justificação
M67	1677	Mateus Flores (?)		Justificação
M68	1677	Manuel Cardoso Picão	Domingas de Souza	
M69	1677	Manuel Pereira dos Reis		Justificação
M70	1677	Manuel da Fonseca Varela e seus irmãos (?)		Impedimento
M71	1677	Manuel Soares		Justificação
M72	1677	Manuel Cardoso de Brito	Luisa, d.	
M73	1678	Manuel Cardoso de Azevedo		Justificação
M74	1678	Manuel Vieira da Cunha		Justificação
M75	1678	Manuel Ferreira	Maria da Pena	
M76	1678	Manuel Furtado		Justificação
M77	1678	Manuel Ribeiro de Souza		Justificação
M78	1678	Manuel Moreira		Justificação
M79	1678	Manuel Fernandes		Justificação
M80	1678	Manuel Soares da Costa	Isabel Nunes	
M81	1678	Manuel Cabral de Melo	Vitória Rodrigues	
M82	1678	Matias Farinha Barreto		Justificação
M83	1679	Manuel Diniz		Banhos em forma
M84	1679	Martinho da Rocha		Justificação
M85	1679	Miguel, índio	Serafina, índia	
M86	1680	Manuel Gomes da Silva		Justificação
M87	1680	Manuel de Magalhães	Lourença de Magalhães	
M88	1680	Miguel Lopes		Justificação
M89	1680	Matias Jaques	Catarina Pestana	
M90	1680	Manuel Moreira Franca		Justificação

Nº	Ano	Orador	Oradora	Observações
M91	1680	Manuel de Oliveira		Justificação
M92	1680	Manuel da Costa Moura		Justificação
M93	1680	Manuel Simões		Justificação
M94	1680	Manuel Gomes	Maria de Figueiredo	
M95	1680	Manuel de Melo Grego		Justificação
M96	1680	Manuel Pestana		Justificação
M97	1681	Miguel da Silva Brandão		Justificação
M98	1681	Manuel Ribeiro Neves		Justificação
M99	1681	Manuel de Almeida Brito, cap.		Justificação
M100	1681	Manuel Ferreira da Silva		Justificação
M101	1681	Manuel de Paiva		Justificação
M102	1681	Manuel Luís		Justificação
M103	1681	Manuel Rodrigues de Souza		Justificação
M104	1681	Manuel Teles		Justificação
M105	1681	Manuel Antônio		Justificação
M106	1681	Manuel Moreira		Justificação
M107	1681	Manuel Tavares Roldão		Justificação
M108	1681	Manuel Martins		Justificação
M109	1681	Manuel Nunes		Justificação
M110	1681	Manuel Dias de Figueiredo	Inês de Sobral, d.	
M111	1681	Manuel Oliveira		Justificação
M112	1681	Manuel de Souza Rocha		Justificação
M113	1681	Manuel Rebelo		Justificação
M114	1681	Manuel André		Justificação
M115	1681	Manuel da Silva Costa	Maria Cardosa	
M116	1682	Miguel Álvares Henriques		Justificação
M117	1682	Manuel da Costa Silva		Justificação
M118	1682	Manuel do Couto		Justificação
M119	1682	Manuel Pinto		Justificação
M120	1682	Manuel Santiago		Justificação
M121	1682	Manuel Pires		Justificação

Nº	Ano	Orador	Oradora	Observações
M122	1682	Manuel Dias		Justificação
M123	1682	Manuel do Couto		Justificação
M124	1682	Marcos da Costa da Fonseca		Justificação
M125	1682	Maria Ferreira		Justificação
M126	1682	Manuel Correia Cabral		Justificação
M127	1682	Manuel Rodrigues		Justificação
M128	1682	Manuel Ferreira de Oliveira		Justificação
M129	1682	Manuel Álvares da Cunha	Mariana das Neves	
M130	1682	Manuel Ribeiro de Quental		Justificação
M131	1682	Manuel Martins Pinto		Justificação
M132	1682	Manuel de Souza		Justificação
M133	1682	Manuel Afonso Pereira		Justificação
M134	1682	Manuel de Castro	Esperança Gonçalves	
M135	1682	Manuel da Silva Salgado		Justificação
M136	1682	Manuel da Silva		Justificação
M137	1682	Manuel Gomes de Berredo		Justificação
M138	1682	Manuel Ferreira		Justificação
M139	1682	Manuel Martins		Justificação
M140	1682	Manuel Rodrigues Maciel		Justificação
M141	1683	Miguel da Silva		Justificação
M142	1683	Manuel Vieira Barbosa	Marcelina de Oliveira	
M143	1683	Matias de Figueiredo	Guiomar de Oliveira	
M144	1683	Manuel Pacheco		Justificação
M145	1683	Manuel Vieira Barros	Beatriz de Lemos	
M146	1683	Manuel Luís		Justificação
M147	1683	Manuel de Melo		Justificação
M148	1683	Manuel Pires		Justificação
M149	1683	Manuel Pereira Freire	Ana Pereira	
M150	1683	Mateus Correia Pestana	Beatriz de Brito, d.	
M151	1683	Manuel Vieira		Justificação

Nº	Ano	Orador	Oradora	Observações
M152	1683	Manuel da Costa		Justificação
M153	1683	Manuel dos Santos	Páscoa da Silva	
M154	1683	Manuel Rodrigues Pereira		Justificação
M155	1683	Manuel Ferreira		Justificação
M156	1683	Manuel Gonçalves		Justificação
M157	1683	Manuel Gomes Delgado		Justificação
M158	1684	Martim Lourenço da Veiga	Apolônia da Costa	
M159	1684	Manuel Antunes de Araújo	Maria de Lara de Morais	
M160	1684	Miguel Gonçalves	Margarida Ribeira	
M161	1684	Miguel Carneiro	Teresa de Jesus	
M162	1684	Manuel Ferreira de Souza		Justificação
M163	1684	Manuel Vaz	Valentina Gomes da Costa	
M164	1684	Manuel Luís	Luisa Rodrigues	
M165	1684	Mateus de Souza Pereira		Justificação
M166	1684	Manuel Moreira		Justificação
M167	1684	Manuel da Costa Moreira		Justificação
M168	1684	Manuel Nunes de Souza	Beatriz de Barcelos	
M169	1684	Manuel de Carvalho	Águeda Marinha	
M170	1684	Manuel de Oliveira		Justificação
M171	1684	Mateus Dias Santiago	Isabel Vieira	
M172	1684	Manuel da Silva		Justificação
M173	1684	Manuel Mendes	Violante de Lima	
M174	1684	Manuel Rodrigues		Justificação
M175	1684	Manuel de Souza Maia		Justificação
M176	1685	Manuel Gomes	Luzia das Flores	
M177	1685	Manuel dos Santos		Justificação
M178	1685	Manuel de Abreu	Ana Cavalcante, d.	
M179	1685	Manuel Moreira	Escolástica de Azevedo	
M180	1685	Manuel Teixeira	Luisa de Barcelos	
M181	1685	Manuel de Figueiredo	Guiomar de Oliveira	
M182	1685	Manuel de Almeida Moreira		Justificação

Nº	Ano	Orador	Oradora	Observações
M183	1685	Manuel Monteiro	Maria de Souza	
M184	1685	Miguel da Costa	Maria Barbosa	
M185	1685	Manuel Lopes de Carvalho		Justificação
M186	1685	Manuel Maciel de Brito		Justificação
M187	1686	Manuel de Freixo	Maria Feio (?)	
M188	1686	Manuel Dias Garcia	Maria de Almeida	
M189	1686	Manuel de Galegos	Paula Rodrigues	
M190	1686	Marcos de Souza Pita		Justificação
M191	1686	Manuel Antônio	Helena Cardosa	
M192	1686	Manuel da Silva	Maria de Brito	
M193	1686	Manuel Álvares Vieira	Mariana de Vasconcelos, d.	
M194	1686	Maurício Madeira	Francisca de Souza	
M195	1686	Manuel da Luz	Domingas Pereira	
M196	1686	Marcos Rodrigues da Costa	Petronilha de Almeida	
M197	1686	Manuel Velho Machado	Maria da Luz	
M198	1686	Manuel de Lima, pardo	Feliciana, preta	
M199	1686	Manuel Simões	Maria de Alvarenga	
M200	1686	Martinho Nunes de Brito	Isabel da Costa	
M201	1686	Manuel de Alvarenga	Ana Sardinha	
M202	1687	Manuel Fernandes	Catarina de Oliveira	
M203	1687	Manuel Ramalho	Bernarda Correia	
M204	1687	Manuel Jorge Vilela	Mariana de Alvarenga	
M205	1687	Martins de Oliveiro (?)	Joana de Sá	
M206	1687	Manuel de Milo (?)	Helena da Cruz de Sá	
M207	1687	Manuel Pinto	Maria de Oliveira	
M208	1687	Manuel Dias de Araújo	Isabel Esteves	
M209	1687	Manuel Fernandes	Catarina de Oliveira	
M210	1687	Manuel Gago de Oliveira	Teresa Barbosa, d.	
M211	1687	Manuel da Luz	Domingas Pereira	
M212	1687	Manuel Mendes de Souza	Páscoa da Silva	
M213	1687	Manuel de Oliveira	Francisca Delgada	
M214	1687	Manuel da Costa	Ana Pereira	

Nº	Ano	Orador	Oradora	Observações
M215	1687	Manuel de Brito	Domingas Filgueiras	
M216	1687	Manuel Ferreira	Antônio da Graça	
M217	1688	Manuel Barbosa da Silva	Bárbara Correia	
M218	1688	Manuel Rodrigues da Silva	Sebastiana de Barros	
M219	1688	Manuel Cardoso de Vargas		Justificação
M220	1688	Manuel Ferreira	Isabel dos Santos	
M221	1688	Manuel Antunes de Carvalho	Ana de Almeida	
M222	1688	Miguel de Araújo Caldeira	Isabel Cardosa	
M223	1688	Manuel Homem Quintela (?)		Justificação
M224	1688	Manuel de Pina		Justificação
M225	1688	Manuel Nunes	Maria Nunes	
M226	1688	Manuel Gonçalves Lima		Justificação
M227	1688	Manuel Francisco Bugalho	Ana de Benavides	
M228	1688	Mateus do Cocho Sodré	Felipa de Menezes e Castro	
M229	1688	Manuel Duarte	Bernarda de Abreu	
M230	1688	Manuel Garcia	Maria das Neves	
M231	1688	Manuel Alexandre de Marins	Grácia Teles, d.	
M232	1688	Manuel Álvares Moeda	Leonor Nunes	
M233	1688	Marcos Soares de Faria	Catarina de Oliveira	
M234	1688	Manuel Castanho		Justificação
M235	1688	Manuel de Souza Maia	Suzana de Góes	
M236	1688	Manuel de Mendonça Domundo	Maria de Peralta	
M237	1688	Manuel Jorge	Maria de Araújo	
M238	1688	Matias Rodrigues	Maria de Jesus	
M239	1688	Manuel Rodrigues de Andrade	Andreza de Jesus	
M240	1688	Manuel Gonçalves Lima	Joana de Freitas	
M241	1689	Manuel Pires Nogueira	Tomásia dos Reis	
M242	1689	Manuel Lopes de Souza	Isabel Ribeira	
M243	1689	Manuel Rodrigues	Vitória da Silva de	

		Henriques	Vasconcelos	
Nº	**Ano**	**Orador**	**Oradora**	**Observações**
M244	1689	Manuel Rodrigues	Maria Mota (?)	
M245	1689	Manuel de Matos Mendonça	Micaela dos Anjos	
M246	1689	Manuel Gonçalves Vieira	Andreza Xavier de Jesus	
M247	1689	Manuel Rodrigues	Maria Neta	
M248	1689	Manuel André Pinheiro	Maria Antônia da Silva	
M249	1689	Manuel Pereira da Cruz	Mônica da Fonseca	
M250	1689	Manuel Dias	Antônia Henriques	
M251	1689	Manuel de Araújo	Antônia de Souza	
M252	1689	Manuel Pinto do Amaral	Joana Ribeira de Jesus	
M253	1690	Mateus Ferreira		Justificação
M254	1690	Mateus Ferreira	Joana Martins	
M255	1690	Manuel Paes	Maria Moreira	
M256	1690	Manuel Henriques de Melo	Antônia de Almeida	
M257	1690	Miguel Leitão	Catarina Ribeira	
M258	1690	Manuel de Souza	Antônia Coelha	
M259	1690	Miguel Gonçalves	Ângela da Silva	
M260	1690	Miguel Ferreira	Cecília de Souza	
M261	1690	Manuel Monteiro Pereira		Justificação
M262	1690	Manuel Pinto Duarte	Antônia de Abreu	
M263	1691	Manuel da Costa	Bárbara Nunes	
M264	1691	Manuel da Costa Viana	Leonarda dos Santos	
M265	1691	Manuel Soares	Luzia Gomes dos Reis	
M266	1691	Manuel Soares de Andrade	Isabel de Araújo	
M267	1691	Manuel Marques	Leonarda dos Santos	
M268	1691	Maurício Gonçalves	Ana Ferreira	
M269	1691	Manuel Duarte	Teresa Duarte de Oliveira	
M270	1692	Manuel Vieira Rios	Mônica de Abreu	
M271	1692	Mariano da Silva	Joana Rodrigues	
M272	1692	Manuel Coelho de Brito	Maria Correia da Costa	
M273	1692	Manuel Lopes	Antônia de Freitas	
M274	1692	Manuel Gomes	Maria de Fontes	

Nº	Ano	Orador	Oradora	Observações
M275	1692	Miguel Francisco	Marina da Silva	
M276	1692	Martinho, escravo		Justificação
M277	1692	Manuel Coutinho	Mariana da Silva	
M278	1692	Manuel Ferreira Lima	Antônia da Fonseca	
M279	1692	Manuel de Oliveira	Maria de Oliveira	
M280	1693	Manuel Rabelo	Luisa Peixota Pereira	
M281	1693	Manuel Rodrigues	Bárbara Fagundes	
M282	1693	Manuel de Morais	Mariana da Costa	
M283	1693	Manuel da Costa		Justificação
M284	1693	Manuel Rodrigues de Siqueira	Maria da Costa	
M285	1693	Martinho Afonso Homem	Isabel Rangel, d.	
M286	1693	Manuel Gonçalves	Luisa dos Reis	
M287	1693	Manuel Nogueira	Ana de Josefa	
M288	1693	Manuel da Fonseca Oliveira	Joana Cabral	
M289	1693	Manuel Ferreira Pinheiro	Vitoriana da Assunção	
M290	1693	Manuel Dias	Felícia de Oliveira	
M291	1693	Manuel de Matos	Antônia da Costa	
M292	1693	Miguel Cardoso Coutinho	Leila de Matos	
M293	1693	Manuel de Almeida	Maria Pereira	
M294	1693	Mateus Marinho		Justificação
M295	1693	Manuel Gonçalves		Justificação
M296	1693	Manuel Francisco	Helena Pereira de Souza	
M297	1694	Manuel Rodrigues de Souza	Maria das Neves	
M298	1694	Manuel de Jesus	Joana Dias	
M299	1694	Manuel da Silva Guimarães	Antônia Coelha	
M300	1694	Miguel Sobral	Mariana Sobral, d.	
M301	1694	Miguel Machado	Inês de Albernaz, d.	
M302	1694	Manuel Dias Fernandes	Ana Ferreira	
M303	1694	Manuel Fróes	Teresa Correia de Jesus	
M304	1694	Manuel de Abreu Catanho (sic)	Isabel da Silva	

Nº	Ano	Orador	Oradora	Observações
M305	1694	Manuel Paredes da Silva	Catarina Marques Henriques	
M306	1694	Mateus Pereira Dutra (?)	Ana da Silva Pinheira	
M307	1694	Manuel da Fonseca Couto	Francisca de Marins	
M308	1694	Manuel Pires	Maria de Souza	
M309	1694	Manuel Mendes dos Santos	Antônia da Conceição	
M311	1694	Manuel Antunes da Costa	Clara Monteira	
M312	1694	Manuel Alves	Ana de Oliveira	
M313	1694	Manuel Ferreira de Frias	Inês do Bonsucesso	
M314	1694	Manuel Álvares Lessa	Maria de Oliveira	
M315	1694	Manuel Ribeira	Ana Cardosa	
M316	1694	Manuel Luís de Andrade	Ana Rodrigues	
M317	1695	Manuel da Rocha Ribeiro	Maria de Araújo	
M318	1695	Manuel Rodrigues	Teresa da Silva	
M319	1695	Manuel Rodrigues Beirão	Maria de Lousada	
M320	1695	Manuel Moreira	Leonarda da Fonseca	
M321	1695	Manuel Álvares da Silva	Inácia Gomes	
M322	1695	Manuel de Souza Silva	Maria Pereira	
M323	1695	Manuel Gonçalves da Costa	Antônia de Morais	
M324	1695	Manuel da Costa Rodrigues	Rosa de Gusmão, d.	
M325	1695	Manuel de Paiva de Almeida	Mariana da Fonseca	
M326	1695	Manuel Rodrigues Calaca (sic)	Clara Nogueira	
M327	1695	Marcos Pereira de Morais	Paula de Abreu	
M228	1695	Manuel Rodrigues Cobra	Bárbara Fagundes	
M329	1695	Manuel Monteiro da Gaia		Justificação
M330	1695	Manuel da Silva Oliveira	Arcângela de Araújo	
M331	1696	Manuel André	Bárbara da Costa	
M332	1696	Manuel da Silva Moreira	Ana Ferreira	
M333	1696	Miguel de Oliveira Elvas	Águeda Mercante	
M334	1696	Mateus de Faria Magalhães	Ana dos Reis	

Nº	Ano	Orador	Oradora	Observações
M335	1696	Miguel de Almeida Brito	Brázida da Vida	
M336	1696	Manuel Velho (?) Borges	Joana Barreta de Sene	
M337	1696	Manuel Ribeiro Pereira	Teresa de Jesus	
M338	1696	Manuel Fernandes	Marcelina de Alvarenga	
M339	1696	Manuel de Figueiredo	Bárbara da Assunção	
M340	1696	Mateus Gonçalves da Cruz	Maria da Candelária	
M341	1696	Manuel dos Santos	Paula Mendes	
M342	1696	Manuel Rodrigues Raimundo	Rosa Felgueira	
M343	1696	Miguel Fernandes Sena	Josefa Maria	
M344	1696	Miguel Lopes da Cruz	Domingas Francisca	
M345	1697	Manuel dos Santos	Ana Gomes da Fonseca	
M346	1697	Manuel Moura Fogaça	Guiomar de Paredes, d.	
M347	1697	Manuel Fernandes Amado	Ana Coelha (?) Figueira	
M348	1697	Manuel Fernandes de Souza	Isabel de Lima, d.	
M349	1697	Manuel Francisco Pimentel	Leonor Correia da Lapa	
M350	1697	Matias da Costa	Francisca Pedrosa	
M351	1697	Manuel Correia	Ricarda Pereirra Pacheca	
M352	1697	Manuel de Oliveira Rego	Teresa de Figueiredo	
M353	1697	Manuel Dias Patajó (?)	Úrsula da Fonseca	
M354	1697	Manuel Veloso	Suzana Maria	
M355	1697	Manuel Esteves	Joana de Almeida	
M356	1697	Manuel Rodrigues	Maria da Conceição	
M357	1697	Manuel Rodrigues Frade	Josefa Correia de Jesus	
M358	1697	Matias da Costa	Francisca Pedrosa	
M359	1697	Manuel Lourenço	Maria Egipsíaca	
M360	1697	Manuel de Souza Cordeiro	Maria de Jesus	
M361	1697	Manuel Henriques	Joana de Faria	
M362	1697	Manuel Alves da Silva	Inês de Mendonça	
M363	1697	Manuel Pereira de Deus		Justificação
M364	1697	Manuel Lourenço	Catarina de Sene	

Nº	Ano	Orador	Oradora	Observações
M365	1697	Manuel Nascentes Pinto	Antônia Maria	
M366	1697	Manuel Rodrigues Bastos	Catarina Fernandes	
M367	1697	Miguel Lopes Pinheiro	Mariana de Azevedo	
M368	1698	Martinho Ribeiro	Maria de Galegos	
M369	1698	Matias de Ataíde	Maria de Mendonça	
M370	1698	Manuel de Souza	Maria Ferreira	
M371	1698	Manuel Ribeiro da Silva	Juliana Cardosa	
M372	1698	Manuel de Almeida	Grácia da Fonseca	
M373	1698	Manuel Correia	Catarina de Alvarenga	
M374	1698	Miguel Álvares da Meira (?)	Simoa Rodrigues	
M375	1698	Manuel de Melo	Josefa de Gouveia	
M376	1698	Manuel Rodrigues		Justificação
M377	1698	Manuel Lopes Correia	Maria Correia	
M378	1698	Manuel da Costa Pinto	Eugênia de Souza	
M379	1698	Manuel Lopes Jordão	Leonor Álvares	
M380	1698	Manuel da Silva Barbosa	Francisca Madeira	
M381	1698	Manuel Vieira	Bárbara Soares	
M382	1698	Manuel de Souza Ferreira	Maria Ferreira de Souza	
M383	1698	Manuel de Souza Falcão	Joana de Souza, d.	
M384	1699	Mateus Leme do Prado	Helena do Prado	
M385	1699	Manuel Jorge	Domingas Nunes	
M386	1699	Manuel Garcez Gralha, dom	Luisa da Silveira	
M387	1699	Manuel dos Santos Moreira	Antônia Pereira	
M388	1699	Miguel Antunes Lima	Francisca da Silva	
M389	1699	Manuel Álvares Teixeira	Maria Gomes	
M390	1699	Manuel Francisco	Teresa de Jesus Leal	
M391	1699	Manuel Machado Lima	Josefa da Silva	
M392	1699	Manuel Nogueira	Maria de Freitas	
M393	1699	Manuel de Carvalho		Justificação
M394	1699	Manuel da Costa Porto	Tomásia dos Reis	
M395	1699	Manuel Álvares Fragoso	Joana Dória, d.	
N1	1672	Nicolau Soares Louzada	Catarina de Meira	

Nº	Ano	Orador	Oradora	Observações
N2	1692	Nicolau Lopes		Justificação
N3	1692	Nicolau Rodrigues	Catarina Pinheira	
O1	1675	Onofre Cordeiro Sampaio	Isabel de Marins	
O2	1695	Onofre Nunes	Maria Vieira	
P1	1648	Pascoal (?) Leitão	Catarina Ribeira	
P2	1649	Pedro Palácios		Justificação
P3	1651	Pedro Rangel (?)	Ana Pereira	
P4	1663	Paulo Girão	Leonor Correia, d.	
P5	1666	Pedro Vaz Fino	Ana Maria, d.	
P6	1668	Pedro da Silva Pinheiro	Mariana da Conceição	
P7	1667	Pero Martins	Maria Martins	
P8	1671	Pedro Vidal	Catarina Lopes	
P9	1673	Pedro Gago da Câmara	Inês de Andrade, d.	
P10	1673	Paulo Leite	Maria Correia	
P11	1673	Pedro de Bittencourt Correia [alf.; ° RJ; x ca.1673	Catarina de Figueiroa, d.[° freg.São Tiago]	CBG
P12	1674	Paulo Machado		Justificação
P13	1674	Pascoal Gomes		Justificação
P14	1675	Pascoal de Oliveira	Suzana de Bizaçon (sic)	
P15	1676	Pedro da Costa	Júlia da Cruz	
P16	1676	Pedro Homem	Maria Morada	
P17	1678	Pedro Fernandes		Justificação
P18	1678	Pedro Dias de Castilho	Beatriz Pinta	
P19	1680	Pedro Martins Negrão	Luzia da Silveira	
P20	1681	Pedro de Abreu de Oliveira [° v.Algarve, fº Fco.de Abreu da Costa e Mª de Oliveira; x RJ (Sé 2°, 50v), 30.09.1675 (na Ig.N.S.Parto)]	Isabel da Silva [º RJ, fª Manuel de carvalho e Maria Madalena]	CBG
P21	1681	Pedro de Matos		Justificação
P22	1681	Pedro Marques		Justificação
P23	1681	Pedro Nunes de Figueiredo	Antônia dos Santos	
P24	1681	Pedro Dias Pereira		Justificação

Nº	Ano	Orador	Oradora	Observações
P25	1682	Pedro Fernandes		Justificação
P26	1683	Pedro Ferreira Madeira		Justificação
P27	1685	Pero Dutra		Justificação
P28	1685	Pedro Ferreira Raposo	Maria de Souza	
P29	1686	Pedro da Silva		Justificação
P30	1686	Pedro, escravo	Marinha, índia	
P31	1687	Pedro dos Reis Pimentel		Justificação
P32	1687	Pedro dos Reis Pimenta [Pimentel]	Inês de Souza	
P33	1687	Pedro Aranha [x RJ (Candelária 1°, 17), 04.02.1687 (na Igreja de N.S.Conceição)]	Antônia Ribeira [° RJ, c.g.]	CBG
P34	1687	Pedro Rodrigues	Domingas de Mendonça	
P35	1688	Pedro Gonçalves Oliveira	Josefa de Brito	
P36	1688	Pascoal Caldeira de Melo [cap.; † < 1732; x ca.1690]	Violante de Andrada, d.[de Andrade, c.g.]	CBG
P37	1688	Pascoal da Costa	Leonor Rodrigues	
P38	1690	Pedro de Lisboa	Isabel Ferreira	
P39	1690	Pedro de Matos de Castilho		Justificação
P40	1690	Paulo da Silva	Margarida Antunes	
P41	1690	Paulo Ribeiro		Justificação
P42	1691	Pedro Gomes		Justificação
P43	1691	Pascoal Coelho de Barros		Justificação
P44	1692	Paulo Martins Gomes		Justificação
P45	1692	Pedro de Pinho Silva		Justificação
P46	1692	Pedro Soares	Suzana Maria	
P47	1692	Pedro da Luz	Micaela Monteira	
P48	1694	Pedro da Silva		Justificação
P49	1694	Pedro João Bonete [° Ilha de São Sebastião, SP, fº Antônio Bonete e Lucrécia Velosa; x RJ (Sé 3º, 20v), 22.11.1694 (na Ig.São José)]	Bárbara de Souza [° Ilha de São Sebastião, SP, fª Manuel Alag...? e Dogas Rodrigues]	CBG
P50	1695	Pascoal da Silva	Isabel da Costa	

		Guimarães		
Nº	**Ano**	**Orador**	**Oradora**	**Observações**
P51	1695	Pedro da Cunha [° Guimarães e † < 1697, fº João da Cunha e Mariana de azevedo; x RJ (Irajá 2°, 18v), 20.10.1695]	Mariana de Azevedo [fª Marcos Moreira da Costa e Catarina de Azevedo]	CBG
P52	1695	Pedro Francisco da Costa	Úrsula do Bonsucesso	
P53	1696	Pedro de Azevedo	Felipa da Costa	
P54	1696	Pedro de Matos de Andrade	Maria da Cruz	
P55	1696	Pascoal de Meireles	Isabel Nunes de Aguiar	
P56	1696	Pedro Ferreira de Barros	Vitória da Costa	
P57	1697	Pedro de Paiva Magalhães	Micaela (?) de Alvarenga	
P58	1697	Pedro Ferreira Pinto	Maria Rosada, d.	
P59	1679	Pedro Homem da Costa	Ana Josefa Pereira	
P60	1697	Pedro Lopes Leão	Maria de Azevedo	
P61	1697	Pascoal Gonçalves Lima	Luisa dos Reis	
P62	1697	Pedro da Cruz	Maria do Rego	
P63	1698	Pascoal de Oliveira	Josefa Lopes	
P64	1698	Pedro Ferreira Braga	Bárbara H^{er} (?) Correia	
P65	1698	Paulo Pinto	Ana de Faria	
P66	1698	Pedro da Fonseca Carneiro	Margarida de Barros	
P67	1698	Paulo de Figueiredo	Domingas Ribeira	
P68	1698	Paulo Cardoso	Clara da Costa	
P69	1699	Pedro de Andrada	Maria de Oliveira	
P70	1699	Pedro Muniz Telo	Inês de Andrada	
R1	1681	Rafael da Silva		Justificação
R2	1688	Rafael Ribeiro da Silva		Justificação
R3	1689	Rafael da Silva	Isabel Pereira	
R4	1689	Rodrigo Dias de Figueiredo	Serafina de Melo, d.	
R5	1689	Rodrigo da Fonseca		Justificação
R6	1692	Roque Godinho da Cunha	Isabel Furtada	
R7	1693	Roque Álvares	Bárbara de Oliveira	

Nº	Ano	Orador	Oradora	Observações
R8	1695	Rodrigo Coelho	Isabel de Azevedo	
R9	1696	Romão de Campos Souza	Clara Rodrigues	
R10	1699	Roque da Fonseca Aguiar	Bárbara de Freitas	
R11	1699	Rodrigo de Mendonça		Justificação
R12	1699	Rafael Rodrigues Coimbra	Maria de Galegos	
R13	1699	Ricardo Barbosa	Luzia da Silva	
R14	1699	Romão Lopes	Inácia da Cruz	
S1	1665	Simão Correia	Isabel do Sy (sic)	
S2	1665	Salvador de Oliveira	Estácia de Requeixa	
S3	1665	Salvador de Siqueira	Joana de Araújo	
S4	1672	Sebastião Barreto	Bárbara de Brito	
S5	1673	Sebastião de Morais	Isabel Coutinha	
S6	1673	Salvador Vieira	Ana de Almeida	
S7	1682	Santos de Souza Barbosa	Merência Furtada	
S8	1682	Antônio Ribeiro		Justificação
S9	1682	Sebastião André Moreira	Maria Fernandes	
S10	1682	Sebastião Fernandes Dias		Justificação
S11	1682	Sebastião Gonçalves		Justificação
S12	1682	Simão da Silva	Joana Lopes	
S13	1682	Simão Afonso da Fonseca		Justificação
S14	1682	Salvador Correia Cordoeiro		Justificação
S15	1682	Salvador Dias	Maria Pinta	
S16	1682	Sebastião de Távora	Maria de Siqueira	
S17	1684	Sebastião Gonçalves	Bibiana Pereira	
S18	1684	Sebastião Rodrigues Pavão		Justificação
S19	1685	Salvador Pereira de Carvalho	Bárbara Gonçalves	
S20	1686	Sebastião, índio		Justificação
S21	1686	Salvador Moreira	Eusébia da Costa	
S22	1686	Simão Rodrigues Pereira		Justificação
S23	1686	Salvador Bernardes	Margarida Ferreira	
S24	1687	Sebastião de Freitas	Maria Portes	

Nº	Ano	Orador	Oradora	Observações
S25	1687	Sebastião Coelho de Amim	Catarina de Lima	
S26	1687	Salvador Muniz da Fonseca	Luzia de Almeida	
S27	1688	Simão Pereira de Carvalho	Maria de Macedo	
S28	1688	Sebastião Luís Quaresma	Clara Lobo dos Reis	
S29	1689	Salvador de Abreu Lobo	Maria do Zouro Freire	
S30	1689	Salvador da Fonseca	Maria Lobo	
S31	1689	Simão da Silva Brandão	Sabina de Souza	
S32	1689	Silvestre Barbosa	Jerônimo Borges	
S33	1689	Sebastião Lopes	Maria Borges	
S34	1691	Simão da Costa	Domingas Maciel	
S35	1692	Sebastião da Costa		Justificação
S36	1693	Simão da Silva Miranda		Justificação
S37	1693	Simão Pereira de Sá	Ana Bocaa (sic)	
S38	1694	Sebastião, índio	Feliciana, preta escrava	
S39	1694	Salvador Viana da Rocha	Catarina Nunes	
S40	1694	Salvador Antunes	Domingas Antunes	
S41	1695	Sebastião de Sampaio	Brites de Oliveira, d.	
S42	1695	Sebastião Simões	Maria da Palma	
S43	1695	Sebastião de Freitas	Guiomar Alvarenga	
S44	1696	Salvador Rodrigues	Teodósia de Seixas	
S45	1696	Sebastião Rodrigues da Costa	Bárbara Machada da Silva	
S46	1696	Simão Rodrigues	Domingas de Espinha	
S47	1696	Sebastião Lopes de Carvalho	Maria Correia	
S48	1696	Sebastião Alves Meira	Maria Rodrigues	
S49	1696	Salvador Fernandes Farelo	Mariana de Oliveira	
S50	1698	Salvador Tomás	Engrácia Maria	
S51	1698	Silvestre da Costa Pinto	Catarina de Távora, d.	
S52	1698	Simão Pereira de Mendonça		Justificação
S52	1699	Simão da Costa	Bárbara da Cruz	
S54	1699	Sebastião Fernandes	Quitéria de Lemos	

		Tourinho		
Nº	**Ano**	**Orador**	**Oradora**	**Observações**
S55	1699	Salvador Viegas de Macedo	Maria José	
T1	1666	Tomé Ferreira da Fonseca	Maria de Castro	
T2	1669	Tomé de Souza Alves	Maria Vieira	
T3	1670	Tomé Rodrigues	Cecília Rodrigues	
T4	1672	Tomás Ribeiro	Ana da Costa	
T5	1677	Tomé Pinto de Pina	Catarina Dias	
T6	1681	Tomé (?) Machado Homem (?)	Maria da Silva	
T7	1682	Teodósio da Costa	Beatriz da Cunha	
T8	1682	Tomé da Silva	Rufina Cardosa	
T9	1683	Tomás Álvares	Ana dos Reis	
T10	1684	Tobias Luge	Maria Barreira, d.	
T11	1688	Teodósio da Costa	Antônia da Costa	
T12	1688	Tomás Pinto	Joana Moreira	
T13	1690	Teotônio Martins Viana	Lucrécia Leme da Guerra	
T14	1694	Tomás Rodrigues Morgado	Maria Carvalha	
T15	1699	Teodósio de Azevedo	Maria de Leão	
V1	1637	Ventura de Paiva	Verônica Carneira	
V2	1646	Vicente Martins	Ana Nunes	
V3	1648	Vasco Rodrigues (?) de Mendonça		Justificação
V4	1656	Valentim da Costa		Justificação
V5	1664	Vicente da Costa		Justificação
V6	1670	Vicente Álvares Araújo		Justificação
V7	1683	Vicente Nogueira	Maria de Almeida (?)	
V8	1683	Ventiura Paes		Banhos
V9	1684	Ventura de Araújo		Justificação
V10	1685	Vicente Pessoa		Justificação
V11	1686	Vicente Nunes		Justificação
V12	1687	Vicente Dias	Ana de Castilho	
V13	1687	Ventura Jorge	Lourença Borges	
V14	1691	Ventura Nogueira Pinto		Justificação

Nº	Ano	Orador	Oradora	Observações
V15	1693	Vicente João da Cruz		Justificação
V16	1694	Vicente Nunes	Suzana Correia	
V17	1695	Ventura dos Reis	Eugênia da Costa	
V18	1695	Valério Fernandes	Apolônia Ferreira	
V19	1697	Vicente Simões	Joana Martins	
V20	1697	Vicente de Andrada		Justificação
V21	1697	Vasco Dias	Ana Soares	

BANHOS – Século XVIII
ARQUIVO DA CÚRIA METROPOLITANA
ARQUIDIOCESE DE SÃO SEBASTIÃO DO RIO DE JANEIRO

Nº	Ano	Orador	Oradora	Observações
A1	1700	Antônio Barbosa de Brito	Luiza Barbosa	
A2	1700	Antônio Lourenço	Maria de Mendonça	
A3	1700	Antônio Correia	Lúcia Pinheiro	
A4	1700	Antônio Francisco de Andrade		Justificação
A5	1700	Antônio Freitas Pereira	Suzana Ferreira	
A6	1700	André Lopes de Ataíde	Águeda Dutra	
A7	1700	Antônio da Costa	Maria Rodrigues	
A8	1700	Antônio da Rocha	Isabel da Silva	
A9	1700	Antônio Ramos	Vitória dos Reis	
A10	1700	Antônio de Souza Botafogo	Antônia	
A11	1700	Antônio de Souza Pinto	Isabel Sardinha	
A12	1700	Antônio de Azevedo Coutinho	Maria Josefa, d.	
A13	1700	Antônio de Araújo	Águeda Gomes	
A14	1701	Afonso Pardo	Ana Gonçalves	
A15	1701	Antônio de Menezes	Mariana	
A16	1701	Antônio de Amorim	Joana da ...	
A17	1701	Antônio Marones da Rocha	Catarina, d.	
A18	1701	Antônio de Campos	Ilegível/destruido	
A19	1701	Antônio Vilela	Maria da ...	
A20	1701	Antônio Correia Pimenta	Cecília ..., d.	
A21	1701	Antônio	Madalena	
A22	1701	Antônio Nunes	Josefa ...	
A23	1701	Antônio Ribeiro	Jerônima ...	
A24	1701	Antônio da Silva	Paulina ...	
A25	1701	Antônio Ferreira	Clara ...	
A26	1701	Antônio Rodrigues	Ilegível/destruido	
A27	1701	Antônio Coutinho de Azevedo	Ilegível/destruido	

Nº	Ano	Orador	Oradora	Observações
A28	1701	Antônio	Isabel	
A29	1701	Antônio de Souza	Ilegível/destruido	
A30	1702	Afonso de Antão (repetido? Vide A50)	Ana da Conceição	
A31	1702	A... Rodrigues	Inês Antunes	
A33	1702	Aires de Souza	Teodora Nunes	
A34	1702	Antônio Gaspar	Antônia Correia	
A35	1702	Agostinho Rodrigues	Ilegível/danificado	
A36	1702	Antônio Ascenso	Ana da Conceição	
A37	1702	Agostinho Campos	Catarina ...	
A38	1702	André Soares	Ana da Silva	
A39	1702	Antônio Ferreira	Teresa de Barcelos	
A40	1702	Antônio Cardoso	Isabel Ramalho	
A41	1702	André Soares	Ana da Silva	
A42	1702	Antônio João de Oliveira	Francisca das Chagas	
A43	1702	Antônio de Azevedo	Joana Pinheiro	
A44	1702	Álvaro da Rocha	Antônia da Costa	
A45	1702	Antônio de Barros Leite	Branca Barbosa, d.	
A46	1702	Antônio André	Mariana Mendes	
A47	1702	Antônio Garpar	Antônia Correia	
A48	1702	Antônio de Souza	Marcela Caldeira (?)	
A49	1702	Antônio Dias da Rocha	Maurícia Gonçalves	
A50	1702	Antônio Afonso de Antão (repetido? vide A30)	Ana da Conceição	
A51	1702	Antônio da Silva	Páscoa da Ressurreição	
A52	1702	Antônio da Costa Pereira (?)	Perpétua da Costa	
A53	1702	A... Almeida (?)	Bárbara da Silva	
A54	1702	A... Ferreira	Teresa de Barcelos	
A55	1702	A ... da Cunha	Maria Borges	
A56	1702	A... Rodrigues Pereira	Isabel Rangel	
A57	1702	A... Campos	Catarina de Siqueira	
A58	1702	A... Rodrigues Chaves	Isabel Gomes de Sá	
A59	1702	... Macedo	Grácia da Costa, d.	
A60	1702	A... Reis	Maria de Lemos	

Nº	Ano	Orador	Oradora	Observações
A61	1703	Ilegível/danificado	Isabel Rangel	
A62	1703	Ilegível/danificado	Catarina de almeida	
A63	1703	Ilegível/danificado	Lourença Martins	
A64	1703	Ilegível/danificado	Maria da Conceição	
A65	1703	Ilegível/danificado	Maria Henriques	
A66	1703	Ilegível/danificado	Águeda Rodrigues	
A67	1703	Ilegível/danificado	... Almeida	
A68	1703	Ilegível/danificado		
A69	1703	Ilegível/danificado		
A70	1703	Antônio Freire	Maria da Costa	
A71	1703	Antônio Gomes	Maria Henriques	
A72	1703	Alexandre de Aguiar	Francisca Cardoso	
A73	1703	Antônio Álvares	Consuela da Fonseca	
A74	1703	Antônio da Silva	Tomásia dos Santos	
A75	1703	Antônio Tourinho	Maria do Couto	
A76	1703	Antônio Coelho	Rosa Maria de São José	
A77	1703	Antônio Rodrigues	Maria Peres	
A78	1703	Antônio Guedes	Maria Nunes Ribeiro	
A79	1703	Antônio Lopes	Lourença Martins	
A80	1703	Antônio Rodrigues Pereira	Isabel Rangel	
A81	1703	Antônio de Moura	Ana de Souza	
A82	1703	Antônio Correia	Ana Ferreira	
A83	1703	Antônio Álvares da Costa	Josefa Correia	
A84	1703	Antônio da Costa	Maria da Conceição	
A85	1703	Antônio de Morais	Catarina de Almeida	
A86	1703	Antônio Soares	Maria de Pontes	
A87	1703	Antônio Peres Froes	Teresa de Jesus	
A88	1703	André de Souza	Águeda Rodrigues	
A89	1703	Antônio Aranha	Antônia de Torres	
A90	1703	Alexandre de Lemos	Maria Ferreira	
A91	1703	André da Silva	Lourença Correia	
A92	1703	Ambrósio Caldeira	Josefa de Souza	
A93	1704	André da Mota	Leonor de Macedo	
A94	1704	Antônio de Brito	Leonor Gomes	

Nº	Ano	Orador	Oradora	Observações
A95	1704	Antônio do Couto	Joana de Oliveira	
A96	1704	Antônio Muniz Telo	Isabel, d.	
A97	1704	Antônio Pereira Braga	Maria	
A98	1704	Antônio Fagundes	Dionísia Correia	
A99	1704	Antônio Fernandes	Madalena Gonçalves	
A100	1704	Alexandre da Fonseca	Catarina Caldas, d.	
A101	1704	Antônio Fagundes	Dionísia Correia	
A102	1704	Alberto Gonçalves	Isabel da Silva	
A103	1704	Antônio de Toledo	Josefa de ...	
A104	1704	A... Cabral	Ilegível/danificado	
A105	1704	Antônio de Toledo	Josefa de ...	
A106				
A107	1704	A... da Silva	Maria da Purificação	
A108	1704	A... da Costa	Maria dos Passos	
A109	1704	Ângelo de Oliveira	Catarina da Costa	
A110	1704	A... Pereira	Ana Vieira	
A111	1704	Antônio Henriques	Cristina de Leo	
A112	1704	Antônio Gonçalves	Paula de Campos	
A113	1704	Antônio da Costa Ribeiro	Antônia Correia	
A114	1704	Antônio Teixeira	Ana da Costa	
A115	1704	Antônio de Oliveira	Bárbara de Abreu	
A116	1704	A... Monteiro	Maria Barbosa	
A117	1704	A... Azevedo	Luisa d'Ávila, d.	
A118	1704	Antônio de Almeida	Luisa de Espínola	
A119	1704	Antônio Rodrigues	Margarida Bicuda	
A120	1704	Alexandre de Moura	Francisca de Oliveira	
A121	1704	Ascenso Nunes	Natália de Jesus	
A122	1704	Antônio Francisco	Feliciana do Canto	
A123	1704	Antônio de Sá Barbosa	Isabel de Azevedo, d.	
A124	1705	Antônio Alves do Couto	P´scoa da Ressurreição	
A125	1705	Agostinho dos Santos	Maria Ribeira	
A126	1705	Antônio de Souza	Paula de Almeida	
A127	1705	Antônio Cabral	Maria do O	
A128	1705	Antônio da Cunha	Maria Pereira	

Nº	Ano	Orador	Oradora	Observações
A129	1705	Antônio dos Santos	Joana Maria, d.	
A130	1705	Antônio Rodrigues Portugal	Joana Nunes	
A131	1705	Antônio Ribeiro	Ana Barbosa	
A132	1705	Antônio da Cunha	Maria Bernarda	
A133	1705	Antônio Soares	Juliana da Silva	
A134	1705	Antônio Luís	Antônia Correia	
A135	1705	Antônio de Almeida	Ana Maria	
A136	1705	Antônio Pereira	Teresa de Jesus	
A137	1705	Antônio Cabral	Domingos de Mendonça	
A138	1705	Antônio Ribeiro	Ana Barbosa	
A139	1705	Antônio Correia Leite	Isabel Pereira	
A140	1705	Antônio Gonçalves	Vitória da Costa	
A141	1705	Antônio Teixeira	Brites da Penha, d.	
A142	1705	Antônio Ribeiro	Ana Barbosa	
A143	1705	Antônio de Souza	Luzia de Siqueira	
A144	1705	Antônio de ...	Floprência de Oréns	
A145	1705	A... Freire	Rosa Maria	
A146	1705	Antônio Francisco de Souza	Joana Souto	
A147	1705	Antônio Ferreira de Souza	Antônia Maria de Souza	
A148	1705	Antônio de Anchieta	Inácia Borges	
A149	1705	Antônio Ribeiro	Ana Barbosa	
A150	1705	Antônio Gomes Sardinha	Isabel de Cristo	
A151	1705	Antônio das Neves	Ana da Conceição	
A152	1706	Alonso Maciel Tourinho	Teresa Barbalho, d.	
A153	1706	Agostinho Rodrigues	Felipa de Barros	
A154	1706	Antônio Gomes Pessoa	Inácia Ribeiro	
A155	1706	Antônio Ferreira dos Santos	Francisca de Almeida	
A156	1706	Antônio Lopes Viana	Catarina da Silva	
A157	1706	Antônio da Costa	Lourença da Fonseca	
A158	1706	Afonso Lopes da Costa	Leonor Correia, d.	
A159	1706	Antônio de Aguiar	Maria Rodrigues Rangel	
A160	1706	Amaro Gonçalves	Clara Martins	

Nº	Ano	Orador	Oradora	Observações
A161	1706	Antônio Moreira da Cruz	Isabel do Amaral	
A162	1706	Apolinário Marins	Apolinária Barbosa	
A163	1706	Alexandre de Moura	Florência da Costa	
A164	1706	Antônio Nabos	Josefa de Souza	
A165	1706	Antônio Fernandes	Teresa de Jesus	
A166	1706	André João de Moura	Ana Borges	
A167	1706	André Correia	Ana Gertrudes, d.	
A168	1706	André de Souza	Isabel da Cunha	
A169	1706	Antônio Dias	Bernarda da ...	
A170	1706	Alonso Coutinho	Josefa da Silva, d.	
A171	1706	Antônio de Matos da Silva	Isabel Pereira	
A172	1706	Antônio Lobo	Beatriz Messia	
A173	1706	Antônio de Melo	Mariana de Oliveira, d.	
A174	1706	André de Souza	Maria Antônia, d.	
A175	1706	Antônio Rabelo	Maria Pimentel	
A176	1706	Antônio do Couto	Arcângela Miguel	
A177	1707	Antônio de Andrade	Maria ...	
A178	1707	Antônio Gomes	Maria da Costa	
A179	1707	Antônio Correia	Maria de Ledesma	
A180	1707	Antônio Ferreira	Isabel Rodrigues	
A181	1707	Antônio Lopes	Ana Correia	
A182	1707	Antônio Freire Sardinha	Teresa Correia	
A183	1707	Antônio da Cunha	Brites de Azevedo, d.	
A184	1707	Antônio Montejo (?)	Paula de Azevedo, d.	
A185	1707	Antônio Gonçalves Cruz	Joana de Oliveira	
A186	1707	Agostinho Monteiro	Brites Gramacho	
A187	1707	Antônio Beato	Grácia Pontes	
A188	1707	Antônio da Fonseca Furtado	Clara André	
A189	1707	Antônio Martins	Maria da Silva	
A190	1707	Antônio Rodrigues	Luisa de Moura	
A191	1707	Antônio Batista	Catarina Anes	
A192	1707	Agostinho de Pinho	Helena Pereira	
A193	1707	André de Barros	Luisa de Seixas, d.	

Nº	Ano	Orador	Oradora	Observações
A194	1707	Antônio Rodrigues	Inácia Rangel	
A195	1707	Antônio dos Santos	Maria Ribeira	
A196	1707	Antônio da Silva	Marinha da Costa	
A197	1707	Antônio Soares de Azevedo	Catarina de Sene, d.	
A198	1707	Antônio dos Santos	Joana Ferreira	
A199	1707	Antônio Pereira	Antônia Nunes	
A200	1707	André Vieira	Ana de espinha	
A201	1707	Antônio Pereira	Luzia Fernandes da Costa	
A202	1707	Alexandre Ferreira	Isabel Soares	
A203	1707	Antônio Lopes de Faria	Maria dos Anjos	
A204	1708	Antônio de Oliveira	Maria da Costa	
A205	1708	Antônio Ferreira	Isabel Soares	
A206	1708	Antônio Ferreira Barbosa	Florência de Campos	
A207	1708	Antônio Barbosa	Beatriz de Gouveia	
A208	1708	Antônio de Oliveira	Isabel de Jesus	
A209	1708	Antônio Gomes	Aurélia Antunes	
A210	1708	Antônio Gomes de Matos	Leonor Pereira	
A211	1708	Antônio do Couto	Joana de Oliveira	
A212	1708	A... de Oliveira	Ana da Silveira	
A213	1708	A... Barros Souza	Domingas da Costa	
A214	1708	A... Silva	Bárbnara da Rocha	
A215	1708	A... Gonçalves	Micaela da Silva	
A216	1708	A... Gonçalves	Feliciana de Campos	
A217	1708	Antônio de Oliveira Raulha (?)	Micaela Gomes	
A218	1708	Antônio Pereira da Cruz	Ana da Costa	
A219	1708	André Cardoso	Eugênia da Rocha	
A220	1709	Antônio Cardoso Barbosa	Ana Azevedo, d.	
A221	1709	Antônio Correia do Amaral	Clara Azevedo	
A222	1709	Antônio Correia do Amaral	Luisa da Costa	
A223	1709	Amaro da Silveira	Máxima Pinto	
A224	1709	Antônio Ferreira de Lima	Maria de Assunção	

Nº	Ano	Orador	Oradora	Observações
A225	1709	Antônio Machado	Maria de Freitas	
A226	1709	Agostinho Correia, preto forro	Lourença, preta forra	
A227	1709	Antônio da Cunha	Josefa de Oliveira	
A228	1709	Antônio Pires dos Santos	Antônia de Souza	
A229	1709	Antônio Francisco Pereira	Domingas Lopes	
A230	1709	Antônio Paes de Souza	Catarina do Bonsucesso	
A231	1709	Antônio de Camargo	Maria de Morais	
A232	1709	Aleixo Rodrigues	Maria de Aguiar	
A233	1709	Antônio Rodrigues	Águeda Rodrigues	
A234	1709	Antônio Teixeira	Teresa de Marins	
A235	1709	Agostinho Ferreira	Isabel Pacheco	
A236	1709	Aleixo Leme		Justificação
A237	1709	Antônio, preto escravo	Domingas da Conceição	
A238	1710	Antônio Barbosa	Luisa Barbosa	
A239	1710	Antônio Fernandes Valqrª (?)	Ana Correia	
A240	1710	Antônio Furtado	Sebastiana Pereira	
A241	1710	Antônio Pereira da Silveira	Margarida Correia	
A242	1710	Alexandre de Magalhães	Ana Pereira	
A243	1710	Antônio Carvalho de Lucena	Mariana de Jesus, d.	
A244	1710	Antônio da Fonseca	Ana de Muros (?)	
A245	1710	Antônio Ferreira	Catarina de Espinha	
A246	1711	Antônio Saraiva	Maria Pereira de Carvalho	
A247	1711	Antônio, escravo	Beatriz, escrava	
A248	1711	André de Sampaio	Lourença da Silva	
A249	1711	Antônio Gomes	Natália da Conceição	
A250	1711	Antônio Teixeira	Ana Fróes, d.	
A251	1711	Antônio Vieira, escravo	Andreza, escrava	
A252	1711	Antônio Pereira	Joana da Fonseca	
A253	1711	Antônio Fernandes	Ângela Moreira	
A254	1711	Agostinho de Almeida	Catarina da Silveira	
A255	1711	Agostinho Dias dos Santos	Maria de Sá	

Nº	Ano	Orador	Oradora	Observações
A256	1711	Antônio Álvares Pinto	Maria Cardosa	
A257	1711	Antônio da Fonseca Lobo	Antônia da Costa	
A258	1711	Antônio Simões da Silva	Beatriz de Lemos	
A259	1711	Antônio da Silva	Teresa de Jesus	
A260	1711	Antônio Dias	Antônia Gomes	
A261	1711	Antônio Gomes	Inácia da Cunha	
A262	1711	Antônio Fernandes Lima	Catarina Antunes	
A263	1711	Antônio de Souza	Ângela da Costa	
A264	1712	Antônio Gonçalves Neves	Luzia Albuquerque, d.	
A265	1712	Antônio da Cunha	Maria Mendes	
A266	1712	Antônio da Silva	Florência de Souza	
A267	1712	Antônio Carvalho	Isabel da Silveira	
A268	1712	Antônio da Silva	Ana Cardosa	
A269	1712	Agostinho Pimenta	Isabel de Marins	
A270	1712	Alberto Torres	Luzia Correia	
A271	1712	André Nogueira Machado	Maria Rider (?)	
A272	1712	Antônio Neves	Helena da Cruz	
A273	1712	Antônio de Matos	Guiomar da Silva	
A274	1712	Antônio de Oliveira	Isabel do Pilar	
A275	1712	Antônio Rabelo Pereira	Helena de Sampaio, d.	
A276	1712	Antônio Vaz, preto	Ângela Correia	
A277	1712	Agostinho Coelho	Maria Ataíde	
A278	1712	A... Gonçalves	Maria Ribeira	
A279	1712	Antônio de Almeida	Ana Freire	
A280	1712	Antônio Rodrigues	Joana de Oliveira	
A281	1712	Antônio Barbosa	Catarina Borges	
A282	1712	Agostinho Ferreira	Solana Ferreira	
A283	1712	Antônio de Oliveira Paes	Brites de Almeida	
A284	1712	Antônio da Silva	Ana Peres de Jesus	
A285	1712	Amaro Ribeiro Serra	Isabel da Costa	
A286	1712	Antônio de Oliveira	Clara de Mendonça	
A287	1712	Antônio Ferreira	Isabel Fróes	
A288	1712	Antônio Baldes de Leão	Maria de Assunção	
A289	1712	Antônio Gomes	Joana de Brito	

Nº	Ano	Orador	Oradora	Observações
A290	1712	Antônio Ribeiro	Ana Assunção	
A291	1712	Antônio Francisco	Mariana Furtado	
A292	1712	Antônio Rodrigues Freitas	Urbana de Oliveira	
A293	1712	André Álvares de Alvarenga (?)	Luzia de Proença	
A294	1712	Antônio Francisco	Margarida Correia	
A295	1713	Antônio Monteiro	Isabel Furtado	
A296	1713	Antônio Gago de Oliveira	Apolônia Velosa	
A297	1713	Antônio Mendes Costa	Maria de Jesus	
A298	1713	Agostinho Rodrigues	Isabel Gomes	
A299	1713	Antônio Francisco	Josefa Ribeiro	
A300	1713	Antônio Rodrigues Chaves	Páscoa da Silva	
A301	1713	Antônio Teixeira	Páscoa de Souza	
A302	1713	Antônio da Mota	Violante da Costa	
A303	1713	Antônio Vaz	Luisa da Costa	
A304	1713	Antônio Esteves	Paula Mendes	
A305	1713	Antônio de Abreu	Inácia Pinto	
A306	1713	Antônio das Neves	Isabel de Oliveira	
A307	1713	Antônio Maciel	Maria Tavares	
A308	1713	Antônio da Guerra	Luzia de Morais	
A309	1713	Ascenso Lopes del Rios	Helena Barbosa	
A310	1713	Antônio Rodrigues	Antônia de Alvarenga	
A311	1713	Antônio Gomes	Margarida Ferreira dos Anjos	
A312	1713	Apolinário Pereira	Liam (?) Gomes	
A313	1713	Alexandre de Araújo Caldas	Isabel Correia	
A314	1713	Antônio da Fonseca Pinho	Maria dos Anjos	
A315	1713	André Rodrigues	Eugênia Soares	
A316	1713	Antônio Lopes	Joana Mendes	
A317	1713	Antônio Barbosa Leitão	Joana Vitória	
A318	1713	Antônio de Lemos Vieira	Isabel da Silva	
A319	1714	Alexandre Ribeiro	Teresa de Jesus	
A320	1714	Antônio Pereira	Francisca de Oliveira Prates	

Nº	Ano	Orador	Oradora	Observações
A321	1714	Antônio dos Santos	Ana de Abreu	
A322	1714	Ascenço Gomes dos Reis	Leonarda Maria	
A323	1714	Antônio de Araújo	Lúcia Gonçalves	
A324	1714	Antônio Francisco	Francisca Ribeira	
A325	1714	Antônio da Rosa	Ana Luís	
A326	1714	Antônio Álvares da Costa	Maria Araújo	
A327	1714	Alexandre Rodrigues	Josefa Correia	
A328	1714	Antônio Pereira	Joana Pinheiro	
A329	1714	Antônio da Silva	Maria de Jesus	
A330	1714	Antônio da Assunção	Páscoa de Oliveira	
A331	1714	Antônio da Silva	Inácia Correia	
A332	1714	Antônio Álvares da Cruz	Luisa Pereira	
A333	1714	Antônio Muniz Bareto	Maria Vieira, d.	
A334	1714	Antônio de Afonseca	Isabel de Vasconcelos	
A335	1714	Antônio Barrocas	Maria Correia	
A336	1714	Antônio Gonçalves de Araújo	Isabel Vieira	
A337	1714	Agostinho de Barros	Jacinta Gomes	
A338	1714	Antônio Dias Delgado	Bárbara de Menezes	
A339	1714	Antônio Viegas	Beatriz Gomes Sardinha	
A340	1714	Antônio Leitão	Teresa de Jesus	
A341	1714	Antônio Carneiro	Eulália da Silva	
A342	1714	Ascenço Pereira	Andreza da Fonseca	
A343	1715	Antônio Rodrigues	Antônia de Jesus	
A344	1715	Antônio Lopes	Teresa de Lima	
A345	1715	Álvaro de Souza	Rosa da Fonseca	
A346	1715	Antônio Jorge Maia	Eufrásia de Oliveira	
A347	1715	Agostinho Rodrigues Viana	Maria de Lucena	
A348	1715	Antônio Carreiro	Catarina de sene	
A349	1715	Antônio Barbosa	Maria Mealhas (sic)	
A350	1715	Antônio Gonçalves	Leonor da Costa	
A351	1715	André da Silva	Josefa de Souza	
A152	1715	André de Medeiros	Maria Pereira	

Nº	Ano	Orador	Oradora	Observações
A353	1715	Ascenço Dias	Paula de Aguiar	
A354	1715	Antônio Pires	Maria da Silva	
A355	1715	Alberto de Souza	Ana Maciel	
A356	1715	Antônio Figueiró	Isabel Vieira da Conceição, d.	
A357	1715	Antônio da Fonseca Furtado	Clara de Andrada, d.	
A358	1715	Antônio de Souza	Úrsula Correia	
A359	1715	Alexandre Correia	Josefa Barreto	
A360	1715	Antônio Lopes Amorim	Guiomar do Bonsucesso	
A361	1715	Antônio do Vale	Antônia Coelha da Silva	
A362	1715	Antônio Ferreira	Engrácia Rodrigues	
A363	1716	Antônio Pinto Coutinho	Mariana Pereira de Souza	
A364	1716	Antônio Melo da Silva	Antônia dos Santos	
A365	1716	André Cardoso Cotrim	Maria de Almeida	
A366	1716	Antônio Ribeiro	Joana da Silva	
A367	1716	Antônio Ferreira da Silva	Maria Francisca Barbalho	
A368	1716	Ilegível/danificado	Antônia de Souza	
A369	1716	Ilegível/danificado	Isabel do Espírito Santo	
A370	1716	Ilegível/danificado		
A371	1716	Ilegível/danificado		
A372	1716	Ilegível/danificado		
A373	1716	Ilegível/danificado		
A374	1716	Ilegível/danificado		
A375	1716	Ilegível/danificado		
A376	1716	Ilegível/danificado		
A377	1716	Ilegível/danificado		
A378	1716	Ilegível/danificado		
A379	1716	Antônio Pereira Cardoso	Paula Maria da Conceição	
A380	1716	Antônio Franco	Silvana Vieira	
A381	1716	Antônio Lobo de Alarcão	Inês Teles, d.	
A382	1716	Amaro Barbosa Viana	Mariana Cabral	
A383	1716	Antônio da Mota	Eugênia Maria	
A384	1716	Antônio Barbosa de Oliveira	Micaela dos Anjos	

Nº	Ano	Orador	Oradora	Observações
A385	1716	Antônio Vieira da Rosa	Cipriana da Cunha	
A386	1716	Antônio Bandeira	Ana Vieira	
A387	1716	Antônio Aguiar	Ana de Abreu	
A388	1716	Antônio Ferreira Travassos	Francisca Pimenta, d.	
A389	1716	Antônio Pacheco de Oliveira	Catarina Rodrigues	
A390	1717	Antônio Pinto de Miranda	Ana Maria, d.	
A391	1717	Antônio Gomes Cardoso	Ana Correia	
A392	1717	Ascenço Lopes	Marcela da Costa	
A393	1717	Antônio Correia Barbosa	Antônia de Alencar, d.	
A394	1717	Antônio Aranha	Domingas de Oliveira	
A395	1717	Antônio Ferreira Coimbra	Inácia Maria Francisca	
A396	1717	Antônio de Amorim Lima	Isabel Coelho	
A397	1717	Antônio Coelho Barbosa	Germana de Matos	
A398	1717	Antônio da Rocha Ferreira	Lúcia Cardosa	
A399	1717	Antônio Ferreira de Carvalho	Ilegível/danificado	
A340	1717	Antônio Machado	Ilegível/danificado	
A341	1717	André Ferreira	Ilegível/danificado	
A342	1717	Antônio de Sampaio	Ilegível/danificado	
A343	1717	Ilegível/danificado		
A344	1717	Ilegível/danificado	Maria de Jesus, d.	
A345	1717	Ilegível/danificado		
A346	1717	Ilegível/danificado		
A347	1717	Ilegível/danificado	Helena ?	
A348	1717	Ilegível/danificado		
A349	1717	Álvaro de Almeida	Ilegível/danificado	
A380	1717	Antônio ?	Josefa de Jesus	
A381	1717	Antônio ?	Hilária da Fonseca	
A382	1717	Ilegível/danificado	Maria Fernandes	
A383	1717	Ilegível/danificado		
A384	1717	Ilegível/danificado		
A385	1717	Antônio Marques	Maria Pereira	
A386	1717	Antônio Pereira Galhardo	?	

Nº	Ano	Orador	Oradora	Observações
A387	1717	Antônio Nunes	Luisa Vieira	
A388	1717	Antônio Francisco Palmeira	Isabel do Espírito Santo	
A389	1717	Antônio Martins dos Reis	Maria Cardoso dos Reis	
A390	1717	Antônio da Rocha Pita	Maria do Rosário	
A391	1717	Agostinho Ribeiro de Souza	Bernarda de Peralta	
A392	1717	Antônio Rodrigues	Cecília da Silveira	
A293	1717	Antônio Coutinho Figueiredo	Joana de Soberal, d.	
A394	1717	Antônio de Almeida Bandeira	Beatriz de Lírio	
A395	1718	Anselmo de Souza	Inácia de Souza	
A396	1718	Antônio Rodrigues Figueira	Maria Ferreira	
A397	1718	Antônio Lourenço	Maria de Mendonça	
A398	1718	Álvaro Rodrigues Lima	Vitória ?	
A399	1718	Antônio Nogueira da Silva	Teresa de Jesus	
A400	1718	Antônio Gonçalves Rosa	Conceição de Barbosa	
A401	1718	Antônio dos Santos Lobato	Antônia ?	
A402	1718	Ilegível/danificado		
A403	1718	Ilegível/danificado		
A404	1718	Ilegível/danificado		
A405	1718	Ilegível/danificado		
A406	1718	Ilegível/danificado		
A407	1718	Ilegível/danificado		
A408	1718	Ilegível/danificado		
A409	1718	Ilegível/danificado		
A410	1718	Ilegível/danificado		
A411	1718	Ilegível/danificado		
A412	1718	Ilegível/danificado		
A413	1718	Ilegível/danificado		
A414	1718	Antônio Cardoso	Joana Soares	
A415	1718	Antônio Curvelo	Luzia Maria	
A416	1718	Ascenço Nunes	Páscoa da Ressurreição	

Nº	Ano	Orador	Oradora	Observações
A417	1718	Ascenço Barbalho	Jacinta Rodrigues	
A418	1718	Antônio Luís de França	Florença da Silva	
A419	1718	Antônio Ferreira de França	Maria do Amaral	
A420	1718	Antônio Ribeiro Guimarães	Maria da Conceição	
A421	1718	Antônio da Costa Faria	Úrsula de Arão Tardim	
A422	1719	Antônio Coutinho	Vitória de Jesus	
A423	1719	Antônio da Costa Viana		Certidão de banhos
A424	1719	Antônio de Basto	Rufina dos Santos	
A425	1719	André, preto	Luzia, preta	
A426	1719	Antônio Pinto, pardo	Domingas Pinto, preta	
A427	1719	Antônio Leitão da Costa	Grácia de Oliveira	
A428	1719	Antônio Teixeira Pinto	Isabel da Rocha	
A429	1719	Antônio Pires da Luz	Margarida de Lima	
A430	1719	Antônio Rodrigues Vale	Custódia Rangel	
A431	1719	Agostinho de Souza	Josefa de Araújo	
A432	1719	Antônio Fróes	Isabel Martins	
A433	1719	Afonso Tavares da Costa	Bernarda Maria	
A434	1719	Antônio da Costa		Certidão de banhos
A435	1719	Antônio Lobo de Faria	Francisca Furtado de Mendonça	
A436	1719	Antônio Francisco de Oliveira	Branca de Souza	
A437	1719	A... Nunes	Bárbara da Rosa	
A438	1719	A... da Silva Guimarães		Certidão de banhos
A439	1719	A... Saldanha		Certidão de banhos
A440	1719	Antônio Pereira de ...		Certidão de banhos
A441	1719	Ilegível/danificado		
A442	1719	Ilegível/danificado		
A443	1719	Ilegível/danificado		
A444	1719	Ilegível/danificado		
A445	1719	Ilegível/danificado		

Nº	Ano	Orador	Oradora	Observações
A446	1719	Ilegível/danificado		
A447	1719	Ilegível/danificado		
A448	1719	Ilegível/danificado		
A449	1719	Ilegível/danificado		
A450	1719	Ilegível/danificado		
A451	1719	Ilegível/danificado		
A452	1719	Ilegível/danificado		
A453	1719	Antônio Monteiro	Maria Isabel José	
A454	1719	Agostinho Gonçalves	Helena da Cruz	
A455	1719	Antônio da Silva Borges	Teresa Maria de Jesus	
A456	1720	Antônio Vieira Gularte	Mariana de Santa Clara	
A457	1710	Antônio Vieira Xavier		Certidão de banhos
A458	1720	Antônio Francisco de oliveira	Maria de Azevedo	
A459	1720	Antônio da Rocha Franco	Maria da Piedade	
A460	1720	Alexandre de Oliveira	Vitória Pereira	
A461	1720	Antônio João Chaves	Maria Ribeira	
A462	1720	Antônio Álvares de Souza	Josefa de Souza Pereira	
A463	1720	Alexandre Soares	Mônica de Lemos	
A464	1720	Apolinário da Costa	Antônio da Silva	
A465	1720	Antônio Nunes de Morais	Clara de Azevedo	
A466	1720	Antônio Pereira Pinto	Teresa Vieira de Jesus	
A467	1720	Antônio Cardoso Coutinho	Luzia de Abreu, d.	
A468	1720	Antônio de Aguiar	Luzia Maria Osório	
A469	1720	Antônio de Afonseca Gouveia	Juliana da Assunção	
A470	1720	Antônio Luís da Cruz	Antônia Vieira	
A471	1720	Antônio de Jesus	Eugênia da Costa Cabral	
A472	1720	Antônio Nunes de Morais	Maria Rosa	
A473	1720	Antônio Pires da Fonseca	Ana Pereira	
A474	1720	Antônio da Silva, pardo	Apolônia de Almeida	
A475	1720	Ascenço Rodrigues Sarmiento	Mariana de Souza	
A476	1720	Alexandre da Costa	Antônia Nunes	

Nº	Ano	Orador	Oradora	Observações
A477	1720	Ascenço da Costa	Tomásia Fernandes	
A478	1720	Antônio Francisco de Souza	Caetana Maria	
A479	1720	Antônio Rodrigues Santiago	Tomásia de Souza	
A480	1720	Antônio Soares	Rosa Maria	
A481	1720	Antônio de Almeida	Suzana de Alvarenga	
A482	1720	Antônio Machado de Souza	Luisa da Silva	
A483	1720	Antônio Aranha	Maria Esteves da Costa	
A484	1720	Antônio Rodrigues Sarmento		Certidão de banhos
A485	1720	Antônio de Souza Guimarães	Ana Coelho	
A486	1720	Antônio Carvalho de Oliveira		Certidão de banhos
A487	1720	Antônio de Brito Lira		Certidão de banhos
A488	1720	Ambrósio Martins	Ângela Correia	
A489	1720	Antônio de Souza		Certidão de banhos
A490	1720	Antônio das Neves	Joana Ferreira	
A491	1720	André da Silva	Leonor Vieira	
A492	1721	Agostinho de Souza Cabral	Juliana Fagundes	
A493	1721	Amador Colaço	Maria das Candeas	
A494	1721	Agostinho Vás Ramos	Joana Leitoa	
A495	1721	Antônio Gomes Pereira	Lucrécia Viegas	
A496	1721	Antônio Pereira Barreto	Rosa Maria	
A497	1721	Antônio Ramos de Morais	Lúcia da Assunção	
A498	1721	André Álvares de Freitas	Maria da Costa	
A499	1721	Antônio da Silva		Certidão de banhos
A500	1721	Antônio Pereira Rangel	Córdula Vieira	
A501	1721	Amaro Ferreira Ferraz		Certidão de banhos
A502	1721	Antônio Ferreira Pinto		Certidão de banhos
A503	1721	Antônio da Silva		Justificação

				solteiro
Nº	**Ano**	**Orador**	**Oradora**	**Observações**
A504	1721	Antônio de Souza	Joana Pimenta	
A505	1721	Antônio Nunes de Aguiar	Maria Dias	
A506	1721	Antônio Rodrigues Lara		Certidão de banhos
A507	1721	Antônio Pacheco	Mariana de Souza	
A508	1721	Agostinho de Aguiar	Marcelina Teixeira	
A509	1721	Antônio Ferraz Castelo Branco	Andréa de Souza, d.	
A510	1721	André Fernandes de Oliveira		Certidão de banhos
A511	1721	Antônio Borges de Souza		Certidão de banhos
A512	1721	Antônio de Siqueira Rondon	Maria Pereira	
A513	1721	Antônio Monteiro Serpa	Paula da Costa	
A514	1721	Antônio Correia d'Ávila	Margarida de Aguiar	
A515	1721	Antônio Martins de ...	Vicência Coelho	
A516	1721	Antônio Rodrigues Souto		Certidão de banhos
A517	1721	Antônio da Costa Soares		Certidão de banhos
A518	1721	Antônio Nunes Mourão	Maria de Marins	
A519	1721	Alexandre de Almeida	Maria das Neves	
A520	1721	Antônio Monteiro	Antônia da Costa Muniz	
A521	1721	Antônio Pereira Machado	Mariana do Pilar	
A522	1721	Ângelo de Camargo	Maria Buena	
A523	1721	Antônio de Azevedo Homem	Ana de Abreu, d.	
A524	1721	Antônio da Cunha	Josefa Martins	
A525	1721	Alexandre Mendes	Maria Pereira	
A526	1722	Antônio Cardoso, preto forro	Francisca Pinto, parda	
A527	1722	Antônio Álvares Pugas	Antônia Furtado	
A528	1722	Álvaro Requeixo de Oliveira	Josefa Gomes da Silva	
A529	1722	Ambrósio d'Ávila	Josefa Maria	
A530	1722	Antônio Rodrigues	Teresa de Jesus	

Nº	Ano	Orador	Oradora	Observações
A531	1722	Antônio de Almeida Soares		Certidão de banhos
A532	1722	Antônio da Silva Ribeiro	Páscoa de Oliveira	
A533	1722	André de Barros, pardo	Josefa Pereira	
A534	1722	Amaro da Silva Ribeiro	Maria de Paiva	
A535	1722	Antônio Tavares da Rocha	Catarina de Almeida	
A536	1722	Antônio Álvares Pereira	Inácia de Jesus	
A537	1722	Antônio Gonçalves Ribeiro	Isabel da Silva	
A538	1722	Antônio Furtado de Mendonça	Isabel da Silva	
A539	1722	Antônio Simões Jacinto	Maria Vieira	
A540	1722	Antônio Cardoso	Mariana Cardosa	
A541	1722	Antônio Pereira	Maria Pereira	
A542	1722	Antônio de Andrade	Tomásia de Lima	
A543	1722	Antônio Fernandes	Antônia de Faria	
A544	1722	Antônio Teixeira de Carvalho	Inácia de Jesus, d.	
A545	1722	Antônio Correia	Bárbara Teresa	
A546	1722	André Pereira	Margarida Francisca	
A547	1722	Antônio da Conceição		Certidão de banhos
A548	1722	Antônio Pereira Coimbra	Mônica de Araújo	
A549	1722	Antônio Correia	Verônica de Jesus	
A550	1722	Antônio da Silva Cordeiro	Beatriz de Souza	
A551	1722	Alexandre, pardo escravo	Faustina, preta	
A552	1722	André George de Campos	Verônica Cardosa	
A553	1722	André Lopes	Luisa da Silva	
A554	1722	Antônio Fernandes da Costa	Felipa da Silva	
A555	1722	Antônio Mendes	Ana Maria do Rosário	
A556	1722	Álvaro Dias Lopes	Joana do Soberal, d.	
A557	1722	Antônio Rodrigues de Gouveia	Maria de Leão	
A558	1722	Antônio Gonçalves Álvares		Certidão de banhos
A559	1722	Aires da Cruz	Teresa de Jesus	

Nº	Ano	Orador	Oradora	Observações
A560	1722	Antônio Ferreira Coelho		Certidão de banhos
A561	1722	André Mascarenhas	Maria de Jesus, d.	
A562	1722	Antônio Rodrigues Vaz		Certidão de banhos
A563	1722	Antônio Duarte	Úrsula Rabelo	
A564	1722	Agostinho Fernandes	Josefa Rodrigues	
A565	1722	Antônio de Afonseca	Josefa Maria, d.	
A566	1722	Antônio da Fonseca Silva	Lucinda Pereira. d.	
A567	1722	Antônio de Andrade Amaral	Antônia Gomes de Jesus	
A568	1723	Antônio Carvalho	Isabel Pacheco Freire	
A569	1723	Antônio Rodrigues Lisboa	Grácia da Silveira	
A570	1723	André Gomes Zagalo	Helena Pereira	
A571	1723	Antônio Domingues dos Santos	Maria da Fonseca	
A572	1723	Antônio Nunes de Alvarenga	Rosa Coutinho de Souza	
A573	1723	Antônio da Silva Dias	Maria da Fonseca Varela	
A574	1723	Antônio Monteiro Franco	Narcisa da Assunção	
A575	1723	Antônio Josepe Machado	Gertrudes da Costa	
A576	1723	Antônio Rodrigues dos Santos	Antônia Correia	
A577	1723	Antônio de Barros	Maria Ribeiro Nunes	
A578	1723	Antônio de Carvalho	Antônia Ferreira de Castilho	
A579	1723	Antônio de Matos Coutinho	Josefa Pinheiro Cardoso	
A580	1723	Ascenço Monteiro de Andrade	Maria Rodrigues da Cunha	
A581	1723	Antônio Ramos Siqueira	Plácida Freire	
A582	1723	Antônio da Costa	Maria Barbosa	
A583	1723	Antônio Francisco dos Reis	Maria Vieira Alvarenga	
A584	1723	Antônio Rodrigues	Maria de Jesus	
A585	1723	Antônio Cordeiro da Silva	Brígida de Proença	
A586	1723	Antônio da Silva Sobral	Joana Gonçalves Pinto	
A587	1723	Antônio ... e Silva	Helena de Campos, d.	

Nº	Ano	Orador	Oradora	Observações
A588	1723	Ascenço Fernandes Pereira	Úrsula Martins	
A589	1723	Antônio de Escovar	Ana de Sampaio, d.	
A590	1723	A ... da Silva e Souza	Inácia de Morais, d.	
A591	1723	Antônio de Mendonça	Luisa Francisca, d.	
A592	1723	Antônio Gonçalves, preto	Bárbara de Jesus, preta	
A593	1723	Antônio Duarte Pereira	Teresa de Santiago	
A594	1723	Antônio da Rocha Nunes	Maria de Freitas	
A595	1723	Agostinho Domingues	Luzia Pereira de Lemos	
A596	1723	Antônio, preto escravo	Josefa, preta forra	
A597	1723	Antônio Ribeiro dos Santos	Rosa de Jesus	
A598	1723	Antônio Mendes Barreto	Lourença Gomes	
A599	1723	Antônio da Costa Silveira	Luisa Correia de Jesus	
A600	1723	Antônio Pereira Rodrigues	Domingas de Souza	
A601	1723	Agostinho Lopes Fernandes	Maria da Conceição	
A602	1723	Antão Soares, preto escravo	Marcela da Costa	
A603	1723	Antônio da Silva	Helena Cardoso	
A604	1723	Antônio Lopes, pardo forro	Josefa, parda escrava	
A605	1723	Antônio Pereira	Maria Cardosa	
A60	1723	Antônio Ferreira	Florência Feliz (Félix?)	
A607	1723	Antônio Gomes Cordeiro	Joana Cordeiro	
A608	1723	Antônio Ribeiro da Costa	Maria Ribeiro	
A609	1723	Antônio Ribeiro de Oliveira	Rosa Maria dos Anjos	
A610	1723	Antônio Álvares	Joana de Sá e Passos	
A611	1723	Antônio Ferreira Homem	Inês da Silva	
A612	1723	Antônio Pinheiro Falcão	Marcelina de Chaves	
A613	1724	Antônio de Freitas	Ana Figueira	
A614	1724	Antônio Rodrigues Lage	Clara Pereira	
A615	1714	Antônio de Andrade	Tomázia de Lima	
A616	1724	Antônio da Silva	Inácia Alves da Costa	
A617	1724	Ascenço d'Ávila	Paula Rodrigues	

Nº	Ano	Orador	Oradora	Observações
A618	1724	Ascenço Lopes, pardo	Antônia de Melo	
A619	1724	Antônio Baldez	Inácia de Jesus	
A620	1724	Antônio Dias da Silva	Luzia da Costa ?	
A621	1724	Antônio Nunes de Castro	Catarina Martins	
A622	1724	Amaro Álvares Fragoso	Ana, preta forra	
A623	1724	Antônio da Silva Pimentel	Maria Josefa, d.	
A624	1724	Antônio Gonçalves Viana	Paula Cardoso	
A625	1724	Antônio de Barros	Bárbara Dias Rangel	
A626	1724	André da Costa, preto	Paula Pinto, preta	
A627	1724	Antônio Duarte da Rosa	Ana Barbosa	
A628	1724	Apolinário Teixeira	Ana Moreira	
A629	1724	Antônio Gonçalves ...	Ângela Andrade	
A630	1724	Agostinho de Barros Araújo	Maria Pereira Leite	
A631	1724	Antônio José de Freitas		Certidão de banhos
A632	1724	Amaro Ribeiro Silva	Ana Bentes da Costa	
A632	1724	Antônio Gomes	Maria do Pilar	
A634	1724	Antônio Gonçalves Ramalho	Isabel Paes	
A635	1724	André Lopes da Rocha	Felipa Carvalho, d.	
A636	1724	Antônio de Lemos	Antônia Nunes de Almeida	
A637	1724	Agostinho da Costa	Maria Josefa	
A638	1724	Antônio Moniz Barreto	Domingas da Silva	
A639	1724	Ascenço da Costa, pardo	Maria Mendes de Sá	
A640	1724	Amaro Fernandes	Bárbara Barreto, d.	
A641	1724	Antônio de Almeida	Maria de Oliveira	
A642	1724	Antônio Pereira Braga	Maria Cabral de Távora	
A643	1724	Antônio de Azevedo	Ana da Costa	
A644	1724	Antônio Dias do Amaral	Helena Maria de Miranda	
A645	1724	Antônio Correia Sardinha		Certidão de Banhos
A646	1724	Antônio José Louzada	Rosa Frade (?) de Jesus	
A647	1724	Antônio Vaz da Silva	Antônia de Moura, d.	
A648	1724	Antônio Barreto	Bárbara Nunes, parda	

Nº	Ano	Orador	Oradora	Observações
A649	1724	Antônio da Costa Barbosa	Felipa de Amorim	
A650	1724	Antônio de Muros Rangel	Leonor da Fonseca, d.	
A651	1724	André Cursino		Certidão de Banhos
A652	1724	Alexandre Batista	Antônia Rosa	
A653	1724	Antônio Luís, preto forro	Maria da Cruz, parda	
A654	1724	Antônio Gomes da Silva	Teresa Pereira	
A655	1724	Antônio Dias Lima	Francisca de Santa Clara	
A656	1724	Antônio de Faria Melo	Mariana Bonifácio, d.	
A657	1724	Antônio Lopes Pessoa	Isabel Quaresma	
A658	1724	Antônio Luís, preto	Maria da Silva	
A659	1724	Antônio de Souza Pereira	Josefa Furtado	
A660	1724	André da Silva ...	Leonor Vieira	
A661	1724	Antônio Carvalho	Bernarda Machado	
A662	1724	Antônio da Costa Gouveia	Ana Gouveia	
A663	1724	Agostinho de Marins	Inácia Pereira	
A664	1725	Antônio Carvalho Viela	Apolônia	
A665	1725	Ascenço Pinheiro	Micaela Rodrigues	
A666	1725	Antônio Pachaeco	Maria da Rosa	
A667	1725	Antônio Dias Delgado	Luisa Josefa, d.	
A668	1725	Ascenço Correia	Maria de Lemos Barbosa	
A669	1725	Antônio Lanes	Maria Vieira da Silva	
A670	1725	Antônio de Matos Silva	Valéria Gonçalves	
A671	1725	Antônio Teles de Menezes	Antônia Francisca, preta forra	
A672	1725	Antônio da Rocha Barbosa	Paula de Andrade	
A673	1725	Antônio Rodrigues Vilarinho	Josefa de Souza	
A674	1725	Antônio Ferreira Gomes	Antônia da Fonseca	
A675	1725	Antônio Francisco	Ana Rodrigues	
A676	1725	Antônio Gomes de Araújo	Luzia do Amaral	
A677	1725	Antônio Xavier Fernandes	Violante Ferreira da Silva	
A678	1725	Antônio Jorge, pardo	Ana Maria	
A679	1725	Antônio Lopes de Matos		Certidão de banhos

Nº	Ano	Orador	Oradora	Observações
A680	1725	Amaro Gonçalves	Rosa Maria	
A681	1725	Antônio Monteiro de Abreu	Rosa Mendes	
A682	1725	Antônio Rodrigues do Vale		Certidão de banhos
A683	1725	Antônio Rodrigues Ribeiro	Josefa Maria	
A684	1725	Antônio Alves	Luzia Vieira	
A685	1725	Antônio do Rego Brito	Maria de Amorim, d.	
A686	1725	Antônio Simões	Inácia de Oliveira Távora	
A687	1725	Antônio, preto escravo	Felipa, preta forrra	
A688	1725	Antônio da Mota, preto	Roasa Maria, parda	
A689	1725	Antônio Vieira	Catarina da Silveira	
A690	1725	Antônio Brum	Josefa Maria	
A691	1725	Afonso de Oliveira	Isabel de Souza	
A692	1725	Anastácio Gomes	Inácia de Almeida	
A693	1725	Antônio Machado de ...		Certidão de banhos
A694	1725	Antônio Garcia do Amaral	Ana Maria	
A695	1725	Antônio Álvares Soares	Luisa Nunes da Costa	
A696	1725	Antônio Rodrigues	Teresa de Jesus	
A697	1725	Antônio Lopes de Souza	Inácia de Marins	
A698	1725	Antônio Gomes de Souza	Luzia Pimenta	
A699	1725	Antônio Fernandes Braga	Ana de Jesus	
A700	1725	Antônio Álvares, preto escravo	Bianca Ferreira	
A701	1725	Antônio Pinto, escravo	Francisca de Moura, preta	
A702	1725	Antônio Pereira	Josefa de Maria	
A703	1725	Antônio Gomes de Abreu	Maria do Sacramento	
A704	1725	Antônio de Azevedo	Maria Teixeira da Conceição	
A705	1726	Antônio Lopes da Fonseca	Francisca Rodrigues	
A706	1726	Antônio dos Reis Franco	Maria da Assunção	
A707	1726	Antônio Antunes	Bárbara Álvares	
A708	1726	Antônio dos Santos Lares, dr.	Joana Rodrigues, d.	
A709	1726	Antônio Afonso	Bárbara Gomes	

Nº	Ano	Orador	Oradora	Observações
A710	1726	Antônio Cardoso	Maria do Bonsucesso	
A711	1726	Agostinho Correia	Helena Rangel	
A712	1726	Antônio de Aguiar	Isabel Cardoso Maciel	
A713	1726	André Godinho de Aguiar	Teresa de Moura	
A714	1726	Antônio Gonçalves	Joana de Oliveira	
A715	1726	Antônio Vieira	Luzia Nunes	
A716	1726	Antônio Duarte, preto	Clara Soares, preta forra	
A717	1726	Antônio da Costa, índio	Maria, preta	
A718	1726	Antônio Nunes	Francisca Freire	
A719	1726	Antônio João Rio Tinto	Leonor da Gama	
A720	1726	Antônio de Souza	Luzia Barbosa	
A721	1726	Antônio da Silva Pereira	Eugênia Violante, d.	
A722	1726	Antônio Pereira de Barros	Maria da Silva	
A723	1726	Antônio Alves	Maria da Silva, escrava	
A724	1726	Antônio Pereira	... Maria	
A725	1726	Ambrósio Ferreira		Certidão de banhos
A226	1726	Antônio Borges, preto	Mariela de Souza, preta	
A727	1726	André Rodrigues	Maria da Conceição	
A728	1726	Antônio Pereira da Silva	Maria da Rosa	
A729	1726	Antônio, preto escravo	Luzia, preta escrava	
A730	1726	Antônio Gonçalves Ramos	Catarina de Sene, d.	
A731	1726	Antônio Antunes Vilela	Helena Vieira da Silva	
A732	1726	Antônio, pardo escravo	Francisca, parda escrava	
A733	1726	Antônio de Oliveira Pedroso	Esperança Nunes	
A734	1726	Antônio Dantas	Ana Freire	
A735	1726	Antônio Pereira de Souza	Paula Vieira de Jesus	
A736	1726	Antônio dos Reis	Isabel da Silva	
A737	1726	Agostinho Fernandes, pardo	Leonor de Andrade	
A738	1726	Antônio Álvares Coelho	Bárbara de Sampaio	
A739	1726	Antônio de Souza	Mariana de Almeida	
A740	1726	Antônio Gomes de Jesus	Ludovica de Meira	

Nº	Ano	Orador	Oradora	Observações
A741	1726	Antônio Gomes Brandão	Margarida Gomes	
A742	1726	Antônio Correia de ...	Maria de Almeida	
A743	1726	Antônio da Silva	Antônia de Sobral	
A744	1726	Amaro Alves da Cruz	Mariana Gonçalves	
A745	1726	Antônio Gonçalves da Mota	Isabel de Azevedo	
A746	1726	Amaro Cardoso	Ângela Moreira	
A747	1726	Antônio Nunes	Catarina Francisca	
A748	1726	Antônio da Silva	Antônia Pinheiro	
A749	1726	Antônio Gomes Leão	Maria Cardoso	
A750	1727	Antônio Correia Garcia	Luzia Leme	
A751	1727	Antônio da Costa, índio	Isabel, preta escrava	
A752	1727	André Nunes Furtado	Catarina de Barcelos, d.	
A753	1727	Antônio Gonçalves dos Santos	Antônia de Morais, d.	
A754	1727	Antônio de Oliveira de Vasconcelos	Ana Ferreira	
A755	1727	Antônio da Silveira	Joana Gonçalves	
A756	1727	Antônio Correia Descario (?)	Josefa de Jesus	
A757	1727	Roberto Caetano	Teresa de Jesus, d.	
A758	1727	Antônio de ...	Ana Pereira Dutra	
A759	1727	Antônio Barreto	Bárbara Nunes, parda	
A760	1727	Antônio de Almeida	Antônia Rangel	
A761	1727	Antônio Correia	Margarida Ribeiro	
A762	1727	Antônio de Souza	Bárbara Tavares	
A763	1727	Amaro de Araújo	Eugênia Gomes	
A764	1727	André da Mota	Felipa da Costa	
A765	1727	Afanásio Gomes, pardo	Catarina Gonçalves	
A766	1727	Antônio Furtado	Maria Rodrigues	
A767	1727	Antônio, preto escravo	Marta, preta escrava	
A768	1727	Antônio Correia Barbosa	Joana da Fonseca	
A769	1727	Antônio Ribeiro	Maria de Oliveira	
A770	1727	Antônio Pires da Costa	Cecília da Fonseca	
A771	1727	Antônio Barbosa	Maria da Fonseca, d.	

Nº	Ano	Orador	Oradora	Observações
A772	1727	André Afonso Pereira	Isabel de Brito	
A773	1727	Antônio Marques	Ana Correia de Abreu	
A774	1727	Antônio de Matos, pardo	Antônia Barbosa, preta	
A775	1727	Antônio Alves do Vale		Certidão de banhos
A776	1727	Antônio Soares Pereira	Bartoleza Caetano	
A777	1727	Antônio Correia, sargento	Luiza da Conceição	
A778	1727	Antônio, preto	Esperança, preto	
A779	1727	Anselmo Rodrigues	Jerônima de Brito	
A780	1727	Antônio Ferreira Coutinho	Margarida de Freitas	
A781	1727	Antônio Correia Caldas	Helena da Conceição	
A782	1727	Antônio de Faria Castro	Francisca de Lima, d.	
A783	1727	Antônio Ramos	Maria da Assunção	
A784	1727	Antônio de Oliveira	Inácia de Figueiredo	
A785	1727	Antônio Marques	Mariana Pachedo	
A786	1727	Antônio João Lobo	Luzia da Costa	
A787	1727	Antônio da Costa Medeiros	Catarina de Sene	
A788	1727	Agostinho de Souza	Maria do Bonsucesso	
A789	1728	Antônio de Andrade	Luzia de Souza	
A780	1728	Antônio Correia	Isabel da Costa	
A781	1728	Antônio Francisco	Apolônia Pedrosa	
A782	1728	Antônio Dias do Sacramento, preto	Bárbara da Cruz, preta	
A783	1729	Antônio Pacheco	Feliciana da Costa	
A784	1728	Antônio Ferreira de Souza	Josefa Maria	
A785	1728	Antônio ...	Francisca da Fonseca	
A786	1728	Antônio Furtado, preto	Luzia da Fonseca, preta	
A787	1728	Antônio Gonçalves Pereira		
A788	1728	Antônio Lopes Antunes	Marcela da Câmera	
A789	1728	Antônio da Silva Matos, pardo	Luzia Pinheiro, parada	
A790	1728	Antônio da Costa	Luisa Pereira	
A791	1728	Antônio Vaz da Silva	Inês Barbosa, d.	
A792	1728	André Rodrigues	Josefa dos Santos	

Nº	Ano	Orador	Oradora	Observações
A793	1729	Antônio Vieira Neto	Francisca das Chagas	
A794	1729	Amaro Dias	Antônia de Castro	
A795	1729	André de Sampaio	Inácia de Góes	
A796	1729	Antônio de Almeida	Maria Isabel, d.	
A797	1729	Antônio Pereira Nunes	Rosa de Oliveira	
A798	1729	André Rodrigues	Josefa dos Santos	
A799	1729	Antônio Correia, preto	Maria, preta	
A780	1729	Antônio Franco Marones	Ana do Amaral	
A781	1729	Antônio de Noronha	Josefa Maria	
A782	1729	Antônio Soares Falcão	Antônia Gomes	
A783	1728	Antônio Fernandes	Ângela Maria	
A784	1729	Antônio Gomes da Silva	Bárbara de Faria	
A785	1729	Antônio Fernandes	Feliciana Barreto	
A786	1729	Antônio Machado	Paula da Silva	
A787	1729	Antônio da Silva		Certidão de Banhos
A788	1729	Antônio Gonçalves Pereira	Maria Francisco	
A789	1729	Antônio de Godói	Rosa Marcelino	
A780				

V22	1702	Ventura Ferrão	João Antônio	
V23	1702	Vitório Pinheiro	Ana de Passos	
V24	1703	Valentim Afonso		Justificação
V25	1703	Valentim de Araújo	Micaela de Marins	
V26	1703	Ventura de Bastos Moreira	Ana Velosa de Menezes	
V27	1704	Vicente Rodrigues Costa	Brites da Rocha, d.	
V28	1704	Vidal da Costa	Francisca Maciel, d.	
V29	1705	Valério de Paredes	Bárbara Roiz (?)	
V30	1706	Ventura das Neves	Antônia Sardinha	
V31	1706	Ventura Gonçalves	Mariana de Josefa	
V32	1706	Vicente Pires da Mota	Cecília Roiz (?)	
V33	1706	Vicente Cordeiro	Maria Cordeira	

Nº	Ano	Orador	Oradora	Observações
V34	1708	Vicente Pereira	Maria Josefa	
V35	1708	Veríssimo da Cunha	Maria de Josefa	
V36	1708	Veloscao (?) das Neves	Ana da Silva	
V37	1710	Veríssimo Ribeiro	Maria Pereira	
V38	1710	Vicente Ferreira	Ascença da Assunção	
V39	1711	Vicente da Silva Ribeiro	Teresa de Jesus do Pilar	
V40	1712	Vitoriano de Souza, índio	Maria, parda escrava	

Abreviaturas utilizadas neste artigo:

b. ..... batizado/a
bisp. ..... bispado
ca. ..... cerca
Candel. ..... Candelária
CBG ..... Colégio Brasileiro de Genealogia (são as fichas do Colégio)
c.s. ..... com sucessão
DMBB ..... refere-se à pesquisas de Dalmiro da Mota Buys de Barros
f^{a} ..... filha de
fn. ..... filho/a natural
f^{o} ..... filho de
Ig. ..... Igreja
t. ..... termo
v. ..... vila
< ..... antes de
x ..... casou-se
> ..... depois de
† ..... faleceu
^{o} ..... nasceu

DOIS CASOS DE REJEIÇÃO GENEALÓGICA

Gilberto de Abreu Sodré Carvalho

***Resumo**: A pessoa interessada em estabelecer suas origens genealógicas prestigia algumas origens e rejeita outras. Isso ocorre por razões subjetivas da pessoa. Os dois casos tratados nesta nota têm um tipo de causa para a rejeição de uma linhagem.*

***Abstract**: Someone interested in asserting his or her genealogical origins assignes prestige to some origines and reject others. It happens because of subjectivity. The two cases presented in this note show a kind of cause for the rejection of a lignage.*

A Genealogia tanto é a descrição objetiva das relações entre ascendentes e descendentes como pode incluir a discussão do reconhecimento, ou não, entre ascendentes e descendentes, da sua relação genética como sendo uma relação genealógica.

A rejeição da filiação de Álvaro da Cunha e da maternidade de Dona Leonor Teles de Menezes

Dona Leonor Teles de Menezes, nascida cerca de 1350, foi rainha-consorte de Portugal, entre 1372 e 1382, e rainha-regente entre 1383-1385. Ainda muito jovem, Leonor casou com João Lourenço da Cunha, herdeiro do senhor do morgado de Pombeiro da Beira, com quem teve um filho, Álvaro, que seguiu como Álvaro da Cunha. João Lourenço da Cunha viria a ser o 2.º senhor de Pombeiro.

Leonor, mulher casada e mãe, fez o rei Dom Fernando apaixonar-se por ela, em uma visita que fez à irmã dona Maria Teles, que morava como aia no Paço. Com a ajuda de Dom Fernando, sob a alegação de consanguinidade, ela

obteve a anulação do seu casamento com João Lourenço da Cunha. Foi ainda declarado que o pequeno Álvaro não seria filho de Leonor. Mais que isso até: Leonor era virgem ao casar-se com o rei. O casamento público com o soberano ocorreu em 15 de maio de 1372. Em meados de fevereiro de 1373, nascia a infanta Dona Beatriz, herdeira do trono. Na morte do rei Dom Fernando, em 1383, Leonor assumiu a regência.

Com a vitória do partido do Mestre de Avis, este tornou-se regente e depois o rei Dom João I, fundador da dinastia de Avis. A filha de Leonor, Dona Beatriz, não sucedeu ao pai, e a figura e a memória de Dona Leonor foram malvistas e desprestigiadas depois da guerra civil de 1383-1384.

Álvaro da Cunha, que se tornou o 3.º senhor de Pombeiro, nascido em 1371, filho de João Lourenço da Cunha e Dona Leonor, morreu de peste no seu regresso da conquista portuguesa de Ceuta, em 1415.

A questão interessante está em que tanto a mãe, Dona Leonor Teles, como o filho, Álvaro da Cunha, negaram-se, como tudo indica, como mãe e como filho. A pergunta é: houve alguma passagem de tradição entre o que era aportável por Leonor e o que foi absorvido disso por Álvaro?

Por certo que não. Nessa medida, a da negação dupla, o fato genealógico — correspondente à portabilidade de bens da mãe — não ocorreu. Apenas a lógica genética terá sido verdadeira; a dizer, Dona Leonor foi "mãe genética" de Álvaro de Cunha; mãe genética, mas não genealógica. Álvaro filho genético de Dona Leonor, mas não genealógico, no sentido aqui apresentado.

Penso que havendo uma só negação, a de uma mãe ou de um pai, ou a de um filho ou filha, o tema se complica, na medida em que o elo (ou o fio ou a linhagem) não se rompeu, ainda que enfraquecido.

A rejeição do "negro" da sua condição de pardo ou de branco

Fenômeno que lembra o tratado acima, é o da escolha genealógica de uma dada linhagem em exclusão total de outra geneticamente possível.

A escolha de uma dada linhagem, em exclusão de outra geneticamente possível, é feita hoje em dia, no Brasil, por inúmeros pardos (incluídos os de origem ameríndia) e pretos, que afastam a ancestralidade branca do bojo da sua autoidentidade, ainda que seu DNA individual seja até em mais de 70 % europeu. Ou seja, por sentirem que seus antepassados mestiços não teriam sido acolhidos como filhos em plenitude por seus pais brancos escravistas, agora negam seu passado genealógico europeu. Passam a se ver como negros inteiros, indígenas ou afrodescendentes puros. Negam o seu passado por via de uma narrativa em que o provável não reconhecimento genealógico do ancestral branco do seu filho ou da filha parda leve ao corte desse antepassado branco. Fazem-no uma espécie de "antepassado biológico" e não um "antepassado genealógico". A genealogia e história familiar dessas pessoas são construídas — autoidentitariamente por elas, seus próximos e pelos movimentos sociais de que façam parte — como narrativas nativas e africanas e, em seguida, de indígenas em servitude e negros escravizados.

Observa-se uma estorialização do passado genealógico, em que se corta a narrativa de uma tradição e seus repertórios que não teriam sido passados nem teriam sido recebidos. Essa estorialização é possível mesmo que, em um caso concreto e noutro, não seja verdade. Ou seja: o ancestral branco acolheu inteiramente o filho ou filha mestiça, e o seu amor foi muito bem recebido e retribuído.

Pergunta-se: é correto o que fazem certos pardos, na sua rejeição ao passado branco? É correta a ideia de bilateralidade de tradições? Ou a escolha exclusivista da tradição europeia? Ou a escolha exclusivista da autoidentidade africana ou indígena?

No caso, não há discussão sobre correção ou do que é certo. O que importa é o que ocorre no plano da autoidentidade, a autoconstrução identitária de cada um. A autoidentidade, assim construída, valerá mais ou menos, na prática, na medida em que o discurso do indivíduo seja acatado pelo reconhecimento externo ou social. Se houver o "*match*", a questão estará

superada. Se não houver, o processo de autoidentidade da pessoa estará em crise permanente.

PAUPERCULA DOMO, A METRÓPOLE, A MEMÓRIA E NOSSAS ORIGENS

Maria Aparecida Lacerda Duarte Weber

***Resumo**: Breve sequência da vida atribulada do Pátio do Colégio, núcleo inicial da metrópole de São Paulo.*

Abstract :Concise sequence of the obstinate life of Patio do Colégio, primitive site in San Paulo's metropolis.

Situados em um planalto distante da primeira cidade brasileira, a litorânea São Vicente, dois rios formavam uma mesopotâmia: o rio Tamanduateí e o rio Anhangabaú. No tempo das chuvas, as regiões ribeirinhas se encharcavam e distante delas havia uma colina protegida das águas.

Quando Portugal decidiu ocupar as terras brasileiras ameaçadas pela cobiçosa presença de traficantes europeus, Martin Afonso de Souza foi enviado para o litoral sudeste e lá fundou o primeiro município brasileiro: São Vicente, em 22 de janeiro de 1532. Tinha início a colonização.

A Igreja Católica, em pleno movimento da Contra-Reforma, buscava sequiosamente se expandir. As terras brasileiras recentemente incorporadas ao reino português acenavam como celeiro farto de almas a espera de redenção. Coube à rigorosa e culta Companhia de Jesus, fundada por Ignacio de Loyola, vir ao Brasil ao encontro dos índios que seriam, por eles, catequizados.

Entre eles havia inatos mecânicos, construtores, carpinteiros, ferreiros e agricultores e essas habilidades foram usadas na construção de São Vicente e de São Paulo. Coube aos índios Tupi Os jesuítas eram habilidosos e exerciam muitas funções, além da auxiliar aos jesuítas nessas obras históricas. Os primeiros jesuítas que vieram ao Brasil em 1549 eram liderados por Manoel da Nóbrega; vinham trabalhar durante o governo de Tomé de Souza. Eram eles: João de Aspicuelta Navarro, Leonardo Nunes, Antônio Pires, e dois irmãos leigos: Diogo Jacome e Vicente Rodrigues. Em 1550 vieram os padres Afonso Brás, Francisco Pires, Manoel de Paiva e Salvador Rodrigues. Em 1553, com o governador Duarte da Costa, vieram os padres Luis da Grã, Ambrosio Pires e os irmãos João Gonçalves, Antônio Blasques, Gregório Serrão e José de Anchieta.

O Brasil ainda estava na Idade da Pedra e os jesuítas tiveram grandes dificuldades para viver naquela terra distante da Europa civilizada. Eles muito ensinaram e muito aprenderam. Sua vida era norteada por árduo trabalho e grande pobreza. Tudo estava por ser feito.

Manoel da Nóbrega fundou em São Vicente o primeiro centro catequético destinado aos índios do litoral, então ocupado por portugueses.

Uma grande serra se apresentava como uma muralha difícil de ser transposta; esse imponente obstáculo parecia desafiar o espírito evangelizador jesuíta que ambicionava pescar almas para além do litoral.

Não havia caminhos abertos, mas sim uma pequena e complicada trilha indígena ligando a baixada e o planalto. Buscando lugares possíveis, embora difíceis, contornando obstáculos irremovíveis, uma estreita passagem permitia que, um de cada vez, em fila, os índios subissem e descessem a Serra do Mar, com mais de 750 m de altitude. Era arriscada tal viagem.

Doutorado em Direito Canônico em Coimbra, Manoel da Nóbrega, ingressou na Companhia de Jesus em 1544. No Brasil, trabalhou durante vinte e um anos. Viera para cá aos trinta e dois anos de idade e aqui faleceu com cinquenta e oito anos, em 18 de agosto de 1570, no Rio de Janeiro. Trabalhou na Bahia e em Pernambuco, tendo fundado colégios para meninos. Foi para São Vicente e lá também fundou um colégio para meninos. O planalto o desafiava no litoral paulista. Enfrentou o desafio, subiu a serra e, no planalto, plantou a semente que iria germinar e dar bons frutos: reuniu cinquenta meninos indígenas, entregou-os a José de Anchieta para catequizá-los e indicou o local adequado para que uma casa para meninos fosse erguida. Alea jacta est.

Era 29 de agosto de 1553 e os catecúmenos iriam ser bem preparados para iniciar uma vida cristã. Através deles, viriam seus pais, mães e familiares também receber orientação cristã. Era um projeto audacioso e que dispunha de poucos recursos além da fé, da sólida formação jesuíta e sua determinação.

Auxiliados pelos índios, da aldeia de Piratininga e liderados pelo cacique Tibiriçá, os jesuítas deram início à sua missão. Usando a matéria prima encontrada naquela colina, entre os rios Tamanduateí e Anhangabaú, construíram uma casinha singela, uma choupana feita com barro e coberta com folhas de palmeiras. Tinha apenas quatorze passos de comprimento e dez passos de largura. Teve, inicialmente, múltiplos usos: era usada como escola religiosa para os curumins, servia como enfermaria, cozinha, dormitório, dispensa e igreja.

Durante dois anos ela assim permaneceu e foi descrita por José de Anchieta, como a “pobre casinha” (Paupercula Domo). Responsável pela educação dos indiozinhos, Anchieta sempre escrevia para os superiores da

Companhia de Jesus, em Portugal. Foi através dessa correspondência que pudemos conhecer como foram vividos os primeiros anos no Planalto de Piratininga, berço natal da grande metrópole que hoje, século XXI, conhecemos. Foi também através dessa correspondência que obtivemos notícias sobre a terrível trilha indígena que unia, naquela metade do século XVI, São Vicente, na baixada litorânea e São Paulo, no planalto. Dessa trilha, disse: "... Piratininga está dez a doze léguas pelo sertão e terra a dentro. Vão lá por umas serras tão altas que dificultosamente podem subir nenhuns animais, e os homens sobem com trabalho e às vezes de gatinhas para não despencarem-se e por ser caminho tão mau e ter ruim serventia padecem os moradores e os nossos grandes trabalhos".

Tantas vezes Anchieta utilizou esse terrível caminho que este recebeu o nome de Caminho do Padre José.

O padre Manoel de Paiva celebrou, nesta paupercula domo, a missa inaugural dos trabalhos jesuíticos no planalto de Piratininga. Era 25 de janeiro de 1554, dia da Conversão de São Paulo, cujo nome foi atribuído depois à cidade que nasceria no entorno daquela singela construção.

Em 1556, após dois anos de trabalhos realizados naquele espaço exíguo, os jesuítas, auxiliados pelos índios, ergueram uma igrejinha também modesta, feita com barro. Cumpria-se a promessa que o padre jesuíta Leonardo Nunes fizera após conhecer o planalto de Piratininga. Neste, os jesuítas estariam mais próximos dos índios aos quais pretendiam educar, instruir e evangelizar. Manoel da Nóbrega aprovou a sugestão de Nunes de se fixar no planalto, onde o clima era mais suave que o de São Vicente. Era o lugar ideal para uma Escola de meninos. Estava pronta a pequenina igreja do Senhor Bom Jesus que até 1640 permaneceria com os jesuítas em sua missão catequética.

É evidente que uma construção modesta, durante os oitenta e quatro anos passados em meio aos seus jesuítas, sofreu a ação do tempo e passou por reparos. (1556-1640).

Distante de São Vicente, isolado no planalto, onde o clima frio era bem aceito pelos padres, aquele núcleo religioso enfrentou grandes desafios e venceu.

Em 1640, como resultado de um choque de objetivos contrários, os jesuítas foram expulsos do Planalto de Piratininga. Esses religiosos viam os índios como seres humanos bons, em sua maioria, mas sem os costumes civilizados dos europeus. Seriam por eles educados e cristianizados. Com esse objetivo, os jesuítas eram contra o aprisionamento e a escravização dos índios, praticados pelos bandeirantes entradeiros paulistas. Com apoio político, liderados por Braz Rodrigues de Arzão, os paulistas expulsaram os jesuítas. O colégio e a igreja ficaram abandonados e ruíram.

Passados treze anos (1640-1653) a situação se acalmou e os jesuítas voltaram ao planalto de Piratininga, em 1653. a partir dessa data, durante quase um século, reconstruiriam, de forma melhor, o Colégio e a Igreja.

Em 1667, foi reconstruída a igreja feita com taipa de pilão; essa terceira igreja jesuíta, no futuro Pátio do Colégio. Chegaria maltratada, até 1897. O Colégio reconstruído em 1653, também feito com taipa de pilão, tinha tamanho maior e algumas modificações, para melhorá-lo. Já havia então uma soleira feita com pedras e uma pesada e rústica porta, entalhada lentamente durante dez anos (1653-1663). Em 1683, a torre foi reconstruída de forma mais artística.

Em 1745, um edifício novo foi acrescentado, em ângulo, com o Colégio. Seria para residência dos padres.

Em 1759, o poderoso Marquês de Pombal, expulsou a Cia. de Jesus de Portugal e confiscou-lhe os bens incinerando muitos pertences daquela Ordem religiosa. Os efeitos negativos desse ato chegaram no Brasil e, em 1760, os jesuítas também foram expulsos do Brasil e tiveram seus bens confiscados. Em 1765, o governo provincial se aproveitou do fato e transformou o Colégio jesuíta em sede governamental. Essa situação iria perdurar até 1870. O Pátio passou a se chamar Largo do Palácio; neste se realizavam eventos cívicos e culturais. Ficou cercado por outras construções.

Em 1766, o governo provincial providenciou reformas no antigo colégio jesuíta, pois havia falta de espaço e difícil circulação de ar no interior do edifício. Essas mudanças não somente descaracterizaram a antiga construção como danificaram as paredes internas, de taipa.

Tratava-se então do Palácio dos Governadores e não mais de um colégio.

A Área do antigo Colégio e Igreja jesuítas tornou-se, durante o século XVIII, uma propriedade do governo provincial.

O século XIX trouxe grandes mudanças para Portugal e para o Brasil. Portugal sofria as pressões da Inglaterra e da França Napoleônica o que forçaria a mudança da sede do governo imperial português para o Brasil. Nesse contexto de mudanças, nosso país se emanciparia da metrópole lusa e a cidade, que se formara no entorno do centro jesuítico, no planalto de Piratininga, se tornara uma cidade que crescia e se enriquecia com a cultura cafeeira e depois com suas indústrias.

As mudanças atingiram também muitos ícones históricos, que se tornariam tradicionais e respeitáveis no exterior, mas que no Brasil eram motivo de vergonha: eram pobres e feios. Sem ter ainda consciência do valor de seu passado colonial do qual se libertaram, queriam apagá-lo. Exigiam grandes demolições dos casarões de taipa.

A volta ao Brasil em 1881 do grande engenheiro-arquiteto Francisco de Paula Ramos de Azevedo, formado na Bélgica, famoso e competente, propiciou a elaboração de um projeto moderno para o Pátio do Colégio. Ele foi convidado para embelezar São Paulo.

Em 1881, foi demolida a construção anexada ao Colégio em 1745 e a fachada do antigo Colégio jesuíta foi totalmente reformada.

Em 1886, foi demolido o antigo Colégio, dele restando apenas parte de uma parede interna, nos fundos; ela era ainda de taipa. Essa relíquia chegaria, protegida, até o século XXI, para alegria de alguns.

Em 1891, estava pronto o novo edifício destinado ao Palácio do Governo; feito de tijolos e planejado por Ramos de Azevedo. Foi por todos aplaudido. Também um belo edifício, para os Correios, tinha sido concluído, em 1888. Também fora iniciada a construção do Palácio do Tesouro (futura Bolsa de Mercadorias).

Entusiasmado, o governo provincial decretou, no ano de 1891, que aquela praça era patrimônio do Estado. A Diocese, descontente com a perda da área, que fora da Cia de Jesus, entrou em litígio com o governo e, por cinco anos, recorreu para manter a posse do espaço disputado. Quando o litígio terminou em 1896, um forte temporal derrubou o telhado da igreja e comprometeu a velha construção.

Em mau estado, em 1897 a igreja foi demolida e dela restou apenas o torreão que fora reconstruído em 1683.

Há mais de dez anos o governo aprovara o orçamento destinando verbas para as reformas da praça. (1886).

Nada mais lembrava os tempos de Anchieta.

Quando o século XIX terminou, para felicidade futura dos paulistas, conscientes do valor do passado de sua cidade e do seu estado, havia algumas pinturas feitas por viajantes europeus que tiveram a sensibilidade de retratar o Pátio do Colégio. Temos as obras de Thomas Ender (1818), Jean Baptiste Debret (1827), William Burchell (1827), Miguel Arcanjo Benício Dutra (1847), Johann Jakob Von Tschud (1861). Militão Augusto de Azevedo (1860) que fotografou o Pátio do Colégio.

Na transição do século XIX para o século XX, durante o governo do presidente da República do Brasil (1898-1902), Manoel Ferraz de Campos Sales, paulista da cidade de Campinas, foi planejada a construção de um novo Palácio do Governo, projetado por Ramos de Azevedo.

O histórico Pátio do Colégio tornava-se uma “praça cívica”.

Durante os anos 20, do século XX, o Pátio foi de tal forma ignorado, que teve seu nome trocado por outro: Praça João Pessoa, em uma homenagem ao presidente paraibano que fora assassinado. Em 1930, o artista italiano Amadeo Zani elaborou um monumento em homenagem aos fundadores de São Paulo o qual foi colocado no centro da Praça.

Não havia artistas paulistas?

O ano de 1932 trouxe mudanças para São Paulo. Desejosos de possuir novamente uma Constituição e o perdido prestígio político, os paulistas se rebelaram contra o governo getulista. Perderam a luta mas, obtiveram a Constituição e a possibilidade de um crescimento político ainda que não imediato.

No levante de 1932 ascendeu o espírito cívico paulista e um grupo de idealistas voltou seus interesses às suas raízes históricas.

Exigiram a volta do nome anterior ao Pátio do Colégio, fizeram retirar a placa deslocada do contexto da história paulista e desejaram dar ao Pátio sua feição primitiva. Queriam reconstruir o berço de sua cidade. Para obter seus ideais criaram, em 1938, uma campanha cívica e para sensibilizar as autoridades, organizaram, em 1945, um belíssimo álbum sobre São Paulo e conseguiram uma lista com 4.000 assinaturas que revelavam o anseio do povo paulista.

Nos anos 40 do século XX, tiveram início os projetos destinados ao Pátio do Colégio. Era diretor do Departamento de Urbanismo da Prefeitura de São Paulo, o engenheiro-arquiteto Carlos Alberto Gomes Cardim. Ele dirigiu os primeiros estudos sobre a situação do Pátio do Colégio. Era preciso que fosse demolido o Palácio do Governo que ocupava o lugar da antiga igreja jesuíta e era preciso devolver as terras aos jesuítas. Muitas críticas e pressões contrárias a essas necessidades dificultavam a elaboração de um projeto que respeitasse o modelo antigo registrado por artistas e fotógrafos no século XIX.

Em 1905 e em 1920, Guilherme Gaensly publicou fotos da praça cívica embelezada por Ramos de Azevedo. Cartões Postais exibiam a bela praça que era harmoniosa e moderna, mas que em nada lembrava o Pátio do Colégio jesuíta dos séculos XVI e XVII. Ninguém o criticou nem obstaculizou.

Muitos eram contra a volta ao passado.

Descontente, Gomes Cardim, em 1949, apresentou um projeto audacioso que, propunha erguer a igreja em outro lugar, já que o Palácio não iria ser demolido e dar à praça uma configuração diferente da original.

Foi criticadíssimo e então explicou que sua intenção fora exatamente despertar a opinião pública e as autoridades para as contradições que vinham apresentando e que impossibilitavam a execução de qualquer obra.

Em 1953, o Palácio do Governo foi demolido e seu espaço foi devolvido aos jesuítas. Nesse ano, Carlos Alberto Gomes Cardim Filho, que não mais dirigia o Departamento de Urbanismo da Prefeitura de São Paulo, convidado pelas autoridades para se responsabilizar pelo projeto de reconstrução do Pátio do Colégio, deu continuidade aos estudos iconográficos e descritivos das obras originais jesuíticas naquele espaço urbano.

Em 21 de janeiro de 1954, ano do IV º Centenário de fundação da cidade de São Paulo, o governo municipal promulgou a Lei Municipal nº 2658 que concedia aos jesuítas uma área de 2805 m ² no Pátio do Colégio e determinava que caberia à Cia de Jesus construir a Igreja e o Colégio " respeitando o quanto fosse possível, as construções primitivas que até 1667 existiram." Conforme foi mencionado, as construções do Pátio do Colégio passaram por muitos reparos durante o período que estiveram sob os cuidados dos jesuítas. Eram frágeis.

No final do século XIX, após a demolição da igreja jesuíta, a 3ª, o Pátio sofreu grande intervenção para receber as magníficas construções, feitas com tijolos e tecnologia avançada para a época. Ramos de Azevedo formou-se na Bélgica e trouxe modernidade europeia a São Paulo.

Coube à empresa Cardim & Cardim Ltda., do engenheiro-arquiteto, que saíra do funcionalismo municipal, Carlos Alberto Gomes Cardim Filho e Luciano Gomes Cardim, engenheiro, filho de Carlos Alberto, a responsabilidade de realizar a obra de reconstrução. Nada restara do passado que pudesse ser restaurado.

Criterioso, Carlos Alberto estudou toda documentação iconográfica e descritiva existente sobre o Colégio e a Igreja do Pátio do Colégio.

De 1957 a 1970 foi construído o edifício do Colégio Jesuíta.

O artigo 2º da LEI MUNICIPAL Nº 2658 de 21 de janeiro de 1954 determinava que a obra deveria respeitar "tanto quanto possível os limites das fundações iniciais e reproduzir em um perfeito renascimento da fundação da cidade de São Paulo"

Embora desde 1897, ao menos, ninguém tivesse se ocupado em manter os edifícios do Pátio do Colégio, pois o colégio e a igreja ruíram por falta de manutenção adequada, quando os preparativos para a construção, nos anos quarenta do século XX tiveram início, as críticas negativas surgiram. Eram decorridos quase sessenta anos desde a demolição da 3ª igreja, (1897-1954) que resistira durante 230 anos (1667-1897).

O colégio reconstruído foi entregue à cidade de São Paulo em 1974 e foi nominado como a CASA DE ANCHIETA.

Nos anos 70, do século XX, as obras do Metrô, no centro da cidade de São Paulo, interromperam os trabalhos no Pátio do Colégio.

Quando em 1975 foram retomadas as obras que deveriam erguer a nova igreja, os Gomes Cardim não quiseram continuá-las e ficaram apenas para dar assistência à construtora Adolfo Lindemberg. Nesse mesmo ano, o Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico, Artístico, Arqueológico e Turístico (CONDEPHAAT) determinou a suspensão da obra que se situava em um espaço tombado por aquele Conselho. Baseado na LEI MUNICIPAL Nº 7356, de 19 de janeiro de 1969, que determinara a concessão de terras aos jesuítas para que nelas fosse erguida a nova igreja e que previa estudos topográficos e arqueológi – cos para averiguação da existência possível de restos das construções jesuíticas e do tempo vivido por aqueles religiosos, naquele espaço territorial tombado.

Por que não fizeram isso antes de 1954?

Em resposta à determinação do CONDEPHAAT, a Cia. de Jesus retrucou que houvera muito tempo, anterior a 1975, para que tais investigações tivessem sido feitas e que, do século XVII ao final do século XIX, muitas intervenções haviam sido feitas naquele espaço, no qual aconteceram demolições, construções e reformas que agrediram o solo e sub-solo do Pátio. Por que antes das grandes obras de Ramos de Azevedo ninguém questionou nada?

Diante do impasse criado por idéias contrárias, o Executivo Municipal analisou os argumentos apresentados, deu ganho de causa aos jesuítas e as obras foram autorizadas. Novas críticas pesadas saíram do Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico que realmente tinha aquele direito, mas que se apresentara tardiamente.

O Brasil estava em plena ditadura militar e os critérios acusaram autoritarismo na decisão "... uma mentalidade ufanista, e conservadora prevalecente na autoritária década de 1970... que enfatizou que a construção da memória se faz a partir do presente". (in Maria Aparecida Lomonaco, "Os nascimentos de São Paulo").

Os integrantes do CONDEPHAAT, Benedito Lima de Toledo e Ulpiano Bezerra de Menezes afirmaram que "... nenhuma réplica, cópia ou simulação pode superpor-se ao documento original ou roubar-lhe o valor próprio". Não foi a esse tipo de projeto que a empresa Gomes Cardim se dedicou; ela foi ao estudo dos documentos iconográficos e descritivos existentes e respeitou os modelos que lhe foram apresentados. Quem conhece a história da família do Maestro Gomes Cardim sabe o quanto seus membros, por gerações seguidas, se empenharam em trazer benefícios culturais a São Paulo que tanto amaram.

Faltava a construção da 4ª igreja, agora não mais jesuíta, a não ser pela posse, mas com o projeto de construção do arquiteto Jorge Wilheim e a responsabilidade da Empresa Municipal de Urbanismo, a EMURB.

A pedra fundamental da igreja fora lançada em 09 de julho de 1970. Aguardava a construção e esta teve início em 1975 e foi concluída em 1977. A igreja foi construída com estrutura de concreto. O CONDE -PHAAT acusa o projeto de ter destruído a possibilidade de preservação do sítio original.

Por que o governo não atendeu ao CONDEPHAAT?

Entre 1977 e 1978 a EMURB cuidou da reurbanização do Pátio do Colégio. Foram desocupadas as habitações e o comércio situados no Pátio.

De 1957 a 1977 o novo Pátio do Colégio ganhou o aspecto que temos dele no século XXI; em 1979, ele foi inaugurado, no governo de Olavo Setúbal.

Até 1950, não havia ainda se consolidada a consciência cívica e cultural e os bens culturais urbanos não eram alvo do respeito que lentamente vem se solidificando no país. Talvez esse desconhecimento suavize as críticas ao que aconteceu nesse passado recente. Em 1927, Prestes Maia, que tanto criticou as obras do Pátio do Colégio, promoveu uma grande derrubada em São Paulo; ele pretendia dar a cidade ares europeus. Infelizmente, nosso país supunha que era preciso destruir o passado para progredirmos. Era uma sequela compreensível em uma antiga colônia, mas essa sequela tinha de ser superada ainda que com dificuldade e imperfeição.

No século XXI, alguns educadores conscientes já levam seus alunos a uma visita cultural ao berço natalício de nossa grande São Paulo.

Existem obras destinadas a um público interessado: sejam para jovenzinhos iniciantes de estudos sobre nossa cidade até para os grandes pesquisadores, passando por uma gama de diferentes graus de cultura e interesse.

Apesar das críticas e talvez de alguns desacertos, o século XXI pode encontrar, reconstruído e protegido, um Pátio histórico no qual, há 450 anos, os jesuítas, uma PAUPERCULA DOMO e os índios de Tibiriçá e Caubí deram o início; eles deram vida à nossa metrópole. São Paulo nasceu em torno de uma escola o que nos torna, como paulistas, responsáveis pela Educação como meta de progresso e Respeito ao nosso patrimônio, como sinal de consciência cívica.

Concluo este pequeno estudo agradecendo àqueles que enfrentaram tantos obstáculos e fundaram nossa cidade em 1554 e também àqueles que enfrentando críticas e obstáculos fizeram renascer o centro histórico onde nasceu São Paulo; estes trabalharam de 1940 a 1979 nas obras de reconstrução de um patrimônio que se desfizera e seria provavelmente esquecido se não tivesse sido reerguido, ainda que contrariando seus críticos.

Devemos cuidar, preservar aquilo que não queremos restaurar ou perder.

Ainda neste início do século XXI substanciais dificuldades serão enfrentadas quando ícones de nossa história necessitarem de manutenção para não desaparecer.

FONTES CONSULTADAS

1 AMARAL, Antonio Barreto do. *Dicionário de História de São Paulo*. São Paulo: Imprensa Oficial, 2006.

2 BRUNO, Ernane Silva. *Histórias e tradições da Cidade de São Paulo*. São Paulo: José Olympio – 1953 – vol. I, 33, 42, 102, 103, 126.

3 BUENO, Eduardo – (organizada). *Os nascimentos de São Paulo*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2004.

4 CALMON, Pedro. *História do Brasil*. Rio de janeiro: José Olympio, 1959 – coleção. Vol. I, 254 e seguintes.

5 CADERNOS DA CIDADE DE SÃO PAULO: PÁTIO DO COLÉGIO – Instituto Cultural Itaú, 1993 – 1ª edição.

6 CUNHA, Dilney. *Suíços em Joinville: o duplo desterro*. Santa Catarina: Letra d'água, 2003.

****

A MESA DA VISITAÇÃO NO TERMO DE PITANGUI:
UMA ESTRATÉGIA DA INQUISIÇÃO

Maria da Graça Menezes Mourão
Historiadora e Pesquisadora- Especialista em História e Cultura
de Minas Gerais do Século XVIII-PUC-MG

Resumo- *Através de uma rápida visão a respeito da origem da Inquisição, para introduzir a Mesa da Visitação em Minas Gerais no Século XVIII, principalmente no Termo de Pitangui, composto de duas freguesias. A Freguesia de Pitangui (a Vila de Pitangui, Onça, Guardas, Pará Acima, e Pará Abaixo e a Freguesia do Curral Del Rei composta pela sede Curral Del Rei, o Morro do Mateus Leme, Candonga, hoje Juatuba, Macacos e Paraopeba).*

Summary*- Through a quick view of the origin of the Inquisition, to introduce the Visitation Table in Minas Gerais in the 18th Century, especially in the Pitangui Term, composed of two parishes. The Parish of Pitangui (the Village of Pitangui, Onça, Guardas, Pará Acima, Pará Abaixo and the Parish of Curral Del Rei composed by Curral Del Rei headquarter, the Morro do Mateus Leme, Candonga, today Juatuba, Macacos and Paraopeba).*

Introdução

Na Antiguidade, desde os primórdios da racionalidade humana quando imperavam os ritos de idolatria, eram frequentes as atrocidades acometidas aos que resistiam em aceitar a religião monoteísta ou a veneração professada pelos que detinham o poder em seus domínios. Em Roma, onde o Estado vivia em estreita harmonia com os deuses, a blasfêmia e a heresia eram consideradas

traição e punidas com a morte. Não se encontrando quem pudesse denunciar o transgressor, o juiz romano ordenava ao suspeito que comparecesse à sua presença e fazia-se uma *inquisitio.*

Em seu primeiro momento, a Inquisição surgiu baseada no processo inquisitivo, a *inquisitio,* que em Roma, estava relacionada com as questões da heresia. Já na Grécia, era vista como *asebeia,* significando impiedade deixar de adorar os deuses do Panteão. Isto era crime capital e foi por isto que Sócrates foi condenado à morte.

Como prática expiatória da condenação inquisitorial, as pessoas que incorriam neste crime passaram a serem queimadas na fogueira, conforme uma citação bíblica de Isaías, muito ameaçadora para aqueles que viviam sem temor a Deus: 'Um povo provoca minha ira; e é aquele Povo que diz aos outros: Aparta-te de mim, porque tu és um imundo, e Eu todo sou puro. Mas, para estes homens tem preparado o meu furor um fogo, que sempre arde'. Usada ao pé da letra, esta citação justificava mandar para a fogueira todo aquele que blasfemava e ou que idolatrava deuses pagãos.

Muitos séculos depois da crucifixão de Cristo, quando os papados foram instituídos em Roma, passou a usar os preceitos religiosos da Inquisição como forma de dominação, o que pode ser entendido na história da formação de Portugal. No século III, após o contexto da segunda Guerra Púnica, os romanos chegaram à península dos povos iberos, onde mais tarde surgiria Portugal. Estrategicamente, impuseram aos conquistados a sua civilização, sua cultura e sua língua, surgindo ali um modelo de organização de vida com novas formas de administração baseadas na instituição romana, que ali começou a exploração do ouro e outras atividades comerciais como o pescado e a lavoura do vinho.

No século V, posterior à dominação romana, em 414 depois de Cristo, a península ibera foi invadida por povos que os historiadores chamaram de bárbaros, porque não eram civilizados tanto quanto os romanos. Bárbaros eram todos aqueles que viviam fora das cidades, usando os alimentos da mata e não os cultivados. Com a invasão desses bárbaros, a Galícia, que hoje corresponde parte da Espanha, ficou dominada pelos Vândalos e Suevos. Os Alanos dominaram a Lusitânia e os Visigodos a Gália do Sul, territórios estes que constituiriam Portugal. Em suas guerrilhas constantes, Vândalos e Alanos foram dominados pelos Suevos e Visigodos, que por sua vez, ampliaram seus domínios formando o império visigótico por todo o território.

No século VIII, mais precisamente em 711, vindos da África, chegaram os mulçumanos, que embora propagassem o seu credo, tiveram significativo apoio dos judeus na conquista da Península Ibérica, pois ali se encontravam, séculos antes de Cristo e no primeiro século da era cristã. Antes do início da era cristã, desde os tempos do Rei Salomão, através de expedições pelo Mar Mediterrâneo, grande leva de judeus, associada aos fenícios de raça semítica, aportou na península ibera através do Portus Cale, origem futura do nome Portugal. Um grande povoado de toda essa gente se formou ao longo do rio do ouro - o Rio Douro -, que vivia de minerar, entre outras atividades de pesca e plantio de uvas para abastecer o Império Romano.

No entanto, objetivando o território perdido, alguns cristãos, refugiados nas Astúrias, iniciaram o processo de Reconquista dando origem aos reinos de Oviedo e Leão e o de Navarra que mais tarde se associou ao de Castela chefiado por Sancho III. Após a sua morte, suas possessões foram divididas entre seus filhos: Garcia ficou com o reino de Navarra; Ramiro com o reino de Aragão e Fernando com o reino de Castela. Fernando, após vencer a batalha com o cunhado Bernudo III, que queria reaver as terras doadas em dote pelo casamento de sua irmã, anexou ao seu reino de Castela o reino de Leão. Assim, formou-se um único reino, o de Portugal.[1]

Quanto ao território que daria origem á Espanha, além dos que migraram subindo as águas do Rio Douro, no Século I, no ano 70 da era Cristã, a partir do Portus Cale, mais judeus se instalaram na Hispana Visigoda, quando foram expulsos por Tito, o general romano e, perderam a sua soberania na Palestina. Dez séculos depois, mais precisamente em 1095, o papado e a nobreza deram início ao patrocínio das cruzadas, expedições de caráter militar, religioso e econômico, que antes de tudo visavam uma contraofensiva aos mulçumanos que na expansão do Islamismo se encontravam na Palestina e na península dos povos iberos. A expulsão mulçumana da Terra Santa tornara-se uma questão de honra pelo fato do berço cristão se encontrar sob este domínio.

No final do século XIII, em 1270, após a desilusão religiosa das cruzadas, muitos de seus cavaleiros a serviço de reis e príncipes, imbuídos de sentimentos do misticismo oriental por onde haviam passado, retornam aos seus reinos de origem, com novos olhares e mais esclarecidos quanto à realidade de seus reinos.

[1] MATTOSO, José- La formation du Portugal- Instituto de Cultura Portuguesa- Bruxelas,1939.

O que provocou uma onda mística que invadiu o Ocidente, formada, principalmente por grupos ressentidos da organização dos sacerdotes cristãos. O próprio fracasso das cruzadas, em alguns casos, como a conquista e depois novamente a perda de Jerusalém para os mulçumanos, levou dúvidas quanto à origem da Igreja e o apoio divino a ela.

A partir de então, muitos movimentos heréticos começaram a florescer. A palavra heresia vem do grego *haivesis*, escolher, preferir e significa a capacidade de cada um escolher o que lhe pareça mais aconselhável, como uma doutrina particular, sem tomada de posição e sem sentido pejorativo. Entretanto, o Clero deu á palavra um novo significado, abrangendo todas as opiniões contrárias à fé da Igreja.[2]

Em 1227, o bispo Felipe Paternon, cuja diocese abrangia Pizza até Arezo, acreditou em um destes movimentos heréticos e se converteu à seita dos Cátaros ou Novacianos. Os jesuítas foram comparados a esta seita e assim foram expulsos da Igreja Católica e de seus domínios, acusados de preparem um cisma na Igreja Católica. Esta se sentiu ofendida pela primeira atrocidade que neles encontraram, consistindo 'em terem eles, os jesuítas, pensado no Cristianismo como um corpo por si unido e concentrado em si mesmo: definido e separado de todo o mais resto dos fiéis; e distrativo de toda a paz e união que veio estabelecer o Redentor do mundo'. No Livro das Heresias de Santo Agostinho, - a de número 38-, consta que este hereges chamavam a si mesmos de Cátaros, que quer dizer os Puros e que também eram chamados de "Novatos".[3]

Ainda neste século XIII, enquanto o papa e o poder estabelecido se viam à volta com a questão dos movimentos heréticos ameaçadores à ordem estabelecida, um novo sistema econômico surpreende o mundo da época. Justamente neste século, as trocas primitivas, costumeiras entre os comerciantes, são substituídas pela venda a prazo. O Capitalismo entra sorrateiro, contra toda

[2] BARROS, Maria Nazareth de - **Deus Reconhecerá os Seus: A História Secreta dos Cátaros, Rocco, 2007.**

[3] CORREA, Antônio- Doutrinas da igreja sacrílegamente ofendidas pelas atrocidades da moral jesuítica que foram expostas no Apendix do Compêndio Histórico e deduzidas pela mesma ordem numeral do referido Apendix, para servirem de correção aos abomináveis erros, e execrandas impiedades daquela pretendida moral, inventada pela Sociedade de Jesuítica para a conquista, e destruição de todos os Reinos, e Estados Soberanos-Lisboa. Na Regia Oficina Tipographica-1772-ALMAMATER-Livros Antigos-Biblioteca Digital da Univ. de Coimbra.

contenção monopolizada pela Igreja e pelo Rei. Os juros são a grande sacada capitalista que vai alavancar o novo sistema comercial. Muito, embora as *hansas* ou ligas dos artesãos e agricultores das feiras de Flandres e Champanhe se unissem à Igreja através das Corporações de Ofício para vender nos burgos a produção com preço e qualidade sem lucro sobre os produtos e sem usura quando comprada a prazo.

A avareza passava a coexistir com a heresia e a Igreja se vê à volta também com o pecado da usura, cuja prática financeira ela tenta controlar. Para o fenômeno da usura, ela, a Igreja, vai procurar na Bíblia uma fundamentação para sua incriminação deparando-se com cinco textos dentre os quais, quatro são do Antigo Testamento e o Evangelho de São Lucas, VI, 36-38, cujo final *mutuum date, nihil inde sperantes*, "emprestar sem nada esperar" irá fechar a tradição de condenação da usura.[4]

Desde o reinado de Afonso II (1185-1211), no século XII, a usura já vinha sendo controlada pela Igreja que procurou emitir as primeiras leis frontalmente limitadoras das atividades econômicas e das práticas religiosas dos judeus. No Livro de Sentenças de Pedro Lombardo, Bispo de Paris (1160) usado como manual pelos estudantes universitários de Teologia, já se assimilava a usura a um roubo, a uma rapina, equiparando-a ao quarto mandamento: "Não roubarás". Logo, a usura e heresia passaram a ser entendidas como o grande mal da época. Em consequência da atração comercial para a usura e o medo de cometerem heresia, os camponeses começam a abandonar a sua ocupação com o solo e com a agricultura, gerando preocupação entre os pensadores da época que anteveem tempos ameaçadores com o surgimento do espectro da fome.

A sociedade feudal, fundada nas redes de relações cristãs que se baseavam na reciprocidade das trocas econômicas do século anterior, a partir do século XIII se vê á volta com o "estatuto do dinheiro" que é base da condenação da usura. Antes, a troca se traduzia no simples ir e vir de um objeto entre os parceiros, rigorosamente idêntico, cuja única finalidade até então era estreitar a rede de relações reforçando os laços de reciprocidade. Dentro da figuração de uma nova ordem econômica, o judeu dotado das habilidades matemáticas, vai perceber, desde logo, que surgia uma nova dinâmica das operações comerciais e seu atavismo transforma-o em expoente nas relações financeiras, atraindo para si

[4] *DURANT,* Will- História da civilização IV. *A idade da fé.* Rio de Janeiro: Record, RJ-3ª. Edição.2002. (pág. 687-700).

enriquecimento através da assessoria e administração de riquezas que passa a exercer para os reis e para a nobreza.

Até o século XIII, a jurisdição dos inquisidores estendia-se apenas aos cristãos. Os judeus passariam a fazer parte dos indiciados pela Inquisição, molestados pela Igreja, quando após convertidos, se retornassem ao judaísmo, segundo Durant (2002). Mas, para Jacques Le Goff, – o historiador que com suas pesquisas "iluminou" para a História Contemporânea a escuridão em que vivia a Idade Média – a Igreja se voltaria contra o judaísmo por motivos econômicos. A ação repressora da Igreja irá acontecer no 'choque do entendimento das culturas que conviviam com a simples modalidade das trocas primitivas do comércio medieval, quando surge o ressarcimento de um empréstimo, através de uma quantidade maior do que fora emprestado. Emprestava-se um quilo de grãos e recebia-se de volta 1 quilo e 250 gramas, por exemplo'. O empréstimo estava essencialmente nas mãos dos judeus. Mas, 'ocorria em parte, no quadro da economia-natureza (grãos, vestimenta, materiais, objetos e recebia-se uma quantidade maior destas mesmas coisas emprestadas). O que não era contra a lei judaica, pois o que ocorria era com o estrangeiro, que estava fora de sua comunidade e não com o seu irmão de sangue, de nação. O que de certo modo era justo, pois a ele era concedido trabalhar apenas em profissões liberais e não comerciais'.[5]

Como o empréstimo vai tomando outras formas e por consequência enriquecendo o judeu, aos poucos o cristão passa a hostilizar todos que eram desta nação. Para explicar o surgimento dessa hostilidade, Le Goff (1998) esclarece que dentro do cotidiano da Alta Idade Média havia velhos tabus das sociedades primitivas em que as profissões eram proibidas aos clérigos e laicos por facilitarem ao pecado. Por outro lado, as outras profissões, consideradas excludentes se agrupavam em tabus.

Dentro das sociedades primitivas medievais, havia os interditos do sangue, em cujo grupo se encontrava os médicos, açougueiros e os soldados. O tabu da impureza relacionava-se às profissões da sujeira que incriminava os colocadores de piso, os canteiros (talhadores de pedra), os albaneses (mestres da construção com adobe e ladrilhos) os tintureiros, os cozinheiros, as lavadeiras e para São Tomaz de Aquino, até os lavadores de louça! Dentre o grupo dos tabus

[7] LE GOFF, Jacques- A Bolsa e a vida-A usura na Idade Média.Ed. Brasiliense:SP-1998, p.14 a 48).

dos sete pecados capitais eram excluídos os do tabu da luxúria, como os estalajadeiros, donos de saunas e banhos públicos, taberneiros, jograis, porque favoreciam licenciosidades, como a prostituição.

Os mercenários, campeadores, prostitutas, mercadores e entre eles os cambistas, os usurários, eram excluídos pelo tabu do dinheiro, ou seja, pelo preconceito da avareza. Justamente nesse estamento e consequente exclusão, quando é percebido o enriquecimento do judeu, é que Le Goff (1998) crê ter surgido aos poucos, o ódio entre os cristãos com relação aos judeus e à usura, cuja situação levou o IV Concílio de Latrão de D. Inocêncio a promulgar sentença sobre o assunto. Querendo impedir aos cristãos de serem tratados desumanamente pelos judeus, os bispos decidem que, 'se sob um pretexto qualquer, os judeus exigirem dos cristãos, juros pesados e extorsivos, todo o comércio entre os cristãos e eles será proibido até que os tenham ressarcido'.[6]

Os praticantes da usura, se cristãos, estavam sujeitos aos tribunais eclesiásticos, devendo Deus puni-los com a danação. Mas os judeus e estrangeiros dependiam da justiça dos laicos, dos magistrados do povo, muito mais dura e repressiva, acirrando os ódios e contribuindo para alimentar o antissemitismo, denegrindo ainda mais a imagem do usurário, assimilando-a ao judeu.

No século XIII, se delinearia, portanto, uma *Inquisitio* muito mais agressiva, não só diante da proliferação das heresias que ameaçavam a Doutrina da Igreja, mas também a usura como ameaça à economia do Estado. Este modelo de inquisição se estenderia da Espanha a Portugal, bem como às suas colônias através de Tribunais de Inquisição ou um de seus instrumentos. Nesse mesmo século, o papa Gregório IX (*1227-†1241) formalizou o controle da Inquisição, adotando a lei de Frederico II, de que a punição da heresia deveria ser com a morte. Como a Igreja, a seu julgo, era parte inseparável da moral e do governo político da Europa, era então a heresia julgada com o mesmo fervor com que o Estado tratava a traição, pois o crime feito à majestade divina é maior que o ataque a um soberano.

Os mesmos objetivos políticos da ação inquisidora na Idade Média prevaleceriam na Era Moderna. Em 1478, a Espanha já havia constituído o seu Tribunal do Santo Ofício e em 1569 já o havia instalado na América Espanhola.

---

[6] Concílio de Latrão, (1215). BND > [Decretos do IV Concílio de Latrão].. Breviarium Extravagantium. Collectio Alcobacensis II], [12--]

Portugal instituiu o seu, oficialmente, em 23 de maio de 1536 e através do Padroado – coligação entre Igreja e Estado – confirmavam-se as mesmas características medievais como arma para centralizar e controlar o poder régio.

Neste início da Idade Moderna, a Igreja Católica buscava o ideal da completa submissão às suas ordens e desígnios do que seria um bom fiel. Eram tantas as exigências para se adequar ao modelo de crente exemplar que seria honesto dizer que não existisse tal figura. Em prol da ideologia da Igreja Católica e do domínio do Império Lusíada, a Inquisição em Portugal se tornou uma máquina que buscava cumprir seu papel de formatação dos usos e costumes, negando o que fosse pernicioso para a continuidade do *status quo,* afirmando o que auxiliava na perpetuação de seu poder. O Santo Ofício tentava abraçar todas as possibilidades de transgressão à sua crença de mundo correto, 'criando a contradição de deixar a todos subjugados à sua sentença de pecado e castigo. Se for improvável um temente se ver livre do pecado, menos improvável era se livrar da correção estipulada pelas ordens eclesiásticas. O manto do pecado e da reconciliação se estendia obrigatoriamente a todos. Com a intenção institucionalizada de encontrar "bodes expiatórios" para as práticas mundanas, o abuso do poder inquisitorial sobressaia-se às pseudo-garantias dos inculpados'.[7]

A Mesa do Santo Ofício ou Mesa da Visitação Eclesiástica no Brasil

Em Portugal, o Santo Ofício foi fundado em 1536, por D. João III, cujas ações contaram com três tribunais atuantes até o século XIX, o de Évora, o de Coimbra e o de Lisboa. O Tribunal de Lisboa teve sob sua égide a América Portuguesa que não contou com a sua instalação, como aconteceu coma sua vizinha colônia espanhola. Mas, a Inquisição de Lisboa exerceu jurisdição sobre outras partes do Império Luso, ou seja, nas Ilhas Atlânticas, Norte e porção ocidental da África. O único tribunal instalado no Ultramar português foi o de

[7] GUIMARÃES, Johnny Wilson Batista. Origens do processo penal brasileiro – um olhar sobre a atuação do Santo Ofício em Minas Setecentistas – seus valores e cultura**. Jus Navigandi**, Teresina, ano 18, n. 3708, 26 ago. 2013. Disponível em: <http://jus.com.br/artigos/25044>. Acesso em: 20 out. 2014.

Goa, segundo Bettencourt (2000), criado em 1560 e responsável pelas regiões lusas do cabo da Boa Esperança até Macau. [8]

No entanto, a ausência de Tribunal do Santo Ofício na América Portuguesa não impediu que a Inquisição agisse no Brasil Colonial por meio de diversas estratégias, que variaram no tempo e no espaço. Foram vários os tipos de mecanismos usados pelo Santo Ofício português, no sentido de controlar, vigiar e punir os conversos, considerados transgressores da doutrina em que eram obrigados a acreditar. Embora não fosse instalado no Brasil, assim que se criou o bispado na Bahia, este já exercia a função inquisidora, por ordem do cardeal D. Henrique[9], com o intuito de perseguir as heresias, principalmente as que provinham do judaísmo, do protestantismo, das feitiçarias, e bem mais depois, os processos contra a sodomia e a bigamia.

Na ausência do Tribunal da Inquisição na América Portuguesa a Igreja criou a Mesa do Santo Ofício constituída de freis e posteriormente por representantes do bispado ou do próprio bispo, denominada Mesa da Visitação Eclesiástica. Estes recursos foram adotados no Brasil Colônia como forma de auxiliar a Igreja como instrumento de vigilância, controle e legitimação dos mecanismos religiosos e políticos, cuja finalidade era a centralização do poder. Sob o pretexto de bem conduzir os fiéis para que não se desviassem da fé com heresias, judaísmo e feitiçarias, ou com comportamentos que afetassem a moral como sodomia, bigamia, concubinato, o Estado e Igreja unem seus interesses.

No "Vocabulário Português e Latino" – obra em Portugal do francês Rafael Bluteau, jesuíta com fluência da língua dos lusos, publicado entre 1712 e 1728, com vocábulos da linguagem comumente usada no Reino e na América Portuguesa – consta que "enquerir ou inquerir" significa 'informar-se de alguma coisa juridicamente' (vol.3, pag.28) e que a Inquisição era tratada no 'Tribunal eclesiástico estabelecido para inquirir sobre os erros da fé católica e sobre a corrupção dos costumes. Através do inquisidor, ministro da Santa Casa da Inquisição que tem autoridade para inquirir sobre a herética pravidade e depravação dos costumes'. 'Pravidade é o mesmo que perversidade, iniquidade, corrupção dos costumes e que à má doutrina e má vida dos hereges, costumamos

[8] BETHENCOURT, Francisco-História da Inquisições, Portugal Espanha, Itália(se. XV –XIX))São Paulo, Cia das Letras, 2000p;17-24

[9] BOSCHI, Caio C. Estruturas eclesiásticas e Inquisição. In: Bithencourt, Francisco; CHAUDURI, Kirti. *História explicativa portuguesa.* [s. l.]. [s. d.].

chamar de *Heretica Pravidade'* (Tomo VI, pag 675) sendo a heresia, 'erro fundamental na fé, com persistência e obstinação e que toda doutrina contraria as decisões da igreja católica e Concílios é heresia. Sendo heresiarca o autor de alguma heresia'.[10]

Dez anos depois da criação do Santo Ofício em Portugal, acontece em Salvador na Bahia, no ano de 1546, o primeiro processo inquisidor, sendo protagonistas uns frades da Ordem de São Francisco contra o donatário da Capitania de Porto Seguro, Pero do Campo Tourinho. Era vigário de Porto Seguro, o vigário Aureajac, a quem 'o donatário chamava de "francês bêbado" e que não seria mais vigário na vila, pois dava muitos dias (sem trabalho) para os santinhos serem guardados' e que 'nenhum dia era tão pior do que o domingo e os dias santos', dentre outras muitas exasperadas blasfêmias, citadas em seu processo. [14]

Julgado e condenado, Pero de Campo Tourinho foi enviado a ferros para o Tribunal do Santo Ofício de Lisboa. Os manuais inquisitoriais classificavam os hereges e um deles, de autoria de Nicolau Eymerich, tratou pela primeira vez a blasfêmia como delito, sendo a de ordem do Santo Ofício aquela ligada à heresia.

O segundo processo do Santo Ofício no Brasil ocorreu em 1560 contra o protestante Jean dez Bolez, de nacionalidade francesa, que viera com os huguenotes de Bois Le Comte para o Rio de Janeiro, sendo acusado de blasfêmias e de heterodoxias. Em 1573, em Salvador, ele é queimado, registrando a única execução realizada em terras de Santa Cruz.[11] De acordo com Frei Vicente do Salvador, o Padre José Anchieta instruiu o algoz como cortar a cabeça do infeliz, antes de levá-lo às chamas. No ano seguinte, em 1574 o colono italiano, Rafael Olivier, morador em Ilhéus, é acusado de possuir uma coleção de livros suspeitos, inclusive "O Príncipe" de Maquiavell, além de blasfemar contra a fé católica.

A visitação do Santo Ofício em termos episcopais

Em 09 de junho de 1591, acompanhando aquele que seria o governador Geral do Brasil, Francisco de Sousa, chega em Salvador na Bahia, o licenciado

[10] BLUTEAU, Rafael- Vocabulário Português e Latino, Vol. III, IV e VI.
[11] BRITTO, Rossana G.-A saga de Pero do Campo Tourinho: o primeiro processo da inquisição no Brasil-Petrópolis, RJ, Vozes, 2000.

do Santo Ofício, Heitor Furtado de Mendonça, que em termos episcopais, foi a primeira visitação do Santo Oficio no Brasil. Sua comitiva era formada pelo notário Manoel Francisco e o meirinho Francisco de Gouveia, ajudante de ordens.

Heitor Furtado era capelão fidalgo d'El-Rey, membro do Desembargo do Paço, deputado da Inquisição de Évora, homem de foro nobre. Antes de ser nomeado para a função, passara por variadas investigações sobre sua limpeza de sangue, dezesseis ao todo, para detectar qualquer tipo de mácula sanguínea que impedisse sua entrada no seio inquisitorial. Na Bahia, ele permaneceu entre 1591-1593 e em Pernambuco a partir de 1594. Após este período da visita, denominada de "tempo da graça", o visitador ainda recebeu em 1595, as confissões do povo de Itamaracá e da Paraíba.[12]

Durante o período de 1591-1595 foram recolhidas denúncias e confissões dos colonos. Nos casos mais graves, como judaísmo e feitiçaria o visitador deveria instruir os processos e remetê-los a Lisboa, podendo julgar os mais simples como bigamia e blasfêmia. Desde então, vários visitadores estiveram no Brasil gerando inúmeros processos inquisitoriais, alguns com desfechos extremos como a condenação á morte na fogueira. Esta visitação ocorria, principalmente, nas capitanias mais desenvolvidas, auxiliada por uma rede de espiões e comissários. As ordens regulares, como a Companhia de Jesus, foram os principais mecanismos de vigilância do Santo Ofício no Brasil, auxiliada por uma rede de 'comissários, notários, qualificadores e familiares'. [13] No entanto, no Brasil, a ação desses inquisidores era dificultada pelo cotidiano religioso extremamente diverso daquele existente em Portugal. O universo mental europeu do visitador, não o minuciava adequadamente para perceber o contexto colonial diante das peculiaridades da América Portuguesa. 'Acima de tudo, os corpos sociais eram distintos e respondiam diferenciadamente às exigências ortodoxas do catolicismo tridentino e inquisitorial'. [14]

Além do aspecto da inadequação e despreparo dos inquisidores, a dimensão territorial da colônia brasileira foi outro fator que levou a Igreja

[12] MOTT, L.- Bahia: inquisição e sociedade. Salvador: EDUFBA, 2010

[13] MELLO,José Antônio Gonçalves de- Primeira visitação do santo Ofício às partes do Brasil: Confissões de Pernambuco(1594-1595)-Recife-UFP-1970.

[14] RODRIGUES, Aldair Carlos - Formação e atuação da rede de comissários do Santo Ofício em Minas colonial- Rev. Bras. Hist. vol.29 no.57 São Paulo, June, 2009

Católica a adotar como recurso complementar as visitas pastorais ou diocesanas, principal forma dos bispos auxiliarem o Santo Ofício. Estas visitas já eram comumente usadas no Reino com a mesma finalidade, a de controlar e vigiar a população quanto aos desvios da fé.

A Mesa da Visitação em Minas Gerais

A Mesa da Visitação chegou a Minas Gerais em 1707, cuja primeira devassa ocorreu através do Bispado da Bahia. Pelo bispado do Rio de Janeiro, em 1726, Dom Frei de Guadalupe, foi o primeiro bispo a visitar a Capitania, traçando os Mandamentos de sua Visita, segundo os ditames "Das Constituições Primeiras" do Arcebispado da Bahia.

Ainda que o Brasil não tenha sido sede do Santo Oficio no Ultramar, os tentáculos da Inquisição alcançaram a América Portuguesa, flagelando as populações, em suas três visitações. Não bastassem as denúncias produzidas por essas visitações, muitas outras ainda foram encaminhadas pelos bispos que, em Visitas Diocesanas ou Episcopais a diversas capitanias, como Bahia, Rio de Janeiro, São Paulo, Grão-Pará, Maranhão, Pernambuco, Mato Grosso e Minas Gerais, estiveram a serviço do Santo Ofício como um tribunal auxiliar. Luciano Raposo Figueredo (1987) foi um dos historiadores brasileiros que mais aprofundou a questão das visitações dos bispos, através das Visitas Diocesanas ou Episcopais na Capitania de Minas Gerais, nomeando-as, quando analisadas sob seus aspectos estruturais, como Pequena Inquisição. Neste caso, o tribunal era chamado Mesa da Visitação, cabendo ao bispado exercer sobre a população da sua diocese, 'uma ação breve e passageira de controle sobre os desvios praticados', cooperando para a ação do Tribunal da Inquisição, mesmo sendo preservadas da ação direta deste Tribunal. [15]

Após a primeira visitação "breve e passageira" em que se constatava ou não a incidência da população em erros ditos da fé ou não, em caso afirmativo procedia-se a devassa. Bluteau (1728) nomeia devassa como 'ato jurídico, em que por testemunhas se toma informação de algum caso crime; querem alguns

[15] FIGUEIREDO, Luciano. Barrocas Famílias. Dissertação de mestrado. São Paulo, 1989.

que se chame devassa de devassar, porque este ato faz público e manifesto o crime e o autor dele'.[16]

As Constituições Primeiras do Arcebispado da Bahia classificam as devassas ou inquirições como gerais e especiais. As devassas gerais, sobretudo, observavam quanto à 'reverência do culto divino, a reforma dos costumes e a extirpação dos pecados'. Para dar conta disso, a visita deveria na primeira situação proceder à "emenda", impingindo o castigo e o temor, àqueles que ousassem não se submeterem aos preceitos da Igreja Católica. As inquirições especiais eram feitas por meio de uma devassa eclesiástica para reconhecer os transgressores em seus "abusos e erros". [17]

Segundo Monsenhor Flávio Carneiro Rodrigues as inquirições especiais 'não são gerais porque a Igreja visava conter os excessos de pessoas particulares, cujo nome cor, estado civil e profissão muitas vezes são citados nos processos'. [18] No livro das Constituições Primeiras da Bahia (1853), nas devassas, o que o Direito chamou de Inquirições corresponde a obter informação do delito, feita por autoridade de Juiz ex-ofício. 'Foram ordenadas para que não havendo acusador, não ficasse os delitos impunidos: e estas ou são ***gerais*** ou o são totalmente como aquelas em que se inquire geralmente dos crimes, excessos e pecados, para se emendarem e castigarem, quais são as que os prelados fizeram quando visitam as suas dioceses, ou gerais quanto às pessoas. As devassas **gerais** se podem fazer ainda que não haja infâmia ou indício contra pessoa alguma, por quanto se fazem para se saber se há culpas ou pecados que se devam emendar ou castigar ou coisas que devam reformar'. As devassas '**especiais** quanto aos crimes e delitos quando consta ser cometido algum sacrilégio e não se sabe quem o cometeu'. As devassas especiais que se caracterizavam por receber denúncias, ouvir testemunhas e punir os contraventores da Doutrina da Igreja, reforçadas

[16] BLUTEAU, Rafael- Vocabulário Português e Latino, Vol. III, IV e VI.
[17]Constituições Primeiras do Arcebispado da Bahia. Feitas e Ordenadas pelo D. Sebastião Monteiro da Vide. São Paulo. 1853.
[18] Mons. Flávio Carneiro Rodrigues. As Visitas Pastorais do Séc. XVIII no Bispado de Mariana. Cadernos 1-3. Arquivo Eclesiástico da Arquidiocese de Mariana. Ed. D. Viçoso. 2004, p.63.

pela atuação dos comissários, alimentavam o funcionamento da inquisição com o envio de novos réus aos cárceres secretos do Rossio, em Lisboa.[19]

Monteiro (2011) cita em sua tese que os comissários providenciavam algumas investigações no intuito de remeter os possíveis desviantes da fé para Lisboa, onde seria realizado o restante do processo inquisitorial. Era o momento privilegiado no qual o prelado tinha como realizar devassa em busca de desvios religiosos com a finalidade de exercer a ortodoxia da fé, não apenas dos súditos, mas também em relação à atuação dos padres e vigários.[20]

Para Cerceau Netto (2008) os registros de devassas eclesiásticas se dividem em duas partes, o rol de testemunhas e rol de sentenciados. No primeiro estão incluídos os editais, as pronunciações e as denuncias feitas pela população em razão das inquirições realizadas pela mesa visitadora. O rol dos sentenciados contém a lavratura dos autos de culpa ou livramento. Tais listas ficavam separadas, pois os momentos de cada uma se davam em períodos diferentes.[21]

À chegada do Visitador procedia-se todo um ritual rigoroso, encenado com preparativos de grande solenidade que exibiam determinadas rotinas, no intuito de preparar a comunidade, que desse modo perceberia o caráter severo da visita. Medo e insegurança faziam parte, portanto, desse rito, que se apoderava da população em intermináveis vésperas, funcionando como um instrumento capaz de fazer com que os delatores chamados à mesa falassem tudo o que sabiam. Monsenhor Flávio (2007) supõe que muitos mentiram na hora de seus depoimentos, tanto quanto aos crimes, quanto ao número de "errados". Quanto mais pessoas eles delatassem, mais credibilidade poderiam ter juntado à mesa. E desta forma os visitadores 'avançavam do mundo exterior, do tipo de uma ordem hierárquica, para o cotidiano de uma comunidade'. Através deste rito se vai descobrir e punir os criminosos.

O anúncio da Mesa da Visitação objetivava alertar a população de modo que ninguém se ausentasse alegando ignorá-la, devendo-se preparar para a sua

[19] CAMPOS, Adalgisa Arantes- A mentalidade religiosa dos setecentos: o Curral del Rei e as visitas religiosas -VARIA HISTORIA, Belo Horizonte, no.18, Set/97, p.11·28

[20] MONTEIRO, Lucas Maximiniano- A Inquisição não está aqui? A presença do Tribunal do Santo Ofício no extremo sul da América Portuguesa (1680-1821).Porto Alegre-2011-Tese mestrado UFRGS-

[21] CERCEAU NETTO, Rangel- Um em casa do outro- SãoPaulo. Anna blume. Belo Horizonte,PPGH/ UFMG .2008

finalidade, submetendo-se à delação de seus vizinhos, moradores, parentes, de acordo com as quarenta perguntas que faziam parte do edital que serviam para incitar o procedimento de acusação. O edital de visita era uma cópia do Regimento do Auditório Eclesiástico criado em 1720, a partir dos preceitos relacionados nas Constituições Primeiras do Arcebispado da Bahia (1707). O edital tinha como função regular como deveria proceder à devassa, sofrendo, ás vezes, pequenas modificações, para facilitar a atuação do visitador. Antes de 1720, não era tão perceptível a diferenciação entre devassa e visita pastoral. 'Desterrar os erros, vícios, abusos e escândalos dos moradores e zelar pelos cristãos na questão espiritual' eram, segundo Boschi (1987) os solenes objetivos da visita.[22]

A chegada do inquisidor era previamente anunciada e as pessoas compareciam à Mesa da Visita cumprindo o que rezava o Moratório de 1536, em que se apregoava que todos, - indiferente do grau de parentesco, pai ou mãe, - deveriam fazer a delação de um comportamento irregular, fortemente incentivada e com promessas de recompensa. Procedia-se então à leitura do Regimento do Auditório Eclesiástico, que segundo Guimarães (2013) destinava-se a declarar os solenes objetivos da visita 'aos vigários, aos curas, aos coadjutores, aos capelães curados, às demais autoridades eclesiásticas e seculares e ao "povo" da freguesia a ser percorrida'. O edital, por sua descrição minuciosa dos pecados a serem submetidos à devassa espiritual, possibilitava exame ímpar dos conceitos e parâmetros da ética religiosa dominante à época.[23]

Resende e outros (2011) descrevem que a chegada do visitador, um bispo ou seu preposto, era triunfal, marcada com a celebração de uma missa solene na matriz, onde o escrivão, cumprindo o cerimonial, lia o edital, anunciando a todos os presentes as razões da visita. Logo a seguir, os fregueses eram conclamados a denunciar, no prazo de vinte e quatro horas, sob os ouvidos atentos e curiosos da

[22] BOSCHI, Caio C. Estruturas eclesiásticas e Inquisição. In: Bithencourt, Francisco; CHAUDURI, Kirti. *História explicativa portuguesa.* [s. l.]. [s. d.].

[23] GUIMARÃES, Johnny Wilson Batista. Origens do processo penal brasileiro – um olhar sobre a atuação do Santo Ofício em Minas Setecentistas – seus valores e cultura**. Jus Navigandi**, Teresina, ano 18, n. 3708, 26 ago. 2013. Disponível em: <http://jus.com.br/artigos/25044>. Acesso em: 20 out. 2014.

mesa, os "pecados públicos e escandalosos".[24] 'O rol das infrações, cerca de quarenta delitos, anunciados pelo escrivão, tinha como princípio nortear a conduta que se esperava dos moradores. Os interrogatórios da visita passavam em revista toda a vida social e cristã de cada paróquia, incitando os moradores a fazerem denuncias daqueles que incorriam nesses pecados, o que sucedia a inúmeras delações das mais diversas e até pitorescas. Em seguida, o acusado comparecia diante do visitador e, admitindo a transgressão da doutrina, era obrigado a assinar o termo de culpa e pagar uma multa, ou outras penalidades desde a admoestação espiritual ao degredo da comarca. 'As infrações eram proporcionalmente punidas de acordo com a gravidade do delito que podia ir da exposição à vexação pública durante a missa conventual aos tormentos dos cárceres da inquisição. Se reconhecida a natureza inquisitorial dos delitos - crimes de heresia, apostasia, bigamia, feitiçaria, solicitação entre outros - que escapavam à alçada e ao poder do bispado, as denúncias eram encaminhadas para apreciação do Santo Ofício'.[25]

Nada escapava, e em nome da fé ou em "nome do valor da multa" vasculhava-se todo o território e a invasão de privacidade era geral, descreve Sousa (1986). Vigiava-se tanto o habitante quanto o próprio clero que vivia escandalosamente. Vasculhavam-se freguesias inteiras à procura de hereges e de criminosos. As devassas eclesiásticas a tudo procuravam prover, regulando desde as relações conjugais às brigas de vizinhos. Tudo se tornava infração, com o intuito de conduzir a moral da população a uma normalidade estereotipada e ditada pelo poder estado/ eclesiástico. A devassa se completava com a punição lavrada no Termo de Culpa.

O julgamento dos processos era feito nas sedes dos bispados e a segunda visita era sempre cheia de incertezas, inseguranças e indignações, pois só então, o delatado tomava ciência de que era "pecador" e que havia sido julgado. Demorava-se até anos, o retorno dos processos, e era comum um adágio que até hoje faz parte de nosso folclore: "A justiça divina tarda, mas não falha".

A Mesa da Visitação após a criação do Bispado de Mariana

[24] RESENDE,Maria Leônia Chaves de, JANUÁRIO, Mayara Amanda, TURCHETTI, Natália Gomes- De jure sacro: a inquisição nas vilas d'El Rei-Varia hist. vol.27 no.45 Belo Horizonte Jan./June 2011

[25] SOUZA, Laura de Mello e. O diabo e a terra de santa cruz: feitiçaria e religiosidade popular no Brasil colonial. São Paulo: Companhia das Letras,1986.

Após a instalação do bispado em Mariana, com a chegada D. Manuel da Cruz, as visitas se prolongaram durante todo o século XVIII, a partir de 1748 até ao primeiro quartel do XIX. Um dos aspectos do controle da Igreja ocorreu de forma repressora, através das visitas disciplinadoras dos bispos. A Igreja Católica teria tomado para si o papel de executora de uma política de controle das questões de âmbito familiar. Além do desejo de firmar-se institucionalmente numa terra ainda pouco explorada, ela precisava educar socialmente a população nascente. Para este papel disciplinar, as visitações realizadas em Minas Gerais funcionaram como um dos principais meios de controle encontrado para se disseminar a fé católica. [26]

Novinsky (1972), buscando motivos que levou a inquisição a inaugurar a sua visitação no Brasil, credita o interesse inquisitorial na colônia americana à prosperidade econômica dessas terras que atraiu a cobiça da Inquisição que estava interessada nos confiscos de bens dos acusados. Segundo ela, as regiões do Brasil mais procuradas e vigiadas pelo Santo Ofício da Inquisição são sempre as de maior prosperidade. Assim, em fins do século XVI, o foco principal é o Nordeste; porém, à medida que vai se desenvolvendo o Sul, sua ação se estende também para essa área e [...] em princípio do século XVIII, já a maioria dos denunciados são da região das Minas.[27]

No primeiro momento do estouro da notícia do ouro em seu solo, o território das Gerais tornou- se uma terra de ninguém, onde predominavam os desmandos e os abusos, surgindo de outras capitanias toda sorte de gente inescrupulosa, inclusive o clero 'sem deus e sem lei', que por ali andava a procura de fortuna. A ocupação desordenada do território de uma das maiores minerações de ouro do Brasil, 'suscitou nas autoridades monárquicas e eclesiásticas um permanente temor de que os povos caíssem na desobediência. Esse temor levou-as a envidarem todos os esforços para mantê-los em sossego, a procurarem o resguardo das prerrogativas de que se investiam'. Referindo-se à 'má qualidade dos povos' estabelecidos na região, um documento anônimo do final do século XVII, citado por Anastasia (1998) dizia que era impossível controlar a população das Minas Gerais. E considerava ineficaz submeter a população a mecanismos de controle. 'Com preceitos? Não obedecem. Com

[26] RODRIGUES, Isis Menezes de- Visitações eclesiásticas em Mariana- Sec. XVIII- Revista Eletrônica de História do Brasil, v. 9 n. 2, Jul.-Dez., 2007.
[27] NOVINSKY, Anita -A inquisição no Brasil, Um Capitão-mor Judaizante- EDUSP.SP.1984, p.17-19.

força? A maior não basta. Com Indústrias? Não se descobrem eficazes, porque a qualquer supera a sua malícia'.[28]

Entre o público e o privado, poder-se ia dizer, que nem uma tênue separação existia. Uma, porque o privado era marcadamente sondado e devassado e levado a público na aplicação da lei, outra porque o próprio cenário de como eram formado o casario, já propiciava a devassa do vizinho na intimidade. Eram as casas tão unidas, a ponto de um visitante francês L.L.Vauthier indagar perplexo: "Qual o motivo desse amontoado de casas uma sobre as outras?" Coladas umas nas outras em ruas estreitas, as casas geravam a bisbilhotice dos vizinhos. 'Nos papéis do Santo Oficio vemos de alguns moradores a declaração franca desse tipo de proximidade e de invasão de intimidade alheia'. 'As paredes não deviam ser grossas e de fato "tinham ouvido" porquanto se escutava claramente o que se conversava na casa pegada ao lado. ' Ocorria também que em uma 'moradia, podia se morar outros, como o caso do alfaiate que morava na casa de um cego, onde também morava um pedreiro'. [29]

Importante ressaltar a ação da Inquisição a partir do estabelecimento do Estado. Este, para a criação da primeira vila, não se preocupou em até mesmo juntar dois povoados como ocorreu com o povoado às margens do Ribeirão do Carmo e o Arraial do Carmo para a formação de uma única organização administrativa, hoje Mariana. A seguir inicia-se a preocupação com o estabelecimento da ordem para o equilíbrio do sistema colonial, e uma administração coercitiva tem seu início: numa mesma vila, podia se encontrar os presos do Conselho ou da Câmara, os presos do Rei e os presos do Bispo.

Enquanto o Estado se aparelha administrativamente, com seus meirinhos, juízes de vintena, guarda mores, ouvidores, a Igreja identificada com o poder civil, pela lei do padroado, se faz representar através de seus "olheiros" e em nome da manutenção de uma moral religiosa se torna comparsa na atitude de homogeneizar a população que começa a se estabelecer em grupos e emergir com suas particularidades. Todos os povoados mineiros da época foram incessantemente removidos em suas entranhas e particularidades pela Mesa da

28 ANASTASIA, Carla Maria Junho. Vassalos rebeldes: violência coletiva nas Minas na primeira metade do século XVIII, Editora c/Arte, 1998.

[29] *ARAÚJO, Emanuel.* O teatro dos *vícios*. Transgressão e transigência na sociedade urbana colonial. Rio de Janeiro: José Olympio, 1993.

Visitação do doutor em cânone, ou vigário de vara ou de freguesia, acompanhado de um meirinho e de um escrivão. Os culpados recebiam tempos ou anos depois o termo de culpa, sem ter conhecimento algum da delação, feita por testemunhas que eram ouvidas muitas vezes em precárias salas em casa de padres do povoado ou na própria sacristia das capelas dos povoados. Era quando ficavam sabendo que o vizinho ou o amigo, ou a irmã tinham sido os delatores. Eram então chamados à Mesa da Visitação e as penas eram as mais variadas: 'lançassem fora suas companheiras, ou dois anos de degredo para a Nova Colônia ou que fosse fazer vida com a mulher legítima dentro de seis meses'.

Figueredo (1987) considera que o campo da mineração nas Gerais acabou se tornando vastíssimo para as inúmeras 'patrulhas a serviço da fé'. Tão logo as primeiras capelas iam sendo erigidas em arraiais ainda não consolidados, a intimidade destas comunidades já era sacudida por visitações ordenadas pelo bispo. O cotidiano do padroado, a fraternidade que sempre foi força maior do Cristianismo, passava longe da prática do dia a dia nas Minas. Convivia-se naturalmente com a escravidão, que, justificada pela exploração colonial, resolvia através de grandes soldos para a Alma, a questão da ida para o céu. Dessas práticas, não escapavam nem sequer os próprios sacerdotes.

A situação se transformou numa grande violência. A Igreja resolveu tirar da camada popular, séculos de convivência com a crendice, fetiches e situações mágicas do animismo que explicava o mundo, sem que antes a Igreja efetivasse um trabalho eficaz de formação do corpo doutrinário. Cobrava-se por algo que não fora dado. A realidade que os mineiros viviam não oferecia as mínimas condições de se cobrar uma postura equivalente ao catolicismo praticado na Europa. Como acusar ou extrair o diabo, ou até mesmo comportamentos diabólicos de um povo que nem sabia distinguir, - questiona Laura de Melo e Sousa (1986) - o natural do sobrenatural, o visível do invisível, a parte do todo e a imagem da coisa figurada?[30]

No mais das vezes, a organização catequética tridentina conseguia senão a aprendizagem memorizada de poucos rudimentos religiosos, dos quais nem sempre se entendia o significado pleno e que, passados alguns anos, eram esquecidos. O cristianismo vivido pelo povo caracterizava-se por um profundo desconhecimento dos dogmas, pela participação da liturgia sem a compreensão

[30] SOUSA,Laura de Mello e . Desclassificados do ouro. A pobreza mineira no século XVIII. Ed. Graal. 2ª. Ed. Rio de Janeiro, 1986.

do sentido dos sacramentos e da própria missa. A maioria da população das Minas era atendida esporadicamente pelas visitas dos padres regulares, nas missões, enquanto houve permissão dos jesuítas e pelas visitas, mais ou menos regulares dos capelães. Não havia um efetivo trabalho de catequese e as festas religiosas eram, em muitos lugares, o único acontecimento da região, geralmente com procissões e ladainhas.

A "Desobriga da Quaresma" era talvez o grande momento das ações da Igreja, e mesmo assim nem sempre merecia a devida atenção por parte dos párocos. Os párocos não cuidavam dos fiéis. Aos escravos, no tempo da Desobriga perguntavam apenas se sabiam das orações e os mandamentos da Lei de Deus. Estes quando sabiam, desconheciam de que se tratava.

Semelhante ao comportamento dos párocos, Andreoni (1987) citado por Villalta (1988) condenava os senhores de escravos pela situação de desconhecimento da religião, visto que 'trazem-nos sem batismo, ocupam-nos em trabalhos ao invés de os deixarem ir à missa nos dias santos, enfim como dizia S. Paulo, sendo cristãos e descuidando-se dos seus escravos, se hão com eles pior do que se fossem infiéis. Mesmo os negros batizados não sabem quem é o seu criador, o que hão de crer, que lei hão de guardar, como se hão de encomendar a Deus, a que vão os cristãos à Igreja, porque adoram a hóstia consagrada que vão dizer ao padre, quando ajoelham e lhe falam aos ouvidos, se tem alma, se ela morre e para onde vai, quando se aparta do corpo'. [31]

A religiosidade nas Minas Setecentistas se caracterizava por uma mera exterioridade, sem a compreensão do verdadeiro sentido do Cristianismo. Os estrangeiros visitantes se escandalizavam com essa exterioridade, baseada na ignorância religiosa, no culto aos santos, na quantidade de capelas, na teatralidade da religião, enfim, 'numa mistura de imoralidade e cerimônias burlescas, diziam os Anglo-saxões'. Aqui, é válido lembrar, pois muitos eram os indígenas cativos, os jesuítas usavam do recurso do canto, das folias, dos instrumentos indígenas, maracás, berimbaus, taquaras para chamar atenção para a catequese do indígena que tinha enorme gosto para a musicalidade. À Igreja cabia a culpa da falta de religiosidade, pois ela mesma não oferecia o suporte fundamental da catequese, mesmo nas vilas mais desenvolvidas onde eram bem

[31] VILLALTA, Luiz Carlos. O cenário urbano em Minas Gerais Setecentista: *outeiros do sagrado e do profano*. In: Termo de Mariana: História e Documentação. Mariana: Imprensa universitária da UFOP, 1988,

servidas de padres e a fé do povo fosse viva, demonstrada, segundo Torres (1961), 'pela profusão de igrejas e pelos testamentos dos homens mesmo rudes e grandes pecadores, pois viviam dentro dos pecados de cobiça e de luxúria, como dentro da água dos riachos de onde tiravam o ouro. Morriam todos arrependidos, porém, faziam penitências, construíam igrejas, alforriavam escravos na hora da morte (principalmente escravas, por motivos perfeitamente óbvios), pediam missas e missas, na esperança de que Deus afinal fosse clemente'.[32]

O matrimônio acabou se tornando fruto de arranjos familiares calcados em interesses na maioria de ordem socioeconômica e por isso, acontecia entre os mais abastados a prática do concubinato que se tornava corriqueira e completamente aceitável no cotidiano das Minas, entre os mais pobres. O grande fluxo de homens solteiros portugueses, recém-chegados, logo sentiu a escassez da mulher branca. Isto contribuiu para uma miscigenação imediata da raça. Esta situação abriu inclusive uma brecha completamente aceitável para a formação de famílias ilegais, à margem do vínculo do casamento. A Igreja não cooperava, pois atarracada aos seus interesses pecuniários, estabelecia altos custos para oficiar um casamento, responsabilizada pelas relações conjugais desvinculadas dos preceitos eclesiais. Além da falta de moças, as poucas que havia eram quase sempre enviadas para conventos, o que criava dificuldades ainda maiores para os colonos se casarem, principalmente os brancos. As uniões irregulares geravam elevado número de nascimentos ilegítimos. Tudo isso só fazia crescer as práticas de "imoralidade" tão indesejada pela Coroa e pela Igreja.

Esta situação de desregramento social não atingiu somente os leigos. O contato dos sacerdotes com a situação de "liberdade" se transformou em tentação e muitos não resistiam a essas condições. Tornou-se natural para a sociedade colonial, conviver com padre com filhos. Mott (1989) comenta que grande número deles 'vivia concubinado com mulheres de todas as cores e condições sociais, notadamente com negras e mulatas, sem falar nos padres inquietadores de donzelas honestas, clérigos bêbados e jogadores, "padres infratores", tão bem definidos por Laura de Mello e Souza (1986).

Esta situação de desrespeito e transgressões às normas religiosas acabou por gerar as orientações de D. João da Cruz, bispo do Rio de Janeiro, quando visitou a Igreja de Nossa Senhora da Conceição em Mariana, em 24.05.1743.

[32] TORRES, João Camilo de Oliveira. História de Minas Gerais. V. II. 2ª. Ed. D. Panamericana do Livro. BH. 1961, p.506.

Segundo Monsenhor Flávio Carneiro Rodrigues (2004), ele recomendou que se fizessem na dita igreja, 'bastante confessionários em que se possam confessar as mulheres ficando sempre de fora o confessor e a penitente da tela ou grade tão miúda que não caiba nem um dedo e que nenhum confessor confesse fora deles as ditas penitentes, sob pena de suspensão "ipso facto" por seis meses'.

As primeiras regras reformadoras da Igreja Mineira chamando a atenção do clero, quanto ao desleixo com as coisas da Igreja e à preocupação com as coisas do mundo foram feitas em 1726, segundo Diogo de Vasconcelos, meu patrono no IHGMG. Para ele, Dom Frei de Guadalupe, ordenou que o clero secular se diferenciasse no modo de vestir e imputou-lhes multa, impondo 'pelo que mandamos que nas vilas andem sempre com vestidos compridos; caso ocorra a perda do vestido, 'poderá ser denunciado ao vigário da vara, para que o castigue`. [33]

Quanto ao Sacramento da Eucaristia, principalmente nas procissões de culto ao Santíssimo Sacramento, D. João da Cruz, em 1743, chamou a atenção de todo o clero, principalmente do Arraial de Nossa Senhora do Carmo (Mariana). Para ele os clérigos eram 'pouco diligentes em acompanhar o Santíssimo Sacramento, quando cai com pompa, acudindo muito poucos e esses sem sobrepelizes, pelo que mandamos que, em tocando os sinos a sair fora o Santíssimo Sacramento, acudam todos os Clérigos que se acharem no Arraial com suas sobrepelizes para acompanhar sob pena de suspensão *ipso facto*, por quinze dias pela primeira vez que faltarem não tendo legítima causa, a qual farão patente ao pároco, que não achando suficiente, os declarará por suspenso pelos ditos quinze dias e se rescindirem nesta parte dará conta ao reverendo do Vigário para que proceda contra eles, aumentando-lhes a pena a proporção da sua culpa'. [34]

Enfim, os termos das Visitas Episcopais, no início do século XVIII, são preocupações disciplinares que diferem de outras visitas, principalmente a visita de Dom Frei João da Cruz em 1743, tratando-se do zelo com a conservação e construção das Igrejas, o apreço pela liturgia, cuidado com os cemitérios, valor e necessidade da oração (devoção da Ave Maria do Ângelus), oferta dos sacramentos a todos, observância do preceito dominical, catequese, escrituração paroquial, algum respeito para com os escravos.

[33] Diogo de Vasconcelos. História Antiga de Minas Gerais.1937, p.31.
[34] AEAM Livros manuscritos /Pastorais fl 8/ 10/ Arm. 6, prateleira 1.

Monsenhor Flávio Carneiro Rodrigues (2004) escreve que ‘os abusos e desvios foram energicamente pontuados e reprovados. O bispo carmelita Frei João da Cruz defendeu bravamente o caráter religioso das festas, cujo desvirtuamento acontecia com a convivência de excessos nas comidas, bailes, óperas, teatros, máscaras (carnaval), touros usados nos rodeios, touradas e as cavalhadas’.[35]

Os Visitadores Diocesanos no Termo de Pitangui

O Termo de Pitangui da Comarca do Rio das Velhas se constituía de duas freguesias, do Pitangui compreendendo a sede Pitangui, Onça, Guardas, Pará Acima, e Pará Abaixo e a Freguesia do Curral Del Rei composta pela sede Curral Del Rei, o Morro do Mateus Leme, Candonga, hoje Juatuba, Macacos e Paraopeba. Nessas freguesias as devassas se iniciaram a partir de 1717, sendo que a maior concentração das “Mesas da Visitação” se deu até 1759, rareando-se até ao século XIX.

O Bispado de Mariana teve início em 1748. Até essa época, as Minas eram atendidas pelos Cônegos dos Cabidos do Bispado do Rio de Janeiro e algumas vilas mais ao Sul foram atendidas pelos vigários gerais do bispado de São Paulo quando este se iniciou em 07.08.1746 com D. Bernardo Rodrigues Nogueira. A esses eram chamados de visitadores diocesanos.

Estes visitadores diocesanos prestaram-se ao papel de inquisidores, marcando a existência da Inquisição já que não houve Tribunal do Santo Oficio no Brasil. As pessoas envolvidas eram remetidas a Lisboa. Os cônegos e os bispos também tinham autorização para abrirem devassas, colher informações sobre os hereges e prender os suspeitos. Os jesuítas tiveram papel semelhante. [41]

No ano de 1720, a comarca de Vila Rica já estava tendo a sua primeira visitação, no Inficionado e no Arraial de São Sebastião. A partir de então se seguiu em grande número, principalmente, após a criação do bispado em Mariana, caindo em decréscimo após os anos de 1770, sendo realizadas apenas 28 devassas em 1800. No ano de 1821 extingue-se a ação do Santo Ofício no Brasil.

[35] Mons. Flávio Carneiro Rodrigues. As Visitas Pastorais do Séc. XVIII no Bispado de Mariana. Cadernos 1-3. Arquivo Eclesiástico da Arquidiocese de Mariana. Ed. D. Viçoso. 2004.

As visitações diocesanas através dos cônegos do Cabido do Bispado do Rio de Janeiro no "Caminho de Pitangui" ocorreram com as presenças do visitador diocesano Manuel da Costa Escobar que expira em São João del Rei, por volta de 1709; em 1717 o Cônego Dr. Manuel da Rosa Coutinho, que depois se tornou Vigário Geral da Comarca de São João del-Rei; em 1730 o Cônego Dr. Manuel de Andrade Verneque e o visitador Dr. Manuel da Rosa Coutinho que em 22.05.1730 revisita Pitangui, Ribeirão do Carmo e Sabará a mando de Dom Frei Antônio de Guadalupe, bispo do Rio de Janeiro.

O Dr. Lourenço José de Queiroz Coimbra e Vasconcelos passou como visitador pelo "Caminho de Pitangui" entre 1726 e 1727. Recém-chegado de Portugal, formado pela Universidade de Coimbra, com 23 anos, em 1734, tornou-se Vigário Geral da Comarca do Sabará e Pitangui. Dez anos depois, a ele e ao Vigário Geral da Comarca de São João del-Rei, Manuel da Rosa Coutinho, o bispo Dom Manuel da Cruz enviou uma carta 'investindo-os dos poderes precisos para que um dos dois por ele tomasse posse da diocese e a governasse até sua entrada em Mariana'. Ocupou o cargo por nove meses e nove dias quando chegou o Bispo D. Manuel. Ocupou o cargo de Vigário Geral e Provisor de Mariana e depois Vigário Geral efetivo de Sabará, Caeté, Pitangui e seus distritos. Faleceu em 12.09.1784. Sob a sua jurisdição, auxiliado pelo Vigário de Congonhas do Sabará, Padre João Pimenta da Costa, dentre outras de interesse da História Eclesiástica, foram tomadas medidas a respeito da capela no Patafufo.

Em 1752, Dr. Lourenço José de Queiroz Coimbra e Vasconcelos possuía na região de Pitangui de datas minerais juntamente com o escrivão André Moreira de Carvalho. Sua mineração situava-se na paragem chamada Caxingó, 'onde se encontravam algumas terras devolutas, principiando a medição do monjolo de José de Faria para cima, até as cabeceiras do córrego e dos mais campos e capoeiras contingentes, a saber, vinte datas pelo veio do córrego acima de trinta braças, cada uma delas com suas quadras e sobre quadras'.[36]

Entre 1741 e 1746, foi a vez do Comissário do Santo Ofício Antônio Pereira da Cunha visitar toda Minas Gerais, inclusive Pitangui. Dois anos depois ocorre novamente em Minas Gerais, a Mesa da Visitação entre 1748-1750 com o Reverendo doutor visitador Miguel Carvalho de Almeida Mattos.

[36] IMC Nogueira-Livro de Guardamoria-1750-1793:99v.

A “Mesa da Visitação” e os principais “pecados” do Termo de Pitangui

Os “pecados” mais evidentes nos Termos de Culpa lançados na Mesa da Visitação do Termo de Pitangui, além da sodomia e da poligamia foram os que se referiam ao concubinato incestuoso, às benzeções de cura por palavras e à feitiçaria.

A **Sodomia e a Poligamia**, provenientes da cultura do negro e do índio, embora fossem considerados pecados sexuais, puseram sentido de coisa natural no *modus vivendi* do português na colônia. Desde os primórdios, era notória a facilidade com que os homens da Colônia poderiam "se arranjar".

Os processos inquisitoriais trazem à luz praticamente todas as camadas sociais: escravos, marinheiros, lavradores, artesãos, comerciantes, muitos representantes do clero e das forças armadas, burocratas e nobres. Embora, o homossexualismo prevalecesse entre os homens adultos, também crianças e adolescentes aparecem frequentemente entre os sodomitas. O lesbianismo, chamado de *sodomia faeminarum*, foi criminalizado pela Inquisição lusitana em 1646, sendo muito rara a documentação sobre a homossexualidade feminina muito embora a justiça civil continuasse até o século XIX a tratar esta conduta como crime. [37]

A respeito da poligamia, a correição que o Ouvidor Geral Pero Borges fez no Brasil, em 1550, aponta que muitos dos moradores das capitanias estavam "amancebados com hum par ao menos cada hum de gentias". Em carta enviada ao rei, o padre Nóbrega solicitava o envio de mulheres ‘ainda que fossem erradas’ ‘contanto que não sejam tais que de todo tenham perdido a vergonha’, e completava: ‘nesta terra ha um grande pecado, que é terem os homens quase todos suas negras por mancebas [...] segundo o costume da terra, que é terem muitas mulheres’. O problema do preconceito racial é evidente, pois o jesuíta continua relatando o que os portugueses alegavam para viverem assim: ‘que não tem mulheres com que casem’, ‘uns se casam com algumas mulheres, se as acham; outros com as mesmas negras, e outros pedem tempo para venderem as negras e se casarem.’[38] Desolado, já em 1549, o padre jesuíta escreveu ‘Tem se

[37] MOTT, Luís. O Lesbianismo no Brasil-Porto Alegre, Ed. Mercado Aberto-1989.
[38] Memória da Justiça Brasileira- Vol. I, Cap. 8- O Brasil de 1609.

cá que o vício da carne não é pecado.'[39] Na segunda década do século XVIII, Barbinais, sobre o gosto português por mulatas, escreveu que 'os portugueses nascidos no Brasil preferem a posse de uma negra ou mulata a mais bela mulher (branca)' acreditando que o 'criados e amamentados por essas escravas adquirem essas inclinações com o leite.' [40]

O comportamento polígamo, tanto para homens quanto para mulheres, era costumeiro em toda Minas Gerais Setecentista. Para isto concorria as grandes distâncias entre as moradias dos casais, pois a mineração cada dia avançava para outros locais. Os homens bígamos foram os mais frequentes nas citações na Mesa da Visitação no Termo de Pitangui. E um desses exemplos, cita Manuel de Borba Gato, alvo da última das visitas de Dom Frei Antônio de Guadalupe a Minas Gerais. Este terceiro bispo do Rio de Janeiro (1724-1739), cuidadoso, veio a Minas duas vezes: em 1726-1727 e em 1733-1735.

Em 1734, Dom Frei Antônio de Guadalupe lavrou o Termo de Culpa de Manuel de Borba Gato no Arraial de Mateus Leme, constituindo-se uma das principais provas de que naquela data este paulista se encontrava vivo, cujo falecimento se deu entre 1734-1738, quando então, nesta data final, a sua grande sesmaria começa a ser repartida aos que nela viviam com concessões para minerar. A culpa referia à bigamia de seus escravos. No arraial do Mateus Leme (Barbosa) do Termo de Pitangui, Maria Preta e Caetano, preto de nação Mina, casaram-se. Acontece que Maria Preta já era casada, sendo seu primeiro marido João Bastardo, filho do Borba, o João de Borba.[41] João de Borba, - segundo referências que encontrei a seu respeito -, ainda vivo, assistia na Freguesia de Guarapiranga, para onde seguiu com o filho legítimo de Borba Gato, o Padre Vitoriano de Borba, morador que foi no Morro do Mateus Leme. [42]

No Pará Acima, hoje São Gonçalo do Pará, o morador Domingos Dias Vidal, tinha uma longa história para contar sobre a sua bigamia. Fora casado nas

---

[39] *ARAÚJO, Emanuel. O teatro dos vícios. Transgressão e transigência na sociedade urbana colonial. Rio de Janeiro: José Olympio, 1993.*

[40] BARBINAIS, L. G. de La- Nouveau voyage autour du monde Enrichi de pulsieurs plans, vues & perspectives... du Perou, Chily, Brésil, & de la Chine. v. 3, p.147. https://cparq.ufba.br/obras-raras/nouveau-voyage-autour-du-monde-par-l-g-de-la-barbinais-enrichi-de-pulsieurs-plans-vues

[41] AEAM. Livro das Devassas, fls 68v.1734.

[42] MOURÃO, Maria da Graça Menezes- O tenente general Manuel de Borba Gato nas origens de Igarapé- site camaleo.

partes do Rio das Mortes e fugira de lá com duas irmãs, Filipa que tratava como mulher e sua cunhada Maria Gonçalves, a mais velha e que fora a primeira no seu afeto. Nesta época, Filipa andava com o irmão de Domingos. Este acabou se enciumando e ameaçou o irmão de morte, fugindo a seguir com as duas mulheres, sendo excomungado pelo pároco daquela paragem. Além de tudo isso era fama pública que viviam "em muito mau estado".[43]

Na Ponte Nova do Paraopeba, hoje o distrito de Francelinos do município de Juatuba, antiga Candonga, que até então era Termo de Pitangui, Tereza de Jesus também vivia com seus dois homens. Embora fosse casada com André de Sousa Álvares e com ele morava, recebia as visitas de José Luiz de Lima, que entrava e saia de sua casa á qualquer hora sem temor de Deus, nem pejo do mundo'. Era do consentimento do marido que ela fosse acompanhar José Luís nas várias jornadas que ele fazia. Consta da delação que os três se arrancharam como sócios morando todos na mesma casa. Na Vila de Pitangui, Estevão Leme de Brito morava com sua mulher e sua cunhada Margarida Correia, todos juntos no mesmo fogo (casa). A testemunha da devassa delatou que certo dia, indo a casa deles avistou de um terreno, o Estevão Leme de Brito dando abraços e ósculos na sua cunhada. A testemunha praguejou algumas palavras em voz alta, mas, sem alteração os dois entraram fechando a porta. Dirigindo-se para a casa onde estavam os familiares dos dois, ela perguntou onde estava a Margarida, que apareceu muito depois, logo seguida também do cunhado Estevão. Francisca Correia, outra cunhada de Brito, começou a descompor a irmã Margarida dizendo-lhe 'que bem podia fazer aquilo mais oculto, e que bem sabia que ali estavam a testemunha e sua mulher procurando por ela'. Margarida respondeu 'que desgraçada era quem andava como ela, porque o dito Estevão Leme a não quis largar, ao que também respondeu a mulher do mesmo Estevão Leme que bem sabia que ele era, porque tanto que pegava em uma pessoa mais a não largava, como ela experimentava; e muito mais a quem cobiçava como era a referida sua irmã e cunhada'. A esta altura, a mulher da testemunha, exclamou 'que semelhantes ofensas de Deus se não consentiam'. Mas, a sua reprimenda foi

[43] NOGUEIRA, André Luis Lima. Entre cirurgiões, tambores e Ervas: Calunduzeiros e curadores ilegais em ação nas Minas Gerais (Sec. XVIII)

logo cortada pela mulher de Estevão dizendo esta 'que se lhe não consentiam naqueles desaforos, sempre andava triste... '.[44]

Quanto à **feitiçaria**, nos sertões das Minas, embora o medo de enfrentá-las protegesse as feiticeiras contra os que sofriam com seus malefícios, houve contra elas casos horríveis de violência. Quando Dom Frei Antônio de Guadalupe veio a Minas pela primeira vez (1726-1727), veio com ele como visitador eclesiástico, o Cônego Manuel Freire Batalha, cuja rubrica *Batalha* pode ser vista em muitos livros paroquiais desta época.

O sumário de culpas do Cônego visitador Manuel Freire Batalha a respeito de uma feiticeira chamada Luzia asseverou que, depois de inquirida ela "confessou todas as suas culpas voluntariamente e sem castigo". O denunciante a acusou de ter matado suas duas crianças, provocado a morte de escravos da sua fazenda, dentre outras assolações como a ruína das minerações de ouro daquela família,

No entanto, Luzia contou aos funcionários do Santo Ofício em Lisboa, o que fizeram com ela para que ela fizesse a sua "confissão voluntária": 'Mandara fazer um braseiro com o fogo muito aceso em que puseram logo grandes tenazes de ferro com as quais depois de estarem vermelhas [...] mandando lhe tirar [a roupa] de sorte que ficou nua, atenazando por todo o corpo com as ditas tenazes, o que não só lhe causava dores horríveis, mas também lhe fazem grandes chagas de que ainda [existe] conservados os sinais como se pode ver e examinar por todo seu corpo'. [45]

Na freguesia de Pitangui, quando é sabido que poucos tinham coragem de enfrentar as feiticeiras, Domingos Moreira da Cunha denunciou Rita Maria que tinha pacto com as coisas demoníacas, Sua mulher Quitéria Luz encontrava-se gravemente doente e recaiu sobre a feiticeira, a causa de seus padecimentos. Após ter tomado remédios que lhe aplicava os licenciados para cuidar das doenças, e de nada valer, procurou um negro de nome Ventura para usar de seus recursos mandingueiros que confidenciou tratar-se aquele caso de feitiços de Maria Rita, falecendo ele próprio cinco dias depois ciente do veneno da

[44] AEAM-Devassas-1756-1757,pág,75-75v. p.159 in Sousa(1986): Desclassificados do Ouro.

[45] NOGUEIRA, André Luis Lima. Entre cirurgiões, tambores e Ervas: Calunduzeiros e curadores ilegais em ação nas Minas Gerais (Sec. XVIII), 1a. edição, Garamond, Rio de Janeiro, 2016.

feiticeira. Diante da revelação, acompanhado de três homens e munido de armas, o marido da doente, foi até à casa da bruxa, ameaçando-a para que curasse sua mulher, senão a mataria. Sem aparentar medo, a feiticeira mandou-o retornar, pois sua mulher ficaria bem, o que de fato ocorreu.[46]

Outro caso interessante se registrou na Vila de Pitangui, onde morava um negro escravo de Manoel da Silva Carneiro de nome José que tinha fama de feiticeiro, sendo denunciado por maleficar um carijó que "botava pela boca" os feitiços por ele produzidos.[47]

Nas minas do Paracatu, que pertencia ao termo de Pitangui, da Comarca do Rio das Velhas, o pardo José da Cunha foi denunciado como feiticeiro porque costumava usar da arte diabólica para dar fortuna às mulheres damas delas recebendo pagamento. Uma delas, Quitéria Maria, que recebera dele cartas de tocar o coração, foi a sua própria denunciante, devendo-lhe ainda o valor cobrado pelo serviço. As cartas de tocar o coração da pessoa amada faziam parte da conquista amorosa, consistindo na gravação do nome da pessoa amada em papelotes, ossos, pedras e outras conjuras demoníacas que serviam para atrair a pessoa desejada.[48]

Alguns potentados do ouro em Minas Gerais também se utilizavam dos poderes da feitiçaria no intuito da busca do poder e riqueza no então nascente e violento território do ouro, dentre muitos outros que eram adepto s das práticas de proteção sobrenatural. Manuel Nunes Viana, o caixeiro viajante que se enriquece e se torna um dos principais protagonistas da Guerra dos Emboabas, morador no sítio das suas fazendas às margens do Rio Jequitai, próximo à Barra do Rio das Velhas com o São Francisco, ‘contava com uma tropa de “negros mandingueiros” para fechar seu corpo e aumentar seu poder, mesclando a posse privada das armas o recurso ao recurso das forças mágicas’. [49]

---

[46] Idem, NOGUEIRA, 2016.

[47] AEAM. Devassas Eclesiásticas,1759,62 e 64v).

[48] VALE, Fernanda Cristina- LINGUAGENS DE AMOR: A FEITIÇARIA COMO MEIO DE CONQUISTA AMOROSA NO BRASIL COLONIAL-IIISeminário de Linguagens e Identidades: múltiplos Olhares e Amarrações de amor: práticas de conquista e sincretismo religioso do Brasil colônia aos dias atuais. *Caderno Universitário de História.* Rio de Janeiro, Ano VI, nº 16. 2010.

[49] NOGUEIRA, André Luis Lima. Entre cirurgiões, tambores e Ervas: Calunduzeiros e curadores ilegais em ação nas Minas Gerais (Sec. XVIII), 1a. edição, Garamond, Rio de Janeiro, 2016.

Era corrente o boato nos sertões do São Francisco e para os lados da nascente do Rio das Velhas, que o corpo de Manuel Nunes Viana era fechado, além de se utilizar de patuás e por isso não poderia ser morto com tiros ou males espirituais. Além de tudo, tinha poder de adivinhar o que se passava dentro das casas, descobrindo o segredo de seus rivais como Manuel de Borba Gato, graças aos feiticeiros que viviam sob seu patrocínio.

No Arquivo da Torre do Tombo, encontra-se uma carta do familiar do Santo Ofício Manuel da Silveira Barbosa do ano de 1750 para o Doutor Cônego Amaro Gomes de Oliveira denunciando José Antônio da Silveira e sua irmã Maria Joaquina de Santa Ana, moradores na fazenda de Restinga, em Pitangui, por terem morto um negro com fogo e água a ferver.[62] A fazenda da Restinga ficava na Aparição Velha, hoje nos domínios do território de Pará de Minas, um sítio de grande serviço de mineração no Córrego da Restinga, atualmente Aparição, que nasce na localidade do mesmo nome.[50]

Minas Gerais herdou a prática das **benzeções de cura por palavras** de Portugal, costume em outras partes da Europa, o que mostra 'o peso da palavra dita pelo curador ao doente como forma, exclusiva ou acessória, de ação terapêutica para remediar os achaques sofridos'. Tal recurso na mesa da devassa aparece nas descrições das culpas para definir as ações tanto de senhores como de escravos. A cura de bicheira através de palavras e bênçãos era muito corriqueira e desde as primeiras visitações elas foram registradas. Assim acontecendo na devassa de 1733, com uma mulher de nome Úrsula no Curral del Rei.

Na devassa de 1738 do padre Comissário do Santo Oficio Doutor Francisco Pinheiro da Fonseca visitando a comarca do Curral del-Rei e toda a região de Pitangui, consta o Termo de Culpa contra Manoel Alves, homem solteiro e sem ofício que benzia, com palavras, o gado com bicheiras e feridas. Este homem assistia em Pitangui, no sítio do Capitão Francisco Pereira da Silva, autor da denúncia como familiar do Santo Ofício. Na devassa de 1748-1749, o escravo Antônio no Ribeirão dos Machados foi ‘enredado por curar de palavras

[50] Arquivo Nacional da Torre do Tombo – Maço 65
http://digitarq.arquivos.pt/results?t=Pitangui&di=1738&df=1743

bicheiras', cujo 'denunciante Antônio da Silva, proprietário do crioulo apareceu igualmente denunciado por curar com palavras, bicheiras e quebrantos.[51]

Para a benzeção de bicheira de animais recorriam aos santos, a Deus e a Virgem Maria: '... bichos maus neste lugar onde estais e não louvais, malditos sejais da maldição. São Pedro e São Paulo e do apóstolo Santiago e do Padre São Silvestre, que quando eu fizer prece pela graça de Deus e da Virgem Maria. Um Padre Nosso com Ave- Maria'.[52]

O Livro da Devassa de 1748 a 1750

Nos primeiros dias do mês de junho de 2004, consegui ter em mãos nas salas do Arquivo Eclesiástico de Mariana, através do Monsenhor Flávio Carneiro Rodrigues, o Livro da Devassa do Arquivo Eclesiástico de Mariana do ano de 1748 onde paleografei alguns Termos de Culpa. Grande amigo do Dr. Guaracy de Castro Nogueira, por vezes ali se encontravam, ele, Áureo Nogueira, Dr. Alan Penido em intermináveis pesquisas. A paleografia do Livro da Devassa se deu com grande dificuldade, pois foi utilizada a goma de farinha de trigo e papel manteiga para recuperar as páginas danificadas pelo tempo, com rasgões, dando margem ao surgimento de bolhas de ar que dificultaram ainda mais a leitura.

Entre 1748-1750, ocorre a Mesa da Visitação em Minas Gerais, pelo Reverendo doutor visitador Miguel Carvalho de Almeida Mattos, vigário da vara e juiz de casamentos na Comarca do Serro, visitador ordinário do restante da visita da Comarca Pitangui, Sabará na igreja Matriz da Boa Viagem do Curral del Rei visitada em 15/09/1748.[53]

O visitador Miguel Carvalho de Almeida Mattos estava acompanhado do secretário escrivão o Reverendo Francisco Almeida Barbosa, que escreveu o edital em 7 de julho de 1748 para ser afixado nos lugares por onde passariam. O início da visitação se deu na Vila do Príncipe na Comarca do Serro Frio, e na "forma do Sagrado Concílio Tridentino", foram levantados os termos de testemunhas de 19/07/1748 a 04/08/1748. [63]

[51] NOGUEIRA, André Luis Lima. Entre cirurgiões, tambores e Ervas: Calunduzeiros e curadores ilegais em ação nas Minas Gerais (Sec. XVIII), 1a. edição, Garamond, Rio de Janeiro, 2016.
[52] AEAM. Devassas Eclesiásticas 1742-1743, fl 133.
[53] AEAM: Disposições Pastorais, livro W3.

Em 21 de agosto de 1748, o doutor visitador Miguel Carvalho de Almeida Mattos iniciava os trabalhos de levantamento de testemunhas contra possíveis crimes. A maioria dos casos, denunciados por testemunhas, faziam referências a concubinatos dentre eles, Diogo Vaz Pinto, Manoel Fernandes Pereira, Manoel da Costa Moreira, Manoel Pinto da Fonseca, Antônio Lopes; João Vieira da Silva, concubinato com a escrava de Manoel Mendes da Silva; Domingos Maciel Aranha, concubinato com Francisca ou Anastácia; Manoel Fernandes de Barros, sendo cúmplice Maria Crioula escrava de José Gonçalves; Paulo Ivany, sendo cúmplice Jacinta escrava forra do Cochicó; a denunciada Micaela (...) preta forra (...); João Luiz Cardoso, cúmplice a escrava Caetana forra; João Tavares Batista, pardo forro; Helena Leite, escrava, cúmplice de Tomás de Aquino Calapa; Catarina Dias, cúmplice Antônio José de Almeida; Manoel Antônio dos Santos cúmplice, Catarina sua escrava; José Pereira de Magalhães, cúmplice Maria Ismaria, escrava em São João; Maria Evarista - preta forra, cúmplice - João Tavares da Silva; Luiz Leite de Freitas, cúmplice Ana, sua escrava; Lourenço dos Reis, cúmplice, (...) bastarda; Manoel Antônio dos Santos sendo cúmplice Catarina sua escrava.[54]

Dois dos apontamentos registrados na página 20 do referido Livro da Devassa (1748-1750) mencionados pelo Comissário P$^{e.}$ Miguel Carvalho de Almeida Mattos chamaram-me a atenção. Nele está a menção como cúmplice por concubinato, José de Campos Monteiro com a carijó Escolástica dos Campos, além de Antônio Rodrigues Velho, também por concubinato, sendo cúmplice Felícia preta forra; por sua vez, ela também é indiciada: 'Felícia preta forra cúmplice, Antônio Rodrigues Velho'.

Na página 21, encontram-se citados João Rodrigues Trindade, cúmplice (...) carijó; Inácio (...); Paulo Barbosa, cúmplice Domingas mulata; Francisco Borges; escrava de Domingos Maciel Araújo; Maurícia escrava cúmplice, Miguel d (...).

Na página 22, encontra-se o primeiro Termo de Admoestação desta devassa de 1748-1750, consistindo em repreender e advertir para que não se encontrem mais em pecado. No entanto, muitos não se corrigiam, embora as reprimendas e os castigos a que seriam sujeitos. Pitangui teve um caso como este. O morador João Gonçalves, foi autuado na devassa do período de 1723-1746, por andar amigado com Mônica carijó. Já havia sido repreendido em duas

[54] AEAM, Livro da devassa de 1748-1750, pag. 20, 21, 22,23 e 24.

visitas anteriores e por não ter-se corrigido, "no caso em que não se apartar definitivamente de sua concubina", foi condenado a dois anos de degredo para a Ilha de São Tomé e ao pagamento de vinte oitavas de ouro para a Bula, Sé e o Meirinho.

Nessa devassa entre 1748-1750 também foram delatados pelas testemunhas de acusação: Elena Maria da Silveira, cúmplice Domingos Lopes Barbosa; Suzana preta forra (.....); Valentim Nunes, cúmplice Maria forra parda; Marinho Dias cúmplice, cabra de Pereira Leite; Domingos Lopes Barbosa, cúmplice Elena Maria da Silveira; Miguel Francisco Tavares cúmplice, Maria Rita sua escrava; Domingos Vaz de Melo-cúmplice Rosa Amália Parda Forra; Alexandre Silveira Reis-Cúmplice, Isabel escrava parda; Miguel Gonçalves-morador na Onça; Escolástica- cumplice Domingas crioula forra; Rafael Ferreira, morador nos Guardas, cúmplice , sua escrava.

No dia 03 de setembro de 1748, o doutor visitador Miguel Carvalho de Almeida Mattos encontrava-se no Arraial do Paraipeba, Freguesia de Curral Del Rei**.** O escrivão Reverendo Francisco Álvares Barbosa registrou os termos de José de Castro Freitas - cúmplice, Ana Alina; Rosa da Silva- cúmplice Domingos Pereira; Máximo Lisboa- cúmplice Margarida escrava; Antônio Ferreira da Silva- cúmplice Josefa Maria de Oliveira; José Maria de Almeida- cúmplice Antônio Francisco dos Santos; Domingas de Alves cabra forra - cúmplice Raimundo José; Raimundo Jose Del Payo escravo forro- cúmplice Domingas de Alves cabra forra; João Cabral Henrique de Almeida- cúmplice Quitéria Mulata forra; Leandro Teixeira pardo forro cumplice- Ivana escrava parda; Ivão Ribeiro de Carvalho-morador na roça do Luiz Taunay companhia de sua escrava; Francisco Antônio, carijó morador da Candonga de Mateus Leme, ou seja, na atual Juatuba tinha como sua cúmplice Maria Moreira parda.

Em 11 de setembro de 1748 o doutor visitador Miguel Carvalho de Almeida Mattos já se encontrava na Freguesia de Nossa Senhora da Boa Viagem do Curral d'El Rei. Encontram-se registradas no Livro das Devassas no dia 13 de setembro de 1748, as notificações de sumário de culpa, seguidas de admoestação: "....notificado à sua ordem para satisfação da culpa que lhe.... para não sair com ela, nem em público , nem em segredo, nem clemente presença .....". Alferes José Pereira da Costa cúmplice, Ana preta da Paraipeba; Maria Monteira parda, cúmplice Francisco Antônio Carijó, morador da Candonga(Juatuba) de Mateus Leme; Manoel da Silveira cúmplice, Maria Vilaça- lavadeira moradora no Engenho de baixo da Contagem; Maria Moreira- mulata velha-

notificada para não ter comunicação com Manoel de Oliveira; o Cirurgião Dionísio Rabello, morador no (...) foi notificado à sua ordem para a satisfação da culpa (...) Conselho Tridentino, para que desista (....); Antônio Xavier de Medeiro; cúmplice Antônia Alves Nunes Paraipeba; Felis Ribeiro do Prado, cúmplice Maria da Conceição bastarda- moradora na Candonga de Mateus Leme, concubinato, foi feito no arraial de Santa Luzia, onde o secretário era o padre local.[55]

Além das questões da heresia, feitiços, sacramentos, as visitas dos comissários também encontravam denúncias a respeito das negligências de muitos padres que as vezes viviam de minerar. Na devassa de 1756 no Curral del Rei, o alferes Custódio Pereira da Rocha denunciou o capelão Manoel da Costa Araújo porque o viu recusar sacramentos a um escravo seu, e, não obstante ter insistido para que desse assistência ao doente: '*ao que o dito cappellão respondeo que a doença do negro não era mortal, e que tambem tinha dúvida, se o dito negro estava baptizado, e com estas razõis não confessou o dito negro que com effeito morreo sem sacramentos*'. Segundo a mesma testemunha, o dito sacerdote, muito denunciado em uma única devassa, negara a confissão e comunhão a outro negro Angola por: '*não saber falar e o dito Reverendo Capellão lhe não entender a língua, por não dizer o dito negro outra Couza mais do que era Christão, e que já tinha tomado sal (batismo), como declarava pela língua que lhe entendia húa negra (tradutora), por cuja razão o dito Reverendo Cappellão lhe não administrou Sacramento algum, nem ainda o da penitencia ... , e da dita infermidade morre o dito negro sem sacramentos pella razão que ele testemunha dito tem*'. O mesmo capelão também foi denunciado duas vezes por não desobrigar famílias pobres, que 'o não fizera por lhe não darem duas oitavas' e também por que 'hé preguiçozo em hir cedo para a sua Cappella, e que em húa occazião estando na dita Cappela húa preta para se confeçar ouvia elle testemunha (Manoel Alvares Correa) dizer ao dito Cappellão estas formais palavras = Tu já estas desobrigada, agora não careces de te confeçar = e assim se foy embora a dita preta que era do Capitão Jozé Pereira'. O sacerdote tão pouco prestimoso 'costuma (va) dizer a Missa Conventual sem mandar tocar o sino por cujo motivo sucede ficar alguas pessoas sem ouvir

55 AEAM- Livro da Devassa- 1748-1750- Pags. 23,25,28,33- 13/09/1748

Missa'. Além disso, irritava-se se algum paroquiano cuidasse de tocá-lo. Recebeu multa pela indiferença com que assumia a missão de sacerdote.[56]

As Multas na Mesa da Visitação

Algumas modalidades de crimes exigiam o pagamento ao meirinho de uma multa pecuniária em ouro, proporcional ao grau de transgressão. Entre tais crimes, havia o incesto que exigia o pagamento de nove mil réis ou seis oitavas de ouro; jogos e tavolagens, dez tostões ou mil reis; consentimento e alcouce, seis mil reis ou quatro oitavas de ouro.

No Livro da devassa (1748 a 1750) - Arquivo da Arquidiocese de Mariana, onde se encontra os relatos sobre a Inquisição na Freguesia de Pitangui, compreendendo Pitangui, Onça, Guardas, Pará-Acima, Pará-Abaixo e a Freguesia do Curral Del Rey, da Comarca do Rio das Velhas, encontramos na página 45, um relatório de pagamento de multas, ou propina.

Em Mateus Leme, dos oito indiciados, apenas Felis Ribeiro pagou duas oitavas de ouro por Maria bastarda. No Curral Del Rey- Henrique Alves da Contage e Teodoria mulata pagaram duas oitavas de ouro e na Paraipeba, dos 21 indiciados, apenas 05 pagaram duas oitavas de ouro. As razões para o não pagamento não foram encontradas e na literatura estudada não encontramos resposta. Ficamos sem saber se o não pagamento da "multa" ou da propina se deve à falta de recursos para fazer o mesmo.

As visitas também se diferenciavam quanto ao alvo e quanto à seriedade em normatizar uma única forma para todos; sendo a primeira visita para os mais abastados, a segunda visita era para os desclassificados. Consideramos que tal forma escamoteia na verdade, uma grande realidade: cuidava-se da plebe para que não se percebesse que o alvo realmente é aquele que mais se evidenciava no povoado. O fato de aplicar multas de certa forma procurava homogeneizar aqueles que se sobressaiam. Os que mais se evidenciavam nas lideranças e na parte econômica, era alvo das atenções constantes da Igreja, através da Inquisição. A nobreza e o clero se mantinham constantemente coercitivos quanto àqueles que se sobressaiam à sua volta. A própria Igreja cometia o crime da usura na cobrança de multa dos mais abastados. Não só eram estas as

[56] AEAM- Livro da Devassa- 1748-1750- 1/09/1748, p. 28

irregularidades como também a falta de caráter na sentenciação, principalmente com relação às mulheres, onde a complacência do visitador era notoriamente descabida: “Ide e não peques mais”.

Considerando este dado importante, para análise de como era o procedimento dos visitadores e suas reais intenções ao requerem cabido primeiramente no Rio de Janeiro e depois em Mariana. O Cabido era o direito de se intitularem visitadores e promoverem as devassas. Para obterem esse direito, era necessário o pagamento de um bom dinheiro. Logo, o título era comprado. Para as Gerais era muito requerido e concorrido o título, pois as propinas pagas em nome do perdão de Deus eram muito ‘gordas’ e tinham peso em ouro.

Embora, não encontrasse livros de devassa que citassem a respeito do judaísmo nos arquivos de Mariana, e ligeiramente tenha citado aqui o que Novinsky (1972) pensou a respeito, tenho que registar que um dos crimes que a Igreja se preocupou no século XVIII, foi o judaísmo.

Havia tantos desmandos que é interessante registrar o texto de Lima Junior, que trata dos desatinos do visitador Cônego João Vaz, em uma carta, cujo documento reclamava ao cabido do Rio de Janeiro um provimento tão irregular, ‘porque a todos desprezava com sua incivilidade e a todos vendia o sacramento do batismo por duas oitavas de ouro’. Além de pároco da Vila do Carmo, era visitador e, cobrava por onde passava ‘um grosso cabedal, obtido por condenação, em duas e três oitavas de ouro, de todas as pessoas que se serviam de negras ou comiam carne na quaresma’. Lima Junior, ainda mostra a declaração do Cônego Prado no Serro do Frio, que declarara ‘na presença de diversas pessoas, entre as quais, o Capitão-mor Pedro Pereira de Miranda e o Mestre de campo Jerônimo Pereira da Fonseca, que distribuíra ao Cabido do Rio, setecentas oitavas de ouro para o fazerem visitador e que havia de reavê-las com lucro. O inquérito procedido demonstrava que esse Cônego Prado tinha saqueado verdadeiramente a bolsa dos fiéis do Serro Frio, com as mais clamorosas injustiças e os mais fúteis pretextos’.[57]

Finalizando, no século XVIII, as Gerais transformaram-se no território que mais se destacou em número de imigrantes judeus, quando a notícia do garimpo explodiu na Europa. A resistência ocorrida em Portugal, no ano de 1497, obrigou forçosamente, mais de 190.000 judeus a confessar a fé católica, e após o batismo eram denominados "cristãos-novos", quando mudavam também

[57] A Capitania das Minas Gerais-Augusto de Lima Junior, BH-1978 Itatiaia-pag.-79.

os seus nomes. Várias atrocidades foram cometidas contra os judeus, que tinham seus bens confiscados, saqueados e atirados às chamas da fogueira.

Para processar a Inquisição, lançava-se mão de um conjunto de situações consideradas pecaminosas, condensadas em um manual chamado monitório. Tratava-se justamente de uma monitoria em que se advertia que aquele que soubesse algo sobre tais pecados, estava intimado a comparecer à Mesa e fazer sua delação. O Monitório de 1536 ordenava que fossem denunciadas como judaizantes as pessoas que "Quando nasceram ou nascem seus filhos se os circuncidam e lhes puseram ou põem secretamente nomes de judeus." Ocorria invariavelmente, o judeu traduzir o nome de batismo, para o seu similar em hebraico.

Os judeus portugueses que receberam o batismo em 1497, em idade adulta, não aceitaram a nova crença livremente. A essa desconformidade e consequente duplicidade de pensamento religioso, correspondiam gestos e atitudes de dissimulação. O marrano pronunciava Jesus, mas pensava em Moisés. Rezava a Ave Maria com os lábios e o Shemá Israel (ouve, ó Israel) com o coração. Citava os apóstolos Paulo, Pedro e João, mas invocava de verdade os profetas israelitas Isaías, Jeremias e Ezequiel. A simulação, recurso usado como burla para operar no cotidiano das duas culturas, gerou um modismo comum entre os judeus cristãos-novos, vindos para as minas, dizendo-se deles, "os modos ajudengados". Usavam de "cifras que só eles entendem" nas prisões ou em terras estranhas e de vocabulários secretos para se entenderem entre si , a respeito de seus costumes, como por exemplo, o jejum.[58]

Em seus estudos, Augusto de Lima Junior, identifica Paracatu, Serro Frio, Sabará, arredores de Ouro Preto e Mariana, bem como Pitangui, como redutos por onde se haviam espalhados a gente judia, transformados em comerciantes, compradores de ouro, rancheiros, cambueiros de negros , ambulantes, mascates.[59]

De acordo com Neusa Fernandes, em seu livro A Inquisição em Minas Gerais, os sobrenomes judaicos de maior ocorrência das famílias em Pitangui, eram os Pereira da Cunha, os Rodrigues e Roiz, os Nogueira, Silveira, os Bicudo e Henriques. Em outro estudo, ela apresenta uma relação de cristãos novos em Pitangui, citando dentre eles a membros que pertenciam à “família fundadora”

[58] LIPNER, Elias. Santa Inquisição: terror e Linguagem, 1977
[59] LIMA JUNIOR, Augusto- A Capitania das Minas Gerais-Itatiaia, BH-1978.

de Pitangui: José Campos Bicudo, Bernardo Campos Bicudo e, mais Antônio da Gamboa ou Antônio Pereira da Cunha, Antônio Rodrigues, Antônio Rodrigues Casado, Antônio Roiz Cardoso, Antônio Roiz Nogueira, Gaspar Henriques, João de Mattos, Michael da Cruz, Miguel da Silveira.[60]

Enfim, sumarizando, o Termo de Pitangui passou por várias visitas de delação e audição de testemunhas relatadas nos "Termos de Culpa da Mesa da Visitação". Ao todo foram sete termos de testemunhas de 1720 a 1770, sendo que em 1746, houve um termo de testemunha e dois anos depois em 1748 mais três termos, além de ocorrer uma visita para levantar denúncias que também se fechou em uma devassa.

[60] Listagem de cristãos-novos residentes nas Minas Gerais, entre 1712 e 1763 - "A Inquisição em Minas Gerais no Século XVIII", de Neusa Fernandes.

OS BARÕES DE PIRACICAMIRIM

Marcelo Meira Amaral Bogaciovas [1]

***Resumo**: Biografia e genealogia dos barões de Piracicamirim, Antônio de Barros Ferraz, chefe político em Piracicaba (SP)- D. Rita Ferraz.*

***Abstract**: Biography and Genealogy of the barons of Piracicamirim, Antônio de Barros Ferraz, Political Chief of Piracicaba (SP)- D. Rita Ferraz.*

Origem

Apesar de o barão de Piracicamirim, Antônio de Barros Ferraz, ser uma figura conhecida em Piracicaba e receber nome de importante rua na cidade, sua origem era ignorada.

Dei-me conta dessa situação por causa de uma entrevista com meu avô materno, João do Amaral Mello (1879-1984), quando me relatou um encontro com ***sua tia*** D. Rita Ferraz, baronesa de Piracicamirim. Esse encontro teria ocorrido por volta de 1901, em um trem que ia ou vinha de Piracicaba, ocasião em que ela o convidou para viajar consigo em seu vagão. Curioso, passei a pesquisar sobre a genealogia dos barões. Sobre ele nada encontrei, ao contrário de D. Rita Ferraz, mencionada na obra de Silva Leme.[2] Dias depois voltei ao assunto com vovô e lhe disse que, tendo pesquisado sobre D. Rita Ferraz, ela não seria sua tia, mas apenas prima de um antepassado. Ele apenas repetiu o tratamento de *tia*, sem saber dar mais detalhes.

Por muitos anos tive o prazer de conviver com meu avô, com quem entabulava longas e saudosas conversas sobre seu passado e casos antigos da família. Ele raciocinava como engenheiro – que era – sempre preciso e detalhista nas informações, aliado a uma memória prodigiosa: todos os fatos narrados a mim encontravam comprovação segura posterior. A história oral ganha ares mais interessantes quando confrontada e enriquecida pelo crivo documental...

---

[1] Sócio-correspondente do Instituto Histórico e Geográfico de Piracicaba.

[2] LEME, Luís Gonzaga da Silva. *Genealogia Paulistana*. São Paulo: Duprat & Cia., 1903 a 1905, 9 volumes. Vol. IV, p. 30.

Em uma das minhas viagens a Piracicaba, estudei o inventário *post mortem* do Tenente Manuel de Barros Ferraz, pai de D. Rosa Balbina de Barros (bisavó de meu avós maternos João do Amaral Mello – Guiomar Corrêa de Meira), no Arquivo do Fórum de Piracicaba, então depositado na sede do Instituto Histórico e Geográfico de Piracicaba. Foi declarante a viúva D. Gertrudes Antônia de Barros. Por obra do acaso, nesse processo descobri que Antônio de Barros Ferraz – o futuro barão de Piracicamirim – era filho do casal acima. Portanto, vovô não se enganara: D. Rita Ferraz era realmente sua tia-bisavó, por afinidade.

Publiquei a identificação de Antônio de Barros Ferraz, *en passant*, em um trabalho meu, no ano de 1991, ao tratar do segundo casamento de Balduíno de Mello Castanho e Sampaio (viúvo de D. Antônia de Pádua do Amaral Gurgel) com D. Gertrudes Antônia de Barros, em 2 de abril de 1834, em Itu.[3] D. Gertrudes era viúva do Tenente Francisco Xavier Cardoso Leite, seu segundo marido, o qual faleceu em 1.º de outubro de 1833 em Limeira. O Tenente Manuel de Barros Ferraz havia sido o primeiro marido de D. Gertrudes, de quem, unicamente, deixou geração.

O casal Balduíno – D. Gertrudes – reuniu os filhos menores de idade de cada um, e viveram, por algum tempo, sob o mesmo teto. No recenseamento de 1836 na freguesia de Indaiatuba (segunda quadra), da vila de Itu, Antônio ali foi registrado, com a idade de 17 anos. Balduíno e D. Gertrudes deixaram de ter vida marital e, muito provavelmente, Antônio de Barros Ferraz acompanhou sua mãe de volta a Piracicaba, onde passaram a viver.[4]

Enfim, passemos à identificação e origem do futuro barão.

Antônio de Barros Ferraz foi batizado em 9 de Maio de 1819 na matriz de Santo Antônio de Piracicaba, como segue:[5]

> *Aos 9 de Maio de mil oitocentos e dezanove batizei e pus os Santos Óleos a Antônio inocente filho legítimo de Manuel de Barros e Gertrudes Antônia. Padrinhos Manuel Joaquim Pinto de Arruda e sua mulher D. Ana Josefa de Sampaio. O Vigário Manuel Joaquim do Amaral Gurgel de que fiz este assento.*
>
> *O Vigário Manuel José de França*

---

3 BOGACIOVAS, Marcelo Meira Amaral. *Os Irmãos Mellos de Itu*. Edição Comemorativa do Cinquentenário do Instituto Genealógico Brasileiro. São Paulo: IMESP, 1991. p. 709. Pode ser visto em: http://asbrap.org.br/documentos/mellos.pdf

4 Não consta que tenham se divorciado. Não era uma situação comum para a época. Mas, por outro lado, não se configurava em escândalo. Certamente por serem reservados e por fazerem parte da 'nobreza da terra', não consta ter havido manifestação contrária dos vigários de Indaiatuba, Itu e Piracicaba.

5 Arquivo da Cúria Diocesana de Piracicaba. Livro de batizados de Piracicaba, fls. 21v.

Seus pais e avós paternos foram antigos moradores de Piracicaba e faziam parte da elite local. Seu pai, o Tenente Manuel de Barros Ferraz, anteriormente conhecido por Manuel de Barros Leite, foi batizado em 8 de maio de 1769 em Itu; era irmão do Major Teodoro Ferraz Leite (1751-1837), que foi sargento-mor de Campinas por muitos anos, e figura de destaque na sociedade local. Manuel de Barros Ferraz casou-se em 28 de agosto de 1798 em Itu com D. Gertrudes Antônia Ferraz de Campos, batizada em 13 de junho de 1783 em Itu – a qual, depois do casamento, passou a ser conhecida por Gertrudes Antônia de Barros, nome que conservou mesmo durante e após seus outros dois matrimônios.[6]

Neto paterno de Pedro Ferraz Pacheco, batizado em 12 de novembro de 1723 em Itu, onde foi inventariado em 1804, e de sua primeira mulher (casados em 24 de novembro de 1748 em Santana de Parnaíba) Maria Delfina de Lemos, também conhecida como Maria Delfina Leite, batizada em 12 de novembro de 1733 na matriz de Santana de Parnaíba, e falecida em 15 de abril de 1778 em Itu. Pedro Ferraz Pacheco casou-se, segunda vez, em 1778 em Itu, com Gertrudes Maria Barbosa, a qual era irmã de Ana Maria de Almeida, madrasta de Ana de Lara da Silva, mulher de Antônio Corrêa Barbosa, povoador de Piracicaba e seu primeiro capitão.[7]

Antônio de Barros Ferraz era neto materno de João Ferraz de Campos, batizado em 29 de outubro de 1730 em Itu, onde faleceu em 17 de dezembro de 1804, e de sua primeira mulher (casados em 4 de março de 1753 em Itu) Rosa Maria de Siqueira, nascida em 29 de agosto de 1738 em Santana de Parnaíba, onde foi batizada em 6 de setembro de 1738, e falecida em 20 de dezembro de 1803 em Itu.

O Tenente Manuel de Barros Ferraz deve ter acompanhado seu pai em suas andanças, ainda criança, a Piracicaba. Alguns anos depois do casamento, mudou-se para Piracicaba, onde apareceu no recenseamento de 1808 e no de 1809. Ao lado de seu nome constou: "está se estabelecendo de novo". Em Piracicaba foi juiz dos órfãos e senhor de engenho, com fábrica de açúcar. Serviu de escrivão em uma escritura que Miguel Rodrigues da Silva e Joana Francisca venderam terras a Francisco Eugênio de Andrade, em 23 de abril de 1817 em Piracicaba.[8]

O Tenente Manuel de Barros Ferraz e seus sócios, os Tenentes Joaquim Galvão de França e José Galvão de França, receberam uma sesmaria, em 13 de janeiro de 1817, no lugar denominado *Morro Azul*.[9] Era uma enorme gleba, que consistia em légua e meia

---

6 Não encontrei o óbito de D. Gertrudes Antônia de Barros.

7 LEME, Luís Gonzaga da Silva. *Genealogia Paulistana*. Volumes IV, 387; V, 249. O casamento de Pedro Ferraz Pacheco com alguém da família do povoador de Piracicaba mostraria suas boas relações com Antônio Corrêa Barbosa.

8 Biblioteca Nacional [do Rio de Janeiro]. Códice II- 35, 21, 56 n.º 8.

9 Arquivo Público do Estado de São Paulo. **Sesmarias e Patentes**. Livro n.º 39, fls. 124.

de terra em quadra (por volta de 4.050 alqueires paulistas) na freguesia de Piracicaba, na cabeceira do ribeirão do Pinhal. Rateada a sesmaria, parte dessa sesmaria deu origem à futura cidade de Rio Claro e a várias fazendas (entre as quais o Engenho do Ibicaba, do Senador Vergueiro). Não consta que tenham ficado muito tempo na posse dessas terras.

Manuel de Barros Ferraz faleceu em 30 de abril de 1830 em Piracicaba, sem testamento ou apontamento qualquer. Por sua morte foi inventariado em 27 de setembro de 1830 na vila de Piracicaba, em casas da viúva D. Gertrudes Antônia de Barros, sendo juiz dos órfãos Bento Manuel de Morais e escrivão Manuel Anselmo de Sousa.[10] D. Gertrudes não sabia assinar. Entre outros bens, foram avaliados 20 escravos e um sítio, denominado "São João da Montanha", com terras, casas de morada na paragem de rio acima, que divisava de um lado com terras do Doutor José da Costa Carvalho – futuro marquês de Monte Alegre – e de outro lado com o sítio do Brigadeiro Joaquim Mariano Galvão, visto e avaliado em 6:400$000 (seis contos e quatrocentos mil réis). Além do sítio, foram avaliados uma fábrica, olaria, senzala, tudo em 64$240, além de quartéis de cana. À exceção do sítio, tudo que possuía estava em sociedade com o Padre Patrício Manuel de Andrada (irmão de José Bonifácio de Andrada e Silva, o "Patriarca da Independência"), grande capitalista.[11] O casal residia em uma morada de casas no pátio da matriz, vistas e avaliadas em 450$000 (quatrocentos e cinquenta mil réis). O orçamento resultou em um monte-mor de 11:311$293 e, abatidas as dívidas, em um monte-menor de 11:038$603 (onze contos, trinta e oito mil e seiscentos e três réis).

É relevante assinalar que a *São João da Montanha*, por fim, pertenceu, por compra, a Luiz de Queiroz, o qual a doou para o Governo do Estado de São Paulo para criação da escola agronômica, a famosa ESALQ – "Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz", que tantos serviços tem prestado ao desenvolvimento do Brasil, e que atualmente faz parte da Universidade de São Paulo (USP).[12] Quando se fez o registro de terras de Piracicaba, em 7 de dezembro de 1855, a fazenda São João da Montanha pertencia a Francisco Florêncio do Amaral, com um quarto em quadra, o que equivaleria a 112 alqueires paulistas, dividindo pela parte de cima com terras do Exm.º Marquês de Monte Alegre, e pela parte de baixo e fundo com terras de Manuel Rodrigues Jordão.[13]

---

10 Centro Cultural Martha Watts. Arquivo do Fórum de Piracicaba. Caixa n.º 37, ano de 1830.

11 MENDONÇA, Luiz Carlos Sampaio de. *Os Andradas (ascendentes e colaterais)*. Brasil Genealógico. Tomo I n.º 3, p. 255, 1962.

12 PERECIN, Marly Therezinha Germano. *Os Passos do Saber: a Escola Agrícola Prática Luiz de Queiroz*. São Paulo: EDUSP, 2004. p. 117.

13 Arquivo Público do Estado de São Paulo. Registro de Terras de Piracicaba. Volume 81, registro n.º 254. (Valeria a pena estudar, em um próximo artigo, a titularidade da Fazenda São João da Montanha até Luiz de Queiroz).

A Baronesa de Piracicamirim

Antônio de Barros Ferraz casou-se (ignoro onde e quando) com sua prima D. Rita Ferraz.[14] Já eram casados em 1846, conforme constou da relação de eleitores de Piracicaba, conforme adiante se virá. Depois de casada, passou a ser denominada Rita de Barros Ferraz. Ela era filha de José Ferraz de Campos, batizado em 24 de outubro de 1779 em Itu e de sua mulher (casados em 25 de junho de 1807 em Itu) D. Maria da Anunciação Camargo, batizada em 10 de março de 1793 em Itu; neta paterna de João Ferraz de Campos e de sua primeira mulher Rosa Maria de Siqueira – avós maternos de seu marido Antônio de Barros Ferraz, acima citados; neta materna do Capitão José de Camargo Penteado, natural da freguesia da Cotia, e de sua mulher (casados em 1790 em Itu) Ana Joaquina de Arruda, natural de Itu.

Rita Ferraz teria nascido possivelmente em Itu, cerca de 1821, consoante seu óbito, lavrado em 6 de novembro de 1910 na matriz de Piracicaba (fls. 53v):

> *Rita Ferraz de Barros*
>
> *Aos seis de Novembro de mil novecentos e dez nesta Matriz encomendei o cadáver de Rita Ferraz de Barros (Baronesa de Piracicamirim), com oitenta e nove anos de idade, viúva de Antônio de Barros Ferraz faleceu* [sic].
>
> *O Vigário Cônego Manuel Rosa*

Homem público

A vida pública de Antônio de Barros Ferraz em Piracicaba foi intensa.

No ano de 1846 aparece no quinto quarteirão de Piracicaba, qualificado como administrador, com a idade de 27 anos.[15] A partir desta data consta habitualmente dessas listas. Cabe lembrar que, naquela época, apenas os homens livres, de maior idade, que sabiam ler e escrever e que possuíam alguma posse, podiam votar.

Pelo ofício de 8 de junho de 1859, o governo da Província tomou ciência de que Antônio de Barros Ferraz prestou juramento e achava-se em exercício do cargo de subdelegado de Polícia da cidade de Piracicaba, para o qual foi nomeado, por este governo.[16]

Segundo o Expediente da Presidência da Província de São Paulo, de 4 de dezembro de 1862, foi nomeado em 6.º lugar para suplente de juiz municipal e dos órfãos.[17]

---

[14] Os assentos de matrimônio em Piracicaba – no período – estão muito falhos. De 1818 a 1831 estão desaparecidos, bem como de 1839 a 1854.

[15] Arquivo Público do Estado de São Paulo. Negócios Eleitorais de Piracicaba.

[16] Correio Paulistano, 10 de junho de 1859, p. 2.

[17] Correio Paulistano, 4 de dezembro de 1862.

Utilizando-se do jornal *Correio Paulistano*, queixou-se de nepotismo João Batista Teixeira de Barros, de Piracicaba, a 20 de junho de 1864, de que era delegado de Polícia da cidade de Piracicaba Antônio de Barros Ferraz e subdelegado de Polícia da recente freguesia de São Pedro do município de Piracicaba, por proposta daquela autoridade, seu sobrinho carnal João Leite de Cerqueira César, que tem por um de seus suplentes seu irmão Antônio Rodrigues de Barros, também sobrinho carnal do referido delegado.[18]

Na ata da câmara de 2 de janeiro de 1866, foi um dos poucos merecedores da distinção que o governo da Província queria reconhecer as pessoas que, de qualquer forma, tivessem concorrido para a campanha das armas imperiais na guerra contra o Paraguai.[19] Na sessão de 6 de janeiro de 1867, quando era delegado de Polícia, juntamente com José Custódio Soares de Barros (suplente de delegado de Polícia) e com Joaquim Antônio de Oliveira (subdelegado) participou ativamente da aquisição e recrutas para a mesma guerra.[20] Em geral, eram escravos aos quais se oferecia a liberdade com a obrigação de irem para a guerra. Na sessão de 15 de abril de 1868, por proposição do vereador Ricardo Pinto de Almeida, fazia parte de uma comissão de três membros para, por meio de subscrição, promoverem festejos patrióticos por ocasião do término da guerra com o Paraguai, juntamente com José Custódio Soares de Barros e Dr. Eulálio da Costa Carvalho.[21]

Foi um dos subscritores da cidade de Piracicaba que tomaram ações para o prolongamento da estrada de ferro, em 22 de janeiro de 1868. Possuía 20 das 100 ações.[22]

Em 29 de julho de 1868, foi-lhe concedida exoneração – a pedido – do cargo de delegado de Polícia do termo da câmara municipal de Piracicaba.[23]

Fez anúncio de venda de uma fazenda de café denominada Santa Cruz, a uma légua e meia da cidade, com 50 mil pés de café formado, e mais ou menos 100 alqueires de terras baixas, próprias para a cultura de algodão e mantimentos; tinha uma pequena morada.[24]

Fazia parte da diretoria que se reuniu em 3 de fevereiro de 1875 na cidade de Itu, da Companhia Ituana, de estrada de ferro.[25]

---

18 Correio Paulistano, de 6 de julho de 1864, p. 3.

19 GUERRINI, Leandro. *Op. cit*. Vol. 2.º, p. 18.

20 GUERRINI, Leandro. *Op. cit*. Vol. 2.º, p. 22.

21 GUERRINI, Leandro. *Op. cit*. Vol. 2.º, pp. 26 e 27.

22 Correio Paulistano, de 22 de janeiro de 1868, p. 1.

23 Correio Paulistano, de 29 de julho de 1868, p. 3.

24 Correio Paulistano, de 26 de novembro de 1874, p. 3.

25 Correio Paulistano, 7 de fevereiro de 1875, p. 2.

No dia 11 de setembro de 1875, em sua fazenda Santo Antônio, em Piracicaba, o cidadão Antônio de Barros Ferraz inaugurou os trabalhos de uma serraria, a vapor, pelo que houve uma pequena festa, um bem servido jantar, reunião de amigos, etc.[26]

Representou Piracicaba, em outubro de 1875, juntamente com o Tenente-Coronel José Ferraz de Camargo, na reunião do Partido Liberal, no domingo à noite, no Teatro Provisório, em São Paulo.[27]

Foi eleito vereador no ano de 1877, conforme publicação no Jornal Piracicabano, de 10 de janeiro de 1877:[28]

> *No dia 7 do corrente, pelas 5 horas da tarde, muitos cidadãos, sem distinção de cores políticas, precedidos de uma banda de música, foram cumprimentar aos membros da Câmara Municipal que tomaram posse nesse dia. Dirigiram-se em primeiro lugar à casa do simpático e muito digno presidente, o Exm.º Sr. Dr. Estêvão de Resende, e depois às dos distintos vereadores, Dr. Prudente de Moraes e Antônio de Barros Ferraz, sendo na casa deste, onde achavam-se então reunidos todos os vereadores, oferecido um copo de cerveja às pessoas presentes.*
>
> *Em nome do povo foram dirigidas palavras congratulatórias aos representantes do município, manifestando grande confiança nestes, as quais foram, em agradecimento, respondidas pelo Exm.º Sr. Dr. Estêvão de Resende e Dr. Prudente de Moraes.*

Nesse ano de 1877, juntamente com o presidente da câmara local, mandaram, cada um, 10 escravos seus, trabalhar gratuitamente na canalização do córrego Itapeva, que passa pelo centro da cidade de Piracicaba.[29]

Fez parte da comissão de festejos da inauguração do ramal da linha férrea de Piracicaba – que ocorreu em 20 de fevereiro de 1877.[30]

Participou e auxiliou seu cunhado Manuel Ferraz de Arruda Campos (casado com sua irmã D. Ana Cândida de Barros Ferraz) da fundação do Lazareto de Morféticos da cidade de Piracicaba.[31] Em 26 de março de 1877 foi inaugurado o Asilo de São Lázaro. Segundo Leandro Guerrini:[32]

---

26 Correio Paulistano, 21 de setembro de 1875, p. 2.

27 Correio Paulistano, 4 de outubro de 1875, p. 1.

28 Diário de São Paulo, 14 de janeiro de 1877, p. 2.

29 Correio Paulistano, 18 de janeiro de 1877, p. 2.

30 Correio Paulistano, 17 de fevereiro de 1877, p. 2.

31 Segundo Maria Celestina Teixeira Mendes Torres, em seu livro "Piracicaba no século XIX", 2.ª ed., Piracicaba: Instituto Histórico e Geográfico de Piracicaba, 2009, p. 210:

O Asilo de São Lázaro se localizava na rua que hoje ostenta o nome de seu fundador, em direção à Escola Agrícola. Prestou relevantes serviços de profilaxia à cidade. Passou por muitas reformas e direções, ora oficiais, ora particulares. Foi arrasado mais ou menos em 1936, quando os pobres lázaros do município foram transportados para o Asilo Colônia Pirapitingui [em Itu].

Em 26 de agosto de 1877, o cidadão Manuel Ferraz de Arruda Campos apresentou ofício oferecendo à câmara um terreno de um quarteirão, para nele ser construído um lazareto para morféticos. Em 16 de outubro do mesmo ano, o vereador Antônio de Barros Ferraz apresentou à câmara municipal a planta dos terrenos necessários à edificação do Hospital dos Leprosos.[33] Em 20 de outubro de 1879 o operoso Manuel Ferraz comunicava à câmara que estava com as obras a finalizar, e pedia a cooperação oficial para a conclusão das mesmas obras; a municipalidade entendia não ter responsabilidade no caso.[34]

Manuel Ferraz foi o principal fundador do lazareto, e teve autorização verbal dada pelo Exm.º Sr. Cônego Jerônimo Pedroso de Barros, que benzeu a capela em 25 de junho de 1880, segundo a forma do Ritual Romano.[35] Era vigário de Piracicaba Francisco Galvão Pais de Barros e vigário geral o Cônego Francisco de Paula Rodrigues. Em seu testamento, adiante, feito em 1895, Barros Ferraz destinou quinhentos mil réis para o hospital dos morféticos.[36]

Manuel Ferraz de Arruda Campos foi um dos homens mais caridosos de Piracicaba. Acompanhado de seu escravo Eliseu, Maneco Ferraz, como era conhecido, ia buscar nas matas esses infelizes, trazendo-os para seu Leprosário, deles cuidando com todo carinho, em sua própria chácara. Foi vítima de acidente, a 14 de junho de 1887, quando demolia um velho prédio para, nesse local, construir outro para seus protegidos. Em agosto do ano anterior ele já tinha oferecido à Câmara Municipal o terreno de um quarteirão para a construção de um Lazareto, que foi inaugurado nesse ano a 16 de março.

32 GUERRINI, Leandro. *Op. cit.* Vol. 2.º, pp. 66 e 67.

33 GUERRINI, Leandro. *Op. cit.* Vol. 2.º, pp. 70 e 71.

34 GUERRINI, Leandro. *Op. cit.* Vol. 2.º, p. 79.

35 Arquivo da Cúria Diocesana de Piracicaba. Livro Tombo da Paróquia de Santo Antônio (1814-1895), fls. 63v.

36 O prédio não existe mais, há muito tempo. De acordo com a Professora Dra. Marly Therezinha Germano Perecin, o leprosário seria um casarão isolado do centro urbano de Piracicaba, em um bosque. De acordo com o "Almanak de Piracicaba para o ano de 1900", organizado por Manuel de Camargo, ao se descrever as ruas de Piracicaba:

Hospital. *Assim se chama porque passa pelos fundos do hospital dos morféticos. Nasce na rua Rangel Pestana, passa pelo largo da Estação velha, atravessa du-*

Em 20 de maio de 1877, em sessão da câmara de Piracicaba, Prudente de Moraes e Antônio de Barros Ferraz foram votos contrários ao gasto por parte da cidade em receber a comitiva imperial que ali viria logo depois (chegando em 15 de julho).[37]

Curiosamente, no ano seguinte, em setembro de 1878 Antônio de Barros Ferraz recepcionou e hospedou em sua residência, em Piracicaba, Sua Magestade o Imperador D. Pedro II e família. Mas, às suas custas, diga-se de passagem. Segue a transcrição dessa visita, conforme o jornal *A Província de São Paulo* (depois denominado O Estado de S. Paulo): [38]

> *Suas Magestades Imperiais em Piracicaba*
>
> *O trem imperial chegou à estação desta cidade no dia 22 do corrente às 5 horas da tarde; logo que se avistou o vagão imperial subiram ao ar muitos foguetes e girândolas.*
>
> *Suas Magestades foram recebidas pelos senhores delegado e subdelegado de polícia e pelos membros da importante família Ferraz, em cuja casa tinham de hospedar-se os augustos viajantes.*
>
> *Tocava o hino nacional uma banda de música, dirigida pelo distinto mestre o Sr. Joaquim Romão da Silva Prado.*
>
> *Da estação seguiram Suas Magestades em carro até a casa do sr. Antônio de Barros Ferraz, onde foram introduzidas pelo sr. José Ferraz de Arruda Campos e pela excelentíssima senhora D. Rita de Barros Ferraz, que faziam as honras da casa.*
>
> *Suas Magestades atravessaram as ruas da cidade entre duas alas de povo que se apinhava na sua passagem.*
>
> *À porta da entrada estavam colocados dois coretos elegantemente decorados, onde trinta e tantos meninos e meninas, vestidas à fantasia, atiravam-lhes flores; as baterias, foguetes e girândolas atroavam o ar, e o povo aglomerado no pátio da Matriz, cheio de júbilo saudava aos ilustres hóspedes.*
>
> *Às 7 horas foi servido um esplêndido jantar, tocando durante essa ocasião a banda de música escolhidas peças do seu excelente repertório.*

---

as barrocas e termina na rua Nova. Conta dez quarteirões com 1.030 metros. Rua escusa, sem casas, aumenta porventura o horror que nos inspira aquela casa isolada destinada aos morféticos, os maiores infelizes de nossa terra.

Conforme o livro de Luiz Nascimento, "Memórias do Bairro Alto", o hospital dos morféticos ficaria na rua do Hospital, atual rua Manuel Ferraz de Arruda Campos, entre as ruas Treze de Maio e Voluntários de Piracicaba (possivelmente onde fica o Grupo Pão de Açúcar).

37 GUERRINI, Leandro. *Op. cit*. Vol. 2.º, pp. 66 e 67.

38 A Província de S. Paulo, de 28 de setembro de 1878.

O pátio da Matriz arborizado e caprichosamente embandeirado, apresentava à noite, iluminado à veneziana, um aspecto surpreendente.

Às 8 e meia horas, dessa mesma noite a colônia italiana, incorporada levando à frente o estandarte da sua nacionalidade e uma banda de música, obteve o favor de cumprimentar a sua augusta compatriota Sua Magestade a imperatriz; foi nomeada uma comissão composta dos seguintes senhores: Brás Siciliano, Alexandre Siciliano, Carlos Novaresio, Miguel Falconi, Miguel Boniel e Dr. Ernesto Sancia; este último na ocasião em que sua filha Ida oferecia a Sua Magestade um bouquet *de flores, dirigiu em nome dos compatriotas que se achavam reunidos na porta da residência imperial, uma saudação no idioma italiano, a cuja saudação Sua Magestade dignou-se responder no mesmo idioma declarando-se sumamente grata pela manifestação cordial que acabava de receber dos seus compatriotas.*

No dia 23 pela manhã, foram Suas Magestades à igreja da Matriz dirigindo-se em seguida à cascata do rio Piracicaba, e daí à casa de residência do Sr. Dr. Estêvão de Sousa Resende que se acha situada em um lugar mui pitoresco, perto da mesma cascata. Visitaram também a fábrica de tecidos, e às 9 horas voltaram para almoçar na casa em que achavam hospedados.

Às 10 horas desceram ao rio Piracicaba em duas balsas que o engenheiro da companhia fluvial, Dr. Francisco Conceição mandou preparar para esse fim, não sendo possível descer-se no vapor por falta de água.

Depois de uma descida que levou 4 horas chegaram Suas Magestades e toda a comitiva à estação do Canal Torto, aí os aguardava o vapor da mesma companhia que os recebeu a seu bordo, e foi navegando até as alturas do Limoeiro, daí regressaram para o mesmo ponto de partida os esperavam os trolys *que conduziram Suas Magestades para a cidade às 6 horas da tarde. À noite repetiu-se a iluminação tocando a música no seu coreto. Na ocasião em que Suas Magestades depois do jantar se apresentaram à janela, o Sr. José Pantaleão Lopes Rodrigues levantou vivas a Suas Magestades, ao presidente do concelho e ao presidente da província, estas saudações foram entusiasticamente respondidas pelo povo que em grande número achava-se aglomerado no pátio da matriz.*

No dia 24 Sua Magestade o imperador percorreu as ruas da cidade acompanhado do digno inspetor de instrução pública, visitou diversas escolas, as cadeias velha e nova em construção, visitou a oficina de chapéus do Sr. Ricardo Petricho e o gabinete de leitura.

Às 9 horas, Suas Magestades ouviram uma missa na igreja matriz, e às 10 horas depois de terem almoçado seguiram de carro para a estação, aonde embarcaram, e às 11 horas com a sua comitiva seguiram para a capital.

Os senhores Antônio de Barros Ferraz, Manuel Ferraz de Arruda Campos, José Ferraz de Arruda Campos, José Ferraz de Camargo, Joaquim da Silveira Mello, João Pinheiro de Aguiar e José Ferraz de Camargo Sousa, acompanharam Suas Magestades até a estação do Itaici.

Nunca se viu a cidade de Piracicaba tão animada, tão bonita e tão cheia de povo, diga-se com orgulho, Suas Magestades manifestaram a sua satisfação pelo acolhimento lhano e cordial que lhes dispensou o povo piracicabano.

À família Ferraz e aos poucos amigos que concorreram para a hospedagem de Suas Magestades cabe-lhes boa parte dessa glória porque com os escassos recursos que dispõe esta cidade conseguiram tornar mais que decente o agasalho que ofereceram aos seus dignos hóspedes.

Nesta ocasião, a filha do Sr. Antônio de Barros Ferraz, saudou a família imperial, e outra menina a nação brasileira.[39]

A verdade.

Os partidos Liberal e Republicano tentaram se unir para fazer frente ao Partido Conservador, que apoiava a Monarquia. Conforme publicado no Jornal Piracicabano de 9 de março de 1878:[40]

A 5 do corrente reuniram-se na casa do Sr. Antônio de Barros Ferraz, fazendeiro deste município, os partidos – Liberal e Republicano, no intuito de acordarem-se para os trabalhos na próxima eleição.

Depois de um longo debate foi dispersada a reunião, sem que chegassem ao fim proposto, deliberando cada um dos partidos lutar segundo seus princípios.

Por decreto de 28 de fevereiro de 1880 foi nomeado tenente-coronel comandante do 36.º batalhão de infantaria, das comarcas de Rio Claro e de Piracicaba.[41]

Em 23 de janeiro de 1881 foi nomeado para a comissão que iria dirigir as obras da igreja matriz da cidade de Piracicaba, juntamente com o Reverendo Vigário Padre Galvão Pais de Barros, Major Fernando Ferraz de Arruda, Ricardo Pinto de Almeida e Alberto José da Silva Pereira.[42]

Pelo Partido Liberal foi eleito suplente de juiz de paz, em função do abandono do Partido Conservador às eleições de julho de 1880.[43]

Em Piracicaba, o Tenente-Coronel Antônio de Barros Ferraz acumulava os cargos de comandante do batalhão da Guarda Nacional, de suplente do juiz municipal e, em 7 de janeiro do corrente ano de 1881, acumulou mais o de 1.º juiz de paz, cargos incompatí-

---

39 Antônio de Barros Ferraz não teve filhos. A menina deveria ser sua sobrinha e afilhada.

40 Reproduzido no Diário de S. Paulo, de 12 de março de 1878, p. 3.

41 Correio Paulistano, de 12 de março de 1880, p. 3

42 Correio Paulistano, de 23 de janeiro de 1881, p. 2.

43 Correio Paulistano, de 23 de dezembro de 1881, p. 1.

veis por sua natureza. Em 26 de março de 1881, em ato da vice-presidência da Província, foi declarado vago, a pedido, o cargo de juiz de paz do termo de Piracicaba, visto que seu titular (Antônio de Barros Ferraz) já exercia o cargo de juiz municipal e de órfãos, e as leis vigentes não permitiam o acúmulo de empregos.[44] Ainda no termo de Piracicaba o cidadão Manuel Ferraz de Arruda Campos, cunhado de Antônio de Barros Ferraz, acumulava os cargos de suplente do juiz municipal e o de vereador da câmara.[45]

De acordo com Leandro Guerrini, em 22 de junho de 1882, noticiava a "Gazeta de Piracicaba" que, com vistas às próximas eleições municipais, se movimentavam os partidos locais – Liberal, Conservador e Republicano, respectivamente chefiados por Antônio de Barros Ferraz, Barão de Resende (Estêvão Ribeiro de Sousa Resende) e José Custódio Soares de Barros.[46] Barros Ferraz acabou perdendo as eleições desse ano e, ao que parece, abandonou de vez a disputa partidária.

Foi um dos que doaram quantia significativa para a fundação de um colégio feminino na cidade de Piracicaba, com 2 contos de réis (2:000$000), em agosto de 1882.[47]

Fazia parte, em 1887, dos fazendeiros que se inscreveram como membros da Associação Libertadora dos escravos.[48]

Em janeiro de 1891, os habitantes de Piracicaba estavam entusiasmados com a ideia da fundação de uma escola agronômica, cuja iniciativa se devia ao prestante cidadão Luiz de Queiroz. Juntamente com outros quatro elementos da sociedade local, fazia parte da comissão que iria obter concessão de terrenos que seriam cortados por um 'boulevard', que provavelmente teria o nome de *Boulevard Queiroz*, em continuação da rua Santo Antônio até a escola.[49]

Recebeu a comenda da Ordem da Rosa em 21 de setembro de 1889, coforme segue:[50]

> *Atendendo aos relevantes serviços prestados ao Estado pelos Coronéis Antônio de Barros Ferraz e José Ferraz de Camargo e por Joaquim da Silveira Mello: Hei por*

---

44 GUERRINI, Leandro. *Op. cit*. Vol. 2.º, p. 84.

45 Correio Paulistano, de 29 de abril de 1881, p. 2.

46 GUERRINI, Leandro. *Op. cit*. Vol. 2.º, p. 90.

47 Correio Paulistano, de 16 de agosto de 1882, p. 2.

48 Correio Paulistano, de 18 de dezembro de 1887, p. 1.

49 Correio Paulistano, 13 de janeiro de 1891, p. 1. Seu sobrinho-bisneto João do Amaral Mello fez parte dos sete estudantes que se formaram na primeira turma da ESALQ – à época Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz.

50 Arquivo Nacional [do Rio de Janeiro]. Decretos Honoríficos – Ordem da Rosa. Ano: 1889, documento n.º 115.

bem nomeá-los Comendadores da Ordem da Rosa. Palácio do Rio de Janeiro, em vinte e um de setembro de mil oitocentos e oitenta e nove, sexagésimo oitavo da Independência e do Império.

Dom Pedro

Barão de Loreto

Dias depois, em 25 de setembro de 1889, recebeu, de D. Pedro II, o título de Barão de Piracicamirim.[51] Dois dias depois, segundo Leandro Guerrini, houve grande manifestação, ao sabor da época, prestada ao piracicabano Antônio de Barros Ferraz, por ter recebido o citado título.[52]

Gozou pouco do título durante a Monarquia, já que ela foi derrubada em 15 de novembro do mesmo ano. Mas continuou a ser reconhecido como barão e sua mulher, D. Rita Ferraz, como baronesa, em tempos republicanos.

Um rumoroso processo contra Antônio de Barros Ferraz

No ano de 1869 envolveu-se em uma questão que gerou um grande e rumoroso processo contra sua pessoa: a destruição de uma casa que abrigava uma cruz fixada por uns fiéis. Deve-se notar que não era uma capela, e sim uma casa. Fiz pesquisas no Arquivo da Cúria Metropolitana de São Paulo e no Arquivo da Cúria Diocesana de Piracicaba: não encontrei pedido algum de ereção de capela.

O início dessa história deu-se na sessão extraordinária de 23 de maio de 1869, às 10 horas da manhã, no Paço da Câmara Municipal de Piracicaba, estando reunidos os vereadores Dr. Eulálio da Costa Carvalho, Antônio Morato de Carvalho, Antônio Bonifácio de Almeida, Augusto César de Oliveira, Bento Barreto do Amaral Gurgel, Albano Leite do Canto e Francisco Manuel de Oliveira, faltando com causa os vereadores Antônio da Silva Leite e Luís Gonzaga da Silveira.[53] Pelo presidente Dr. Eulálio foi aberta a sessão e...

Foi lido um requerimento de José Custódio Gomes pedindo para aforamento gratuito ou não, vinte braças de frente com vinte de fundo de terreno à rua do Monte Alegre, para nele edificar uma casa para guardar uma cruz que naquele lugar os fiéis fixaram. A Câmara ouvindo informações do vereador Bento Barreto, membro da Comunicação de Obras Públicas, concedeu o aforamento, que será gratuito, se o

---

51 ZÚQUETE, Afonso Eduardo Martins. *Nobreza de Portugal e do Brasil*. Lisboa: Editorial Enciclopédia. 1960. 3 volumes. Volume III, p. 674.

52 GUERRINI, Leandro. *Op. cit*. Vol. 2.º, p. 168.

53 Câmara Municipal de Piracicaba. Departamento de Documentação e Transparência. Livro n.º 11 das Atas da Câmara de Piracicaba (1863-1870), fls. 274v.

terreno servir para o devido fim, devendo o suplicante dentro do prazo de três meses dar princípio à edificação da Casa; mas que o suplicante pagará 200 réis por braça do dito terreno, se não realizar a edificação referida. O Dr. Eulálio informou que, tendo ido examinar os terrenos, que por Francisco Franco de Lima tem sido cercado e que pertencem ao rossio desta cidade, entende que a Câmara deve mandá-lo multar conforme os artigos 4, 90 e 116, e intimá-lo para não continue a cercar, nem a edificar nos ditos terrenos e aprovando a Câmara, que assim se fizesse, autorizou de novo a presidência a tratar advogado ..... onde da questão existentes entre ela e Antônio de Barros Ferraz e o Barão de Limeira a res..... [respeito?] *de terrenos do rossio e que esses senhores dizem ser seus.*[54]

Meses mais tarde, José Custódio Gomes abriu processo contra Antônio de Barros Ferraz pela demolição do espaço.[55] Era escrivão da cidade de Piracicaba Manuel Alves Lobo. Assim, em 2 de setembro desse mesmo ano, o suplicante, morador no município de Piracicaba, usando do direito concedido no artigo 74 do Código de Processo Criminal, queria denunciar Antônio de Barros Ferraz, também morador no mesmo município, que tendo conseguido licença da atual câmara para edificar uma pequena capela de Santa Cruz no lugar denominado rua do Monte Alegre, não tendo recursos para o concluir, visto seu estado de saúde, procurou então conseguir por meio de uma subscrição uma quantia excedente a 200$000 (duzentos mil réis).[56]

Ocorre que, conseguindo o valor, e estando a capela para ser coberta de telhas, que devia ser no dia 25 do mês próximo passado, às 7 horas da noite, um grupo de 15 pessoas armadas de instrumentos próprios para demolir o edifício, chegaram ao lugar do acontecimento e nessa ocasião alguns indivíduos que acompanharam o grupo procuraram por meios pacíficos convencer o chefe para que não praticasse um ato de tal vandalismo, porém nada obstou a sua firme resolução de destruir a capelinha completamente, sob a direção do mesmo Antônio de Barros Ferraz.

Oferecia por testemunhas: Martinho Hilsdorf, Conrado Hebleng, Martinho Ficher, João de Tal, conhecido por *Guarda-Mor*, José Corrêa Barbosa, Maximiano Lopes da Silva, Joaquim Madalena e Valentim Hebling. A rogo de José Custódio Gomes, assinou José Felisberto Machado.

Autuado o processo, foi marcado para o dia 6 do corrente mês, às 3 horas da tarde, na sala da câmara e que fossem notificadas as testemunhas e citado o réu.

---

54 Rossio é a área central da vila, ou cidade. Ou seja, é a área urbana.

55 Centro Cultural Martha Watts. Arquivo do Fórum de Piracicaba. Caixa 7/A, 1.º Ofício Cível. Ano de 1869.

56 Recordando: não havia sido feito nenhum pedido de edificação de capela, e sim de uma edificação de uma casa para abrigar a santa cruz...

Foi anexada a relação dos doadores. À exceção de Valentim Hebling, Filipe Hebling e Francisco Florêncio do Amaral, que deram cada qual 10$000, a maior parte contribuiu com 1$000 (um mil réis). Entre eles alguns de origem alemã.

No mesmo dia, ou no dia seguinte, 26, fez-se auto de corpo de delito, às quatro horas da tarde, na estrada que vai para a fazenda Monte Alegre, distante 150 braças da última casa da rua de Santa Cruz, estando presentes o subdelegado de Polícia Francisco José da Silva, os peritos notificados André Suchs e Júlio César de Oliveira, todos moradores em Piracicaba.

Certificaram-se – os peritos – que a casa teria 25 palmos de comprimento e 17 de largura, e pelos tijolos esbandalhados e quebrados sobre o chão que ali encontraram calculam mais ou menos ter dezesseis palmos de altura, ... 500 telhas encostadas junto ao lugar da propriedade. Orçaram o prejuízo em trezentos mil réis (300$000).

Foi tomado juramento ao denunciante, José Custódio Gomes, que não sabia assinar, em 3 de setembro – por ele assinou Joaquim Narciso do Livramento.

Em 6 de setembro de 1869, na cidade de Piracicaba, foi ouvido o réu Antônio de Barros Ferraz, sendo juiz municipal o Dr. Antônio Joaquim Lopes Rodrigues. Declarou ser filho de Manuel de Barros Ferraz e de D. Gertrudes Antônia de Barros, de 50 anos, casado, lavrador de café e açúcar, brasileiro, e que sabia ler e escrever. Alegou que a capela foi construída em suas terras, à margem do caminho que vai à Fazenda Monte Alegre, e que o edifício que o denunciante queria construir era particular, sem nenhuma utilidade pública, porque não se celebra nos caminhos e sim nos templos regulares das povoações, e não é raro que nesses lugares iguais àqueles a título de festejos à Santa Cruz se desenvolvam vícios e se pratiquem atos imorais, e até crimes, como é geralmente sabido.[57]

---

[57] Esse parecia ser o pensamento da época sobre os festejos à Santa Cruz.

De acordo com o artigo do Professor Guilherme Vitti, *Largo de Santa Cruz*, publicado na Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Piracicaba, n.º 1, p. 27, reproduzindo a ata da câmara de Piracicaba de 2 de maio de 1836, os vereadores, respondendo a uma indagação do prefeito, assim se manifestaram: "... e que, quanto às rezas da Santa Cruz, a Câmara não acha analogia nem a aplicação no artigo onze das Posturas, porque não considera o culto externo dos fiéis como compreendido em as vozerias e tumultos do mesmo artigo, sendo certo que, sem se restringir a reza, pode-se tolher os abusos de imoralidades e os tumultos, por meio de uma exata observância do artigo dez e onze das mesmas posturas..."

Igual opinião vem registrada no livro de Maria Celestina Teixeira Mendes Torres: *Piracicaba no Século XIX*. Piracicaba: Instituto Histórico e Geográfico de Piracicaba, 2.ª ed., 2009, p. 178: "... o Largo de Santa Cruz foi muito mais conhecido pelas festas profanas do que por seu lado religioso. Tais festas eram realizadas no mês de agosto e se prolongavam durante noites seguidas, até muito tarde. A 2 de agosto de 1883 o vereador Dr. Manuel de Moraes Barros, chamava

Era promotor público Joaquim Antônio do Amaral Gurgel, que entendeu, em 8 de setembro, que o terreno em que foi construída a casa arrasada, serviria para amparar a uma cruz e destinado, portanto, à utilidade pública – o que caracterizaria domínio público.

As testemunhas foram ouvidas em 11 de setembro. O advogado de Barros Ferraz era simplesmente o Dr. Prudente José de Morais Barros, futuro presidente do Brasil. Ele solicitou que as testemunhas fossem perguntadas sobre o estado em que se achava a casinha quando foi demolida e se dentro dela existia alguma cruz (o que foi negado pelas testemunhas). Testemunhas afirmaram que apenas o denunciante teria direito ao terreno, dado pela câmara, mas que o genro do denunciante, Martinho, havia se apossado de um quarteirão nesse lugar, cujo direito transferiu ao denunciado. Martinho Ficher (genro de Martinho Hilsdorf) declarou que 15 escravos participaram da demolição da casinha – o advogado do réu disse que ele abandonou o quarteirão, do qual havia se apossado, não porque não lhe conviesse, mas porque esses terrenos pertenciam ao denunciado.

Interrogado novamente em 13 de setembro de 1869, Antônio de Barros Ferraz declarou, ao ser perguntado, se teria motivo particular a que atribuía a denúncia: — *Tem e é por ter arrasado a casa que fora construída em terreno seu e sem seu consentimento, por cujo motivo o dono da casa zangou-se, e deu a denúncia.*

O advogado do réu, Dr. Prudente, pretendia apresentar documentos comprobatórios, tanto em Piracicaba como na capital da Província (São Paulo) e pedia um prazo razoável para essa investigação. Por ser processo sumário, não lhe foi concedido tal pedido.

A linha de defesa de Antônio de Barros Ferraz era a de que a casa fora construída em sua propriedade, e não em área pertencente à municipalidade e que, portanto, a câmara não poderia dar o que não era seu.

Deve-se fazer uma contextualização da questão dos limites do rossio da vila piracicabana, que foram se expandindo ao longo do tempo.

Em um artigo, sem menção ao autor, sobre os limites do rossio de Piracicaba:[58]

> *Em 1857 os confinantes do rossio eram Antônio de Barros Ferraz, Visconde* [sic] *de Sousa Queiroz, Alferes Joaquim José de Oliveira, Francisco Florêncio do Amaral, Frutuoso José Coelho, Inácio Ferreira de Camargo e o Marquês de Valença.*[59] ...

---

a atenção da Câmara para a necessidade de controlar tais festas, que serviam de pretexto para a reunião de maus elementos e de excesso de bebidas."

[58] *Os limites do rossio de Piracicaba poderão ser reconstituídos? In* Almanaque de Piracicaba 1955. Organizador: Helio M. Krähenbühl. Editor: João Mendes Fonseca. No lugar de *Visconde* de Sousa Queiroz, leia-se *Vicente* de Sousa Queiroz, que foi barão de Limeira e pai de Luiz de Queiroz, que doou a fazenda "São João da Montanha" para a ESALQ – Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz.

[59] Cartório do 2.º Ofício, caixa 48.

> *Antônio de Barros Ferraz tinha a sua propriedade na rua da Palma (hoje Tiradentes) e a sua divisa corria pelo 'valo da convenção' desde aquela rua até o 'Pasto Grande'. O Comendador Vicente de Sousa Queiroz, confrontando com Antônio de Barros Ferraz, era o dono do 'Engenho d'Água' que é, o mesmo rego d'água que hoje atravessa os terrenos da Fábrica Boyes e se lança ao rio no bosque do Miranda.*[60]

Voltando ao assunto dos limites do rossio, em 22 de agosto de 1863, a câmara de Piracicaba tornou pública uma portaria solicitando informações a respeito da questão das terras do rossio, em que se empenhavam Vicente de Sousa Queiroz (depois barão de Limeira), Antônio de Barros Ferraz e Estêvão Ribeiro de Sousa Resende (depois barão de Resende), respectivamente proprietários das fazendas Santa Genebra, Engenho da Água e São Pedro. Segundo os vereadores, esses latifundiários não estavam respeitando a demarcação do rossio, feita em 1822, avançando sobre o patrimônio municipal. E, no dia seguinte:[61]

> *O Sr. Presidente cientificou a Câmara que está se finalizando o rumo provisório do rossio pelo lado que divide com terras de Francisco Franco de Lima, e o modo pelo qual mandou proceder, foi deliberado remeter-se cópia dos antigos Termos de Medição desta Cidade e quando criada Vila como também a Doação feita pelo Capitão Barbosa ao Exm.º Presidente da Província a fim de mandar por um dos engenheiros civis da Província resolver a maneira de correr-se os rumos provisórios do Rossio.*

Na sequência do problema, em ata de 6 de setembro de 1863, endereçada ao Presidente da Província de São Paulo:[62]

> *Exm.º Sr.*
>
> *A Câmara Municipal da Cidade de Constituição querendo tornar bem salientes os limites dos terrenos, que constituem o rossio, cujos foram assinalados com quatro marcos ainda existentes fincados no ano de 1822, atenta a invasão, que estão fazendo e pretendendo fazer alguns proprietários, em terras limítrofes ao mesmo rossio e desejando marchar em regra para não prejudicar um só interesse desses proprietários e nem os de seus munícipes, toma a liberdade de passar às mãos de V. Ex.ª o mapa e certidão junto do Termo de Demarcação juntas, a fim de V. Ex.ª se dignar em consultar a pessoa profissional e fique sabendo se os ditos marcos se devem correr linhas paralelas como parece mais razoável para ficar o Rossio com meia légua, e não serem prejudicadas as ruas, ou as diagonais.*

---

60 Livro de Notas 13 – 1.º Ofício, fls. 11v.

61 GUERRINI, Leandro. *História de Piracicaba em Quadrinhos*. Piracicaba: Instituto Histórico e Geográfico de Piracicaba, 1970. 2 volumes. Vol. 2.º. p. 8. *Apud* **Atas da Câmara de Piracicaba**.

62 GUERRINI, Leandro. *História de Piracicaba em Quadrinhos*. Idem.

O historiador Leandro Guerrini resume a ata de 7 de setembro do mesmo ano de 1863 da forma seguinte: Detalhada exposição da municipalidade ao governo provincial, a respeito da questão das terras patrimoniais, de que se fala em 'quadrinhos' anteriores. A câmara historiou circunstanciadamente a elevação da povoação à vila, especialmente na demarcação do rossio, que compreendia o patrimônio territorial do município, as lutas que se seguiram, a ganância e incompreensão dos grandes, que só viam seus interesses e não o bem-comum. Falou da reação do povo, dos processos judiciais e das contínuas promessas dos proprietários, não cumpridas, quase sessenta anos depois.[63]

Em 9 de abril de 1864: novo ofício da câmara municipal à presidência da Província solicitando solução ao caso das terras do rossio, levantada por Vicente de Sousa Queiroz, Antônio de Barros Ferraz e Dr. Estêvão Ribeiro de Sousa Resende. Quase um ano havia se passado e os poderes competentes não davam definição à questão, parecendo não reconhecer os direitos do município.[64] Em 18 de junho do mesmo ano há cópia de recebimento do governo da Província.

Retornando ao processo, em 6 de outubro de 1869, o promotor público, Amaral Gurgel, entendeu haver provas suficientes de ter sido Antônio de Barros Ferraz o autor do arrasamento da pequena casa, situada em um dos terrenos que pertence ao domínio público e que era destinada a servir de culto público. E que o réu deveria ser pronunciado nas penas do artigo 178 do Código Penal. E, em 30 de novembro do mesmo ano, foram conclusos os autos ao juiz municipal Antônio José Lopes Rodrigues. Em 2 de dezembro foi passado mandado de prisão contra o réu Antônio de Barros Ferraz, que em 4 de dezembro de 1869, ofereceu fiança contra o mandado de prisão. O valor arbitrado foi de dois contos e quinhentos mil réis (2:500$000), depositados em 6 do mesmo mês.

Em 9 de dezembro o Dr. Prudente apresentou recurso. O Dr. Prudente José de Morais Barros (1841-1902), à época, era um jovem advogado, que tivera carreira meteórica na política: convidado a entrar no Partido Liberal – o mesmo de Barros Ferraz – elegeu-se vereador em 1864 de Piracicaba, tornando-se presidente da câmara e, deputado provincial no biênio 1868-1869. De volta a Piracicaba, abraçou a carreira advocatícia e a defesa do processo, que parecia perdida, não apenas em função da violência praticada na destruição da casa – indo na contramão do direito, mas por não apresentar provas da titularidade por parte de Barros Ferraz. Mas, por fim, teria ganhado a causa, como segue:[65]

---

63 GUERRINI, Leandro. *Op. cit*. Vol. 2.º, pp. 8 e 9.

64 GUERRINI, Leandro. *Op. cit*. Vol. 2.º, p. 11.

65 A sentença não consta do processo depositado no Centro Cultural Martha Whatts. Porém, pode ser vista em: AMARAL, Antônio Barreto do. *Prudente de Moraes – uma vida marcada*. São Paulo: Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo, 1971. p. 46. *Apud* LEITE, Lauro de Paula. *Prudente Advogado*. **Gazeta de Piracicaba**, de 9, 15 e 20 de outubro de 1936.

Conclusos os autos a 16, a 19 de dezembro, o juiz municipal de Constituição, após várias considerações sentenciava: "...revogo hoje essa sentença para considerar o réu livre de tal pronúncia..."

Testamento dos barões de Piracicamirim

Os barões de Piracicamirim fizeram testamento de mão comum em 19 de junho de 1895 em Piracicaba, escrito pelo Dr. Carlos de Arruda Botelho, a pedido deles testadores.[66] Antônio de Barros Ferraz encontrava-se um 'tanto adoentado', mas em seu perfeito juízo. Declarou ser católico apostólico romano, em cuja fé tinha vivido e queria morrer. Declarou ser natural desta cidade (Piracicaba), filho legítimo dos finados Manuel de Barros Ferraz e de sua mulher D. Gertrudes Antônia de Barros. Que era casado em primeiras e últimas núpcias com D. Rita Ferraz de Barros, baronesa de Piracicamirim, do qual consórcio não tiveram filhos. Instituiu sua mulher como sua herdeira usufrutuária de todos os seus bens, por toda a sua vida, e por sua morte à sua sobrinha e afilhada Rita, menor, filha de seu sobrinho Francisco Ferraz e de sua finada mulher D. Anúncia. Deixava a seu sobrinho Francisco Corrêa Ferraz a quantia de cinco contos de réis (5:0000$000), à Santa Casa de Misericórdia de Piracicaba a quantia de cinco contos de réis, à Igreja da Boa Morte de Piracicaba a quantia de um conto de réis, à Igreja do Sagrado Coração de Jesus desta cidade a quantia de um conto de réis, à Igreja de São Benedito desta cidade a quantia de um conto de réis, à Igreja de Santo Antônio a quantia de um conto de réis, ao hospital dos morféticos desta cidade a quantia de quinhentos mil réis (500$000), à Claudina, mulher de Marcelino Dias Ferraz a quantia de quinhentos mil réis, deixava para ser dividida igualmente entre as quatro filhas dos precedentes, de nome Isaura, Maria, Rita, Alice e Ana, a quantia de quinhentos mil réis, deixava a seu afilhado Antônio, também filho dos mesmos Marcelino Dias Ferraz e sua mulher Claudina, a quantia de duzentos mil réis, deixava à sua sobrinha e afilhada Maria Rita, filha do finado José Ferraz de Camargo a quantia de um conto de réis, deixava à sua ex-escrava de nome Sofia a quantia de cem mil réis, deixava a quantia de cento e vinte mil réis para ser dividido entre doze pobres desta cidade, à escolha de seus testamenteiros, deixava a quantia de quinhentos mil réis a D. Eufrosina de Arruda, filha de seu finado sobrinho José Rodrigues de Barros, deixava a quantia de duzentos e cinquenta mil réis a cada uma das menores Maria Inês e Eugênia, filhas de Benedito Pinto de Almeida e sua mulher Etelvina, deixava à sua sobrinha e afilhada Gertrudes, mulher de Manuel Morato de Barros, as duas casas que ficam juntas ao riacho Itapeva, na rua Prudente de Morais, tendo cada uma delas duas frentes na frente vinte e cinco braças [cerca de 55 metros], passando estas casas por morte desta a sua filha e sua afilhada de nome Olímpia, deixava outras duas casas, situadas entre as precedentes e a linha de ferro de São Pedro, na mesma rua Prudente de Morais, com igual frente e fundo que as duas

66 Centro Cultural Martha Watts (Piracicaba). Caixa 80/B, 1.º Ofício Cível. Testamento.

primeiras, a sua afilhada Avelina, mulher de Manuel Rodrigues de Barros, com a condição de não poderem ser alienadas nem tomadas por dívidas. Todos esses legados seriam pagos, porém, depois da morte de sua mulher e herdeira usufrutuária de todos os bens que possuía.

Nomeava por testamenteiros, primeiro a sua mulher D. Rita Ferraz de Barros, baronesa de Piracicamirim, em segundo lugar ao seu sobrinho José Ferraz de Camargo Júnior e em terceiro lugar ao seu sobrinho Pedro Ferraz de Arruda Campos, aos quais pedia que aceitassem e fizessem cumprir fielmente este seu testamento e mandassem rezar uma capela de missas por sua alma.

Na mesma ocasião, D. Rita Ferraz de Barros, baronesa de Piracicamirim, achando-se em seu perfeito estado de saúde em seu perfeito juízo, fez suas disposições. Igualmente declarou ser católica apostólica romana, em cuja fé tinha vivido e queria morrer. Era natural desta cidade, filha legítima dos finados José Ferraz de Campos Camargo e de sua mulher D. Maria Anunciação de Camargo, que era casada em primeiras e últimas núpcias com Antônio de Barros Ferraz, barão de Piracicamirim, de cujo consórcio não tinham filhos. Instituía, portanto, como seu herdeiro usufrutuário de todos os bens que possuía, por toda a sua vida, ao mesmo seu marido Antônio de Barros Ferraz, e por sua morte passariam os ditos bens à sua sobrinha e afilhada Rita, menor, filha de seus sobrinhos Francisco Corrêa Ferraz e sua finada mulher D. Maria Anúncia, à qual sua sobrinha e afilhada, instituía como sua herdeira universal, sem prejuízo dos legados que passava a fazer.

Deixava a seu sobrinho Francisco Corrêa Ferraz a quantia de cinco contos de réis (5:0000$000), à Santa Casa de Misericórdia de Piracicaba a quantia de cinco contos de réis, à Igreja da Boa Morte de Piracicaba a quantia de um conto de réis, à Igreja do Sagrado Coração de Jesus desta cidade a quantia de um conto de réis, à Igreja de São Benedito desta cidade a quantia de um conto de réis, à Igreja de Santo Antônio a quantia de um conto de réis, ao hospital dos morféticos desta cidade a quantia de quinhentos mil réis (500$000), à Claudina, mulher de Marcelino Dias Ferraz a quantia de quinhentos mil réis, deixava para ser dividida igualmente entre as quatro filhas dos precedentes, de nome Isaura, Maria, Rita, Alice e Ana, a quantia de quinhentos mil réis, deixava a Antônio, também filho dos mesmos Marcelino Dias Ferraz e sua mulher Claudina, a quantia de duzentos mil réis, deixava à sua sobrinha e afilhada Maria Rita, filha do seu finado irmão José Ferraz de Camargo a quantia de um conto de réis, deixava à sua ex-escrava de nome Sofia a quantia de cem mil réis, deixava a quantia de cento e vinte mil réis para ser dividido entre doze pobres desta cidade, à escolha de seus testamenteiros, deixava a quantia de quinhentos mil réis a D. Eufrosina de Arruda, filha de seu finado sobrinho José Rodrigues de Barros, deixava a quantia de duzentos e cinquenta mil réis a cada uma das menores Maria Inês e Eugênia, filhas de Benedito Pinto de Almeida e sua mulher Etelvina, deixava à sua sobrinha e afilhada Gertrudes, mulher de Manuel Morato de Barros, as duas casas que ficam juntas ao riacho Itapeva, na rua Prudente de Morais, tendo cada uma delas duas frentes na

frente vinte e cinco braças [cerca de 55 metros], passando estas casas por morte desta a sua filha e sua afilhada de nome Olímpia, deixava outras duas casas, situadas entre as precedentes e a linha de ferro de São Pedro, na mesma rua Prudente de Morais, com igual frente e fundo que as duas primeiras, a sua afilhada Avelina, mulher de Manuel Rodrigues de Barros, com a condição de não poderem ser alienadas nem tomadas por dívidas. Todos esses legados seriam pagos, porém, depois da morte de seu marido e herdeiro usufrutuário de todos os bens que possuía.

Nomeava por testamenteiros, primeiro a seu marido, em segundo lugar a seu sobrinho José Ferraz de Camargo Júnior e em terceiro lugar a seu sobrinho Pedro Ferraz de Arruda Campos, aos quais pedia que aceitassem e fizessem cumprir fielmente este seu testamento e mandassem rezar uma capela de missas por descanso de sua alma. Ela não sabia assinar.

O testamento de mão comum foi aprovado em 19 de Junho de 1895 na cidade de Piracicaba, em casas de residência de Antônio de Barros Ferraz, barão de Piracicamirim, pelo tabelião Joaquim Antônio de Matos Júnior, que encontrou a Antônio de Barros Ferraz de pé, embora doente, e a D. Rita Ferraz de perfeita saúde. Foram testemunhas o Dr. Adolfo Alberto Nardy de Vasconcelos, Comendador Miguel Antônio Gonçalves de Arruda, João Batista Ferraz de Camargo, Antônio Corrêa Ferraz e Artur de Matos, todos maiores, domiciliados nesta cidade de Piracicaba.

O termo de apresentação ("cumpra-se") fez-se em 10 de Maio de 1896 na cidade de Piracicaba, pelo testamenteiro Manuel Ferraz de Camargo, perante o juiz de Direito Dr. Rafael Marques Cantinho, com o escrivão José da Silva. Em geral, o "cumpra-se" ao testamento dava-se ou no mesmo dia ou no primeiro dia útil à morte. Pode-se, então, aceitar a data da morte de Antônio de Barros Ferraz como tendo ocorrido em 9 de maio de 1896.[67] Esta data vem corroborada no "Almanak de Piracicaba para 1900" (organizado por Manuel de Camargo, p. 48) e na obra prima de Leandro Guerrini.[68]

Dos livros do Cemitério de Piracicaba (na Avenida da Saudade), constou:

> *Pagou a Senhora D. Rita de Barros Ferraz 180$000 [cento e oitenta mil réis] pela sepultura de seu marido Antônio de Barros Ferraz, em 25 de Agosto de 1896.*

Não consegui localizar o túmulo dos barões de Piracicamirim que segundo consta das notas do mesmo cemitério, estariam na quadra 17.

---

67 Não existe o livro de óbitos correspondente no Arquivo da Cúria Diocesana de Piracicaba.

68 GUERRINI, Leandro. *Op. Cit.*, 2.º volume, p. 260.

Agradecimentos:

À Santa Casa de Misericórdia de Piracicaba, na pessoa da Jornalista Nilma de Oliveira Moratori, diretora do Departamento de Comunicação Social e autora do livro "150 Anos de História da Irmandade da Santa Casa de Misericórdia de Piracicaba: 1854-2004", Campinas: SOMUS Gráfica e Editora, 2004. Há uma fotografia do Asilo de São Lázaro que pode ser vista em: http://www.santacasadepiracicaba.com.br/flipbook/livro-sc/livro.php#p=155

Ao Centro Cultural Martha Watts, na pessoa da Historiadora Vivian Regina Monteiro.

Ao Departamento de Documentação e Transparência - Câmara Municipal de Piracicaba, na pessoa de seu diretor Bruno Didoné de Oliveira e de seu estagiário, Felipe Pasqualino Marques.

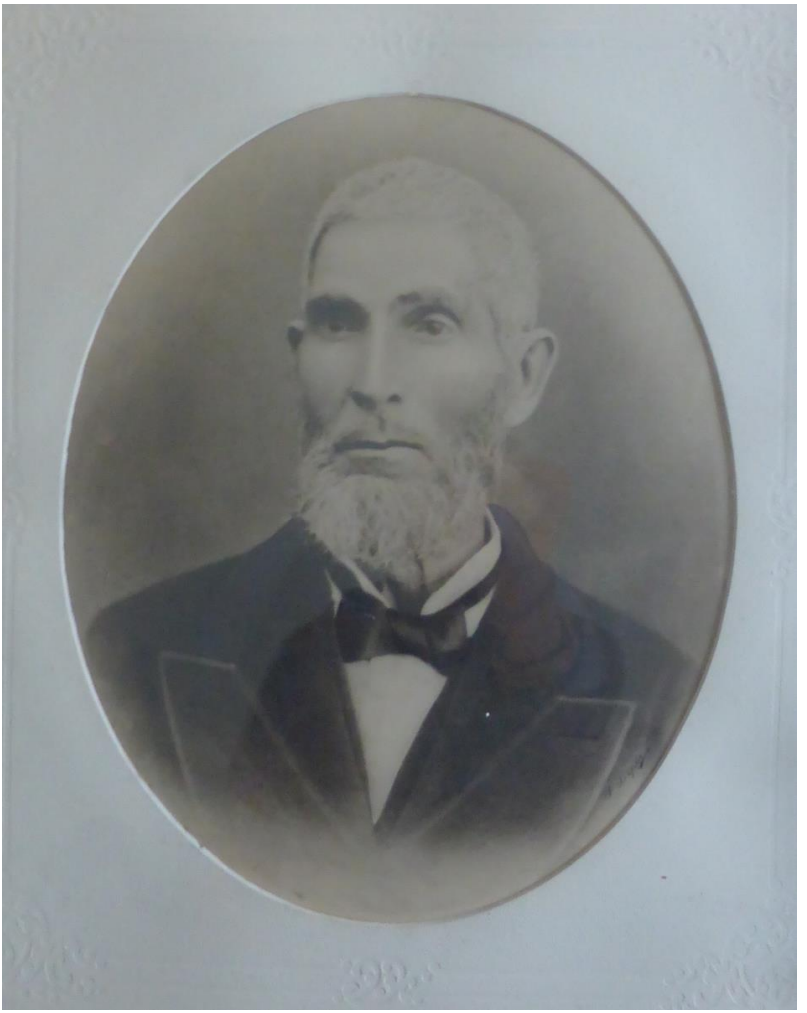
À Cúria Diocesana de Piracicaba, na pessoa do Diácono Marcos Roberto do Nascimento.

Ao Instituto Histórico e Geográfico de Piracicaba.

Às informações obtidas da Historiadora Professora Dra. Marly Therezinha Germano Perecin e do Arquiteto Professor Dr. Marcelo Cachioni (diretor do Departamento de Patrimônio Histórico/ Instituto de Pesquisas e Planejamento de Piracicaba – IPPLAP).

À administração do Cemitério da Saudade.

Ao Arquivo da Cúria Metropolitana de São Paulo, na pessoa do Historiador Jair Mongelli.



Antônio de Barros Ferraz, barão de Piracicamirim.

Fotografia existente na Santa Casa de Misericórdia de Piracicaba.



D. Rita Ferraz de Barros, baronesa de Piracicamirim.

Fotografia existente na Santa Casa de Misericórdia de Piracicaba.

FUZIL AK-47 E A VEXILOLOGIA

Cícero Caldas Neto
Membro efetivo do Instituto Paraibano de Genealogia e Heráldica
contatos: ciceroc@gmail.com

***Resumo**: Aliar o envolvimento da Vexilologia com uma arma utilizada por exércitos e milícias ao redor do mundo é o principal objetivo deste artigo, ao destacar os desenhos de várias bandeiras e brasões nacionais que reproduzem a imagem do fuzil AK-47. Em seguida, a primeira regulamentação do uso das bandeiras, através das Siete Partidas do rei espanhol Alfonso X, que muito influenciou a legislação ibérica, culminando com a divisão/anatomia das bandeiras.*

***Resumen**: Aliar el envolvimiento de la "Vexilología" con un arma utilizada por ejércitos y milicias alrededor del mundo es el objetivo principal de este artículo, cuando destaca los diseños de varias banderas y blasones nacionales que reproducen la imagen del fusil AK-47. A continuación, la primera reglamentación del uso de las banderas, a través de las Siete Partidas del rey español Alfonso X, que influenció mucho la legislación ibérica, resultando en la división /anatomia de las banderas.*

***Abstract**: To combine the involvement of Vexillology to a weapon used by armies and militias around the world is the main aim of this article, by highlighting the designs of several national flags and coats of arms that reproduce the symbol of the AK-47 rifle, and exploring the first statutory code of the use of flags, the Siete Partidas of the Spanish king Alfonso X, which had great influence on the Iberian Legislation, culminating in the division/anatomy of the flags.*

Outro dia me deparei com um artigo sobre o relançamento, pelo conglomerado industrial russo Rostec, do tradicional fuzil russo Avtomat Kalashnikova (AK-47): uma das armas de infantaria mais utilizadas por exércitos e milícias ao redor do mundo pelo seu baixo custo, eficiência e de fácil

manutenção, que surgiu em 1947 pelas mãos do sargento russo Mikhail Kalashnikov[1], morto em 2013, aos 94 anos.

A simplicidade do design, comparando-se a similares do mercado, e o seu projeto nada revolucionário, teve por inspiração armas alemãs do fim da Segunda Guerra Mundial, as quais necessitavam de leveza e resistência às mudanças climáticas. Assim, o AK-47 conseguiu a proeza de figurar no livro "Guinness dos Recordes" por ter mais de 100 milhões de unidades ainda em uso atualmente.

A jornalista Priscilla Santos, em seu artigo "AK-47: A Arma do Século XX[2]**",** ilustrou bem a amplitude de uso deste artefato estimando que tenha matado, pelo menos, 7 milhões de pessoas com suas quase 100 milhões de unidades fabricadas e vendidas a preço tão baixo que passaram a ser objeto de desejo dos narcotraficantes do Comando Vermelho - no Rio de Janeiro - ou do Primeiro Comando da Capital - em São Paulo.

> "Libéria, Angola, Sudão e Moçambique foram os países da África que mais receberam carregamentos da **Avtomat Kalashnikov 1947**. As fontes eram fábricas na Albânia, Egito, Hungria, Alemanha, Bulgária, entre outras, que as forneceram aos estados africanos em formação. [...] Logo, o produto tornou-se tão abundante que chegou a ser vendido a US$ 10 ou trocado por um cacho de bananas. Com diamantes do Togo e da Guiné, o ditador Charles Taylor fez chover abundantemente a *kalashnikova* na Libéria. Em 1975, a guerra de dez anos pela libertação de Moçambique chegava ao fim e, na seqüência, um conflito civil onde o país seguiu por um calvário de tendências políticas. Quando da assinatura do Acordo Geral de Paz, em 1994, a bandeira nacional já estava estabelecida: nela figura potente uma AK-47 como símbolo de um povo e sua luta." (Priscilla Santos, *in* AK-47: A Arma do Século XX)

Essa facilidade de operação fez com que Osama bin Laden, o criador da Al-Qaeda, frequentemente fosse visto com um AK-47 a

---

1 Mikail Kalishnikov teve até uma marca de vodka com seu nome e publicou suas memórias no livro “Rajadas da História”. Viveu uma vida tranqüila numa casa entre os bosques dos montes Urais, na Rússia.

2 disponível em: <http://obviousmag.org/archives/2007/07/ak47_a_arma_do_1.html> Acesso em 12 out 2017.

tiracolo e até mesmo na coleção de armas do ditador iraquiano Saddam Hussein, apreendida pelas tropas dos Estados Unidos, se encontrou um deles folheado a ouro. A fama e o uso indiscriminado da arma[3], tanto por militares quanto civis, fizeram com que alguns países exaltassem o fuzil, utilizando a sua imagem nas bandeiras nacionais e nos brasões, a exemplo de Moçambique, a do grupo radical libanês Hizbullah e os brasões do Timor Leste e do Zimbábue, como se pode ver nas imagens a seguir.



Emblema



Brasão de Armas

[3] Os EUA, com fabricação e venda livre de armas, já produz o fuzil AR-15 CRUSADER com citações bíblicas e símbolos cristãos, como a cruz templária, gravados de fábrica. Ver em: < http://g1.globo.com/mundo/noticia/2015/09/fuzil-com-citacoes-biblicas-e-simbolos-cristaos-causa-polemica-nos-eua.html> Acesso em 12 out 2017



Bandeira de Moçambique



Bandeira do grupo radical libanês Hizbullah



Brasão de Armas do Timor Leste



Brasão de Armas do Zimbábue

Na descrição[4] do Emblema Nacional, o governo hoje democrático do Timor Leste explicita:

[4] disponível em <http://timor-leste.gov.tl/?p=34> Acesso em 12 out 2017



> "O conjunto da espingarda automática, de modelo AK-47/Galaxi, o rama inan (arco) e o diman (flecha) simbolizam os valores de séculos de luta de resistência do povo pela libertação nacional e auto-defesa popular pela honra e dignidade da soberania do Estado."

No brasão de armas do Zimbábue[5], também foi destacado o modelo da arma utilizada. Vejamos:

> "O brasão de armas do Zimbabwe foi adoptado a 21 de Setembro de 1981, um ano após a adopção da bandeira nacional. [...] Por detrás do escudo estão um enxada (à esquerda) e uma metralhadora AK-47 (à direita) cruzadas, unidas por fitas de seda verdes e douradas."

Apenas a título de ilustração, também outros países adotam armas em suas bandeiras para representar sua soberania, como Angola, Arábia Saudita, Guatemala, Haiti, Oman, Quênia, Sri Lanka e Suazilândia:

---

5 disponível em <https://pt.wikipedia.org/wiki/Bras%C3%A3o_de_armas_do_Zimbabwe> Acesso em 12 out 2017



Bandeira de Angola



Bandeira da Guatemala



Bandeira Estatal do Haiti



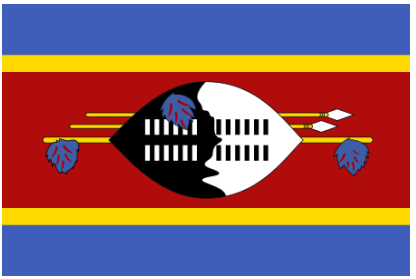
Bandeira do Quênia



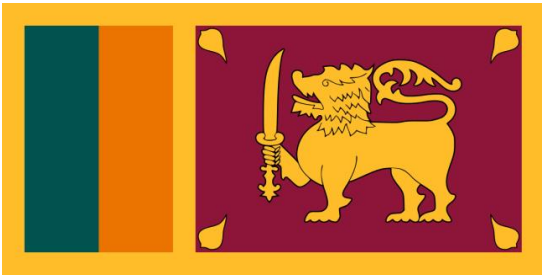
Bandeira de Oman



Bandeira da Arábia Saudita



Bandeira da Suazilândia



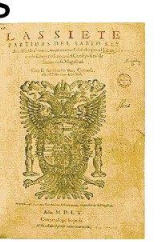
Bandeira do Sri Lanka

Feita essa apresentação, vamos ao tema de fundo deste artigo: a **vexilologia**, ciência auxiliar da História que estuda as bandeiras, estandartes e insígnias e as suas simbologias, usos, convenções etc. O seu nome provém de *vexillum*, nome dos estandartes utilizados no exército romano.

Uma bandeira não é apenas um pedaço de pano colorido. Em seu conteúdo, estão representadas as lutas, história, esperanças e convicções de um povo. Usada tanto na paz como na guerra, é um dos símbolos universais mais abrangentes e comunicativos. Sua orígem remonta à Idade Média, quando os exércitos, para não se confundirem uns com os outros, usavam um pedaço de tecido hasteado num estandarte, com as cores e sinais de identificação.

Coube ao rei espanhol Alfonso X (1252-1284), o sábio, a primeira regulamentação do uso das bandeiras, através das Siete Partidas, corpo normativo redigido em Castela com o objetivo de se ter certa uniformidade jurídica para o Reino. Essa obra é considerada um dos mais importantes legados da Espanha para a história do Direito.

Las Siete Partidas



parte 1: la iglesia y la vida religiosa

parte 2: la ley pública y el gobierno

parte 3: la justicia

parte 4: el matrimonio

parte 5: el comercio

parte 6: testamentos y herencias

parte 7: los crímenes y los castigos

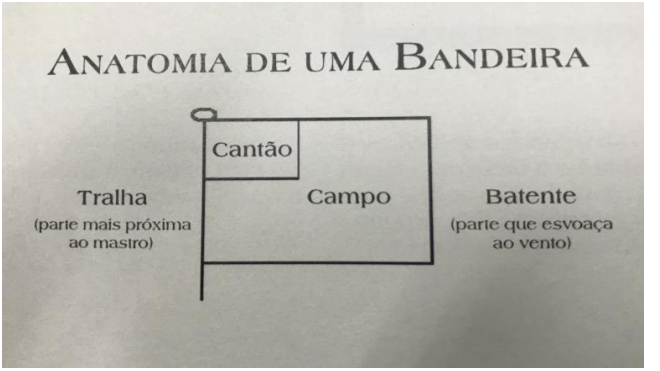


A *seruicio de Dios*... (For the service of God...)
L*a ffe cathólica*... (The Catholic faith...)
F*izo Nuestro Sennor Dios*... (Our Lord God did...)
O*nras sennaladas*... (Special rites...)
N*ascen entre los ommmes*... (Among men there arise...)
S*esudamente dixeron*... (The ancient wise men sagely said...)
O*luidança et atreuimiento*... (Forgetfulness and boldness...)

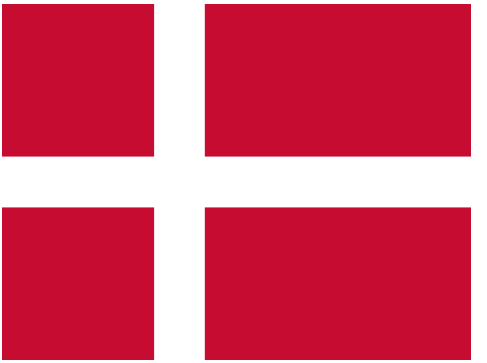
As Sete Partidas, com o respetivo regulamento sobre as bandeiras (***señas***, como foram genericamente referidas) influenciaram a legislação de todos os reinos ibéricos, entre os quais Portugal, cujo Rei D. Dinis era neto de Alfonso X. Na Partida II, conjunto de leis que se referem à guerra, foi inserido o regulamento sobre as señas através das leis XII, XIII, XIV e XV, estabelecendo quais sinais deveriam identificar os chefes militares em campanha e as diferenças entre o estandarte privativo de um príncipe, os pendões, os hierárquicos dos comandantes militares, as flâmulas de cada regimento, etc.

Teve vigência por toda a América Hispânica até a época das codificações (1822-1916), chegando aos Estados Unidos a princípios do século XIX, em territórios que pertenceram antes ao império espanhol (como a Louisiana) e, embora as codificações legais posteriores tenham posto fim à aplicação das *Partidas*, este fato não implicou o desaparecimento do Direito nelas contido, pois boa parte passou a fazer parte dos códigos dos países hispano-americanos (especialmente os códigos civis).

ANATOMIA DAS BANDEIRAS



A bandeira mais antiga do mundo em uso contínuo é a **Dannebrog**, da Dinamarca. Sua origem data de 1219 e de acordo com uma antiga tradição teria caído do céu durante a Batalha de Reval (atual Tallin, Estônia). A bandeira dinamarquesa, bem como a história de Reval, viria mais tarde a inspirar várias outras bandeiras, principalmente as nórdicas, e se tornar uma espécie de primeiro modelo europeu por sua forma e composição.



Bandeira da Dinamarca

No estudo de Tiago Berg sobre as bandeiras de todos os países do mundo, foram classificados alguns tipos delas, suas formas históricas e

modernas, as principais divisões, linhas, modelos e estilos e as partes. Sobre essa última, a imagem a seguir:



Não existem leis internacionais que determinem a forma como as bandeiras devam ser projetadas, mas cada país tem suas próprias regras e convenções a respeito da criação, reprodução e exposição de seus lábaros nacionais ou subnacionais (de regiões, estados, províncias, municipalidades).

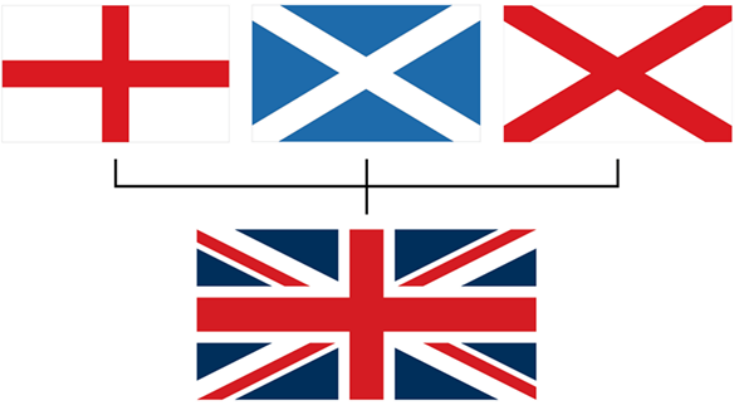
Para este estudo identificamos três modelos básicos: retangulares, quadradas e o "farpado", no caso do Nepal[6]. Quanto à composição, também podemos reconhecer alguns padrões frequentes de bandeiras:

- **Cruzes** – a bandeira da Dinamarca inspirou várias outras como as da Noruega, Finlândia, Suíça, Islândia e Geórgia.
- **Stars and Stripes** – apelido da bandeira americana, que inspirou diversas ao redor do mundo, inclusive o primeiro estandarte republicano dos Estados Unidos do Brasil.
- **Nobiliárquicas e tradicionais** – essas bandeiras são compostas frequentemente por duas ou três faixas com cores que apenas simplificam os antigos brasões nacionais. Geralmente as cores representam as casas nobres reinantes como a da Alemanha e do Brasil, mas algumas podem expressar

[6] Adotada em 1962, a bandeira do Nepal é, atualmente, a única bandeira nacional que não é quadrada ou retangular; composta de dois triângulos que representam as montanhas do Himalaia.

outras ideias, como a *Tricoleur*, que representava os três estamentos sociais franceses e depois se tornou símbolo da Revolução.

- ***Union Jack*** – com a morte da rainha Elizabeth I, Inglaterra, Escócia e Irlanda passariam por um longo processo de reorganização geopolítica através de disputas e conflitos que culminariam, em 1800, com a união dos três reinos em um único país denominado Reino Unido da Grã-Bretanha e Irlanda. Essa união política e institucional seria representada pela sobreposição das três bandeiras, gerando uma nova, a *Union Jack*, que inspiraria ou estaria presente em dezenas de outras dos países colonizados pelos britânicos.



As bandeiras da Inglaterra, Escócia e Irlanda formando a *Union Jack* do Reino Unido.

Enfim, a bandeira nacional não é apenas um retângulo espremido onde caiba um único desenho que represente a história, a geografia, a cultura, a política e a religião de um país, mas é o mais evocativo símbolo de uma nação, cujo conteúdo e cores sintetizam lembranças de guerras, uniões políticas e rivalidades públicas.

REFERÊNCIAS

A história e o design das bandeiras. disponível em: < http://www.revistacliche.com.br/2013/03/a-historia-e-o-design-das-bandeiras/> Acesso em 12 out 2017

As bandeiras nas sete partidas de Afonso X. disponível em: < http://audaces.blogs.sapo.pt/14981.html> Acesso em 12 out 2017

Berg, Tiago José. **Bandeiras de todos os países do mundo.** São Paulo: Panda Books, 2013.

Ribeiro, João Guilherme C. **Bandeiras que contam histórias.** Rio de Janeiro: Zit Gráfica e Editora, 2003.

ASCENDÊNCIA EM PORTUGAL DO ALF. ANTÔNIO JOSÉ SIMÕES DIAS

Luiz Gustavo de Sillos

Resumo: *A ascendência em Portugal do alferes Antônio José Simões Dias, após a identificação da sua freguesia de origem. Fama cristã-nova de um seu antepassado.*

Abstract: *The ancestry in Portugal of the lieutenant Antônio José Simões Dias, after an identification of its parish of origin. Christian-new fame of his ancestor.*

APRESENTAÇÃO

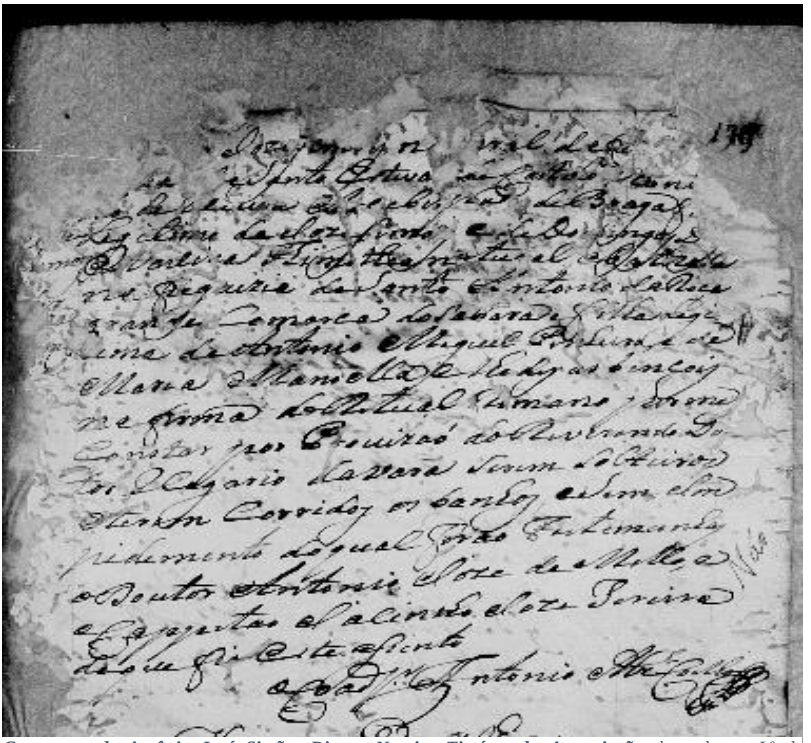
Este artigo é um adendo, para todos os descendentes da família Sillos, de Casa Branca, e, antes disso, para os membros da família Melo, de São José do Rio Pardo, SP, ao trazer as origens em Portugal do Alf. Antônio José Simões Dias, sogro do capitão Alexandre Luís de Melo (cuja ascendência foi tratada na Revista ASBRAP n.º 23 e descendência, na ASBRAP n.º 2).

Antônio José Simões Dias é meu sétimo avô duas vezes, sendo uma, pela linha do Barão da Casa Branca (meu quarto avô), e, outra, por Ana Vitória de Melo, mulher de João Damasceno Negrão, pais de minha trisavó Maria Vitória Negrão de Sillos.

Uma das maiores dificuldades que eu encontrei para desenvolver este trabalho foi identificar a freguesia portuguesa de origem de Antônio José Simões Dias. Na revista da ASBRAP n.º 2 (versão impressa), consta ser ele natural da Fregª de "*Santo Estevão do Castelo Oliveira, do Arcebispado de Braga*", hoje, já corrigida na versão on-line da referida publicação. Esta freguesia, nunca existiu, e levaria alguns anos para identificarmos seu nome correto.

A princípio, considerando que o orago (Santo Estevão), estava certo, pesquisei inúmeras freguesias que se enquadravam neste critério, em associação com os termos "Castelo" ou "Oliveira". Cheguei a encontrar Santo Estevão do Castelo Viegas, do Concº e Distrito de Coimbra, e, dava por certa a resolução

desta “charada”. Para minha surpresa, concluídas as pesquisas nos microfilmes da SGU (Sociedade Genealógica de Utah), não encontrei o batismo de Antônio José Simões Dias, tão pouco, confirmei a presença de seus pais, o casal José Simões e Domingas Dias. E, passados alguns anos, mais precisamente, no final de 2008, consegui encontrar o assento de casamento de Antônio José Simões Dias em São João del Rei, MG, com a mineira de Sabará, Narcisa Timótea da Anunciação, fª dos pardos Antônio Miguel Pinheiro e s/m. Manuela Maria da Conceição Pimentel, ocorrido em 06-JAN-1760, conforme podemos observar:



***Casamento de Antônio José Simões Dias e Narcisa Timótea da Anunciação**, lançado no Lº de casamentos de São João del Rei, MG, anos de 1756 a 1762, disponível em: https://www.familysearch.org/ark:/61903/3:1:939N-G4XC-G?i=60&wc=M5FF-SP6%3A369991501%2C369991502%2C370802201&cc=2177275 – imagem 61.*

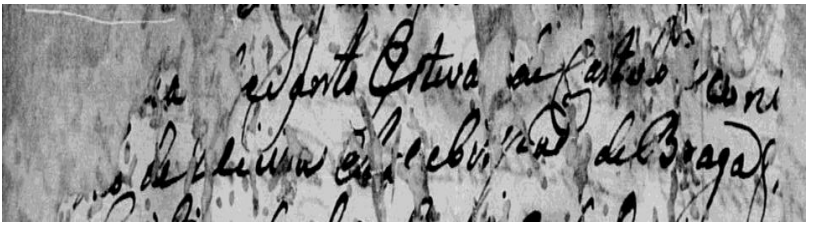


Imagem do Assento da página anterior ampliada.

Como os amigos poderão observar acima, de fato, parece-nos "Santo Estevão de(o) Castelo", porém, o que fora lido anteriormente "Oliveira", é na verdade, "Vieira". Ainda, apesar do documento estar danificado, impossibilitando a leitura da sentença entre "Castelo" e "de Vieira", se compararmos com os outros assentos escritos pelo Pe. Antônio Álvares Coelho, concluímos que ele escreveu "**Santo Estevão do Castelo Concelho de Vieira Arcebispado de Braga**".

O Concº em questão, é Vieira do Minho, pertencente ao Distrito de Braga. Por ora, restava apenas uma Fregª neste Concº a ser pesquisada, cujo orago é Santo Estevão, que é Cantelães.

Paralelamente, tomei conhecimento no fórum do Geneall.net, de um soldado por nome João Simões Dias, que depois viria a se tornar F. S. O., que, entre os anos de 1752 e 1753, esteve em Sabará, onde encontrou ouro. Este fato, fez o homem retornar para Portugal, e oferecer ao Estado, 12 arrobas deste metal. João Simões Dias, era n. na mesma Fregª de Santo Estevão de Cantelães, e fº de um José Simões com uma Domingas Dias.

Teria encontrado, enfim, a terra natal de Antônio José Simões Dias? Seguramente, e foi só consultar o Lº 1 de Batismos de Santo Estevão de Cantelães (que por vezes era referida por Castelões ou Castelães, de onde deve ter surgido o "Castelo" do assento matrimonial de Antônio José com Narcisa Timótea), que, em 1-DEZ-1728, encontrei o assento de bat. de Antônio José, último filho do casal José Simões e Domingas Dias, moradores no lugar de Fontelas. E, de "loteria", consegui concluir que, Antônio José Simões Dias deve ter vindo para o Brasil, juntamente com o irmão João Simões Dias, por volta de 1752, e, diferente deste último, que retornou a Portugal, teve que aqui permanecer (a família gastara todas as suas fazendas para tornar seu irmão um F. S. O, como veremos), deixando vasta descendência, onde, instalando-se em São João del Rei, MG, desempenhou os cargos de meirinho (um tipo de oficial de

justiça) e alferes, sendo figura presente, em diversos eventos relacionados à Inconfidência Mineira.

Assim, após a correção e identificação da Fregª de origem do biografado, a pesquisa pode avançar consideravelmente, mas não em todos os ramos, pois nos deparamos, com diversos assentos, onde os padres não traziam os nomes dos pais dos nubentes, e, por mais que eu tenha cruzado os dados de batismos, casamentos e óbitos, ocorridos nos lugares objeto deste trabalho, houveram casos onde muitas pessoas se enquadravam nos perfis dos noivos, de modo que, fazer a identificação seria demasiadamente frágil e de pouco fiabilidade.

Também, no decorrer deste artigo, ao pesquisar diversas inquirições de génere e processos de habilitação para F. S. O. dos membros de sua família, descobriu-se a fama de cristão-novo que padecia Francisco de Araújo de Aguiar, trisavô de Antônio José Simões Dias. Tal fama, que mostrou ser caluniosa (pelo menos, assim provaram as testemunhas envolvidas), acompanhou inúmeros ascendentes e descendentes de Francisco de Araújo de Aguiar (além de alguns parentes colaterais), conforme podemos verificar nos documentos consultados.

Dentre as diversas acusações temos, desde uma antepassada queimada na fogueira, destruição de crucifixos, além de um dado bem peculiar, que, confesso, jamais tinha visto (e que mostra o quanto a mente humana pode ser criativa): o nascimento de "rabos" ou "rabichos" em alguns desta linhagem, como uma forma de maldição. Apesar de hoje tais acusações parecer-nos engraçadas, à época, trouxe inúmeros vitupérios para os membros desta família.

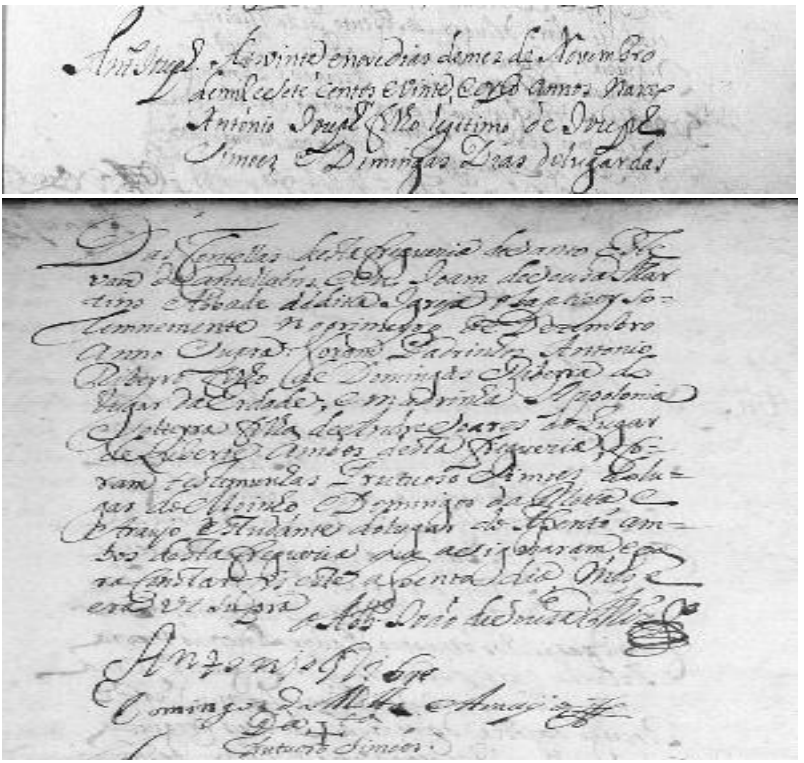
Sem mais delongas, desejo a todos, uma ótima leitura.

São Bernardo do Campo, 09 de junho de 2019.

Luiz Gustavo de Sillos

ÁRVORE DE COSTADO DO ALFERES ANTÔNIO JOSÉ SIMÕES DIAS

1. **ALF. ANTÔNIO JOSÉ SIMÕES DIAS**, n. em 29-NOV-1728 no lugar de Fontelas, Fregª de Santo Estevão de Cantelães, Concº de Vieira do Minho, Distrito de Braga, Portugal, onde foi bat. em 1-DEZ-1728, tendo por padrinhos Antônio Ribeiro, fº de Domingas Ribeira, do lugar da Erdade (sic), e, Apolônia, solteira, fª de André Soares, do lugar de Luberte (sic), da mesma Fregª. Foi o último filho do casal José Simões e Domingas Dias, que foram moradores, à época, no dito lugar de Fontelas.



Batismo de Antônio José Simões Dias, Lº 1 de Batismos da Fregª de Santo Estevão de Cantelães, anos de 1717 a 1740. Autor: SGU

Antônio José Simões Dias veio para o Brasil, provavelmente, junto com seu irmão João Simões Dias, por volta de 1752, onde fixaram-se primeiramente em Sabará, MG. Sabemos que o motivo que levou João Simões Dias a retornar para Portugal, foi a localização de ouro em Sabará entre DEZ-1752 a NOV-1753, como mencionado anteriormente.

Do processo de habilitação para F. S. O. de seu irmão (vide referências bibliográficas no final deste artigo), iniciado em Lisboa em 30-ABR-1756, extraímos os seguintes elementos sobre João Simões Dias, que, acredito, teve seus passos seguidos pelo irmão mais novo, Antônio José:

> *Chegou aos annos de puberdade, foy servir para Sima do Douro, e da hi para a Cid.e de Lx.ª aonde se demorou alguns annos, servindo ao El Rey na ocupação de soldado, e o tempo q' tinha livre das guardas, capendia no serviço de hum fidalgo, em cuja casa asitia, e daqui se auzentou p.ª as p.tes da América, onde foi homem de negócio e vindo na última frota se acha hoje na sua pátria lugar das Fontellas freg.ª de Cantelaens.*

Ainda, pela leitura do referido documento, verificamos que os pais dos irmãos Simões Dias, gastaram toda a sua fazenda, com o objetivo de tornar o filho João, F. S. O. Anos depois, com o objetivo de recuperar as finanças da família, João Simões Dias, verá na descoberta de ouro em Sabará, uma oportunidade para melhorar de vida, pois, conforme podemos verificar em requerimento, datado de 06-SET-1766 ([1]), solicita mercê de um Hábito da Ordem de Cristo, mais vinte mil réis anuais de tença, alegando os inúmeros benefícios que proporcionou à Coroa Portuguesa:

> *N.º Inventário do Catálogo 6981 - Caixa 88 - doc. 38*
>
> *Ano: A766 Mês: 9 Dia: 06 - Requerimento de João Simões Dias, natural do Conselho de Vieira, Comarca de Guimarães, morador na Vila do Sabará, pedindo mercê de um Hábito da Ordem de Cristo e tença, com faculdade de a ele poder renunciar, por ter*

[1] Projeto Resgate – Minas Gerais (1680 – 1832). Arquivo Histórico Ultramarino (Lisboa). Instituto de Investigação Científica Tropical. Disponível em: http://resgate.bn.br/docreader/DocReader.aspx?bib=011_MG&PagFis=43950&Pesq=Jo%c3%a3o%20Sim%c3%b5es%20Dias. Acesso em 09-JUN-2019.

feito entrar na Real Casa de Fundição da dita Vila, em menos de um ano, mais de 12 arrobas de ouro.

Voltando a Antônio José Simões Dias, o cenário de falência familiar já apresentado, obrigou-o a permanecer no Brasil. O fato é, que ele, aqui se casou na Matriz de São João del Rei, em 06-JAN-1760, com a mineira **NARCISA TIMÓTEA DA ANUNCIAÇÃO**, n. em Sabará, fª dos pardos Antônio Miguel Pinheiro e Manuela Maria da Conceição Pimentel, com ascendência já explorada na Revista da ASBRAP n.º 20. O casal teve 10 filhos, porém, como não identificamos seus invºs e testºs, não sabemos quais destes filhos, chegaram exatamente à vida adulta ([2]).

Antônio José Simões Dias em 12-FEV-1768 ([3]) e 26-JUN-1775 ([4]) figura como meirinho. Em 23-FEV-1798 ([5]) e 15-NOV-1804, ocupava o posto de alferes ([6]).

---

[2] Foram filhos do casal: 1- Antônio José Simões Dias, que auxiliava seu pai em suas atividades, como podemos observar no Autos da Devassa de 1789; 2- Bárbara; 3- Maria Josefa da Conceição, mulher de José Antônio da Silva Couto; 4- Ana Mariana de Jesus Pinheiro, mulher de Alexandre Luís de Melo, meus sextos avós duas vezes; 5- Manuela Bernarda de Paula, mulher de José Luís de Melo, irmão de Alexandre Luís, os quais foram residir no Rio de Janeiro (capital); 6- João, fal. criança; 7- José; 8- Narcisa Perpétua Dias, mulher de Antônio Pinto de Madureira; 9- Josefa Joaquina Dias, mulher de Francisco Antônio Marques Guimarães; e, por último, 10- João Simões Dias.

[3] Provisão Régia, 12-FEV-1768, Antônio José Simões Dias, escrivão da vara do meirinho dos ausentes. "***Provisões Régias e Cartas de Sesmarias***" in Revista Publica do Arquivo Mineiro. Belo Horizonte: Imprensa Oficial de Minas Gerais: 1912, p. 454-678. Disponível em: http://www.siaapm.cultura.mg.gov.br/modules/rapm/brtacervo.php?cid=606&op=1. Acesso em 09-JUN-2019.

[4] Requerimento do escrivão de meirinho de ausentes Antônio José Simões Dias, Caixa 41, Rolo 513. Casa dos Contos. Arquivo Público Mineiro. Disponível em: http://www.siaapm.cultura.mg.gov.br/modules/cc/brtacervo.php?cid=15419. Acesso em 09-JUN-2019.

[5] Inventário de Maria Alves de Porciúncula, ano de 1798, Caixa 354, arquivado no Museu Regional de São João del Rei – onde Antônio José Simões Dias figura entre os procuradores nomeados, na qualidade de alferes.

Enquanto meirinho, no auge da Inconfidência Mineira, atuou no sequestro de inúmeros bens dos inconfidentes (feitas nos bens dos réus: Dr. Inácio José de Alvarenga Peixoto, Francisco Antônio de Oliveira Lopes, Cônego Luís Vieira da Silva, Vigário Carlos Correia de Toledo, Tenente Coronel Domingos de Abreu Vieira, Alferes Joaquim José da Silva Xavier), como podemos observar nos Autos da Devassa, com início em MAIO-1789 ([7]). Entre estes sequestros, houve uma denúncia anônima em Barbacena, MG, de que teria aceitado suborno da senhora Hipólita Jacinta Teixeira de Melo, casada com Francisco Antônio de Oliveira Lopes, com o objetivo de evitar o confisco de todos os seus bens.

Neste sentido, dado ao lugar e a época em que exerceu estas funções, creio que sua vida foi um tanto agitada, e talvez não fosse das pessoas mais bem quistas de São João del Rei.

Ainda, não conseguimos localizar o registro de seu falecimento, tão pouco, o de sua esposa. Porém, o último documento que eu encontrei sobre ele, encontra-se no Lº 2 do Rol dos Culpados ([8]), em 20-OUT-1807, e trata de um crime de morte cometido na rua do Curral, de São João del Rei, por Florentino, cabra, escravo de Antônio José Simões Dias, onde este último, figura como a parte ofendida.

---

[6] Requerimento do alferes Antônio José Simões Dias, referente à uma nova provisão para o cargo de solicitador de causas nos auditórios da vila de São João del Rei. Notação Atual: SG-CX.63-DOC.65. Requerimentos; Provisão de cargos e ofícios. Secretaria de Governo da Capitania (Seção Colonial). Arquivo Público Mineiro. Disponível em: http://www.siaapm.cultura.mg.gov.br/modules/brtacervo/brtacervo.php?cid=2846 . Acesso em 09-JUN-2019.

[7] Literatura Brasileira. Textos literários em meio eletrônico. *Autos da Devassa da Inconfidência Mineira*. Volume 6. Disponível em: https://www.literaturabrasileira.ufsc.br/_documents/autos_de_devassa_06.htm. Acesso em 09-JUN-2019.

[8] Arquivos Históricos da comarca do Rio das Mortes – Minas Gerais. Rol dos Culpados. Registro dos acusados nas devassas ou querelas. Acervo do Museu Regional de São João del Rei/IPHAN. Disponível em: https://documenta.direito.ufmg.br/modules/rol/brtacervo.php?cid=1015&op=1. Acesso em 09-JUN-2019.

Por fim, no processo de Génere et Moribus do Pe. Carlos Luís de Melo, em 23-DEZ-1818 ([9]), uma das testemunhas declara que conheceu Narcisa Timótea da Conceição, e que esta residia em companhia do genro (o Cap. Alexandre Luís de Melo), dando-nos a impressão de que esta sobreviveu ao marido.

PAIS

2. **JOSÉ SIMÕES**, n. em Cima de Vila, Fregª de Santo Estevão de Cantelães, onde foi bat. em 07-MAR-1691, sendo seus padrinhos José, fº de Maria Pereira, do Salvador, e Isabel Gonçalves, fª de Francisco Gonçalves, de Vilar Chão, e fal. em 24-OUT-1773 no lugar de Fontelas, da mesma Fregª, sem fazer testº, visto que não tinha bens a declarar. José casou-se com Domingas Dias em 17-DEZ-1708 na Fregª de Salamonde, que pertenceu ao antigo Concº de Ribeira de Soás, Distrito de Guimarães, e, hoje, pertencente ao Concº de Vieira do Minho, Distrito de Braga.

O casal teve sete filhos ([10]), e foi morador em Cima de Vila, e, depois, no lugar de Fontelas, e, conforme processo do filho João Simões Dias para F. S. O, "*vivia de fazendas arrendadas e alguâs vezes fazia carvão, e o hia vender a Braga conduzindo-o em huns jumentinhos levando em sua compª ao mº Habilitando*".

3. **DOMINGAS DIAS**, foi bat. em 21-JUN-1685 na Fregª de São Gens de Salamonde, Concº de Vieira do Minho, mas que, à época, pertencia ao antigo Concº de Ribeiro de Soás, Guimarães, sendo padrinhos Catarina Gonçalves, ama do Pe. Gervásio Antunes, do Ribeiro. Domingas fal. em 06-NOV-1765 no lugar

[9] Inquirição de Génere et Moribus do Pe. Carlos Luís de Melo. Processo n.º 02-50-1171, datado de 1818. ACMSP. Disponível em: https://www.familysearch.org/ark:/61903/3:1:939F-KL61-M?i=240&cc=2177299 Acesso em 09-JUN-2019.

[10] Foram filhos do casal, além de Antônio José Simões Dias: 1- Domingos Simões, bat. em 25-DEZ-1710 e fal. em 16-SET-1785 em Cima de Vila, solteiro; 2-João Simões Dias, bat. em 20-SET-1713, FSO, em 02-AGO-1764 na fregª do Mosteiro, Vieira do Minho, C.c. Tomásia Luís Vieira Rebelo, C.g. (entre seus descendentes, padres e F. S. O); 3-Maria Simões Dias, bat. em 13-FEV-1718 e fal. solteira em 25-SET-1741, deixando descendência natural; 4-Belisarda, bat. em 26-NOV-1720 e fal. solteira em 15-ABR-1714 em Fontelas, da mesma fregª; 5- Teresa Dias Simões, bat. em 18-AG0-1723, em 04-JUN-1746, C.c. Manuel Francisco, n. na fregª do Mosteiro; 6-Bernardo José Simões, bat. em 02-nov-1725, em 07-OUT-1764 em mesmo local, C.c. Maria José Vieira, n. da fregª do Mosteiro, C.g. (entre eles, um sacerdote).

de Fontelas, Fregª de Santo Estevão de Cantelães, onde verifica-se que "*nam fez testamento por não ter bens de que, por quanto alguns que tinha os desempenhou várias vezes seu filho João Simões Dias, assistente em Brancelhe"* (que é um lugar situado na fregª de São João Batista do Mosteiro, do mesmo Concº de Vieira do Minho).

AVÓS

4. **JOÃO SIMÕES**, bat. em 10-ABR-1644 no lugar da Carvalha, Fregª de Santo Estevão de Cantelães, onde fal. em 16-JUN-1721 em Cima de Vila, da mesma Fregª de Santo Estevão de Cantelães. João ao C.c. Margarida Gonçalves em 28 maio 1690 na Matriz da Fregª de São Paio Vilar Chão, Concº de Vieira do Minho, era viúvo de Ambrósia Vieira, também chamada Ambrósia Afonso (casados em 31-MAR-1669 na igreja de Santo Estevão de Cantelães), fal. em 12-ABR-1689 no lugar de Cima de Vila, fª de Bartolomeu Afonso e de s.m. Anastácia Vieira. Deste 1º matrimônio, teve João Simões, cinco filhos, que, também deixaram descendência em Santo Estevão de Cantelães.

5. **MARGARIDA GONÇALVES**, ou ainda, **MARGARIDA FRANCISCA**, n. no lugar da Laija (sic), da Casa do Estremadouro, Fregª de São Paio Vilar Chão, conforme processo de F. S. O de seu neto João Simões Dias, porém, na data de seu batismo, ocorrido em 07-SET-1658 (foram padrinhos Domingos Vieira, de Vilela, e Margarida, solteira, de Infesta), seus pais eram moradores no lugar da Infesta, da mesma Fregª de São Paio Vilar Chão. Margarida fal. em 19-JAN-1742 no Carril ([11]), Fregª de Santo Estevão de Cantelães. Apesar do assento de casamento de João Simões e Margarida Francisca não informar os nomes dos pais da noiva, a identificação é segura, pois na Casa do Estremadouro, só viveu o casal que aponto como pais de Margarida. Conforme processo de F. S. O do neto João Simões Dias, "*seus pais viviam de suas fazendas*".

6. **FRANCISCO DIAS** n. no lugar de Sidrós, Fregª de Santa Marinha do Ferral, Concº de Montalegre, Distrito de Vila Real, Portugal. Ele fal. em 30-SET-1697 em Lisboa, sendo sepultado na Fregª de Salamonde, onde passou a viver após seu casamento, a princípio, no lugar do Além Rio, depois, São Gens,

[11] Salvo por homonímia, visto que ainda não entendi o que Margarida Gonçalves fazia no lugar do Carril, de forma que, ainda há dúvidas se, de fato, esta é sua data de falecimento. De qualquer modo, já era fal. quando do casamento da filha Teresa Dias Simões, em 1746.

e, por último, Fundevila. Francisco C.c. Isabel Fernandes em 19-JUN-1671 na mesma Fregª de São Gens de Salamonde, de onde sua mulher era natural.

Francisco Dias, conforme processo de F. S. O de seu neto João Simões Dias, padecia de fama de cristão-novo, o que provou ser infâmia. Ainda, de acordo com outro processo, (agora do sobrinho-neto Antônio Dias de Araújo para F. S. O), seu irmão Domingos Dias, teria cortado "*um crucifixo com uma foice*". Estas informações, trazidas nos documentos consultados, tinham por objetivo demonstrar que as pessoas denunciadas, não tinham respeito por diversos símbolos de veneração cristão (o que poderia indicar uma origem cristã-nova). Neste sentido, segundo as testemunhas ouvidas, tais ações trouxeram consequências para a família. Alguns membros foram punidos com uma espécie de castigo divino – eram possuidores de "rabos" ou "rabichos", ao ponto de serem apelidados de "rabo de ovelha" ou, simplesmente, família dos "rábeas".

7. **ISABEL FERNANDES** n. no lugar e Fregª de São Gens de Salamonde, onde fal. em 28-JAN-1719 no lugar de Fundevila. Infelizmente, seu assento matrimonial não identifica os nomes de seus pais, porém, eles seriam cristãos velhos.

BISAVÓS

8. **GONÇALO SIMÕES**, bat. em 10-JAN-1616 no lugar da Cortegaça, Fregª de São João Batista do Mosteiro, Concº de Vieira do Minho, tendo fal. em 14-DEZ-1688 no lugar da Carvalha, Fregª de Santo Estevão de Cantelães. Gonçalo C.c. Maria Gonçalves em 26-FEV-1640 na Igreja Matriz da Fregª de Santo Estevão de Cantelães, onde passou a residir.

9. **MARIA GONÇALVES** n. no lugar da Carvalha, Fregª de Santo Estevão de Cantelães, onde fal. em 02-ABR-1688.

10. **FRANCISCO GONÇALVES**, n. no lugar de Infesta, Fregª de São Paio Vilar Chão, Concº de Vieira do Minho. Seus primeiros filhos nasceram no lugar da Infesta, depois, passou a residir na Casa do Estremadouro, da mesma Fregª, onde fal. em 24-DEZ-1691. Francisco C.c. Maria Gonçalves em 04-NOV-1652 na Igreja Matriz de São Paio Vilar Chão, perante as testemunhas Antônio André, João Gonçalves e Gonçalo Afonso. Seus pais e sogros não foram declarados no respectivo assento.

11. **MARIA GONÇALVES** n. em Infesta ou no lugar da Laija, Fregª de São Paio Vilar Chão, tendo fal. em 30-NOV-1704 na Casa do Estremadouro, da mesma Fregª. Apesar do seu assento de casamento não informar os nomes de seus pais, pelos paroquiais, conforme batismo da filha Sebastiana, era irmã de Domingas, solteira, moradora na Laija.

12. **JOÃO DIAS** n. no lugar de Sidrós, Fregª de Santa Marinha do Ferral, Concº de Montalegre, Distrito de Vila Real, e já era fal. em 22-JUN-1682 (conforme casamento do filho Antônio Dias com Catarina Gonçalves em Santa Marinha do Ferral, cuja data foi extraída de inquirição de Génere de descendentes, visto que os paroquiais desta Fregª do período em questão, não existem mais). João C.c. Maria de Araújo e Aguiar, em 02-JAN-1638 na Fregª de São Martinho de Ruivães, Concº de Vieira do Minho.

13. **MARIA DE ARAÚJO E AGUIAR**, (segundo algumas testemunhas, o apelido "Aguiar" foi incluído indevidamente nesta família, pois a Casa da qual seu pai era oriundo, assinavam Gonçalves, Pereira e Araújo) n. no lugar de Frades, Fregª de São Martinho de Ruivães, porém, foi bat. em 21-NOV-1613 na Fregª de São Tiago de Caldelas, Concº de Amares, Distrito de Braga. Conforme processo de F. S. O de seu bisneto João Simões Dias, p. 04:

> *Porque a may dos ditos Antônio Dias e Francisco Dias, padescia a mesma fama por pte de seu avô Fran.co de Araújo, q' viera da fregª de São Thiago da Fregª de Caldelas cazar ao lugar de Frades do Pinheyro fregª de São Martinho de Ruivaes, e ahi por dúvidas, q' se moverão sobre hum cam se ateara a dª infâmia, a qual conservarão seus descendentes, acerca da qual tem havido varias injurias das quaes tinhão sahido sempre vitoriosos estas notticias som.te assistem, ou existem com clareza na dª fregª de Ferral, nas outras som.te conservarão a fama de Judeus sem saberem o porque (...) sebem q' por alguâs das pessoas informantes de Ferral conservão por tradição, q' hua m.er antepassada do dº Franco de Araújo com de Caldellas fora queimada por Judia; o q' se mostrou no dº processo e inquirição do famíliar Antônio Dias de Araújo e autos de Injuria supra mencionados ser mera impostura".* [12]

Segundo mesmo processo, o Pe. João Batista Ferreira, que trouxe a público esta fama, iniciada por meio de uma sentença de Antônio Dias (pai do Pe.

[12] O padre aqui mencionado, Antônio Dias de Araújo era primo-irmão de Domingas Dias, mãe de Antônio José Simões Dias, por ser fº de Antônio Dias, irmão de Francisco Dias. Ainda, Francisco de Araújo era pai e não avô de Maria de Araújo de Aguiar.

Antonio Dias de Araújo) contra André Jorge de Vila Nova, também da Fregª de Ferral, devido a uma querela havida entre eles, acusou o filho de seu desafeto, perante o Cabido, de ser judeu. Este fato, levou o acusado, a testemunhar perante a autoridade eclesiástica, explicando que:

a dita fama procedia do lugar e fregª de Santo Thiago de Caldellas Comarqua de Braga da Caza chamada por apelido Agoeiro, por um filho de Francisco Gonçalves Branqueiro fugir para a freguesia de Santo Martinho de Ruivães e mudar o sobrenome em Aguiar por duvidas que tivera com seu Reverendo Reitor por lhe cortar as pernas a huã mulla; e de Ruivães foi o dito filho de Francisco Gonçalves cazar para Frades lugar da mesma freguesia de Santo Martinho de Ruivães se moverão as dúvidas sobreditas pelo apelido que mudou em Aguiar; do qual filho de Francisco Gonçalves nasceu Maria de Aguiar de Araújo Bisavó do Habilitando

Por fim, o Pe. Antônio Dias de Araújo, acaba absolvido por sua Alteza na Relação Primas, pois concluiu-se tratar de calúnia. Como consequência, seu acusador, o Pe. João Batista Ferreira acabou sendo punido, com a arrematação de seu patrimônio.

TERCEIROS AVÓS

16. **FRUTUOSO SIMÕES**, C.c. Cecília Francisca (ou Cecília Dias) em 05-JUN-1613 na Fregª de Santa Maria do Pinheiro, Concº de Vieira do Minho. Como o casal contraiu núpcias na Fregª de Santa Maria do Pinheiro, do mesmo Concº, e, após o casamento, viveram no lugar da Cortegaça, na Fregª de São João Batista do Mosteiro, creio que Frutuoso seja dali, enquanto sua mulher, do Pinheiro.

17. **CECÍLIA FRANCISCA**, também chamada **CECÍLIA DIAS**, creio, n. em Santa Maria do Pinheiro.

18. **GERVAS GONÇALVES**, morador no lugar da Carvalha, Fregª de Santo Estevão de Cantelães, onde fal. em 25-DEZ-1657.

19. **GRÁCIA GONÇALVES**, fal. em 21-DEZ-1642 na Carvalha, Fregª de Santo Estevão de Cantelães.

26. **FRANCISCO DE ARAÚJO E AGUIAR**, também chamado **FRANCISCO GONÇALVES BRANQUEIRO**, ou ainda, **FRANCISCO PEREIRA**, figura nos registros como cirurgião, n. na Casa do Agoeiro ([13]), Freg[a] de São Tiago de Caldelas. Fal. no lugar de Frades do Pinheiro, da Freg[a] de São Martinho de Ruivães, em 14-OUT-1651, sem test[o], tendo sido C.c. Inês Gonçalves em Lisboa.

A fama de cristão novo, conforme processo de F. S. O. do descendente Antônio Dias de Araújo, teria vindo por ele "*cortar as pernas a huã Egoa que achou em hum seu campo fugio, e veyo dar ao lugar de Frades de Pinheiro freg[a] de São Martinho de Ruivães onde cazou (...) e passados tempos hum filho e hum neto do dito Fran.co Pereira matarão hum cam a seu vizinho Pedro João (...)" e* seria "nepto de um rendeiro natural da Villa Pouca de Aguiar que diziam era Judeu".

Apesar de falarem que a fama de cristão-novo era proveniente de seu pai ou de uma outra antepassada que teria sido queimada na fogueira, nos testemunhos consultados, toda vez que fazem referência ao antepassado judeu da família, é justamente Francisco de Araújo que é lembrado, pois foi ele que saiu da casa de seu pai, em Agueiro, que ficava em Caldelas, como dito anteriormente, para casar em Ruivães, onde passou a residir. Também, apesar de seu pai, ser, de fato, rendeiro (vemos isso nos registros paroquiais), o rendeiro que padecia de fama de cristão novo, era outro, por nome Manuel de Aguiar Barreiro, n. em Braga, e, justamente este último, que seria descendente de um senhor natural da Vila Pouca de Aguiar.

Outro fato que pudemos verificar, é que, havia dúvida por parte dos próprios descendentes das duas casas dos "Aguiares", se as famílias eram ou não entrelaçadas. Ainda, diziam as pessoas ouvidas, que "Aguiar" foi o sobrenome que ele adotou ao fugir de sua freguesia natal, como uma forma de "camuflar" suas reais origens. De fato, o "Aguiar" só veio a ser acrescentado ao nome da família, tempos depois (mais precisamente, na geração de seus filhos), antes, porém, ele só era referido nos paroquiais como "Francisco de Araújo".

27. **INÊS GONÇALVES** n. no lugar de Frades do Pinheiro, Freg[a] de Ruivães, onde fal. em 22-DEZ-1661, com manda que fez ao f[o] João de Aguiar.

---

[13] Em alguns documentos, da Casa da Boa Vista, da mesma Freg[a], porém, descobriu-se que desta casa, eram moradores outros "Aguiares", como Manuel de Aguiar Barreiros, que, como Francisco de Araújo, também padecia de fama de cristão-novo. Porém, no processo de um descendente desta casa para F. S. O., por nome Higino de Araújo Pacheco, que, a princípio, também acreditava ser descendente da Casa do Agueiro, mais principalmente, de Afonso Gonçalves Branqueiro.

QUARTOS AVÓS

52. **AFONSO GONÇALVES (O BRANQUEIRO)**, rendeiro, conforme seus descendentes, seria n. na Casa do Agueiro (os apelidos desta família eram Gonçalves, Araújos e Pereiras), Fregª de São Tiago de Caldelas. Ele ou seu pai seria "*da Vª Pouca de Aguiar, de onde veio o apelido Aguiar de seus descendentes*". Aqui, conforme explicado, deve ter havido confusão, pois que, o antepassado que seria da Vª Pouca de Aguiar, estava na família dos Aguiares da Casa da Boa Vista, e não na dos Agueiro (que nunca foram Aguiar). Por lapso, em alguns depoimentos, é referido como Francisco Gonçalves Branqueiro.

Se era ou não da Casa do Agueiro, ainda não cheguei em um consenso, pois em algumas declarações, o parentesco deste rendeiro com esta quinta, se dava porque, um filho deste, por nome João de Araújo (cujo nome não figura nos paroquias de Caldelas, por acreditar que este já era fal. em 1601, quando tais registros começam a ser produzidos), se casou em Agueiro, e, por este motivo, os moradores desta, descendiam do Branqueiro.

Apesar de seu óbito não ter sido localizado, a última referência sobre ele, nos registros paroquiais de Caldelas, encontra-se no batismo de um neto, por nome João, ocorrido em 30-JAN-1610, fº de Pedro Lopes e de Inês Gonçalves, esta, fª do dito rendeiro, onde consta *"(...) Inês Glz filha de A.º Glz rendeiro que foi da dita igreja*". Aqui, fica a dúvida se o mesmo já era fal. nesta data ou não vivia mais nesta fregª.

53. **EUSÉBIA GONÇALVES DE ARAÚJO**, n. provavelmente em Caldelas, e, creio, já fal. em 1601, pois seu nome não figura nos respectivos registros paroquiais. Seu nome é lembrado nos processos de seus descendentes, bem como, no nome de sua neta, que também se chamou Eusébia, fª de Francisco de Araújo e Inês Gonçalves, bat. em Frades do Pinheiro em 24-NOV-1624.

ERRATAS

Revista da ASBRAP, nº 25, pág. 146, nota 08, onde lemos "Isabel Correia, fal. em 15-MAI-1677 em Mogi das Cruzes, após enviuvar-se de João Pedroso de Moraes, C.c. Salvador Bicudo de Mendonça, também viúvo, fal. em 12-AGO-1681 em Mogi das Cruzes, fº de Manuel Bicudo e Maria Pires". Salvador Bicudo de Mendonça, fº de Manuel Bicudo e Maria Pires não pode ser o C.c. Isabel Correia, pois este, já era fal. por estes anos. Porém, recomendo comparar Salvador Bicudo, marido de Isabel Correia, com Salvador Bicudo de Siqueira, que foi morador em Mogi das Cruzes, já viúvo de Mécia Lobo de Oliveira em 1644, tem um neto (fº de sua fª Vicência de Siqueira Mendonça), por nome Salvador, bat. em 27-FEV-1662 por Isabel Correia; etc., o que explicaria já ser C.c. Isabel Correia, antes de 02-AGO-1651 (quando no inv.º de João Pedroso de Lima, fº de Isabel Correia e primeiro marido, vemos o mesmo ser realizado nas casas de morada de Salvador Bicudo); pág. 149, aqui temos um adendo: Nos Originais do SL, ref. à cidade de Itu, quando do casamento de Inácio Rodrigues Moreira com Catarina Portes de El-Rei em 1682, consta que Inácio Rodrigues Moreira era n. em Sorocaba, e fº de Francisco Rodrigues Moreira e **Feliciana Dias**, que era um nome, então desconhecido pelos genealogistas. Ainda, acrescenta-se à lista das filhas de Clemente Portes de El-Rei, conforme os Originais do SL, também em Itu, Leocádia Fernandes de Saavedra, C.c. Simão Rodrigues Moreira, fº do já citado Inácio Rodrigues Moreira e 1ª esposa, que se chamava **Beatriz Camacho**, cujo nome também não conhecíamos, e que ocorreu em 1691 em Itu; pág. 215, onde lemos: "Manuel Pires, bat. em Itu em 19-FEV-1772", o ano correto é 1722; pág. 216, onde lemos: "irmã de Catarina Tomás, esta, fal. em 03-SET-1758", o ano correto é 1658; pág. 228, onde lemos: "alguns anos depois que a família de Luigi Guerra", o correto é "meses depois"; pág. 276, onde lemos, na nota 45: "tanto Francisco Barbosa de Abreu, quanto Sebastiana de Peralta, eram viúvos, ao se casarem. Ele, de Luzia Leme Bicudo, e, ela, de Fernão de Saavedra (com quem teve, entre outros, de José Nunes de Saavedra, morador em Sorocaba e Itu)", o correto é, que apenas Francisco Barbosa de Abreu era viúvo. Sebastiana de Peralta, mulher de Fernão de Saavedra, batiza um filho por nome Miguel, na Sé de São Paulo, em 01-NOV-1672, sendo, com isso, impossível tratar-se da mesma pessoa.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Igreja Católica Santo Estevão (Cantelães, Braga). Arquivo Distrital de Braga. Microfilmes dos Registros paroquiais, 1537-1881, Salt Lake City: Filmados pela Sociedade Genealógica de Utah, 1984, Microfilmes n.°s 1352213, 1352214 e 1352215.

Igreja Católica São João Batista (Mosteiro, Braga). Arquivo Distrital de Braga. Microfilmes dos Registros paroquiais, 1611-1877, Salt Lake City: Filmados pela Sociedade Genealógica de Utah, 1984, Microfilmes n.°s 1352219, 1352220, 1352231 e 1352232.

Igreja Católica Santa Maria (Pinheiro, Braga). Arquivo Distrital de Braga. Microfilmes dos Registros paroquiais, 1582-1881, Salt Lake City: Filmados pela Sociedade Genealógica de Utah, 1984, Microfilme n.° 1352234.

Igreja Católica São Martinho (Ruivães, Braga). Arquivo Distrital de Braga. Microfilmes dos Registros paroquiais, 1606-1882, Salt Lake City: Filmados pela Sociedade Genealógica de Utah, 1984, Microfilmes n.°s 1352219, 1352240 e 1352241.

Igreja Católica São Tiago (Caldelas, Braga). Arquivo Distrital de Braga. Microfilmes dos Registros paroquiais, 1601-1876, Salt Lake City: Filmados pela Sociedade Genealógica de Utah, 1983, Microfilme n.° 1362647.

Igreja Católica São Gens (Salamonde, Braga). Arquivo Distrital de Braga. Microfilmes dos Registros paroquiais, 1592-1872, Salt Lake City: Filmados pela Sociedade Genealógica de Utah, 1984, Microfilme n.° 1352241 Item 6.

Igreja Católica Nossa Senhora do Pilar (São João del Rei, Minas Gerais). Arquivo Diocesano de São João del Rei. Microfilmes dos Registros paroquiais, 1729-1954, Salt Lake City: Filmados pela Sociedade Genealógica de Utah, 1981, Microfilme n.° 1285503 Itens 1-5

Processo n.° 19410, de Génere et Moribus, do Pe. João Pereira Araújo, de 03-JAN-1707, no A.D.B. – filho de Nicolau de Araújo Aguiar, sobrinho de Maria de Araújo (bisavó de Antônio José Simões Dias). Neste processo, falam da fama de Francisco de Araújo, bisavó do justificante, que teria partido de denúncias do capitão mor de Caniço Gervásio Barroso; e, de Pedro João, contra o pai do justificante, em decorrência da morte um cão. Sua irmã Santa Rodrigues, neste processo, é acusada de nascer com cauda.

Processo n.° 01129, de Génere et Moribus, do Pe. Inácio Pereira Araújo, de 25-AGO-1746, no A.D.B. – sobrinho do pe. João Pereira de Araújo, do processo anterior.

Processo n.° 03995, de Génere et Moribus, do Pe. João Dias Araújo, de 28-NOV-1747, no A.D.B. – irmão de Antônio Dias de Araújo, F. S. O.

Processo n.° 01338, de Génere et Moribus, do Pe. Antônio Dias Araújo, de 09-NOV-1719, no A.D.B. – primo irmão de Domingas Dias, mãe de Antônio José Simões Dias. Foi este Pe. que conseguiu provar ser caluniosa a fama cristã-nova de sua família, de forma que seu processo, acabou servindo de base para todos os demais parentes, com processos de aplicação sacerdotal ou de Santo Ofício, toda vez que precisavam esclarecer a afamada origem cristã-nova.

Processo n.° 32292, de Génere et Moribus, do Pe. Matias Pereira, de 21-JUN-1716, no A.D.B. – primo em terceiro grau do Pe. Antônio Dias de Araújo.

Processo n.° 23881, de Génere et Moribus, do Pe. José Simões Vieira, de 23-SET-1786, no A.D.B. – sobrinho paterno do alferes Antônio José Simões Dias, fº de seu irmão Bernardo José Simões.

Processo n.° 21326, de Génere et Moribus, do Pe. José Gil Pereira, de 18-JAN-1734, no A.D.B. Descendente de João de Aguiar, fº de Francisco de Araújo, por este, parente de Antônio José Simões Dias.

Processo de Habilitação para F. S. O. de João Simões Dias. Tribunal do Santo Ofício, Conselho Geral, Habilitações, João, maço 112, doc. 1827, ano de 1756, sob código de referência PT/TT/TSO-CG/A/008-001/13553, acessível no site do ANTT no seguinte endereço eletrônico: https://digitarq.arquivos.pt/details?id=2332487 – irmão inteiro do alferes Antônio José Simões Dias.

Processo de Habilitação para F. S. O. de Antônio Dias de Araújo. Tribunal do Santo Ofício, Conselho Geral, Habilitações, Antônio, maço 125, doc. 2115, ano de 1754, sob código de referência PT/TT/TSO-CG/A/008-001/1537, acessível no site do ANTT no seguinte endereço eletrônico: https://digitarq.arquivos.pt/details?id=2320468

Processo de Habilitação para F. S. O. de Antônio Joaquim Vieira Rebelo. Tribunal do Santo Ofício, Conselho Geral, Habilitações, Antônio, maço 200, doc. 2974, ano de 1796, sob código de referência PT/TT/TSO-CG/A/008-001/2255, acessível no site do ANTT no seguinte endereço eletrônico: https://digitarq.arquivos.pt/viewer?id=2321186 – sobrinho do alferes Antônio José Simões Dias.

Processo de Habilitação para F. S. O. de José Pereira de Macedo. Tribunal do Santo Ofício, Conselho Geral, Habilitações, José, maço 61, doc. 946, ano de 1750, sob código de referência PT/TT/TSO-CG/A/008-001/16039, acessível no site do ANTT no seguinte endereço eletrônico: https://digitarq.arquivos.pt/viewer?id=2334973 – seria descendente da Casa do Agueiro, consequentemente, tinha por ancestral João de Araújo, irmão de Francisco de Araújo, ambos filhos de Afonso Gonçalves Branqueiro.

ASCENDÊNCIA EM PORTUGAL DOS IRMÃOS BORGES DA COSTA

Luiz Gustavo de Sillos

Resumo: *Ascendência em Portugal dos irmãos Miguel, Domingos e José Borges da Costa, que, da freg[a] de Atei, Conc[o] de Mondim de Basto, Distrito de Vila Real, Portugal, passaram à cidade de Campanha, Minas Gerais, na quarta década do séc. XVIII.*

Abstract: *Ancestry in Portugal by the brothers Miguel, Domingos and José Borges da Costa, who, from the parish of Atei, municipality of Mondim de Basto, District of Vila Real, Portugal, moved to the city of Campanha, Minas Gerais, in the fourth decade of the 18th century.*

APRESENTAÇÃO

Este artigo trata da ascendência em Portugal, dos irmãos Miguel, Domingos e José Borges da Costa, nascidos na freg[a] de São Pedro de Atei, Conc[o] de Mondim de Basto, Distrito de Vila Real, que, na 4[a] década do séc. XVIII, imigraram para Campanha ([1]), MG, onde passaram a residir.

Minha relação com esta família, se dá por Luísa Rosa de Morais, minha 6[a] avó, f[a] do reinol Miguel Borges da Costa, da qual descendo, pelo lado paterno, como muitos outros, dado a inúmera descendência que deixaram, não apenas em MG, como, também, em SP, e, muito provavelmente, em outros estados também.

Neste trabalho, dentro do que foi possível, tentamos construir o cenário em que viviam os irmãos Borges da Costa, com base em documentos que levantamos, e, que, vão além dos registros paroquiais.

[1] Tiveram uma rápida passagem por Piranga, MG, onde Miguel Borges da Costa, se casou.

Porém, não seria ético da minha parte, se dissesse que, todas as informações contidas neste artigo são inéditas. Assim, entendo ser necessários alguns esclarecimentos, os quais darei, dividindo esta pesquisa em três fases:

1ª Fase: findada no ano 2000, com a publicação da Revista ASBRAP n.º 07, onde, poderemos ler brilhante artigo póstumo do Dr. **José Guimarães**, intitulado "Família Borges da Costa", que traz a identificação da freguesia de origem dos irmãos Miguel, Domingos e José e os nomes de seus pais, extraídos das atas de batismos de seus filhos, ocorridos em Campanha, MG. Ainda, este artigo nos informa sobre as primeiras gerações de descendentes desta família (que não serão objeto deste trabalho). Por estes motivos, nossos agradecimentos ao senhor José Guimarães (In Memoriam), pois, sem estes elementos, a segunda e terceira fase deste trabalho não seria possível;

2ª Fase: findada em 2009, quando tomei conhecimento em abril deste ano, em comunicação havida entre nós dois, no fórum do Geneall.net, sobre excelente pesquisa que o genealogista **Décio Martins de Medeiros** realizou nos microfilmes da SGU da Fregª de Atei, sobre os Borges da Costa. Seu interesse nesta família, se dava pelo fato dele, assim como eu, também descender de Miguel Borges da Costa, porém, pela fª Isabel Angélica de Morais.

Assim, Décio Martins de Medeiros descobriu, além dos batismos de Miguel, Domingos e José, o de outros irmãos (Maria, Antônio e outro Domingos), bem como, o casamento de seus pais (Antônio Borges da Costa e Maria Gonçalves Dinis), e os nomes de seus avós paternos (Antônio Borges e Maria Lousada) e os maternos (João Gonçalves e Margarida Francisca Dinis).

Porém, apesar dos registros paroquiais de Atei terem início no ano de 1551, há lacunas nos registros paroquiais de casamentos e óbitos, pois quando chegamos no ano de 1666, eles saltam para 1703. Desta forma, tornou-se impossível retroceder na árvore genealógica desta família. Aqui, registro meus agradecimentos a Décio Martins de Medeiros, pela grande ajuda que me deu, fruto de sua minuciosa pesquisa, que, só não pode ser conclusiva naquele momento, pela escassez de documentos.

3ª Fase: iniciada em 27-MAR-2017, data em que eu localizei os processos de habilitação para F. S. O. de Manuel Borges da Costa (carta feita em 23-JAN-1731), tio paterno dos irmãos Borges da Costa, e de Antônio Borges Lousada (carta feita em 21-JUL-1741), primo-irmão de seu pai Antônio Borges da Costa, ambos nascidos na Fregª de Atei. Estes dois processos, permitiu que eu preenchesse a lacuna dos registros paroquiais (no tocante a linha paterna dos irmãos Borges da Costa), descobrindo os nomes dos seus bisavós. Desta forma, foi possível eu retomar as pesquisas nos microfilmes de Atei (ora digitalizados) e retroceder na árvore genealógica desta família, até fins do séc. XVI.

Por fim, creio que ainda haverá uma quarta fase, quando descobrirmos os nomes dos bisavós dos irmãos Borges da Costa, pelo lado materno. Porém, acredito que tal feito, só será possível, através de pesquisas nos arquivos notariais de Vila Real.

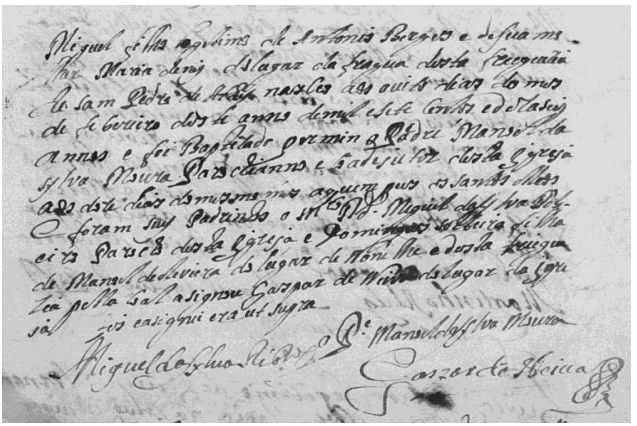
De qualquer modo, espero que este artigo possa ser útil a todos aqueles que pesquisem a história dos inúmeros reinóis que povoaram as Minas Gerais, além, é claro, de permitir aos descendentes desta família, a ter acesso aos novos dados por mim encontrados.

São Bernardo do Campo, 15 de junho de 2019.

Luiz Gustavo de Sillos

ÁRVORE DE COSTADO DOS IRMÃOS BORGES DA COSTA ([2])

1. **MIGUEL BORGES DA COSTA**, n. em 08-FEV-1716 no lugar da Fraga, Fregª de Atei, Concº de Mondim de Basto, Distrito de Vila Real, Portugal, onde foi bat. em 12-FEV do mesmo ano, na Igreja Matriz de São Pedro, tendo por padrinhos o Pe. Miguel da Silva Ribeiro, e Domingas, solteira, fª de Manuel de Oliveira, de Nunelhe, da mesma Fregª de Atei:



Batismo de Miguel Borges da Costa. Lº n.º 2 Mistos de Atei, fl. 91 Autor: SGU. Disponível em: https://www.familysearch.org/ark:/61903/3:1:9398-SXY4-J?i=327&cat=444109

[2] Aqui, representando seus irmãos na Árvore de Costado, Miguel Borges da Costa. Todavia, seguem os dados dos batismos de todos os filhos de Antônio Borges da Costa e s/m. Maria Gonçalves Dinis: 1-Maria Borges, n. em 05-JUL-1713 no lugar da Fraga, onde foi bat. em 09-JUL-1713 na Igreja Matriz de São Pedro Atei, C.c. Domingos Machado, em Atei em 15-AGO-1735; 2- Antônio, n. em 16-OUT-1714 em mesmo lugar, onde foi bat. em 21-OUT-1714, s. m. n.; 3-Domingos, fal. criança, n. em 11-NOV-1717, em mesmo lugar, onde foi bat. em 15-NOV-1717; 4-Domingos Borges da Costa, n. em 06-NOV-1718, em mesmo lugar, onde foi bat. em 09-NOV-1718. Transferiu-se para MG, Brasil com os irmãos Miguel e José, onde se C.c. Madalena Cardoso, C.g.; e, 5-José Borges da Costa, bat. em 15-ABR-1720, em MG, C.c. Domingas Gonçalves de Morais, irmã de Tomásia Gonçalves de Morais, mulher de seu irmão Miguel, C.g.

Miguel foi o 3º fº do casal Antônio Borges da Costa, alferes, e de s/m. Maria Gonçalves, também chamada, Maria Dinis, moradores que foram no lugar da Fraga e, depois, no lugar da Gaita, da mesma Fregª. E, acompanhado dos irmãos Domingos e José, conforme dito anteriormente, transferiu-se para o Brasil, mais precisamente, para a cidade de Campanha, MG, na quarta década do séc. XVIII, passando rapidamente por Guarapiranga (atual Piranga), MG, onde, por 1745, C.c. **TOMÁSIA GONÇALVES DE MORAIS**, n. nesta cidade por volta de 1728 ([3]), fª de Custódio Gonçalves Nogueira e Ana de Morais Sodré. Custódio Gonçalves Nogueira e s/m. Ana de Morais Sodré, casaram-se em 05-MAR-1726 em Guarapiranga, porém, registrado no 1º Lº de Casamentos de Queluz, MG ([4]).

Custódio Gonçalves Nogueira, bat. em 12-FEV-1690 no lugar da Carreira, Fregª de São Tiago de Chamoim, Concº de Terras de Bouro, Distrito de Braga, Portugal, fº de Domingos Gonçalves, n. no lugar de Pergoim, da mesma Fregª e de s/m. Juliana Pires (por vezes, Fernandes), n. na Carreira, casados em 12-JAN-1676 na Igreja de Chamoim. Juliana Pires, bat. em 19-SET-1656 na Carreira, onde fal. em 21-JAN-1713, era fª de Francisco Pires (n. em Siqueiros, do mesmo lugar, fº de Domingos Pires e s/m. Margarida Dias) e de s/m. Isabel Dias (n. na Carreira, fª de Gregório Dias e s/m. Juliana Gonçalves), casados em 06-JUL-1642 na mesma Igreja de Chamoim. No tocante a ascendência de Domingos Gonçalves, por vezes, referido como Domingos Gonçalves (o Novo), existirem suspeitas quanto sua filiação, ainda carece de maior análise. O fato mais importante, é que não existia na época em que viveu Custódio Gonçalves Nogueira, seus pais e irmãos em Chamoim, a presença do apelido "Nogueira". Contudo, no mesmo lugar de Pergoim, havia a quinta "da Nogueira", cujos descendentes assinavam "Gonçalves da Nogueira". Sendo seu pai de Pergoim, creio que pertencia a esta família.

Ana de Morais Sodré, fal. em 11-OUT-1733 no sítio Chapotó, Piranga, invª em 1739 (conforme Nota 3), por sua vez, era n. na Fregª de São Sebastião do Rio de Janeiro, fª de Antônio de Oliveira Pimenta e s/m. Ana de Morais Sodré

[3] Conforme idade declarada no invº de sua mãe Ana de Morais Sodré, cujo inventariante foi Custódio Gonçalves Nogueira, ocorrido em 1739, 1º Ofício, Caixa 36, Auto 841, sob guarda do Arquivo do IPHAN.

[4] Conforme informação de David William Pereira, dada em 29-DEZ-2011, com base no registro de casamento de Custódio Gonçalves Nogueira, arquivados no Arquivo Eclesiástico de Mariana. Através das filiações de Custódio Gonçalves Nogueira e de s/m. Ana de Morais Sodré, foram possíveis avançar mais algumas gerações de antepassados de Custódio em Chamoim. De fato, nos atos de batismos de alguns netos, consta como nascido em Chamoim; Ana, por sua vez, aparece como natural da Ilha de São Sebastião, SP. Porém, pelo registro de casamento, seria de S. Sebastião, Rio de Janeiro.

(homônima da filha). Sem comprovação documental, creio que pertenciam a família Pimenta de Oliveira, do Rio de Janeiro, ligada ao ttº Oliveiras da Genealogia Paulistana.

Miguel Borges da Costa, fal. entre os anos de 1772 e 1790, sendo s/m. Tomásia, já fal. em MAIO-1790 ([5]).

Penso que, o motivo que levou Miguel e seus irmãos virem para o Brasil, seja semelhante ao de inúmeros reinóis, a possibilidade de adquirir riquezas em terras brasileiras. E tinham bons exemplos de sucesso neste feito, no seio de sua família, conforme evidenciamos nos processos para F. S. O. de seu tio Manuel Borges da Costa e seu primo Antônio Borges Lousada, que, tinham em comum, o fato, de viveram alguns anos no Brasil, e retornaram para sua pátria, com boa quantia em dinheiro, suficientes para estruturar suas vidas em Portugal.

Porém, diferente de seus familiares, optou por ficar no Brasil, sendo por livre espontânea vontade ou não.

PAIS

2. ALF. **ANTÔNIO BORGES DA COSTA**, n. no lugar de Nunelhe, Freg[a] de Atei, onde foi bat. em 07-JUL-1688 na Igreja Matriz de São Pedro, sendo padrinhos João Marques (lugar da Burmela) e Sabina (f[a] de Brás Marques, de Nunelhe). Antônio, 1[a] vez, C.c. Maria Dinis em 12-OUT-1712 em Atei. Viúvo, 2[a] vez, em 07-AGO-1721 em Atei, C.c. Domingas Martins, do lugar da Levandeira, f[a] de Gaspar Martins e Catarina Francisca, porém, sem filhos deste segundo matrimônio. Antônio fal. em 15-FEV-1763 na Gaita ([6]), sem test[o], onde é declarado somente o último matrimônio.

Era Antônio Borges da Costa, irmão de Manuel Borges da Costa, que, depois passou a ser referido como Manuel Borges da Costa Brasileiro, F. S. O., que embarcou moço para o Brasil, de onde trouxe mais de 50 mil cruzados (informações obtidas de seu processo de habilitação para o Santo Ofício, localizado por mim, cujas referências documentais trago ao final deste trabalho).

3. **MARIA DINIS**, ou ainda, **MARIA GONÇALVES**, n. na Gaita, do lugar da Fraga, da mesma Freg[a] de Atei, onde foi bat. em 14-FEV-1683 na Igreja Matriz

[5] Conforme atos de batismos de alguns netos em Campanha, MG.

[6] Os óbitos de Antônio Borges da Costa e Maria Dinis, bem como o segundo matrimônio do primeiro, foram obtidos por mim em pesquisa realizada em S. Pedro de Atei, e correspondem à 3[a] fase deste trabalho, conforme mencionado na apresentação deste artigo.

de São Pedro, sendo padrinhos Gaspar Simões, do Barreiro, e Maria, solteira, de Nunelhe, ambos lugares da Freg[a] de Atei. Maria fal. em 29-NOV-1720 no mesmo lugar da Fraga, com test[o], onde constituiu seu herdeiro o marido. Deixou, ainda, nove missas, pela alma de seu irmão José.

AVÓS

4. **ANTÔNIO BORGES**, homônimo de seu pai, f[o] natural, bat. em 07-NOV-1659 no lugar de Nunelhe, Freg[a] de Atei, sendo padrinhos Antônio Martins, do Estremadouro, e Margarida Borges, sua tia paterna, mulher de Miguel Francisco, do Outeiro (só foi possível a identificação de seu batismo e filiação graças ao processo de F. S. O. de seu f[o] Manuel Borges da Costa, encontrado por mim no ANTT), onde ele fal. em 05-DEZ-1722, com test[o], tendo por herdeiro o f[o] João Borges e testr.[a] sua mulher ([7]).

Antônio Borges foi C.c. Maria Lousada, depois de 12-OUT-1681 (os registros de casamentos deste período, não existem mais, conforme já explicamos).

Segundo o processo de F. S. O. de seu f[o], ele e s/m. "*foram lavradores e viveram de suas fazendas*".

Ainda, neste mesmo processo, há um erro, pois que na carta de apresentação anexa, datada de 21-ABR-1730, os pais de Manuel figuram como falecidos. Porém, é um erro, corrigido no decorrer do processo, pois sua mãe viria falecer dois anos depois.

Por fim, o apelido composto "Borges da Costa", como conhecemos, é a união da família Borges, de Cortegaça (família de Antônio Borges) e Costa, de Nunelhe (família de s/m. Maria Lousada).

5. **MARIA LOUSADA,** homônima de sua mãe, foi bat. em 15-OUT-1656 em Nunelhe, sendo padrinhos Domingos da Costa e Maria Dinis, onde fal. em 23-MAR-1732, deixando seu f[o] João Borges por herdeiro.

---

[7] Foram filhos de Antônio Borges e s/m. Maria Lousada, além de Antônio Borges da Costa: 1-Domingos, bat. em 12-FEV-1685 em Nunelhe, s. m. n.; 2-Manuel Borges da Costa Brasileiro, bat. em 19-NOV-1690 em Nunelhe, F. S. O. por carta de feita em 23-JAN-1731, fal. em 07-NOV-1750 na Seara, Atei, onde C.c. Angélica Maria de Oliveira, f[a] de Pedro Seara da Guerra e Maria da Costa, C.g.; 3-Pedro Borges, bat. em Nunelhe em 04-JUL-1693, s.m.n.; e, 4-João Borges, fal. em 02-OUT-1753 em Nunelhe, herdeiro de seus pais, C.c. Joana da Guerra em 30-NOV-1724 em Atei, sendo ela, n. na Carreira, Atei, f[a] de João da Guerra e Joana de Barros.

6. **JOÃO GONÇALVES**, fal. em 06-AGO-1712 no lugar da Fraga, Fregª de Atei, onde, creio que se C.c. Margarida Francisca Dinis. Em seu test.º deixou sua fª Maria Dinis por herdeira. Ainda, declarou dever à Luísa da Guerra, viúva de Baltazar Simões. Teve, pelo menos, 10 filhos com sua mulher, porém, com base nos paroquiais, penso que só Maria Dinis atingiu a idade adulta.

Conforme informações do senhor Cândido Avelino Ribas Pacheco, ele e sua mulher, no ano de 1701, eram possuidores do casal de Fontelas:

> *Do Casal de Fontelas das terras deste Casal possuídas por João Gonçalves (1ª Vida) e s/m. Margarida Dinis (2ª Vida) em virtude de um prazo de 3 vidas feito em 27-OUT-1693* [8].

7. **MARGARIDA DINIS**, ou ainda, **MARGARIDA FRANCISCA**, fal. em 05-MAIO-1707 na Gaita, Fregª de Atei, "*de morte apressada*".

BISAVÓS ([9])

8. **ANTÔNIO BORGES**, homem solteiro, foi bat. em 22-ABR-1627 em Cortegaço, sendo padrinhos Domingos Fernandes e Senhorinha de Moura, mulher de Martinho Afonso, do mesmo lugar. Cortegaço era uma propriedade situada no lugar de Nunelhe.

Segundo o processo de seu neto Manuel Borges da Costa para F. S. O., ele e a mãe de seu fº "*eram pobres e viviam de seu trabalho e indústria*", o que não parece ser verdade, dado ao status de seus pais e irmãos, com exceção, é claro, de Senhorinha Gonçalves, que, pelo que tudo indica, seria fª do marceneiro de Atei. Antônio Borges fal. em Cortegaço em 23-JUN-1662, poucos anos após o nascimento de seu fº.

---

[8] O mesmo prazo não foi consultado em detalhes. É possível que o mesmo explique a ligação, quiçá, a filiação de ambos, ou, de pelo menos um dos cônjuges, e sua relação com Atei, pois não sabemos quem era de lá (se ele ou a mulher). Particularmente, pela ligação de Margarida com filhos e netos de um Francisco Dinis, do Barreiro, e, também Souto Maior, ambos em Atei, é mais provável que seja ela.

[9] Deste ponto em diante, pesquisas totalmente inéditas (além é claro dos complementos que realizei na geração dos pais e avós dos irmãos Borges da Costa, com base nas fontes primárias já destacadas), e que foram fruto de exaustiva pesquisa.

9. **SENHORINHA GONÇALVES**, **A BIZUGA**, de alcunha, mulher solteira, n. em Nunelhe (segundo habilitação de Manuel Borges da Costa para F. S. O.), onde deve ter fal. entre os anos de 1667 a 1703, visto que não foi possível localizarmos o respectivo assento, devido lacuna já mencionada nos registros paroquiais de casamentos e óbitos da Fregª de Atei deste período.

No batismo de seu fº Antônio Borges, está como Maria, a Buzuca ou Buzuga, de Nunelhe, o que parece ser um erro por parte do padre.

10. **ANTÔNIO GONÇALVES** (que era irmão de Domingos Gonçalves da Costa, casado em Atei em 06-FEV-1662 com Maria Dinis, de onde veio o apelido Costa, dos irmãos Borges) foi bat. em 14-JUN-1631 em Nunelhe, sendo padrinhos Gaspar de Figueiredo e Isabel Lousada, da Casa da Telha, em mesmo lugar, e que era tia-materna de sua futura esposa. Antônio, conforme assento matrimonial de seu fº Salvador Lousada com Senhorinha Borges, ocorrido em Atei em 20-JAN-1692, e cuja transcrição obtemos do processo para F. S. O. de Antônio Borges Lousada, fº destes e neto daquele), já era fal. nesta época. O casamento de Antônio Gonçalves não foi localizado por ter ocorrido na Fregª de São Pedro da Cerva, Concº de Ribeira de Pena, Distrito de Vila Real.

11. **MARIA LOUSADA**, n. na Casa do Fissô, Fregª de São Pedro da Cerva, transferindo-se para Atei quando de seu casamento com Antônio Gonçalves. Conforme dados extraídos dos processos dos netos Antônio Borges Lousada e Manuel Borges da Costa, seria cristã velha, irmã de Gervásio Fernandes, e fª de outra Maria Lousada.

TERCEIROS AVÓS

16. **PEDRO DINIS**, n. no lugar do Souto Maior, em Atei, e fal. em Cortegaço depois de 1666. Em 28-MAR-1626 em Atei, C.c. Antônia Borges.

17. **ANTÔNIA BORGES**, n. em Cortegaço, onde fal. em 14-MAR-1644, tendo feito manda, onde deixou seu marido por herdeiro e testr.º.

20. **PEDRO GONÇALVES**, O NOVO, fal. em 02-DEZ-1639 em Nunelhe, onde fez manda à sua mulher e herdeira. Em 14-JUL-1633 ele e a mulher, juntamente com o casal Gaspar Fernandes e Isabel Lousada, detinham a posse do Casal da Telha, em Nunelhe (informação do Sr. Cândido Avelino Ribas Pacheco).

21. **MARIA PIRES**, fal. em 04-JAN-1665 em Nunelhe, deixando a "*seu filho Antº Glz q' lhe fizesse o bem da alma*".

22. **BALTAZAR FERNANDES**, n. na Casa do Fissô, Fregª de Cerva ([10]), tendo se casado em São Pedro de Atei com Maria Lousada. Era irmão de Gaspar Fernandes, morador na Telha, casa situada no lugar de Nunelhe, casado com Isabel Lousada, irmã de sua mulher.

23. **MARIA LOUSADA**, n. em Nunelhe, Fregª de Atei, passando a residir na Casa do Fissô, Fregª de Atei, após seu casamento. Citada, juntamente com o filho Gervásio Fernandes, nos processos para F. S. O. de seus bisnetos Manuel Borges da Costa e Antônio Borges Lousada. Conforme informação prestada pelo Sr. Cândido Avelino Ribas Pacheco, seria herdeira de um prazo de Nunelhe, herança deixada por sua mãe.

QUARTOS AVÓS

32. **GASPAR DINIS**, já fal. em 11-SET-1632 no lugar do Souto Maior, Freg.ª de Atei, conforme casamento de sua fª Senhorinha Dinis com Domingos Dinis (n. em Santa Eulália, da mesma Fregª, fº de Pedro Dinis e Isabel João, seu parente em 4º grau de consanguinidade).

33. **SENHORINHA ANDRÉ**, fal. em Souto Maior, em data desconhecida.

34. **ALEIXO GONÇALVES**, fal. em Cortegaço, Atei. Ainda era vivo em 1626, quando do casamento de sua fª Antônia Borges com Pedro Dinis.

35. **ISABEL BORGES**, fal. em 20-MAR-1644 em Cortegaço, onde fez manda, deixando Pedro Dinis, seu genro, como herdeiro e testr.º. Assim, até onde se descobriu, o apelido Borges, dos irmãos Borges da Costa, teria sido transmitido por linha feminina.

40. **PEDRO GONÇALVES,** O VELHO, fal. em 05-JAN-1643 em Nunelhe, tendo feito manda, ao qual foi entregue a Francisco Ferreira.

---

[10] Ver bat. de Baltazar, ocorrido em 15-SET-1648, fº de Domingos Gonçalves e s/m. de Nunelhe, onde foi madrinha uma fª de Baltazar Fernandes, de Fissô, Fregª de Cerva.

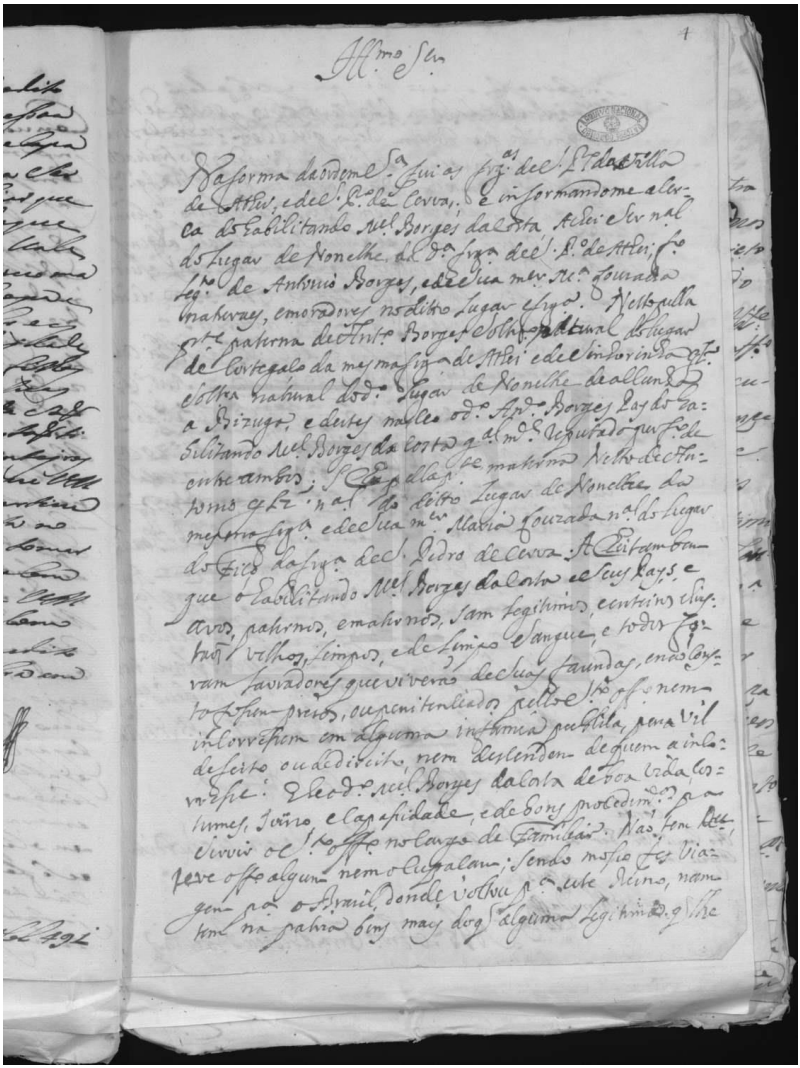
41. **DOMINGAS PIRES**, por vezes, **FELIPA PIRES**, não sendo possível chegarmos em um consenso se o marido foi casado duas vezes. Fal. em Nunelhe em 03-JAN-1632.

43. (Na dúvida) **MARIA PIRES** fal. em 14-DEZ-1630 em Nunelhe, Atei, onde figura como sogra de Pedro [...].

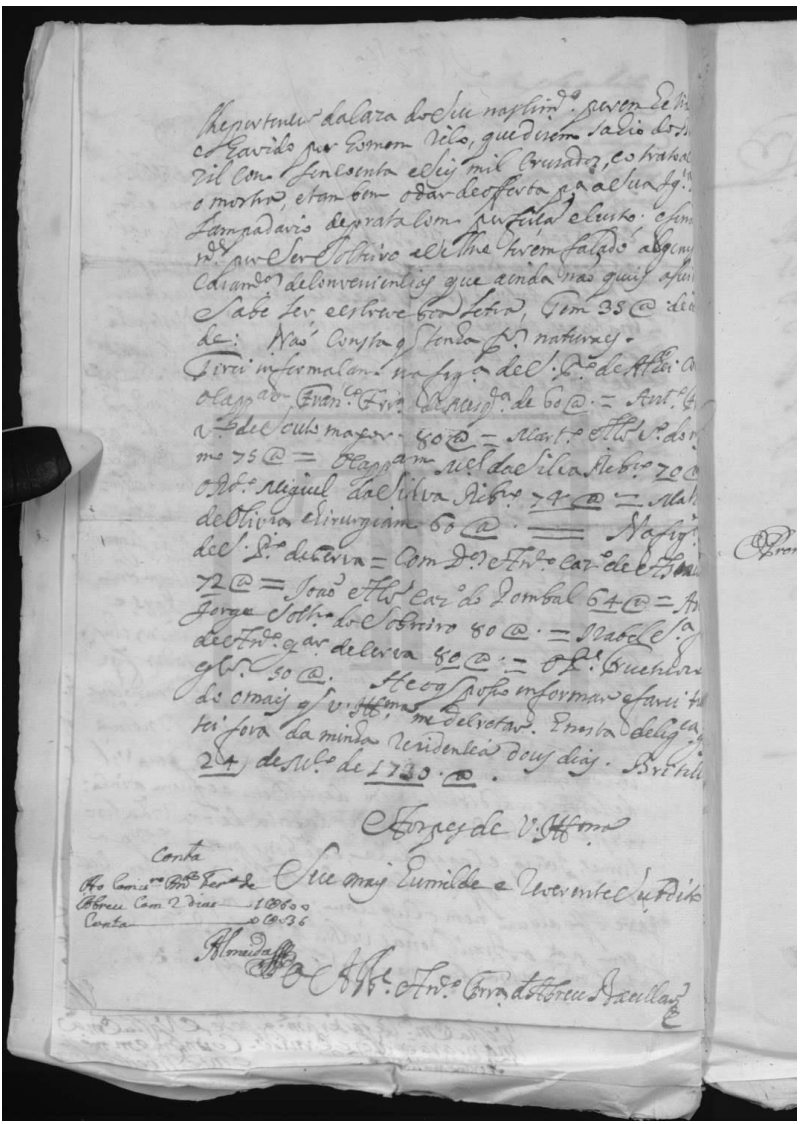
46. **BRÁS MARQUES**, segundo marido de Antônia Lousada, fal. na Casa da Telha, em Nunelhe.

47. **ANTÔNIA LOUSADA**, fal. na Casa da Telha, Atei, tendo casado três vezes, sendo a 1ª vez com Pedro Pires (sem filhos); a segunda, com Brás Marques (com duas filhas), e, por último com Pedro Correia (fal. em 07-OUT-1645, a quem chama Isabel Lousada, casada com Gaspar Fernandes, de fª, sendo que, pelo prazo abaixo, seria sua enteada – aqui fica a dúvida, se Isabel Lousada era de fato filha ou enteada de Pedro Correia, pois que, quando esta casa-se novamente em Atei em 14-MAIO-1646 com Domingos Gonçalves, declara ser fª de Pedro Correia e de s/m. Antônia Lousada). Conforme informações do Senhor Cândido Avelino Ribas, extraídas de uns prazos do Convento de Santa Clara (ADP):

Pedro Pires (1ª Vida), sua m.er Antónia Lousada (2ª Vida), num prazo feito em 17-2-1585, desta metade do Casal de Nonelhe (sic). Tendo Pedro Pires falecido, sem filhos, a sua viúva Antónia Lousada casou, em segundas núpcias, com Brás Marques, de quem houve duas filhas: Maria Lousada, que sucedeu neste prazo, ainda solteira, e Isabel Lousada, que casou com Gaspar Fernandes, possuidor de um prazo, em Cerva, que o trocou por este de seu irmão com seu irmão Baltazar Fernandes. Na vedoria de 14-7-1633, justificaram a posse deste Casal, chamado da Telha, Gaspar Fernandes e sua m.er Isabel Lousada; Pedro Gonçalves e sua m.er Maria Pires".



Página do Processo de Habilitação para F. S. O. de Manuel Borges da Costa. ANTT



REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Igreja Católica São Pedro (Atei, Vila Real). ANTT e ADVR. Microfilmes dos Registros paroquiais, 1551-1874, Salt Lake City: Filmados pela Sociedade Genealógica de Utah, 1983-1985, Microfilmes n.°s 1354905, 1354906 e 1354907.

Processo de Habilitação para F. S. O. de Manuel Borges da Costa. Tribunal do Santo Ofício, Conselho Geral, Habilitações, Manuel, maço 99, doc. 1841, ano de 1731, sob código de referência PT/TT/TSO-CG/A/008-001/18215, acessível no site do ANTT no seguinte endereço eletrônico: https://digitarq.arquivos.pt/viewer?id=2337149 – tio paterno de Miguel Borges da Costa e seus irmãos Domingos e José. Conforme extraído de seu processo, seus pais viveram de suas fazendas, ele (Manuel) sabia ler e escrever, tendo mais de 50 mil cruzados que trouxe do Brasil (embarcara moço), sendo ele, abundante de bens. Acesso em 30-MAR-2017.

Processo de Habilitação para F. S. O. de Antônio Borges Lousada. Tribunal do Santo Ofício, Conselho Geral, Habilitações, Antônio, maço 90, doc. 1699, ano de 1741, sob código de referência PT/TT/TSO-CG/A/008-001/2634, acessível no site do ANTT no seguinte endereço eletrônico: https://digitarq.arquivos.pt/viewer?id=2321565 – primo de Antônio Borges da Costa, pai de Miguel Borges da Costa. Conforme extraído de seu processo, era homem de negócio, foi para o Brasil (voltara dois anos antes deste processo), com mais de 20 mil cruzados. Era primo do também F. S. O. Manuel Borges da Costa, e de muitos outros, por parte de sua mãe. Acesso em 30-MAR-2017.

MARIA PEDROSO, A FILHA ESQUECIDA DE SEBASTIÃO DE FREITAS

Luiz Gustavo de Sillos

Resumo: *Correções e Acréscimos à Genealogia Paulistana do Dr. Silva Leme – Tt^o^ Freitas.*

Abstract: *Corrections and Accruals to the Paulistana Genealogy of Dr. Silva Leme - Tt^o^ Freitas.*

APRESENTAÇÃO

Há mais de 20 anos atrás, quando comecei a ter contato com aqueles que seriam os meus primeiros antepassados, ligados à Genealogia Paulistana, era bastante comum eu ouvir de outros pesquisadores, sejam profissionais ou amadores, a seguinte questão: "- *Aparecem no Silva Leme?*". E, quando minha resposta era uma negativa, imediatamente me diziam, "- Então, não tem ligação com a GP!". Com o passar do tempo, pude perceber que as coisas não eram bem assim. Apesar da Genealogia Paulistana ser, na minha opinião, uma das principais obras de referência para a Genealogia Brasileira, como em qualquer trabalho desta natureza, está sujeita a correções ou acréscimos. Nos próprios "Originais do Silva Leme" ([1]), **nem todas as suas anotações foram utilizadas** nos nove volumes que se transformaram. Ainda, com a descoberta de novos documentos, a releitura de outros, podemos chegar a conclusões, até mesmo, bastante divergentes da opinião do autor.

[1] Como assim foram popularizados, e que correspondem a dois volumes intitulados sob o nome de "Fontes da Genealogia Paulistana", parte integrante do acervo do Arquivo da Cúria Metropolitana de São Paulo, e trazem as transcrições de inúmeros batismos, casamentos, dispensas matrimoniais, óbitos, testamentos e inventários, que o Dr. Silva Leme pacientemente compilou e organizou por cidades, entre os anos de 1896 a 1898 (vol. I) e 1898 a 1901 (vol. II), em uma época que não havia Internet e que a comunicação era bem mais morosa.

Mesmo agora, em face a novos dados, pude perceber nas listas, fóruns ou grupos nas redes sociais sobre Genealogia, que, ainda persiste em um bom número de pessoas, a falsa ideia de que, se uma informação não consta no Silva Leme, a mesma não existe, está incorreta ou não carece da nossa atenção.

A importância de Silva Leme, e de outros autores que o antecederam como Pedro Taques, Frei Gaspar da Madre de Deus, entre outros, é indiscutível. O objetivo deste artigo é de incentivar os leitores a buscar por novas fontes; a não copiar tudo da Internet, sem qualquer olhar crítico; é fazer suas próprias pesquisas etc.

E, justamente, imbuído destas ferramentas e, ou, posicionamentos, é que resolvi escrever este artigo, que, apesar de pequeno, creio ser extremamente útil para a releitura do Ttº Freitas, ao trazer a figura de **Maria Pedroso, a filha esquecida de Sebastião de Freitas**. No vol. VII, Silva Leme, ao abordar a descendência do casal Sebastião de Freitas e Maria Pedroso, cita efetivamente 7 (sete) filhos, que são:

SL, VII, Ttº Freitas, pág. 169

Cap. 1.º Izabel de Freitas

Cap. 2.º Maria de Freitas

Cap. 3.º Catharina de Freitas

Cap. 4.º Mecia de Freitas

Cap. 5.º Anna Ribeiro

Cap. 6.º João de Freitas

Cap. 7.º Antonio Pedroso de Freitas

Todavia, ao consultar o Lº 1 de Casamentos da Sé de São Paulo ([2]), anos de 1632 a 1644 (códice 1-3-15), deparei-me com uma grande surpresa. Os filhos, na verdade, eram 8 (oito), sendo um deles, Maria Pedroso. Vamos entender melhor, esta descoberta? É o que o proponho aos nobres leitores, a partir de agora.

São Bernardo do Campo, 25 de junho de 2019.

Luiz Gustavo de Sillos

[2] No termo de abertura deste livro, consta a informação que a paróquia da Sé foi instalada no ano de 1591. Desta forma, seguramente, o Lº dito n.º 1, não foi o primeiro, o que é uma pena, pois, muitas de nossas questões acerca das primeiras famílias de São Paulo, poderiam ser respondidas.

AS DUAS MARIAS, TORNARAM-SE UMA

Sebastião de Freitas é meu décimo-primeiro avô, por parte de minha bisavó Vicência Ferreira de Sillos. Sou descendente, justamente da fª Maria de Freitas, que figura em SL, Vol. VII, § 2.º, pág. 170 e no Vol. V, § 1.º, pág. 05, da seguinte forma:

(...) Cap. 2.º

Maria de Freitas foi a 1.º casada em S. Paulo com João de Barros Freire f.º de Luiz de Barros de Alcaçova e de Maria da Silva de Pedrosa, *naturais de Setúbal; 2.ª vez casou com Henrique da Cunha Gago (o moço) f.º de outro (o velho) e de sua 1.ª mulher Izabel Fernandes, V. 5.º pág. 5, com geração deste 2.º marido.*

(...) Cap. 1.º

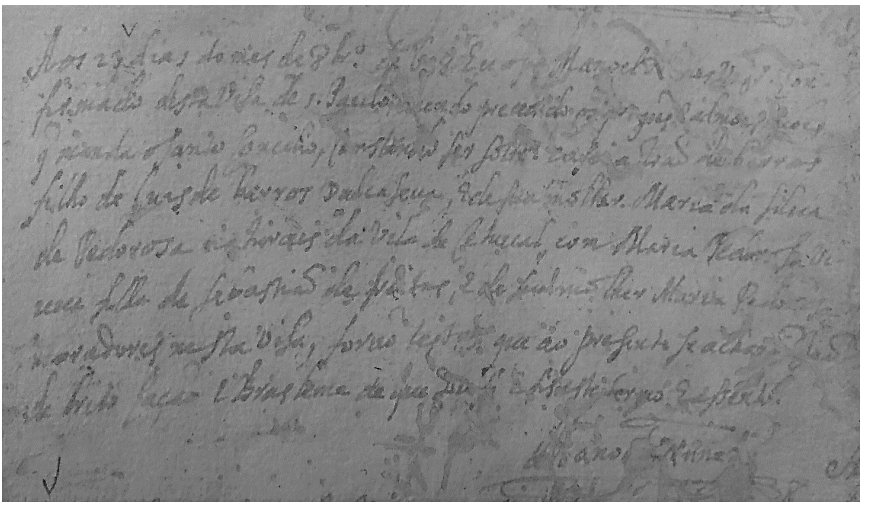
1-1 Capitão Henrique da Cunha Gago (o moço), com 6 anos de idade em 1599 quando faleceu sua mãe, ***foi 1.º casado com Maria de Freitas, † em 1629 em S. Paulo, viúva de João de Barros, f.ª do capitão Sebastião de Freitas****, cavalheiro fidalgo da casa real portuguesa, e de sua mulher Maria Pedroso. Tit. Freitas. Segunda vez casou Henrique da Cunha Gago com Maria Vaz Cardoso, f.ª de Gaspar Vaz Guedes e de Francisca Cardoso, n. p. de Antonio Vaz Guedes e de Margarida Corrêa, n. m. de Braz Cardoso, o fundador de Mogi das Cruzes, e de Francisca da Costa. Henrique da Cunha (o moço) esteve no sertão em 1637, juntamente com seus irmãos Manoel da Cunha e Francisco da Cunha, na bandeira sob o comando do capitão Francisco Bueno, que foi inventariado em 1665 em S. Paulo (C. O. de S. Paulo)*

Logo de início, algo me soara bem estranho, pois já havia estudado bastante estes Barros Freire, Barros de Alcaçova, Barros da Silva, cujos descendentes, também adotaram o apelido Barros de Abreu (ver Revista da ASBRAP, n.º 23, pág. 243), para ter certeza que o filho do casal Luís de Barros de Alcaçova e de Maria da Silva Pedrosa, naturais de Setúbal, Portugal, por nome João, não poderia ser o João de Barros Freire ou João de Barros, já fal. muito bens antes de 1629 (ano de falecimento de Maria de Freitas, à época, mulher de Henrique da Cunha), como constava na GP. Pois que, este, seguramente, era o mesmo

152- João de Barros de Abreu – 1639 - Em Santana de Mogi, no Rio Paraíba, partindo com Manoel de Freitas e Gaspar Vaz ([3])

Neste sentido, João de Barros, não poderia ter falecido em data anterior ao ano de 1639, conforme registro de obtenção da sesmaria acima. Foi então que, em uma de minhas muitas idas ao Arquivo da Cúria Metropolitana de São Paulo, ao consultar o **<u>Lº 1 de Casamentos da Sé de São Paulo, fl. 16</u>**, deparei-me com o seguinte assento de matrimônio, realizado aos 23-OUT-1638 (termo n.º 157):

Aos 23 dias do mês de 8.bro de 638 eu o pe Manoel Nunes de Vig.ro Confirmado desta Vila de s. Paulo quando precedeu os pregoes e admoestações de q' manda o Santo Concelio, constando ser solt.ro casei a João de Barros filho de de Luis de Barros e de sua molher Maria da Silva de Pedrosa naturaes da Vila de Cetuval com Maria Pedrosa viúva filha de Sebastião de Freitas e Maria Pedrosa moradores nesta vila, forão test.as que ao presente se acharam João de Brito Cação e Braz Leme de que (...) e e fis este termo e assento. (a) Manoel Nunes



Casamento de João de Barros com Maria Pedroso. ACMSP

[3] Sesmarias, Tipografia Piratininga, SP, ano de 1.921, publicado pelo Arquivo do Estado de São Paulo.

A transcrição desta fonte primária, descarta qualquer outra explicação. Fica evidente que Sebastião de Freitas e s/m. Maria Pedroso tiveram duas filhas por prenome Maria, porém, com apelidos distintos. **Maria de Freitas**, fal. em 1629, foi a mulher de Henrique da Cunha Gago (o Moço), e, muito provavelmente, jamais tivera um matrimônio anterior, e, caso ele tivesse ocorrido, e com um João de Barros, não poderia ter sido o filho de Luís de Barros de Alcaçova e Maria da Silva Pedrosa, visto que, conforme seu casamento, era homem solteiro.

Sobre o primeiro casamento de Maria Pedroso, caso tenha ocorrido na Sé de São Paulo, só poderia ter sido celebrado em período anterior a 1632 (o Lº 1 de casamentos inicia-se neste ano, e, após consultá-lo exaustivamente, não encontrei este 1.º matrimônio). Desta forma, como no seu assento matrimonial com João de Barros, o nome de seu falecido marido foi omitido, é bem provável, que nunca descobriremos quem ele foi.

Assim, entendo que, em SL, vol. VII, à pág. 169, a primeira geração da descendência do casal Sebastião de Freitas e Maria Pedroso, deve estar assim nomeada:

Cap. 1.º Izabel de Freitas

Cap. 2.º Maria de Freitas

Cap. 3.º Catharina de Freitas

Cap. 4.º Mecia de Freitas

Cap. 5.º Anna Ribeiro

Cap. 6.º João de Freitas

Cap. 7.º Antonio Pedroso de Freitas

Cap. 8.º Maria Pedroso

Ainda, nos já citados volumes VII, § 2.º, pág. 170 e V, § 1.º, pág. 05, tais capítulos devem figurar agora, da seguinte forma:

(...) Cap. 2.º

Maria de Freitas *se casou com Henrique da Cunha Gago (o moço) f.º de outro (o velho) e de sua 1.ª mulher Izabel Fernandes, V. 5.º pág. 5, com geração deste 2.º marido.*

(...) Cap. 8.º

Maria Pedroso, era viúva quando, em 1638, casou em S. Paulo com João de Barros f.º de Luiz de Barros de Alcaçova e de Maria da Silva de Pedrosa, *naturais de Setúbal, da qual, não descobrimos geração.*

(...) Cap. 1.º

1-1 Capitão Henrique da Cunha Gago (o moço), com 6 anos de idade em 1599 quando faleceu sua mãe, ***foi 1.º casado com Maria de Freitas, † em 1629 em S. Paulo, f.ª do capitão Sebastião de Freitas****, cavalheiro fidalgo da casa real portuguesa, e de sua mulher Maria Pedroso. Tit. Freitas. Segunda vez casou Henrique da Cunha Gago com Maria Vaz Cardoso, f.ª de Gaspar Vaz Guedes e de Francisca Cardoso, n. p. de Antonio Vaz Guedes e de Margarida Corrêa, n. m. de Braz Cardoso, o fundador de Mogi das Cruzes, e de Francisca da Costa. Henrique da Cunha (o moço) esteve no sertão em 1637, juntamente com seus irmãos Manoel da Cunha e Francisco da Cunha, na bandeira sob o comando do capitão Francisco Bueno, que foi inventariado em 1665 em S. Paulo (C. O. de S. Paulo).*

Por fim, creio que, este erro surgiu quando Silva Leme, ao escrever o Tº Freitas, ao escrever sobre Maria de Freitas, mulher de Henrique da Cunha Gago, filha de Sebastião de Freitas e s/m. Maria Pedroso, deve ter se lembrado da anotação que fez, no tocante ao casamento de uma Maria (que, agora, sabemos se tratar de Maria Pedroso), filha de Sebastião de Freitas, com um João de Barros, filho de Luís de Barros de Alcaçova (visto que nos Originais do SL, pude constatar que este termo de 1638 também foi transcrito pelo autor) e acabou juntando-as em um único capítulo, pensando tratar-se da mesma pessoa. E foi assim, que "**as duas Marias, tornaram-se uma**".

MARIA PEDROSO, MULHER DE JOÃO DE BARROS DE ABREU, DEIXOU DESCENDENTES?

Esta é uma resposta difícil de se dar. Entre os filhos de João de Barros de Abreu, conforme também entendia o nobre genealogista Dr. Helvécio de Vasconcelos de Castro Coelho, estavam os irmãos Antônio de Barros de Abreu e Paulo de Barros de Abreu, naturais de Mogi das Cruzes, SP, e, casados com duas irmãs, Mariana Bicudo Leite e Maria Pacheco Leite, filhas de Henrique Tavares da Silva e s/m. Mariana Bicudo de Brito (com descendência já tratada por mim em Revista da ASBRAP), e, sendo Maria Pedroso sua mulher, atribuir-lhe a maternidade de Antônio e Paulo, seria algo lógico. Porém, em uma época onde a mortalidade era bem comum e frequente, entendo ser prematura esta afirmação. Além disso, dado as idades dos filhos de Antônio e Paulo, os dois irmãos teriam que ser bem mais velhos que suas mulheres, ou Maria Pedroso tê-los gerado na casa dos quarenta anos. Assim, não descarto um 2º matrimônio da parte de João de Barros ([4]), caso este tenha sobrevivido a Maria Pedroso.

Ainda, sendo Maria Pedroso viúva quando do seu 2º matrimônio, também não descarto ela ter deixado descendentes por esta linha. E, supondo que esta tivesse nascido por 1600, e casada 1ª vez, cerca de 1622, é possível que tenha tido filhos entre os anos de 1622 a 1638, o que é um período bem considerável.

Desta forma, não seria surpresa, se, em breve, alguém descobrir que, o Cel. Sebastião de Freitas, n. por 1627 em São Paulo, SP, C.c. Maria Fragoso, e com alguns filhos batizados em Mogi das Cruzes (achei Gaspar em 1669 e Cosme em 1673), **e, que, inúmeros genealogistas acreditam ser ele descendente do casal tronco desta família (Sebastião de Freitas e Maria Pedroso), e, por questões cronológicas, não poderia ser o filho de Antônio Pedroso de Freitas e Clara Parente, pois este Sebastião, conforme invº materno, estaria com 9 anos em 1645 ([5]),**, esteja no rol dos filhos de Maria Pedroso e primeiro marido ([6]).

---

[4] Comparar com João de Barros, C.c. Leonor Ribeiro, que batizam filhos na Sé de São Paulo, a partir de 1646.

[5] Tornando-se uma tarefa difícil relacionar este Sebastião n. por 1645 com o Cel. Freitas, visto que os filhos deste último, já começam a nascer por 1652.

[6] Creio, um Fulano Ferreira de Melo, sobrenome presente nos filhos do Cel. Freitas e s/m. Maria Fragoso.

Esta "**hipótese**", é bem aceitável, visto que João de Barros de Abreu, marido de Maria Pedroso, era irmão de Antônio de Barros de Alcaçova, padrasto de Maria Fragoso (mulher do Cel. Freitas), por ser este casado com a mãe desta, por nome Mariana Cardoso ([7]). Além disso, outro irmão de João de Barros e Antônio de Barros, por nome Francisco de Barros Freire, casou em 15-NOV-1632 com Catarina de Freitas, irmã daquela que um dia, se tornaria sua cunhada (que é Maria Pedroso). Desta forma, fica evidente a proximidade que existia entre a família destes Barros, com os Freitas, e com estes Ferreiras de Melo.

De qualquer modo, como destacado no parágrafo acima, trata-se de hipótese, e não deve ser considerada verdade absoluta, na falta de fontes primárias conclusivas.

Contudo, entendo que esta descoberta, cria novas possibilidades para uma melhor identificação e história desta família.

[7] Antônio de Barros de Alcaçova se casou na Sé de São Paulo com Mariana Cardoso em 02-JAN-1637. Ele, foi 1ª vez C.c. Maria Álvares, e ela, C.c. Baltazar Lopes Fragoso. O nome de Maria Álvares, 1ª mulher de Antônio de Barros, figura no casamento de s/ f.ª Maria da Silva, ocorrido na Sé de São Paulo em OUT-1643 com Antônio Luís, fº de [...] Dias e s/m. Leonor Álvares, n. em Lisboa, Portugal. Em 1647 (INV. E TEST. Arquivo Público do Estado de São Paulo., vol. 35), ano do invº do dito Antônio Luís [Mafra] (creio que adotou Mafra, por ser desta fregª e Concº de Lisboa), sua viúva estava na casa de uma Maria Pedroso (também viúva), tendo o falecido nomeado como curador de seus filhos, um Jerônimo Ferreira de Melo (que deve ser o mesmo tabelião público, morador na Ilha de São Sebastião, SP, e que em 1661 figura como testemunha na Inquirição de Génere do Pe. Domingos Gonçalves Padilha, datada de 1661), e, que, leva o mesmo nome do fº de Sebastião de Freitas e Maria Fragoso (e, que, dado a cronologia, não correspondem a mesma pessoa, pois o fº destes últimos, n. por 1657). Penso que este fato, não é mera coincidência, sendo este tabelião (Jerônimo Ferreira de Melo), muito provavelmente, irmão do Cel. Sebastião de Freitas, e, que, foi nomeado procurador, por estar ligado à família.

FONTES BIBLIOGRÁFICAS E ARQUIVÍSTICAS

LEME, Luiz Gonzaga da Silva. *Genealogia Paulistana*. SP: Livraria Duprat, 1903 a 1904, 09 volumes.

Lº 1 de Casamentos, anos de 1632 a 1633. Igreja Católica Nossa Senhora da Assunção (Sé de São Paulo). ACMSP.

xxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxx

ERRATAS

Revista da ASBRAP, nº 25, pág. 149, aqui temos um adendo: Nos Originais do SL, ref. à cidade de Itu, acrescenta-se à lista das filhas de Clemente Portes de El-Rei e Helena Fernandes de Saavedra, outra Maria Portes, C.c. Martinho de Góes, viúvo de Ana da Guerra, fº de André de Góes de Siqueira, ocorrido no ano de 1693.

ALGUMAS FAMÍLIAS POVOADORAS DO ALTO RIO DAS VELHAS: FERREIRA PEDROSA, AGUIAR, PEREIRA LIMA E RODRIGUES PEIXOTO

Maria Celina Exner Godoy Isoldi e
Carlos Alberto da Silveira Isoldi Filho

Resumo: *Genealogia das famílias Ferreira Pedrosa, Aguiar, Pereira Lima e Rodrigues Peixoto, povoadoras da região do Alto Rio das Velhas, em Minas Gerais, que se fixaram em territórios hoje abrangidos pela sede do Município de Itabirito e seus distritos de Acuruí, São Gonçalo do Bação e São Gonçalo do Monte; bem como Glaura, Amarantina e Cachoeira do Campo, distritos de Ouro Preto.*

Abstract*: Genealogy of the Ferreira Pedrosa, Aguiar, Pereira Lima and Rodrigues Peixoto families, settlers of the region of Alto Rio das Velhas, in Minas Gerais, who settled in territories nowadays covered by the Itabirito Municipality headquarters and its Acuruí, São Gonçalo do Bação and São Gonçalo do Monte districts; as well as Glaura, Amarantina and Cachoeira do Campo, districts of Ouro Preto.*

INTRODUÇÃO

As pesquisas que resultaram no presente trabalho iniciaram-se em 2006, visando levantar informações sobre membros das famílias Ferreira Pedrosa e Pereira Lima, originários de Minas Gerais, mas estabelecidos em Tapiratiba, no Estado de São Paulo, antepassados de Cynthia e de Manuela e Laura, respectivamente nora e netas desta autora.

Na ocasião, verificamos que eles seriam de Rio das Pedras, atual Acuruí, em Minas Gerais, o que permitiu, no ano seguinte, nos valermos de microfilmes do Centro de História da Família da Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias (mórmons) para expandir as buscas, obtendo dados não apenas a respeito dos Ferreiras Pedrosas e dos Pereiras Limas, mas também sobre os Aguiares e os Rodrigues Peixotos, por serem famílias que se entrelaçavam desde o início do povoamento da região do Alto Rio das Velhas.

As pesquisas foram retomadas em 2014, por meio do site *Family Search*, que passou a disponibilizar imagens digitais de livros do arquivo eclesiástico da Arquidiocese de Mariana, referentes a Itabirito, Acuruí, São Gonçalo do Bação, Cachoeira do Campo e Glaura. Também foram muito úteis os mapas de população e registros paroquiais de terras disponibilizados na *internet* pelo Arquivo Público Mineiro, além da documentação do *site* Coleção Digital Itabirito.

Apesar de os mecanismos para pesquisas genealógicas atualmente disponíveis na *internet* facilitarem sobremaneira o trabalho de pesquisa, um levantamento mais acurado a respeito de qualquer família não pode se limitar a dados obtidos na rede mundial de computadores.

Então, em agosto de 2014 e em setembro de 2015, estivemos algumas vezes na Casa Setecentista do Pilar, em Ouro Preto, para pesquisar antigos processos judiciais, bem como na Arquidiocese de Mariana, em busca de informações complementares nos documentos eclesiásticos ali disponíveis.

Na Arquidiocese de Mariana, sempre fomos bem atendidos pelas funcionárias do arquivo, Luciana Viana Assunção e Fabiani Borges Maia Moreira, ambas bastante prestativas, a quem somos muito gratos.

Como se não bastasse a solicitude de ambas, na primeira oportunidade em que estivemos na Arquidiocese de Mariana, fomos surpreendidos com 13 folhas de anotações que Fabiani Borges Maia Moreira havia feito, indicando livro e página de inúmeros assentos de antigos batismos, matrimônios e óbitos de pessoas que tinham sobrenome Pedrosa em Cachoeira do Campo. Ela nos relatou que alguém, por telefone, havia solicitado essa busca, mas nunca foi retirá-la. Um verdadeiro índice de membros dessa família que agilizou muito nossa pesquisa. O trabalho da Fabiani não foi em vão!

As pesquisas continuaram nos anos seguintes, inclusive na Arquidiocese de Mariana no início de 2019, até alcançarmos o resultado que agora apresentamos, sobre as genealogias das famílias Ferreira Pedrosa, Aguiar, Pereira Lima e Rodrigues Peixoto, povoadoras do Alto Rio das Velhas, que se fixaram em territórios hoje abrangidos pela sede do Município de Itabirito e seus distritos de Acuruí, São Gonçalo do Bação e São Gonçalo do Monte; bem como Glaura, Amarantina e Cachoeira do Campo, distritos de Ouro Preto, em Minas Gerais.

São Paulo, junho de 2019

Maria Celina Exner Godoy Isoldi

GENEALOGIA[1]

Capítulo 1º- FERREIRA PEDROSA

Essa numerosa família teve início com o matrimônio entre Leandro Ferreira e Maria Pedrosa, portugueses, cujos filhos vieram para o Brasil e já se encontravam estabelecidos em solo mineiro desde o início do século XVIII, onde se fixaram no então Distrito de São Gonçalo da Vargem, posteriormente chamado São Gonçalo do Tijuco (atual Amarantina)[2], situado na antiga Freguesia de Nossa Senhora de Nazaré da Cachoeira do Campo[3], então Termo de Vila Rica (Ouro Preto).

Desde essa época, a família Ferreira Pedrosa tinha presença marcante na região. "Seus membros foram proprietários de diversas roças situadas entre Cachoeira do Campo e Itabirito, englobando os atuais distritos de Santo Antônio do Leite, Engenheiro Corrêa e Amarantina"[4]. Com o passar do tempo, um ramo da família Ferreira Pedrosa também se estabeleceu na Paróquia do Rio das Pedras, atual Distrito de Acuruí, em Itabirito[5].

---

1 As pessoas com nomes em negrito são antepassadas de Manuela e Laura Magalhães Pires da Silveira Isoldi.

2 Antigo distrito de Ouro Preto, São Gonçalo da Vargem teve sua capela erigida em 1726 e, posteriormente, passou a se chamar São Gonçalo do Tijuco. Com essa última denominação, o distrito foi desmembrado da Paróquia de Cachoeira do Campo passando para Itabira do Campo (atual Itabirito) em 1880. Dois anos depois, o distrito foi elevado à categoria de paróquia. Em 1890, levou o nome de São Gonçalo do Amarante, passando a se chamar apenas Amarante em 1938, sendo que, em 1943, recebeu o nome atual, qual seja, Amarantina (BARBOSA, Waldemar de Almeida. *Dicionário histórico-geográfico de Minas Gerais*, p. 34; COSTA, Joaquim Ribeiro. *Toponímia de Minas Gerais*, p. 155). Atualmente, o Distrito de Amarantina está ligado administrativamente ao Município de Ouro Preto.

3 Depois do descobrimento do território de Minas Gerais, foi Cachoeira do Campo um dos primeiros lugares elevados a paróquia, pois assim já era considerada em 1709, mas teve alvará em 1724. É certo, ainda, que a Igreja Matriz da Freguesia de Nossa Senhora de Nazaré da Cachoeira do Campo já estava construída em 1725 [COSTA, Joaquim Ribeiro. *Toponímia de Minas Gerais*, p. 182; *Monographia da Freguezia da Cachoeira do Campo (Município de Ouro Preto) Parte Histórica*, p. 77 e 104].

4 GASPAR, Tarcísio de Souza. *O Arraial de São Gonçalo do Tijuco: história, memória e patrimônio do distrito de Amarantina em Ouro Preto*, p. 53, nota 35, e p. 57.

5 A Paróquia do Rio de Pedras ou Rio das Pedras teve alvará em 1724 e pertencia ao Termo de Sabará. No ano de 1846, esse distrito passou para Ouro Preto e, em 1938, foi incorporado ao Município de Itabirito, recebendo o nome atual – Acuruí – em 1943 (COSTA, Joaquim Ribeiro. *Toponímia de Minas Gerais*, p. 149).

§ 1º

I- **LEANDRO FERREIRA** e sua mulher **MARIA PEDROSA**, naturais da Freguesia de Santa Maria Madalena da Vila Nova de Famalicão, Termo de Barcelos, Arcebispado de Braga, em Portugal, pais de:

1(II)- ANTÔNIO FERREIRA PEDROSA, português, nascido na Freguesia de Santa Maria Madalena da Vila Nova de Famalicão. Veio para o Brasil, onde faleceu solteiro, com 73 anos de idade, aos 19-JUL-1766, sendo sepultado dentro da Capela de São Gonçalo do Tijuco (atual Amarantina), então filial da Matriz de Nossa Senhora de Nazaré da Cachoeira do Campo[6]. Pertencia a Irmandade do Santíssimo Sacramento e, em 1756, doou a quantia de 40.000 réis para as obras de pintura da Igreja Matriz da Freguesia de Nossa Senhora de Nazaré da Cachoeira do Campo[7].

2(II)- FRANCISCO FERREIRA PEDROSA, nascido e batizado na Freguesia de Santa Maria Madalena de Vila Nova de Famalicão. Foi casado em Portugal com FRANCISCA DA SILVA, falecida antes de ele vir para o Brasil, com quem teve três filhos, todos falecidos antes da mãe. Aqui foi morador no Riacho de São Gonçalo do Tijuco, Termo de Vila Rica, Bispado da Cidade de Mariana, onde fez testamento em 7-JUL-1780, instituindo como testamenteiro e herdeiro universal o sobrinho Manuel Ferreira Pedrosa. Faleceu em idade muito avançada, no dia 8-OUT-1781, após o testamenteiro ter com ele uma continuada despesa com as enfermidades de que padecia. O testamenteiro ainda declarou que o testador nada possuía de seu e que havia mais de 30 anos que se sustentava por esmola em sua casa[8]. Foi sepultado dentro da Matriz de Nossa Senhora de Nazaré da Cachoeira do Campo, em cova da Confraria do Santíssimo Sacramento[9].

---

6 Livro de Óbitos da Freguesia de Cachoeira do Campo – 1749 a 1771- p. 139 (Arquivo Eclesiástico da Arquidiocese de Mariana - AA-17).

7 *Monographia da Freguezia da Cachoeira do Campo (Município de Ouro Preto) Parte Histórica*, p. 106.

8 Cf. processo de *Contas* no qual os procuradores do testamenteiro eram os Doutores Cláudio Manuel da Costa (inconfidente mineiro) e Joaquim Antônio Bello (Arquivo da Casa Setecentista do Pilar – Ouro Preto – códice 331 – autos 6970 – 1782 - 1º Ofício).

9 Livro de Óbitos da Freguesia de Cachoeira do Campo –p. 61 v (Arquivo Eclesiástico da Arquidiocese de Mariana - AA-18).

3(II)- **MIGUEL FERREIRA PEDROSA** casado com **MARIA DO ROSÁRIO RABELA**, com numerosa descendência que segue.

II- **MIGUEL FERREIRA PEDROSA**, português, nascido na Freguesia de Santa Maria Madalena da Vila Nova de Famalicão, Termo de Barcelos, Arcebispado de Braga[10], já se encontrava em Cachoeira do Campo no ano de 1716, como membro da Irmandade do Santíssimo Sacramento[11]. Por carta datada de 19-ABR-1733, Miguel Ferreira Pedrosa, morador na Freguesia da Cachoeira, recebeu *sesmaria* de uma légua de terras de que já era possuidor, situada "na Paraupeba", Freguesia das Congonhas do Campo, onde estava "existindo com a sua família sem contradição alguma", mais ¼ de légua de terras devolutas de um lado do rio e outro ¼ de légua do outro lado do mesmo rio[12]. Foi casado com **MARIA DO ROSÁRIO RABELA** ou **MARIA DO ROSÁRIO REBELA** ou, apenas, **MARIA DO ROSÁRIO**, natural da Vila de Parnaíba, Bispado de São Paulo, filha de **João Ferreira da Fonseca** e de **Maria da Fé de Mendonça** – nº. II do § 1º do Capítulo 2º adiante – família AGUIAR.
Ele era morador no Distrito de São Gonçalo da Vargem (atual Amarantina) e faleceu sem testamento, sendo sepultado aos 24-FEV-1759, em cova da Irmandade do Santíssimo, dentro da Igreja Matriz de Nossa Senhora de Nazaré da Cachoeira do Campo, recebendo todos os sacramentos, sendo acompanhado para a sepultura por quatro padres, com missa de corpo presente[13].

---

10 A naturalidade de Miguel Ferreira Pedrosa consta do assento de batismo do seu neto João como sendo a Freguesia de Santa Maria Madalena da Vila Nova do Famalicão (Livro de Batismos da Freguesia de Cachoeira do Campo – 1744 a 1770- p. 137 - Arquivo Eclesiástico da Arquidiocese de Mariana - AA-7). Porém, do batismo de outro neto, Olivério, vê-se que Miguel Ferreira Pedrosa era natural da Freguesia de Santa Lucrécia, Arcebispado de Braga (Livro de Batismos da Freguesia de Cachoeira do Campo – 1772 a 1787 - p. 4v - Arquivo Eclesiástico da Arquidiocese de Mariana – AA-8).

11 *Monographia da Freguezia da Cachoeira do Campo (Município de Ouro Preto) Parte Histórica*, p. 91.

12 *Cartas de Sesmaria*, *in* Revista do Arquivo Público Mineiro, v. 4, p. 857-858.

13 Livro de Óbitos da Freguesia de Cachoeira do Campo – 1749 a 1771- p. 73 v (Arquivo Eclesiástico da Arquidiocese de Mariana - AA-17).

Maria do Rosário veio a falecer aos 28-MAR-1762, sendo amortalhada em hábito de São Francisco e sepultada, no dia seguinte, em cova da fábrica, dentro da Igreja de Nossa Senhora de Nazaré da Cachoeira[14]. O casal teve:

1(III)- QUITÉRIA, que foi batizada em Cachoeira do Campo, no dia 14-NOV-1725, sendo padrinhos o Capitão-mor José Luís Sol e Maria da Fé de Mendonça, mulher de João Ferreira da Fonseca, moradores na Freguesia de Santo Antônio da Itatiaia[15].

2(III)- ANTÔNIO, batizado no dia 6-AGO-1731, na Capela de São Gonçalo da Vargem, Freguesia da Imperial Matriz de Nossa Senhora de Nazaré da Cachoeira do Campo. Padrinhos: Gabriel da Silva e Isabel Dias[16].

3(III)- ANA MARIA FERREIRA PEDROSA, adulta e solteira, foi encomendada e sepultada aos 21-MAIO-1766, em cova das almas, dentro da Matriz de Nossa Senhora de Nazaré da Cachoeira, envolta em hábito de terceira carmelita, acompanhada por cinco sacerdotes, mais as Irmandades de Nazaré e das Almas[17].

4(III)- ISIDORA FERREIRA PEDROSA ou ISIDORA MARIA DO ESPÍRITO SANTO, batizada com o nome de IZIDORIA em 5-JUN-1736, na Capela de São Gonçalo da Vargem, anexa da Matriz de Nossa Senhora de Nazaré da Cachoeira do Campo, tendo como padrinhos: Domingos Fernandes da Silva e Faustina, mulher de Antônio Teixeira da Cunha[18]. Veio a falecer, solteira, a 7-JUN-1767, sendo sepultada, com todos os sacramentos, em cova da fábrica, dentro da Matriz de Nossa Senhora de Nazaré da Cachoeira do Campo, acompanhada por cinco sacerdotes e três irmandades: a do Santíssimo, de Nazaré e das Almas[19].

---

[14] Livro de Óbitos da Freguesia de Cachoeira do Campo – 1749 a 1771- p. 91 (Arquivo Eclesiástico da Arquidiocese de Mariana - AA-17).

[15] Livro de Batismos da Freguesia de Cachoeira do Campo – 1725 a 1744 - p. 14v (site: http://familysearch.org, consultado em JAN-2015, imagem 17).

[16] Livro de Batismos da Freguesia de Cachoeira do Campo – 1725 a 1744 - p. 60 (Arquivo Eclesiástico da Arquidiocese de Mariana – F-23).

[17] Livro de Óbitos da Freguesia de Cachoeira do Campo – 1749 a 1771- p. 128 (Arquivo Eclesiástico da Arquidiocese de Mariana - AA-17).

[18] Livro de Batismos da Freguesia de Cachoeira do Campo – 1725 a 1744 - p. 100 (Arquivo Eclesiástico da Arquidiocese de Mariana – F-23).

[19] Livro de Óbitos da Freguesia de Cachoeira do Campo – 1749 a 1771- p. 138 (Arquivo Eclesiástico da Arquidiocese de Mariana - AA-17).

5(III)- **MANUEL FERREIRA PEDROSA** casado com **MARIA MACHADO DO ESPÍRITO SANTO**, com geração que segue no § 3º adiante.

6(III)- MIGUEL FERREIRA PEDROSA foi casado com RITA FERNANDES DA SILVA, com quem teve descendência descrita no § 2º adiante.

7(III)- LUÍSA FERREIRA PEDROSA ou LUZIA FERREIRA PEDROSA casou-se com o Capitão JOÃO JOSÉ COELHO DA SILVA ou JOÃO JOSÉ COELHO, com geração que segue.

III- LUÍSA FERREIRA PEDROSA ou LUZIA FERREIRA PEDROSA foi batizada aos 28-FEV-1745, na Capela de São Gonçalo da Vargem, filial da Matriz de Nossa Senhora de Nazaré da Cachoeira. Seus padrinhos foram Manuel Machado Ferreira e Escolástica de Souza, mulher de Francisco Xavier da Fonseca, todos da referida freguesia[20]. Veio a contrair matrimônio na referida matriz, aos 21-MAIO-1768, com o Capitão JOÃO JOSÉ COELHO DA SILVA ou JOÃO JOSÉ COELHO[21], natural e batizado na Freguesia de Santo Estevão de Regadas, Comarca de Guimarães, Arcebispado de Braga, em Portugal, filho legítimo de José Dias Coelho e de Mariana Carvalha de Queirós[22].

Luzia Ferreira Pedrosa faleceu, sem testamento, em 19-JUL-1779, ocasião em que era moradora no Sítio do Cercado, na Freguesia de Cachoeira do Campo, em casas de vivenda de João José Coelho[23]. Ela foi sepultada no dia 21 subsequente, no corpo da Matriz de Nossa Senhora de Nazaré da Cachoeira do Campo, em sepultura das almas[24]. Do inventário dela, processado em Ouro Preto, constam alguns utensílios, 10 escravos e, como bem de raiz, avaliado em 294$000, o Sítio do Cercado, com casas de

---

20 Livro de Batismos da Freguesia de Cachoeira do Campo – 1744 a 1770 - p. 6v (Arquivo Eclesiástico da Arquidiocese de Mariana – AA-7).

21 Capitão João José Coelho da Silva era irmão do Excelentíssimo Marechal Antônio José Dias Coelho (cf. seu testamento - Arquivo da Casa Setecentista do Pilar – Ouro Preto – códice 319 – autos 6786 – 1832 - 1º Ofício).

22 Livro de Casamentos da Freguesia de Cachoeira do Campo – 1734 a 1842 - p. 73 (Arquivo Eclesiástico da Arquidiocese de Mariana – AA-13).

23 Cf. inventário de Luzia Ferreira Pedrosa (Arquivo da Casa Setecentista do Pilar – Ouro Preto – códice 93 – autos 1137 – 1779 - 1º Ofício).

24 Livro de Óbitos da Freguesia de Cachoeira do Campo – 1772 a 1787 - p. 51v (Arquivo Eclesiástico da Arquidiocese de Mariana - AA-18).

vivenda cobertas de telha, currais, senzalas, paiol todo coberto de capim, engenho com forno de fazer farinha de mandioca[25].

Por ocasião de suas disposições de última vontade, datadas de 21-JUL-1829, João José Coelho declarou que era irmão 3º da Ordem Terceira de Nossa Senhora do Monte do Carmo, irmão remido da Terra Santa e irmão remido do Senhor de Matozinhos de Congonhas do Campo. Pediu para ser amortalhado no hábito da Ordem Terceira de São Francisco de Assis, da qual era irmão remido, com escapulário de Nossa Senhora do Carmo. No testamento, ele declarou que dotou a filha Antônia com 800 mil réis e dois escravos, bem como que doou ao filho Antônio um escravo; além de deixar, em terras, para a comadre Ana Margarida de Jesus "o buraco do Mathias", cercado de muro de pedras, fechado com uma porteira com chave, em remuneração dos serviços que lhe prestou. Também determinou que, depois de cumprido seu legado, o remanescente de sua terça ficaria para o afilhado Antônio José de Brito Coelho, em remuneração aos serviços prestados como feitor e administrador da casa e da tropa do testador[26]. Ele era morador no Arraial de São Gonçalo do Tijuco, onde faleceu no dia 4-SET-1829[27]. Tiveram os seguintes filhos:

1(IV)- ANTÔNIA FELÍCIA DA SILVA, batizada no dia 5-AGO-1768, na Capela de São Gonçalo do Tijuco, filial da Freguesia de Nossa Senhora de Nazaré da Cachoeira do Campo, tendo como padrinhos Francisco Ferreira Pedrosa e Francisca Pimenta, mulher de Jacinto da Silva Coelho[28]. Na mesma capela, em 17-SET-1811, casou-se com seu primo LUÍS PEDROSA FERREIRA[29], filho de Manuel Ferreira Pedrosa e de Maria Machado do Espírito Santo (nº. IV do §17º). O casal não teve filhos e Antônia Felícia da Silva faleceu em 6-JAN-1853, sendo sepultada na Capela do Rosário, que servia de matriz em Rio das Pedras, em sepultura da fábrica debaixo da lâmpada do Santíssimo Sacramento, acompanhada pelas irmandades da

---

25 Arquivo da Casa Setecentista do Pilar – Ouro Preto – códice 93 – autos 1137 – 1779 - 1º Ofício.

26 Cf. testamento do Capitão João José Coelho (Arquivo da Casa Setecentista do Pilar – Ouro Preto – códice 319 – autos 6786 – 1832 - 1º Ofício).

27 Arquivo da Casa Setecentista do Pilar – Ouro Preto – códice 319 – autos 6786 – 1832 - 1º Ofício.

28 Livro de Batismos da Freguesia de Cachoeira do Campo – 1744 a 1770 - p. 126v (Arquivo Eclesiástico da Arquidiocese de Mariana – AA-7).

29 Livro de Casamentos da Freguesia de Cachoeira do Campo – 1734 a 1842 - p. 127 (Arquivo Eclesiástico da Arquidiocese de Mariana – AA-13).

freguesia[30]. Ela morava na Fazenda do Buraco da Freguesia de Nossa Senhora da Conceição do Rio das Pedras, tendo deixado testamento datado de 13-ABR-1851, no qual declarou que seus irmãos João e Ana já eram falecidos e instituiu como testamenteiro e herdeiro universal seu afilhado Antônio Martins de Aguiar[31].

2(IV)- JOÃO, batizado aos 20-MAIO-1770, na Capela de São Gonçalo do Tijuco[32]. Aparece no título de herdeiros do inventário da mãe, mas não figura no testamento paterno.

3(IV)- ANA MARIA DE JESUS era solteira por ocasião do inventário paterno. Foi batizada no dia 7-OUT-1773, na Capela de São Gonçalo do Tijuco, filial da Matriz de Nossa Senhora de Nazaré da Cachoeira do Campo. Seu padrinho foi Luís Gomes de Carvalho, solteiro, morador na Freguesia de Itaubira[33].

4(IV)- MANUEL, inocente, falecido aos 24-DEZ-1775, sepultado dentro da Capela de São Gonçalo do Tijuco[34].

5(IV)- ANTÔNIO JOSÉ DA SILVA COELHO, que recebeu o sacramento do batismo aos 18-JUN-1779, na Capela de São Gonçalo do Tijuco, sendo seu padrinho o furriel pago no quartel de Vila Rica, Antônio José Dias[35].

§ 2º

III- MIGUEL FERREIRA PEDROSA era filho de Miguel Ferreira Pedrosa e Maria do Rosário Rabela (nº. II do§ 1º). Foi batizado em 13-NOV-1741, na Capela do São Gonçalo do Tijuco, então filial da Matriz de Nossa Senhora de Nazaré da Cachoeira do Campo, sendo padrinhos o Capitão-

30 Livro de Óbitos da Freguesia do Rio das Pedras – Acuruí - 1836 a 1885 (site: http://familysearch.org, consultado em JUL-2014).

31 Cf. testamento transcrito após o assento de óbito (Livro de Óbitos da Freguesia do Rio das Pedras – Acuruí - 1836 a 1885 - site: http://familysearch.org, consultado em JUL-2014).

32 Livro de Batismos da Freguesia de Cachoeira do Campo – 1744 a 1770 - p. 137v (Arquivo Eclesiástico da Arquidiocese de Mariana – AA-7).

33 Livro de Batismos da Freguesia de Cachoeira do Campo – 1772 a 1787 - p. 19v (Arquivo Eclesiástico da Arquidiocese de Mariana – AA-8).

34 Livro de Óbitos da Freguesia de Cachoeira do Campo – 1772 a 1787 - p. 36v (Arquivo Eclesiástico da Arquidiocese de Mariana - AA-18).

35 Livro de Batismos da Freguesia de Cachoeira do Campo – 1772 a 1787 - p. 58 (Arquivo Eclesiástico da Arquidiocese de Mariana – AA-8).

Mor José Luís Sol e Florência Cardosa, mulher de Gabriel da Silva Pereira[36]. Faleceu no dia 12-FEV-1810, qualificado como branco e viúvo de RITA FERNANDES DA SILVA[37], com quem teve:

1(IV)– FELÍCIA GERTRUDES, que se casou com o Capitão ANTÔNIO PIMENTA DA COSTA, com geração que segue.

IV – FELÍCIA GERTRUDES casou-se em 1º-MAR-1802, na Matriz de Nossa Senhora de Nazaré da Cachoeira do Campo, com o então Alferes e depois Capitão ANTÔNIO PIMENTA DA COSTA, filho de Francisco Pimenta da Costa e Maria José de Paula[38]. Por testamento de seu primo Luís Ferreira Pedrosa, datado de 1828, ela recebeu legado de 20$000, mais 10$000 para cada um dos seus seis filhos. Figuraram no censo do Distrito de Cachoeira do Campo, Termo de Ouro Preto, no ano de 1831, ambos qualificados como brancos, ele, com 56 anos de idade, vivia de estalagem; ela, com 48 anos, costureira; além de possuírem três escravos[39]. No censo da mesma localidade, em 1838, consta que ambos sabiam ler. Ele estava com 62 anos e era negociante, ela tinha 50 anos e possuíam dois escravos[40]. Tiveram os seguintes filhos:

1(V)- MARIA.

2(V)- FRANCISCA PIMENTA, que tinha 25 anos e fiava algodão, segundo o censo de Cachoeira do Campo, em 1831. Ainda era solteira, não sabia ler e estava com 36 anos de idade no censo da mesma localidade, em 1838.

3(V)- BERNARDA.

4(V)- BALBINA PIMENTA tinha 19 anos e também fiava algodão, segundo o censo de 1831. Era solteira, não sabia ler e contava com 25 anos no censo de 1838.

5(V)- RITA PIMENTA tinha 16 anos, era solteira e fiava algodão, segundo o censo de 1831, mas não aparece no censo de 1838.

6(V)- ANTONIO PIMENTA DA SILVA que, segundo o censo de Cachoeira do Campo, tinha 14 anos de idade e estava na escola

---

36 Livro de Batismos da Freguesia de Cachoeira do Campo – 1725 a 1744 - p. 158 (Arquivo Eclesiástico da Arquidiocese de Mariana – F-23).

37 Livro de Óbitos da Freguesia de Cachoeira do Campo – 1788 a 1822- p. 64 (Arquivo Eclesiástico da Arquidiocese de Mariana - AA-19)

38 Livro de Casamentos da Freguesia de Cachoeira do Campo – 1734 a 1842 - p. 119 (Arquivo Eclesiástico da Arquidiocese de Mariana – AA-13).

39 Arquivo Público Mineiro, mapas de população, caixa 1, documento 9.

40 Arquivo Público Mineiro, mapas de população, caixa 1, documento 10.

de primeiras letras em 1831. Figura com 18 anos de idade, sabia ler e ainda solteiro, de acordo com o censo de 1838.

§ 3º

III- **MANUEL FERREIRA PEDROSA**, filho de Miguel Ferreira Pedrosa e Maria do Rosário Rabela (nº. II do § 1º). Recebeu o sacramento do batismo aos 20-ABR-1739, na Capela de São Gonçalo do Tijuco, filial da Matriz de Nossa Senhora de Nazaré da Cachoeira, tendo como padrinhos: Manuel Martins Ferreira e Maria da Fé, mulher de João Ferreira[41]. Casou-se na mesma capela, aos 23-SET-1761, com **MARIA MACHADO DO ESPÍRITO SANTO** ou **MARIA MACHADA FERREIRA** ou apenas **MARIA MACHADA**[42], filha de **Manuel Machado Ferreira**, nascido e batizado na Freguesia de Santo Antônio do Porto Judeu da Ilha Terceira, Bispado de Angra, e de **Eufrásia Maria da Cruz**, esta natural e batizada na Freguesia de Nossa Senhora da Candelária da Cidade do Rio de Janeiro[43], neta paterna de **Bernardo Machado** e **Margarida Machada**, neta materna de **Manuel da Costa Pinheiro** e **Vicencia da Cruz**. Tiveram os seguintes descendentes:

1(IV)- BRÍZIDA foi batizada em 9-FEV-1763, na Matriz de Nossa Senhora de Nazaré da Cachoeira. Padrinhos: Francisco Ferreira

---

41 Livro de Batismos da Freguesia de Cachoeira do Campo – 1725 a 1744 - p. 128v (Arquivo Eclesiástico da Arquidiocese de Mariana – F-23). Trata-se, *muito provavelmente*, do Manuel Ferreira Pedrosa, homem branco e casado, que faleceu em 2-AGO-1803 e foi sepultado dentro da Capela de São Gonçalo do Tijuco (Livro de Óbitos da Freguesia de Cachoeira do Campo – 1788 a 1822- p. 51v - Arquivo Eclesiástico da Arquidiocese de Mariana - AA-19).

42 Livro de Casamentos da Freguesia de Cachoeira do Campo – 1734 a 1842 - p. 62v (Arquivo Eclesiástico da Arquidiocese de Mariana – AA-13).

43 As naturalidades e filiações de Manuel Machado Ferreira e Eufrásia Maria da Cruz constam do assento de matrimônio deles, celebrado aos 23-NOV-1739, em Cachoeira do Campo (Livro de Casamentos da Freguesia de Cachoeira do Campo – 1734 a 1842 - p. 14 - Arquivo Eclesiástico da Arquidiocese de Mariana – AA-13). Esse casal também teve os filhos: *A)* Francisco, batizado em 20-OUT-1760, em Cachoeira do Campo, tendo como padrinhos Luísa Lobo Leite Pereira e Pedro Pereira Lima; *B)* Manuel Machado Ferreira, que se casou no dia 17-JAN-1769, em Cachoeira do Campo, com Maria Josefa, filha de Antônio de... e de Joana Ferreira de Morais (Arquivo Eclesiástico da Arquidiocese de Mariana - AA-7 - Livro de Batismos da Freguesia de Cachoeira do Campo – 1744 a 1770- p. 94; AA-13 - Livro de Casamentos da Freguesia de Cachoeira do Campo – 1734 a 1842 - p. 80).

Pedrosa e Eufrásia Maria da Cruz, mulher de Manuel Machado Ferreira[44].

2(IV)- MANUEL PEDROSA FERREIRA ou MANUEL PEDROSO FERREIRA ou, ainda, MANUEL FERREIRA PEDROSA, casado com LUÍSA ROSA DE JESUS, com descendência que segue no § 5º.

3(IV)- FELIPE FERREIRA PEDROSA casou-se com MARIA ÚRSULA DA SILVEIRA, com geração que segue.

4(IV)- OLIVÉRIO foi batizado no dia 9-SET-1771, na Capela de São Gonçalo do Tijuco, filial da Matriz de Nossa Senhora de Nazaré da Cachoeira do Campo, sendo padrinhos o Guarda-Mor Antônio José Coelho da Silva, morador no referido arraial, e Margarida Machada, solteira, filha de Manuel Machado, moradores no Tijuco[45].

5(IV)- MARIA DO ROSÁRIO FERREIRA, que foi batizada na Capela de São Gonçalo do Tijuco, em 16-NOV-1775, tendo João dos Santos Guimarães como padrinho[46]. Aos 30-JUL-1797, casou-se na Matriz de Nossa Senhora de Nazaré da Cachoeira do Campo, com o Alferes BERNARDO GOMES DE OLIVEIRA ou BERNARDO GOMES, filho de Francisco Gomes de Moura e de Isabel Maria de Oliveira[47]. As testemunhas foram o Sargento-

---

[44] Livro de Batismos da Freguesia de Cachoeira do Campo – 1744 a 1770 - p. 102v (Arquivo Eclesiástico da Arquidiocese de Mariana – AA-7).

[45] Livro de Batismos da Freguesia de Cachoeira do Campo – 1772 a 1787 - p. 4v (Arquivo Eclesiástico da Arquidiocese de Mariana – AA-8).

[46] Livro de Batismos da Freguesia de Cachoeira do Campo – 1772 a 1787 - p. 37 (Arquivo Eclesiástico da Arquidiocese de Mariana – AA-8).

[47] Francisco Gomes de Moura e Isabel Maria de Oliveira casaram-se na Capela de São Gonçalo do Tijuco (atual Amarantina), no dia 16-MAIO-1763, sendo ele português, natural da Freguesia de São Salvador de Fervença, Concelho de Celorico de Basto, Guimarães, Arcebispado de Braga, filho de José de Moura e de Ana Gomes (ambos já eram falecidos na ocasião desse matrimônio); e ela, nascida e batizada na Freguesia de Cachoeira do Campo, filha do Sargento-Mor Domingos de Oliveira e Souza, já falecido, e de Antônia da Assunção. O casal teve: *A)* Bernardo Gomes de Oliveira, casado com Maria do Rosário Ferreira, mencionados em 5(IV) do nº. III do § 3º deste capítulo; *B)* Tenente Joaquim Gomes de Oliveira, casado com Maria Madalena Pedrosa, com geração no § 17º deste capítulo; *C)* Rosa Marcelina de Oliveira, que se casou com Manuel da Costa Guimarães, no dia 1º-JUL-1794, na Freguesia de Cachoeira do Campo, de onde eram naturais, sendo ele filho de Domingos da Costa Guimarães e de Ana Maria da Silva; *D)* Vigário Francisco Gomes de Moura, que foi batizado no dia 28-AGO-1764, na Capela de São Gonçalo do Tijuco, tendo falecido aos 27-JUN-1846, sendo sepultado

Mor Antônio José Coelho e Luís Ferreira Pedrosa[48]. No ano de 1831, figuraram no censo de São Gonçalo do Tijuco (atual Amarantina), ambos qualificados como brancos, sendo ele roceiro, com 58 anos de idade; e ela fiadeira, com 51 anos; além de possuírem sete escravos[49].

6(IV)- JOSÉ foi batizado aos 26-JAN-1778, na Capela de São Gonçalo do Tijuco, filial da Matriz de Nossa Senhora da Cachoeira do Campo, sendo padrinho o Reverendo José Gomes, da Freguesia de Itaubira[50].

7(IV)- JOSÉ TOMÁS PEDROSA, casado com ANGÉLICA MARIA DA SILVA, com geração que segue no § 16º.

8(IV)- MARIA MADALENA PEDROSA, que foi casada com o Tenente JOAQUIM GOMES DE OLIVEIRA, com quem teve geração que segue no § 17º.

9(IV)- ANA, batizada na Capela de São Gonçalo do Tijuco, em 11-NOV-1783, sendo seu padrinho Manuel Carvalho de Queirós[51]. Veio a falecer aos 25-NOV-1783, sendo enterrada na referida capela, filial da Matriz de Nossa Senhora de Nazaré de Cachoeira do Campo[52].

10(IV)- ANA MARIA DE JESUS ou ANA FERREIRA PEDROSA, que foi casada com MANUEL JOSÉ DA CUNHA, com geração que segue no § 18º.

11(IV)- JUSTA FERREIRA PEDROSA morava em companhia do irmão Luís Pedrosa Ferreira, de quem recebeu, por testamento, o legado

---

dentro da Matriz de Nossa Senhora de Nazaré da Cachoeira do Campo (Arquivo Eclesiástico da Arquidiocese de Mariana - Livro de Casamentos da Freguesia de Cachoeira do Campo – 1734 a 1842 - p. 65v, 111v e 117 – AA-13; Livro de Batismos da Freguesia de Cachoeira do Campo – 1744 a 1770- p. 107v - AA-7; e Livro de Óbitos da Freguesia de Cachoeira do Campo – 1823 a 1848 - p. 67v - AA-20).

48 Livro de Casamentos da Freguesia de Cachoeira do Campo – 1734 a 1842 - p. 114 (Arquivo Eclesiástico da Arquidiocese de Mariana – AA-13).

49 Arquivo Público Mineiro, mapas de população, caixa 1, documento 8.

50 Livro de Batismos da Freguesia de Cachoeira do Campo – 1772 a 1787 - p. 51v (Arquivo Eclesiástico da Arquidiocese de Mariana – AA-8).

51 Livro de Batismos da Freguesia de Cachoeira do Campo – 1772 a 1787 - p. 76 (Arquivo Eclesiástico da Arquidiocese de Mariana – AA-8).

52 Livro de Óbitos da Freguesia de Cachoeira do Campo – p. 81 (Arquivo Eclesiástico da Arquidiocese de Mariana - AA-18).

de 100$000[53]. No censo da Paróquia de Nossa Senhora da Conceição do Rio das Pedras, realizado em 1831, aparece como JUSTA FERREIRA. Contava com 59 anos de idade, era solteira e morava com a cunhada Antônia Felícia da Silva[54].

12(IV)- LUÍS PEDROSA FERREIRA ou LUÍS FERREIRA PEDROSA não teve descendência com sua mulher, ANTONIA FELÍCIA DA SILVA, mas deixou filhos naturais reconhecidos em testamento conforme segue no § 19º.

13(IV)- **ESTEVÃO FERREIRA PEDROSA**, casado com **ANA JOAQUINA RODRIGUES**. Com geração que segue no § 21º.

IV- FELIPE FERREIRA PEDROSA foi batizado na Capela de São Gonçalo do Tijuco, filial da Matriz de Nossa Senhora de Nazaré da Cachoeira do Campo, em 6-AGO-1766, tendo como padrinhos: Pedro Pereira Lima e Manuel de Bastos, ambos solteiros e da mesma freguesia[55]. Casou-se na Igreja Matriz de São Bartolomeu, em 12-JUN-1823, com MARIA ÚRSULA DA SILVEIRA[56].

No ano de 1831, eles figuram no censo de São Gonçalo do Tijuco, filial de Nossa Senhora da Conceição de Cachoeira do Campo, no 2º quarteirão, fogo 1, sendo ele qualificado como negociante e ela fiadeira, com 27 escravos[57].

O testamento de Felipe Ferreira Pedrosa, datado de 15-MAIO-1847, foi por ele assinado, mas escrito na Fazenda do Riacho de São Gonçalo do Tijuco, de sua propriedade, por Antônio José de Brito Coelho, estabelecendo que seu corpo fosse amortalhado no hábito de Nossa Senhora do Monte do Carmo da Imperial Cidade de Ouro Preto, da qual era irmão terceiro, bem como sepultado acima das grades defronte à porteirinha entre os dois altares da Capela de São Gonçalo do Tijuco. Também declarou que era irmão remido de São Francisco de Assis, em Ouro Preto; do Senhor Bom Jesus de Matozinhos de Congonhas do Campo; da Senhora Mãe dos Homens da Serra e de Nossa Senhora da Lapa de Antônio Pereira. Entre outras disposições, nomeou cinco escravos

---

53 Arquivo da Casa Setecentista do Pilar – Ouro Preto – códice 328 – autos 6921 – 1831 - 1º Ofício.

54 Arquivo Público Mineiro, mapas de população, caixa 11, documento 2.

55 Livro de Batismos da Freguesia de Cachoeira do Campo – 1744 a 1770 - p. 118 (Arquivo Eclesiástico da Arquidiocese de Mariana – AA-7).

56 Livro de Casamentos da Freguesia de Cachoeira do Campo – 1734 a 1842 - p. 138v (Arquivo Eclesiástico da Arquidiocese de Mariana – AA-13).

57 Arquivo Público Mineiro, mapas de população, caixa 1, documento 8.

que gozariam de liberdade, mas com a obrigação de servirem sua senhora durante toda a vida dela, sendo que, com o falecimento dela, eles receberiam suas cartas e as terras de José Pereira do Corgo para se arrancharem[58].

Felipe Ferreira Pedrosa veio a falecer aos 20-ABR-1852. Seu corpo foi envolto no hábito de Nossa Senhora do Monte do Carmo, de cuja ordem era irmão, acompanhado por quatro sacerdotes, que celebraram missa de corpo presente e, por fim, sepultado na Capela de São Gonçalo do Tijuco[59]. De acordo com seu inventário, processado em Ouro Preto no mesmo ano, deixou bens no montante de 65:045$269, dentre eles: dinheiro em notas, prata, ouro, objetos em cobre, estanho e ferro, móveis, várias cabeças de gado (bois, novilhas, garrotes, cavalo, éguas, potro e porcos), cerca de 24 escravos; além da sua casa de vivenda na Fazenda do Riacho, Freguesia de Cachoeira do Campo, com senzala, paiol, engenho de mandioca, forno de cobre; bem como umas moradas de pedras com quintal, situadas no Arraial do Tijuco e que foram de São Gonçalo; a fazenda denominada do Lourenço, que fazia divisa com terras de José Rodrigues de Araújo França, com casa de vivenda, moinho, curral e quintal, tudo cercado de pedras por cima e por um brejo por baixo; uma parte de terras na Fazenda do França; além de outros pastos e casas[60]. O casal teve dois filhos:

1(V)- Capitão FRANCISCO FERREIRA PEDROSA ou FRANCISCO PEDROSA, que foi casado com JOAQUINA MARIA RODRIGUES, com geração que segue.

2(V)- MARIA JUSTINA PEDROSA casou-se com o Capitão JOSÉ COELHO DOS SANTOS, com geração que segue no § 4º.

V- Capitão FRANCISCO FERREIRA PEDROSA ou FRANCISCO PEDROSA casou-se em 16-JUL-1824, na Capela de Nossa Senhora do Rosário de Ouro Preto, com JOAQUINA RODRIGUES ou JOAQUINA MARIA RODRIGUES[61]. Aos 19-ABR-1856, Francisco Ferreira Pedrosa

---

58 Arquivo da Casa Setecentista do Pilar – Ouro Preto – códice 337 – autos 7082 – 1853 - 1º Ofício.

59 Livro de Óbitos da Freguesia de Cachoeira do Campo – 1848 a 1856 - p. 12v (Arquivo Eclesiástico da Arquidiocese de Mariana – AA-21).

60 Arquivo da Casa Setecentista do Pilar – Ouro Preto – códice 46 – autos 560 – 1852 - 1º Ofício.

61 Livro de Casamentos da Freguesia de Cachoeira do Campo – 1734 a 1842 - p. 139v (Arquivo Eclesiástico da Arquidiocese de Mariana – AA-13).

declarou possuir uma porção de terras no lugar denominado Moreira, situados na Freguesia de Cachoeira do Campo, que houve por herança de seu finado pai, as quais divisavam pela nascente com terras de José de Castro e muros de pedras, pelo sul com as de João Lopes de Figueiredo, pelo norte com terras devolutas, pelo poente com a estrada que vai para Itabira do Campo, tudo por valos, com cerca de 8 alqueires de campos. Na mesma ocasião, ele também declarou possuir uma porção de terras com a sua casa de vivenda, no lugar denominado José Pereira, situadas na Freguesia de Cachoeira do Campo, que houve por herança de seu pai, as quais dividiam pelo nascente e norte com terras de sua mãe Maria Úrsula da Silveira, pelo sul e poente com terras devolutas e muros de pedras, com 4 alqueires de matos[62]. Pais de:

1(VI)- RITA, batizada na Capela de São Gonçalo do Tijuco, filial da Matriz de Nossa Senhora de Nazaré de Cachoeira do Campo, no dia 20-JUN-1825. Padrinhos: Antônio Rodrigues Peixoto e Rita Maria do Sacramento[63].

2(VI)- FELIPE, batizado em 11-FEV-1827, na Capela de São Gonçalo do Tijuco, tendo como padrinhos Felipe Ferreira Pedrosa e sua mulher Maria Úrsula da Silveira[64].

3(VI)- MARIA, batizada aos 25-MAR-1829, na Matriz de Nossa Senhora de Nazaré de Cachoeira do Campo, pelo Padre Manuel Pereira Lima, Seus padrinhos foram o Alferes José Coelho dos Santos e a mulher dele, Maria Justina Pedrosa[65].

4(VI)- MARCELINA, batizada na Matriz de Nossa Senhora de Nazaré de Cachoeira do Campo, no dia 24-OUT-1830, tendo como padrinhos: Felipe Ferreira Pedrosa e a mulher dele, Maria Úrsula Silveira[66].

---

62 Arquivo Público Mineiro – Registros Paroquiais de Terras – Cachoeira do Campo – RP 000061– p. 30.

63 Livro de Batismos da Freguesia de Cachoeira do Campo – 1822 a 1834 - p. 52 (Arquivo Eclesiástico da Arquidiocese de Mariana – AA-10).

64 Livro de Batismos da Freguesia de Cachoeira do Campo – 1822 a 1834 - p. 63 (Arquivo Eclesiástico da Arquidiocese de Mariana – AA-10).

65 Livro de Batismos da Freguesia de Cachoeira do Campo – 1822 a 1834 - p. 75 (Arquivo Eclesiástico da Arquidiocese de Mariana – AA-10).

66 Livro de Batismos da Freguesia de Cachoeira do Campo – 1822 a 1834 - p. 80 (Arquivo Eclesiástico da Arquidiocese de Mariana – AA-10).

5(VI)- ANTÔNIO, batizado na Matriz de Nossa Senhora de Nazaré de Cachoeira do Campo, no dia 13-MAIO-1836[67].

§ 4º

V- MARIA JUSTINA PEDROSA, filha de Felipe Ferreira Pedrosa e de Maria Úrsula da Silveira (nº. IV do § 3º). Casou-se com o Capitão JOSÉ COELHO DOS SANTOS, em 1º-JUN-1822, na Capela de São Gonçalo do Tijuco, então filial de Nossa Senhora de Nazaré de Cachoeira do Campo[68].
Em 1831, foram recenseados em São Gonçalo do Tijuco (atual Distrito de Amarantina, em Ouro Preto), sendo ele negociante, com 36 anos; e ela costureira, com 25 anos, ambos brancos, proprietários de sete escravos[69].
Aos 30-JUN-1855, José Coelho dos Santos declarou possuir, em São Gonçalo do Tijuco, na Freguesia de Cachoeira do Campo, uma fazenda denominada Lourenço, com casas que lhe couberam por herança de Felipe Ferreira Pedrosa, divisando, por um lado, com herdeiros de Francisco José Antunes, por outro com Faustina Alves Góis, por outro com José Rodrigues de Araújo França, por outro com Dona Maria Úrsula da Silveira e por outro com os Campos do Riacho, medindo mais ou menos 60 alqueires[70].
Maria Justina Pedrosa faleceu com testamento datado de 1º-AGO-1861 e aberto em 9-JUN-1864, no qual se depreende que ela não sabia escrever, sendo natural e batizada na Capela de São Gonçalo do Tijuco. Em suas disposições de última vontade, ela pediu que seu corpo fosse envolto em hábito de Nossa Senhora do Monte do Carmo, de cuja ordem era irmã. Deixou como legado ao marido uma morada de casas de sobrado que tinham na fazenda denominada Lourenço, no Distrito de São Gonçalo do Tijuco[71].
Segundo consta de seu inventário, além dessa fazenda, com seus móveis e gado *vacum*, Maria Justina Pedrosa deixou terras da Fazenda Sobrado, também no Distrito de São Gonçalo do Tijuco, bem como outros pastos,

---

67 Livro de Casamentos e de Batismos da Freguesia de Cachoeira do Campo – p. 21v (Arquivo Eclesiástico da Arquidiocese de Mariana – AA-14).

68 Livro de Casamentos da Freguesia de Cachoeira do Campo – 1734 a 1842 - p. 137 (Arquivo Eclesiástico da Arquidiocese de Mariana – AA-13).

69 Arquivo Público Mineiro, mapas de população, caixa 1, documento 8.

70 Arquivo Público Mineiro – Registros Paroquiais de Terras – Cachoeira do Campo – RP 000007 – p. 3.

71 Cf. traslado do testamento de Maria Justina Pedrosa, constante de seu inventário (Arquivo da Casa Setecentista do Pilar – Ouro Preto – códice 110 – autos 1406 – 1864 - 1º Ofício).

campos e terras de cultura. No Arraial de Casa Branca (atual Distrito de Glaura, em Ouro Preto), ela tinha algumas moradas de casas, sendo uma delas defronte à Igreja Matriz e outra onde residia o viúvo, de construção de pedra e coberta de telhas, com quintal, horta, arvoredos, água, paiol, senzala, ermida e outras benfeitorias. Nesse mesmo terreno, havia um engenho de mandioca e um engenho de serrar madeiras, coberto de telhas, com todos os seus pertences, além de uma casa de guardar tábuas. Também deixou uma casa de morada, com quintal, no lugar denominado Bandeirinha, na Freguesia de Casa Branca, além de algumas casas no Arraial de São Gonçalo do Tijuco. Entre os bens móveis, deixou 1:850$000 em dinheiro corrente, joias e ouro lavrado, talheres de prata, mobiliário, utensílios em cobre e ferro, louças e vidros de uso, fazendas e roupas, dívidas ativas e mantimentos (milho em espiga, quatro arrobas de algodão em paina, mandiocal, 30 arrobas de café e 30 alqueires de farinha de mandioca), além de animais (cavalos e mula). O valor total de seus bens foi de 67:284$279[72].

Maria Justina Pedrosa era moradora em Casa Branca, mas faleceu em Cachoeira do Campo, deixando oito filhos de seu consórcio[73]:

1(VI)- Capitão FELIPE COELHO DOS SANTOS, que tinha 8 anos de idade quando foi realizado o censo de São Gonçalo do Tijuco, atual Amarantina, em 1831[74]. Era solteiro e residia com os pais por ocasião do testamento materno.

2(VI)- ANTÔNIO COELHO DOS SANTOS, batizado no dia 18-AGO-1824, na Capela de São Gonçalo do Tijuco, filial da Matriz de Nossa Senhora de Nazaré da Cachoeira do Campo. Seus padrinhos foram: Luís Ferreira Pedrosa e Antônia Felícia da Silva[75]. Segundo inventário materno, era casado com ANA JOAQUINA RODRIGUES DE LIMA e morador na Freguesia de Cachoeira do Campo. Ela era filha de Manuel Rodrigues Peixoto e de Maria Pereira Lima – nº. 5(V) de nº. IV do § 2º do Capítulo 4º - família RODRIGUES PEIXOTO.

3(VI)- ANA ANDREZA DOS SANTOS, que tinha 6 anos de idade em 1831. Moradora na Freguesia da Casa Branca. Após enviuvar-se

---

72 Arquivo da Casa Setecentista do Pilar – Ouro Preto – códice 110 – autos 1406 – 1864 - 1º Ofício.

73 Cf. inventário (Arquivo da Casa Setecentista do Pilar – Ouro Preto – códice 110 – autos 1406 – 1864 - 1º Ofício).

74 Arquivo Público Mineiro, mapas de população, caixa 1, documento 8.

75 Livro de Batismos da Freguesia de Cachoeira do Campo – 1813 a 1834 - p. 46v (Arquivo Eclesiástico da Arquidiocese de Mariana – AA-10).

de LUÍS FERREIRA PEDROSA (nº. V do § 21º), casou-se no dia 18-ABR-1846, na Matriz de Santo Antônio da Casa Branca (atual Glaura), com SEBASTIÃO PINTO FERREIRA, sendo padrinhos: Antônio José de Brito Coelho e Felipe Ferreira Pedrosa[76].

4(VI)- FRANCISCO COELHO DOS SANTOS, batizado no dia 20-MAIO-1827, na Capela de São Gonçalo do Tijuco, tendo como padrinhos o Sargento-Mor Francisco Rodrigues Peixoto e sua mulher Ana Joaquina Ribeira[77]. Foi casado com MARIA CELESTINA DA CONCEIÇÃO, com quem morava na Freguesia de Cachoeira do Campo, segundo inventário da mãe dele. Aos 27-JUL-1855, em Cruz das Almas, ele declarou ser possuidor de uma porção de terras situadas na Freguesia de Cachoeira do Campo, no lugar denominado Capão das Bananeiras, compradas de David Pereira Lima, que divisavam pelo nascente e sul com a estrada que ia para Itabira, pelo norte com terras dos habitantes da Feira e pelo poente com os herdeiros do finado José de Araújo Serveira[78], com quatro alqueires[79]. Também era possuidor de uma porção de terras e casas situadas na Freguesia de Cachoeira do Campo, denominada Cruz das Almas, compradas de David Pereira Lima, estando em comum com outros herdeiros do finado José de Araújo Serveira, divisando pelo nascente com terras dos Coelhos, pelo poente com Pedro Gomes, pelo norte com a estrada de Itabira e pelo sul com terras de Maria Úrsula da Silveira, com 13 alqueires[80].

5(VI)- JOSÉ DOS SANTOS COELHO, batizado na Capela de São Gonçalo do Tijuco, no dia 11-OUT-1836, ocasião na qual seu pai era alferes e vivia de negócio no Arraial do Tijuco[81]. Foi casado

---

[76] Livro de Casamentos de Glaura - 1819 a 1899 (site: http://familysearch.org, imagem 10, consultado em MAIO-2019).

[77] Livro de Batismos da Freguesia de Cachoeira do Campo – 1813 a 1834 - p. 63v (Arquivo Eclesiástico da Arquidiocese de Mariana – AA-10).

[78] *Sic* (deve ser Silveira).

[79] Arquivo Público Mineiro – Registros Paroquiais de Terras – Cachoeira do Campo – RP 000010 – p. 4v.

[80] Arquivo Público Mineiro – Registros Paroquiais de Terras – Cachoeira do Campo – RP 000011 – p. 5.

[81] Livro de Batismos da Freguesia de Cachoeira do Campo – 1836 a 1895 - p. 5/5v (Arquivo Eclesiástico da Arquidiocese de Mariana – AA-12).

com ELVIRA ODOLXA DAMASCENO[82] e eram moradores na Freguesia da Casa Branca na época do inventário da mãe dele.

6(VI)- MARIA DO CARMO DOS SANTOS, casada com o Tenente INÁCIO JOSÉ PEREIRA. Moradora na Freguesia da Casa Branca.

7(VI)- ROMANA MARIA DOS SANTOS, moradora na Freguesia da Casa Branca, foi casada com o Tenente FRANCISCO RICARDO DE FIGUEIREDO. Em 1874, ele figurava como agricultor no Distrito de São Gonçalo do Tijuco, em Ouro Preto[83].

8(VI)- FILOMENA MARIA DOS SANTOS era solteira, menor de idade e residia com a mãe, por ocasião do testamento desta. Veio a se casar com JOÃO DOS SANTOS FIGUEIREDO.

§ 5º

IV- MANUEL PEDROSA FERREIRA ou MANUEL PEDROSO FERREIRA, também chamado MANUEL FERREIRA PEDROSA, filho de Manuel Ferreira Pedrosa e de Maria Machado do Espírito Santo (nº. III do § 3º). Foi batizado no dia 16-FEV-1764, na Capela de São Gonçalo do Tijuco, filial da Matriz de Nossa Senhora de Nazaré da Cachoeira, tendo como padrinhos o Capitão-Mor Domingos da Silva Neves, solteiro, e Pedro Pereira Lima[84]. Veio a se casar, na mesma capela, aos 30-NOV-1786, com LUÍSA ROSA DE JESUS ou apenas ROSA DE JESUS, nascida e batizada na Freguesia de Nossa Senhora da Conceição do Rio das Pedras, filha do Tenente Antônio Gomes Mafra e Ana Vieira Serra[85].
Manuel Ferreira Pedrosa faleceu na Freguesia de Nossa Senhora de Nazaré da Cachoeira do Campo, em 14-JAN-1817[86]. Conforme seu inventário, iniciado aos 22-FEV-1817 e processado em Ouro Preto. Morava na fazenda denominada "da Parage de José Lopes", na Freguesia de

---

82 *Sic* (deve ser Eudóxia).

83 MARTINS, Antônio de Assis (organizador), *Almanak Administrativo, Civil e Industrial da Provincia de Minas Gerais do anno de 1874*, p. 120.

84 Livro de Batismos da Freguesia de Cachoeira do Campo – 1744 a 1770 - p. 99 v e 108v (Arquivo Eclesiástico da Arquidiocese de Mariana – AA-7).

85 Livro de Casamentos da Freguesia de Cachoeira do Campo – 1734 a 1842 - p. 102 (Arquivo Eclesiástico da Arquidiocese de Mariana – AA-13).

86 Livro de Óbitos da Freguesia de Cachoeira do Campo – 1788 a 1822- p. 82v (Arquivo Eclesiástico da Arquidiocese de Mariana - AA-19).

Cachoeira do Campo[87]. Luísa Rosa de Jesus faleceu aos 87 anos de idade, no dia 5-ABR-1844, e foi sepultada dentro da Capela de São Gonçalo do Tijuco, filial da Matriz de Cachoeira do Campo[88]. Tiveram os seguintes filhos:

1(V)- MARIA, que foi batizada em 6-JAN-1787, na Capela de São Gonçalo do Tijuco, filial da Matriz de Nossa Senhora de Nazaré da Cachoeira do Campo. Seus padrinhos foram: Felipe Ferreira Pedrosa e Maria Machada[89].

2(V)- FRANCISCA CASSIANA PEDROSA, que se casou, no dia 9-JAN-1805, em Cachoeira do Campo, com JOAQUIM MARQUES FERREIRA, nascido e batizado na Capela do Suaçuí, filial de Congonhas do Campo, filho de Domingos Marques Ferreira e de Leonor Maria da Paixão[90].

3(V)- MANUEL PEDROSA MACHADO ou MANUEL FERREIRA PEDROSA ou MANUEL MACHADO FERREIRA, casado com FAUSTINA MARIA DE JESUS ou FAUSTINA ALVES GÓIS, com geração que segue.

4(V)- JOSÉ CALIXTO PEDROSA casou-se com ROSA PRUDENCIANA DA CONCEIÇÃO, com quem teve geração que segue no § 9º.

5(V)- ANA BÁRBARA FERREIRA PEDROSA, ANA BÁRBARA FERREIRA, ANA BÁRBARA PEDROSA ou apenas ANA PEDROSA, que se casou com ANTÔNIO ALVES GÓIS, com geração que segue no § 13º.

6(V)- FELÍCIA PEDROSA FERREIRA ou FELÍCIA FERREIRA PEDROSA, que se com MANUEL ALVES GÓIS, com quem teve geração que segue no § 14º.

7(V)- FRANCISCO PEDROSA FERREIRA ou FRANCISCO FERREIRA PEDROSA ou apenas FRANCISCO PEDROSA, que veio a se casar com ANA GOMES DA SILVA ou ANA GOMES, com geração que segue no § 15º.

---

87 Arquivo da Casa Setecentista do Pilar – Ouro Preto – códice 40 – autos 451 – 1817 - 2º Ofício.

88 Livro de Óbitos da Freguesia de Cachoeira do Campo – 1823 a 1848 - p. 59v (Arquivo Eclesiástico da Arquidiocese de Mariana - AA-20).

89 Livro de Batismos da Freguesia de Cachoeira do Campo – 1772 a 1787 - p. 90 (Arquivo Eclesiástico da Arquidiocese de Mariana – AA-8).

90 Livro de Casamentos da Freguesia de Cachoeira do Campo – 1734 a 1842 - p. 122v (Arquivo Eclesiástico da Arquidiocese de Mariana – AA-13).

V- MANUEL PEDROSA MACHADO ou MANUEL FERREIRA PEDROSA ou, ainda, MANUEL MACHADO FERREIRA, que se casou no dia 12-MAIO-1809, na Matriz de Nossa Senhora de Nazaré da Cachoeira do Campo, com FAUSTINA MARIA DE JESUS ou FAUSTINA ALVES GÓIS, filha de Antônio Alves Góis e Luciana Josefa do Rosário[91]. Ambos foram qualificados como brancos, ele, com 50 anos de idade, vivia de lavoura; ela, com 42 anos, exercia a atividade de fiar e tecer algodão, além de terem 5 escravos, segundo consta do censo de 1831, no Distrito de Cachoeira do Campo[92]. Em 1838, figuram no censo na mesma localidade, fogo 221, com 4 escravos[93]. Ele veio a falecer aos 22-JUN-1842, com 57 anos de idade, sendo enterrado na cova da fábrica dentro da Matriz de Nossa Senhora de Nazaré de Cachoeira do Campo[94].
Aos 13-ABR-1856, Fausta Maria de Jesus declarou, por meio do procurador e seu filho Renovato Ferreira Pedrosa, que possuía uma porção de terras no lugar denominado Boa Vista, situadas na Freguesia de Cachoeira do Campo, as quais foram arrematadas em praça pública por seu falecido marido[95]. Do referido censo consta que possuíam cinco escravos e eram pais de:

1(VI)- FELIPE FERREIRA PEDROSA ou apenas FELIPE PEDROSA casado com PORCINA MARIA DE JESUS ou PORCINA LOPES, com geração que segue.

2(VI)- DELFINA PEDROSA ou DELFINA PEDROSA DE JESUS foi casada com MANUEL GONÇALVES DE MATOS, com geração no § 6º.

3(VI)- MANUEL PEDROSA, que foi batizado no dia 10-OUT-1814, na Matriz de Nossa Senhora de Nazaré da Cachoeira do Campo. Seus padrinhos foram: Antônio Alves Góis e Manuel Alves Góis[96].

---

91 Livro de Casamentos da Freguesia de Cachoeira do Campo – 1734 a 1842 - p. 124v (Arquivo Eclesiástico da Arquidiocese de Mariana – AA-13).

92 Arquivo Público Mineiro, mapas de população, caixa 1, documento 9.

93 Arquivo Público Mineiro, mapas de população, caixa 1, documento 18.

94 Livro de Óbitos da Freguesia de Cachoeira do Campo – 1823 a 1848 - p. 54 (Arquivo Eclesiástico da Arquidiocese de Mariana - AA-20).

95 Arquivo Público Mineiro – Registros Paroquiais de Terras – Cachoeira do Campo – RP 000055 – p. 27.

96 Livro de Batismos da Freguesia de Cachoeira do Campo – 1813 a 1834 - p. 4v (Arquivo Eclesiástico da Arquidiocese de Mariana – AA-10).

4(VI)- RENOVATO FERREIRA PEDROSA ou RENOVATO PEDROSA FERREIRA ou RENOVATO PEDROSA, que se casou com ANA MARIA DA CONCEIÇÃO, com geração que segue no § 7º.

5(VI)- CLAUDIANO PEDROSA ou CLAUDIANO FERREIRA PEDROSA, casado com GRACIANA GONÇALVES DE MATOS, com geração que segue no § 8º.

6(VI)- ISABEL PEDROSA, com 5 anos de idade em 1831.

VI- FELIPE FERREIRA PEDROSA ou apenas FELIPE PEDROSA vivia de lavoura, era solteiro e tinha 20 anos de idade em 1831. Veio a se casar, na Capela de São Gonçalo do Tijuco, filial de Nossa Senhora de Nazaré de Cachoeira do Campo, em 19-JAN-1837, com PORCINA MARIA DE JESUS, então com 17 anos de idade, filha de João Lopes de Figueiredo e Ana Joaquina[97]. Ela aparece no censo de São Gonçalo do Tijuco, em 1831, agregada à família paterna, com o nome de PORCINA LOPES, com 18 anos de idade e a profissão de fiadeira[98]. Pais dos seguintes filhos:

1(VII)- JOAQUIM, batizado em Cachoeira do Campo, aos 28-MAR-1838, sendo padrinhos: Manuel Pedrosa Machado e sua mulher Faustina Maria de Jesus[99].

2(VII)- ANA, que nasceu no dia 14-SET-1839 e foi batizada no dia 24 subsequente, na Capela de São Gonçalo do Tijuco, filial da Matriz de Nossa Senhora de Nazaré da Cachoeira do Campo. Seus padrinhos foram João Lopes de Figueiredo e Ana Felícia de Jesus[100].

---

97 Livro de Casamentos da Freguesia de Cachoeira do Campo – 1734 a 1842 - p. 151v. (Arquivo Eclesiástico da Arquidiocese de Mariana – AA-13).

98 No censo de São Gonçalo do Tijuco, em 1831, figura o casal João Lopes de Figueiredo e Ana Felícia de Jesus (fogo 27 do 2º quarteirão), ambos brancos, ele ferreiro, com 45 anos de idade, ela fiadeira, com 41 anos, com um escravo e os seguintes filhos, todos solteiros: Porcina Lopes, com 18 anos, fiadeira; João Lopes de Figueiredo, com 14 anos, ferreiro; Pulquéria Lopes, de 8 anos; Joaquim Lopes de Figueiredo, também com 8 anos; Maria Lopes, com 6 anos; Ana Lopes, de 4 anos; Francisca, com 3 anos; e Francisco, com 1 ano (Arquivo Público Mineiro, mapas de população, caixa 1, documento 8).

99 Livro de Batismos da Freguesia de Cachoeira do Campo – 1836 a 1895 - p. 18 (Arquivo Eclesiástico da Arquidiocese de Mariana – AA-12).

100 Livro de Batismos da Freguesia de Cachoeira do Campo – 1836 a 1895 - p. 33v (Arquivo Eclesiástico da Arquidiocese de Mariana – AA-12).

3(VII)- ANTÔNIO, nascido em 15-SET-1840 e batizado no dia 21 subsequente, na Capela de São Gonçalo do Tijuco, tendo como padrinhos: Antônio Gonçalves Ferreira e Sebastiana Pedrosa da Silva[101].

4(VII)- ELIAS, nascido aos 28-MAIO-1842 e batizado na Matriz de Nossa Senhora de Nazaré da Cachoeira do Campo em 13-JUN-1842, tendo como padrinhos: Antônio Gomes Pacheco e Justa Gomes de Moura[102].

5(VII)- ANA foi batizada em casa, por se achar em risco de vida, no dia 10-FEV-1844, mas o ato foi registrado em 3-MAR-1844, na Capela de São Gonçalo do Tijuco[103].

§ 6º

VI- DELFINA PEDROSA ou DELFINA PEDROSA DE JESUS ou DELFINA PEDROSA DO NASCIMENTO ou, ainda, DELFIMA MARIA PEDROSA, filha de Manuel Pedrosa Machado e de Faustina Alves Góis (nº. V do § 5º). Ela tinha 18 anos, fiava algodão e vivia com os pais, segundo o censo de Cachoeira do Campo, em 1831. Casou-se aos 22-JAN-1834, na Freguesia de Cachoeira do Campo, com MANUEL GONÇALVES DE MATOS ou apenas MANUEL DE MATOS, tendo como padrinhos: Carlos Moreira Murta e José Calixto Pedrosa[104].
Delfina Maria Pedrosa faleceu, de parto, com 34 anos de idade, em 3-JUL-1847, e foi sepultada na Matriz de Nossa Senhora de Nazaré da Cachoeira do Campo[105]. Em 1856, Manuel Gonçalves de Matos declarou ter uma porção de terras no lugar denominado Boa Vista, na Freguesia de Cachoeira do Campo, que houve por dote de sua falecida mulher Delfina Pedrosa de Jesus, com 8 alqueires[106]. O casal teve os seguintes filhos:

---

101 Livro de Batismos da Freguesia de Cachoeira do Campo – 1836 a 1895 - p. 44v (Arquivo Eclesiástico da Arquidiocese de Mariana – AA-12).

102 Livro de Batismos da Freguesia de Cachoeira do Campo – 1836 a 1895 - p. 62v (Arquivo Eclesiástico da Arquidiocese de Mariana – AA-12).

103 Livro de Batismos da Freguesia de Cachoeira do Campo – 1836 a 1895 - p. 80v (Arquivo Eclesiástico da Arquidiocese de Mariana – AA-12).

104 Livro de Casamentos da Freguesia de Cachoeira do Campo – 1734 a 1842 - p. 148v (Arquivo Eclesiástico da Arquidiocese de Mariana – AA-13).

105 Livro de Óbitos da Freguesia de Cachoeira do Campo – 1823 a 1848 - p. 72 (Arquivo Eclesiástico da Arquidiocese de Mariana - AA-20).

106 Arquivo Público Mineiro – Registros Paroquiais de Terras – Cachoeira do Campo – RP 000056 – p. 28.

1(VII)- MARIA, batizada no dia 18-MAIO-1837, em Cachoeira do Campo, tendo como padrinhos Manuel Pedrosa Machado e Luísa Gonçalves[107].

2(VII)- PEDRO, que foi batizado aos 28-OUT-1838, em Cachoeira do Campo[108]. Faleceu em 17-MAR-1839, ocasião em que seus pais eram moradores na Boa Vista, sendo sepultado na Matriz de Nossa Senhora de Nazaré da Cachoeira do Campo[109].

3(VII)- JOAQUIM, batizado aos 28-OUT-1838, na Capela de São Gonçalo do Tijuco (atual Amarantina). Padrinhos: João de Castro e Francisca de Matos[110].

4(VII)- ANA nasceu em 15-FEV-1840 e foi batizada no dia 22 subsequente, na Matriz de Nossa Senhora de Nazaré de Cachoeira do Campo, tendo como padrinhos: Manuel Alves Góis e sua filha Carlota Pedrosa. Na ocasião, os pais da criança eram moradores na Boa Vista, Freguesia de Cachoeira do Campo[111]. Faleceu aos 20-ABR-1842 e foi sepultada na Matriz de Nossa Senhora de Nazaré da Cachoeira do Campo[112].

5(VII)- RAIMUNDO, que faleceu, com 13 dias de idade, em 12-AGO-1841, sendo sepultado na Matriz de Nossa Senhora de Nazaré da Cachoeira do Campo[113].

6(VII)- JOSÉ nasceu no dia 9-SET-1843 e foi batizado no dia 17-SET-1843, na Capela de São Gonçalo do Tijuco, tendo como padrinhos: Felipe Ferreira Pedrosa e sua mulher Úrsula da Silveira[114].

---

107 Livro de Batismos da Freguesia de Cachoeira do Campo – 1836 a 1895 - p. 8v (Arquivo Eclesiástico da Arquidiocese de Mariana – AA-12).

108 Livro de Batismos da Freguesia de Cachoeira do Campo – 1836 a 1895 - p. 23v (Arquivo Eclesiástico da Arquidiocese de Mariana – AA-12).

109 Livro de Óbitos da Freguesia de Cachoeira do Campo – 1823 a 1848 - p. 37 (Arquivo Eclesiástico da Arquidiocese de Mariana - AA-20).

110 Livro de Batismos da Freguesia de Cachoeira do Campo – 1836 a 1895 - p. 23v (Arquivo Eclesiástico da Arquidiocese de Mariana – AA-12).

111 Livro de Batismos da Freguesia de Cachoeira do Campo – 1836 a 1895 - p. 38/v (Arquivo Eclesiástico da Arquidiocese de Mariana – AA-12).

112 Livro de Óbitos da Freguesia de Cachoeira do Campo – 1823 a 1848 - p. 53v (Arquivo Eclesiástico da Arquidiocese de Mariana - AA-20).

113 Livro de Óbitos da Freguesia de Cachoeira do Campo – 1823 a 1848 - p. 49v (Arquivo Eclesiástico da Arquidiocese de Mariana - AA-20).

114 Livro de Batismos da Freguesia de Cachoeira do Campo – 1836 a 1895 - p. 76v (Arquivo Eclesiástico da Arquidiocese de Mariana – AA-12).

§ 7º

VI- RENOVATO FERREIRA PEDROSA ou RENOVATO PEDROSA FERREIRA ou, apenas, RENOVATO PEDROSA, filho de Manuel Pedrosa Machado e de Faustina Alves Góis (nº. V do § 5º). Foi batizado aos 28-JAN-1816, na Matriz de Nossa Senhora de Nazaré de Cachoeira do Campo, tendo como padrinhos: Manuel Ferreira Pedrosa e sua mulher Luísa Rosa[115]. Casou-se no dia 13-ABR-1837, em Cachoeira do Campo, com ANA MARIA DA CONCEIÇÃO, exposta na casa do Capitão Antônio José Ferreira. A testemunha do ato nupcial foi Felipe Ferreira Pedrosa[116]. Ela foi batizada em 8-DEZ-1819, na Capela de São Gonçalo do Tijuco, filial da Matriz de Nossa Senhora de Nazaré da Cachoeira do Campo, pelo Reverendo Manuel Pereira Lima, tendo como padrinhos: Felipe Ferreira Pedrosa e Ana Ferreira, esta filha do Capitão Antônio José Ferreira[117].

Ana Maria da Conceição foi reconhecida como filha e universal herdeira de Benícia Francisca Ferreira, moradora no Arraial de São Gonçalo do Tijuco, em testamento datado de 29-DEZ-1851. A referida testadora também determinou que fossem pagos às suas irmãs Prudência Bárbara Ferreira e Ana Joaquina de São José, bem como a seu afilhado Justino Rodrigues da Silva a quantia de seis mil réis para cada[118].

Benícia Francisca Ferreira faleceu, solteira, em 30-MAR-1853, com 58 anos de idade e foi sepultada na Capela de São Gonçalo do Tijuco, na Freguesia de Nossa Senhora de Nazaré da Cachoeira do Campo[119], sendo

---

115 Livro de Batismos da Freguesia de Cachoeira do Campo – 1813 a 1834 - p. 8v (Arquivo Eclesiástico da Arquidiocese de Mariana – AA-10).

116 Livro de Casamentos da Freguesia de Cachoeira do Campo – 1734 a 1842 - p. 152v (Arquivo Eclesiástico da Arquidiocese de Mariana – AA-13).

117 Cf. certidão extraída do Livro de Batismos nº. 6 da Freguesia de Cachoeira do Campo, fl. 23 v, constante dos autos de contas do testamento de Benícia Francisca Ferreira (Arquivo da Casa Setecentista do Pilar – Ouro Preto – códice 317 – autos 6769 – 1859 - 1º Ofício)

118 Cf. testamento de Benícia Francisca Ferreira, cuja transcrição consta do respectivo processo de contas - fls. 3/v (Arquivo da Casa Setecentista do Pilar – Ouro Preto – códice 317 – autos 6769 – 1859 - 1º Ofício).

119 Cf. certidão extraída do Livro de Óbitos nº. 7 da Freguesia de Cachoeira do Campo, fl. 20, constante dos autos de contas do testamento de Benícia Francisca Ferreira (Arquivo da Casa Setecentista do Pilar – Ouro Preto – códice 317 – autos 6769 – 1859 - 1º Ofício)

filha do Capitão Antônio José Ferreira, nascido e batizado na Cidade de Braga, e de Angélica Bárbara, nascida e batizada na Imperial Cidade de Ouro Preto[120]

Renovato Ferreira Pedrosa e Ana Maria da Conceição tiveram os seguintes filhos:

1(VII)- JOSÉ, batizado em Cachoeira do Campo, no dia 20-JUN-1838, sendo padrinhos os avós paternos Manuel Pedrosa Machado e Faustina Maria de Jesus, Na ocasião, seus pais eram moradores no Tijuco[121].

2(VII)- NARCISO, nascido aos 21-SET-1840 e batizado no dia 29 subsequente, na Capela de São Gonçalo do Tijuco, filial da Matriz de Nossa Senhora de Nazaré da Cachoeira do Campo. Seus padrinhos foram: Joaquim Lino Pedrosa e Benícia Francisca Ferreira[122].

3(VII)- MARIA, nascida no dia 11 e batizada em 19-FEV-1843, na Capela de São Gonçalo do Tijuco, tendo como padrinhos: Antônio Ferreira Pedrosa e Luzia Umbelina[123].

§ 8º

VI- CLAUDIANO PEDROSA ou CLAUDIANO FERREIRA PEDROSA, que foi batizado com o nome de CLAUDINO, aos 30-AGO-1818, na Matriz de Nossa Senhora de Nazaré, em Cachoeira do Campo, filho de Manuel Pedrosa Machado e de Faustina Alves Góis (nº. V do § 5º). Teve como padrinhos: Estevão Ferreira Pedrosa e Antônio Ferreira Pedrosa[124]. Em Cachoeira do Campo, no dia 11-ABR-1856, declarou ter uma porção de terras no lugar denominado Boa Vista, situado na referida freguesia, com 8 alqueires, que houve por herança paterna, as quais divisavam pelo nascente com terras de Manuel Gonçalves de Matos, pelo sul com José Joaquim

---

120 Cf. testamento de Benícia Francisca Ferreira, cuja transcrição consta do respectivo processo de contas - fls. 3/v (Arquivo da Casa Setecentista do Pilar – Ouro Preto – códice 317 – autos 6769 – 1859 - 1º Ofício).

121 Livro de Batismos da Freguesia de Cachoeira do Campo – 1836 a 1895 - p. 20 (Arquivo Eclesiástico da Arquidiocese de Mariana – AA-12).

122 Livro de Batismos da Freguesia de Cachoeira do Campo – 1836 a 1895 - p. 44v (Arquivo Eclesiástico da Arquidiocese de Mariana – AA-12).

123 Livro de Batismos da Freguesia de Cachoeira do Campo – 1836 a 1895 - p. 69v (Arquivo Eclesiástico da Arquidiocese de Mariana – AA-12).

124 Livro de Batismos da Freguesia de Cachoeira do Campo – 1813 a 1834 - p. 16v (Arquivo Eclesiástico da Arquidiocese de Mariana – AA-10).

Pereira da Fonseca, pelo poente com as de sua mãe, Faustina Maria de Jesus e, pelo norte, com as dela e com as de Antônio Gonçalves do Sacramento[125]. Veio a se casar com GRACIANA GONÇALVES DE MATOS, natural da Freguesia de Nossa Senhora de Nazaré da Cachoeira do Campo[126], filha de Alexandre Gonçalves de Matos e Luísa Ferreira Pedrosa. Pais de:

1(VII)- Padre ANTÔNIO FERREIRA PEDROSA, batizado em Cachoeira do Campo, no dia 14-NOV-1854, tendo como padrinhos: José Rodrigues Peixoto e sua mulher Mariana Joaquina Pedrosa, todos naturais de Cachoeira do Campo. Ordenou-se em 1886, ocasião na qual ofereceu uma morada de casa de sobrado na Freguesia de Ouro Preto, que foi de Maria Ferreira Pedrosa, viúva de Basílio da Costa Lana, no valor de um conto de réis. Este bem não foi aceito, razão pela qual ofereceu um chalé situado em São Gonçalo do Amarante, em valor superior a 800:000. A decisão final de seu processo *de genere* data de 27-DEZ-1887[127]. Após a efetiva instituição da Paróquia de São Gonçalo do Tijuco, atual Amarantina, em 1890, ele foi seu primeiro vigário[128]. Encontrava-se enfermo quando fez testamento, aos 22-MAR-1915, em São Gonçalo do Amarante (atual Amarantina), onde morava. Em suas disposições de última vontade, entre outras, deixou legado para a Banda de Música Euterpe de Cachoeira do Campo; algumas vacas e cavalos em poder de pessoas que especificou, além de um quintal em São Gonçalo do Monte. O testamento foi registrado em livro do 2º Ofício Judicial e de Notas de Ouro Preto e autuado em 31-JUL-1915[129].

2(VII)- Padre PEDRO FERREIRA PEDROSA, nascido em 19-MAIO-1859, foi batizado na Matriz de Nossa Senhora de Nazaré de Cachoeira do Campo, em 5-JUN-1859. Teve como padrinhos:

---

125 Arquivo Público Mineiro – Registros Paroquiais de Terras – Cachoeira do Campo – RP 000059 – p. 29.

126 Cf. certidão de testamento do Vigário Padre Antônio Ferreira Pedrosa (Arquivo da Casa Setecentista do Pilar – Ouro Preto – 1915 - 1º Ofício).

127 Processo *de genere* do Padre Antônio Ferreira Pedrosa (Arquivo Eclesiástico da Arquidiocese de Mariana- arm. 11 – pasta 097 – Cachoeira do Campo).

128 BARBOSA, Waldemar de Almeida. *Dicionário histórico-geográfico de Minas Gerais*, p. 34; COSTA, Joaquim Ribeiro. *Toponímia de Minas Gerais*, p. 34.

129 Cf. certidão de testamento (Arquivo da Casa Setecentista do Pilar – Ouro Preto – 1915 - 1º Ofício).

Manuel Ferreira Pedrosa e Militina Silvéria Ferreira de Aguiar. Por ocasião de sua ordenação, doou um corte de terras de culturas situadas na Fazenda da Vargem, na Freguesia de Ouro Branco, no valor de um conto de réis[130].

§ 9º

V- JOSÉ CALIXTO PEDROSA ou JOSÉ CALIXTO FERREIRA PEDROSA, filho de Manuel Pedrosa Ferreira e de Luísa Rosa de Jesus (nº. IV do § 5º). Casou-se com ROSA PRUDENCIANA em 10-NOV-1813, na Igreja Matriz do Pilar de Ouro Preto, sendo padrinhos José Gonçalves Seixas e sua mulher Ana Machada[131]. Ela também usava os nomes ROSA PRUDENCIANA DA CONCEIÇÃO, ROSA PRUDÊNCIA DA CONCEIÇÃO, ROSA PRUDÊNCIA GONÇALVES ou ROSA GONÇALVES. Ambos declararam ter 40 anos de idade por ocasião do censo do Distrito de Cachoeira do Campo em 1831, quando ela usou o nome de ROSA FRANCISCA. Nessa ocasião, ele foi qualificado como branco e vivia com sua tropa no caminho do Rio; ela era parda livre e fiava algodão; bem como possuíam 11 escravos[132]. Já no censo de 1838, ele foi qualificado como tropeiro e declarou ter 52 anos, sendo que ela tinha 47 anos, além de possuírem 30 escravos[133].

José Calixto Pedrosa era proprietário de uma fazenda de cultura e campos com casas, situadas na Freguesia da Cachoeira do Campo, chamada Lagoa do Ribeirão dos Fornos, que, em 1855, já era chamada de Bom Retiro da Lagoa, medindo 180 alqueires, que fora comprada de João Barbosa da Rocha e Vicente José de Morais, cujas divisas eram: pelo nascente, com terras e campos dos Murtas e de José Fagundes Serafim; pelo norte com terras dos herdeiros do finado Vigário Francisco Gomes de Moura; pelo poente com terras dos herdeiros do finado João Alves da Silva, estrada de Congonhas do Campo e campos do Capitão José Coelho Barbosa; e pelo sul com terras dos herdeiros da finada Ana Gonçalves e Vicente Pereira de Morais. Ele também era proprietário de um corte de terras, com 8 alqueires, que lhe coube na partilha com outros herdeiros, por falecimento

130 Processo *de genere* do Padre Pedro Ferreira Pedrosa (Arquivo Eclesiástico da Arquidiocese de Mariana- arm. 16 – pasta 1309 – Cachoeira do Campo).

131 Livro de Casamentos da Freguesia de Cachoeira do Campo – 1734 a 1842 - p. 129 (Arquivo Eclesiástico da Arquidiocese de Mariana – AA-13).

132 Arquivo Público Mineiro, mapas de população, caixa 1, documento 9.

133 Arquivo Público Mineiro, mapas de população, caixa 1, documento 18.

de seus pais, na Fazenda da Passagem de José Lopes, na Freguesia de Cachoeira do Campo[134].

Aos 17-MAR-1858, no Retiro da Lagoa, em Cachoeira do Campo, Rosa Prudenciana da Conceição fez testamento cerrado, escrito por Antônio José de Souza e assinado pelo Capitão José Fagundes Serafim, pois ela não sabia escrever. Ela declarou ser moradora em Cachoeira do Campo, filha de João Gonçalves Seixas e de Ana de Araújo, já falecidos, bem como que, no estado de solteira, teve a filha Justina, com José Calixto Pedrosa, com quem veio a se casar. Entre outras disposições, deixou a terça a seu marido e pediu para ser enterrada na Matriz da Freguesia de Cachoeira do Campo, acompanhada pelos sacerdotes e carregada pelos irmãos da Senhora das Mercês, irmandade a qual ela pertencia[135]. Referido testamento foi aberto em 6-OUT-1858, tendo como testamenteiro seu filho Ezequiel Ferreira Pedrosa.

José Calixto Pedrosa faleceu antes de 10-MAIO-1862, conforme consta de um recibo na prestação de contas do testamento de sua mulher[136].

O casal teve os seguintes filhos, todos pardos livres, segundo se depreende dos referidos censos:

1(VI)- JUSTINA UMBELINA PEDROSA ou JUSTINA PEDROSA, solteira, costureira, com 24 anos de idade em 1831. Não aparece com os pais no censo de 1838. Casou-se aos 26-MAR-1832, em Cachoeira do Campo, com MANUEL JOAQUIM DOS SANTOS[137].

2(VI)- SENHORINHA FERREIRA PEDROSA, SENHORINHA UMBELINA PEDROSA ou, apenas, SENHORINHA PEDROSA, que foi casada com CARLOS LEITE DA CUNHA, com geração que segue.

---

134 Arquivo Público Mineiro – Registros Paroquiais de Terras – Cachoeira do Campo – RP 000013 – p. 6/v.

135 Cf. testamento de Rosa Prudenciana da Conceição, constante dos respectivos autos de prestação de contas (Arquivo da Casa Setecentista do Pilar – Ouro Preto – códice 434 – autos 8963 – 1862 - 1º Ofício).

136 Cf. fl. 12 dos autos de prestação de contas (Arquivo da Casa Setecentista do Pilar – Ouro Preto – códice 434 – autos 8963 – 1862 - 1º Ofício).

137 Cf. testamento de Rosa Prudenciana da Conceição, constante dos autos de prestação de contas (Arquivo da Casa Setecentista do Pilar – Ouro Preto – códice 434 – autos 8963 – 1862 - 1º Ofício); e Livro de Casamentos da Freguesia de Cachoeira do Campo – 1734 a 1842 - p. 147v (Arquivo Eclesiástico da Arquidiocese de Mariana – AA-13).

3(VI)- LUZIA PEDROSA, batizada aos 22-DEZ-1816, na Capela de São Gonçalo do Tijuco, filial da Matriz de Nossa Senhora de Nazaré de Cachoeira do Campo, tendo como padrinhos: Francisco Pedrosa Ferreira e Antônio Ferreira Pedrosa[138]. Fiava algodão, segundo o censo de Cachoeira do Campo de 1831, no qual aparece com o nome LUÍSA PEDROSA. No censo de 1838, declarou ser solteira e ter 22 anos de idade. Veio a se casar com JOÃO GONÇALVES MACHADO[139].

4(VI)- JOAQUIM LINO PEDROSA tinha 13 anos de idade e era da tropa do pai em 1831. No censo de 1838, declarou que sabia ler e era solteiro. Foi batizado aos 29-SET-1818, na Matriz de Nossa Senhora de Nazaré de Cachoeira do Campo, tendo como padrinhos: Felipe Ferreira Pedrosa e José Gonçalves Seixas[140].

6(VI)- MARIA PEDROSA, que recebeu o sacramento do batismo aos 22-OUT-1820, na Matriz de Nossa Senhora de Nazaré de Cachoeira do Campo[141]. Figura como solteira no censo de 1838. Foi casada com FAUSTINO ALVES GÓIS[142].

6(VI)- EZEQUIEL PEDROSA ou EZEQUIEL FERREIRA PEDROSA foi casado com FELISBINA FERREIRA PEDROSA, com geração que segue no § 10º.

7(VI)- ANA PEDROSA, que foi batizada em 8-DEZ-1823, na Matriz de Nossa Senhora de Nazaré de Cachoeira do Campo, tendo como padrinhos Luís Pedrosa Ferreira e Antônio Felícia da Silva[143].

---

138 Livro de Batismos da Freguesia de Cachoeira do Campo – 1813 a 1834 - p. 11 (Arquivo Eclesiástico da Arquidiocese de Mariana – AA-10).

139 Cf. testamento de Rosa Prudenciana da Conceição, constante dos respectivos autos de prestação de contas (Arquivo da Casa Setecentista do Pilar – Ouro Preto – códice 434 – autos 8963 – 1862 - 1º Ofício).

140 Livro de Batismos da Freguesia de Cachoeira do Campo – 1813 a 1834 - p. 17 (Arquivo Eclesiástico da Arquidiocese de Mariana – AA-10).

141 Livro de Batismos da Freguesia de Cachoeira do Campo – 1813 a 1834 - p. 23A (Arquivo Eclesiástico da Arquidiocese de Mariana – AA-10).

142 Cf. testamento de Rosa Prudenciana da Conceição, constante dos autos de prestação de contas (Arquivo da Casa Setecentista do Pilar – Ouro Preto – códice 434 – autos 8963 – 1862 - 1º Ofício).

143 Livro de Batismos da Freguesia de Cachoeira do Campo – 1813 a 1834 - p. 37v (Arquivo Eclesiástico da Arquidiocese de Mariana – AA-10).

Ela aparece no censo de 1831, mas não figura no de 1838. Foi casada com ... FREITAS[144].

8(VI)- CÂNDIDO PEDROSA, que recebeu o primeiro sacramento em 11-SET-1825, na Capela de São Gonçalo do Tijuco, tendo como padrinhos o Alferes José Coelho dos Santos e Maria Justina Pedrosa[145]. No censo de 1838, consta que sabia ler. Trata-se, *provavelmente*, de CÂNDIDO FERREIRA PEDROSA, que faleceu solteiro, aos 25 anos de idade, no dia 18-AGO-1850, e foi sepultado na Matriz de Nossa Senhora de Nazaré da Cachoeira do Campo[146].

9(VI)- ANTÔNIO PEDROSA, batizado aos 25-MAR-1830, na Capela de São Gonçalo do Tijuco, filial da Matriz de Nossa Senhora de Nazaré de Cachoeira do Campo, tendo como padrinhos: Manuel Rodrigues Peixoto e sua mulher Maria Pereira Lima[147]. Figurou com a idade de 2 anos no censo de 1831, mas não aparece no censo de 1838.

10(VI)- MARIANA, que foi batizada na Capela de São Gonçalo do Tijuco, em 8-SET-1827, tendo como padrinhos Francisco Rodrigues Peixoto e sua mulher Mariana Joaquina de Jesus[148].

11(VI)- MARIANA FERREIRA PEDROSA ou MARIANA PEDROSA, batizada na Capela de São Gonçalo do Tijuco, aos 16-OUT-1828. Seus padrinhos foram o Cadete Francisco Rodrigues Peixoto e sua mulher Mariana Joaquina de Jesus[149]. Foi casada com

---

144 O nome do marido de Ana Pedrosa está ilegível no testamento de Rosa Prudenciana da Conceição, pois o documento está apagado, conforme fl. 4 dos autos de prestação de contas (Arquivo da Casa Setecentista do Pilar – Ouro Preto – códice 434 – autos 8963 – 1862 - 1º Ofício).

145 Livro de Batismos da Freguesia de Cachoeira do Campo – 1813 a 1834 - p. 52v (Arquivo Eclesiástico da Arquidiocese de Mariana – AA-10).

146 Livro de Óbitos da Freguesia de Cachoeira do Campo – 1848 a 1856 - p. 33v (Arquivo Eclesiástico da Arquidiocese de Mariana – AA-21).

147 Livro de Batismos da Freguesia de Cachoeira do Campo – 1813 a 1834 - p. 82 (Arquivo Eclesiástico da Arquidiocese de Mariana – AA-10).

148 Livro de Batismos da Freguesia de Cachoeira do Campo – 1813 a 1834 - p. 64v(Arquivo Eclesiástico da Arquidiocese de Mariana – AA-10).

149 Livro de Batismos da Freguesia de Cachoeira do Campo – 1813 a 1834 - p. 70v (Arquivo Eclesiástico da Arquidiocese de Mariana – AA-10).

FORTUNATO ALVES GÓIS[150], filho de Manuel Alves Góis e de Felícia Ferreira Pedrosa[151] - nº 1(VI) de nº V do § 14º.

12(VI)- PRUDENCIANA aparece no censo de 1838, com 6 anos. Foi batizada com o nome de PRUDENCIA no dia 24-FEV-1833, na Matriz de Nossa Senhora de Nazaré de Cachoeira do Campo[152].

13(VI)- CÂNDIDO, com 4 anos no censo de 1838.

14(VI)- JOÃO, com 2 anos em 1838.

VI- SENHORINHA FERREIRA PEDROSA ou SENHORINHA UMBELINA PEDROSA ou, apenas, SENHORINHA PEDROSA, que foi batizada aos 26-DEZ-1814, na Matriz de Nossa Senhora de Nazaré de Cachoeira do Campo, tendo como padrinhos: Manuel Ferreira Pedrosa e sua mulher Luísa Rosa[153]. Era solteira e fiava algodão, segundo o censo de 1831, época em que residia com seus pais. Casou-se em Cachoeira do Campo, aos 18-JAN-1833, com CARLOS LEITE DA CUNHA, sendo testemunhas: Felipe Ferreira Pedrosa e Tenente Carlos Moreira Murta[154]. Em 1838, eles aparecem no censo de Cachoeira do Campo, ambos brancos, ele ferreiro, com 28 anos de idade, e ela com 23 anos, com os dois primeiros filhos do casal[155].

Senhorinha Ferreira Pedrosa faleceu de parto, no dia 10-MAR-1849, em Cachoeira do Campo, onde foi sepultada dentro da Matriz de Nossa Senhora de Nazaré[156].

Carlos Leite da Cunha contraiu segundas núpcias no dia 1º-DEZ-1849, na Matriz de Santo Antônio da Casa Branca (atual Distrito de Glaura, em Ouro Preto), com Praxedes Maria de Jesus, de 28 anos e 6 meses, tendo

---

150 Cf. testamento de Rosa Prudenciana da Conceição, constante dos autos de prestação de contas (Arquivo da Casa Setecentista do Pilar – Ouro Preto – códice 434 – autos 8963 – 1862 - 1º Ofício).

151 Cf. processo de dispensa matrimonial de Estevão Ferreira Pedrosa e de Prudência Alves Pedrosa (Arquivo Eclesiástico da Arquidiocese de Mariana. Processo Matrimonial nº. 87453, arm. 35, pasta 8746, ano 1888, Itabirito).

152 Livro de Batismos da Freguesia de Cachoeira do Campo – 1813 a 1834 - p. 93v (Arquivo Eclesiástico da Arquidiocese de Mariana – AA-10).

153 Livro de Batismos da Freguesia de Cachoeira do Campo – 1813 a 1834 - p. 5v (Arquivo Eclesiástico da Arquidiocese de Mariana – AA-10).

154 Livro de Casamentos da Freguesia de Cachoeira do Campo – 1734 a 1842 - p. 148v (Arquivo Eclesiástico da Arquidiocese de Mariana – AA-13).

155 Arquivo Público Mineiro, mapas de população, caixa 1, documento 18.

156 Livro de Óbitos da Freguesia de Cachoeira do Campo – 1848 a 1856 - p. 2 (Arquivo Eclesiástico da Arquidiocese de Mariana – AA-21).

como testemunhas: João Fernandes Ramos e Carlos Moreira Murta[157]. Ele faleceu com 80 anos de idade, em Santo Antônio da Casa Branca, onde foi sepultado em 10-JUN-1890[158].

O casal Carlos Leite da Cunha e Senhorinha Ferreira Pedrosa teve os seguintes filhos:

1(VII)- JOSÉ, batizado na Matriz de Nossa Senhora de Nazaré da Cachoeira do Campo, no dia 13-DEZ-1834, tendo como padrinhos: José Calixto Pedrosa e Rosa Gonçalves[159]. Trata-se, *muito provavelmente*, de JOSÉ LEITE DA CUNHA que, aos 23 anos de idade, casou-se na Matriz de Santo Antônio da Casa Branca (atual Glaura), no dia 8-NOV-1856, com RITA ROSA DE JESUS, de 25 anos[160].

2(VII)- MARIA, batizada em Cachoeira do Campo, na Matriz de Nossa Senhora de Nazaré, aos 21-MAR-1837[161].

3(VII)- JÚLIA, nascida aos 28-NOV-1838 e batizada em 18-DEZ-1838, na Matriz de Nossa Senhora de Nazaré de Cachoeira do Campo, sendo padrinhos: José Leite da Cunha e Maria da Cunha Leite[162]. Trata-se, *muito provavelmente*, de JÚLIA UMBELINA PEDROSA, que se casou, aos 17 anos, no dia 8-NOV-1856, na Matriz de Santo Antônio da Casa Branca, com ANTÔNIO FERNANDES VIEIRA, de 25 anos de idade, sendo testemunhas: Capitão Felipe Coelho dos Santos e o Sargento José Joaquim Soares[163].

4(VII)- ANA, batizada no dia 5-JUL-1840, na Igreja de Nossa Senhora de Nazaré de Cachoeira do Campo. Teve como padrinhos:

---

157 Livro de Casamentos de Glaura (site: http://familysearch.org, imagem 13, consultado em FEV-2019).

158 Livro de Óbitos de Glaura – 1877 a 1896 (site: http://familysearch.org, imagem 7, consultado em MAR-2019).

159 Livro de Batismos da Freguesia de Cachoeira do Campo – 1813 a 1834 - p. 98v (Arquivo Eclesiástico da Arquidiocese de Mariana – AA-10).

160 Livro de Casamentos de Glaura (site: http://familysearch.org, imagem 24, consultado em FEV-2019).

161 Livro de Batismos da Freguesia de Cachoeira do Campo – 1836 a 1895 - p. 8 (Arquivo Eclesiástico da Arquidiocese de Mariana – AA-12).

162 Livro de Batismos da Freguesia de Cachoeira do Campo – 1836 a 1895 - p. 25v (Arquivo Eclesiástico da Arquidiocese de Mariana – AA-12).

163 Livro de Casamentos de Glaura (site: http://familysearch.org, imagem 24, consultado em FEV-2019).

Joaquim Lino Pedrosa e Luzia Pedrosa, ambos filhos de José Calixto Pedrosa[164].

5(VII)- FELICÍSSIMA, nascida em 8-OUT-1844 e batizada no dia 10-NOV-1844, na Matriz de Nossa Senhora de Nazaré da Cachoeira do Campo. Padrinhos: Ezequiel Pedrosa dos Santos e Maria Umbelina Pedrosa[165].

§ 10º

VI- EZEQUIEL PEDROSA ou EZEQUIEL FERREIRA PEDROSA, filho de José Calixto Pedrosa e de Rosa Prudenciana da Conceição (nº. III do § 9º). Figura com 7 anos no censo de Cachoeira do Campo em 1831 e declarou ter 18 anos em 1838, ainda solteiro[166].

Em 29-OUT-1856, Ezequiel Ferreira Pedrosa declarou possuir um sítio denominado Ribeirão dos Fornos, na Freguesia de Cachoeira do Campo, o qual obteve por compra de Carlos Leite da Cunha e sua mulher Praxedes Maria de Jesus, que, ao sul, limitava com terras da fazenda de seu pai José Calixto Pedrosa[167].

Ele veio a falecer aos 27-AGO-1884, sendo seu inventário iniciado em 30-OUT-1885, na fazenda denominada Lagoa do Mato, onde residia, deixando a viúva FELISBINA FERREIRA PEDROSA, qualificada como fazendeira e domiciliada na Freguesia de Cachoeira do Campo[168].

Ezequiel Ferreira Pedrosa deixou muitos bens, sendo alguns objetos em prata e cobre, mobiliário, 4 escravos, boa quantidade de gado *vacum*, equinos, dívidas ativas e bens de raiz, entre eles: a fazenda denominada Bom Retiro da Lagoa, avaliada em 1:500$000; uma casa coberta de telhas sem repartimento, que serve de rancho de tropa, do lado de cima do curral, no valor de 300$000; engenho próprio para farinha de mandioca, coberto de telhas, por 400$000; um moinho coberto de telhas, por 120$000; uma engenhoca de moer cana, por 20$000; um terreno de cultura e campos na vargem denominada Algodões, de 50 alqueires mais ou menos, por350$000; um terreno de cultura e campos, situado no lugar denominado

---

164 Livro de Batismos da Freguesia de Cachoeira do Campo – 1836 a 1895 - p. 53 (Arquivo Eclesiástico da Arquidiocese de Mariana – AA-12).

165 Livro de Batismos da Freguesia de Cachoeira do Campo – 1836 a 1895 - p. 87 (Arquivo Eclesiástico da Arquidiocese de Mariana – AA-12).

166 Arquivo Público Mineiro, mapas de população, caixa 1, documentos 9 e 18.

167 Arquivo Público Mineiro – Registros Paroquiais de Terras – Cachoeira do Campo – RP 000040 – p. 19v.

168 Arquivo da Casa Setecentista do Pilar – Ouro Preto – códice 38 – autos 467 – 1885 - 1º Ofício

Ribeirão dos Fornos, com mais ou menos 30 alqueires, no valor de 1:800$000; um pasto no lugar denominado Coluna, de 30 alqueires, por 705$000; sítio no lugar denominado Conceição das Almas, com casa de vivenda, moinho e outras benfeitorias, com 40 alqueires de terras de cultura, mais 50 alqueires de campos, por 3:000$000; várias outras partes de terras de menores dimensões; e uma casa de vivenda no Arraial de Cachoeira do Campo, avaliada em 700$000[169]. Em certidão do 2º Ofício da Comarca de Ouro Preto, datada de 11-JUN-1919, extraída da partilha de bens dos autos de inventário de Felisbina Ferreira Pedrosa consta que o inventariante foi Antônio Ferreira Pedrosa, bem como que ela tinha bens que somavam o montante de 5:880$000, quais sejam: uma casa no Bom Retiro da Lagoa, térrea, coberta de telhas, com paiol, quintal e mais benfeitorias, no valor de 700$000; um terreno no Ribeirão dos Fornos, com 23,5 alqueires de planta, no valor de 1:410$000; um pastinho junto à casa, por baixo do rego d'água, de mais ou menos meio alqueire de planta, avaliado por 30$000; um terreno em frente à fazenda, que leva mais ou menos 8 alqueires, por 320$000; um pasto no lugar denominado Coluna, calculado em 50 alqueires mais ou menos, sendo 15 de cultivo, no valor de 200$000; 35 alqueires de terras de campos e pasto, no valor de 1:400$000; um engenho de fazer farinha de mandioca, avaliado em 400$000; um moinho de fazer fubá, por 100$000; e uma casa coberta de telhas, do lado de cima do curral, por 200$000[170].

Segundo o inventário de Ezequiel Ferreira Pedrosa, tiveram os seguintes filhos, constando, ainda, que as filhas Joaquina, Maria e Domitilda receberam 200$000 em dote, cada uma, quando se casaram[171]:

1(VII)- JOAQUINA FERREIRA PEDROSA, que foi casada com PEDRO GONÇALVES DE MATOS, com uma filha que segue.

2(VII)- MARIA FERREIRA PEDROSA, casada com JOSÉ GONÇALVES DE MATOS, com geração no § 11º.

3(VII)- DOMETILDES FERREIRA PEDROSA (ou DOMITILDA), casada com ANTÔNIO GONÇALVES DE MATOS, com geração que segue no § 12º.

4(VII)- ANTÔNIO FERREIRA PEDROSA, com 24 anos por ocasião do inventário paterno (1885).

5(VII)- ROSA FERREIRA PEDROSA, com 22 anos na mesma ocasião.

---

169 Arquivo da Casa Setecentista do Pilar – Ouro Preto – códice 38 – autos 467 – 1885 - 1º Ofício

170 Arquivo da Casa Setecentista do Pilar – Ouro Preto – 1919.

171 Arquivo da Casa Setecentista do Pilar – Ouro Preto – códice 38 – autos 467 – 1885 - 1º Ofício

6(VII)- FRANCISCO FERREIRA PEDROSA, com 20 anos em 1885.
7(VII)- FELÍCIA FERREIRA PEDROSA, casada com CÂNDIDO COELHO SEABRA.
8(VII)- CÂNDIDO FERREIRA PEDROSA, que figura com 17 anos no inventário do pai (1885).
9(VII)- GENOVEVA FERREIRA PEDROSA, com 15 anos na mesma época.
10(VII)- ANA FERREIRA PEDROSA, com 14 anos.

VII- JOAQUINA FERREIRA PEDROSA já era falecida por ocasião do inventário de seu pai Ezequiel Ferreira Pedrosa, em 1885. Foi casada com PEDRO GONÇALVES DE MATOS, com quem teve a filha[172]:
1(VIII)- MARIA, com 11 anos no inventário do avô materno (1885).

§ 11º

VII- MARIA FERREIRA PEDROSA, filha de Ezequiel Ferreira Pedrosa e de Felisbina Ferreira Pedrosa (nº. VI do § 10º). Casou-se com JOSÉ GONÇALVES DE MATOS, com quem teve os seguintes filhos, todos batizados na Matriz de Nossa Senhora de Nazaré da Cachoeira do Campo[173]:
1(VIII)- ROSA, batizada em 11-JAN-1884, mas nascida no mês de DEZ-1883.
2(VIII)- JOSÉ, nascido em 10-SET-1886 e batizado no dia 26 subsequente, tendo como padrinhos José Dias Coelho e (Ana?) Joaquina Rodrigues França.
3(VIII)- OLINA (?), nascida aos 25-JUN-1888, foi batizada em Cachoeira do Campo, no dia 8-JUL-1888, tendo como padrinhos: Cândido Gonçalves de Matos e Felisberta Rodrigues Silva.
4(VIII)- LUCAS, nascido no dia 5-JUN-1889, foi batizado em Cachoeira do Campo, aos 25-JUN-1889, tendo como padrinhos: Lucas Antônio Seabra e Antônia Ferreira Seabra.

---

172 Cf. inventário de Ezequiel Ferreira Pedrosa (Arquivo da Casa Setecentista do Pilar – Ouro Preto – códice 38 – autos 467 – 1885 - 1º Ofício).

173 Livro de Batizados da Freguesia de Cachoeira do Campo (1876 a 1904) – p. 30v, 57, 79v, 99v (Arquivo Eclesiástico da Arquidiocese de Mariana –F-25). Agradecemos à Sra. Luciana Viana Assunção, funcionária da Arquidiocese de Mariana, pela gentileza de nos encaminhar as informações sobre os assentos dos batismos de Olina (?) e Lucas.

§ 12º

VII- DOMETILDES FERREIRA PEDROSA (ou DOMITILDA), filha de Ezequiel Ferreira Pedrosa e de Felisbina Ferreira Pedrosa (nº. VI do § 10º). Foi casada com ANTÔNIO GONÇALVES DE MATOS. Residiam na Freguesia de Cachoeira do Campo, onde ela faleceu, com 25 anos de idade, aos 17-FEV-1886, sendo sepultada no Cemitério do Santíssimo Sacramento, na referida localidade, ocasião em que seu nome foi assinalado como DOMITILA FERREIRA PEDROSA[174]. O inventário dela foi iniciado em 12-NOV-1888, na Comarca de Ouro Preto, do qual se depreende que deixou poucos bens, sendo os móveis avaliados em 147$500, os semoventes em 231$000 e os bens de raiz em 2:102$648, totalizando 2:481$148. Abatidas as custas, restou o montante líquido de 2:215$648. Entre os bens de raiz, deixou uma casa na fazenda denominada Holanda, com um pequeno paiol, avaliada em 350$000; terreno com meio alqueire de planta de milho, por 50$000; pasto fechado de valos, situado abaixo da mencionada casa, sendo terras de campos e de planta de milho 3,5 alqueires, pelo valor de 250$000; um moinho, por 10$000; terras de cultura e campo na fazenda denominada Chiqueiro dos Alemães de Ezequiel Ferreira Pedrosa, no valor de 292$648; pasto fechado por muros e valos no lugar denominado Urubus, com 5 alqueires, avaliado em 500$000; um corte de terras de cultura no lugar denominado Lavra Seca, com 10 alqueires de planta de milho ou 48,4 hectares, no valor de 500$000. O viúvo ficou com a meação de 1:107$824 e cada filho recebeu 553$912 de herança[175]. Pais de:

1(VIII)- AFONSO, com 9 anos na época da abertura do inventário materno (1888).

2(VIII)- JOSÉ GONÇALVES DE MATOS, com 7 anos em 1888, natural do Distrito de Cachoeira do Campo, onde era morador no ano de 1903, segundo inventário materno.

§ 13º

V- ANA BÁRBARA FERREIRA PEDROSA, também chamada ANA BÁRBARA FERREIRA, ANA BÁRBARA PEDROSA ou apenas ANA PEDROSA, filha de Manuel Pedrosa Ferreira e de Luísa Rosa de Jesus (nº.

---

174 Livro de Batizados da Freguesia de Cachoeira do Campo (1876 a 1904) – p. 48v (Arquivo Eclesiástico da Arquidiocese de Mariana –F-25).

175 Arquivo da Casa Setecentista do Pilar – Ouro Preto – códice 33 – autos 382 – 1888 - 1º Ofício.

IV do § 5º). Veio a se casar aos 21-JAN-1810, em Cachoeira do Campo, com ANTÔNIO ALVES GÓIS, filho de Antônio Alves Góis e Luciana Josefa do Rosário[176]. No censo de 1831, em Cachoeira do Campo, ambos foram qualificados como brancos, sendo ele carpinteiro, com 44 anos de idade; ela com 37 anos e trabalhava na lavoura; ocasião em que possuíam 3 escravos[177]. Mantiveram a quantidade de escravos no censo de Cachoeira do Campo em 1838, época em que ele declarou ter 52 anos, que era da lavoura e sabia ler, tendo ela 40 anos de idade[178]. Antônio Alves Góis veio a falecer no dia 11-ABR-1853, com 64 anos de idade, sendo seu corpo envolto em hábito de Nossa Senhora do Monte do Carmo, da qual era irmão, e sepultado dentro da Matriz de Nossa Senhora de Nazaré da Cachoeira do Campo[179]. Tiveram os seguintes filhos, segundo os referidos censos:

1(VI)- ANTÔNIO ALVES GÓIS que, em 1831, teria 22 anos, era solteiro e vivia da lavoura. Com a mesma qualificação, no censo de 1838, declarou ter 26 anos.

2(VI)- JOAQUINA BÁRBARA FERREIRA que, segundo o censo de Cachoeira do Campo, em 1831, teria 18 anos de idade, era solteira e vivia de tear algodão. Casou-se, no dia 6-JAN-1837, em Cachoeira do Campo, com JOSÉ GONÇALVES DE OLIVEIRA, filho de Manuel Gonçalves de Oliveira e de Joana Rodrigues Fontes[180]. Na ocasião, ele declarou ter 20 anos de idade e ela 18 anos[181].

3(VI)- MARIA, com 18 anos e solteira em 1838.

4(VI)- JOÃO ALVES que, em 1838, tinha 20 anos, era solteiro, sabia ler e trabalhava na lavoura.

5(VI)- ANA, que recebeu o sacramento do batismo aos 18-JAN-1824, na Matriz de Nossa Senhora de Nazaré da Cachoeira do Campo. Seus padrinhos foram: Capitão Joaquim José Pereira e sua

---

176 Livro de Casamentos da Freguesia de Cachoeira do Campo – 1734 a 1842 - p. 125v (Arquivo Eclesiástico da Arquidiocese de Mariana – AA-13).

177 Arquivo Público Mineiro, mapas de população, caixa 1, documento 9.

178 Arquivo Público Mineiro, mapas de população, caixa 1, documento 18.

179 Livro de Óbitos da Freguesia de Cachoeira do Campo – 1848 a 1856 - p. 16v (Arquivo Eclesiástico da Arquidiocese de Mariana - AA-21).

180 TRINDADE, Cônego R. *Velhos Troncos Mineiros*, v. II, p. 133, N4 do nº. 103-Rodrigues Fontes.

181 Livro de Casamentos da Freguesia de Cachoeira do Campo – 1734 a 1842 - p. 151v (Arquivo Eclesiástico da Arquidiocese de Mariana – AA-13).

mulher, Ana Rosa do Sacramento[182], que era solteira e tinha 16 anos em 1838.

6(VI)- HENRIQUETA, que foi batizada em 7-SET-1821, na Matriz de Nossa Senhora de Nazaré da Cachoeira do Campo[183].

7(VI)- JOSÉ ALVES, batizado no dia 10-JAN-1826, na Matriz de Nossa Senhora de Nazaré da Cachoeira do Campo[184].

8(VI)- LEONOR, com 10 anos em 1838.

9(VI)- FRANCISCA, que recebeu o primeiro sacramento aos 24-JUN-1831, na Matriz de Nossa Senhora de Nazaré da Cachoeira do Campo, tendo como padrinhos: Francisco Ferreira Pedrosa e sua mulher Ana Gomes[185].

10(VI)- LUCINDA, batizada no dia 10-AGO-1836, na Freguesia de Nossa Senhora de Nazaré da Cachoeira do Campo. Seus padrinhos foram: Felipe Ferreira Pedrosa e sua mulher Maria Úrsula da Silveira, moradores na Lavra, sua aplicação de Santo Antônio do Monte[186].

§ 14º

V- FELÍCIA PEDROSA FERREIRA ou FELÍCIA FERREIRA PEDROSA ou, apenas, FELÍCIA PEDROSA, filha de Manuel Pedrosa Ferreira e de Luísa Rosa de Jesus (nº. IV do § 5º). Casou-se com MANUEL ALVES GÓIS, aos 30-OUT-1816, na Capela de São Gonçalo do Tijuco, tendo como testemunhas: Felipe Ferreira Pedrosa e o Reverendo Francisco Ferreira da Fonseca[187]. Segundo o censo do Distrito de Cachoeira do Campo, Termo de Ouro Preto, de 1831, ambos eram brancos e tinham 27 anos de idade, sendo ele carpinteiro e ela da lavoura, possuidores de dois

---

182 Livro de Batismos da Freguesia de Cachoeira do Campo – 1813 a 1834 - p. 39v (Arquivo Eclesiástico da Arquidiocese de Mariana – AA-10).

183 Livro de Batismos da Freguesia de Cachoeira do Campo – 1813 a 1834 - p. 27v (Arquivo Eclesiástico da Arquidiocese de Mariana – AA-10).

184 Livro de Batismos da Freguesia de Cachoeira do Campo – 1813 a 1834 - p. 51v (Arquivo Eclesiástico da Arquidiocese de Mariana – AA-10).

185 Livro de Batismos da Freguesia de Cachoeira do Campo – 1813 a 1834 - p. 84v (Arquivo Eclesiástico da Arquidiocese de Mariana – AA-10).

186 Livro de Batismos da Freguesia de Cachoeira do Campo – 1836 a 1895 - p. 1v (Arquivo Eclesiástico da Arquidiocese de Mariana – AA-12).

187 Livro de Casamentos da Freguesia de Cachoeira do Campo – 1734 a 1842 - p. 132 (Arquivo Eclesiástico da Arquidiocese de Mariana – AA-13).

escravos[188]. Já em 1838, no censo da mesma localidade, ele figura como viúvo, sabia ler, vivia da lavoura e declarou ter 50 anos de idade, bem como tinha quatro escravos. Ela faleceu de parto, no dia 21-MAR-1837, com 46 anos de idade, sendo enterrada na cova da fábrica dentro da Matriz de Nossa Senhora de Nazaré da Cachoeira do Campo[189]. Pais de:

1(VI)- FORTUNATO ALVES GÓIS, que foi casado com MARIANA FERREIRA PEDROSA, com quem teve geração que segue.

2(VI)- LUÍSA, que foi batizada no dia 29-JUN-1819, na Capela de São Gonçalo do Tijuco, filial da Matriz de Nossa Senhora de Nazaré de Cachoeira do Campo[190]. Segundo o censo de 1831, ela fiava algodão. Não figura no censo de 1838.

3(VI)- JOAQUIM, nascido no dia 20-AGO-1820, mas batizado aos 28-OUT-1820, na Capela de São Gonçalo do Bação, Freguesia de Nossa Senhora de Nazaré de Cachoeira do Campo[191]. Deve ter falecido criança, pois não figura com os pais no censo de 1831.

4(VI)- CARLOTA, que recebeu o primeiro sacramento aos 25-OUT-1821, na Capela de São Gonçalo do Bação[192]. Fiava algodão, segundo o censo de 1831, e ainda era solteira em 1838.

5(VI)- FAUSTINO, que foi batizado na Capela de São Gonçalo do Bação, aos 23-NOV-1823, tendo como padrinhos: Faustino José da Silva e sua mulher Sabina Francisca da Rosa[193]. Em 1838, consta que sabia ler.

6(VI)- FERNANDO, que recebeu o sacramento do batismo no dia 18-DEZ-1826, na Capela de Santo Antônio do Monte, filial da Matriz de Nossa Senhora de Nazaré de Cachoeira do Campo. Seus padrinhos foram: David Pereira Lima e sua mulher Ana Joaquina dos Santos[194]. Segundo o censo de 1838, sabia ler.

---

188 Arquivo Público Mineiro, mapas de população, caixa 1, documento 9.

189 Livro de Óbitos da Freguesia de Cachoeira do Campo – 1823 a 1848 - p. 28 (Arquivo Eclesiástico da Arquidiocese de Mariana - AA-20).

190 Livro de Batismos da Freguesia de Cachoeira do Campo – 1813 a 1834 - p. 21 (Arquivo Eclesiástico da Arquidiocese de Mariana – AA-10).

191 Livro de Batismos da Freguesia de Cachoeira do Campo – 1813 a 1834 - p. 23A v (Arquivo Eclesiástico da Arquidiocese de Mariana – AA-10).

192 Livro de Batismos da Freguesia de Cachoeira do Campo – 1813 a 1834 - p. 28v (Arquivo Eclesiástico da Arquidiocese de Mariana – AA-10).

193 Livro de Batismos da Freguesia de Cachoeira do Campo – 1813 a 1834 - p. 40 (Arquivo Eclesiástico da Arquidiocese de Mariana – AA-10).

194 Livro de Batismos da Freguesia de Cachoeira do Campo – 1813 a 1834 - p. 57 (Arquivo Eclesiástico da Arquidiocese de Mariana – AA-10).

7(VI)- FRANCISCO, batizado em 2-JAN-1829, na Capela de São Gonçalo do Tijuco, filial da Matriz de Nossa Senhora de Nazaré de Cachoeira do Campo. Seus padrinhos foram: Francisco Ferreira Pedrosa e sua mulher Ana Gomes[195].

8(VI)- MODESTO, que veio a ser batizado no dia 6-JUN-1830, na Matriz de Nossa Senhora de Nazaré de Cachoeira do Campo, tendo como padrinhos o Capitão José de Sousa Reis e sua mulher Emerenciana Leocádia[196].

9(VI)- FELISBINA, batizada em 12-AGO-1832, na Igreja de Nossa Senhora de Nazaré de Cachoeira do Campo, tendo como padrinhos: Felipe Ferreira Pedrosa e sua mulher Maria Úrsula da Silveira[197]. Deve ter falecido na primeira infância, pois não é mencionada no censo de 1838.

10(VI)- JOSÉ, que recebeu o primeiro sacramento em 19-MAR-1834, na Igreja de Nossa Senhora de Nazaré de Cachoeira do Campo. Seus padrinhos foram: José Calixto Pedrosa e Rosa Gonçalves[198].

10(VI)- JUSTINA, com 4 anos no censo de 1838.

11(VI)- FELÍCIO, batizado aos 26-MAR-1837, na Igreja de Nossa Senhora de Nazaré de Cachoeira do Campo. Teve como padrinhos: José Calixto Pedrosa e Rosa Prudenciana[199].

VI- FORTUNATO ALVES GÓIS, que foi batizado aos 2-OUT-1817, na Capela de Santo Antônio do Monte, filial da Matriz de Nossa Senhora de Nazaré de Cachoeira do Campo. Foram seus padrinhos: Antônio Alves Góis e Faustina Maria de Jesus[200]. Solteiro, com 14 anos de idade e vivia da lavoura em 1831. Ainda era solteiro e sabia ler, segundo o censo de 1838. Veio a se casar com MARIANA FERREIRA PEDROSA, filha de

---

195 Livro de Batismos da Freguesia de Cachoeira do Campo – 1813 a 1834 - p. 75 (Arquivo Eclesiástico da Arquidiocese de Mariana – AA-10).

196 Livro de Batismos da Freguesia de Cachoeira do Campo – 1813 a 1834 - p. 78 (Arquivo Eclesiástico da Arquidiocese de Mariana – AA-10).

197 Livro de Batismos da Freguesia de Cachoeira do Campo – 1813 a 1834 - p. 89 (Arquivo Eclesiástico da Arquidiocese de Mariana – AA-10).

198 Livro de Batismos da Freguesia de Cachoeira do Campo – 1813 a 1834 - p. 99 (Arquivo Eclesiástico da Arquidiocese de Mariana – AA-10).

199 Livro de Batismos da Freguesia de Cachoeira do Campo – 1836 a 1895 - p. 12 (Arquivo Eclesiástico da Arquidiocese de Mariana – AA-10).

200 Livro de Batismos da Freguesia de Cachoeira do Campo – 1813 a 1834 - p. 15 (Arquivo Eclesiástico da Arquidiocese de Mariana – AA-10).

José Calixto Ferreira Pedrosa e de Rosa Prudenciana da Conceição[201] - nº. 11(VI) de nº V do § 9º. Pais de[202]:

1(VII)- JOAQUIM.

2(VII)- PEDRO.

3(VII)- PRUDÊNCIA ALVES PEDROSA, casada com ESTEVÃO FERREIRA PEDROSA, filho de Estevão Ferreira Pedrosa Júnior e de Maria Clara Rodrigues França (nº. V do § 48º).

§ 15º

V- FRANCISCO PEDROSA FERREIRA ou FRANCISCO FERREIRA PEDROSA, filho de Manuel Pedrosa Ferreira e de Luísa Rosa de Jesus (nº. IV do § 5º). Tinha 18 anos por ocasião do inventário do pai, em 1817. Veio a contrair núpcias no dia 7-ABR-1823, na Matriz de Nossa Senhora de Nazaré da Cachoeira do Campo, com ANA GOMES DA SILVA[203], também chamada ANA GOMES DE OLIVEIRA. No censo de São Gonçalo do Tijuco, atual Amarantina, em 1831, figuram como FRANCISCO PEDROSA e ANA GOMES, ambos brancos, ele tropeiro, com 32 anos de idade; ela fiadeira, com 31 anos; além de possuírem dois escravos[204]. Tiveram os seguintes filhos, dos quais os cinco primeiros figuram no censo de 1831:

1(VI)- MANUEL PEDROSA, que recebeu o sacramento do batismo em 8-JUN-1824, na Capela de São Gonçalo do Tijuco, filial da Matriz de Nossa Senhora de Nazaré da Cachoeira do Campo. Padrinhos: Felipe Ferreira Pedrosa e Luísa Rosa de Jesus[205].

2(VI)- RITA PEDROSA, batizada no dia 12-OUT-1826, na Capela de São Gonçalo do Tijuco, filial da Matriz de Nossa Senhora de

---

201 Cf. processo de dispensa matrimonial de Estevão Ferreira Pedrosa e de Prudência Alves Pedrosa (Arquivo Eclesiástico da Arquidiocese de Mariana. Processo Matrimonial nº. 87453, arm. 35, pasta 8746, ano 1888, Itabirito).

202 Livro de Casamentos da Freguesia de Cachoeira do Campo – 1861 a 1869 - p. 19 e 58v (Arquivo Eclesiástico da Arquidiocese de Mariana – AA-11).

203 Livro de Casamentos da Freguesia de Cachoeira do Campo – 1734 a 1842 - p. 138v (Arquivo Eclesiástico da Arquidiocese de Mariana – AA-13).

204 Arquivo Público Mineiro, mapas de população, caixa 1, documento 8.

205 Livro de Batismos da Freguesia de Cachoeira do Campo – 1813 a 1834 - p. 45v (Arquivo Eclesiástico da Arquidiocese de Mariana – AA-10).

Nazaré da Cachoeira do Campo. Seus padrinhos foram: Fernando Pereira de Sousa e sua mulher Angélica Eufrásia de Oliveira[206].

3(VI)- ANTÔNIO PEDROSA, que foi batizado aos 25-JAN-1829, na Matriz de Nossa Senhora de Nazaré da Cachoeira do Campo, tendo como padrinhos: Joaquim Gomes de Oliveira e Ana Gomes de Oliveira[207].

4(VI)- ESTEVÃO PEDROSA, batizado no dia 21-SET-1830, na Capela de São Gonçalo do Tijuco, filial da Matriz de Nossa Senhora de Nazaré da Cachoeira do Campo. Seus padrinhos foram: Estevão Ferreira Pedrosa e sua mulher Ana Joaquina do Espírito Santo[208].

5(VI)- MARIA PEDROSA, que recebeu o sacramento do batismo em 29-SET-1830, na Matriz de Nossa Senhora de Nazaré da Cachoeira do Campo. Padrinhos: José Calixto Pedrosa e sua mulher Rosa Clemência da Conceição[209].

6(VI)- FELÍCIA, batizada em 11-MAR-1832, na Matriz de Nossa Senhora de Nazaré da Cachoeira do Campo, tendo como padrinhos Manuel Joaquim Santos e Senhorinha Pedrosa[210].

7(VI)- SILVANA, que foi batizada no dia 15-OUT-1837, na Matriz de Nossa Senhora de Nazaré da Cachoeira do Campo. Teve como padrinhos Felipe Ferreira Pedrosa e Maria Úrsula da Silveira[211].

§ 16º

IV- JOSÉ TOMÁS PEDROSA, filha de Manuel Ferreira Pedrosa e de Maria Machada do Espírito Santo (nº. III do § 3º). Foi batizado em 13-MAR-1780, na Capela de São Gonçalo do Tijuco, tendo como padrinho: Manuel

---

206 Livro de Batismos da Freguesia de Cachoeira do Campo – 1813 a 1834 - p. 59 (Arquivo Eclesiástico da Arquidiocese de Mariana – AA-10).

207 Livro de Batismos da Freguesia de Cachoeira do Campo – 1813 a 1834 - p. 71 (Arquivo Eclesiástico da Arquidiocese de Mariana – AA-10).

208 Livro de Batismos da Freguesia de Cachoeira do Campo – 1813 a 1834 - p. 82 (Arquivo Eclesiástico da Arquidiocese de Mariana – AA-10).

209 Livro de Batismos da Freguesia de Cachoeira do Campo – 1813 a 1834 - p. 79v (Arquivo Eclesiástico da Arquidiocese de Mariana – AA-10).

210 Livro de Batismos da Freguesia de Cachoeira do Campo – 1813 a 1834 - p. 87 (Arquivo Eclesiástico da Arquidiocese de Mariana – AA-10).

211 Livro de Batismos da Freguesia de Cachoeira do Campo – 1836 a 1895 - p. 13v/14 (Arquivo Eclesiástico da Arquidiocese de Mariana – AA-12).

Rodrigues de Carvalho[212]. Veio a contrair núpcias aos 23-OUT-1815, na Matriz de Nossa Senhora de Nazaré da Cachoeira do Campo, com ANGÉLICA DA SILVA ou ANGÉLICA MARIA DA SILVA[213]. Ela era moradora em São Gonçalo do Tijuco e ele já falecido em 1828, por ocasião do testamento do irmão, Luís Pedrosa Ferreira[214]. Em 1831, ela aparece no censo de São Gonçalo do Tijuco, fogo 17, com 39 anos de idade, no estado de viúva, qualificada como fiadeira[215]. Pais de:

1(V)- FRANCISCA FERREIRA PEDROSA, solteira, com 15 anos de idade e fiadeira, conforme censo de 1831.

1(V)- DIMAS FERREIRA PEDROSA, batizado na Matriz de Nossa Senhora da Conceição da Cachoeira do Campo, aos 29-AGO-1819, sendo padrinhos: Felipe Ferreira Pedrosa e Joaquina Maria[216]. Foi qualificado como jornaleiro no censo de 1831.

2(V)- MARIA, batizada em 12-MAIO-1822, na Capela de São Gonçalo do Tijuco, filial da Matriz de Nossa Senhora de Nazaré, sendo padrinhos José Coelho dos Santos e Josefa Rodrigues da Silva[217]. Não figura no censo de 1831.

3(V)- MANUEL FERREIRA PEDROSA, batizado na Capela de São Gonçalo do Tijuco, no dia 17-OUT-1824, sendo padrinhos: Alferes Joaquim Gomes de Oliveira e sua mulher Maria Madalena[218]. Segundo o censo de 1831, tinha 10 anos.

§ 17º

IV- MARIA MADALENA PEDROSA ou ANA MARIA MADALENA, filha de Manuel Ferreira Pedrosa e de Maria Machada do Espírito Santo (nº. III

---

212 Livro de Batismos da Freguesia de Cachoeira do Campo – 1772 a 1787 - p. 62 (Arquivo Eclesiástico da Arquidiocese de Mariana – AA-8).

213 Livro de Casamentos da Freguesia de Cachoeira do Campo – 1734 a 1842 - p. 131 (Arquivo Eclesiástico da Arquidiocese de Mariana – AA-13).

214 Arquivo da Casa Setecentista do Pilar – Ouro Preto – códice 328 – autos 6921 – 1831 - 1º Ofício.

215 Arquivo Público Mineiro, mapas de população, caixa 1, documento 8.

216 Livro de Batismos da Freguesia de Cachoeira do Campo - p. 21 (Arquivo Eclesiástico da Arquidiocese de Mariana – AA-10).

217 Livro de Batismos da Freguesia de Cachoeira do Campo – 1822 a 1834 - p. 38v (Arquivo Eclesiástico da Arquidiocese de Mariana – AA-10).

218 Livro de Batismos da Freguesia de Cachoeira do Campo – 1822 a 1834 - p. 46v (Arquivo Eclesiástico da Arquidiocese de Mariana – AA-10).

do § 3º). Foi batizada na Capela de São Gonçalo do Tijuco, no dia 19-MAIO-1782, sendo padrinho o contratador João Rodrigues de Macedo, da Freguesia de Vila Rica[219]. Foi casada com o Tenente JOAQUIM GOMES DE OLIVEIRA MOURA ou JOAQUIM GOMES DE OLIVEIRA ou apenas JOAQUIM GOMES, filho de Francisco Gomes de Moura e Isabel Maria do Rosário. Ambos eram naturais da Freguesia de Nossa Senhora de Nazaré da Cachoeira do Campo, tendo contraído núpcias na Capela de São Gonçalo do Tijuco, em 4-JUL-1800[220]. Constam no censo de São Gonçalo do Tijuco, em 1831, sendo brancos, ele roceiro, com 48 anos de idade; e ela fiadeira, com 46 anos; além de possuírem nove escravos[221]. Ele veio a falecer aos 65 anos de idade, no dia 14-JUL-1849, sendo seu corpo envolto em hábito de Nossa Senhora do Monte do Carmo, da qual era irmão, acompanhado por dois sacerdotes e sepultado dentro da Capela de São Gonçalo do Tijuco[222]. Tiveram os seguintes filhos, os quais eram solteiros, por ocasião do referido censo:

1(V)- ANA GOMES, fiadeira, com 22 anos em 1831.
2(V)- JUSTA GOMES, também fiadeira, com 20 anos na mesma época.
3(V)- ANGÉLICA GOMES, fiadeira, com 18 anos.
4(V)- HONÓRIO, beneficiado no testamento do tio Luís Pedrosa Ferreira em 1828, mas não figura no censo em 1831.
5(V)- JOSÉ, também foi beneficiado no testamento do tio Luís Pedrosa Ferreira e não figura no censo em 1831.
4(V)- MARIA GOMES, com 12 anos, fiadeira. Foi beneficiada no testamento do tio Luís Pedrosa Ferreira.
5(V)- JULIANA GOMES, com 9 anos e fiadeira.
6(V)- FELICIMA GOMES, com 8 anos de idade.
7(V)- ANA GOMES, com 6 anos.
8(V)- JOAQUIM GOMES, com 4 anos.

§ 18º

---

219 Livro de Batismos da Freguesia de Cachoeira do Campo – 1772 a 1787 - p. 70v (Arquivo Eclesiástico da Arquidiocese de Mariana – AA-8).

220 Livro de Casamentos da Freguesia de Cachoeira do Campo – 1734 a 1842 - p. 117 (Arquivo Eclesiástico da Arquidiocese de Mariana – AA-13).

221 Arquivo Público Mineiro, mapas de população, caixa 1, documento 8.

222 Livro de Óbitos da Freguesia de Cachoeira do Campo – 1848 a 1856 - p. 3 (Arquivo Eclesiástico da Arquidiocese de Mariana – AA-21).

IV- ANA MARIA DE JESUS ou ANA FERREIRA PEDROSA, filha de Manuel Ferreira Pedrosa e de Maria Machada do Espírito Santo (nº. III do § 3º). Natural da Freguesia de Cachoeira do Campo, casou-se na matriz dessa localidade, aos 22-JUL-1811, com o português MANUEL JOSÉ DA CUNHA, natural da Freguesia da Conceição de Travanca, Arcebispado de Braga, filho de Manuel José da Cunha e Maria Teresa[223]. Ana recebeu o sacramento do batismo aos 27-FEV-1785, na Capela de São Gonçalo do Tijuco, filial da Matriz de Nossa Senhora de Nazaré da Cachoeira do Campo. Os padrinhos foram: Luís Gomes de Carvalho e Ana Teodora[224]. Pais de, pelo menos:

1(V)- LUÍS, batizado aos 25-DEZ-1814, na Capela de São Gonçalo do Tijuco, Freguesia de Nossa Senhora de Nazaré da Cachoeira do Campo. Padrinhos: Luís Ferreira Pedrosa e Antônio Felícia[225].

2(V)- ANTÔNIO, batizado aos 27-DEZ-1819, na Capela de São Gonçalo do Tijuco, sendo padrinhos Estevão Ferreira Pedrosa e Justa Ferreira Pedrosa[226].

§ 19º

IV- LUÍS PEDROSA FERREIRA ou LUÍS FERREIRA PEDROSA, filho de Manuel Ferreira Pedrosa e de Maria Machada do Espírito Santo (nº. III do § 3º). Nascido por volta de 1769, na Freguesia de Nossa Senhora de Nazaré da Cachoeira do Campo, era proprietário e residia na Fazenda do Riacho de São Gonçalo do Tijuco, onde fez testamento em 3-JAN-1828. Em suas disposições de última vontade, beneficiou diversos parentes e afilhados, pedindo para que seu corpo fosse amortalhado no hábito de Nossa Senhora do Monte do Carmo, da qual era irmão terceiro, na cidade de Ouro Preto, declarando, ainda, que era irmão de Nossa Senhora da Lapa de Antônio Pereira[227]. Faleceu no Arraial do Tijuco em 1º-OUT-1829[228],

---

223 Livro de Casamentos da Freguesia de Cachoeira do Campo – 1734 a 1842 - p. 126v (Arquivo Eclesiástico da Arquidiocese de Mariana – AA-13).

224 Livro de Batismos da Freguesia de Cachoeira do Campo – 1772 a 1787 - p. 81 (Arquivo Eclesiástico da Arquidiocese de Mariana – AA-8).

225 Livro de Batismos da Freguesia de Cachoeira do Campo – 1822 a 1834 - p. 5v (Arquivo Eclesiástico da Arquidiocese de Mariana – AA-10).

226 Livro de Batismos da Freguesia de Cachoeira do Campo – 1822 a 1834 - p. 22 (Arquivo Eclesiástico da Arquidiocese de Mariana – AA-10).

227 Arquivo da Casa Setecentista do Pilar – Ouro Preto – códice 328 – autos 6921 – 1831 - 1º Ofício.

sem deixar filhos de seu matrimônio com ANTÔNIA FELÍCIA DA SILVA, filha do Capitão João José Coelho da Silva e Luísa Ferreira Pedrosa - nº. 1(IV) de nº. III do § 1º retro. Porém, em seu testamento, declarou que, no estado de solteiro, teve quatro filhos naturais, havidos, respectivamente, pela ordem abaixo, de LAURIANA DAS MERCÊS, MARIA DAS NEVES, ANTÔNIA BATISTA e ANA VAZ:

1(V)- FRANCISCO DE BORGES PEDROSA (ou PEDROSO), que foi casado com ANA FERREIRA DO SACRAMENTO, com geração que segue.

2(V)- PEDRO FERREIRA PEDROSA era feitor do pai e todos os anos recebia sua porção.

3(V)- ROSA FERREIRA PEDROSA ou ROSA PEDROSA, casada com FRANCISCO JOSÉ ANTUNES, com geração no § 20º.

4(V)- MARIA VAZ, moradora na Bertioga, Comarca do Rio das Mortes, assim como sua mãe Ana Vaz[229].

V- FRANCISCO DE BORGES PEDROSA (ou PEDROSO), filho de Luís Pedrosa Ferreira com Lauriana das Mercês (nº IV acima). Foi casado com ANA FERREIRA DO SACRAMENTO. No ano de 1831, eles figuram no censo de São Gonçalo do Tijuco, filial de Nossa Senhora da Conceição de Cachoeira do Campo, no 2º quarteirão, fogo 4, sendo ambos qualificados como pardos, ele com 30 anos de idade e ela com 26, de profissão fiandeira[230]. Do mesmo censo, consta que possuíam sete escravos e que o casal teve os seguintes filhos, todos qualificados como pardos:

1(VI)- MARIA FERREIRA PEDROSA, com 8 anos de idade em 1831.

2(VI)- JOAQUINA FERREIRA PEDROSA, com 7 anos.

3(VI)- LAURIANO FERREIRA PEDROSA, com 5 anos.

4(VI)- ANTÔNIA FERREIRA PEDROSA, batizada no dia 25-OUT-1829, na Capela de São Gonçalo do Tijuco, filial da Matriz de Cachoeira do Campo[231].

---

228 Livro de Óbitos da Freguesia de Cachoeira do Campo – 1823 a 1848 - p. 4 v (Arquivo Eclesiástico da Arquidiocese de Mariana - AA-20).

229 Maria Vaz é, *provavelmente*, a Maria, exposta a Luís Ferreira Pedrosa, que foi batizada aos 24-FEV-1815, na Capela de São Gonçalo do Tijuco (Livro de Batismos da Freguesia de Cachoeira do Campo – 1822 a 1834 - p. 8 - Arquivo Eclesiástico da Arquidiocese de Mariana – AA-10).

230 Arquivo Público Mineiro, mapas de população, caixa 1, documento 8.

231 Livro de Batismos da Freguesia de Cachoeira do Campo – 1813 a 1834 - p. 76 (Arquivo Eclesiástico da Arquidiocese de Mariana – AA-10).

5(VI)- LUÍS FERREIRA PEDROSA, batizado na Matriz de Cachoeira do Campo, aos 30-DEZ-1830, tendo como padrinhos: Estevão Ferreira Pedrosa e Ana Joaquina Ribeiro[232].

§ 20º

V- ROSA FERREIRA PEDROSA ou somente ROSA PEDROSA, filha de Luís Pedrosa Ferreira e de Antônia Batista (nº IV do § 19º). Foi casada com FRANCISCO JOSÉ ANTUNES. Ambos foram qualificados como pardos, ele com 37 anos de idade, roceiro; ela com 34, fiandeira. Possuíam cinco escravos, segundo censo de 1831, em São Gonçalo do Tijuco[233].
Francisco José Antunes faleceu, de queimadura, com 45 anos de idade, no dia 14-JAN-1847, ocasião na qual sua mulher morava na aplicação de São Gonçalo do Tijuco[234]. Rosa Pedrosa veio a falecer no dia 20-DEZ-1837, com 45 anos[235]. Ambos foram enterrados dentro da Capela de São Gonçalo do Tijuco, filial da Matriz de Nossa Senhora de Nazaré da Cachoeira do Campo. Tiveram os seguintes filhos que, com exceção do último, constam do referido censo, todos qualificados como pardos:

1(VI)- CESÁRIO JOSÉ ANTUNES, que era caixeiro e tinha 14 anos de idade em 1831.
5(VI)- VALERIANA, com 10 anos na mesma ocasião.
2(VI)- INÁCIO JOSÉ ANTUNES, com 9 anos.
3(VI)- RUFINO JOSÉ ANTUNES, com 6 anos.
6(VI)- MARIANA ANTUNES, com 6 anos.
4(VI)- ESTEVÃO JOSÉ ANTUNES, batizado no dia 16-ABR-1828, na Matriz de Nossa Senhora de Nazaré da Cachoeira do Campo, tendo como padrinho Francisco de Borja Pedrosa, por procuração que apresentou Ana ... do Sacramento[236].
7(VI)- SENHORINHA ANTUNES, que foi batizada aos 30-NOV-1829, na Capela de São Gonçalo do Tijuco, filial da Matriz de Nossa Senhora de Nazaré da Cachoeira do Campo. Teve como

---

232 Livro de Batismos da Freguesia de Cachoeira do Campo – 1813 a 1834 - p. 81 (Arquivo Eclesiástico da Arquidiocese de Mariana – AA-10).

233 Arquivo Público Mineiro, mapas de população, caixa 1, documento 8.

234 Livro de Óbitos da Freguesia de Cachoeira do Campo – 1823 a 1848 - p. 27 (Arquivo Eclesiástico da Arquidiocese de Mariana - AA-20).

235 Livro de Óbitos da Freguesia de Cachoeira do Campo – 1823 a 1848 - p. 31v (Arquivo Eclesiástico da Arquidiocese de Mariana - AA-20).

236 Livro de Batismos da Freguesia de Cachoeira do Campo – 1813 a 1834 - p. 66v (Arquivo Eclesiástico da Arquidiocese de Mariana – AA-10).

padrinhos: Felipe Ferreira Pedrosa e sua mulher Maria Úrsula de Jesus[237].

8(VI)- JOSÉ, que recebeu o sacramento do batismo em 4-DEZ-1831, na Matriz de Nossa Senhora de Nazaré da Cachoeira do Campo, tendo como padrinhos: Egino Gomes Ribeiro e Antônia Felícia da Silva[238].

§ 21º

IV- **ESTEVÃO FERREIRA PEDROSA**, batizado em 3-JUL-1788, na Capela de São Gonçalo do Tijuco, filial da Matriz de Nossa Senhora de Nazaré da Cachoeira do Campo[239], filho de Manuel Ferreira Pedrosa e de Maria Machada do Espírito Santo (nº. III do § 3º). Contraiu núpcias na mesma capela, em 11-FEV-1823, com **ANA JOAQUINA RODRIGUES** ou **ANA JOAQUINA RODRIGUES PEIXOTO** ou **ANA RODRIGUES PEIXOTO** ou, ainda, **ANA JOAQUINA RIBEIRA** ou, apenas, **ANA RODRIGUES**, filha do Sargento-Mor **Francisco Rodrigues Peixoto** e de **Ana Joaquina Ribeira** - nº. 4(IV) do nº. III do § 2º do Capítulo 4º - família RODRIGUES PEIXOTO. As testemunhas do matrimônio foram: Felipe Ferreira Pedrosa, Capitão Francisco Rodrigues Peixoto e Alferes Bernardo Gomes[240].

Em 1823, eles foram dispensados dos impedimentos de 4º grau misto ao 3º em linha transversal e de afinidade ilícita duplicado em 2º grau: o pai de Estevão Ferreira Pedrosa era primo-irmão da avó de Ana Joaquina Ribeira, bem como porque o orador conheceu carnalmente as duas primas coirmãs da oradora[241].

O casal aparece no recenseamento de 1831, no Distrito da Capela de São Gonçalo do Tijuco, filial de Nossa Senhora de Nazaré da Cachoeira do

---

237 Livro de Batismos da Freguesia de Cachoeira do Campo – 1813 a 1834 - p. 76v (Arquivo Eclesiástico da Arquidiocese de Mariana – AA-10).

238 Livro de Batismos da Freguesia de Cachoeira do Campo – 1813 a 1834 - p. 86 (Arquivo Eclesiástico da Arquidiocese de Mariana – AA-10).

239 Arquivo Eclesiástico da Arquidiocese de Mariana. Processo Matrimonial nº. 87452, arm. 35, pasta 8746, ano 1823, Itabirito.

240 Livro de Casamentos da Freguesia de Cachoeira do Campo – 1734 a 1842 - p. 138 (Arquivo Eclesiástico da Arquidiocese de Mariana – AA-13).

241 Arquivo Eclesiástico da Arquidiocese de Mariana. Processo Matrimonial nº. 87452, arm. 35, pasta 8746, ano 1823, Itabirito.

Campo, Termo de Ouro Preto, ele com 43 anos de idade, qualificado como tropeiro; ela com 30 anos, fiadeira. Na ocasião, tinham nove escravos[242].

Ele fez testamento aos 24-FEV-1852, em sua Fazenda do Maracujá, onde morava, situada no Distrito de São Gonçalo do Tijuco, Freguesia de Cachoeira do Campo, no qual reconheceu quatro filhos havidos no estado de solteiro, declarando, ainda, que teve mais nove filhos de sua mulher Ana Joaquina Rodrigues[243].

Em suas disposições de última vontade, Estevão Ferreira Pedrosa pediu, entre outras disposições, que fosse sepultado na Capela de São Gonçalo do Tijuco, na cova de sua mãe[244]. Ele veio a falecer em 11-JUN-1853 e seu corpo, envolto em hábito de Nossa Senhora do Monte do Carmo, de cuja ordem era irmão, sendo conduzido em caixão acompanhado por quatro sacerdotes que celebraram missas de corpo presente e sepultado dentro da Capela de São Gonçalo do Tijuco, filial da Matriz de Nossa Senhora de Nazaré da Cachoeira do Campo[245].

Do inventário de Estevão Ferreira Pedrosa, iniciado em 6-JUL-1853 e processado em Ouro Preto, constam vários bens, entre os quais: moeda de ouro, moeda de prata, uma corrente de relógio em ouro com sua pedra de topázio amarelo, um rosário com crucifixo de ouro, outra moeda de ouro, moeda de cobre, uma corrente de relógio em ouro, prataria (uma faca avaliada em 12 mil réis, um par de esporas por 25 mil réis, uma cabeça e rabicho de prata por 24 mil réis, mais um relógio antigo em caixa de prata por 14 mil réis), objetos em cobre, estanho e latão. O monte-mor foi avaliado em 35:861$610[246].

Aos 31-MAR-1856, no Tijuco (atual Amarantina), Ana Joaquina Ribeira (ou Ana Joaquina Rodrigues) declarou, por meio de seu filho Estevão Ferreira Pedrosa, que possuía um corte de terras no Pombo, na Freguesia da Cachoeira do Campo, dividindo, por suas pastagens e campos do Maracujá, com somente 3 alqueires de planta de milho[247]. Na mesma

---

242 Arquivo Público Mineiro, mapas de população, caixa 1, documento 8.

243 Cf. inventário (Arquivo da Casa Setecentista do Pilar – Ouro Preto – códice 39 – autos 473 – 1853 - 1º Ofício).

244 Cf. inventário (Arquivo da Casa Setecentista do Pilar – Ouro Preto – códice 39 – autos 473 – 1853 - 1º Ofício).

245 Livro de Óbitos da Freguesia de Cachoeira do Campo – 1848 a 1856 - p. 18 (Arquivo Eclesiástico da Arquidiocese de Mariana - AA-21).

246 Arquivo da Casa Setecentista do Pilar – Ouro Preto – códice 39 – autos 473 – 1853 - 1º Ofício.

247 Arquivo Público Mineiro – Registros Paroquiais de Terras – Cachoeira do Campo – RP 000051 – p. 25.

ocasião, declarou um corte de terras no Cipriano, situado na mesma freguesia, dividindo pela nascente com Cesário Ferreira Pedrosa, pelo norte com a estrada de Itabira e pelo poente e pelo sul com João Rodrigues Peixoto Ribeiro, medindo 5 alqueires de planta de milho[248].

Ana Joaquina Rodrigues ou Ana Rodrigues Peixoto aparece como viúva e com 59 anos de idade no censo de 1867, em Itabira do Campo (atual Itabirito), junto com o filho Francisco Rodrigues Pedrosa[249]. Ela foi inventariada em Ouro Preto, tendo o processo se iniciado em 17-OUT-1878, do qual constam, entre outros bens, objetos em cobre, ferro e madeira; louças; vários bois e vacas; dívidas ativas; um pastinho denominado "da Fonte", murado de pedra, avaliado por 80$000; outro pastinho situado no quintal, murado de pedras, avaliado em 60$000; um moinho no valor de 60$000; metade da casa de vivenda assobradada, coberta de telhas, com muitos e diversos cômodos, currais e paiol, no valor de 850$000; um moinho, por 120$000; um engenho bom, próprio de fazer farinha de mandioca, com todos os seus pertences, avaliados em 600$000; um pasto no lugar denominado "do engenho", todo mudado de pedra, por 350$000; outro pasto no lugar denominado "do Bau", pelo valor de 400$000; pasto grande, por 350$000; cinco alqueires e mais de terras de cultura denominado "do Cypriano", avaliados em 220$000; dois alqueires de terras de cultura, no lugar denominado "a Rocha", pelo valor de 124$000; pasto da roça com plantação de feijão e campinho, no valor de 680$000. Além disso, constam outros bens de raiz no lugar denominado Ponte Nova, distante da Fazenda do Maracujá, entre eles: pasto do Gambá, com 10 alqueires, avaliado em 100$000; terras de cultura da Fazenda Laranjeiras, com 18 alqueires, no valor de 990$000; terras de cultura no lugar denominado Capela, medindo 4 alqueires, pelo valor de 240$000; pasto denominado Capela, todo valado, com 4 alqueires, por 140$000. Desse inventário consta, ainda, uma relação de 18 escravos, datada de 31-JUL-1872[250].

Estevão Ferreira Pedrosa teve um filho natural com FRANCISCA VAZ DA FONSECA, esta já falecida por ocasião do testamento dele[251]:

---

248 Arquivo Público Mineiro – Registros Paroquiais de Terras – Cachoeira do Campo – RP 000052 – p. 25v.

249 Arquivo Público Mineiro, mapas de população, caixa 13, documento 3.

250 Arquivo da Casa Setecentista do Pilar – Ouro Preto – códice 09 – autos 88 – 1878 - 1º Ofício.

251 Cf. inventário (Arquivo da Casa Setecentista do Pilar – Ouro Preto – códice 39 – autos 473 – 1853 - 1º Ofício).

1(V)- LUÍS FERREIRA PEDROSA casou-se com ANA ANDREZA DOS SANTOS, com quem teve uma filha, conforme segue adiante.

No referido testamento, Estevão Ferreira Pedrosa reconheceu, ainda, dois filhos naturais havidos com **BRÍZIDA MARIA DA SILVA**, também já falecida na ocasião. São eles:

2(V)- EULINA FERREIRA PEDROSA ou EULINA MARIA DE JESUS, que foi casada com o Tenente MAXIMIANO RODRIGUES DA SILVA ou MAXIMIANO RODRIGUES. Com geração que segue no § 22º.

3(V)- Tenente **MANUEL FERREIRA PEDROSA** casado com **MILITINA SILVÉRIA DE AGUIAR**, com geração que segue no § 24º.

O último filho natural reconhecido por Estevão Ferreira Pedrosa, havido de PRUDÊNCIA BARBOSA FERREIRA, esta já falecida na época do testamento dele, foi:

4(V)- ANTÔNIO FERREIRA PEDROSA ou ANTÔNIO PEDROSA, que aparece com 12 anos de idade, em 1831, no censo realizado no Distrito de São Gonçalo do Tijuco, em Cachoeira do Campo[252]. Foi casado com ANA GOMES DE OLIVEIRA.

Estevão Ferreira Pedrosa e sua mulher Ana Joaquina Rodrigues Peixoto tiveram os seguintes filhos:

5(V)- ANA JOAQUINA FERREIRA, ANA JOAQUINA PEDROSA, ANA JOAQUINA RODRIGUES PEDROSA, ANA JOAQUINA RODRIGUES, ANA JOAQUINA FERREIRA PEDROSA ou, apenas, ANA PEDROSA foi batizada em 11-ABR-1824, na Capela de São Gonçalo do Tijuco, pelo Reverendo Manuel Pereira Lima, sendo padrinhos o Sargento-Mor Francisco Rodrigues Peixoto e sua mulher Ana Joaquina Ribeira[253]. Faleceu em 9-OUT-1851, sendo sepultada na Capela do Rosário, em Rio das Pedras[254]. Foi casada com JOSÉ LOURENÇO DE MELO,

252 Arquivo Público Mineiro, mapas de população, caixa 1, documento 8.

253 Livro de Batismos da Freguesia de Cachoeira do Campo – 1813 a 1834 - p. 45v (Arquivo Eclesiástico da Arquidiocese de Mariana – AA-10).

254 Livro de Óbitos da Freguesia do Rio das Pedras – Acuruí - 1836 a 1885 (site: http://familysearch.org, consultado em JUL-2014).

com geração no nº. VII do § 5º do Capítulo 2º - família AGUIAR.

6 (V)- ESTEVÃO FERREIRA PEDROSA JÚNIOR ou ESTEVÃO FERREIRA PEDROSA ou, apenas, ESTEVÃO PEDROSA, casado com MARIA CLARA RODRIGUES, com geração que segue no § 48º.

7(V)- CESÁRIO FERREIRA PEDROSA figura no referido censo de 1831 com o nome de CESÁRIO PEDROSA[255], tendo sido batizado em 11-MAR-1827, na Capela de São Gonçalo do Tijuco, pelo Reverendo Manuel Pereira Lima. Seus padrinhos foram: Luís Ferreira Pedrosa e Antônia Felícia da Silva[256]. Aos 31-MAR-1856, no Tijuco, declarou possuir uma sorte de terras no lugar denominado Angélica, Freguesia de Cachoeira do Campo, divisando com campos do Maracujá, com um alqueire de planta de milho[257]. Era morador na Fazenda do Maracujá, Distrito de São Gonçalo do Tijuco, tendo falecido aos 28-JUN-1857, solteiro, com testamento, nomeando como herdeira a sua mãe, em companhia de quem vivia[258]. Em seu inventário, iniciado em 15-JUL-1857, o monte-mor foi avaliado em 3:900$114 e o monte líquido em 1:900$114. Entre os bens por ele deixados, havia: um coração feito de ouro com o peso de ¼ de oitava, avaliado em 800 réis; selim inglês com capa de prata, por 6$000; dois "freios arreiados usados", por 3$000; vestimentas, várias cabeças de gado *vacum* e cavalar; dívidas ativas e passivas; um escravo; e, como bens de raiz, a herança paterna em partilha consistente em uma parte na casa de vivenda que se acha em comum na Fazenda do Maracujá, por 92$000[259].

8(V)- MARIA FERREIRA PEDROSA ou MARIA JOAQUINA PEDROSA ou, apenas, MARIA PEDROSA, que recebeu o sacramento do batismo no dia 19-ABR-1829, na Capela de São Gonçalo do Tijuco, pelo Reverendo Manuel Pereira Lima, tendo

---

255 Arquivo Público Mineiro, mapas de população, caixa 1, documento 8.

256 Livro de Batismos da Freguesia de Cachoeira do Campo – 1813 a 1834 - p. 63v (Arquivo Eclesiástico da Arquidiocese de Mariana – AA-10).

257 Arquivo Público Mineiro – Registros Paroquiais de Terras – Cachoeira do Campo – RP 000052 – p. 25v.

258 Cf. inventário (Arquivo da Casa Setecentista do Pilar – Ouro Preto – códice 32 – autos 361 – 1857 - 1º Ofício).

259 Arquivo da Casa Setecentista do Pilar – Ouro Preto – códice 32 – autos 361 – 1857 - 1º Ofício.

como padrinhos: Felipe Ferreira Pedrosa e sua mulher Maria Úrsula de Jesus[260]. No inventário de sua mãe, ela figura como viúva de BASÍLIO DA COSTA LANA, com quem teve geração[261].

9(V)- SILVANA JOAQUINA PEDROSA ou SILVANA PEDROSA foi batizada em 10-OUT-1830, na Matriz de Nossa Senhora da Cachoeira do Campo, tendo como padrinhos o Alferes Bernardo Gomes de Oliveira e sua mulher Maria do Rosário Pedrosa[262]. No inventário paterno, em 1853, figura como casada com JOSÉ RODRIGUES PEIXOTO. Segundo inventário materno, em 1878, estava ausente, em lugar não sabido[263].

10(V)- ANTONIO, batizado em 1º-SET-1832, na Igreja Matriz do Rio das Pedras. Seus padrinhos foram o Capitão Antônio Carlos de Magalhães e Mariana Joaquina Rodrigues[264]. Deve ter falecido jovem, pois não figura no inventário do pai.

11(V)- MARIANA JOAQUINA PEDROSA tinha 19 anos por ocasião do inventário do pai, em 1853. No inventário da mãe, figura como casada com o Tenente JOSÉ RODRIGUES PEIXOTO. Residiam em Cachoeira do Campo. Aos 5-ABR-1856, José Rodrigues Peixoto, por meio de seu cunhado que assinou o ato, declarou ser possuidor de um corte de terras na Fazenda da Ponte Nova, Freguesia de Cachoeira do Campo, dividindo pelo nascente com Manuel Ferreira Pedrosa, pelo norte e pelo poente com Antônio Martins Pedrosa, com 2 alqueires de planta de milho[265].

12(V)- **FRANCISCO RODRIGUES PEDROSA** casou-se com **ANA JOAQUINA DE AGUIAR** ou **ANA MARTINS D'AGUIAR** ou, ainda, **ANA SILVÉRIA DE AGUIAR**, que também usava os nomes **ANA JOAQUINA DA PURIFICAÇÃO** ou **ANA**

---

260 Livro de Batismos da Freguesia de Cachoeira do Campo – 1813 a 1834 - p. 75 (Arquivo Eclesiástico da Arquidiocese de Mariana – AA-10).

261 TRINDADE, Cônego R. *Velhos Troncos Mineiros*, v. I, p. 344, Tn24.

262 Livro de Batismos da Freguesia de Cachoeira do Campo – 1813 a 1834 - p. 80 (Arquivo Eclesiástico da Arquidiocese de Mariana – AA-10).

263 Cf. inventário de Ana Joaquina Rodrigues, fl.43 (Arquivo da Casa Setecentista do Pilar – Ouro Preto – códice 09 – autos 88 – 1878 - 1º Ofício).

264 Livro de Batismos da Freguesia de Cachoeira do Campo – 1813 a 1834 - p. 90v (Arquivo Eclesiástico da Arquidiocese de Mariana – AA-10).

265 Arquivo Público Mineiro – Registros Paroquiais de Terras – Cachoeira do Campo – RP 000052 – p. 25v.

JOAQUINA PEDROSA DA PURIFICAÇÃO ou apenas **ANA JOAQUINA PEDROSA**, com geração que segue no § 49º.

13(V)- FIRMINA RODRIGUES PEDROSA casou-se com ANTÔNIO MARTINS PEDROSA, com geração que segue no § 66º.

14(V)- BRÍZIDA RODRIGUES PEDROSA foi batizada no dia 2-JUN-1839, na Capela de São Gonçalo do Tijuco, tendo como padrinhos: João Rodrigues Peixoto e Maria Clara França[266]. Foi casada com o Capitão MANUEL RODRIGUES PEIXOTO JÚNIOR, filho de Manuel Rodrigues Peixoto e de Maria Pereira Lima – nº. 2(V) do nº. IV do § 2º do Capítulo 4º - família RODRIGUES PEIXOTO. Na época do inventário da mãe dela, residiam em Cachoeira do Campo.

V- LUÍS FERREIRA PEDROSA, filho natural de Estevão Ferreira Pedrosa com Francisca Vaz da Fonseca (nº. IV acima). Estava junto com o pai no censo da Capela de São Gonçalo do Tijuco, filial de Nossa Senhora de Nazaré da Cachoeira do Campo, em 1831, com 24 anos de idade, qualificado como solteiro e roceiro[267]. Veio a falecer no dia 3-ABR-1843, com 34 anos de idade, e foi sepultado na Capela de São Gonçalo do Tijuco, sendo seu corpo envolto no hábito de Nossa Senhora do Monte do Carmo e acompanhado por quatro sacerdotes, os quais disseram missa de corpo presente[268]. Casou-se, no dia 2-MAR-1840, na Capela de Santo Antônio da Casa Branca, com ANA ANDREZA DOS SANTOS, de 15 anos de idade[269], filha do Capitão José Coelho dos Santos e de Maria Justina Pedrosa – ver nº. 3(VI) do nº V do § 4º retromencionado. Pais de:

1(VI)- MARIA BENTA, que herdou no inventário do avô paterno. Ela nasceu aos 21-MAR-1842, tendo sido batizada apenas com o nome MARIA no dia 29 seguinte, na Matriz de Santo Antônio da Casa Branca, sendo padrinhos: Alferes José Coelho dos Santos e sua mulher Maria Justina Pedrosa[270].

---

266 Livro de Batismos da Freguesia de Cachoeira do Campo – 1836 a 1895 - p. 29 (Arquivo Eclesiástico da Arquidiocese de Mariana – AA-12).

267 Arquivo Público Mineiro, mapas de população, caixa 1, documento 8.

268 Livro de Óbitos da Freguesia de Cachoeira do Campo – 1823 a 1848 - p. 57 (Arquivo Eclesiástico da Arquidiocese de Mariana - AA-20).

269 Livro de Casamentos da Freguesia de Cachoeira do Campo – 1734 a 1842 - p. 160v (Arquivo Eclesiástico da Arquidiocese de Mariana – AA-13).

270 Livro de Batismos da Freguesia de Santo Antônio da Casa Branca – Glaura - 1773 a 1848 – imagem 201 (site: http://familysearch.org, consultado em MAR-2019).

§ 22º

V- EULINA FERREIRA PEDROSA ou EULINA MARIA DE JESUS[271], filha natural de Estevão Ferreira Pedrosa com Brízida Maria da Silva (nº. IV do § 21º). Aparece com o nome de ULINA PEDROSA, com 16 anos de idade e qualificada como fiadeira, no censo realizado em 1831, no Distrito da Capela de São Gonçalo do Tijuco, em Cachoeira do Campo[272]. Por ocasião do inventário paterno (1853), já era viúva do Tenente MAXIMIANO RODRIGUES DA SILVA ou apenas MAXIMIANO RODRIGUES, com quem se casou em 15-NOV-1832, na Capela de São Gonçalo do Monte. As testemunhas do ato nupcial foram: Sargento-Mor Francisco Rodrigues Peixoto e Felipe Ferreira Pedrosa[273]. Eram moradores na Boa Vista, fazenda deles, aplicação do Rio das Pedras. Pais de:

1(VI)- JOSÉ RODRIGUES DA SILVA, que se casou com CONSTÂNCIA AUGUSTA FERREIRA DE PÁDUA, com geração que segue.

2(VI)- MARIA CÂNDIDA DA SILVA, que nasceu no dia 11-MAR-1837 e foi batizada no dia 26 subsequente, na Capela de Nossa Senhora do Rosário, aplicação do Rio das Pedras. Os padrinhos foram Estevão Ferreira Pedrosa e sua filha Ana Joaquina, estes da Freguesia de Cachoeira do Campo[274].

3(VI)- FRANCISCO, que foi batizado aos 24-FEV-1839, na Freguesia de Rio das Pedras, tendo como padrinhos: Francisco Rodrigues Peixoto e sua mulher Mariana Joaquina de Jesus, da Freguesia de Itabira[275].

4(VI)- MIQUELINA, batizada em 18-JUL-1841, na Capela de São Vicente Ferreira, com assento registrado na Freguesia de Rio das Pedras. Teve como padrinhos: Manuel Rodrigues Peixoto e sua

271 Por vezes, o nome de Eulina aparece grafado como “Olina”.

272 Arquivo Público Mineiro, mapas de população, caixa 1, documento 8.

273 Livro de Casamentos da Freguesia de Cachoeira do Campo – 1734 a 1842 - p. 148 (Arquivo Eclesiástico da Arquidiocese de Mariana – AA-13).

274 Livro de Batismos da Freguesia do Rio das Pedras – Acuruí (site: http://familysearch.org, consultado em 2016).

275 Livro de Batismos da Freguesia do Rio das Pedras – Acuruí (site: http://familysearch.org, consultado em 2016).

mulher Maria Pereira Lima, todos da Freguesia de Cachoeira do Campo[276].

5(VI)- BRÍZIDA, batizada em 8-OUT-1843, na Freguesia de Nossa Senhora da Conceição do Rio das Pedras, sendo padrinhos Manuel Ferreira Pedrosa, filho de Estevão Ferreira Pedrosa, moradores na Freguesia da Cachoeira do Campo[277].

6(VI)- MARIANA, que foi batizada aos 29-JAN-1845, na Freguesia de Nossa Senhora da Conceição do Rio das Pedras, tendo como padrinhos o Tenente José Pereira Peçanha e sua mulher Maria Sabina[278].

7(VI)- ANTÔNIO RODRIGUES DA SILVA, que foi casado com MARIA FERREIRA PEDROSA ou MARIA RODRIGUES PEDROSA, com geração no § 23º.

8(VI)- JOÃO, que foi batizado aos 23-JUN-1847, em Rio das Pedras, sendo padrinhos: José Gonçalves Soares e Maria Sabina[279].

VI- JOSÉ RODRIGUES DA SILVA, negociante, foi batizado no dia 6-NOV-1834, na Freguesia de Nossa Senhora da Conceição do Rio das Pedras[280]. Casou-se com CONSTÂNCIA AUGUSTA FERREIRA DE PÁDUA ou CONSTÂNCIA FERREIRA DE PADUA, natural de Conceição do Rio Acima, filha de Antônio Ferreira de Pádua e de Francisca Maria Gomes. Do túmulo do casal, existente no cemitério junto à Igreja de Nossa Senhora da Conceição, em Acuruí, consta que ele teria nascido em 1832 e falecido em 1916, e ela teria nascido em 1857 e falecido em 1932. Pais de:

1(VII)- JOSÉ, nascido em 2-JUL-1877 e batizado aos 28-JUL-1877, na Freguesia de Nossa Senhora da Conceição do Rio das Pedras, sendo padrinhos Pedro Pereira Lima e Francisca Maria Gomes[281].

---

276 Livro de Batismos da Freguesia do Rio das Pedras – Acuruí (site: http://familysearch.org, consultado em 2016).

277 Livro de Batismos da Freguesia do Rio das Pedras – Acuruí (site: http://familysearch.org, consultado em JUL-2014).

278 Livro de Batismos da Freguesia do Rio das Pedras – Acuruí (site: http://familysearch.org, consultado em 2016).

279 Livro de Batismos da Freguesia do Rio das Pedras – Acuruí (site: http://familysearch.org, consultado em 2016).

280 Livro de Batismos da Freguesia do Rio das Pedras – Acuruí (site: http://familysearch.org, consultado em 2016).

281 Livro de Batismos da Freguesia do Rio das Pedras – Acuruí - 1867 a 1898 (site: http://familysearch.org, imagem 76, consultado em março/2016).

2(VII)- MARIA, nascida em 19-DEZ-1878 e batizada em 19-JAN-1879, na Freguesia de Nossa Senhora da Conceição do Rio das Pedras. Padrinhos: José Fernandes Pereira e Luzia Rodrigues Pedrosa[282].
3(VII)- ANTÔNIO, nascido em 6-MAR-1890, na Freguesia de Nossa Senhora da Conceição do Rio das Pedras [283].
4(VII)- SILVINO, nascido em Rio das Pedras, em 17-FEV-1892[284].
5(VII)- IZALINO, nascido em Rio das Pedras, no dia 5-ABR-1894[285].
6(VII)- MARIA, nascida em Rio das Pedras, aos 13-SET-1896[286].

§ 23º

VI- ANTÔNIO RODRIGUES DA SILVA, filho de Maximiano Rodrigues da Silva e de Eulina Ferreira Pedrosa (nº. V do § 22º). Batizado em 1º-NOV-1845, em Rio das Pedras, tendo como padrinhos: Antônio Martins de Aguiar e Antônia Felícia da Silva[287]. Casou-se no dia 12-FEV-1873, na Freguesia do Rio das Pedras (atual Acuruí), com MARIA FERREIRA PEDROSA ou MARIA RODRIGUES PEDROSA, havendo impedimento de 4º grau[288]. Pais de:
1(VII)- MARIA EMILIANA RODRIGUES, nascida aos 20-JUL-1874 e batizada, na Freguesia do Rio das Pedras, no dia 3-OUT-1874, tendo como padrinhos Antônio Martins Pedrosa e Firmina

---

282 Livro de Batismos da Freguesia do Rio das Pedras – Acuruí - 1877 a 1896 (site: http://familysearch.org, imagem 32, consultado em maio/2019).

283 Livro de Registro de Nascimentos (1890-1915) – Rio das Pedras – nº. 255 (Coleção Digital de Itabirito, in: www.arq.ufmg.br/nehcit/itabirito, consultado em março/2019).

284 Livro de Registro de Nascimentos (1890-1915) – Rio das Pedras – nº. 62 (Coleção Digital de Itabirito, in: www.arq.ufmg.br/nehcit/itabirito, consultado em março/2019).

285 Livro de Registro de Nascimentos (1890-1915) – Rio das Pedras – nº. 159 (Coleção Digital de Itabirito, in: www.arq.ufmg.br/nehcit/itabirito, consultado em março/2019).

286 Livro de Registro de Nascimentos (1890-1915) – Rio das Pedras – nº. 160 (Coleção Digital de Itabirito, in: www.arq.ufmg.br/nehcit/itabirito, consultado em março/2019).

287 Livro de Batismos da Freguesia do Rio das Pedras – Acuruí – imagem 35 (site: http://familysearch.org, consultado em 2016).

288 Livro de Casamentos da Freguesia do Rio das Pedras – Acuruí – 1835 a 1891 - site: http://familysearch.org, consultado em 9-JUN-2014.

Pedrosa[289]. Ela faleceu em Tapiratiba, Estado de São Paulo, no dia 4-JUL-1964, viúva de JOSÉ RODRIGUES PEDROSA, filho de Francisco Rodrigues Pedrosa e Ana Joaquina de Aguiar. Deixaram geração descrita no nº VI do § 60º.

2(VII)- LUCAS RODRIGUES SILVA, negociante, nascido aos 20-AGO-1877 e batizado na Paróquia de Nossa Senhora da Conceição do Rio das Pedras, no dia 17-SET subsequente. Teve como padrinhos: Antônio Martins Pedrosa e sua mulher Firmina Ferreira Pedrosa[290]. Foi casado com VITALINA RODRIGUES PEDROSA, filha de Francisco Rodrigues Pedrosa e de Ana Joaquina de Aguiar. Tiveram geração que segue no § 65º.

3(VII)- CONSTÂNCIA RODRIGUES SILVA foi batizada na Freguesia do Rio das Pedras, em 8-SET-1879, com o nome de CONSTANÇA, tendo como padrinhos: José Rodrigues Silva e sua mulher Constança Ferreira de Pádua[291]. Desse ato consta que seus pais eram da Freguesia de Casa Branca. Foi casada com FELICÍSSIMO RODRIGUES PEDROSA (*Dandão*), filho de Francisco Rodrigues Pedrosa e de Ana Joaquina de Aguiar. Tiveram os filhos descritos no § 63º.

4(VII)- GERALDINA RODRIGUES PEDROSA casou-se com JOAQUIM RODRIGUES PEDROSA, filho de Francisco Rodrigues Pedrosa e de Ana Joaquina de Aguiar, com quem teve geração – nº. VI do § 49º.

5(VII)- AMAZÍLIA, nascida no dia 7-FEV-1881 e batizada em 7-MAR seguinte, na Freguesia de Santo Antônio da Casa Branca (atual Distrito de Glaura, em Ouro Preto), tendo como padrinhos: José Fernandes de Oliveira e Maria Silvéria da Purificação[292].

6(VII)- JOSÉ, que nasceu em 12-JAN-1882, foi batizado em 1º-FEV subsequente, na Matriz de Santo Antônio da Casa Branca, tendo como padrinhos: Serafim Rodrigues de Oliveira e Josefina Maria

---

289 Livro de Batismos da Freguesia do Rio das Pedras – Acuruí (site: http://familysearch.org, consultado em JUL-2014).

290 Livro de Batismos da Freguesia do Rio das Pedras – Acuruí (site: http://familysearch.org, consultado em JUL-2014).

291 Livro de Batismos da Freguesia do Rio das Pedras – Acuruí - imagem 32 (site: http://familysearch.org, consultado em JUL-2014).

292 Livro de Batismos da Freguesia de Santo Antônio da Casa Branca – Glaura - 1870 a 1887 - imagem 29 (site: http://familysearch.org, consultado em MAR-2019).

da Purificação[293]. Trata-se de JOSÉ TACIANO RODRIGUES (*José Tuná*), falecido aos 18-JUL-1951[294], que foi casado com MARIA ADELINA PEDROSA, filha de Francisco Rodrigues Pedrosa e de Ana Joaquina Pedrosa – nº. 14(VI) do § 49º. Com geração.

7(VII)- AMÉLIA, nascida aos 25-JUN-1883, foi batizada em São Francisco Xavier da Ponte, no dia 7-JUL-1883. Teve como padrinhos o Capitão Manuel Rodrigues Peixoto Júnior e Brígida Maria Rodrigues[295].

8(VII)- JOSEFINA nasceu em 6-ABR-1893 e foi batizada no dia 19 subsequente, na Igreja de Santo Antônio da Casa Branca, tendo como padrinhos: Francisco Rodrigues Pedrosa e Josefina Rodrigues Pedrosa[296].

9(VII)- AMARO, nascido no dia 15 e batizado em 20-JAN-1895, na Igreja de Santo Antônio da Casa Branca. Padrinhos: José Rodrigues Pedrosa e Maria Emiliana Rodrigues[297].

§ 24º

(Ramo do Distrito de Acuruí, em Itabirito)

V- Tenente **MANUEL FERREIRA PEDROSA**, filho natural de Estevão Ferreira Pedrosa e de Brízida Maria da Silva (nº. IV do § 21º). Aparece como **MANUEL PEDROSA**, com 12 anos, em 1831, no censo do Distrito da Capela de São Gonçalo do Tijuco (atual Amarantina), filial de Nossa Senhora de Nazaré da Cachoeira do Campo, Termo de Ouro Preto[298]. Em 1848, residia no Maracujá[299]. Em 1874, figurava como juiz de paz do

---

293 Livro de Batismos da Freguesia de Santo Antônio da Casa Branca – Glaura - 1871 a 1898 (site: http://familysearch.org, consultado em MAR-2019).

294 PEDROSA, Ivanilde – comunicação pessoal.

295 Livro de Batismos da Freguesia de Santo Antônio da Casa Branca – Glaura - 1871 a 1898 (site: http://familysearch.org, consultado em MAR-2019).

296 Livro de Batismos da Freguesia de Santo Antônio da Casa Branca – Glaura - 1871 a 1898 - imagem 11 (site: http://familysearch.org, consultado em MAR-2019).

297 Livro de Batismos da Freguesia de Santo Antônio da Casa Branca – Glaura - 1871 a 1898 - imagem 13 (site: http://familysearch.org, consultado em MAR-2019).

298 Arquivo Público Mineiro, mapas de população, caixa 1, documento 8.

299 Cf. assento de batismo de Manuel, filho natural de Bárbara Domiciana, datado de 5-NOV-1848, na Freguesia do Rio das Pedras, no qual Manuel Ferreira Pedrosa e

Distrito de Nossa Senhora da Conceição do Rio de Pedras, então pertencente a Ouro Preto[300]. Aos 28-AGO-1856, casou-se na Freguesia do Rio de Pedras (atual Distrito de Acuruí, em Itabirito)[301], com **MILITINA SILVÉRIA DE AGUIAR** ou **MILITINA MARIA DA PURIFICAÇÃO**, nascida aos 15-SET-1841 e batizada no dia 2-OUT-1841, na Capela de Nossa Senhora do Rosário, Freguesia do Rio das Pedras, filha do Alferes **Antônio Martins de Aguiar** e de **Maria Silvéria da Silva** – nº. VII do § 7º do Capítulo 2º - família AGUIAR. Ela teve como padrinhos de batismo o Capitão Antônio José Coelho e Justa Ferreira[302].

Ambos faleceram na Freguesia do Rio de Pedras, sendo Manuel Ferreira Pedrosa aos 22-JAN-1888, e Militina Silvéria de Aguiar em 2-NOV-1897[303]. Dos autos de arrolamento dos bens do casal, processado perante o Juízo de Comarca de Ouro Preto, constam: um terreno por nome *Coucho*, calculado em 3 alqueires de planta de milho, mais ou menos, no Rio das Pedras, avaliados em 120$000; um pasto denominado Arado, de terras de cultura, onde foi a antiga casa dos inventariados, no lugar denominado *Gulpião* (?), na Freguesia do Rio de Pedras, calculado em aproximadamente 8 alqueires, avaliados em 400$000; um pasto de nome Laje, calculado em 4 alqueires, na Freguesia do Rio de Pedras, avaliados em 160$000; um pasto do outro lado do rio, situado no Distrito de Casa Branca (atual Glaura), de fronte onde foi a casa dos inventariados, na Freguesia do Rio de Pedras, calculado em 5 alqueires, pelo valor de 220$000. O monte mor foi de 900$000, restando o monte partível de 560$000, sendo 50$909 para cada um dos onze herdeiros filhos[304]. Tiveram a seguinte descendência:

1(VI)- MARIA nasceu em 4-SET-1858 e foi batizada no dia 17 subsequente, na Freguesia de Nossa Senhora da Conceição do

---

Estevão Ferreira Pedrosa Júnior serviram como testemunhas (site: http://familysearch.org, consultado em JUN-2014).

300 MARTINS, Antônio de Assis (organizador), *Almanak Administrativo, Civil e Industrial da Provincia de Minas Gerais do anno de 1874*, p. 120.

301 Livro de Casamentos da Freguesia do Rio das Pedras (Acuruí) – 1835 a 1891 (site: http://familysearch.org, consultado em 9-JUN-2014).

302 Livro de Batismos da Freguesia do Rio das Pedras – Acuruí (site: http://familysearch.org, consultado em JUL-2014).

303 Cf. processo de arrolamento dos bens do casal (Arquivo da Casa Setecentista do Pilar – Ouro Preto – letra M – maço 88 – 1916 - 1º Ofício).

304 Arquivo da Casa Setecentista do Pilar – Ouro Preto – letra M – maço 88 – 1916 - 1º Ofício.

Rio das Pedras, hoje Acuruí, tendo como padrinhos Antonio Martins de Aguiar e Maria Silvéria de Aguiar[305].

2(VI)- ANTONIO foi batizado na Freguesia de Nossa Senhora da Conceição do Rio das Pedras, aos 18-FEV-1860. Seus padrinhos foram Antônio Martins Pedrosa e Firmina Rodrigues Pedrosa[306].

3(VI)- MIGUEL FERREIRA PEDROSA, batizado aos 13-JUN-1861, na Igreja de Nossa Senhora da Conceição do Rio das Pedras, sendo padrinhos Antonio Zeferino de Aguiar e Ana Silvéria de Aguiar[307]. Foi casado com MARIA PEDROSA, também natural da Freguesia de Rio das Pedras, onde residiam[308].

4(VI)- FIRMINA FERREIRA PEDROSA casou-se com FERNANDO CÂNDIDO PEREIRA LIMA ou FERNANDO CÂNDIDO PEREIRA ou, ainda, FERNANDO PEREIRA LIMA, com quem teve geração que segue no § 25º.

5(VI)- MARIA FERREIRA PEDROSA, casada com FRANCISCO JOSÉ DE ARAÚJO, com geração que segue.

6(VI)- AUGUSTO nascido em 8-MAIO-1864 e batizado em 11-JUN subsequente, na Igreja de Nossa Senhora da Conceição do Rio das Pedras. Padrinhos: Manuel Ferreira Lima e Maria Joaquina[309].

7(VI)- **JOSEFINA FERREIRA PEDROSA** foi batizada aos 19-JUL-1868, na Igreja de Nossa Senhora da Conceição do Rio das Pedras, sendo padrinhos: Manuel Antônio de Aguiar e Josefina de Aguiar[310]. Casou-se com seu primo **FRANCISCO RODRIGUES PEDROSA JÚNIOR** (*Teco*), com geração no § 50º.

---

[305] Livro de Batismos da Freguesia do Rio das Pedras – Acuruí (site: http://familysearch.org, consultado em JUL-2014).

[306] Livro de Batismos da Freguesia do Rio das Pedras – Acuruí (site: http://familysearch.org, consultado em JUL-2014).

[307] Livro de Batismos da Freguesia do Rio das Pedras – Acuruí (site: http://familysearch.org, consultado em JUL-2014).

[308] Cf. processo de arrolamento dos bens de Manuel Ferreira Pedrosa e Militina Silvéria de Aguiar (Arquivo da Casa Setecentista do Pilar – Ouro Preto – letra M – maço 88 – 1916 - 1º Ofício).

[309] Livro de Batismos da Freguesia do Rio das Pedras – Acuruí (site: http://familysearch.org, consultado em JUL-2014).

[310] Livro de Batismos da Freguesia do Rio das Pedras – Acuruí (site: http://familysearch.org, consultado em JUL-2014).

8(VI)- MANUEL FERREIRA PEDROSA, que foi batizado aos 26-JUN-1870, em Rio das Pedras, tendo como padrinhos Manuel Rodrigues Peixoto e Brígida Rodrigues Pedrosa[311]. Tinha 45 anos na época do inventário dos pais, sendo casado com BELMIRA CYRIACA PEREIRA, ambos naturais e residentes em Rio das Pedras[312].

9(VI)- ANTÔNIO FERREIRA PEDROSA veio a se casar com sua prima CÂNDIDA JOAQUINA PEDROSA ou CÂNDIDA PEDROSA ou, ainda, CÂNDIDA DA CONCEIÇÃO. Após ficar viúvo, contraiu segundas núpcias com MARIA CÂNDIDA DE JESUS. Teve geração dos dois consórcios, conforme segue no § 44º.

10(VI)- **BLANDINA FERREIRA PEDROSA**, casada com **ROBERTO PEREIRA LIMA**, com geração no § 26º.

11(VI)- JOÃO FERREIRA PEDROSA, casado com JUVENTINA LUÍSA DA CUNHA ou JUVENTINA LEITE, com descendência que segue no § 43º.

12(VI)- MILITÃO nasceu no dia 2 e foi batizado aos 24-NOV-1878, na Freguesia de Nossa Senhora da Conceição do Rio das Pedras. Os padrinhos foram: José (Rodrigues?) Peixoto e sua mulher Mariana Joaquina Pedrosa[313].

13(VI)- AFONSO FERREIRA PEDROSA, nascido em 12-AGO-1880 e batizado em 3-OUT-1880, na Freguesia de Nossa Senhora da Conceição do Rio das Pedras. Teve como padrinhos: José Fernandes Pereira e sua mulher Luzia Ferreira Pedrosa[314]. Casou-se com MARIA CARLATE, sendo naturais e residentes em São Gonçalo do Monte[315], onde possuíam uma propriedade rural.

---

311 Livro de Batismos da Freguesia do Rio das Pedras – Acuruí (site: http://familysearch.org).

312 Cf. processo de arrolamento dos bens de Manuel Ferreira Pedrosa e Militina Silvéria de Aguiar (Arquivo da Casa Setecentista do Pilar – Ouro Preto – letra M – maço 88 – 1916 - 1º Ofício).

313 Livro de Batismos da Freguesia do Rio das Pedras – Acuruí (site: http://familysearch.org, consultado em JUL-2014).

314 Livro de Batismos da Freguesia do Rio das Pedras – Acuruí (site: http://familysearch.org, consultado em JUL-2014).

315 Cf. processo de arrolamento dos bens de Manuel Ferreira Pedrosa e Militina Silvéria de Aguiar (Arquivo da Casa Setecentista do Pilar – Ouro Preto – letra M – maço 88 – 1916 - 1º Ofício).

14(VI)- AULÉSIO (?) nasceu aos 28-NOV-1882, veio a ser batizado aos 21-JAN-1883, na Freguesia de Nossa Senhora da Conceição do Rio das Pedras. Seus padrinhos foram: Carlos Feiro d'Almeida e Jesuína Gonçalves Pessoa[316].

15(VI)- HILARINA FERREIRA PEDROSA, nascida em 8-NOV-1884 e batizada no dia 23 subsequente, na Freguesia de Nossa Senhora da Conceição do Rio das Pedras, tendo como padrinhos o Vigário Manuel Maria da Silva e Maria Jacinta[317]. Foi casada com JOAQUIM PEDROSA PEREIRA, natural de Cachoeira do Campo. Residiam em Santo Antônio do Rio Acima, Município da Vila de Nova Lima[318].

16(VI)- ALFREDO FERREIRA PEDROSA, nascido aos 28-MAR-1887 e batizado em 18-ABR-1887, na Freguesia de Nossa Senhora da Conceição do Rio das Pedras, tendo como padrinhos: Pedro Pereira Lima e Maria Francisca de Lima[319]. Foi casado com MARIA PEDROSA, também natural de Rio das Pedras, residentes no Estado de São Paulo, no lugar denominado Tapiratiba, por ocasião do inventário dos pais dele em 1916[320].

VI- MARIA FERREIRA PEDROSA, natural de Rio das Pedras, tinha 50 anos de idade por ocasião do inventário dos pais (1916), foi casada com FRANCISCO JOSÉ DE ARAÚJO, nascido em São Gonçalo do Amarante, onde moravam[321]. Pais de, pelo menos:

1(VII)- AMÉLIA, nascida aos 25-FEV-1887 e batizada no dia 26-MAR-1887, na Igreja de Senhora de Nazaré da Cachoeira do Campo.

---

316 Livro de Batismos da Freguesia do Rio das Pedras – Acuruí – 1867-DEZ-1898-OUT – imagem 47 (site: http://familysearch.org, consultado em JUL-2014).

317 Livro de Batismos da Freguesia do Rio das Pedras – Acuruí (site: http://familysearch.org, consultado em JUL-2014).

318 Cf. processo de arrolamento dos bens de Manuel Ferreira Pedrosa e Militina Silvéria de Aguiar (Arquivo da Casa Setecentista do Pilar – Ouro Preto – letra M – maço 88 – 1916 - 1º Ofício).

319 Livro de Batismos da Freguesia do Rio das Pedras – Acuruí (site: http://familysearch.org, consultado em JUL-2014).

320 Arquivo da Casa Setecentista do Pilar – Ouro Preto – letra M – maço 88 – 1916 - 1º Ofício.

321 Cf. processo de arrolamento dos bens de Manuel Ferreira Pedrosa e Militina Silvéria de Aguiar (Arquivo da Casa Setecentista do Pilar – Ouro Preto – letra M – maço 88 – 1916 - 1º Ofício).

Padrinhos: José Alves Pedrosa e Maria Carolina do Espírito Santo[322].

§ 25º

VI- FIRMINA FERREIRA PEDROSA ou FIRMINA PEDROSA, filha do Tenente Manuel Ferreira Pedrosa e de Militina Silvéria de Aguiar (nº V do § 24º). Foi batizada a 2-NOV-1862, na Igreja de Nossa Senhora da Conceição do Rio das Pedras, tendo como padrinhos Francisco Ferreira Pedrosa e Maria Silvéria. Casou-se na Freguesia do Rio das Pedras, em 7-FEV-1885, com FERNANDO CÂNDIDO PEREIRA LIMA, que também assinava FERNANDO CÂNDIDO PEREIRA ou FERNANDO PEREIRA LIMA, lavrador, filho de Francisco Pereira Lima e de Cândida Ferreira de Aguiar – nº 3(VII) do nº. VI do § 2º do Capítulo 3º adiante - família PEREIRA LIMA. As testemunhas do matrimônio foram o Professor Pedro Pereira Lima e o Capitão Manuel Rodrigues Peixoto[323].

Fernando Cândido Pereira Lima foi inventariado em 1917, deixando "uma casa, o seu quintal e uma parte a roda da mesma casa, de dois alqueires mais ou menos de terras onde foi a residência do inventariado", avaliada por 350$000; parte na herança de Manuel Ferreira Pedrosa, no valor de 50$000; duas ações da Fábrica de Tecidos de Itabira do Campo, por 200$000 cada uma; mais parte da herança de sua irmã Maria Pereira Lima, por 150$000. O monte-mor foi de 950$000, sendo deduzidos 400$000 para pagamento do funeral, dívidas e custas do processo, ficou o líquido partível de 550$000[324]. Deixaram a seguinte geração:

1(VII)- JOSÉ nasceu aos 24-FEV-1887 e foi batizado no dia 10-MAR subsequente, na Igreja de Nossa Senhora da Conceição do Rio das Pedras, sendo padrinhos: Francisco Pereira Lima e Militina Silvéria de Aguiar[325]. Não figura no inventário paterno.

2(VII)- MARIA PEREIRA PEDROSA, nascida em 10-JUN-1891, na Freguesia de Nossa Senhora da Conceição do Rio de Pedras,

---

322 Livro de Batizados da Freguesia de Cachoeira do Campo (1876 a 1904) – p. 68 (Arquivo Eclesiástico da Arquidiocese de Mariana –F-25).

323 Livro de Casamentos da Freguesia do Rio das Pedras (Acuruí) – 1835 a 1891 (site: http://familysearch.org, consultado em 9-JUN-2014).

324 Cf. certidão dos autos de arrolamento dos bens deixados por Fernando Cândido Pereira Lima (Arquivo da Casa Setecentista do Pilar – Ouro Preto – 1917).

325 Livro de Batismos da Freguesia do Rio das Pedras – Acuruí (site: http://familysearch.org, consultado em JUL-2014).

então pertencente ao Termo de Ouro Preto[326]. Segundo inventário paterno, ela foi casada com JOSÉ BONIFÁCIO DE ASSIS PINTO.

3(VII)- MIGUEL PEREIRA PEDROSA, nascido em 24-MAIO-1893, na Freguesia de Nossa Senhora da Conceição do Rio de Pedras[327].

4(VII)- FRANCISCO PEREIRA PEDROSA também nascido na Freguesia de Nossa Senhora da Conceição do Rio de Pedras, aos 12-AGO-1895. Teve como padrinhos: Miguel Ferreira Pedrosa e Josefina Ferreira Pedrosa[328].

5(VII)- CÂNDIDA PEREIRA PEDROSA, nascida em 10-SET-1897, no lugar denominado Portões, na Freguesia de Nossa Senhora da Conceição do Rio de Pedras, então Município de Ouro Preto[329].

6(VII)- MANUEL PEREIRA PEDROSA (*Neca Tucano*) casou-se com JOSEFINA PEREIRA LIMA, com geração que segue.

7(VII)- JUDITE PEREIRA PEDROSA, nascida às 11 h da noite de 9-MAR-1903, no lugar denominado Portão, Freguesia de Nossa Senhora da Conceição do Rio de Pedras. Os padrinhos foram: Manuel Ferreira Pedrosa e Belmira Siríaca Pereira[330].

VII- MANUEL PEREIRA PEDROSA (*Neca Tucano*) nasceu às 8 h da manhã do dia 30-MAR-1900, no lugar denominado Portão, Freguesia de Nossa Senhora da Conceição do Rio de Pedras, sendo padrinhos Roberto Pereira

---

326 Livro de Registro de Nascimentos (1890-1915) – Rio das Pedras – nº. 41 (Coleção Digital de Itabirito, in: www.arq.ufmg.br/nehcit/itabirito, consultado em junho/2014).

327 Livro de Registro de Nascimentos (1890-1915) – Rio das Pedras nº. 88 (Coleção Digital de Itabirito, in: www.arq.ufmg.br/nehcit/itabirito, consultado em junho/2014).

328 Livro de Registro de Nascimentos (1890-1915) – Rio das Pedras – nº. 114 (Coleção Digital de Itabirito, in: www.arq.ufmg.br/nehcit/itabirito, consultado em junho/2014).

329 Livro de Registro de Nascimentos (1890-1915) – Rio das Pedras – nº. 120 (Coleção Digital de Itabirito, in: www.arq.ufmg.br/nehcit/itabirito, consultado em junho/2014).

330 Cf assento nº. 246, datado de 12-MAIO-1904, do Livro de Registro de Nascimentos (1890-1915) de Rio das Pedras (Coleção Digital de Itabirito, in: www.arq.ufmg.br/nehcit/itabirito, consultado em junho/2014).

Lima e Blandina Ferreira Pedrosa[331]. Uniu-se a JOSEFINA PEREIRA LIMA, filha de José Augusto Peixoto e de Maria Augusta Pereira Lima (nº. VIII do § 7º do Capítulo 3º - família PEREIRA LIMA)[332]. Foi proprietário da Fazenda Papagaio, no Município de Itabirito, cujas terras até hoje pertencem a seus descendentes. De seu relacionamento com GENEROSA FELÍCIA teve a filha[333]:

1(VIII)- MARIANA PEREIRA PEDROSA, nascida em 1923 e falecida em 2016.

Manuel Pereira Pedrosa e Josefina Pereira Lima tiveram os seguintes filhos[334]:

2(VIII)- GERCINA DA CONCEIÇÃO PEDROSA, casada com SILVINDO DE DEUS. Reside em Belo Horizonte e teve descendência.

3(VIII)- JOSÉ DA CONCEIÇÃO PEDROSA.

4(VIII)- NILDA DA CONCEIÇÃO PEDROSA.

5(VIII)- MÁRIO LÚCIO PEDROSA, falecido em Belo Horizonte, no dia 16-ABR-2019. Foi sepultado em Itabirito, onde residia.

6(VIII)- IRCA DA CONCEIÇÃO PEDROSA, casada, reside em João Monlevade, Minas Gerais.

VIII- GERCINA DA CONCEIÇÃO PEDROSA[335], professora aposentada, residente em Belo Horizonte. Herdou terras situadas no Distrito de São Gonçalo do Monte, em Itabirito, com as denominações de "Papagaio", "Boa Vista" e "Buraco do Portão", que confrontam com terrenos que foram de Manuel Olímpio Ferreira, José Martins de Aguiar, Afonso Ferreira Pedrosa, bem como com terras pertencentes às suas irmãs Irca da Conceição Caldeira e Nilda da Conceição Rodrigues. Viúva de SILVINDO DE DEUS, com quem teve os seguintes filhos[336]:

---

331 Cf assento nº. 245, datado de 12-MAIO-1904, do Livro de Registro de Nascimentos (1890-1915) de Rio das Pedras (Coleção Digital de Itabirito, in: www.arq.ufmg.br/nehcit/itabirito, consultado em junho/2014).

332 DEUS, Gercina Pedrosa de – comunicação pessoal.

333 DEUS, Gercina Pedrosa de – comunicação pessoal.

334 DEUS, Gercina Pedrosa de – comunicação pessoal.

335 D. Gercina Pedrosa de Deus (que, quando solteira, chamava-se Gercina da Conceição Pedrosa) é conhecedora das histórias familiares e sempre está muito disposta a tratar do assunto. Agradecemos pelas diversas informações que ela nos forneceu, notadamente as que nos levaram a descobrir a descendência do Padre Manuel Pereira Lima (*Padre Pereira*).

336 DEUS, Gercina Pedrosa de – comunicação pessoal.

1(IX)- SÉRGIO PEDROSA DE DEUS faleceu em NOV-2015, em Belo Horizonte. Foi casado com ELIANA GONÇALVES MOTTA.
2(IX)- SILVANA PEDROSA DE DEUS casou-se com ANISIO PEREIRA MORAIS.
3(IX)- MARIA GORETE PEDROSA DE DEUS, com geração de sua união com FÁBIO SOUZA DE JESUS, protético.
4(IX)- TÚLIO PEDROSA DE DEUS casou-se com WANDA SANTOS.
5(IX)- MARIA LUIZA PEDROSA DE DEUS, casada com EMERSON PIRES PINTO.

§ 26º

(Ramo de Tapiratiba, Estado de São Paulo)

VI- **BLANDINA FERREIRA PEDROSA**, filha do Tenente Manuel Ferreira Pedrosa e de Militina Silvéria de Aguiar (nº V do § 24º). Foi batizada aos 26-OUT-1873, na Freguesia de Nossa Senhora da Conceição do Rio das Pedras, atual Distrito de Acuruí, em Itabirito, Minas Gerais. Seus padrinhos foram: José Rodrigues Silva e Blandina Maria da Purificação[337]. Casou-se com **ROBERTO PEREIRA LIMA**, filho de **David Pereira Lima Júnior** e de **Ana Cândida do Carmo** – nº 3(VII) do nº. VI do § 5º do Capítulo 3º - família PEREIRA LIMA. Pais de[338]:
1(VII)- DAVID.
2(VII)- PETRONILHO.
3(VII)- PAULO.
4(VII)- PACÍFICO (*Nhonhô*), casado, residia em São Paulo.
5(VII)- FRANCISCO (*Chico*).
6(VII)- **JOSÉ ROSA PEREIRA LIMA** ou **JOSÉ ROSA PEREIRA** (*Zé Rosa*), casado com sua prima **ANA FERREIRA PEDROSA** ou **ANA JOAQUINA PEDROSA** (*Anita*), com geração que segue.
7(VII)- MARIETA foi casada com ANTÔNIO SATURNINO PEDROSA, com geração que segue no nº VII do § 60º.
8(VII)- MARIA, nascida em 11-AGO-1893, em Rio das Pedras, sendo batizada no dia 25 subsequente. Teve como padrinhos David

337 Livro de Batismos da Freguesia do Rio das Pedras – Acuruí (site: http://familysearch.org, consultado em JUL-2014).
338 SILVA, Ione Magalhães da – comunicação pessoal.

Pereira Lima e Militina Ferreira de Aguiar[339]. Sua família estabeleceu-se em Belo Horizonte.

9(VII)- ANTÔNIO.

10(VII)- ANA, casada com seu primo JOSÉ RAIMUNDO PEDROSA (*Juca Teco*), filho de Francisco Rodrigues Pedrosa Filho e de Josefina Ferreira Pedrosa – nº 4(VII) do nº VI do §50º.

11(VII)- MILITINA.

12(VII)- CONSTÂNCIA.

VII- **JOSÉ ROSA PEREIRA LIMA** ou **JOSÉ ROSA PEREIRA** (*Zé Rosa*), nascido a 4-SET-1896 e batizado no dia 20 subsequente, na Igreja de Nossa Senhora da Conceição do Rio das Pedras, atual Distrito de Acuruí, em Itabirito, Minas Gerais, sendo padrinhos: José Pereira Lima e Francisca ...[340]. Veio a falecer às 8h40min de 2-OUT-1983, na sua casa, situada na Praça Dona Esméria Ribeiro do Valle Figueiredo, nº. 48, em Tapiratiba, Estado de São Paulo, sendo sepultado no cemitério local[341]. Casou-se em 9-MAIO-1923, em Caconde, no interior paulista[342], com sua prima **ANA FERREIRA PEDROSA** ou **ANA JOAQUINA PEDROSA** (*Anita*), nascida às 10h do dia 13-JAN-1900, na casa de seus pais, situada na Fazenda do Rio do Peixe, em São José do Rio Pardo[343], e falecida em Tapiratiba, às 18h35min de 6-OUT-1985, filha de **Francisco Rodrigues Pedrosa Filho** (ou **Francisco Pedrosa Teco**) e de **Josefina Ferreira Pedrosa** – nº. 5(VII) do nº. VI do § 50º adiante. Pais de:

1(VIII)- **NERY PEDROSA**, casada com **RACINE MAGALHÃES**, com geração que segue.

2(VIII)- MARIA ANUNCIAÇÃO PEDROSA (*Zica*) nasceu em Tapiratiba, aos 15-AGO-1926. Casou-se com LÁZARO TRANQUILINI. Ambos já faleceram.

3(VIII)- WANDA PEDROSA nasceu em Tapiratiba a 1º-NOV-1928, tendo falecido aos 19-MAIO-1995, encontrando-se sepultada no

---

339 Livro de Batismos da Freguesia de Santo Antônio da Casa Branca – Glaura - 1871 a 1898, imagem 48 (site: http://familysearch.org, consultado em ABR-2019).

340 Livro de Batismos da Freguesia do Rio das Pedras – Acuruí – 1872 a 1924 – p. 142 v (microfilme 1252355 da Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, consultado em 2007)

341 Do registro de seu óbito consta, equivocadamente, que nasceu em 4-SET-1897, em Ouro Preto (Livro nº. 18 de Registros de Óbitos de Tapiratiba – fl. 153 – nº. 410).

342 Livro nº. 10 de Registros de Casamentos de Caconde – fl. 188 – nº. 287.

343 Livro nº. 12 de Registros de Nascimento de São José do Rio Pardo– fl. 187v – nº. 477.

cemitério municipal de sua cidade natal. Foi casada com PEDRO MESSIAS.

4(VIII)- IRACY PEDROSA foi casada com AMÉRICO JANEIRO (*Birula*). Residiram em São José do Rio Pardo, onde ela faleceu.

5(VIII)- ANA PEDROSA foi casada com LIBERATO PEREIRA. Ele já faleceu e ela reside em Tapiratiba, sua cidade natal.

6(VIII)- CARMEN PEDROSA foi casada com AGOSTINHO ... . Ela reside em Tapiratiba.

7(VIII)- JOSÉ ROBERTO, falecido criança.

8(VIII)- MARIA JOSÉ, falecida criança.

VIII- **NERY PEDROSA** (*Nini*), nascida às 20h do dia 26-MAIO-1924, na casa de seus pais, na Faisqueira, em Tapiratiba[344]. Casou-se aos 26-MAIO-1943, em Guaxupé[345], com **RACINE MAGALHÃES**, nascido na residência de seus pais, no Bairro de São Mateus, em Muzambinho, às 4h do dia 5-JAN-1922[346], filho de **José Rodrigues de Magalhães** (*Zé Deodato*) e de **Francisca Domiano Paoliello**, neto paterno de **Deodato Henrique de Magalhães**[347] e de **Messias Perpétua de Sousa**[348], neto

344 Livro nº. 10 de Registros de Nascimentos de Tapiratiba – fl. 99 – nº. 293.

345 MAGALHÃES, Vander – comunicação pessoal.

346 Livro nº. 32 de Registros de Nascimentos de Muzambinho – fl. 182 – nº. 14.

347 ISOLDI, Maria Celina Exner Godoy. *Um Antigo Habitante da Região de Cabo Verde (Minas Gerais): Frutuoso Machado Tavares e Silva*, in Revista da ASBRAP nº. 5, p. 153, nº. 6-4, p. 150, nº. 5-4, e p. 146, nº. 4-1.

348 CARVALHO, Adilson de. *A Freguesia de Nossa Senhora da Assumpção de Cabo Verde e sua história*, p. 130 e 132, nº. 6

materno do Tenente **Francisco Domiano Paoliello**[349] e de **Maria Luísa de Oliveira**[350].

Racine Magalhães e Nery Pedrosa residiram na Rua Tiradentes, nº. 68, em Muzambinho, onde ele era oficial do cartório de registro civil. Posteriormente, passaram a morar na Fazenda Santo Antônio ou Serra Santo Antônio, em Caconde, com cerca de 40 alqueires, onde ambos faleceram, ele no dia 8-OUT-1986[351] e ela as 3h do dia 26-JUN-2003[352]. Tiveram os seguintes descendentes:

1(IX)- MARIA DO CARMO MAGALHÃES, falecida em 2-MAR-1944.

2(IX)- **SÔNIA MARIA MAGALHÃES**, casada com **JOSÉ DUARTE PIRES**, com quem teve geração que segue.

3(IX)- VANDER MAGALHÃES casou-se com MARLENE APARECIDA CRUZ, que segue no § 29º.

4(IX)- ALCIONE MAGALHÃES, casada com JOÃO BATISTA ROMANO, com geração que segue no § 32º.

---

349 Tenente **Francisco Domiano Paoliello** exercia a profissão de negociante e faleceu, sem testamento, pela manhã de 31-JUL-1903, na sua casa em Muzambinho, de pneumonia, com 40 anos de idade "mais ou menos" (Livro nº. 4 de Registro de Óbitos de Muzambinho – fl. 34 – nº. 84). Era natural de Viggiano, na Basilicata, Itália, filho do Tenente **Próspero Paoliello** (Sobrinho) com **Maria Rosa**.

Próspero Paoliello (Sobrinho), por sua vez, nasceu em Viggiano, no dia 9-JAN-1826, sendo filho de **Francesco Antonio Paoliello** e de **Nunzia Nigro** (*Ufficio dello Stato Civile* de Viggiano – ano 1826 – parte I – nº. 9). Sobre a família Paoliello, ver: ISOLDI, Maria Celina Exner Godoy. *Um Antigo Habitante da Região de Cabo Verde (Minas Gerais): Frutuoso Machado Tavares e Silva*, *in* Revista da ASBRAP nº. 5, p. 200, nº. 3-1.

350 **Maria Luísa de Oliveira**, após se casar, passou a se chamar **Maria Domiano Paoliello** ou **Maria de Oliveira Paoliello**. Era natural de Muzambinho, onde veio a falecer com 63 anos, no dia 18-MAR-1925, às 19h30min, na Praça Minas Gerais, em casa de Galdino Ribeiro de Araújo, de envenenamento urêmico, filha legítima de **Francisco Tristão de Oliveira** e de **Ana Luísa de Oliveira** (Livro nº. 15 de Óbitos de Muzambinho – fl. 194 – nº. 68). Encontra-se enterrada no Cemitério Municipal de Muzambinho. A respeito de sua ascendência, ver: AMATO, Marta. *Família Andrade de Minas Gerais. Ascendência e descendência de Antônio de Brito Peixoto. 500 anos de História*, p. 204, nº. 4-5.

351 Cf. averbação em seu assento de nascimento.

352 Livro nº. 43 de Registros de Óbitos de Muzambinho – fl. 154 v – nº. 10971. Desse assento consta que **Nery Pedrosa** faleceu em Muzambinho, em trânsito, a caminho do hospital local, mas, na realidade, o óbito deu-se em sua residência na casa-sede da Fazenda Santo Antônio, em Caconde, onde residia.

5(IX)- JOSÉ VANDERLEI MAGALHÃES foi casado com LÚCIA MARIA MAZZILLI, com quem teve o filho que segue no § 34º. Também se casou com CÉLIA CRISTINA MONTANARI, mas não teve geração deste consórcio.

6(IX)- IONE MAGALHÃES, casada com HILDON CARLOS DA SILVA, com descendência que segue no § 35º.

7(IX)- ROSTANE MAGALHÃES, casado com RITA DE CÁSSIA REMÉDIO, com geração que segue no § 37º.

8(IX)- ROSÂNGELA MAGALHÃES foi casada com ALTAMIRO VIEIRA VASCONCELOS, com quem teve a descendência que segue no § 39º.

IX- **SÔNIA MARIA MAGALHÃES**[353], professora primária aposentada, nascida em Guaxupé, no dia 12-ABR-1945, mas registrada em Caconde. Contraiu núpcias em Muzambinho, no dia 27-JUN-1970, com **JOSÉ DUARTE PIRES**[354], aposentado, nascido na capital paulista aos 26-JUN-1942, filho de **Américo Custódio Pires** e de **Julieta Rossi**[355]. São proprietários do Sítio Barra Grande, em Caconde, e residem em São José do Rio Pardo, no Estado de São Paulo. Tiveram a seguinte descendência:

1(X)- CRISTIANE MAGALHÃES PIRES, casou-se com RONAN EMEDIATO LEIJOTO, que segue.

2(X)- CYNTHIA MAGALHÃES PIRES, que se casou com CARLOS ALBERTO DA SILVEIRA ISOLDI FILHO (*Beto*), com quem teve geração que segue no § 27º.

3(X)- CYNARA MAGALHÃES PIRES, casada com MARCELO ALVES BERTOGNA, com geração que segue no § 28º.

---

353 Por mera curiosidade genealógica, em maio de 2017, foi realizado exame de DNA para análise da composição genética de Sônia Maria Magalhães, por meio do sítio *My Heritage*, cujo resultado foi: 88,5% de etnicidade da Europa; 4,2% do Oriente Médio; 3,5% da América Central (centro-americano); 2,1% da África Central (serra-leonês); e 1,7% da Ásia Ocidental (oeste asiático). Do percentual europeu, 85,9% são do sul do continente (sendo 50% italiano, 31% ibérico e 4,9% sardônico); 1,3% da Europa Oriental (balcânico) e 1,3% do Norte da Europa e Europa Ocidental (escandinavo).

354 Pela mesma razão, em maio de 2017, José Duarte Pires fez exame de DNA para análise de sua composição genética, por meio do sítio *My Heritage*, cujo resultado foi: 87,9% de etnicidade da Europa; 9,9% do Oriente Médio; 2,2% da África (norte-africano). Do percentual europeu, 63,5% é do sul do continente (sendo 22,6% italiano; 21,1% ibérico e 19,8% sardônico) e 24,4% do norte e parte ocidental da Europa (23,2% escandinavo e 1,2% finlandês). Do oriente médio, 5,6% é de judeu sefardita.

355 ISOLDI FILHO, Carlos Alberto da Silveira. *Furlanetto: uma família de origem veneta*, *in* Revista da ASBRAP nº. 16, p. .207, nº V do § 28º.

X- CRISTIANE MAGALHÃES PIRES, médica, natural de Muzambinho, onde nasceu em 12-JUL-1971. Casou-se em Belo Horizonte, com RONAN EMEDIATO LEIJOTO, comerciante, nascido na capital mineira, aos 24-ABR-1976, filho de Carlos Alberto Guimarães Leijoto e de Miriam Moreno Emediato, neto paterno de Rubens Pereira Leijoto e de Marina Monteiro Guimarães[356], neto materno de Willes Emediato e Gilka Guimarães Moreno. O casal teve:

1(XI)- CAIO EMEDIATO PIRES LEIJOTO, que nasceu em Belo Horizonte, no dia 4-SET-2004.

§ 27º

X- **CYNTHIA MAGALHÃES PIRES**[357], filha de José Duarte Pires e de Sônia Maria Magalhães (nº. IX do § 26º). Engenheira de produção, nasceu na capital paulista em 17-FEV-1973, casou-se na Igreja Matriz de São José do Rio Pardo, Estado de São Paulo, no dia 16-MAR-2002, com **CARLOS ALBERTO DA SILVEIRA ISOLDI FILHO** (*Beto*), promotor de justiça no Estado de Minas Gerais, nascido em São Paulo, em 1º-JAN-1974, filho de **Carlos Alberto da Silveira Isoldi**[358] e de **Maria Celina Exner Godoy**[359]. Em Minas Gerais, o casal residiu na Cidade de Buritis até

---

356 CORRÊA, Breno Henrique Booz Carvalho, *Porvindouros de um nobre legado*, *in* Revista do IHGMG nº. 44 – suplemento especial de genealogia, p. 76, nº. 8.1.2.

357 Da mesma forma, também em maio de 2017, Cynthia Magalhães Pires fez exame de DNA para análise de sua composição genética, por meio do sítio *My Heritage*, cujo resultado foi: 93,8% de etnicidade da Europa e 6,2% do Oriente Médio propriamente dito. Do percentual europeu, 89,9% são do Sul da Europa (sendo 61,5% italiano; 22,9% ibérico e 5,5% sardônico) e 3,9% do norte da Europa e Europa Ocidental (escandinavo). Em 2018, ela realizou teste no *Family Tree DNA* que classificou o seu DNA mitocondrial como: L1c1b.

358 AMATO, Marta. *Bento da Costa Preto. Um paulista nas Minas Gerais*, p. 117-118, nº. 10-4 e 11-1; ISOLDI FILHO, Carlos Alberto da Silveira. *A família Verlangieri, originária da Comuna de Polla, na Itália, e suas ramificações nos Estados Unidos da América e no Brasil*. In: Revista da ASBRAP nº. 12, p. 169, nº. IX do § 25º; e p. 176-177, nº. X e XI do § 30º; ISOLDI FILHO, Carlos Alberto da Silveira. *Os Santomauros que, de Montepeloso, migraram para Padula*. In: Revista da ASBRAP nº. 20, p. 532-534, nº. VIII e IX do § 29º; SILVEIRA, Carlos da. *Aditamento à Genealogia Paulistana*. In: Revista Genealógica Latina, v. XX., p. 168, S 10.

359 ISOLDI, Maria Celina Exner Godoy. *Um Ramo da Família Bueno de Camargo*. In: Edição Comemorativa do Cinquentenário do Instituto Genealógico Brasileiro, p. 309 e 310, nº. 9-1, 10-1 e 11-1.

AGO-2002, quando se mudou para Teófilo Otoni e, desde DEZ-2002, está estabelecido em Belo Horizonte. São proprietários do Sítio dos Bandeirantes, no lugar denominado Boa Vista, no Distrito de Acuruí, Município de Itabirito. Tiveram os seguintes filhos, todos naturais de Belo Horizonte:

1(XI)- CARLOS ALBERTO DA SILVEIRA ISOLDI NETO, nascido aos 24-FEV-2003, tendo falecido, em Belo Horizonte, em 3-MAR-2003.

2(XI)- MANUELA MAGALHÃES PIRES DA SILVEIRA ISOLDI, nascida no dia 12-ABR-2005.

3(XI)- LAURA MAGALHÃES PIRES DA SILVEIRA ISOLDI, nascida aos 18-JUN-2007.

§28º

X- CYNARA MAGALHÃES PIRES, engenheira de produção, nasceu em Caconde, a 5-JUL-1977, filha de José Duarte Pires e de Sônia Maria Magalhães (nº. IX do § 26º). Veio a se casar, na Igreja Matriz de São José do Rio Pardo, no dia 9-OUT-2010, com MARCELO ALVES BERTOGNA, economista, nascido aos 24-AGO-1977, filho de José Acácio Bertogna e de Cristina Elizabete Alves. O casal residiu em São Caetano do Sul, Estado de São Paulo, até OUT-2018, quando se mudaram para Roterdão, na Holanda. Pais de:

1(XI)- HENRIQUE PIRES BERTOGNA, nascido na capital paulista, no dia 6-SET-2012.

§29º

IX- VANDER MAGALHÃES, filho de Racine Magalhães e de Nery Pedrosa (nº. VIII do § 26º). Nasceu no dia 14-OUT-1946, em Caconde, na Fazenda Sobrado, de propriedade de seu avô paterno. Foi oficial do Registro Civil de Muzambinho, cidade em que faleceu no dia 17-ABR-2008. Foi casado com MARLENE APARECIDA CRUZ, professora aposentada, nascida em Muzambinho, a 7-MAI-1947, pais de:

1(X)- EUDES RODRIGUES MAGALHÃES, casado com ANADELY APARECIDA SILVA, com geração que segue.

2(X)- ELIZANDRO MAGALHÃES, casado com FERNANDA AMORE DE MELO, com geração no § 30º.

3(X)- VANDERLENE MAGALHÃES (*Deka*) casou-se com ALEXANDRE DIAS FARIA, com quem teve filho que segue no § 31º.

X- EUDES RODRIGUES MAGALHÃES, nascido no dia 28-NOV-1975, em Muzambinho, onde se casou, na Igreja Matriz, aos 29-ABR-2006, com ANADELY APARECIDA SILVA, fisioterapeuta, nascida em Campinas, aos 21-ABR-1974, filha de Roberto Almeida Silva e de Maria Zélia Silva. Atualmente residem em Poços de Caldas, Minas Gerais. Pais de:

1(XI)- ALICIA ALMEIDA MAGALHÃES, nascida em Divinópolis, Minas Gerais, no dia 6-SET-2010.

§30º

X- ELIZANDRO MAGALHÃES, filho de Vander Magalhães e de Marlene Aparecida Cruz (nº. IX do § 29º). Nascido aos 22-OUT-1977, contraiu núpcias com FERNANDA AMORE DE MELO, nascida em 6-MAIO-1977, ambos naturais de Muzambinho, onde se casaram aos 26-JUN-2004. Foi titular do cartório de Registro Civil de Muzambinho e, atualmente, é advogado. Tiveram as seguintes filhas:

1(XI)- MARIA FERNANDA AMORE DE MELO MAGALHÃES, natural de Muzambinho, onde nasceu no dia 21-OUT-2004.

2(XI)- LORENA AMORE DE MELO MAGALHÃES, nascida em Guaxupé, no dia 19-NOV-2012.

§31º

X- VANDERLENE MAGALHÃES (*Deka*), nascida em Muzambinho, no dia 11-MAR-1982, filha de Vander Magalhães e de Marlene Aparecida Cruz (nº. IX do § 29º). Ela é tecnóloga em radiologia e veio a se casar, em sua cidade natal, aos 17-NOV-2007, com ALEXANDRE DIAS FARIA, natural de Itajubá, Minas Gerais, onde nasceu em 13-SET-1982. Pais de:

1(XI)- RAUL MAGALHÃES FARIA, nascido na capital paulista, em 10-NOV-2013.

§32º

IX- ALCIONE MAGALHÃES, especialista em educação, nascida aos 23-MAI-1948, em Tapiratiba, mas foi registrada em Caconde, filha de Racine Magalhães e de Nery Pedrosa (nº. VIII do § 26º). Casou-se com JOÃO BATISTA ROMANO, bancário aposentado, nascido no dia 21-JUN-1950, em Muzambinho, onde residem na casa que pertenceu aos pais dela, situada na Rua Tiradentes, nº. 68. Tiveram:

1(X)- TÚLIO MARCOS ROMANO, casado com DEBORAH REIS ALVARENGA, com geração que segue.

2(X)- FRANCINE ROMANO casou-se com LUÍS HENRIQUE PINTO DE SOUZA, com as filhas que seguem no § 33º.

X- TÚLIO MARCOS ROMANO, natural de Muzambinho, onde nasceu aos 22-JUN-1976. Formado em publicidade, fez mestrado em administração. É casado com DEBORAH REIS ALVARENGA, professora universitária, com mestrado em física, nascida em Belo Horizonte, no dia 16-SET-1980. Residem em Varginha e são pais de:

1(XI)- ALICE ALVARENGA ROMANO, nascida em 12-JAN-2016.

§ 33º

X- FRANCINE ROMANO, psicóloga, nascida em Muzambinho, no dia 10-MAI-1978, filha de João Batista Romano e de Alcione Magalhães (nº. IX do § 32º). Contraiu núpcias com LUÍS HENRIQUE PINTO DE SOUZA, formado em administração de empresas e corretor de seguros, nascido em Mococa, aos 15-MAR-1972. Pais das seguintes filhas gêmeas, nascidas aos 23-OUT-2015:

1(XI)- HELENA ROMANO DE SOUZA.

2(XI)- LUÍSA ROMANO DE SOUZA.

§34º

IX- JOSÉ VANDERLEI MAGALHÃES, filho de Racine Magalhães e de Nery Pedrosa (nº. VIII do § 26º). Nascido no dia 20-JAN-1950, em Tapiratiba, mas registrado em Caconde. Foi oficial de justiça em Muzambinho. Contraiu núpcias, pela primeira vez, com LÚCIA MARIA MAZZILLI, nascida em 10-JAN-1954, filha de Domingos Mazzilli (que foi prefeito de Muzambinho) e de Maria Modesto dos Santos. Após se divorciar, veio a se casar com CÉLIA CRISTINA MONTANARI. Ele faleceu em Jaú, no dia 6-JUL-2018, vítima de câncer, deixando descendência apenas do primeiro matrimônio:

1(X)- BRUNO MAZZILLI MAGALHÃES, que se casou com CARINA DA CUNHA, com geração.

X- BRUNO MAZZILLI MAGALHÃES, administrador de empresas, nascido em Belo Horizonte aos 21-OUT-1977. É casado com CARINA DA CUNHA, gerente de contas, também natural da capital mineira, onde nasceu em 6-MAR-1978. Pais de:

1(XI)- HEITOR CUNHA MAZZILLI, nascido em Belo Horizonte em 1º-OUT-2013.

§35º

IX- IONE MAGALHÃES[360], filha de Racine Magalhães e de Nery Pedrosa (nº. VIII do § 26º). Psicopedagoga, nasceu em 10-FEV-1952, em Muzambinho, mas foi registrada em Caconde. Casou-se com HILDON CARLOS DA SILVA, nascido no dia 19-JUL-1947, em Capitólio, Minas Gerais, onde residem na Fazenda Água Limpa, local em que produzem a famosa cachaça "Rodriguinha", tradição da família dele há mais de 100 anos. Tiveram:

1(X)- ELISÂNGELA BETTINE MAGALHÃES DA SILVA contraiu matrimônio com FLÁVIO SOUZA SANTOS, com geração que segue.

2(X)- RACINE JOSÉ MAGALHÃES DA SILVA teve uma filha com MIRIAM RAQUEL VELOSO DOS SANTOS. Depois, casou-se com ÉRIKA AMÉLIA SILVA LEITE, com quem teve mais uma filha. Segue no § 36º.

3(X)- JANELISE CRISTINA MAGALHÃES DA SILVA, casada com THIAGO ALVES FERREIRA, com geração que segue no § 37º.

X- ELISÂNGELA BETTINE MAGALHÃES DA SILVA, artesã, nascida em Muzambinho, aos 19-OUT-1973. É casada com FLÁVIO SOUZA SANTOS, gerente do Banco do Brasil, nascido em 6-JUN-1973, pais de:

1(XI)- CAMILA BETTINE MAGALHÃES SOUZA SANTOS, que nasceu no dia 16-JUL-1991. Formou-se em engenharia química pela Universidade Federal de Diamantina.

§36º

X- RACINE JOSÉ MAGALHÃES DA SILVA, piscicultor, filho de Hildon Carlos da Silva e de Ione Magalhães (nº. IX do § 35º). Nascido em Caconde, aos 25-OUT-1977, teve com MIRIAM RAQUEL VELOSO DOS SANTOS a seguinte filha:

1(XI)- YASTTRA RAQUEL MAGALHÃES, nascida em Capitólio, Minas Gerais, no dia 17-JUN-2000.

Racine José Magalhães da Silva casou-se em Capitólio, no dia 30-SET-2016, com ÉRIKA AMÉLIA SILVA LEITE, nascida em 7-AGO-1982. Tiveram a filha:

---

360 Sempre interessada pelas histórias familiares, a Sra. Ione Magalhães da Silva forneceu-nos os primeiros dados sobre os membros das famílias Ferreira Pedrosa e Pereira Lima, estabelecidos em Tapiratiba, Estado de São Paulo. A partir deles, foi possível iniciar a pesquisa documental que resultou no presente trabalho. Somos muito gratos a ela.

2(XI)- ISIS MAGALHÃES DA SILVA LEITE, nascida em Passos, Minas Gerais, no dia 6-ABR-2017.

§37º

X- JANELISE CRISTINA MAGALHÃES DA SILVA, nascida em Caconde, a 5-JAN-1983, filha de Hildon Carlos da Silva e de Ione Magalhães (nº. IX do § 35º). Casou-se em Piumhi, Minas Gerais, no dia 18-OUT-2008, com THIAGO ALVES FERREIRA, nascido aos 31-DEZ-1983, em Piumhi, onde é proprietário de uma oficina de funilaria e pintura. Tiveram o seguinte filho:

1(XI)- RYANN CARLOS ALVES FERREIRA MAGALHÃES DA SILVA, estudante, nascido em Piumhi, às 8h do dia 14-MAIO-2010.

§38º

IX- ROSTANE MAGALHÃES, nascido aos 29-JUL-1954, em Muzambinho, mas foi registrado em Caconde, filho de Racine Magalhães e de Nery Pedrosa (nº. VIII do § 26º). Casou-se com RITA DE CÁSSIA REMÉDIO, natural de Caconde, onde nasceu no dia 20-DEZ-1964. Herdou parte da Fazenda Santo Antônio, em Caconde, incluindo a casa-sede. Pais de:

1(X)- LARA BEATRIZ REMÉDIO MAGALHÃES contraiu núpcias com DAVID BARBOSA DO PRADO JÚNIOR, com quem teve geração que segue.

2(X)- ROSTANE MAGALHÃES FILHO (*Gugu*), engenheiro agrônomo, natural de Caconde, onde nasceu em 12-JAN-1989.

X- LARA BEATRIZ REMÉDIO MAGALHÃES, formada em enfermagem, nasceu em Caconde, aos 18-MAI-1987. Casou-se com DAVID BARBOSA DO PRADO JÚNIOR, nascido em Caconde, no dia 11-JUN-1987, com quem teve:

1(XI)- VALENTINA MAGALHÃES PRADO, nascida em São José do Rio Pardo, em 12-MAIO-2014.

§39º

X- ROSTANE MAGALHÃES FILHO (*Gugu*), filho de Rostane Magalhães e Rita de Cássia Remédio (nº. IX do § 37º). Engenheiro agrônomo, natural de Caconde, onde nasceu em 12-JAN-1989. Teve uma filha com LILIAN CANTARELLI:

1(XI)- LUÍSA CANTARELLI MAGALHÃES.

§ 40º

IX- ROSÂNGELA MAGALHÃES, filha de Racine Magalhães e de Nery Pedrosa (nº. VIII do § 26º). Nascida no dia 28-NOV-1955, em Tapiratiba, porém registrada em Caconde. Foi casada com ALTAMIRO VIEIRA VASCONCELOS, já falecido, com quem teve a seguinte descendência:

1(X)- JULIANA MAGALHÃES VASCONCELOS, que se casou com MARCUS VINICIUS SALOMÃO.

2(X)- ANDRÉIA MAGALHÃES VASCONCELOS, casada com RUBENS ANTÔNIO DE JESUS, com geração que segue no § 41º.

3(X)- JANAINA MAGALHÃES VASCONCELOS casou-se com LUIZ GUSTAVO BONELI MACIEL, que segue no § 42º.

X- JULIANA MAGALHÃES VASCONCELOS, formada em administração de empresas, nasceu em Caconde, aos 17-MAR-1977. É casada com MARCUS VINICIUS SALOMÃO (*Xulina*), mestre de cerimônias do Governo do Estado de São Paulo, nascido em Muzambinho, no dia 12-MAI-1969. Residem em Jundiaí e são pais de:

1(XI)- RAPHAELLA MAGALHÃES SALOMÃO, nascida em Muzambinho, aos 15-SET-1997.

§ 41º

X- ANDRÉIA MAGALHÃES VASCONCELOS, nascida em Muzambinho, a 4-OUT-1979, filha de Altamiro Vieira Vasconcelos e de Rosângela Magalhães (nº. IX do § 40º). Casou-se com RUBENS ANTÔNIO DE JESUS, nascido em Muzambinho no dia 12-JUN-1973. São microempresários e tiveram os seguintes filhos:

1(XI)- DIEGO MAGALHÃES VASCONCELOS DE JESUS nasceu em Muzambinho, no dia 5-MAR-2002.

2(XI)- GABRIELLA MAGALHÃES DE JESUS, nascida em Muzambinho, a 4-OUT-2005.

§ 42º

X- JANAINA MAGALHÃES VASCONCELOS, filha de Altamiro Vieira Vasconcelos e de Rosângela Magalhães (nº. IX do § 40º). Nascida em Muzambinho, aos 21-SET-1982, é formada em ciências contábeis. Veio a se casar com LUIZ GUSTAVO BONELI MACIEL (*Pupu*), protético, nascido em Muzambinho, no dia 30-AGO-1973. Tiveram o seguinte filho:

1(XI)- ARTHUR MAGALHÃES BONELI MACIEL, natural de Muzambinho, onde nasceu em 9-AGO-2013.

§ 43º

(Ramo de São José do Rio Pardo, Estado de São Paulo)

VI- JOÃO FERREIRA PEDROSA, filho do Tenente Manuel Ferreira Pedrosa e de Militina Silvéria de Aguiar (nº. V do § 24º). Nasceu aos 27-JUN-1875 e veio a ser batizado aos 29-AGO-1875, na Freguesia de Nossa Senhora da Conceição do Rio das Pedras, atual Distrito de Acuruí, em Itabirito, Minas Gerais, tendo como padrinhos João Fagundes de Aguiar e Maria Silvéria de Aguiar[361]. Era lavrador e, no final do século XIX, migrou de Minas Gerais para o Estado de São Paulo, passando a residir, inicialmente, na Fazenda do Barreiro, em São José do Rio Pardo.

Casou-se em São José do Rio Pardo, Estado de São Paulo[362], com JUVENTINA LUÍSA DA CUNHA, também conhecida como JUVENTINA LEITE, nascida em 15-AGO-1879 e batizada em 4-SET-1879, na Paróquia de Santo Antônio da Casa Branca (atual Distrito de Glaura, em Ouro Preto), tendo como padrinhos Manuel Umbelino da Silva e Maria Augusta da Cunha[363]. Ela era filha de Antônio Leite da Cunha[364] e de Maria Olímpia Pinto da Cunha (naturais de Minas), neta paterna de Carlos Leite da Cunha e de Praxedes Maria do Espírito Santo[365; 366]. Por

---

361 Livro de Batismos da Freguesia do Rio das Pedras – Acuruí (site: http://familysearch.org, consultado em JUL-2014).

362 Cf. consta dos assentos de nascimento dos filhos José e Maria.

363 Livro de Batismos de Glaura (1870 a 1887), site: http://familysearch.org, imagem 17, consultado em MAR-2019.

364 Antônio Leite da Cunha foi proprietário da Fazenda do Barreiro, em São José do Rio Pardo, no Estado de São Paulo.

365 Os nomes dos avós paternos de Juventina Luísa da Cunha constam do registro de nascimento de sua irmã germana, Ana Leite da Cunha, nascida em 11-MAR-1900, em São José do Rio Pardo. Desse ato também se depreende que os avós eram falecidos em Minas. Além delas, o casal Antônio Leite da Cunha – Maria Olímpia Pinto da Cunha também teve a filha Amélia, nascida em 10-SET-1885 e batizada no dia 14-OUT-1885, na Freguesia de Santo Antônio da Casa Branca (atual Distrito de Glaura, em Ouro Preto), tendo como padrinhos: Basilino Joaquim de Oliveira Quites e Josefina Ferreira Quites (Livro de Batismos de Glaura - 1870 a 1887 – imagem 43 - site: http://familysearch.org, consultado em MAIO-2019).

366 Praxedes Maria do Espirito Santo ou Praxedes Maria de Jesus foi batizada aos 27-MAIO-1821, na Igreja Matriz de Santo Antônio da Casa Branca (atual Distrito de Glaura, em Ouro Preto), sendo filha de Manuel Gregório Vieira e de Rosa Claudina do Céu. Os padrinhos foram: José Prudêncio da Silva e Águeda Maria de Jesus (Livro de Batismos de Glaura, site: http://familysearch.org, imagem 153, consultado em FEV-2019).

ocasião do inventário dos pais dele, em 1916, residiam em Tapiratiba, no Estado de São Paulo[367]. Tiveram treze filhos[368]:

1(VII)- MARIA, nascida às 19h de 3-MAR-1899, na Fazenda Barreiro, em São José do Rio Pardo, tendo sido declarante o avô materno[369].
2(VII)- JOSÉ PEDROZA (*Juca*) casou-se com RAFAELA PERRI, com quem teve a descendência que segue.
3(VII)- JOAQUIM, nascido às 2h do dia 7-SET-1902, em São José do Rio Pardo, na Fazenda do Barreiro, onde seu pai residia[370].
4(VII)- MANUEL nascido aos 26-AGO-1905, na Fazenda do Barreiro, em São José do Rio Pardo.
5(VII)- ANTÔNIO, nascido na Fazenda do Barreiro, em São José do Rio Pardo, no dia 15-NOV-1907.
6(VII)- ANITA.
7(VII)- MILITINA.
8(VII)- NICOLAU.
9(VII)- JOÃO.
10(VII)- EULÁLIA.
11(VII)- MIGUEL.
12(VII)- PEDRINA.
13(VII)- APARECIDA PEDROSA, que faleceu aos 89 anos de idade, no dia 14-OUT-2018, em São José do Rio Pardo. Foi casada com MÁRIO MARTINI.

VII- JOSÉ PEDROZA (*Juca*) nasceu às 6h do dia 14-AGO-1900, na casa de seu pai, situada na Fazenda Barreiro, em São José do Rio Pardo[371]. Faleceu aos 22-NOV-1994, em sua cidade natal, onde foi sepultado[372]. Casou-se

---

367 Cf. processo de arrolamento dos bens de Manuel Ferreira Pedrosa e Militina Silvéria de Aguiar (Arquivo da Casa Setecentista do Pilar – Ouro Preto – letra M – maço 88 – 1916 - 1º Ofício).

368 PEDROZA, Renato Benedito – comunicação pessoal.

369 Livro nº. 11 de Registros de Nascimento de São José do Rio Pardo – fl. 79– nº. 202.

370 Livro nº. 17 de Registros de Nascimento de São José do Rio Pardo – fl. 108 – nº. 255.

371 Livro nº. 13 de Registros de Nascimento de São José do Rio Pardo– fl. 158 – nº. 419.

372 Livro nº. 37 de Registros de Óbitos de São José do Rio Pardo – fl. 62 – nº. 5819. Desse assento de óbito consta que José Pedrosa teria nascido aos 30-JUN-1900.

em Tapiratiba, Estado de São Paulo, com RAFAELA PERRI, com quem teve[373]:

1(VIII)- RENATO PEDROZA casou-se com ZILDA URIAS DA SILVA, com geração que segue.

2(VIII)- MARIA APARECIDA.

VIII- RENATO PEDROZA, nascido aos 27-MAR-1924, em Tapiratiba, casou-se no dia 29-JUL-1948, em São Sebastião da Grama, com ZILDA URIAS DA SILVA, nascida em São José do Rio Pardo, aos 29-SET-1928, filha de Benedito Urias e Eliza Aparecida Silleri[374]. Residiam em São José do Rio Pardo, onde faleceram, ele em 7-JAN-2011; e ela em 16-FEV-2016. Pais de:

1(IX)- RENATO BENEDITO PEDROSA foi casado com MARIA BEATRIZ GONÇALVES, com geração que segue.

IX- RENATO BENEDITO PEDROZA, professor de educação física, nascido em São José do Rio Pardo, no dia 14-ABR-1949. Foi casado com MARIA BEATRIZ GONÇALVES (*Bia*), professora de biologia, nascida em São José do Rio Pardo, em 1º-MAR-1952, filha de Renato Dias Gonçalves[375] e de Dulcy Fontão Navarro. Tiveram os seguintes filhos:

1(X)- RENATO GONÇALVES PEDROZA, casado com JULIANA BOLDRIN AGASSI. Com geração que segue.

2(X)- ANA BEATRIZ GONÇALVES PEDROZA (*Bia*), que foi casada com ARTHUR MORINI LEAL, com quem teve geração que segue no § 44º.

3(X)- FÁBIO GONÇALVES PEDROZA, nascido em 27-SET-1979, em São José do Rio Pardo.

X- RENATO GONÇALVES PEDROZA, comerciante e músico, nascido em São José do Rio Pardo, no dia 12-MAR-1976, casou-se com JULIANA BOLDRIN AGASSI, nascida aos 21-NOV-1979. Pais de[376]:

---

373 PEDROZA, Renato Benedito – comunicação pessoal.

374 Da certidão de casamento consta que Zilda Urias da Silva teria nascido em 19-OUT-1928. Porém, o dia em que ela realmente nasceu foi 29-SET-1928, data na qual sempre comemorava (PEDROZA, Renato Benedito – comunicação pessoal).

375 DAUNT, Ricardo Gumbleton, *O capitão Diogo Garcia da Cruz, neto de Diogo Garcia e Julia Maria da Caridade, naturais da Ilha do Faial, e sua geração, in* RIHG nº. 9, p.191, nº. 5-7 do nº. 4-1; NOBRE, Eduardo Dias Roxo. *Capitão Vicente e seus descendentes*, p. 88, nº. IV-1 de III-7.

376 PEDROZA, Renato Benedito – comunicação pessoal.

1(XI)- LUCAS AGASSI PEDROZA, nascido aos 28-FEV-2010, em São José do Rio Pardo.

§ 44º

X- ANA BEATRIZ GONÇALVES PEDROZA (*Bia*), filha de Renato Pedroza e Maria Beatriz Gonçalves (nº. IX do § 43º). Nascida aos 22-FEV-1978, em São José do Rio Pardo, foi casada com ARTHUR MORINI LEAL, com quem teve a filha[377]:

1(XI)- LARA PEDROZA LEAL, nascida no dia 11-DEZ-2008, em São José do Rio Pardo.

§ 45º

(Ramo de Tapiratiba, Estado de São Paulo)

VI- ANTÔNIO FERREIRA PEDROSA, filho do Tenente Manuel Ferreira Pedrosa e de Militina Silvéria de Aguiar (nº. V do § 24º). Foi batizado aos 16-MAR-1872, na Igreja de Nossa Senhora da Conceição do Rio das Pedras, atual Distrito de Acuruí, em Itabirito, Minas Gerais. Teve como padrinhos: Alferes Antônio Martins de Aguiar e Maria Silvéria da Purificação[378]. Faleceu no dia 13-MAR-1954, em Tapiratiba, Estado de São Paulo, onde foi sepultado[379]. Casou-se duas vezes, sendo a primeira com sua prima CÂNDIDA JOAQUINA PEDROSA ou, apenas, CÂNDIDA PEDROSA, também chamada CÂNDIDA DA CONCEIÇÃO, filha de Francisco Rodrigues Pedrosa e de Ana Joaquina de Aguiar (nº. V do § 49º)[380]. Contraiu núpcias, pela segunda vez, aos 24-DEZ-1910, em Tapiratiba, com MARIA CÂNDIDA DE JESUS, natural de Muzambinho, filha de Aureliano José Corrêa e de Cândida Purcina do Espírito Santo[381]. Com a primeira mulher, teve cinco filhos[382]:

---

377 PEDROZA, Renato Benedito – comunicação pessoal.

378 Livro de Batismos da Freguesia do Rio das Pedras – Acuruí (site: http://familysearch.org, consultado em JUL-2014).

379 Cf. certidão expedida em 3-JUN-2015 pela Oficial de Registro Civil das Pessoas Naturais de Tapiratiba (matrícula 11875201551910200001110000012264).

380 Em relação à filiação de Cândida Joaquina Pedrosa, que foi casada com Antônio Ferreira Pedrosa, trata-se de informação de seu neto Pedro Ferreira Pedroza.

381 Cf. certidão expedida em 5-DEZ-2017 pela Oficial de Registro Civil das Pessoas Naturais de Tapiratiba (matrícula 11875201551954400015129000580894).

382 PEDROZA, Pedro Ferreira – comunicação pessoal.

1(VII)- ANTÔNIO, que faleceu aos 10 anos de idade, por picada de cobra, no Can Can, em Tapiratiba.
2(VII)- JOSÉ SEBASTIÃO PEDROZA (*Zico*) foi casado com CRISTIANE RAK, com geração que segue.
3(VII)- AQUILES PEDROZA casou-se com DALVA OLIVEIRA.
4(VII)- LAURA PEDROZA, que se casou com AGENOR ... .
5(VII)- MARIA PEDROZA (*Lica*), nascida aos 26-OUT-1901, foi batizada em 8-DEZ-1901, na Matriz da Freguesia do Rio das Pedras. Seus padrinhos foram: Joaquim Rodrigues Pedrosa e Vitalina Rodrigues Pedrosa. Casou-se com ... RICIERI.

Antônio Ferreira Pedrosa e sua segunda mulher Maria Cândida de Jesus tiveram:
6(VII)- IZOLETA PEDROSA casou-se com JOÃO ELESBÃO PEDROSA (*Jota*), com quem teve os filhos descritos no § 47º.
5(VII)- ANGELINA, nascida por volta de 1915[383].

VII- JOSÉ SEBASTIÃO PEDROZA (*Zico*) nasceu por volta de 1898, em Minas Gerais, tendo falecido em São Paulo, no dia 6-JAN-1980. Foi casado com CRISTIANA RAK, com quem teve[384]:
1(VIII)- PEDRO FERREIRA PEDROZA, casado com MARIA ROSSI, com geração.

VIII- PEDRO FERREIRA PEDROZA (*Dinho*), nascido aos 24-MAR-1941, em Santa Rosa do Viterbo, Estado de São Paulo. Veio a se casar com MARIA ROSSI, nascida no dia 2-DEZ-1934, em Tapiratiba[385], filha de Ângelo Rossi e de Francelina Furlanetto[386]. São proprietários do Sítio Cristo Rei, em Tapiratiba, onde produzem a conceituada *Pinga Dinho's*. Tiveram:
1(IX)- LUCIANE ROSSI PEDROZA, casada com WALTER HERRERO, com geração que segue.

---

383 PEDROZA, Pedro Ferreira – comunicação pessoal.

384 PEDROZA, Pedro Ferreira – comunicação pessoal.

385 Livro de Registro de Nascimentos de Tapiratiba nº. A-17, fl. 130, nº. 2111. Desse assento de nascimento, lavrado aos 24-DEZ-1934, consta que Maria Rossi nasceu em 20-DEZ-1934. No entanto, segundo a tradição da família, na realidade, ela teria nascido no dia 2-DEZ-1934.

386 ISOLDI FILHO, Carlos Alberto da Silveira. *Furlanetto: uma família de origem veneta*, *in* Revista da ASBRAP nº. 16, p. .217, nº IV do § 43º.

2(IX)- RICARDO ROSSI PEDROZA, casado com SILVANA MORILO SARTORI, com geração que segue no § 46º.

IX- LUCIANE ROSSI PEDROZA, nascida na capital paulista, no dia 19-SET-1968. Contraiu núpcias com WALTER HERRERO, nascido em São Paulo, no dia 7-JAN-1967. Pais de:

1(X)- MIGUEL ROSSI PEDROZA HERRERO, nascido na capital paulista, em 18-FEV-2008.

§ 46º

IX- RICARDO ROSSI PEDROZA, filho de Pedro Ferreira Pedroza e de Maria Rossi (nº. VIII do § 45º). Nasceu no dia 8-JAN-1970, em São Paulo. Veio a se casar com SILVANA MORILO SARTORI, nascida em 12-DEZ-1978. Tiveram os seguintes filhos:

1(X)- LETÍCIA SARTORI PEDROZA faleceu pouco depois de nascer.
2(X)- LEONARDO SARTORI PEDROZA nasceu aos 25-DEZ-2003.
3(X)- PEDRO SARTORI PEDROZA, nascido em 30-OUT-2006.

§ 47º

VII- IZOLETA PEDROSA, filha de Antônio Ferreira Pedrosa e de sua segunda mulher Maria Cândida de Jesus (nº. VI do §45º). Nascida à meia-noite de 2-MAIO-1912, na casa de seu pai, situada na fazenda denominada Barreiro, em Tapiratiba[387]. Casou-se em 14-DEZ-1933, em Tapiratiba[388], com JOÃO ELESBÃO PEDROSA (*Jota*), nascido em Tapiratiba, aos 27-OUT-1910[389], filho de José Rodrigues Pedrosa e de Maria Emiliana Rodrigues (nº. VI do § 60º). Ambos faleceram em Tapiratiba, ele em 16-JUL-1994 e ela aos 16-SET-2001, sendo sepultados no cemitério local. Deixaram os filhos[390]:

---

387 Cf. certidão de nascimento expedida em 5-DEZ-2017 pela Oficial de Registro Civil das Pessoas Naturais de Tapiratiba (matrícula 11875201551912100003036000092718).

388 Cf. certidão de casamento expedida em 26-DEZ-2017 pela Oficial de Registro Civil das Pessoas Naturais de Tapiratiba (matrícula 11875201551933200005191000024888).

389 Cf. certidão de nascimento expedida em 20-FEV-2018 pela Oficial de Registro Civil das Pessoas Naturais de Tapiratiba (matrícula 11875201551910100002111000064537).

390 Cf. certidão de óbito de João Elesbão Pedrosa expedida em 26-DEZ-2017 pela Oficial de Registro Civil das Pessoas Naturais de Tapiratiba (matrícula 11875201551994400019021000104107).

1(VIII)- MARIA.
2(VIII)- JOSÉ.
3(VIII)- ALZIRA.
4(VIII)- TEREZINHA.
5(VIII)- ANTÔNIO.
6(VIII)- ANA LUCIA.
7(VIII)- LUCY.

§ 48º

V- ESTEVÃO FERREIRA PEDROSA JÚNIOR ou ESTEVÃO FERREIRA PEDROSA, filho legítimo de Estevão Ferreira Pedrosa e de Ana Joaquina Rodrigues (nº. IV do § 21º). Foi batizado na Capela de São Gonçalo do Tijuco, no dia 12-SET-1825, sendo padrinhos o Reverendo Manuel Rodrigues Peixoto e Ana Maria de Jesus Coelho[391]. Aparece como ESTEVÃO PEDROSA no censo de 1831, do Distrito de São Gonçalo do Tijuco, em Cachoeira do Campo[392]. Em 1848, era morador no Maracujá[393]. Aos 31-MAR-1856, no Tijuco, declarou ser possuidor de um corte de terras nos Olhos d'Água, na Freguesia de Cachoeira do Campo, divisando pela nascente com Francisco Pires, Antônio Rodrigues, Fazenda da Palmeira e Antônio Fernandes de Aguiar; pelo norte com herdeiros dos Olhos d'Água, pelo poente com terras da Preguiça e, pelo sul, com a mesma Preguiça e Fazenda da Samambaia, com 20 alqueires de planta de milho. Na mesma ocasião, ele também possuía um corte de terras no Pombo, Freguesia de Cachoeira do Campo, divisando as suas pastagens do Maracujá, com somente 1 alqueire de planta de milho[394]. No inventário de sua mãe, ele figura como casado e residente em Congonhas do Sabará (atual Nova Lima). Foi casado com MARIA CLARA RODRIGUES ou

391 Livro de Batismos da Freguesia de Cachoeira do Campo – 1813 a 1834 - p. 52v (Arquivo Eclesiástico da Arquidiocese de Mariana – AA-10).

392 Arquivo Público Mineiro, mapas de população, caixa 1, documento 8.

393 Cf. assento de batismo de Manuel, filho natural de Bárbara Domiciana, moradora no Ouro Fino, ministrado em 5-NOV-1848, na Freguesia de Nossa Senhora da Conceição do Rio das Pedras, no qual Manuel Ferreira Pedrosa e Estevão Ferreira Pedrosa Júnior serviram como testemunhas.

394 Arquivo Público Mineiro – Registros Paroquiais de Terras – Cachoeira do Campo – RP 000051 – p. 25.

MARIA CLARA RODRIGUES FRANÇA, filha de João Rodrigues Peixoto e de Maria Clara Rodrigues França[395]. Pais de:

1(VI)- ESTEVÃO FERREIRA PEDROSA que, em 1888, obteve dispensa para se casar com PRUDÊNCIA ALVES PEDROSA, com 25 anos, em razão de impedimento de 4º grau duplicado lateral atingente ao 3º de linha transversal desigual: Estevão Pedrosa, avô paterno do orador era irmão de pai e mãe de Luísa Rosa, bisavó da oradora; bem como José Calixto, avô materno da oradora também era filho legítimo da mesma Luísa, bisavó paterna dos oradores[396]. Ela era filha de Fortunato Alves Góis e de Mariana Ferreira Pedrosa (nº. VI do § 14º)

§ 49º

V- **FRANCISCO RODRIGUES PEDROSA**, filho legítimo de Estevão Ferreira Pedrosa e de Ana Joaquina Rodrigues (nº. IV do § 21º). Tinha as profissões de lavrador e de agência, quando se casou na Freguesia do Rio das Pedras (atual Acuruí), no dia 18-OUT-1863, com **ANA JOAQUINA DE AGUIAR**. As testemunhas do matrimônio foram: José Pereira Peçanha e Antônia Martins de Aguiar[397]. Ambos eram naturais da Freguesia de Nossa Senhora da Conceição do Rio das Pedras, sendo ela nascida no dia 11-MAIO-1845 e batizada, na referida localidade, a 8-JUN-1845, tendo como padrinhos: José Lourenço de Melo e sua mulher Ana Joaquina. Figuram no censo de Itabira do Campo (atual Itabirito), em 1867, ele com 30 anos de idade e ela com 23, com o nome **ANA MARTINS D'AGUIAR**[398]. Por vezes, ela aparece como **ANA SILVÉRIA DE AGUIAR** e, mais frequentemente, usava os nomes **ANA JOAQUINA DA PURIFICAÇÃO** ou **ANA JOAQUINA PEDROSA DA PURIFICAÇÃO** ou, apenas, **ANA JOAQUINA PEDROSA**, sendo filha do Alferes **Antônio Martins de Aguiar** e de **Maria Silvéria da**

395 Cf. processo de dispensa matrimonial de Estevão Ferreira Pedrosa e de Prudência Alves Pedrosa (Arquivo Eclesiástico da Arquidiocese de Mariana. Processo Matrimonial nº. 87453, arm. 35, pasta 8746, ano 1888, Itabirito).

396 Arquivo Eclesiástico da Arquidiocese de Mariana. Processo Matrimonial nº. 87453, arm. 35, pasta 8746, ano 1888, Itabirito.

397 Livro de Casamentos da Freguesia do Rio das Pedras (Acuruí) – 1835 a 1891 (site: http://familysearch.org, consultado em 9-JUN-2014).

398 Arquivo Público Mineiro, mapas de população, caixa 13, documento 3.

Silva – nº 8(VIII) do nº VII do § 7º do Capítulo 2º - família AGUIAR. Ele faleceu antes de 1906[399]. Tiveram os seguintes filhos[400]:

1(VI)- **FRANCISCO RODRIGUES PEDROSA JÚNIOR** (ou **FILHO**), apelidado de *Teco*, mas que depois passou a se chamar **FRANCISCO PEDROSA TECO**, casado com **JOSEFINA FERREIRA PEDROSA**. Com geração que segue no § 50º.

2(VI)- JOÃO RODRIGUES PEDROSA (*Jota*) casado com BELARMINA AUGUSTA DE LIMA, que segue no § 62º.

3(VI)- CÂNDIDA JOAQUINA PEDROSA ou CÂNDIDA PEDROSA ou, ainda, CÂNDIDA DA CONCEIÇÃO, batizada aos 16-MAR-1872, na Freguesia de Nossa Senhora da Conceição do Rio das Pedras. Seus padrinhos foram o Capitão Manuel Rodrigues Pedrosa e sua mulher Brígida Rodrigues Pedrosa. Faleceu no dia 20-JAN-1909, na Fazenda Barreiro, em São José do Rio Pardo, Estado de São Paulo[401]. Foi casada com seu primo ANTÔNIO FERREIRA PEDROSA, com geração no § 45º retro.

4(VI)- JOSÉ RODRIGUES PEDROSA ou JOSÉ PEDROSA (*Zeca*) foi casado com MARIA EMILIANA RODRIGUES, com geração que segue no § 60º.

5(VI)- FIDELINO RODRIGUES PEDROSA (*Pingo*) ou FIDELINO PEDROSA PINGO casou-se com MARIA DA ANUNCIAÇÃO, com geração no § 61º.

6(VI)- FELICÍSSIMO RODRIGUES PEDROSA (*Dandão*), que se casou com CONSTÂNCIA RODRIGUES SILVA, com geração que segue no § 63º.

7(VI)- LUZIA, nascida aos 24-SET-1877 e batizada em 3-OUT-1877, na Freguesia de Nossa Senhora da Conceição do Rio das Pedras, tendo como padrinhos: José Fernandes de Oliveira e sua mulher Luzia Ferreira de Melo.

8(VI)- JOAQUIM RODRIGUES PEDROSA (*Quincas*), foi casado com GERALDINA RODRIGUES SILVA, com quem teve geração que segue.

---

399 Cf. assento nº. 330, datado de 26-MAR-1906, do Livro de Registro de Nascimentos (1890-1915) – Rio das Pedras (Coleção Digital de Itabirito, in: www.arq.ufmg.br/nehcit/itabirito, consultado em junho/2014).

400 Cf. Livro de Batismos da Freguesia do Rio das Pedras – Acuruí (site: http://familysearch.org, consultado em JUL-2014), com exceção de Maria Adelina Pedrosa, cuja data de nascimento foi informada pela Sra. Ivanilde Pedrosa.

401 Livro de Registros de Óbitos de São José do Rio Pardo – fl. 12 – nº. 39.

9(VI)- VIRGÍLIO RODRIGUES PEDROSA, que se casou com MARIA BENVINDA PEDROSA, com quem teve os filhos que seguem no § 64º.

10(VI)- VITALINA RODRIGUES PEDROSA (*Vita*), casou-se com LUCAS RODRIGUES SILVA, com quem teve descendência descrita no § 65º.

11(VI)- AMBRÓSIO RODRIGUES PEDROSA recebeu o sacramento do batismo na Paróquia de Nossa Senhora da Conceição do Rio das Pedras aos 14-SET-1885. Padrinhos: Antônio Caetano Pereira e Maria Egídia Pereira.

12(VI)- MANUEL nasceu em 18-MAR-1887 e foi batizado no dia 28 subsequente, na Igreja de Nossa Senhora da Conceição do Rio das Pedras, tendo como padrinhos o Reverendo Vigário Manuel Martins Sampaio e Dona Praxedes Custódia dos Anjos. Trata-se de MANUEL RODRIGUES PEDROSA (*Nenê*) que foi casado com SYMIRA ..., com geração[402].

13(VI)- FRANCISCO nasceu em 15-SET-1890, às 19h, na Freguesia de Nossa Senhora da Conceição do Rio de Pedras, então Termo de Ouro Preto, Minas Gerais[403].

14(VI)- MARIA ADELINA PEDROSA, nascida em 14-SET-1891[404] e falecida em 16-MAR-1954, na Praça Frei Vicente Botelho, em Ouro Preto, onde foi sepultada no Cemitério da Ordem Terceira de Nossa Senhora das Mercês e Perdões[405]. Casou-se no dia 7-MAIO-1911, em Glaura[406], com JOSÉ TACIANO RODRIGUES (*José Tuná*), negociante, filho de Antônio Rodrigues da Silva e de Maria Rodrigues Pedrosa - nº 6(VII) do nº. VI do § 23º. Por ocasião do matrimônio, ela residia em Rio das Pedras e ele em Glaura. Tiveram descendência[407].

---

402 PEDROSA, Ivanilde – comunicação pessoal.

403 Livro de Registro de Nascimentos (1890-1915) – Rio das Pedras (Coleção Digital de Itabirito, in: www.arq.ufmg.br/nehcit/itabirito, consultado em junho/2014).

404 PEDROSA, Ivanilde – comunicação pessoal.

405 Cf. cópia de certidão de óbito extraída do Livro 15-C, fl. 82, nº. 1345, do Cartório de Registro Civil do 2º Subdistrito de Ouro Preto, gentilmente encaminhada pela Sra. Ivanilde Pedrosa.

406 Cf. cópia de certidão de casamento extraída do Livro nº. 1, fl. 141, assento nº. 138, do Cartório do Registro Civil do Distrito de Glaura, em Ouro Preto, que nos foi gentilmente enviada pela Sra. Ivanilde Pedrosa.

407 PEDROSA, Ivanilde – comunicação pessoal.

VI- JOAQUIM RODRIGUES PEDROSA (*Quincas*) nasceu aos 25-FEV-1881 e foi batizado em 20-MAR-1881, na Paróquia de Nossa Senhora da Conceição do Rio das Pedras, tendo como padrinhos João dos Santos de Figueiredo e Filomena Maria dos Santos[408]. Casou-se com GERALDINA RODRIGUES SILVA, filha de Antônio Rodrigues da Silva e Maria Rodrigues Pedrosa – nº. 4(VII) do nº. VI do § 23º. Pais de:

1(VII)- LOURIVAL, nascido no lugar denominado Limoeiro, Distrito do Rio de Pedras, aos 21-JAN-1914. Padrinhos: Lucas Rodrigues Silva e sua mulher Vitalina Rodrigues Pedrosa[409].

§50º

(Ramo Pedrosa Teco)

VI- **FRANCISCO RODRIGUES PEDROSA JÚNIOR** ou **FRANCISCO RODRIGUES PEDROSA FILHO** ou, ainda, **FRANCISCO PEDROSA FILHO**, filho de Francisco Rodrigues Pedrosa e de Ana Joaquina de Aguiar (nº. V do § 49º). Tinha 4 anos de idade em 1867, segundo censo de Itabira do Campo, atual Itabirito, em Minas Gerais[410]. Casou-se em 8-FEV-1890, no Rio das Pedras (atual Distrito de Acuruí, em Itabirito)[411], com sua prima **JOSEFINA FERREIRA PEDROSA**, filha do Tenente **Manuel Ferreira Pedrosa** e de **Militina Silvéria de Aguiar** (nº. V do § 24º). As testemunhas do ato nupcial foram Pedro Pereira Lima e Serafim Rodrigues Oliveira. Migraram de Minas Gerais para o Estado de São Paulo, onde já estavam fixados em 1900, na Fazenda do Rio do Peixe, em São José do Rio Pardo.

Francisco Rodrigues Pedrosa Filho era conhecido pela alcunha de *Teco*, que foi incorporada a seu nome, passando a assinar **FRANCISCO RODRIGUES PEDROSA TECO** e, por fim, **FRANCISCO PEDROSA TECO**. Com isso, o sobrenome "Pedrosa Teco" passou a ser utilizado por alguns de seus descendentes. O casal teve:

---

408 Livro de Batismos da Freguesia do Rio das Pedras – Acuruí (site: http://familysearch.org, consultado em JUL-2014).

409 Livro de Registro de Nascimentos (1890-1915) – Rio das Pedras – nº. 517 (Coleção Digital de Itabirito, in: www.arq.ufmg.br/nehcit/itabirito, consultado em junho/2014).

410 Arquivo Público Mineiro, mapas de população, caixa 13, documento 3.

411 Livro de Casamentos da Freguesia do Rio das Pedras (Acuruí) – 1835 a 1891 (site: http://familysearch.org, consultado em 9-JUN-2014.

1(VII)- MARIA PEDROSA, que nasceu em 4-NOV-1890, na Freguesia de Nossa Senhora da Conceição do Rio de Pedras, então Termo de Ouro Preto, Minas Gerais[412].

2(VII)- MARIA PEDROSA (*Marica*), solteira, nasceu em 11-NOV-1892, na Freguesia de Nossa Senhora da Conceição do Rio de Pedras[413].

3(VII)- EVA SEBASTIANA PEDROSA, casou-se com ANTÔNIO RODRIGUES DE SENNA (*Tonico*), com geração que segue no § 51º.

4(VII)- JOSÉ RAIMUNDO PEDROSA (*Juca Teco*) casou-se com sua prima ANA, filha de Roberto Pereira Lima e de Blandina Ferreira Pedrosa – ver nº 10(VII) do nº. VI do § 26º.

5(VII)- **ANA FERREIRA PEDROSA** ou **ANA JOAQUINA PEDROSA** (*Anita*) casada com seu primo **JOSÉ ROSA PEREIRA LIMA** ou **JOSÉ ROSA PEREIRA**, filho de **Roberto Pereira Lima** e de **Blandina Ferreira Pedrosa**. Com geração no nº VII do § 26º.

6(VII)- BENEDITO PEDROSA TECO casado com JOSEFINA ROSSI, com geração que segue no § 52º.

7(VII)- FRANCISCO RODRIGUES PEDROSA (*Chiquinho*) foi casado com JUDITH FELIX, com quem teve geração que segue.

VII- FRANCISCO RODRIGUES PEDROSA (*Chiquinho*) natural de Caconde, Estado de São Paulo, onde nasceu em 20-DEZ-1910, veio a falecer, no estado de viúvo, no dia 21-JUN-2008, em São José do Rio Pardo, cidade na qual residia na Praça Capitão Mário Rodrigues, nº. 53[414]. Casou-se em Tapiratiba, aos 20-DEZ-1939, com JUDITH FELIX, com quem teve:

1(VIII)- ANNETE, com 67 anos de idade por ocasião do falecimento do pai.

2(VIII)- ELBAS, que tinha 66 anos quando o pai faleceu.

3(VIII)- JARBAS, com 61 anos na mesma época.

§51º

412 Livro de Registro de Nascimentos (1890-1915) – Rio das Pedras (Coleção Digital de Itabirito, in: www.arq.ufmg.br/nehcit/itabirito, consultado em junho/2014).

413 Livro de Registro de Nascimentos (1890-1915) – Rio das Pedras (Coleção Digital de Itabirito, in: www.arq.ufmg.br/nehcit/itabirito, consultado em junho/2014).

414 Livro nº. 41 de Registros de Óbitos de São José do Rio Pardo – fl. 222 – nº. 11235.

VII- EVA SEBASTIANA PEDROSA, natural do Estado de Minas Gerais, filha de Francisco Pedrosa Teco (ou Francisco Rodrigues Pedrosa Filho) e de Josefina Ferreira Pedrosa (nº. VI do § 50º). Nascida aos 27-SET-1894 e falecida em 10-AGO-1981, foi casada com ANTÔNIO RODRIGUES DE SENNA (*Tonico*), também de Minas Gerais, nascido aos 30-ABR-1876 e falecido em 3-SET-1943, filhos de Antônio Rodrigues Silva e Maria Rodrigues Pedrosa. Ambos foram sepultados no Cemitério Municipal de Tapiratiba, deixando, pelo menos a filha:

1(VIII)- DURVALINA PEDROSA, nascida aos 21-MAR-1914, na casa de seu pai na Faisqueira, em Tapiratiba. Casou-se em sua cidade natal, no dia 8-FEV-1938, com FAUSTO SILVA. Já viúva, qualificada como costureira aposentada, veio a falecer em Tapiratiba, em 1º-JUL-1998, deixando descendência.

§52º

VII- BENEDITO PEDROZA TECO, filho de Francisco Pedrosa Teco (ou Francisco Rodrigues Pedrosa Filho) e de Josefina Ferreira Pedrosa (nº. VI do § 50º). Nasceu aos 30-NOV-1907[415], em Tapiratiba, onde contraiu núpcias no dia 21-MAIO-1934[416], com JOSEFINA ROSSI (*Fina*), nascida em Tapiratiba, aos 25-MAIO-1916[417], filha de Ângelo Rossi e de Francelina Furlanetto[418]. Foram proprietários da Fazenda do Pinhal, em Tapiratiba. Residiam em Guaxupé, Minas Gerais, onde ambos faleceram, ele no dia 27-DEZ-1988[419] e ela em 8-SET-2004[420]. Foram sepultados no Cemitério Municipal de Tapiratiba. Deixaram a seguinte descendência:

1(VIII)- SYLVIA HELENA PEDROZA, casada com JOÃO SCAFF, que segue.

---

415 Data constante do seu túmulo no Cemitério Municipal de Tapiratiba. Do registro de seu matrimônio consta que ele nasceu no dia 4-DEZ-1907.

416 Livro de Registro de Casamentos de Tapiratiba nº. B-6, fls. 8v./9, nº. 272.

417 Data constante do seu túmulo no Cemitério Municipal de Tapiratiba. Do registro de seu matrimônio consta que ela nasceu aos 27-MAIO-1916.

418 ISOLDI FILHO, Carlos Alberto da Silveira. *Furlanetto: uma família de origem veneta*, *in* Revista da ASBRAP nº. 16, p. .200, nº IV do § 20º.

419 Livro de Registro de Óbitos de Guaxupé nº. C-52, fl. 233, nº. 3343 (cf. averbação no assento de casamento).

420 Livro de Registro de Óbitos de Guaxupé nº. C-64, fl. 20, nº. 8051 (cf. averbação no assento de casamento).

2(VIII)- SYLVIO ANTÔNIO PEDROZA casou-se com MARIA ISABEL CLARO, com quem teve geração que segue no § 54º.
3(VIII)- SÍLVIO GILBERTO PEDROZA, casado com ANA MARIA BRAGHETTA. Segue geração no § 57º.
4(VIII)- SÍLVIO HUMBERTO PEDROZA, casado com MARINA CATALANO. Tiveram a descendência que segue no § 58º.
5(VIII)- SÍLVIA IVANI PEDROZA, casada com ESMERINO JOAQUIM RIBEIRO DO VALLE (*Nenzito*), cuja geração segue no § 59º.

VIII- SYLVIA HELENA PEDROZA, professora, nasceu em Tapiratiba, aos 25-JUL-1935, casou-se com JOÃO SCAFF, dentista, nascido em Tapiratiba, aos 30-JAN-1931. Tiveram a seguinte descendência:
1(IX)- JOSÉ BENEDITO SCAFF, casado com MAGALI GONÇALVES LOURO, com geração que segue.
2(IX)- JORGE LUÍS SCAFF, casado com LEILA LOPES, com quem teve os filhos que seguem no § 53º.
3(IX)- JOÃO SCAFF JÚNIOR nasceu em São Paulo, a 5-OUT-1964, vindo a se casar em Congonhal, Minas Gerais, aos 28-MAR-2008, com MARILÉIA MOREIRA, nascida em Congonhal, no dia 3-MAIO-1966. Atualmente, residem em Guaxupé.

IX- JOSÉ BENEDITO SCAFF nasceu em São José do Rio Pardo, no dia 11-AGO-1959. Casou-se com MAGALI GONÇALVES LOURO, natural de São Paulo, onde nasceu aos 21-JUN-1963. Ele faleceu aos 25-JAN-2018, em Indaiatuba, onde morava. Pais de:
1(X)- MICHEL SCAFF, nascido em Guaxupé, a 3-ABR-1989.
2(X)- ANNE SCAFF, nascida em 11-ABR-1994, em Medianeira, Estado do Paraná.

§ 53º

IX- JORGE LUÍS SCAFF nasceu em Jales, aos 28-FEV-1962, filho de João Scaff e de Sylvia Helena Pedroza (nº. VIII do § 52º). Casado com LEILA LOPES, nascida em São Paulo, no dia 9-MAIO-1960. Tiveram:
1(X)- CAMILA SCAFF nasceu em São Paulo, aos 19-AGO-1988.
2(X)- HENRIQUE SCAFF, nascido em São Paulo, no dia 17-OUT-1990.

§ 54º

VIII- SYLVIO ANTÔNIO PEDROZA, filho de Benedito Pedroza Teco e de Josefina Rossi (nº. VI do § 52º). Nascido em Tapiratiba a 4-MAR-1937, mas já falecido, foi casado com MARIA ISABEL CLARO. Pais de:

1(IX)- BENEDITO PEDROZA TECO NETO, casado com MARIA APARECIDA SALES, com geração que segue.
2(IX)- BIANCA MARIA PEDROZA, nascida em 6-JUN-1967.
3(IX)- SILVIO ANTÔNIO PEDROZA FILHO teve geração com VÂNIA MÁRCIA RODRIGUES e com ANA CLÁUDIA BASSI COSTA, conforme segue no § 55º.
4(IX)- ALEXANDRE PEDROZA nasceu aos 23-JUL-1972, casou-se com CATARINA HELENA VICENTINI.
5(IX)- LEANDRO PEDROZA, nascido em 12-JUN-1975.
6(IX)- TATIANE MARIA PEDROZA, casou-se com LUIZ ANTÔNIO CITTON FILHO, com quem teve geração que segue no § 56º.
7(IX)- RENATO CLARO PEDROZA nasceu em 5-MAIO-1980.

IX- BENEDITO PEDROZA TECO NETO, nascido aos 26-ABR-1966, casado com MARIA APARECIDA SALES. Pais de:

1(X)- BERNARDO JORGE PEDROZA TECO.

§ 55º

IX- SILVIO ANTÔNIO PEDROZA FILHO, nascido em 25-FEV-1970, filho de Sylvio Antônio Pedroza e de Maria Isabel Claro (nº. VIII do § 54º). Com VÂNIA MÁRCIA RODRIGUES teve os seguintes filhos:

1(X)- SYLVIO ANTÔNIO PEDROZA NETO.
2(X)- ALINE APARECIDA RODRIGUES PEDROZA.

Depois, Silvio Antônio Pedroza Filho casou-se com ANA CLÁUDIA BASSI COSTA, com quem teve:

3(X)- RAFAEL TECO PEDROZA, nascido em Guaxupé, aos 19-MAIO-2003.

§ 56º

IX- TATIANE MARIA PEDROZA, filha de Sylvio Antônio Pedroza e de Maria Isabel Claro (nº. VIII do § 54º). Nascida aos 23-JUL-1977, contraiu núpcias com LUIZ ANTÔNIO CITTON FILHO, nascido em Guaxupé, no dia 3-MAIO-1977. Tiveram o seguinte filho:

1(X)- LUIZ ANTÔNIO CITTON NETO nasceu em Campinas aos 28-JUN-2007.

§ 57º

VIII- SÍLVIO GILBERTO PEDROZA, médico, filho de Benedito Pedroza Teco e de Josefina Rossi (nº. VII do § 52º). Casado com ANA MARIA BRAGHETTA, filha de Walter Braghetta e de Anna Maria Carmen Parisi (*Nineta*). Pais de:
1(IX)- MAURÍCIO.
2(IX)- ANA CRISTINA.
3(IX)- MARCELO.

§ 58º

VIII- SÍLVIO HUMBERTO PEDROZA, já falecido, filho de Benedito Pedroza Teco e de Josefina Rossi (nº. VII do § 52º). Residia em São José do Rio Pardo e foi casado com MARINA CATALANO. Tiveram os seguintes filhos:
1(IX)- CARLOS.
2(IX)- PATRÍCIA.
3(IX)- VIVIANE.

§ 59º

VIII- SÍLVIA IVANI PEDROZA, filha de Benedito Pedroza Teco e de Josefina Rossi (nº. VII do § 52º). Nascida em 10-NOV-1943, casou-se em Tapiratiba, a 13-FEV-1965, com ESMERINO JOAQUIM RIBEIRO DO VALLE (*Nenzito*), fazendeiro, nascido em Guaxupé, a 9-FEV-1943, filho de Joaquim Pedro Ribeiro do Valle e de Maria Rosa[421]. Tiveram:
1(IX)- ADRIANA RIBEIRO DO VALLE, nascida em 25-NOV-1965.
2(IX)- MÁRCIA RIBEIRO DO VALLE, nascida em 12-MAIO-1967.
3(IX)- HELOÍSA RIBEIRO DO VALLE nasceu em 26-MAR-1969.
4(IX)- MARINA RIBEIRO DO VALLE, nascida em 23-FEV-1972.
5(IX)- FABIANA RIBEIRO DO VALLE nasceu em 9-DEZ-1974.

§ 60º

VI- JOSÉ RODRIGUES PEDROSA ou JOSÉ PEDROSA (*Zeca*) filho de Francisco Rodrigues Pedrosa e Ana Joaquina de Aguiar (nº. V do § 49º). Foi batizado aos 26-JUL-1873, na Freguesia de Nossa Senhora da Conceição do Rio das Pedras, sendo padrinhos: José Jerônimo Corrêa e

421 RIBEIRO DO VALLE, José. *"E eles também cresceram e se multiplicaram ...": os Ribeiro do Valle, da região de São João D'El Rei às nascentes dos rios Pardo e Sapucaí*, p. 178, nº. 5-1.

Brígida Maria da Purificação. Faleceu em 7-DEZ-1938, em Tapiratiba, Estado de São Paulo, onde foi sepultado. Foi casado com MARIA EMILIANA RODRIGUES, filha de Antônio Rodrigues da Silva e de Maria Rodrigues Pedrosa – nº. 1(VII) do nº VI do § 23º. Pais de:

1(VII)- ALCIDES.
2(VII)- ANTÔNIO SATURNINO PEDROSA, casado com MARIETA ..., com geração que segue.
3(VII)- JOÃO ELESBÃO PEDROSA, casado com IZOLETA PEDROSA filha de Antônio Ferreira Pedrosa e de sua segunda mulher Maria Cândida de Jesus (nº. VI do §45º). Com geração no § 47º.
4(VII)- EULÂMPIO RODRIGUES PEDROSA.
5(VII)- MARIA.
6(VII)- BALBINA.
7(VII)- LAUDELINA.
8(VII)- JOVINA.
9(VII)- AMÉLIA.

VII- ANTÔNIO SATURNINO PEDROSA, natural do Estado de São Paulo, foi casado com MARIETA ..., filha de Roberto Pereira Lima e de Blandina Ferreira Pedrosa (nº. VI do § 26º). Residiam em Tapiratiba e foram pais de:

1(VIII)- GUMERCINDO PEDROSA nasceu aos 31-DEZ-1929, na casa de seu pai na Fazenda Can Can, em Tapiratiba. Casou-se, em Casa Branca, Estado de São Paulo, com NYLDE REHDER. Ele faleceu em sua cidade natal, no dia 4-NOV-1986, deixando descendência.

§ 61º

VI- FIDELINO RODRIGUES PEDROSA (*Pingo*), filho de Francisco Rodrigues Pedrosa e Ana Joaquina de Aguiar (nº. V do § 49º). Nasceu no dia 15-JAN-1875 e foi batizado um mês depois, na Freguesia de Nossa Senhora da Conceição do Rio das Pedras, sendo padrinhos o Vigário Leonardo Felix Ferreira e José Rodrigues Silva. Passou a assinar FIDELINO PEDROSA PINGO e foi casado com a portuguesa MARIA DA ANUNCIAÇÃO, filha de João Soares Gamboa de Albergaria e de Emília Joaquina Botelho. Pais de:

1(VII)- ANTÔNIO, nascido aos 24-MAR-1911, na casa de seu pai, no Can Can, em Tapiratiba. Faleceu em Guaxupé, Minas Gerais, no dia 11-DEZ-1997.

§62º

VI- JOÃO RODRIGUES PEDROSA (*Jota*), profissão de agência, filho de Francisco Rodrigues Pedrosa e de Ana Joaquina de Aguiar (nº. V do § 49º). Recebeu o sacramento do batismo aos 29-AGO-1865, na Igreja de Nossa Senhora da Conceição do Rio das Pedras, sendo padrinhos o Vigário João José Rodrigues e Josefina de Aguiar. Referido assento foi registrado em 1º-JAN-1909. Foi casado com BELARMINA AUGUSTA DE LIMA, filha de Silvério de Araújo Lima e de Maria Luísa de Oliveira (ou Maria Luísa de Lima). Pais de:

1(VII)- JOSÉ nasceu em 10-MAR-1892 e foi batizado em 10-ABR-1892, na Freguesia de Nossa Senhora da Conceição do Rio das Pedras, pelo Padre Antônio Cândido Torres de Santana. Teve como padrinhos: Francisco Rodrigues Pedrosa e Maria Luísa de Oliveira[422].

2(VII)- MARIA RODRIGUES PEDROSA, casada com JOSÉ FERNANDES DE OLIVEIRA, que segue.

3(VII)- FRANCISCO, nascido em 28-SET-1896, no lugar denominado Morro de São Vicente, na Freguesia de Nossa Senhora da Conceição do Rio das Pedras. Os padrinhos foram Francisco Rodrigues Pedrosa Teco e Josefina Ferreira Pedrosa[423].

4(VII)- ORESTES RODRIGUES PEDROSA, nascido em 6-JUL-1898, no lugar denominado Morro de São Vicente, na Freguesia de Rio das Pedras[424]. Foi batizado nessa mesma freguesia, aos 10-SET-1898, com o nome de HORESTE, sendo seus padrinhos: Fidelino Rodrigues Pedrosa e Maria Silvéria de Lima[425].

5(VII)- JOSÉ nasceu aos 25-MAR-1900, no lugar denominado Morro de São Vicente, situado na Freguesia de Rio das Pedras. Teve como

---

422 Livro de Registro de Nascimentos (1890-1915) – Rio das Pedras (Coleção Digital de Itabirito, in: www.arq.ufmg.br/nehcit/itabirito, consultado em junho/2014).

423 Cf. assento nº. 329, datado de 26-MAR-1906, do Livro de Registro de Nascimentos (1890-1915) – Rio das Pedras (Coleção Digital de Itabirito, in: www.arq.ufmg.br/nehcit/itabirito, consultado em junho/2014).

424 Cf. assento nº. 330, datado de 26-MAR-1906, do Livro de Registro de Nascimentos (1890-1915) – Rio das Pedras (Coleção Digital de Itabirito, in: www.arq.ufmg.br/nehcit/itabirito, consultado em junho/2014).

425 Livro de Batismos da Freguesia do Rio das Pedras – Acuruí (site: http://familysearch.org, consultado em JUL-2014).

padrinhos: José Augusto de Araújo Lima e Maria José Andrelina de Lima[426].

6(VIII)- JOSINA, nascida em 8-MAIO-1902 e batizada em 8-JUN-1902, na Freguesia de Rio das Pedras. Teve como padrinhos: Emílio Fernandes de Oliveira e Maria Ramalha de Oliveira[427].

7(VII)- JOÃO, nascido em 13-DEZ-1903, no lugar denominado Morro de São Vicente, na Freguesia de Rio das Pedras. Teve como padrinhos: Afonso Fernandes de Oliveira e Luzia Ferreira Pedrosa[428]. Casou-se com MARIA MISAEL FERREIRA, no dia 13-ABR-1946, em Venda Nova[429], localidade que, posteriormente, foi incorporada como um bairro de Belo Horizonte.

8(VII)- REGINA, nascida em 10-OUT-1905, no lugar denominado Morro de São Vicente, na Freguesia do Rio das Pedras. Foram padrinhos: José Fernandes de Oliveira e Maria Amélia de Oliveira[430].

9(VII)- ISAURA, nascida no dia 7-FEV-1905, no lugar denominado Morro de São Vicente, na Freguesia do Rio das Pedras, que teve como padrinhos: José Batista de Lima e Rita Pereira Lima[431].

10(VII)- ROSA, que nasceu aos 28-DEZ-1909, no lugar denominado Morro de São Vicente, Distrito do Rio das Pedras, sendo padrinhos Francisco Rodrigues Silva e Rosa Rodrigues Silva[432].

---

426 Cf. assento nº. 331, datado de 26-MAR-1906, do Livro de Registro de Nascimentos (1890-1915) – Rio das Pedras (Coleção Digital de Itabirito, in: www.arq.ufmg.br/nehcit/itabirito, consultado em junho/2014).

427 Livro de Batismos da Freguesia do Rio das Pedras – Acuruí (site: http://familysearch.org, consultado em JUL-2014).

428 Cf. assento nº. 332, datado de 26-MAR-1906, do Livro de Registro de Nascimentos (1890-1915) – Rio das Pedras (Coleção Digital de Itabirito, in: www.arq.ufmg.br/nehcit/itabirito, consultado em junho/2014).

429 Cf. averbação do assento nº. 332, do Livro de Registro de Nascimentos (1890-1915) – Rio das Pedras (Coleção Digital de Itabirito, in: www.arq.ufmg.br/nehcit/itabirito, consultado em junho/2014).

430 Cf. assento nº. 333, datado de 26-MAR-1906, do Livro de Registro de Nascimentos (1890-1915) – Rio das Pedras (Coleção Digital de Itabirito, in: www.arq.ufmg.br/nehcit/itabirito, consultado em junho/2014).

431 Cf. assento nº. 384 do Livro de Registro de Nascimentos (1890-1915) – Rio das Pedras (Coleção Digital de Itabirito, in: www.arq.ufmg.br/nehcit/itabirito, consultado em junho/2014).

11(VII)- MARIA, nascida aos 27-MAR-1913, no lugar denominado Morro de São Vicente, Distrito do Rio das Pedras. Padrinhos: Manuel Ferreira Pedrosa e (Bermira Siríaco?)[433].

VII- MARIA RODRIGUES PEDROSA nasceu em 1º-DEZ-1893, na Freguesia de Nossa Senhora da Conceição do Rio das Pedras[434], casada com JOSÉ FERNANDES DE OLIVEIRA, filho de José Fernandes de Oliveira e de Maria Amélia Oliveira (ou Maria Amélia Pedrosa)[435]. Pais de[436]:

1(VIII)- MARIA nasceu aos 31-JUL-1911, no Arraial do Rio das Pedras, sendo testemunhas: Emílio Fernandes de Oliveira e sua mulher Maria Ramalho de Oliveira.

2(VIII)- JOSÉ, nascido aos 23-MAR-1914, no lugar denominado Morro de São Vicente. Seus padrinhos foram os avós maternos: João Rodrigues Pedrosa e Belarmina Augusta de Lima.

3(VIII)- DORVALINA, nascida em 1º-AGO-1915, no lugar denominado São Vicente, Distrito do Rio das Pedras, sendo padrinhos Orestes Rodrigues Pedrosa e Belarmina Augusta de Lima.

§63º

VI- FELICÍSSIMO RODRIGUES PEDROSA (*Dandão*), filho de Francisco Rodrigues Pedrosa e de Ana Joaquina de Aguiar (nº. V do § 49º). Foi batizado na Freguesia de Nossa Senhora da Conceição do Rio das Pedras (atual Acuruí), em 13-AGO-1876, sendo seus padrinhos Felicíssimo Rodrigues de Oliveira e Blandina da Purificação[437]. Foi casado com

---

[432] Livro de Registro de Nascimentos (1890-1915) – Rio das Pedras – assento nº. 429 (Coleção Digital de Itabirito, in: www.arq.ufmg.br/nehcit/itabirito, consultado em junho/2014).

[433] Livro de Registro de Nascimentos (1890-1915) – Rio das Pedras – assento 491 (Coleção Digital de Itabirito, in: www.arq.ufmg.br/nehcit/itabirito, consultado em junho/2014).

[434] Livro de Registro de Nascimentos (1890-1915) – Rio das Pedras (Coleção Digital de Itabirito, in: www.arq.ufmg.br/nehcit/itabirito, consultado em junho/2014).

[435] José Fernandes de Oliveira e Maria Amélia Pedrosa se casaram aos 18-NOV-1885, em Rio das Pedras, atual Acuruí.

[436] Livro de Registro de Nascimentos (1890-1915) – Rio das Pedras – nº. 467, 522 e 558 (Coleção Digital de Itabirito, in: www.arq.ufmg.br/nehcit/itabirito, consultado em junho/2014).

[437] Livro de Batismos da Freguesia do Rio das Pedras – Acuruí (site: http://familysearch.org, consultado em JUL-2014).

CONSTÂNCIA RODRIGUES SILVA, filha de Antônio Rodrigues da Silva e Maria Rodrigues Pedrosa – nº. 3(VII) do nº. VI do § 23º. Tiveram os seguintes filhos:

1(VII)- MARIA, nascida em 10-DEZ-1904, no lugar denominado Vai e Volta, situado na Freguesia de Nossa Senhora da Conceição do Rio de Pedras. Foram padrinhos: Antônio Rodrigues Silva e Maria Rodrigues, naturais da mesma freguesia[438].

2(VII)- EUCLIDES RODRIGUES PEDROSA nasceu aos 28-FEV-1906, no lugar denominado Vai e Volta, na Freguesia de Nossa Senhora da Conceição do Rio de Pedras[439], onde foi batizado aos 25-MAR-1906, tendo como padrinhos: Virgílio Rodrigues Pedrosa e Ana Joaquina Pedrosa. Faleceu aos 27-ABR-1972, conforme consta da lápide de seu túmulo no cemitério junto à Igreja de Nossa Senhora da Conceição[440].

3(VII)- ANA, nascida em 5-FEV-1908, no lugar denominado Vai e Volta, na Freguesia do Rio de Pedras[441]. Foi batizada na referida freguesia aos 29-FEV-1908, tendo como padrinhos: Antônio Rodrigues de Senna e (Sofia?) Rodrigues Silva.

4(VII)- EUCLIDES, nascido em 2-OUT-1909, no lugar denominado Vai e Volta, no Distrito do Rio de Pedras, teve como padrinhos Manuel Ferreira Lima e Firmina Rodrigues Pedrosa[442].

5(VII)- ANELINA, nascida em 31-OUT-1911, no lugar denominado Vai e Volta, no Distrito do Rio de Pedras, sendo padrinhos: Antônio Marcelino Pedrosa e Maria Sabina, naturais e residentes no distrito de São Gonçalo do Monte[443].

---

438 Livro de Registro de Nascimentos (1890-1915) – Rio das Pedras (atual Coleção Digital de Itabirito, in: www.arq.ufmg.br/nehcit/itabirito, consultado em junho/2014).

439 Livro de Registro de Nascimentos (1890-1915) – Rio das Pedras – nº. 335 (Coleção Digital de Itabirito, in: www.arq.ufmg.br/nehcit/itabirito, consultado em junho/2014).

440 Da lápide de seu túmulo consta que teria nascido aos 28-FEV-1907.

441 Livro de Registro de Nascimentos (1890-1915) – Rio das Pedras – nº. 383 (Coleção Digital de Itabirito, in: www.arq.ufmg.br/nehcit/itabirito, consultado em junho/2014).

442 Livro de Registro de Nascimentos (1890-1915) – Rio das Pedras –n .410 (Coleção Digital de Itabirito, in: www.arq.ufmg.br/nehcit/itabirito, consultado em junho/2014).

443 Cf. assento nº. 445, datado de 28-JAN-1912, do Livro de Registro de Nascimentos (1890-1915) – Rio das Pedras (Coleção Digital de Itabirito, in: www.arq.ufmg.br/nehcit/itabirito, consultado em junho/2014).

6(VII)- LURDES, que nasceu aos 29-JUN-1914, no Distrito do Rio das Pedras[444].

§64º
(Ramo do Distrito de Cachoeira do Campo, em Ouro Preto)

VI- VIRGÍLIO RODRIGUES PEDROSA, filho de Francisco Rodrigues Pedrosa e de Ana Joaquina de Aguiar (nº. V do § 49º). Nasceu aos 24-AGO-1882[445], tendo sido batizado em 14-SET-1882, na Paróquia de Nossa Senhora da Conceição do Rio das Pedras. Seus padrinhos foram: João Rodrigues dos Reis e Isabel Maria[446]. Casou-se aos 26-MAIO-1906, com MARIA BENVINDA PEDROSA, nascida em 13-MAIO-1888[447]. Ambos faleceram em Cachoeira do Campo, ele no dia 6-MAIO-1957 e ela em 17-JUL-1958, sendo sepultados no cemitério do Santíssimo[448]. Foram proprietários do casarão na Praça da Matriz de Cachoeira do Campo, que posteriormente recebeu o nome *Solar dos Pedrosas* e, no ano de 2010, foi adquirido pelo Município de Ouro Preto. Pais de[449]:
1(VII)- MARIA AUXILIADORA PEDROSA, nascida em 5-MAR-1907.
2(VII)- FRANCISCO GERALDO PEDROSA, nascido em 21-SET-1908.
3(VII)- ENGRÁCIA JESUS PEDROSA, que nasceu em 10-MAR-1910.
4(VII)- VIRGÍLIO RODRIGUES PEDROSA FILHO, nascido aos 25-JAN-1912.
5(VII)- MANUEL DAS MERCÊS PEDROSA, nascido em 5-MAIO-1913.

---

444 Livro de Registro de Nascimentos (1890-1915) – Rio das Pedras –nº. 530 (Coleção Digital de Itabirito, in: www.arq.ufmg.br/nehcit/itabirito, consultado em junho/2014).

445 Cf. livro com anotações manuscritas feitas por Virgílio Rodrigues Pedrosa, hoje pertencente a sua neta Ivanilde Pedrosa (p. 296). Somos muito gratos a ela, por nos repassar essas preciosas anotações familiares, além de outras informações que enriqueceram este trabalho.

446 Do assento de batismo de Virgílio Rodrigues Pedrosa consta que ele teria nascido em 25-AGO-1882 (Livro de Batismos da Freguesia do Rio das Pedras – Acuruí - site: http://familysearch.org, consultado em JUL-2014).

447 Cf. livro com anotações manuscritas de Virgílio Rodrigues Pedrosa, hoje pertencente a sua neta Ivanilde Pedrosa (p. 296).

448 PEDROSA, Ivanilde – comunicação pessoal.

449 Relação de filhos e datas de nascimento conforme livro de família com anotações manuscritas de Virgílio Rodrigues Pedrosa, hoje pertencente a sua neta Ivanilde Pedrosa (p. 296).

6(VII)- BRÍGIDA EFIGÊNIA PEDROSA, que nasceu no dia 6-AGO-1915.
7(VII)- MERCÊS DE NAZARÉ PEDROSA, nascida aos 20-DEZ-1916.
8(VII)- ANA DIVINA PEDROSA, que nasceu em 20-JUL-1918.
9(VII)- JOÃO RUBENS PEDROSA, nascido no dia 12-JAN-1920. Faleceu com 11 meses de idade[450].
10(VII)-JOSÉ GERALDO PEDROSA, nascido em 14-MAR-1921.
11(VII)-ANTÔNIO CLARET PEDROSA, que nasceu em 16-OUT-1922.
12(VII)-MARIA BENVINDA PEDROSA, nascida no dia 3-FEV-1925.
13(VII)-TERESA MARIA DE JESUS PEDROSA, nascida aos 27-DEZ-1926.
14(VII)-MARIA STELLA DALVA, que nasceu no dia 2-JAN-1928.
15(VII)-MARIA DE NAZARÉ PEDROSA, nascida aos 23-JUN-1929.
16(VII)-MARIA DE LOURDES PEDROSA, nascida em 14-JUN-1931.

§65º

VI- VITALINA RODRIGUES PEDROSA (*Vita*), nascida em 12-ABR-1884 e batizada a 4-MAIO-1884, na Paróquia de Nossa Senhora da Conceição do Rio das Pedras (atual Acuruí), filha de Francisco Rodrigues Pedrosa e de Ana Joaquina de Aguiar (nº. V do § 49º). Ela teve como padrinhos o Padre Manuel Maria da Silva e Maria Joaquina[451]. Casou-se com LUCAS RODRIGUES SILVA, filho de Antônio Rodrigues da Silva e de Maria Rodrigues Pedrosa – nº. 2(VII) do nº. VI do § 23º. Eram lavradores e tiveram:
1(VII)- MARIA, nascida no arraial do Rio das Pedras, no dia 2-OUT-1906. Seus padrinhos foram Antônio Rodrigues Silva e Ana Joaquina Pedrosa, negociantes[452].
2(VII)- EVANGELINA, que nasceu em 13-DEZ-1907, no lugar chamado Varginha, na Freguesia de Nossa Senhora da Conceição do Rio de

450 PEDROSA, Ivanilde – comunicação pessoal.

451 Livro de Batismos da Freguesia do Rio das Pedras – Acuruí (site: http://familysearch.org, consultado em JUL-2014).

452 Livro de Registro de Nascimentos (1890-1915) – Rio das Pedras – nº. 346 (Coleção Digital de Itabirito, in: www.arq.ufmg.br/nehcit/itabirito, consultado em junho/2014).

Pedras. Teve como padrinhos: Felicíssimo Rodrigues Pedrosa e Antônia Rodrigues[453].

3(VII)- BELARMINA RODRIGUES PEDROSA, nascida em 10-ABR-1909, no lugar denominado Morro de São Vicente, Distrito do Rio das Pedras. Foram padrinhos: João Rodrigues Pedrosa e Belarmina Augusta de Lima[454]. Faleceu em 4-DEZ-1974 e encontra-se sepultada no túmulo de sua família, no cemitério ao lado da Igreja de Nossa Senhora da Conceição, em Acuruí.

4(VII)- LEVINO ou LEVINDO, nascido em 2-FEV-1911, no Arraial do Rio das Pedras[455], onde foi batizado aos 19-FEV-1911. Seus padrinhos foram: Ambrósio Rodrigues Pedrosa e Rosa Ferreira Pedrosa (ou Rosa Ferreira Lima).

§66º

V- FIRMINA RODRIGUES PEDROSA, filha legítima de Estevão Ferreira Pedrosa e de Ana Joaquina Rodrigues (nº. IV do § 21º). Foi batizada em 12-MAR-1837, na Capela de São Gonçalo do Monte, filial da Matriz de Nossa Senhora de Nazaré da Cachoeira do Campo, pelo Padre Manuel Pereira Lima. Os padrinhos foram: Manuel Rodrigues Peixoto e sua mulher, Maria Pereira Lima[456]. Foi casada com o Tenente ANTÔNIO MARTINS PEDROSA que, em 5-ABR-1856, no Maracujá, declarou possuir um corte de terras na Fazenda Ponte Nova, Freguesia de Cachoeira do Campo, divisando pelo nascente com José Rodrigues Peixoto, pelo norte com o Rio das Velhas, pelo poente e pelo sul com herdeiros de

---

453 Livro de Registro de Nascimentos (1890-1915) – Rio das Pedras nº. 378 (Coleção Digital de Itabirito, in: www.arq.ufmg.br/nehcit/itabirito, consultado em junho/2014).

454 Cf. assento nº. 497, datado de 13-AGO-1913, do Livro de Registro de Nascimentos (1890-1915) – Rio das Pedras (Coleção Digital de Itabirito, in: www.arq.ufmg.br/nehcit/itabirito, consultado em junho/2014).

455 Cf. assento nº. 498, datado de 13-AGO-1913, do Livro de Registro de Nascimentos (1890-1915) – Rio das Pedras (Coleção Digital de Itabirito, in: www.arq.ufmg.br/nehcit/itabirito, consultado em junho/2014).

456 Livro de Batismos da Freguesia de Cachoeira do Campo – 1836 a 1895 - p. 10v (Arquivo Eclesiástico da Arquidiocese de Mariana – AA-12).

Francisco Oliveira, medindo 3 alqueires de planta[457]. Tiveram os seguintes filhos, todos batizados na Freguesia de Rio das Pedras[458]:

1(VI)- BLANDINA, batizada em 19-NOV-1860, sendo padrinhos Manuel Ferreira Pedrosa e sua mulher Militina de Aguiar.

2(VI)- LUZIA recebeu o sacramento do batismo aos 27-DEZ-1863. Seus padrinhos foram Francisco Rodrigues Pedrosa e Luzia Ferreira Pedrosa.

3(VI)- JOSÉ MARTINS PEDROSA casou-se com CLOTILDES GOMES PEDROSA, com geração que segue.

4(VI)- CLAUDINA, batizada no dia 10-AGO-1867, sendo padrinhos Honorato Ferreira Pedrosa e Ana Maria da Conceição.

5(VI)- SOFIA, que foi batizada aos 27-DEZ-1869.

VI- JOSÉ MARTINS PEDROSA nasceu no distrito de São Gonçalo do Amarante em 10-DEZ-1864, mas veio a ser batizado em 7-FEV-1865, na Freguesia do Rio das Pedras. Teve como padrinhos: Ezequiel Ferreira Pedrosa e Felisbina Pedrosa. Casou-se com CLOTILDES GOMES PEDROSA, filha de Francisco Gomes Pedrosa e de Maria Gomes de Nazaré, naturais de Amarante. Pais de:

1(VII)- VITAL GOMES PEDROSA, nascido no dia 1º-JAN-1906, no lugar denominado Ponte Nova, Freguesia do Rio das Pedras[459]. Faleceu em 10-AGO-1971, conforme consta da lápide de seu túmulo no cemitério junto à Igreja de Nossa Senhora da Conceição, em Acuruí.

2(VII)- FRANCISCO, nascido aso 29-FEV-1908 no lugar denominado Ponte Nova, e batizado aos 29-MAR-1908, na Freguesia de Rio das Pedras (Acuruí), sendo padrinhos: Francisco Gomes Pedrosa e Maria Pedrosa de Nazaré[460].

---

457 Arquivo Público Mineiro – Registros Paroquiais de Terras – Cachoeira do Campo – RP 000052 – p. 25v.

458 Livro de Batismos da Freguesia do Rio das Pedras – Acuruí – p. 116 v e 199 v (site: http://familysearch.org, consultado em JUL-2014).

459 Livro de Registro de Nascimentos (1890-1915) – Rio das Pedras – nº. 326 (Coleção Digital de Itabirito, in: www.arq.ufmg.br/nehcit/itabirito, consultado em JUL/2014).

460 Livro de Registro de Nascimentos (1890-1915) – Rio das Pedras – nº. 385 (Coleção Digital de Itabirito, in: www.arq.ufmg.br/nehcit/itabirito, consultado em JUN/2019).

3(VII)- MARIA, nascida em 20-SET-1909, no lugar denominado Ponte Nova. Seus padrinhos foram: Antônio Basílio Coelho e Rita Gomes Pedrosa[461].

4(VII)- BENEDITO, nascido em 7-AGO-1912, em Rio das Pedras, atual Acuruí[462].

5(VII)- LINDOR, nascido em 8-NOV-1913 e batizado no dia 8-DEZ subsequente, na Fazenda Ponte Nova, na Freguesia de Rio das Pedras. Seus padrinhos foram: Manuel Ferreira de Aguiar e Rosa Ferreira da Lima[463].

6(VII)- ALGIRIA, nascida em 17-AGO-1915, no lugar denominado Ponte Nova, no Distrito de Rio das Pedras[464].

§67º

(Desentroncado – ramo de São Francisco do Glória, Minas Gerais)[465]

I- ANA MARIA DO CARMO, que foi inventariada em Oliveira, no ano de 1847, sendo inventariante Antônio Dornelas Pedrosa[466]. Residia em Oliveira, segundo consta de um termo de inventário e partilha amigável de oito escravos deixados por ela, celebrado entre seus dois filhos, em 9-MAIO-1862, no Distrito e Freguesia de São Francisco do Glória, mas autuado aos 28-JUN-1862, na Vila de São Paulo de Muriaé[467]. Teve a seguinte descendência:

---

461 Livro de Registro de Nascimentos (1890-1915) – Rio das Pedras – (Coleção Digital de Itabirito, in: www.arq.ufmg.br/nehcit/itabirito, consultado em JUN/2019).

462 Livro de Registro de Nascimentos (1890-1915) – Rio das Pedras – nº. 469 (Coleção Digital de Itabirito, in: www.arq.ufmg.br/nehcit/itabirito, consultado em JUN/2019).

463 Livro de Batismos da Freguesia do Rio das Pedras – Acuruí (site: http://familysearch.org, consultado em JUL-2014); Livro de Batismos da Freguesia do Rio das Pedras – Acuruí – nº. 508 (Coleção Digital de Itabirito, in: www.arq.ufmg.br/nehcit/itabirito, consultado em JUL/2014).

464 Livro de Registro de Nascimentos (1890-1915) – Rio das Pedras – nº. 559 (Coleção Digital de Itabirito, in: www.arq.ufmg.br/nehcit/itabirito, consultado em JUL/2014).

465 Embora acreditemos que os irmãos Antônio Dornelas Pedrosa e Antônio Ferreira Pedrosa descendam da família Ferreira Pedrosa aqui descrita, não conseguimos comprovar essa relação de parentesco.

466 Cf. lista alfabética de nomes de inventários constantes de arquivos de 25 cidades mineiras, *in* www.origines.com.br.

467 Arquivo Judicial da Comarca de Muriaé, maço 9 (agradecemos à Sra. Heloisa Azevedo da Costa por enviar cópia desses autos).

1(II)- ANTÔNIO FERREIRA PEDROSA.

2(II)- Alferes ANTÔNIO DORNELAS PEDROSA ou ANTÔNIO JOSÉ DORNELAS, casado com ANTÔNIA RODRIGUES FONTES, considerados povoadores da região de São Francisco do Glória, na Zona da Mata mineira, para onde se transferiram em meados do século XIX. Com geração que segue.

II- Alferes ANTÔNIO DORNELAS PEDROSA ou ANTÔNIO JOSÉ DORNELAS[468], que se casou com ANTÔNIA RODRIGUES FONTES e figuram no censo de 1838, em Santo Antônio da Casa Branca, atual Glaura, em Ouro Preto, com os cinco primeiros filhos, ele qualificado como lavrador, com 41 anos de idade, e ela com 36 anos[469]. Em 30-MAR-1856, na condição de morador em São Francisco do Rio Glória do Município de Ubá, ele declarou que era senhor e possuidor de uma sorte de terras de cultura em matos e capoeiras, com um córrego denominado Boa Fé, nas cabeceiras do Rio São Mateus, águas do Carangola, na Freguesia dos Tombos, havidas por compra ao Furriel Januário Ferreira dos Santos, e compreendem uma cachoeira baixa do dito córrego que fica abaixo de outra bem alta, contendo uma sesmaria pouco mais ou menos, sendo que das mencionadas cachoeiras para baixo são de seu genro Antônio José Fortes[470]. O casal teve os seguintes filhos:

1(III)- Tenente ESTEVÃO RODRIGUES PEDROSA, que figura com o nome ESTEVÃO DOS SANTOS no censo de Santo Antônio da Casa Branca em 1838, qualificado como tropeiro, com 18 anos de idade. Em 1880, foi eleito vereador em Carangola e, nessa condição, participou da primeira junta de governo da localidade[471]. Casou-se duas vezes, primeiro com HENRIQUETA NOGUEIRA DA SILVA e, depois, com

---

468 É *possível* que Antônio Dornelas Pedrosa seja o inocente Antônio, exposto aos 27-OUT-1797 em casa do Reverendo Doutor João de Ornelas, batizados no dia 2-NOV-1797, na Igreja Matriz de Santo Antônio da Casa Branca (atual Glaura), sendo padrinhos o mesmo doutor, por procuração feita ao Reverendo Luís da Silva ... e de sua irmã Maria Josefa (Livro de Batismos da Freguesia de Santo Antônio da Casa Branca – Glaura – 1773 a 1848 - site: http://familysearch.org, consultado em JUN-2019, imagem 103).

469 Arquivo Público Mineiro, mapas de população, caixa 1, documento 20.

470 Arquivo Público Mineiro – Registros Paroquiais de Terras – Freguesia de Nossa Senhora da Conceição dos Tombos (Glória) – TP 1 – 238 – RP 000120– p. 59 (agradecemos à Sra. Heloisa Azevedo da Costa pela indicação dessa informação).

471 COSTA, Heloísa Azevedo da. *Burgo da Mata. Contribuição à historiografia de São Francisco do Glória*, p. 141.

EFIGÊNIA TERESA DE JESUS, tendo falecido em 1906, em sua fazenda da Bicuíba, com geração de ambos os consórcios[472].

2(III)- HONORATA RODRIGUES PEDROSA, que figura com 14 anos no censo de 1838. Casou-se aos 24-SET-1845, na Freguesia de Santo Antônio da Casa Branca, com ANTÔNIO JOSÉ FORTES, ocasião em que foram dispensados do impedimento de afinidade, sendo o contraente da referida freguesia e ela da Freguesia de São Bartolomeu. As testemunhas do ato nupcial foram: Manuel de Figueiredo Neves, Luís de Figueiredo Neves e outros[473]. No dia 30-MAR-1856, Antônio José Fortes, morador na Freguesia de São Bartolomeu do Termo da Cidade de Ouro Preto, declarou, por seu procurador Antônio Dornelas Pedrosa, que era senhor e possuidor de uma sorte de terras de cultura em capoeiras e matas virgens que houve por compra de seu sogro e sogra, com meia sesmaria pouco mais ou menos, na Freguesia de Nossa Senhora da Conceição dos Tombos, nas cabeceiras do Ribeirão de São Mateus, com um braço deste denominado Boa Fé[474].

3(III)- ANTÔNIO FRANCO RODRIGUES PEDROSA, com 12 anos em 1838. Também usava o nome ANTÔNIO CAMILO RODRIGUES PEDROSA e foi casado com MARIA CAMILO DE CASTRO, com quem teve descendência[475].

4(III)- MARIA FRANCISCA RODRIGUES PEDROSA, com 10 anos em 1838, segundo o censo de Santo Antônio da Casa Branca. Casou-se com TRISTÃO NOGUEIRA DA SILVA, com geração[476].

5(III)- HONORATO RODRIGUES PEDROSA, com 7 anos no censo de 1838, em Santo Antônio da Casa Branca. Foi batizado aos 31-DEZ-1831, na Freguesia de Santo Antônio da Casa Branca, sendo padrinhos o Capitão Domingos Francisco Ferreira Júnior e

---

472 COSTA, Heloísa Azevedo da. *Burgo da Mata. Contribuição à historiografia de São Francisco do Glória*, p. 141-146.

473 Livro de Matrimônios da Freguesia de Santo Antônio da Casa Branca – Glaura – 1819 a 1899 - imagem 10 (site: http://familysearch.org, consultado em MAIO-2019).

474 Arquivo Público Mineiro – Registros Paroquiais de Terras – Freguesia de Nossa Senhora da Conceição dos Tombos (Glória) – TP 1 -238 – RP 000121– p. 59v (agradecemos à Sra. Heloisa Azevedo da Costa pela indicação dessa informação).

475 COSTA, Heloísa Azevedo da. *Burgo da Mata. Contribuição à historiografia de São Francisco do Glória*, p. 132-140.

476 COSTA, Heloísa Azevedo da. *Burgo da Mata. Contribuição à historiografia de São Francisco do Glória*, p. 146.

sua mulher Rita Maria de Jesus, todos estes da Freguesia de São Bartolomeu[477]. Na ocasião do batismo, seu pai figura como sargento. Em 1851, aparece na lista da Guarda Nacional da Freguesia de Nossa Senhora do Glória, com 22 anos, solteiro, carpinteiro e renda de 200$000[478].

6(III)- ANTÔNIA RODRIGUES PEDROSA, nascida no dia 15-FEV-1839 e batizada aos 25-FEV-1839, na capela da extinta Freguesia de Santo Antônio da Casa Branca, filial de Nossa Senhora de Nazaré da Cachoeira do Campo, tendo como padrinhos: Antônio Luís Pedrosa e Maria Silvéria de Jesus[479]. Foi casada com FERNANDO FÉLIX ROSA ou FERNANDO FÉLIX DE OLIVEIRA, com geração[480].

7(III)- ANA, nascida em 25-ABR-1842 e batizada em 3-MAIO-1842, na Matriz de Santo Antônio da Casa Branca, tendo como padrinhos: Estevão Rodrigues Pedrosa e Honorata Rodrigues Pedrosa[481].

8(III)- JOÃO POLICARPO RODRIGUES PEDROSA, nascido aos 27-JAN-1844 e batizado em 3-FEV-1844, na Freguesia de Santo Antônio da Casa Branca, sendo padrinhos o Vigário João José de Carvalho e Honorata Rodrigues Pedrosa, todos da mesma freguesia[482]. Casou-se com MARIA CÂNDIDA DE JESUS, com geração[483].

9(III)- JOAQUIM VALENTIM RODRIGUES PEDROSA, batizado aos 23-FEV-1847, na Matriz de Santo Antônio da Casa Branca, sendo padrinhos o Vigário Joaquim José de Santana e Rita de

---

477 Livro de Batismos da Freguesia de Santo Antônio da Casa Branca – Glaura - 1773 a 1848 – imagem 203 (site: http://familysearch.org, consultado em MAIO-2019).

478 COSTA, Heloísa Azevedo da. *Burgo da Mata. Contribuição à historiografia de São Francisco do Glória*, p. 130.

479 Livro de Batismos da Freguesia de Santo Antônio da Casa Branca – Glaura - 1773 a 1848 – imagem 193 (site: http://familysearch.org, consultado em MAIO-2019).

480 COSTA, Heloísa Azevedo da. *Burgo da Mata. Contribuição à historiografia de São Francisco do Glória*, p. 150-151.

481 Livro de Batismos da Freguesia de Santo Antônio da Casa Branca – Glaura - 1773 a 1848 – imagem 201 (site: http://familysearch.org, consultado em MAIO-2019.

482 Livro de Batismos da Freguesia de Santo Antônio da Casa Branca – Glaura - 1773 a 1848 – imagem 214 (site: http://familysearch.org, consultado em MAIO-2019).

483 COSTA, Heloísa Azevedo da. *Burgo da Mata. Contribuição à historiografia de São Francisco do Glória*, p. 1149-150.

Cássia ... [484]. Casou-se com EMÍLIA CRISTINA DE JESUS, com quem teve descendência[485].

Capítulo 2º - **AGUIAR**

Iniciamos a genealogia da família Aguiar pelo casal Manuel de Aguiar Mendonça e Ana Salvago Pedroso, esta de origem paulista, ligada aos antigos troncos "Moraes" e "Bayão".
Uma filha deles, Maria da Fé de Mendonça, casou-se em Parnaíba, São Paulo, com o português João Ferreira da Fonseca, sendo que este casal transferiu-se para território mineiro, onde estava estabelecido já na primeira metade do século XVIII, mais precisamente na Freguesia de Santo Antônio de Itatiaia, atual Distrito de Itatiaia, em Ouro Branco. Alguns anos depois, os filhos desse casal (Francisco Xavier da Fonseca e Maria do Rosário Rabela) se estabeleceram no Distrito de São Gonçalo da Vargem, posteriormente chamado São Gonçalo do Tijuco, atual Amarantina, distrito pertencente a Ouro Preto.
Curiosamente, uma neta do casal Francisco Xavier da Fonseca – Escolástica de Sousa Aguiar contraiu núpcias com um membro de outra família Aguiar, originário do Bispado de Angra. Trata-se do casal Manuel Lourenço de Aguiar - Brígida Maria do Espírito Santo[486] estabelecido na Freguesia do Rio das Pedras, atual Distrito de Acuruí, em Itabirito, que foram pais, entre outros, do Alferes Antônio Martins de Aguiar, este proprietário da Fazenda do Buraco, que perpetuou o sobrenome Aguiar, até hoje presente nessa região.

§1º

I- **MANUEL DE AGUIAR MENDONÇA** ou **MANUEL DE AGUIAR**, casado com **ANA SALVAGO PEDROSO** ou **ANA PEDROSO** (ou

---

484 Livro de Batismos da Freguesia de Santo Antônio da Casa Branca – Glaura - 1773 a 1848 – imagem 219 (site: http://familysearch.org, consultado em MAIO-2019).

485 COSTA, Heloísa Azevedo da. *Burgo da Mata. Contribuição à historiografia de São Francisco do Glória*, p. 146-148.

486 Ver nº. VI do § 2º adiante.

PEDROSA), filha de **Desidério Pedroso** e de sua mulher **Bárbara Ribeiro**[487]. Pais de:

1(II)- **EUQUÉRIO AGUIAR DE MENDONÇA** casou-se com **ANA MOREIRA DE SOUSA**, com descendência que segue no § 2º.

2(II)- MANUEL DE AGUIAR MENDONÇA casou-se em Sorocaba aos 30-MAIO-1695, com MARIA DE SOUSA, filha de Antônio de Sousa Brandão e de Sebastiana Pedrosa da Silva. As testemunhas do matrimônio foram: Josefa Pedrosa, Isabel de Sousa e outros[488]. Com geração[489].

3(II)- JOSEFA DE MENDONÇA, que foi casada com MANUEL DE CHAVES, com geração[490].

1(II)- **MARIA DA FÉ DE MENDONÇA** ou **MARIA DA FÉ** que se casou com **JOÃO FERREIRA DA FONSECA**, com geração que segue.

II- **MARIA DA FÉ DE MENDONÇA** ou apenas **MARIA DA FÉ**, natural de Parnaíba, em São Paulo[491], onde veio a se casar em 1704, com **JOÃO FERREIRA DA FONSECA**, filho de **Manuel Rabelo da Fonseca** e **Paula Monteiro**, portugueses[492]. O casal já estava estabelecido em território mineiro desde pelo menos 1725, mais precisamente na Freguesia de Santo Antônio de Itatiaia[493].

João Ferreira da Fonseca faleceu aos 27-SET-1741, com testamento, no qual declarou ser nascido em Castelo Rodrigo, em Portugal, além de sua filiação. Em suas disposições de última vontade, mandou que seu corpo fosse sepultado na Matriz de Nossa Senhora de Nazaré da Cachoeira do Campo e amortalhado em um hábito de São Francisco ou de Nossa

---

487 O nome correto é Ana Salvago Pedroso e não "Maria Salvago Pedroso" como aparece em: LEME, Luiz Gonzaga da Silva. "*Genealogia Paulistana*", v. 7, p. 159, nº. 3-1 de 2-9.

488 Livro de Casamentos de Sorocaba – 1679 a 1738 (site: http://familysearch.org, imagem 16).

489 LEME, Luiz Gonzaga da Silva. "*Genealogia Paulistana*", v.7, p. 164, nº. 4-2.

490 LEME, Luiz Gonzaga da Silva. "*Genealogia Paulistana*", v.7, p. 164, nº. 4-3.

491 LEME, Luiz Gonzaga da Silva. "*Genealogia Paulistana*", v.7, p. 164, nº. 4-4.

492 CRUZ, Rodnei Brunete. "*Resumo do 1º Livro de Casamentos de Santana de Parnaíba, coligidos por Silva Leme*", *in* Revista da ASBRAP nº. 2, p. 113.

493 Cf. se depreende do assento de batismo da neta Quitéria, filha de Miguel Ferreira Pedrosa e de Maria do Rosário Rabela.

Senhora do Monte do Carmo, sendo que as Irmandades das Almas e de Nossa Senhora de Nazaré o acompanhariam à sepultura, além do reverendo vigário e mais seis sacerdotes que dirão missas de corpo presente. Declarou que devia aos religiosos da Santa Casa vinte oitavas de ouro e mandou dizer três missas a Santo Antônio, três a São Gonçalo e três a São Francisco, dando esmola de meia oitava a cada um. Após pagas as dívidas e cumpridos os legados, instituiu por herdeira da metade de sua terça a sua neta Ana Maria de Jesus[494]. Pais de três filhos[495]:

1(III)- **FRANCISCO XAVIER DA FONSECA** casou-se com sua parente **ESCOLÁSTICA DE SOUSA AGUIAR**, com descendência no nº. IV do § 2º deste Capítulo.

2(III)- ALEIXO DA FONSECA.

3(III)- **MARIA DO ROSÁRIO RABELA** ou apenas **MARIA DO ROSÁRIO**, casada com **MIGUEL FERREIRA PEDROSA**, com geração no nº. II do § 1º do Capítulo 1º.

§ 2º

II- **EUQUÉRIO AGUIAR DE MENDONÇA** ou apenas **EUQUÉRIO DE AGUIAR**, filho de Manuel de Aguiar Mendonça e Ana Salvago Pedroso (nº. I do § 1º acima). Casou-se em Sorocaba, dia 4-FEV-1697, com **ANA MOREIRA DE SOUSA** ou **ANA DE SOUSA MOREIRA**, filha de **Antônio de Sousa Brandão** (o "Cabeça de Prata", por antonomásia) e de **Sebastiana Moreira Pedroso** (ou **Sebastiana Pedrosa da Silva**)[496]. As testemunhas do ato nupcial foram: Sebastião Bicudo, João Antunes, Maria ... e Maria Domingues[497]. O casal morava na Vila de Santana de Parnaíba, sendo pais de, entre outros[498]:

1(III)- **JOÃO FRANCISCO BRANDÃO**, que foi casado com MARIA SOARES DE ABREU, mas teve descendência com **ISABEL DE SOUSA**, conforme segue.

---

494 Livro de Óbitos da Freguesia de Cachoeira do Campo – p. 58 (Arquivo Eclesiástico da Arquidiocese de Mariana - AA-16).

495 Cf. testamento de João Ferreira da Fonseca transcrito no Livro de Óbitos da Freguesia de Cachoeira do Campo – p. 58 (Arquivo Eclesiástico da Arquidiocese de Mariana - AA-16).

496 LEME, Luiz Gonzaga da Silva. "*Genealogia Paulistana*", v. 7, p. 159 (nº. 4-1) e p. 439 (nº. 5-1).

497 Livro de Casamentos de Sorocaba – 1679 a 1738 (site: http://familysearch.org, imagem 19).

498 LEME, Luiz Gonzaga da Silva. "*Genealogia Paulistana*", v. 7, p. 164 (nº. 5-3).

III- **JOÃO FRANCISCO BRANDÃO**, paulista natural de Santana de Parnaíba, casou-se na Igreja Matriz de Sorocaba, aos 30-JUL-1729, com MARIA SOARES DE ABREU ou MARIA SOARES, natural da Vila de *Utú*, viúva de Domingos Leme da Silva, filha de Antônio Fernandes de Abreu e de Ana Maria Soares[499].

O casal João Francisco Brandão - Maria Soares de Abreu não teve geração[500]. Ele transferiu-se para Minas Gerais, onde já estava estabelecido, na Capela de São Gonçalo da Vargem (atual Amarantina), em 1733[501]. Com **ISABEL DE SOUSA**, ele teve a seguinte filha natural:

1(IV)- **ESCOLÁSTICA DE SOUSA AGUIAR**, que se casou com **FRANCISCO XAVIER DA FONSECA**, com descendência que segue.

IV- **ESCOLÁSTICA DE SOUSA AGUIAR** ou **ESCOLÁSTICA DE SOUSA** casou-se em 14-FEV-1741, na Capela de São Gonçalo do Tijuco (atual Amarantina), filial da Matriz de Nossa Senhora de Nazaré da Cachoeira do Campo, com seu parente **FRANCISCO XAVIER DA FONSECA**, ambos naturais e batizados em Santana do Parnaíba, Bispado de São Paulo, sendo ele filho de **João Ferreira da Fonseca** e de **Maria da Fé de Mendonça** (nº. II do § 1º deste Capítulo). Os padrinhos do matrimônio foram: Domingos de Morais Sarmento e o Reverendo Padre Cipriano Rodrigues Nunes[502]. Pais de:

1(V)- **ROSA MARCELINA DO ESPÍRITO SANTO** casada com **MANUEL RIBEIRO GOMES**, com geração que segue.

2(V)- INÁCIA, batizada no dia 4-NOV-1743, na Capela de São Gonçalo da Vargem, filial da Matriz de Nossa Senhora de Nazaré da Cachoeira do Campo. Padrinhos: Serafim Álvares, morador na

---

499 Livro de Casamentos de Sorocaba – 1679 a 1738 (site: http://familysearch.org, imagem 63).

500 LEME, Luiz Gonzaga da Silva. "*Genealogia Paulistana*", v. 7, p. 164 (nº. 5-3), e p. 242 (nº. 3-1).

501 Cf. batismo ministrado em 8-AGO-1733, de João, filho de João e Maria, escravos de João Francisco Brandão (Livro de Batismos da Freguesia de Cachoeira do Campo – 1725 a 1744 (site: http://familysearch.org, imagem 80, consultado em JAN-2015).

502 Livro de Casamentos da Freguesia de Cachoeira do Campo – 1734 a 1842 – p. 15 (Arquivo Eclesiástico da Arquidiocese de Mariana – AA-13).

Freguesia de Rio das Pedras, e Eufrásia Maria da Cruz, mulher de Manuel Machado Ferreira[503].

2(V)- JOAQUIM nasceu em 9-FEV-1755 e foi batizado no dia 20 do mesmo mês, na Igreja Matriz de Nossa Senhora da Conceição do Rio das Pedras, tendo como padrinhos: Manuel Soares da Cunha e Maria Teixeira da Silva, mulher de Bento Lopes[504].

3(V)- ANA, nascida em 11-JAN-1757 e batizada no dia 30 subsequente, na Igreja Matriz de Nossa Senhora da Conceição de Rio das Pedras[505].

4(V)- JOÃO, batizado em 1º-JUL-1759, em Rio das Pedras. Os padrinhos foram: Manuel Francisco dos Santos e Ana Maria de Jesus[506].

V- **ROSA MARCELINA DO ESPÍRITO SANTO** ou somente **ROSA MARCELINA**, que foi batizada no dia 11-DEZ-1741, na Capela de São Gonçalo do Tijuco, filial da Matriz de Nossa Senhora de Nazaré da Cachoeira do Campo, sendo padrinhos: Bartolomeu Alves e Antônia Marcelina, filha de Antônio Ferreira da Franca, todos da mesma freguesia[507]. Foi casada com **MANUEL RIBEIRO GOMES**, português da Freguesia de Vila Nova, filho de **Agostinho Ribeiro** e de **Domingas Gomes**, naturais da Freguesia de Vila Nova dos Infantes, Termo de Guimarães, Arcebispado de Braga, em Portugal.

Do inventário de Rosa Marcelina do Espírito Santo, iniciado em 5-MAIO-1779, consta que ela faleceu, sem testamento, em ...-MAR-1779, sendo o monte-mor avaliado em 1:048$800 consistente, entre outros poucos bens, em 20 escravos e um sítio chamado Facão, no princípio da mata do caminho da Itaubira, com casas térreas cobertas de telhas e senzalas cobertas de capim, que confronta com terras de Pedro Cardoso, com a

---

503 Livro de Batismos da Freguesia de Cachoeira do Campo – 1725 a 1744 (site: http://familysearch.org, imagem 179, consultado em JAN-2015).

504 Livro de Batismos da Freguesia do Rio das Pedras – Acuruí (site: http://familysearch.org, imagem 33, consultado em JUL-2014).

505 Livro de Batismos da Freguesia do Rio das Pedras – Acuruí (site: http://familysearch.org, imagem 41, consultado em JUL-2014).

506 Livro de Batismos da Freguesia do Rio das Pedras – Acuruí (site: http://familysearch.org, imagem 51, consultado em JUL-2014).

507 Livro de Batismos da Freguesia de Cachoeira do Campo – 1725 a 1744 (Arquivo Eclesiástico da Arquidiocese de Mariana – F-23).

Fazenda da Cruz das Almas, com Lino Peixoto e com Antônio Gomes Mafra[508].

Tiveram seis filhos, todos batizados na Freguesia de Nossa Senhora da Conceição do Rio das Pedras, atual Acuruí[509]:

1(VI)- MARIA ROSA DO ESPÍRITO SANTO, nascida aos 26-MAR-1764 e batizada em 2-ABR do mesmo ano, sendo padrinhos: Manuel Francisco dos Santos e Inácia da Conceição. Morava na Freguesia de Nossa Senhora de Nazaré da Cachoeira do Campo, onde se casou aos 20-FEV-1789, com SILVESTRE TAVARES DO REGO, natural e morador na Freguesia de Itabira[510].

2(VI)- MANUEL nasceu em 16-JAN-1766 e batizado no dia 26 subsequente, tendo como padrinhos: João Sanhudo de Araújo, solteiro, e Isabel Bernarda da Cruz, casada. Faleceu aos 22-FEV-1785 e foi enterrado dentro da sepultura das almas, na Matriz de Nossa Senhora do Rio das Pedras.

3(VI)- ANA JOAQUINA RIBEIRA ou ANA JOAQUINA DO ESÍRITO SANTO, nascida em 1º-NOV-1767, recebeu o primeiro sacramento no dia 15 do mesmo mês e ano. Seus padrinhos foram o Reverendo Manuel José Barbosa de Faria e Gertrudes. Casou-se com o Sargento-Mor FRANCISCO RODRIGUES PEIXOTO, filho de Lino Peixoto e de Escolástica Rodrigues Dantas. Com geração no nº. III do § 2º do Capítulo 4º - família RODRIGUES PEIXOTO.

4(VI)- HIGINO GOMES DOS SANTOS ou HIGINO GOMES RIBEIRO foi batizado aos 23-JAN-1769, tendo nascido no dia 11 anterior. Teve como padrinhos: Manuel Monteiro de Pinho, solteiro, e Escolástica de Souza Aguiar, casada. Figurou no inventário da mãe com o nome GINO.

5(VI)- EGÍDIO ANTÔNIO nasceu em 1º-SET-1770 e veio a ser batizado depois de quinze dias, tendo como padrinhos: Licenciado Baltazar Gonçalves Calado[511] e Maria Vaz Barbosa,

---

508 Arquivo da Casa Setecentista do Pilar – Ouro Preto – códice 129 – autos 1616 – 1779 - 1º Ofício.

509 Livro de Batismos da Freguesia do Rio das Pedras – Acuruí (site: http://familysearch.org, consultado em JUL-2014).

510 Livro de Casamentos da Freguesia de Cachoeira do Campo – 1734 a 1842 - p. 104 (Arquivo Eclesiástico da Arquidiocese de Mariana – AA-13).

511 O Licenciado Baltazar Gonçalves Calado figura como membro da Irmandade das Almas do Rio das Pedras no ano de 1727 (cf. livro de Batismos da Freguesia do Rio das Pedras – Acuruí - site: http://familysearch.org, consultado em JUL-2014).

filha de Gabriel Vaz. No inventário da mãe, aparece como GIDIO.

6(VI)- **BRÍZIDA MARIA DO ESPÍRITO SANTO** casou-se com **MANUEL LOURENÇO DE AGUIAR**, com a descendência que segue.

VI - **BRÍZIDA MARIA DO ESPÍRITO SANTO** ou **BRÍGIDA MARIA DO ESPÍRITO SANTO**, nascida em 8-AGO-1773, recebeu o sacramento do batismo no dia 22 subsequente, na Freguesia de Nossa Senhora da Conceição do Rio das Pedras. Seus padrinhos foram: João Sanhudo de Araújo e Angélica Barbosa[512]. Veio a contrair núpcias com **MANUEL LOURENÇO DE AGUIAR** (ou **D'AGUIAR**) que era filho de **Rosa Maria de Jesus**, ambos naturais do Bispado de Angra.

Em 1831, o casal Manuel Lourenço de Aguiar – Brízida Maria do Espírito Santo figurou no censo de Nossa Senhora da Conceição do Rio das Pedras, ambos qualificados como brancos, ele roceiro, com 60 anos de idade; ela com 50 anos[513].

Manuel Lourenço de Aguiar faleceu, com 70 anos de idade, sem testamento, no dia 3-ABR-1840, época em que era morador em Rio das Pedras, mas seu inventário foi iniciado aos 30-JUN-1855, em Ouro Preto. Deixou móveis, alguns escravos; mais a fazenda Chapada, com seus pertences e algumas plantações, avaliada por 66$000; além da fazenda de cultura denominada Ponte Nova, distrito do Arraial do Rio de Pedras, que confrontava, pela parte do rio abaixo, com terras de Silvério Dias Gonçalves e pelo espigão com terras do herdeiro Antônio Martins de Aguiar, por outro lado, subindo a lagoa acima do moinho da mesma fazenda, divisava com terras da Mandinga e por outro lado com terras do finado Estevão Ferreira Pedrosa e pela estrada acima divisando com terras de Manuel José da Cunha. Além disso, deixou uma casa no arraial do Rio das Pedras, com seus pertences, mais uma casa de vivenda coberta de telhas, com camadas para negócio e quintal, situada perto da Igreja Matriz do Rio das Pedras, com a qual confrontava, e, pelo lado esquerdo, com casas do Reverendo Vigário Joaquim Fidélis Marques e, pelo lado direito, com casas do herdeiro João Fernandes de Oliveira, pelo valor de 290$000.

---

512 Livro de Batismos da Freguesia do Rio das Pedras – Acuruí (site: http://familysearch.org, consultado em JUL-2014).

513 Arquivo Público Mineiro, mapas de população, caixa 11, documento 2

O monte-mor foi avaliado em 4:398$740[514]. Tiveram a seguinte descendência:

1(VII)- ANA ROSA MARCELINA ou ANA ROSA DO NASCIMENTO, foi casada com JOAQUIM DA SILVA MASCARENHAS, com quem teve um filho, conforme adiante descrito.

2(VII)- MANUEL LOURENÇO RIBEIRO foi batizado em Rio das Pedras, aos 21-FEV-1798, sendo padrinhos o Tenente Francisco de Souza Barreto e sua mulher ... Maria de Araújo, da Freguesia de Sabará[515]. Casou-se antes de 1831, com ANA MATILDES DE ARAÚJO FRANÇA ou ANA MATILDES FRANÇA. Segundo se depreende dos autos de arrecadação de bens do casal, iniciado aos 26-NOV-1888, em Ouro Preto, ambos eram moradores na Freguesia de Itabira do Campo, onde eram proprietários de 20 alqueires de terras de cultura unidas com pastos, na Fazenda de Santa Lúcia[516].

3(VII)- ROSA DOROTEA DE LIMA ou apenas ROSA DE LIMA foi casada, primeiro, com DOMINGOS DE SOUSA MOREIRA, depois com FLORÊNCIO RODRIGUES ROCHA, tendo um filho com este último, conforme segue no §3º.

4(VII)- MARIA SABINA DE JESUS, que foi batizada em 9-AGO-1803, na Freguesia de Nossa Senhora da Conceição do Rio das Pedras, tendo como padrinhos o então Tenente José de Almeida Peçanha e sua mulher Maria Clara do Sacramento[517]. Por ocasião do censo realizado em Rio das Pedras, no ano de 1831[518], já estava casada com JOSÉ PEREIRA DE ALMEIDA PEÇANHA ou JOSÉ PEREIRA DE MASCARENHAS PEÇANHA[519], natural da

---

514 Arquivo da Casa Setecentista do Pilar – Ouro Preto – códice 116 – autos 1477 – 1855 - 1º Ofício.

515 Livro de Batismos da Freguesia do Rio das Pedras – Acuruí (site: http://familysearch.org, consultado em JUL-2014).

516 Arquivo da Casa Setecentista do Pilar – Ouro Preto – códice 143 – autos 1802 – 1888 - 1º Ofício.

517 Livro de Batismos da Freguesia do Rio das Pedras – Acuruí (site: http://familysearch.org, consultado em JUL-2014).

518 No referido censo, José Pereira de Mascarenhas Peçanha contava com 28 anos, seu pai 73 e sua mãe 60 anos, além de possuírem 5 escravos (Arquivo Público Mineiro, mapas de população, caixa 11, documento 2).

519 Utilizaremos a grafia moderna do sobrenome *Peçanha*, mas, nos documentos consultados, ele aparece grafado como *Pessanha* e, por vezes, *Passanha*.

Freguesia de Nossa Senhora da Conceição do Rio das Pedras, filho do Capitão José Pereira de Almeida Peçanha (ou José de Almeida Peçanha) e de Maria Clara do Sacramento. Ele faleceu com testamento cerrado, realizado em 5-DEZ-1884, na Fazenda do Bom Retiro, no qual pediu que seu corpo fosse sepultado na Matriz de Nossa Senhora da Conceição do Rio das Pedras, perto da pia onde fora batizado, sem pompa, com apenas um sacerdote para esse fim. Nas disposições de última vontade declarou que não teve filhos de seu consórcio, razão pela qual nomeou como herdeira sua afilhada Júlia Carolina Pereira e alguns de seus escravos, os quais deixou forros, por carta. Aos 19-DEZ-1884, imediatamente após o falecimento de José Pereira de Almeida Peçanha, mas antes mesmo do seu corpo ser sepultado, o testamento cerrado foi entregue por Joaquim Marcelino Ribeiro ao Vigário Manuel Maria da Silva para abertura diante de cinco testemunhas[520].

No inventário de José Pereira de Almeida Peçanha, iniciado aos 27-ABR-1885, em Ouro Preto, vê-se que tinha bens avaliados em 10:534$400, sendo que sua meação ficou uma parte para os escravos e a outra para Júlia Carolina Pereira, casada com Joaquim Marcelino Ribeiro. Além disso, o afilhado Jacob Pereira da Silva, residente na Província do Rio de Janeiro, nas proximidades da estação do Ubá, foi contemplado com uma escrava e seu filho. A fazenda do Bom Retiro, situada na Freguesia do Rio de Pedras, tinha 30 alqueires de terras de cultura, limitado pelo lado do nascente com José Lourenço de Melo e Capitão Antônio Rodrigues Peixoto; pelo norte com terras de Mariana Pia; pelo poente com terras de José Fernandes Pereira e separada pelo Rio das Velhas e pelo sul com Joaquim Pereira Lima. O engenho de fazer farinha ficou em comum para todos os herdeiros. Também possuía um lote de 12 alqueires denominado Cidade[521].

5(VII)- JOSÉ LOURENÇO DE MELO casado com ANA JOAQUINA FERREIRA, ANA JOAQUINA PEDROSA ou ainda ANA JOAQUINA FERREIRA PEDROSA, com geração que segue no § 5º.

---

[520] Arquivo da Casa Setecentista do Pilar – Ouro Preto – códice 66 – autos 798 – 1885 - 1º Ofício.

[521] Arquivo da Casa Setecentista do Pilar – Ouro Preto – códice 66 – autos 798 – 1885 - 1º Ofício.

6(VII)- Alferes **ANTÔNIO MARTINS DE AGUIAR**, também chamado **ANTÔNIO MARTINS LOURENÇO,** casado com **MARIA SILVÉRIA DA SILVA**, com descendência no § 7º.

7(VII)- MARIA RIBEIRA ou MARIA ALBINA DA ANUNCIAÇÃO[522] foi casada com JOÃO FERNANDES DE OLIVEIRA, com geração no § 4º adiante.

8(VII)- BÁRBARA, batizada em 16-JUN-1810 em Rio das Pedras. Padrinhos: Higino Gomes dos Santos, da Freguesia da Cachoeira do Campo, e Maria Rosa do Espírito Santo, da Freguesia de Itabira[523]. Não figura no inventário do pai.

9(VII)- BRÍZIDA foi batizada em 7-JUN-1812. Teve como padrinhos: Egídio Antonio dos Santos, morador na Borda do Campo, e Ana Rosa do Nascimento[524]. Também não figura no inventário paterno.

10(VII)- FRANCISCO, que foi batizado a 6-JUN-1813, sendo padrinhos Egino Gomes, solteiro, da Freguesia da Cachoeira do Campo, e Sebastiana Tavares[525]. Não aparece no inventário do pai.

VII- ANA ROSA MARCELINA ou ANA ROSA DO NASCIMENTO, batizada aos 30-NOV-1796, na Freguesia de Nossa Senhora da Conceição do Rio das Pedras. Os padrinhos foram seu avô Manuel Ribeiro Gomes e sua tia Ana Joaquina Ribeiro, ambos da Freguesia de Cachoeira do Campo[526]. Ainda era solteira em 1831, segundo o censo de Rio das Pedras[527], mas veio a se casar com JOAQUIM DA SILVA MASCARENHAS, falecido por volta de 1846, no Arraial do Rio de Pedras, cujo inventário foi iniciado apenas em 5-NOV-1859, em Ouro Preto. Ele deixou bens, dentre os quais: uma pequena casa de vivenda coberta de telhas, muito arruinada, à beira do rio das Velhas, sita no lugar denominado Fazenda Velha do Calado, no valor de 35$000; um moinho

---

522 Também aparece grafado *Maria Aldina*.

523 Livro de Batismos da Freguesia do Rio das Pedras – Acuruí (site: http://familysearch.org, consultado em JUL-2014).

524 Livro de Batismos da Freguesia do Rio das Pedras – Acuruí (site: http://familysearch.org, consultado em JUL-2014).

525 Livro de Batismos da Freguesia do Rio das Pedras – Acuruí (site: http://familysearch.org, consultado em JUL-2014).

526 Livro de Batismos da Freguesia do Rio das Pedras – Acuruí (site: http://familysearch.org, consultado em JUL-2014).

527 Arquivo Público Mineiro, mapas de população, caixa 11, documento 2

muito arruinado, sem água, coberto de telhas, anexo à referida casa, por 25$000; mais 30 alqueires de terras de cultura situadas na Freguesia da Cachoeira do Campo e lugar denominado Bom Retiro, com divisas, pela nascente, com terras de David Pereira Lima, pelo poente com terras do Toco de Pau, pelo norte com as de José Pereira de Almeida Peçanha e, pelo sul, com terras da Fazenda do Portão, avaliada no total de 600 mil réis[528]. Tiveram um único filho:

1(VIII)- FRANCISCO DA SILVA MASCARENHAS foi batizado na Capela de São Gonçalo do Monte no dia 6-JUN-1838, tendo nascido em 16-JUN-1837. Seus padrinhos foram o Tenente José Pereira Mascarenhas Peçanha e sua mãe Maria Clara do Sacramento[529]. Por ocasião do inventário paterno, era morador na Cidade de Ubá.

§ 3º

VII- ROSA DOROTEA DE LIMA ou ROSA DE LIMA, filha de Manuel Lourenço de Aguiar e de Brízida Maria do Espírito Santo (nº. VI do § 2º deste capítulo). Foi batizada em 11-AGO-1799, em Nossa Senhora da Conceição do Rio das Pedras, sendo padrinhos Egídio Antônio, da Freguesia de Cachoeira do Campo, e Ana da Fé, da Freguesia de Nossa Senhora da Conceição do Rio das Pedras[530]. Por ocasião do inventário de seu pai, em 1855, estava casada com DOMINGOS DE SOUSA MOREIRA. Achando-se doente e em idade avançada, ela fez testamento, constante de seu inventário, iniciado em Ouro Preto aos 23-OUT-1885, do qual se depreende que também foi casada com FLORÊNCIO RODRIGUES ROCHA, já falecido, com quem teve um único filho, também falecido. Assim, deixou legados a Clementino, Porfírio e Maria, filhos de sua finada prima Joana, no montante de 50$000; à sua afilhada Maria, filha de Augusto Catta Preta, no valor de 12$000, e à sua nora, no importe de 50$000. Em suas disposições de última vontade, pediu para ser sepultada na Mercês do Ouro Preto, deixando também legados para a

---

528 Arquivo da Casa Setecentista do Pilar – Ouro Preto – códice 66 – autos 792 – 1859 - 1º Ofício.

529 Cf. assento lavrado em 4-MAIO-1847 (Livro de Batismos da Freguesia do Rio das Pedras – Acuruí - site: http://familysearch.org, consultado em JUL-2014).

530 Livro de Batismos da Freguesia do Rio das Pedras – Acuruí (site: http://familysearch.org, consultado em JUL-2014).

Ordem das Mercês de Ouro Preto, da qual era irmã, e para a Ordem de São Francisco de Paula[531]. Do segundo marido, teve:

1(VIII)- LUIZ AUGUSTO RODRIGUES foi casado, mas já era falecido por ocasião do testamento de sua mãe.

§ 4º

VII- MARIA RIBEIRA ou MARIA ALBINA DA ANUNCIAÇÃO, filha de Manuel Lourenço de Aguiar e de Brízida Maria do Espírito Santo (nº. VI do § 2º deste capítulo). Ela faleceu com 30 anos, no dia 11-JAN-1841, sendo sepultada na Capela do Rosário, na Freguesia de Rio das Pedras[532]. No inventário de seu pai, em 1855, herdaram os dois filhos que ela teve de seu matrimônio com JOÃO FERNANDES DE OLIVEIRA[533]:

1(VI)- MARIA LUÍSA, com 18 anos em 1855.

2(VI)- JOSÉ FERNANDES PEÇANHA, que nasceu em 15-FEV-1840 e foi batizado em 8-MAR do mesmo ano, na Capela de São Vicente, aplicação do Rio das Pedras. Teve como padrinhos: Reverendo Vigário José de Araújo Cunha e Maria Sabina, mulher de José Pereira Mascarenhas Peçanha.

§ 5º

VII - JOSÉ LOURENÇO DE MELO, filho de Manuel Lourenço de Aguiar e de Brízida Maria do Espírito Santo (nº. VI do § 2º deste capítulo). Recebeu o sacramento do batismo no dia 15-ABR-1805, em Nossa Senhora da Conceição do Rio das Pedras, sendo padrinho Manuel Ribeiro Gomes[534]. Veio a se casar aos 27-NOV-1841, na Freguesia de Cachoeira do Campo, com ANA JOAQUINA FERREIRA, também chamada ANA JOAQUINA PEDROSA, ANA JOAQUINA RODRIGUES PEDROSA, ANA JOAQUINA RODRIGUES, ANA JOAQUINA FERREIRA PEDROSA ou, apenas, ANA PEDROSA, filha de Estevão Ferreira Pedrosa e de Ana Joaquina Rodrigues Peixoto - nº. 5(V) do nº IV do § 21º do Capítulo 1º -

---

531 Cf. inventário (Arquivo da Casa Setecentista do Pilar – Ouro Preto – códice 127 – autos 1594 – 1885 - 1º Ofício).

532 Livro de Óbitos da Freguesia do Rio das Pedras – Acuruí - 1836 a 1885 (site: http://familysearch.org, consultado em JUL-2014).

533 Após ficar viúvo, João Fernandes de Oliveira veio a se casar, pela segunda vez, com Maria Silvéria de Aguiar, sobrinha de sua primeira mulher, com quem também teve geração (nº. VIII do § 7º).

534 Livro de Batismos da Freguesia do Rio das Pedras – Acuruí (site: http://familysearch.org, consultado em JUL-2014).

família FERREIRA PEDROSA. As testemunhas do ato nupcial foram: Manuel Rodrigues Peixoto e Felipe Ferreira Pedrosa[535].

O testamento de José Lourenço de Melo foi processado em Ouro Preto, no ano de 1892, tendo sido firmado de próprio punho, em Santo Antônio do Rio Acima, no dia 15-OUT-1884, no qual ele declarou ser residente na Fazenda da Chapada, Distrito e Freguesia do Rio das Pedras. Era irmão remido de Nossa Senhora do Carmo da Cidade de Sabará e também na Irmandade de Nossa Senhora da Lapa, de Antônio Pereira. Entre outras disposições de última vontade, deixou livre a escrava Catarina, determinando, ainda, que fossem entregues 800 mil réis à Jacinta, que já é livre e era filha da escrava Catarina, bem como que o seu escravo Crispim ficasse servindo a sua filha Ana, até que ele completasse 30 anos. Deixou, ainda, 20 mil réis para reparos na Capela de Nossa Senhora do Rosário, em sua freguesia[536]. Tiveram os seguintes filhos, todos batizados na Freguesia de Nossa Senhora da Conceição do Rio das Pedras, atual Acuruí[537]:

1(VIII)- MARIA BÁRBARA DE JESUS, nascida a 4-DEZ-1842 e batizada no dia 17 subsequente, sendo padrinhos Estevão Ferreira Pedrosa e sua mulher Dona Ana Joaquina Rodrigues, da Freguesia da Cachoeira do Campo. Casou-se em 19-OUT-1867, em Acuruí, com JOAQUIM PEIXOTO DE LIMA ou JOAQUIM RODRIGUES PEIXOTO, sendo testemunhas do matrimônio: Manuel Peixoto e Francisco Coelho[538]. Residiam em Cachoeira do Campo.

2(VIII)- ANA, que foi batizada aos 20-MAIO-1844, tendo como padrinhos: Manuel Lourenço Ribeiro e Brízida Maria do Espírito Santo. Ela faleceu aos 15-JUN-1848 e foi sepultada na Capela do Rosário, em Rio das Pedras[539].

---

535 Livro de Casamentos e de Batismos da Freguesia de Cachoeira do Campo (Arquivo Eclesiástico da Arquidiocese de Mariana – AA-14).

536 Arquivo da Casa Setecentista do Pilar – Ouro Preto – testamento – 1884– 1892.

537 Livro de Batismos da Freguesia do Rio das Pedras – Acuruí (site: http://familysearch.org, consultado em JUL-2014).

538 Livro de Casamentos da Freguesia do Rio das Pedras (Acuruí) – 1835 a 1891 (site: http://familysearch.org, consultado em 9-JUN-2014.

539 Livro de Óbitos da Freguesia do Rio das Pedras – Acuruí - 1836 a 1885 (site: http://familysearch.org, consultado em JUL-2014).

3(VIII)- PURCINA foi batizada em 13-MAR-1845, sendo padrinhos José Pereira Peçanha e Maria Sabina. Faleceu em 16-JUL-1845, em Rio das Pedras[540].

4(VIII)- OLÍMPIO FERNANDES DE MELO ou OLÍMPIO FERNANDES PEDROSA DE MELO casou-se com FILOMENA RODRIGUES PEDROSA, com geração que segue.

5(VIII)- LUZIA FERREIRA PEDROSA ou LUZIA RODRIGUES PEDROSA ou, ainda, LUZIA FERNANDES DE MELO, casada com JOSÉ FERNANDES PEREIRA ou JOSÉ FERNANDES DE OLIVEIRA. Segue geração no §6º.

6(VIII)- ANA JOAQUINA PEDROSA, ANA FERREIRA PEDROSA, ANA JOAQUINA RODRIGUES ou, ainda, ANA JOAQUINA FERREIRA PEDROSA, batizada aos 26-AGO-1849. Padrinhos: Maximiano Rodrigues da Silva e sua mulher Eulina Maria de Jesus. Casou-se com seu parente, o Capitão ANTÔNIO RODRIGUES PEIXOTO, filho de Manuel Rodrigues Peixoto e Maria Pereira Lima. Com geração no nº. V do § 2º do Capítulo 4º - família RODRIGUES PEIXOTO.

7(VIII)- ANTÔNIO nasceu em 11-ABR-1851 e foi batizado no dia 27 seguinte, sendo padrinhos Antônio Martins de Aguiar e Brízida Maria do Espírito Santo. Ele faleceu aos 27-JUN-1852, em Rio das Pedras[541].

VIII- OLÍMPIO FERNANDES DE MELO ou OLÍMPIO FERNANDES PEDROSA DE MELO recebeu o sacramento do batismo em 4-JUL-1846, na Freguesia de Rio das Pedras, tendo como padrinhos: Felipe Ferreira Pedrosa e sua mulher Maria Vaz, moradores no Arraial do Tijuco, Freguesia de Cachoeira do Campo. Foi casado com FILOMENA RODRIGUES PEDROSA com quem teve os seguintes filhos, todos batizados na Freguesia de Nossa Senhora da Conceição do Rio das Pedras (atual Acuruí)[542], onde residiam:

1(IX)- JOSÉ FERNANDES DE MELO, casado com LUZIA MARTINS ou LUZIA PIMENTA, com geração que segue.

---

[540] Livro de Óbitos da Freguesia do Rio das Pedras – Acuruí - 1836 a 1885 (site: http://familysearch.org, consultado em JUL-2014).

[541] Livro de Óbitos da Freguesia do Rio das Pedras – Acuruí - 1836 a 1885 (site: http://familysearch.org, consultado em JUL-2014).

[542] Livro de Batismos da Freguesia do Rio das Pedras – Acuruí (site: http://familysearch.org, consultado em JUL-2014). Somente o batismo de José Fernandes de Melo não foi localizado.

2(IX)- MARIANA, nascida aos 14-FEV e batizada em 4-MAR-1878, com os padrinhos: José Rodrigues Peixoto e sua mulher Mariana Joaquina Pedrosa.

3(IX)- VIRGÍNIA nasceu aos 26-FEV-1879 e foi batizada no mesmo dia do mês seguinte. Seus padrinhos foram: José Fernandes Pereira e Luzia Ferreira Pedrosa[543].

4(IX)- ANTÔNIO, nascido em 13-FEV-1880, foi batizado no dia 22 subsequente, tendo como padrinhos: Francisco Rodrigues Pedrosa e Maria Santíssima.

5(IX)- FILOMENA nasceu em 17-ABR-1881 e recebeu o primeiro sacramento em 8-MAIO-1881, sendo padrinhos: Antônio Martins Pedrosa e Firmina Rodrigues Pedrosa.

6(IX)- TEOLINDA OLÍMPIA DE MELO, nascida aos 27-ABR-1882 e batizada em 7-MAIO-1882. Padrinhos: Pedro Pereira Lima e Maria Amélia da Conceição. Foi casada com JOAQUIM PEIXOTO DE MELO, com quem teve geração que segue no nº. VI do § 3º do Capítulo 4º - família RODRIGUES PEIXOTO.

7(IX)- MILITÃO, que nasceu aos 23-MAIO-1883 e veio a ser batizado em 4-JUN subsequente, sendo padrinhos: José Fernandes de Oliveira e Maria Silvéria de Aguiar.

8(IX)- MANUELA AUGUSTA DE MELO nasceu aos 24-ABR-1886, recebeu o sacramento do batismo a 3-MAIO-1886. Seus padrinhos foram: Capitão Manuel Rodrigues Pedrosa e Brígida Rodrigues Pedrosa. Foi casada com AUGUSTO FERNANDES DE OLIVEIRA, filho de José Fernandes Pereira e Luzia Ferreira Pedrosa. Com geração que segue no nº. IX do § 6º abaixo.

9(IX)- QUERUBINA nasceu aos 19-SET-1887 e foi batizada em 9-OUT seguinte. Os padrinhos foram: Manuel Ferreira Pedrosa e Militina Silvéria Aguiar.

10(IX)- CONSTANÇA ETELVINA DE MELO, batizada com o nome de CONSTÂNCIA, aos 24-JUN-1889, tendo como padrinhos: Padre Pedro Ferreira Pedrosa e Ana Augusta de Melo. Nascida no dia 14 anterior. Foi casada com JOÃO RODRIGUES PEIXOTO ou

---

543 Livro de Batismos da Freguesia do Rio das Pedras – Acuruí (site: http://familysearch.org, imagem 30, consultado em JUL-2014). O mesmo batismo foi registrado posteriormente, no Livro de Batizados da Freguesia de Cachoeira do Campo (1876 a 1904), constando, porém, que os padrinhos eram José Pereira Peçanha e Maria Sabina (Arquivo Eclesiástico da Arquidiocese de Mariana –F-25, p. 60v; e site: http://familysearch.org, imagem 66, consultado em JUL-2014).

JOÃO PEIXOTO DE MELO, filho do Capitão Antônio Rodrigues Peixoto e Ana Joaquina Pedrosa. Com geração que segue no nº. VI do § 4º do Capítulo 4º - família RODRIGUES PEIXOTO.

11(IX)- VITOR, que nasceu a 2-NOV-1890 e veio a ser batizado em 8-DEZ-1890. Seus padrinhos foram Antônio Rodrigues Peixoto e Luzia Basília Pedrosa.

IX- JOSÉ FERNANDES DE MELO, nascido em 26-SET-1876 e batizado aos 24-NOV1876, na Freguesia de Rio das Pedras, atual Acuruí, tendo como padrinhos: José Fernandes Pereira e Luzia Ferreira Pedrosa. Foi casado com LUZIA JOAQUINA MARTINS ou LUZIA MARTINS ou, ainda, LUZIA PIMENTA, filha de Raimundo Martins e Delmira Pimenta. Pais de:

1(X)- RORDÃO, nascido aos 22-FEV-1901, no lugar denominado Xavier, na Freguesia de Nossa Senhora da Conceição do Rio das Pedras[544]. Foi batizado na mesma freguesia, em 14-ABR-1901, tendo como padrinhos os avós paternos[545].

2(X)- MARIA, nascida no dia 15-DEZ-1903, no lugar denominado Varginha, Freguesia de Nossa Senhora da Conceição do Rio das Pedras. Seus padrinhos de batismo foram: João Nepomuceno Pena e Maria Francisca da Silva[546].

3(X)- FILOMENA, nascida em 14-OUT-1904, no lugar denominado Xavier, Freguesia de Nossa Senhora da Conceição do Rio das Pedras. Seus padrinhos de batismo foram: Olímpio Fernandes de Melo e Mariana Joaquina Pedrosa[547].

---

544 Livro de Registro de Nascimentos (1890-1915) – Rio das Pedras – nº. 178 (Coleção Digital de Itabirito, in: www.arq.ufmg.br/nehcit/itabirito, consultado em JUN/2019).

545 Livro de Batismos da Freguesia do Rio das Pedras – Acuruí – 1872 a 1924 - imagem 38 (site: http://familysearch.org).

546 Livro de Registro de Nascimentos (1890-1915) – Rio das Pedras – nº. 268 - registro de 6-ABR-1905 (Coleção Digital de Itabirito, in: www.arq.ufmg.br/nehcit/itabirito, consultado em JUN/2019).

547 Livro de Registro de Nascimentos (1890-1915) – Rio das Pedras – nº. 266 - registro de 6-ABR-1905 (Coleção Digital de Itabirito, in: www.arq.ufmg.br/nehcit/itabirito, consultado em JUN/2019).

4(X)- NORBERTO, nascido em 6-JUL-1907 e batizado no dia 28 seguinte, na Freguesia de Rio das Pedras, sendo padrinhos: José Fernandes de Oliveira e Maria Amélia de Oliveira[548].

5(X)- Natimorto em 10-OUT-1909, no lugar denominado Passagem do Pena, Freguesia de Nossa Senhora da Conceição do Rio das Pedras[549].

6(X)- ANA, nascida em 16-SET-1910, no lugar denominado Campinho, na Freguesia de Nossa Senhora da Conceição do Rio das Pedras. Seus padrinhos de batismo foram Francisco Rodrigues Silva e Rosa Rodrigues Silva[550].

7(X)- ADÃO, nascido em 7-OUT-1912, na Freguesia de Rio das Pedras[551].

8(X)- JOSÉ nasceu em 18-SET-1915, no lugar denominado Passagem do Pena[552].

§ 6º

VIII- LUZIA FERREIRA PEDROSA ou LUZIA RODRIGUES PEDROSA ou, ainda LUZIA FERNANDES DE MELO, filha de José Lourenço de Melo e de Ana Joaquina Pedrosa (nº. VII do § 5º). Batizada aos 27-DEZ-1847, na Freguesia de Rio das Pedras, tendo como padrinhos José Pereira Peçanha e sua mulher Maria Sabina. Casou-se, na referida freguesia, no dia 24-JUL-1866, com JOSÉ FERNANDES PEREIRA ou JOSÉ FERNANDES DE OLIVEIRA, sendo testemunhas do ato nupcial: José Pereira Peçanha e

---

548 Livro de Batismos da Freguesia do Rio das Pedras – Acuruí (site: http://familysearch.org).

549 Livro de Registro de Nascimentos (1890-1915) – Rio das Pedras – nº. 408 (Coleção Digital de Itabirito, in: www.arq.ufmg.br/nehcit/itabirito, consultado em JUN/2019).

550 Livro de Registro de Nascimentos (1890-1915) – Rio das Pedras – nº. 435 – registro de 16-SET-19010 – e nº. 549 – registro de 10-OUT-1915 (Coleção Digital de Itabirito, in: www.arq.ufmg.br/nehcit/itabirito, consultado em JUN/2019).

551 Livro de Registro de Nascimentos (1890-1915) – Rio das Pedras – nº. 550 (Coleção Digital de Itabirito, in: www.arq.ufmg.br/nehcit/itabirito, consultado em JUN/2019).

552 Livro de Registro de Nascimentos (1890-1915) – Rio das Pedras – nº. 557 (Coleção Digital de Itabirito, in: www.arq.ufmg.br/nehcit/itabirito, consultado em JUN/2019).

Manuel Lourenço Ribeiro. Tiveram os seguintes filhos, batizados na Freguesia de Rio das Pedras, atual Acuruí[553]:

1(IX)- MARIA, batizada aos19-OUT-1867, sendo padrinhos: José Pereira Peçanha e Maria Bárbara.

2(IX)- AFONSO, que recebeu o sacramento do batismo em 11-OUT-1868, tendo como padrinhos: Olímpio Fernandes Pedrosa de Melo e Maria Luísa.

3(IX)- ROSALINA, que recebeu o primeiro sacramento aos 31-OUT-1869, sendo padrinhos Silvério de Araújo Lima e Ana Joaquina Ferreira Pedrosa.

4(IX)- ROSALINA, batizada em 10-OUT-1871.

5(IX)- JOSÉ, batizado aos 14-FEV-1872, sendo padrinhos: Antônio Rodrigues Peixoto e Maria Sabina de Jesus.

6(IX)- FRANCISCO, nascido em 3-DEZ-1873 e batizado no dia 11 seguinte, sendo padrinhos Clementino de Araújo Lima e sua mulher ... Escolástica dos Santos.

7(IX)- ANTÔNIO nasceu no dia 3-ABR-1875 e foi batizado aos 15-MAIO do mesmo ano. Seus padrinhos de batismo foram: Antônio Marques e Luzia Fernandes de Oliveira.

8(IX)- JOSÉ, nascido em 7-DEZ-1876 e batizado aos 28-JAN-1877. Seus padrinhos foram José Rodrigues de Araújo e Ana Rodrigues de Carvalho.

9(IX)- MARIA nasceu em 20-SET-1878 e foi batizada em 10-OUT seguinte. Seus padrinhos foram: José Fernandes Oliveira e Manuela Augusta de (Lima?).

10(IX)- AMÉLIA JOAQUINA DE OLIVEIRA, que foi casada com FRANCISCO PEIXOTO DE MELO, filho do Capitão Antônio Rodrigues Peixoto e de Ana Joaquina Pedrosa. Com geração que segue no nº VI do § 2º.

11(IX)- AUGUSTO FERNANDES DE OLIVEIRA, casado com MANUELA AUGUSTA DE MELO, com geração que segue.

12(IX)- MIGUEL, nascido aos 27-OUT-1885 e batizado em 12-NOV-1885

13(IX)- LUZIA nasceu em 11-DEZ-1889 e foi batizada no dia 6-JAN-1890.

---

553 Livro de Batismos da Freguesia do Rio das Pedras – Acuruí (site: http://familysearch.org, consultado em JUL-2014). Apenas não foi localizado o batismo da filha Amélia Joaquina de Oliveira.

IX- AUGUSTO FERNANDES DE OLIVEIRA, nascido em 7-JUL-1882 e batizado em 8-AGO subsequente, tendo como padrinhos: Pedro Pereira Lima e Ana Joaquina Rodrigues[554]. Foi casado com MANUELA AUGUSTA DE MELO, filha de Olímpio Fernandes de Melo e Filomena Rodrigues Pedrosa – nº. VIII do § 5º retro. Pais de:

1(X)- JOSÉ, nascido em 30-MAR-1908, no lugar denominado Fazenda *Chacra*, e foi batizado em 14-ABR-1908, sendo padrinhos: Olímpio Fernandes de Melo e Mariana Rodrigues Pedrosa (ou Mariana Joaquina Pedrosa)[555].

2(X)- PATROCINA, nascida aos 28-NOV-1909, na Freguesia de Rio das Pedras[556].

§ 7º

VII- Alferes **ANTÔNIO MARTINS DE AGUIAR** ou **ANTÔNIO MARTINS D'AGUIAR** ou, ainda, **ANTÔNIO MARTINS LOURENÇO**, filho de Manuel Lourenço de Aguiar e de Brízida Maria do Espírito Santo (nº. VI do § 2º deste capítulo). Foi batizado em 8-MAIO-1808, na Capela de São Gonçalo do Monte da Freguesia da Cachoeira do Campo, sendo padrinhos: Egídio Gomes, solteiro, e Antônia Felícia da Silva, mulher de Luís Pedrosa[557]. Ainda era solteiro em 1831. Veio a se casar com **MARIA SILVÉRIA DA SILVA** ou **MARIA SILVÉRIA DA SILVA RODRUIGUES** ou, ainda, **MARIA SILVÉRIA DE AGUIAR**, natural do Arraial de São Gonçalo do Tijuco (atual Amarantina), filha de **Silvéria Joaquina da Purificação**[558], mas que, ao nascer, fora exposta a Dona Antônia Felícia[559].

---

554 Livro de Batismos da Freguesia do Rio das Pedras – Acuruí (site: http://familysearch.org, consultado em JUL-2014).

555 Livro de Batismos da Freguesia do Rio das Pedras – Acuruí (site: http://familysearch.org, consultado em JUN/2019); Livro de Registro de Nascimentos (1890-1915) – Rio das Pedras – nº. 387 (Coleção Digital de Itabirito, in: www.arq.ufmg.br/nehcit/itabirito, consultado em JUN/2019).

556 Livro de Registro de Nascimentos (1890-1915) – Rio das Pedras – nº. 412 (Coleção Digital de Itabirito, in: www.arq.ufmg.br/nehcit/itabirito, consultado em JUN/2019).

557 Livro de Batismos da Freguesia do Rio das Pedras – Acuruí (site: http://familysearch.org, consultado em JUL-2014).

558 **Silvéria Joaquina da Purificação** era solteira e foi moradora na Cidade de Sabará. Faleceu aos 26-MAIO-1848, no Arraial da Cachoeira do Campo, onde vivia, sendo seu inventário, iniciado no dia seguinte, processado em Ouro Preto. Dos referidos

autos consta que várias pessoas lhe deviam e que ela tinha um estabelecimento comercial com diversos produtos, tais como: fitas, linhas, tecidos, sombrinha, relógio de algibeira próprio para criança, luvas de seda, renda de algodão branca francesa. Além disso, ela tinha considerável quantidade de joias e prataria, quais sejam: 19 oitavas de ouro, avaliadas por 51$680; dois colares de ouro, um por 38$080 e outro por 87$720; brinco de ouro comprido com pedras de diamante, avaliado em 12$220; um par de pulseiras de corais "engastoados" em ouro, por 14$280; dois pares de lixas de ouro de filigrana com resplendores e mais objetos de ouro velho, por 47$600; um hábito de cristo esmaltado, por 1$600; uma anel de ouro lavrado, por 7$400; um anel de ouro lavrado moderno, com pedra de diamante, com peso de duas oitavas, que foi avaliado por 20$000, por ser a pedra brilhante e se achar quase nova; um alfinete de ouro quebrado, com cinco pedras brancas, por 2$800; uma focinheira de prata com sua corrente 6$480; um freio de prata, por 26$240; um copo de prata liso, com sua corrente, por 28$800; um sapato de prata, com respectivo estribo, também de prata, com a sela de ferro própria para senhoras, no valor de 32$640; dez colheres de prata, pequenas, próprias para chá, inclusive uma de concha para açucareiro, por 8$320; quatro cabos de prata lisas, próprias para facas de mesa, por 9$600. Tinha, ainda, materiais em cobre, ferro, louça, vidro e diversos outros móveis, roupas, um cavalo e uma besta. Constam, ainda, oito escravos, sendo três deles crianças. A soma dos bens foi 12:258:351 (Arquivo da Casa Setecentista do Pilar – Ouro Preto – códice 62 – autos 701 – 1848 - 2º Ofício).

No inventário de Silvéria Joaquina da Purificação, verifica-se que ela teve seis filhos, sendo eles: *A)* **Maria Silvéria da Silva**, casada com **Antônio Martins de Aguiar**, com geração no § 7º do Capítulo 2º; *B)* Leocádia Delminda da Fonseca, que foi batizada na Freguesia de Nossa Senhora do Pilar de Congonhas do Sabará, em 5-JUN-1816, em casa, por perigo de vida, pelo Tenente José Alves de Deus. Casou-se aos 30-NOV-1833, na Capela de Santo Antônio da Mouraria da Freguesia de Raposos, com o então alferes, depois, major e, por fim, Sargento-Mor Caetano José Coutinho da Fonseca, filho legítimo do Cirurgião-Mor Joaquim José Coutinho e de Maria da Conceição Coutinho. Esse matrimônio foi registrado no livro da Freguesia de Nossa Senhora da Conceição da Cidade de Sabará, conforme certidão juntada ao mencionado inventário; *C)* Antônio Zeferino de Freitas, reconhecido como filho do Padre Antônio Pereira de Freitas, conforme escritura passada no tabelião de notas da Vila de Sabará aos 31-JAN-1827, juntada ao referido inventário; *D)* Maria Silvéria de Freitas, casada com Francisco Pinto Bessa Wanzeler; *E)* Joaquim Silvério de Sampaio, com 11 anos e meio por ocasião do inventário materno; *F)* Blandina Silvéria de Azevedo, com 10 anos por ocasião do inventário da mãe, foi reconhecida como filha de Bernardino Fernandes de Azevedo, solteiro, por escritura de perfilhação datada de 26-MAIO-1848, juntada aos autos. Passou a se chamar Blandina Silvéria de Azevedo e Castro após se casar com João Francisco de Paula Castro (Arquivo da Casa Setecentista do Pilar – Ouro Preto – códice 62 – autos 701 – 1848 - 2º Ofício).

[559] Cf. processo de dispensa matrimonial de sua filha Maria Silvéria da Silva e de João Fernandes de Oliveira (Arquivo Eclesiástico da Arquidiocese de Mariana. Processo Matrimonial nº. 98316, arm. 39, pasta 9832, ano 1846, Itabirito).

No dia 9-ABR-1856, Antônio Martins de Aguiar declarou que era possuidor de um corte de terras e campos que fazem parte da Fazenda do Buraco, situadas no "lado de cá" do Rio das Velhas, na Freguesia de Cachoeira do Campo, com mais ou menos 12 alqueires de planta, com as seguintes divisas: pela nascente divide com o Rio das Velhas, pelo poente com terras de David Pereira Lima Filho, pelo norte com terras de Silvério Dias Gonçalves e juntamente com os campos de São Gonçalo do Monte, pelo sul finaliza com terras do dito David Pereira Lima, conforme constava de seus títulos. Na mesma ocasião, ele também declarou ser possuidor de um corte de terras de cultura no lugar denominado Ponte Nova, na mesma freguesia, com 30 alqueiras de planta, mais ou menos, dividindo pelo nascente com o Rio das Velhas, pelo poente com terras de Maria Rosa Fernandes, pelo norte com terras de Silvério Gonçalves de Matos e juntamente com as terras da Mandinga, pelo sul com terras de Silvério Dias Gonçalves, conforme consta dos títulos[560].

Antônio Martins d'Aguiar fez testamento em 13-JAN-1873, por ele assinado, mas escrito a rogo do testador por Pedro Pereira Lima, que foi aberto em 4-MAR-1873. Ele declarou ser natural da Freguesia de Nossa Senhora do Rio das Pedras, onde era morador na Fazenda do Buraco[561]. Em 5-MAR-1873, ele foi sepultado na Igreja de Nossa Senhora do Rosário do Rio das Pedras (atual Acuruí)[562]. Maria Silvéria de Aguiar fez testamento em 12-FEV-1885[563], tendo falecido aos 26-MAIO-1885, sendo sepultada na mesma capela[564]. Tiveram os seguintes filhos, mas apenas 7 eram vivos por ocasião dos testamentos[565]:

---

560 Arquivo Público Mineiro – Registros Paroquiais de Terras – Cachoeira do Campo – RP 000058 – p. 28v.

561 Cf. testamento de Antônio Martins de Aguiar (Arquivo da Casa Setecentista do Pilar – Ouro Preto – códice 331 – autos 6662 – 1873 - 1º Ofício); e *Conta de Testamento* (Arquivo da Casa Setecentista do Pilar – Ouro Preto – códice 303 – autos 6535 – 1875 - 1º Ofício).

562 Livro de Óbitos da Freguesia do Rio das Pedras – Acuruí - 1836 a 1885 (site: http://familysearch.org, consultado em JUL-2014).

563 Arquivo da Casa Setecentista do Pilar – Ouro Preto – códice 414 – autos 8189 – 1873 - 1º Ofício.

564 Livro de Óbitos da Freguesia do Rio das Pedras – Acuruí - 1836 a 1885 (site: http://familysearch.org, consultado em JUL-2014).

565 cf. Livros de Óbitos (1836 a 1885), de Casamentos (1835 a 1891) e de Batismos da Freguesia do Rio das Pedras – Acuruí (site: http://familysearch.org, consultados em JUL-2014).

1(VIII)- MARIA SILVÉRIA DE AGUIAR ou MARIA SILVÉRIA DA SILVA ou, ainda, MARIA SILVÉRIA DA PURIFICAÇÃO JÚNIOR foi casada com JOÃO FERNANDES DE OLIVEIRA, com geração que segue.

2(VIII)- ANTÔNIO, batizado na Freguesia do Rio das Pedras, no dia 14-JUL-1834, tendo como padrinhos: Egino Gomes e Brízida Maria do Espírito Santo.

3(VIII)- ANA, batizada em 5-JUL-1835, na Freguesia de Nossa Senhora da Conceição do Rio das Pedras, sendo padrinhos: José Pereira Peçanha Júnior e sua mulher Maria Sabina. Era muda e faleceu em 7-FEV-1845, sendo sepultada na Capela do Rosário, em sepultura da fábrica.

4(VIII)- BRÍZIDA MARTINS DE AGUIAR, BRÍZIDA DE AGUIAR ou BRÍZIDA MARIA DA PURIFICAÇÃO ou, ainda, BRÍZIDA MARIA DO ESPÍRITO SANTO foi casada com JOSÉ JERÔNIMO CORRÊA, com geração que segue no § 8º.

5(VIII)- ANTÔNIO SEVERINO DE AGUIAR, nascido aos 20-JUL-1839 e batizado em 7-AGO-1839, na Capela do Rosário do Rio das Pedras, tendo como padrinhos: Antônio Zeferino de Freitas e sua mãe Silvéria Joaquina da Purificação. No ano de 1863, foi sepultado em Rio das Pedras.

6(VIII)- **MILITINA SILVÉRIA DE AGUIAR** ou **MILITINA MARIA DA PURIFICAÇÃO**, casada com o Tenente **MANUEL FERREIRA PEDROSA**. Com geração no nº. V do § 24º do Capítulo 1º - família FERREIRA PEDROSA.

7(VIII)- MANUEL MARTINS DE AGUIAR ou MANUEL ANTÔNIO DE AGUIAR, casou-se com ANA GONÇALVES DE CASTRO, com geração que segue no § 10º.

8(VIII)- **ANA JOAQUINA DE AGUIAR**, **ANA MARTINS D'AGUIAR**, **ANA SILVÉRIA DE AGUIAR, ANA JOAQUINA DA PÚRIFICAÇÃO**, **ANA JOAQUINA PEDROSA DA PURIFICAÇÃO** ou, ainda, **ANA JOAQUINA PEDROSA**, foi casada com **FRANCISCO RODRIGUES PEDROSA**, com quem teve geração no nº. V do § 49º do Capítulo 1º- família FERREIRA PEDROSA.

9(VIII)- VALERIANA nasceu em 15-DEZ-1846 e foi batizada aos 14-JAN-1847, na Freguesia do Rio das Pedras. Padrinhos: José Pereira Peçanha e sua mulher Maria Sabina.

10(VIII)- JOSÉ ANTÔNIO DE AGUIAR, batizado aos 22-SET-1848, na Freguesia do Rio das Pedras, tendo como padrinhos o Vigário Justino Pinto Ferreira e Maria Silvéria, mulher de João Fernandes

Oliveira. Foi sepultado na capela dessa localidade, no ano de 1863.

11(VIII)- FELISBINA, batizada a 5-OUT-1850, na Freguesia do Rio das Pedras. Padrinhos: Reverendo Vigário José de Araújo da Cunha e Antônio Felícia da Silva.

12(VIII)- MARIA DE AGUIAR, batizada aos 18-AGO-1852, na Freguesia do Rio das Pedras, sendo padrinhos Antônio Severino de Aguiar e Brígida (irmãos da batizada). Foi sepultada em 1862, na capela dessa localidade.

13(VIII)- JOAQUIM, que nasceu em 7-JUN-1855 e recebeu o sacramento do batismo em 15-JUL subsequente, na Freguesia do Rio das Pedras. Seu padrinho foi Joaquim Silvério de Sampaio. Foi sepultado na capela dessa localidade em 1863.

13(VIII)- JOÃO MARTINS DE AGUIAR, casado com JESUÍNA MARIA DE JESUS, com geração no § 11º.

14(VIII)-ROSAURA (ou ISAURA ?) que foi sepultada em Nossa Senhora da Conceição do Rio das Pedras aos 24-DEZ-1862.

15(VIII)-JOSEFINA MARIA DA PURIFICAÇÃO, casada com SERAFIM RODRIGUES DE OLIVEIRA, com geração que segue no §12º.

VIII- MARIA SILVÉRIA DE AGUIAR ou MARIA SILVÉRIA DA SILVA (*Sinhazinha*), batizada na Freguesia de Nossa Senhora da Conceição do Rio das Pedras, em 14-JAN-1833, sendo padrinhos: Francisco Rodrigues de Carvalho e Antônia Felícia da Silva. Casou-se aos 25-NOV-1846, em Rio das Pedras, com JOÃO FERNANDES DE OLIVEIRA, viúvo de Maria Ribeira (esta filha de Manuel Lourenço de Aguiar e de Brízida Maria do Espírito Santo – nº VII do § 4º acima). Numa procuração e num documento de quitação da *Conta de Testamento* do pai, ela aparece com o nome de MARIA SILVÉRIA DA PURIFICAÇÃO JÚNIOR[566].

No ano de 1846, ambos moravam na Freguesia de Rio das Pedras e obtiveram dispensa matrimonial em razão de impedimento de afinidade lícita em 2º grau, por ter sido João Fernandes de Oliveira casado com Maria Ribeira, tia de Maria Silvéria da Silva pelo lado paterno. Ele declarou, ainda, que vivia de tropa e de mascateação de fazenda seca, bem

566 Cf. *Conta de Testamento* do Alferes Antônio Martins de Aguiar, fls. 53-54 (Arquivo da Casa Setecentista do Pilar – Ouro Preto – códice 303 – autos 6535 – 1875 - 1º Ofício).

como que a nubente era neta materna de uma mulher que, por sua fragilidade, teve atos ilícitos[567].

João Fernandes de Oliveira veio a falecer no dia 2-OUT-1861, em Cocais, sem deixar testamento. Seu inventário, processado em Ouro Preto, foi iniciado em 12-OUT-1863, no lugar do Morro de São Vicente, Freguesia do Rio de Pedras, em casa da viúva MARIA SILVÉRIA JÚNIOR. Tinha apenas dívida, garantida por hipoteca[568].

Pais dos seguintes filhos, todos batizados na Freguesia de Nossa Senhora da Conceição do Rio das Pedras, atual Acuruí[569]:

1(IX)- MARIA EVANGELISTA DA CONCEIÇÃO recebeu o sacramento do batismo aos 27-DEZ-1848, sendo padrinhos o Alferes Antônio Martins de Aguiar e sua mulher Maria Silvéria, avós da inocente. Foi beneficiada nos testamentos dos avós maternos com 20$000 e 10$000, respectivamente.

2(IX)- JOSÉ, batizado na Capela de São Vicente Ferreira, filial da Matriz de Rio das Pedras.

3(IX)- LUZIA, batizada em 5-JAN-1853, tendo como padrinhos: João Fernandes Júnior e Nossa Senhora da Conceição.

4(IX)- EMÍLIO FERNANDES DE OLIVEIRA nasceu em 4-MAIO-1854[570], sendo batizado pelo Padre João José Rodrigues. Os padrinhos foram Antônio Martins de Aguiar e Maria Silvéria.

5(IX)- ANTÔNIO FERNANDES DE OLIVEIRA, batizado aos 29-ABR-1860, tendo como padrinhos o Tenente Manuel Ferreira Pedrosa e Militina Silvéria de Aguiar. Casou-se com ROMANA PEREIRA LIMA, filha de Antônio Pereira Lima e de Carlota Ferreira de Aguiar, com geração no nº. VII do § 4º do Capítulo 3º - família PEREIRA LIMA.

§ 8º

---

567 Arquivo Eclesiástico da Arquidiocese de Mariana. Processo Matrimonial nº. 98316, arm. 39, pasta 9832, ano 1846, Itabirito.

568 Arquivo da Casa Setecentista do Pilar – Ouro Preto – códice 82 – autos 1013 – 1863 - 1º Ofício.

569 Livro de Batismos da Freguesia do Rio das Pedras – Acuruí (site: http://familysearch.org, consultado em JUL-2014).

570 Os dados desse assento foram extraídos de um traslado feito em 1º-JAN-1909, em razão de o original estar inutilizado. O ano dele constante é 1874, com a colocação do número 7 acima. Cremos, porém, que o ano correto seria 1854, pois o padrinho Antônio Martins de Aguiar faleceu em 1863.

VIII- BRÍZIDA MARTINS DE AGUIAR ou apenas BRÍZIDA DE AGUIAR, também conhecida como BRÍZIDA MARIA DA PURIFICAÇÃO ou BRÍZIDA MARIA DO ESPÍRITO SANTO, filha do Alferes Antonio Martins de Aguiar e de Maria Silvéria de Aguiar (nº. VII do § 7º acima). Nasceu em 6-JUN-1837 e foi batizada no dia 20 subsequente, na Capela de Nossa Senhora do Rosário do Rio das Pedras, tendo como padrinhos: João Fernandes de Oliveira e Brízida Maria do Espírito Santo, mulher de Manuel Lourenço de Melo[571]. Casou-se no dia 27-SET-1854, na Freguesia de Nossa Senhora da Conceição do Rio das Pedras, com JOSÉ JERÔNIMO FERNANDES CORRÊA ou, apenas, JOSÉ JERÔNIMO CORRÊA, tendo como testemunhas: João Fernandes de Oliveira e Dr. José Lopes da Silva Viana[572]. Tiveram a seguinte descendência:

1(IX)- BLANDINA MARIA DA PURIFICAÇÃO ou BLANDINA MARIA DO ESPÍRITO SANTO (*Bala*), que foi casada com FELICÍSSIMO RODRIGUES DE OLIVEIRA, com geração que segue.

2(IX)- JOÃO, aleijado, recebeu legado de 200$000 pelo testamento do avô materno, que também deveria ser empregado em apólices ou no banco, "até que ele tenha habilitação para tomar conta"[573].

3(IX)- LEOCÁDIA MARIA DO ESPÍRITO SANTO, casada com JOSÉ CARLOS[574]. Ela nasceu aos 29-DEZ-1858 e foi batizada em 15-JAN-1859, na Freguesia de Nossa Senhora da Conceição do Rio das Pedras, tendo como padrinhos: Silvério Dias Gonçalves e Rosa Maria de Jesus.

4(IX)- ANA CLAUDINA DO ESPÍRITO SANTO[575], batizada aos 24-JAN-1857, na Freguesia de Nossa Senhora da Conceição do Rio das Pedras, sendo padrinhos o Alferes José Fernandes Corrêa e

---

571 Livro de Batismos da Freguesia do Rio das Pedras – Acuruí (site: http://familysearch.org, consultado em JUL-2014).

572 Livro de Casamentos da Freguesia do Rio das Pedras – Acuruí – 1835 a 1891 - imagem 29 (site: http://familysearch.org, consultado em JUN-2019).

573 Cf testamento de Antônio Martins de Aguiar (Arquivo da Casa Setecentista do Pilar – Ouro Preto – códice 331 – autos 6662 – 1873 - 1º Ofício).

574 Cf. procuração e quitação da *Conta de Testamento* do Alferes Antônio Martins de Aguiar, fls. 53-54 (Arquivo da Casa Setecentista do Pilar – Ouro Preto – códice 303 – autos 6535 – 1875 - 1º Ofício).

575 Cf. procuração e quitação da *Conta de Testamento* do Alferes Antônio Martins de Aguiar, fls. 53-54 (Arquivo da Casa Setecentista do Pilar – Ouro Preto – códice 303 – autos 6535 – 1875 - 1º Ofício).

Francisca Senhorinha da Purificação, por procuração que apresentou sua filha Ana Cândida Fernandes[576].

5(IX)- ANTÔNIO JERÔNIMO CORRÊA, casado com MARIA SANCHES, com geração que segue no § 9º.

6(IX)- MARIA, batizada aos 25-FEV-1865, na Freguesia de Nossa Senhora da Conceição do Rio das Pedras. Seus padrinhos foram o Vigário João José Rodrigues e Maria Silvéria Fernandes[577].

7(IX)- AMÉLIA, batizada no dia 10-OUT-1871, na Freguesia de Nossa Senhora da Conceição do Rio das Pedras, SENDO PADRINHOS: José Simplício e Quitéria ... .

IX- BLANDINA MARIA DA PURIFICAÇÃO ou BLANDINA MARIA DO ESPÍRITO SANTO (*Bala*), batizada na Freguesia de Nossa Senhora da Conceição do Rio das Pedras, em 15-JUL-1855, tendo como padrinhos os avós maternos[578]. Foi beneficiada com 300$000 no testamento do avô materno, para "quando ela honrar de tomar novo estado", mas, se isso demorar, o legado deveria ser empregado em apólices ou no banco para ter rendimentos[579]. Também recebeu 10$000 por testamento da avó materna[580]. Casou-se na Freguesia de Nossa Senhora da Conceição do Rio das Pedras, no dia 10-ABR-1875, com FELICÍSSIMO RODRIGUES DE OLIVEIRA, filho de Antônio de Oliveira Matos e de Salustiana Maria Rodrigues[581]. Tiveram os seguintes filhos, todos batizados na Freguesia de Rio das Pedras, atual Acuruí[582]:

1(X)- JOAQUIM, que nasceu aos 26-JUN-1877 e foi batizado aos 28-JUL-1877. Teve como padrinhos: Manuel Martins de Aguiar e Maria Silvéria de Aguiar.

---

576 Livro de Batismos da Freguesia do Rio das Pedras – Acuruí – imagem 68 (site: http://familysearch.org, consultado em 2019).

577 Livro de Batismos da Freguesia do Rio das Pedras – Acuruí – imagem 89 (site: http://familysearch.org, consultado em 2019).

578 Livro de Batismos da Freguesia do Rio das Pedras – Acuruí – imagem 68 (site: http://familysearch.org, consultado em 2019).

579 Cf. testamento de Antônio Martins de Aguiar (Arquivo da Casa Setecentista do Pilar – Ouro Preto – códice 331 – autos 6662 – 1873 - 1º Ofício).

580 Cf. testamento de Maria Silvéria de Aguiar (Arquivo da Casa Setecentista do Pilar – Ouro Preto – códice 414 – autos 8189 – 1873 - 1º Ofício).

581 Livro de Casamentos da Freguesia do Rio das Pedras (Acuruí) – 1835 a 1891 – imagem 47 (site: http://familysearch.org, consultado em 2019).

582 Livro de Batismos da Freguesia do Rio das Pedras – Acuruí (site: http://familysearch.org).

2(X)- MARIA, nascida em 16-MAIO-1879 e batizada no dia 17-JUL-1879, cujos padrinhos foram Serafim Rodrigues Oliveira, com procuração de seu pai Antônio de Oliveira, e Salustiana Maria Rodrigues.

3(X)- MARIA RODRIGUES DE OLIVEIRA, que se casou com ANTÔNIO ESTEVES GUIMARÃES, com geração que segue.

4(X)- JOSEFINA, batizada aos 27-JUL-1884, cujos padrinhos foram Serafim Rodrigues Oliveira e Josefina Maria da Purificação.

5(X)- FILOMENA, nascida em 1º-JUL-1886, foi batizada em 18-AGO-1886, tendo como padrinhos Romualdo Dias e Francisca Martins.

6(X)- LAURENTINO, que nasceu aos 28-MAIO-1897. Teve como padrinhos José Borges de Carvalho e Maria Rodrigues de Oliveira[583].

X- MARIA RODRIGUES DE OLIVEIRA nasceu em 17-SET-1880, sendo batizada no dia 3-OUT-1880, na Freguesia de Rio das Pedras, atual Acuruí. Seus padrinhos foram: Miguel Ferreira Pedrosa e Leocádia Batista do Rosário. Casou-se com ANTÔNIO ESTEVES GUIMARÃES, filho de Francisco da Costa Guimarães e de Antônia Fernandes Corrêa. Tiveram os seguintes filhos:

1(XI)- QUERUBINA, que nasceu no dia 16-JUN-1904 e foi batizada aos 22-JUN-1904, na Freguesia de Rio das Pedras, tendo como padrinhos: Felicíssimo de Oliveira e Prudência Bernardina de Oliveira Pena.

2(XI)- ERCÍLIA, nascida em 3-FEV-1907, veio a ser batizada na Freguesia do Rio das Pedras, aos 28-ABR-1907. Seus padrinhos foram: Joaquim Rodrigues Oliveira e Leocádia Rodrigues de Oliveira.

3(XI)- MINERVINA, que nasceu aos 21-ABR-1909, em Rio das Pedras, teve como padrinhos Virgílio Rodrigues de Oliveira e Amarzili Rodrigues de Oliveira.

4(XI)- JOSÉ, nascido no dia 4-AGO-1910, em Rio das Pedras.

§ 9º

583 Cf. assento nº. 259, datado de 2-ABR-1905, do Livro de Registro de Nascimentos (1890-1915) – Rio das Pedras (Coleção Digital de Itabirito, in: www.arq.ufmg.br/nehcit/itabirito).

IX- ANTÔNIO JERÔNIMO CORRÊA, filho de José Jerônimo Fernandes Corrêa e Brízida Maria da Purificação (nº. VIII do § 8º). Foi casado com MARIA SANCHES ou MARIA SANCHES DA SILVA, filha de Maria Dornelas. Tiveram os seguintes filhos, todos nascidos e batizados na Freguesia de Rio das Pedras, atual Acuruí:

1(X)- MARIA, que nasceu em 13-OUT-1898, sendo batizado em 1º-NOV-1898, sendo padrinhos: João Rodrigues Pedrosa e Belarmina Augusta de Lima.

2(X)- TEOLINDA, nascida no dia 18-JUN-1900 e batizada aos 25-NOV-1900, tendo como padrinhos: Manuel Alves de Lima e Ana Claudina da Purificação.

3(X)- OSCAR, nascido em 11-MAR-1901 e batizado no dia 27-ABR subsequente. Seus padrinhos foram Joaquim Rodrigues Pedrosa e Vitalina Rodrigues Pedrosa.

4(X)- ANTÔNIO, nascido aos 21-MAR-1904, recebeu o primeiro sacramento aos 29-JUN-1904, sendo padrinhos: Francisco Dornelas e Angélica Ferreira da Cruz.

§ 10º

VIII- MANUEL MARTINS DE AGUIAR ou MANUEL ANTÔNIO DE AGUIAR, filho do Alferes Antônio Martins de Aguiar e de Maria Silvéria de Aguiar (nº. VII do § 7º deste capítulo). Foi batizado aos 12-NOV-1843, na Freguesia do Rio das Pedras, tendo como padrinhos: Manuel Lourenço Ribeiro e sua mulher Ana de Araújo França. Casou-se com ANA GONÇALVES DE CASTRO, filha de Joaquim Gonçalves de Matos e Ana de Castro. Pais de[584]:

1(IX)- JOSÉ, nascido em Rio das Pedras, no dia 13-AGO-1890.

2(IX)- JOÃO, que nasceu no dia 20-NOV-1893 e foi batizado aos 24-DEZ-1893. Seus padrinhos foram: João Cassiano do Nascimento e Lourença Rosa das Mercês.

§ 11º

VIII- JOÃO MARTINS DE AGUIAR, filho do Alferes Antônio Martins de Aguiar e de Maria Silvéria de Aguiar (nº. VII do § 7º deste capítulo). Nascido em 11-JUN e batizado a 2-AGO-1857, na Freguesia do Rio das Pedras (atual Acuruí), tendo como padrinhos o Tenente Manuel Ferreira Pedrosa e sua mulher Militina Silvéria de Aguiar. Casou-se com JESUÍNA

584 Livro de Registro de Nascimentos (1890-1915) – Rio das Pedras – nº. 47 e 99 (Coleção Digital de Itabirito, in: www.arq.ufmg.br/nehcit/itabirito).

MARIA DE JESUS, filha de Silvério Dias Gonçalves e Rosa Maria de Jesus. Tiveram[585]:

1(IX)- JOAQUIM MARTINS DE AGUIAR nasceu aos 24-ABR-1881 e foi batizado em 8-MAIO-1881, na Freguesia de Nossa Senhora da Conceição do Rio de Pedras, tendo como padrinhos: Manuel Martins de Aguiar e Maria Silvéria de Aguiar. Foi qualificado como jornaleiro quando se habilitou para casar com JOAQUINA RODRIGUES DE OLIVEIRA, de 23 anos, filha de Eustáquio José da Cunha, já falecido, e de Carolina Rodrigues de Oliveira. Ambos os nubentes eram naturais de Rios das Pedras[586].

2(IX)- JOSÉ, nasceu em 19-JUN-1882 e foi batizado no dia 19-JUL subsequente, na Freguesia de Nossa Senhora da Conceição do Rio de Pedras, sendo seus padrinhos José Fernandes Oliveira e Maria Joaquina de Aguiar.

3(IX)- ALÍCIA, nascida em 2-JUN-1886 e batizada no dia 26 do mesmo mês, na Freguesia de Nossa Senhora da Conceição do Rio de Pedras. Padrinhos: Felicíssimo Rodrigues Oliveira e Blandina Maria da Purificação.

4(IX)- FABÍOLA, que nasceu em 11-MAR-1888 e foi batizada no mês de abril subsequente, na Freguesia de Nossa Senhora da Conceição do Rio de Pedras, sendo padrinhos: José Dias Gonçalves e Maria Senhorinha da Purificação.

5(IX)- ROSA MARIA DE AGUIAR nasceu em 1º-ABR-1890 e foi batizada aos 24-MAIO-1890, na Freguesia de Nossa Senhora da Conceição do Rio de Pedras. Padrinhos: Antônio Ferreira Lima e Rosa Ferreira Lima[587].

6(IX)- filho sem nome, do sexo masculino, nascido aos 25-NOV-1895, em Rio das Pedras[588].

---

585 Com exceção de Rosa Maria de Aguiar e das gêmeas Petrina e Brasilina, os demais registros são de Livro de Batismos da Freguesia do Rio das Pedras – Acuruí - 1867 a 1898 - imagens 39, 55, 61 e 76 (site: http://familysearch.org, consultado em 2019).

586 Livro de Registro de Editais de Casamentos (1890-1908) – Freguesia de Itabira do Campo – Município de Ouro Preto – nº. 108 – edital 256 (Coleção Digital de Itabirito, in: www.arq.ufmg.br/nehcit/itabirito, consultado em MAR-2019).

587 Livro de Registro de Nascimentos (1890-1915) – Rio das Pedras – nº. 9 (Coleção Digital de Itabirito, in: www.arq.ufmg.br/nehcit/itabirito, consultado em JUN/2019).

588 Livro de Registro de Nascimentos (1890-1915) – Rio das Pedras – nº. 117 (Coleção Digital de Itabirito, in: www.arq.ufmg.br/nehcit/itabirito, consultado em JUN/2019).

7(IX)- CONSTANÇA, nascida aos 21-JUN-1898 e batizada em 10-SET-1898, na Freguesia de Nossa Senhora da Conceição do Rio de Pedras. Teve como padrinhos: José Rodrigues Silva e Constância Augusta de Pádua.

8(IX)- PETRINA, nascida em 16-ABR-1902 e batizada no dia 16-AGO seguinte, na Freguesia de Nossa Senhora da Conceição do Rio de Pedras. Padrinhos: Emílio Fernandes de Oliveira e Maria Ramária de Oliveira[589].

9(IX)- BRASILINA, gêmea da anterior, batizada na mesma localidade e data, tendo como padrinhos Manuel Alves Lima e Cassiana Maria da Anunciação.

§ 12º

VIII- JOSEFINA MARIA DA PURIFICAÇÃO ou JOSEFINA DE AGUIAR, filha do Alferes Antônio Martins de Aguiar e de Maria Silvéria de Aguiar (nº. VII do § 7º deste capítulo). Casou-se na Freguesia de Nossa Senhora da Conceição do Rio das Pedras, atual Acuruí, no dia 9-FEV-1869, com o Capitão SERAFIM RODRIGUES DE OLIVEIRA, filho de Antônio de Oliveira Matos e de Salustiana Maria Rodrigues. As testemunhas do ato nupcial foram o pai da nubente e o Alferes José Pereira Peçanha[590].

Em 20-NOV-1892, o Capitão Serafim Rodrigues de Oliveira, juntamente com outras lideranças locais, fundou a Companhia Industrial Itabira do Campo, do ramo têxtil[591; 592]. Na ocasião, tornou-se membro do conselho fiscal e, ao lado de Francisco Cândido da Silva Guimarães, era o maior acionista individual da referida tecelagem[593]. Em 1899, tornou-se diretor da referida empresa[594].

---

589 Livro de Registro de Nascimentos (1890-1915) – Rio das Pedras – nº. 211 (Coleção Digital de Itabirito, in: www.arq.ufmg.br/nehcit/itabirito, consultado em JUN/2019).

590 Livro de Casamentos da Freguesia do Rio das Pedras (Acuruí) – 1835 a 1891 – imagem 37 (site: http://familysearch.org).

591 FIORILLO, Padre Miguel Ângelo. *Fundamentos Históricos da Paróquia de Nossa Senhora da Boa Viagem*, p. 57.

592 Bastante importante para a economia de Itabirito, a Companhia Industrial Itabira do Campo permaneceu em atividade até 2010.

593 Jornal *Minas Gerais*, ano I, nº. 215, de 28-NOV-1892, p. 1264-1265.

594 Jornal *Minas Gerais*, ano VIII, nº. 74, de 22-MAR-1899, p. 2-3.

Já viúvo, o Capitão Serafim Rodrigues de Oliveira faleceu aos 69 anos de idade, no dia 8-SET-1907, sem testamento, sendo qualificado como agricultor e residente no Arraial de Itabira do Campo (atual Itabirito)[595].

O inventário do Capitão Serafim Rodrigues de Oliveira foi processado em Ouro Preto e dele constam muitos bens: móveis avaliados em 931$000 (ouro, prata, cobre, ferro, mobiliário, utensílios e objetos de uso); semoventes no valor de 780$000 (seis bois, quatro novilhas, três muares e dois suínos); uma caderneta da Caixa Econômica da União Federal, no valor de 7:853$665; uma caderneta da Caixa Econômica da antiga Província de Minas Gerais, em nome do cônjuge predefunto Josefina Maria da Purificação, somando 2:439$156; uma caderneta da Caixa Econômica do Estado de Minas Gerais, com a soma de 10:250$000; dívidas ativas cobráveis no montante de 42:053$993, sendo uma letra do Banco de Crédito Real de Minas, no valor de 10:600$000, um vale da Usina Esperança, no valor de 150$000 e o restante eram clarezas de pessoas físicas; além de "Dividas activas duvidosas" no montante de 11:708$960.

Além disso, no Distrito de Itabira do Campo, ele tinha os seguintes bens de raiz, cuja soma dos valores era de 19:976$804: "Pasto da Vargem", desmembrado dos terrenos denominados "Buraco e Tapera", dividindo com pasto da Serra ou dos Porcos, com a propriedade do herdeiro César José Pereira e com terrenos da Fazenda do Sapecado, calculados em 2,5 alqueires em semeadura de milho, no valor de 700$000; "Pasto da Serra ou dos Porcos", desmembrado dos terrenos denominados "Buraco e Tapera", divisando com os pastos da Vargem e das Bestas, com terrenos da fazenda do Sapecado, com o córrego do Palheiro e com terrenos de propriedades de José Ferreira Pedrosa e Pedro Rodrigues de Oliveira, calculados em 42 alqueires de semeadura de milho, avaliado em 4:200$000; "Pasto das Bestas", também desmembrado dos terrenos do "Buraco e Tapera", dividindo e confrontando com o pasto da Serra ou dos Porcos, córrego do Criminoso acima até dividir com terrenos de propriedade de Pedro Rodrigues de Oliveira, com 3,5 alqueires em semeadura de milho, avaliados em 700$000; pasto denominado "Grota das Abóboras", com 5 alqueires de semeadura de milho, desmembrado dos terrenos denominados "Buraco e Tapera", dividindo e confrontando com terrenos de propriedade do herdeiro Cesário José Pereira e de Cândido Ferreira de Aguiar, com herdeiros do Chancudo, com Joaquim Gonçalves de Matos e com os córregos do Criminoso e Chancudo, excluindo a casa e quintal de

595 Cf. inventário (Arquivo da Casa Setecentista do Pilar – Ouro Preto – Letra S – maço 102 – 1907 - 1º Ofício).

propriedade de Elias Macenze, avaliado em 600$000; uma parte de 2:056$804 sobre a avaliação no primeiro inventário de 7:600$000 no terreno denominado "Pedra Negra", calculado em 76 alqueires de semeadura de milho, dividindo e confrontando com os terrenos de fazenda do Sapecado, linha da Estrada de Ferro acima até dividir com terrenos de João Miguel Braga, Evaristo Rodrigues, Manuel Ilhéu e córrego do Palheiro abaixo até dividir com terrenos da fazenda do Sapecado onde principiou a divisa, cuja parte foi descrita no primeiro inventário e achava-se em comum com os mesmos herdeiros, a qual foi calculada em 21 alqueires; uma parte em comum com o herdeiro Cesário José Pereira nos terrenos do massame do Sapecado, calculado em três alqueires de semeadura de milho, dividindo, por um lado, com o rio, com a Estrada de Ferro Central do Brasil, com o Córrego do Criminoso e com terrenos dos herdeiros de Cornélio Pereira Lima, e do outro lado, com a Estrada de Ferro Central do Brasil, com os córregos do Criminoso e Palheiros, com propriedade de Ovídio Antônio da Silva e Fazenda do Sapecado, cuja parte foi calculada em 1,5 alqueires e avaliada em 300$000; uma parte em comum com diversos condôminos no Retiro do Pico da Itabira, onde morou o finado José Teotônio, avaliada em 150$000; um lote de terreno adquirido de Antônio di Iorio, calculado em 2 litros de semeadura de milho, avaliado em 500$000; uma casa, moinho, paiol e suas dependências, denominada "Fazenda" de construção própria e edificada nos terrenos do pasto da Grota das Abóboras; no valor de 2:000$000; duas casas anexas e quintais adquiridos de Quintiliano Augusto de Lima, confrontando com o rio, com propriedades de Francisco José de Araújo Barbosa e José Sans, e com a rua, pelo valor de 4:000$000; uma casa e quintal, adquiridos de Francisco Zacarias de Lemos, onde está estabelecido o açougue do herdeiro José Rodrigues de Oliveira, dividindo pela frente com a rua, pelo fundo com o rio, por um lado com propriedade de João Antônio Esteves e, por outro lado, com José Joaquim Araújo, avaliada por 2:000$000; uma casa de construção própria com seu respectivo quintal em comum com Inácio Pinto de Almeida e outros, avaliada em 300$000; um paiol, melhoramentos e benfeitorias acrescidos na propriedade dos herdeiros José Eduardo Rodrigues, Francisco Rodrigues de Oliveira e Amália Rodrigues de Oliveira e em terreno adquirido de Antônio Iorio, os quais foram avaliados em 2:000$000; duas casas pequenas, cobertas de telhas, para humilde habitação, de construção própria, nos terrenos do pasto da Grota das Abóboras, nas proximidades da casa de negócio de João Rodrigues de Oliveira, avaliadas por 70$000; uma outra casa, de construção própria, coberta de telhas, para humilde habitação, edificada nos terrenos da Pedra Negra, avaliada em 200$000; uma coberta de telhas,

amassadouro, fornos e mais pertences para fabrico de tijolos e telhas, situados nos terrenos da parte do massame do Sapecado, pelo valor de 200$000[596].

O Capitão Serafim Rodrigues de Oliveira também possuía 50 ações da Fábrica de Tecidos da Companhia Industrial Itabira do Campo, no valor total de 10:000$000; uma cautela representando 20 ações da Fábrica de Fósforo da Companhia Progresso Itabira do Campo, pelo valor de 2:000$000[597].

A soma dos bens constantes de seu inventário foi de 108:193$578, dos quais foram subtraídos 17:211$077 de dívidas passivas, a maior parte com os próprios herdeiros, além de despesas funerárias e pagamentos de credores de pequenas quantias, restando o monte líquido e partível de 90:982$501[598]. O casal teve os seguintes filhos[599]:

1(IX)- MARIA RODRIGUES DE OLIVEIRA, batizada aos 25-JUN-1870, na Freguesia de Nossa Senhora da Conceição do Rio das Pedras. Figura no inventário do pai já casada com CESÁRIO JOSÉ PEREIRA.

2(IX)- JÚLIA, batizada em 17-NOV-1871, na Freguesia de Nossa Senhora da Conceição do Rio das Pedras, sendo padrinho Antônio de Oliveira Matos.

3(IX)- JOSÉ RODRIGUES DE OLIVEIRA, batizado em 3-MAIO-1873, na Freguesia de Nossa Senhora da Conceição do Rio das Pedras, tendo como padrinhos: Felicíssimo Rodrigues de Oliveira e Maria Silvéria de Aguiar. Foi inventariante do pai.

4(IX)- GABRIEL, nascido em 18-MAR-1875 e batizado aos 29-ABR-1875, na Freguesia de Nossa Senhora da Conceição do Rio das Pedras.

5(IX)- ANTÔNIO RODRIGUES DE OLIVEIRA, batizado aos 23-NOV-1876, na Freguesia de Nossa Senhora da Conceição do Rio das Pedras. Era solteiro por ocasião do inventário paterno.

---

596 Cf. inventário do Capitão Serafim Rodrigues de Oliveira (Arquivo da Casa Setecentista do Pilar – Ouro Preto – Letra S – maço 102 – 1907 - 1º Ofício).

597 Cf. inventário (Arquivo da Casa Setecentista do Pilar – Ouro Preto – Letra S – maço 102 – 1907 - 1º Ofício).

598 Arquivo da Casa Setecentista do Pilar – Ouro Preto – Letra S – maço 102 – 1907 - 1º Ofício

599 Livros de Batismos da Freguesia do Rio das Pedras – Acuruí (site: http://familysearch.org, consultado em 2019).

6(IX)- MANUEL, nasceu aos 29-JUL-1878 e batizado no dia 20-AGO-1878, na Freguesia de Nossa Senhora da Conceição do Rio das Pedras. Padrinhos: Manuel Antônio de Aguiar e Maria Silvéria da Purificação.

7(IX)- JOAQUIM RODRIGUES DE OLIVEIRA, nascido em 7-MAIO-1880 e batizado no dia 30 subsequente, na Freguesia de Nossa Senhora da Conceição do Rio das Pedras. Segundo consta do inventário paterno, foi casado com JÚLIA RODRIGUES DE OLIVEIRA.

8(IX)- MARIA, nascida em 3-JUN-1882 e batizada no dia 29 do mesmo mês, na Freguesia de Nossa Senhora da Conceição do Rio das Pedras, sendo padrinhos: Eustáquio José da Cunha e Carolina Maria Rodrigues.

9(IX)- RICARDINA RODRIGUES DE OLIVEIRA, casada com JOSÉ EDUARDO RODRIGUES, segundo consta do inventário de seu pai.

10(IX)- FRANCISCO RODRIGUES DE OLIVEIRA, solteiro, com 19 anos, na época do inventário paterno

11(IX)- AMÉLIA RODRIGUES DE OLIVEIRA, solteira, com 17 anos, na época do inventário de seu pai.

Capítulo 3º- **PEREIRA LIMA**

A família Pereira Lima é originária do Termo de Guimarães em Portugal, tendo se transferido para o Brasil em meados do século XVIII, fixando-se em Minas Gerais, na então Freguesia de Nossa Senhora de Nazaré de Cachoeira do Campo, que hoje é um distrito de Ouro Preto. Ao longo dos anos, ramificações dessa família se distribuíram em territórios do atual Distrito de Amarantina, em Ouro Preto, bem como do atual Município de Itabirito e seu Distrito de Acuruí.

Vários membros dessa família tiveram papel de destaque na vida civil e industrial de Itabirito, alguns participando da fundação da Companhia Industrial Itabira do Campo, importante fábrica de tecidos, que permaneceu em funcionamento por 112 anos.

§ 1º

I- **ANTÔNIO FERNANDES** e sua mulher **ANDREZA GONÇALVES** eram moradores no lugar da Sella, Freguesia de São Jorge de Vizela, Termo de Guimarães, em Portugal[600]. Tiveram a seguinte descendência:

1(II)- PEDRO PEREIRA LIMA casado com ROSALIA DA ROCHA PEIXOTO, que segue.

II- **PEDRO PEREIRA LIMA** ou apenas **PEDRO PEREIRA** nasceu aos 28-AGO-1683, na Freguesia de São Jorge de Vizela, Termo de Guimarães, e, por risco mortal, foi batizado por Pedro Gomes da Sella. Era lavrador e veio a se casar no dia 30-DEZ-1713, na Freguesia de São Pedro de Torrados, Termo de Guimarães, Arcebispado de Braga, com **ROSALIA DA ROCHA PEIXOTO** ou **ROSALIA PEIXOTO DA ROCHA** também conhecida como **ROSÁLIA DA ROCHA**, sendo testemunhas: João da Rocha Peixoto, vigário de Revinhade, e Jerônimo da Rocha, solteiro, do lugar de Agras, Freguesia de São Pedro de Torrados[601].

Ela foi batizada aos 23-JAN-1679, na Freguesia de São Pedro de Torrados, sendo filha de **Gabriel Fernandes da Rocha** ou **Gabriel da Rocha** e sua mulher **Ana Peixota**, moradores no lugar do Souto, na referida freguesia. Seus padrinhos foram: Manuel da Rocha, da Freguesia de Santa Comba de Regilde, Termo de Guimarães, e Ana, filha de Jerônimo Coelho de Oliveira, da Freguesia de São Pedro de Torrados[602].

Ambos já eram falecidos em 1779, conforme consta do testamento de seu filho:

1(III)- PEDRO PEREIRA LIMA casado com BRÍGIDA MARIA DO ROSÁRIO, que segue.

III- **PEDRO PEREIRA LIMA** era português, nascido aos 22-NOV-1727 e batizado pelo Abade Paulo Coelho no dia 26 do mesmo mês e ano, na Freguesia de Santa Comba de Regilde, Termo e Comarca da Vila de Guimarães, Arcebispado de Braga. Seus padrinhos foram: Gregório de Oliveira, da Freguesia de São Jorge de Vizela, e Catherina Francisca, mulher de Gaspar Fernandes de Regilde[603].

---

600 Arquivo Eclesiástico da Arquidiocese de Mariana. Processo *de genere et moribus* do Padre Manuel Pereira Lima – Cachoeira do Campo – ano 1789 – nº. 1626.

601 Arquivo Eclesiástico da Arquidiocese de Mariana. Processo *de genere et moribus* do Padre Manuel Pereira Lima – Cachoeira do Campo – ano 1789 – nº. 1626.

602 Arquivo Eclesiástico da Arquidiocese de Mariana. Processo *de genere et moribus* do Padre Manuel Pereira Lima – Cachoeira do Campo – ano 1789 – nº. 1626.

603 Arquivo Eclesiástico da Arquidiocese de Mariana. Processo *de genere et moribus* do Padre Manuel Pereira Lima – Cachoeira do Campo – ano 1789 – nº. 1626.

Passou de sua terra natal para o Brasil, onde se casou, às 11h do dia 20-NOV-1772, na Capela de Santo Antônio do Monte[604], filial da Matriz de Nossa Senhora de Nazaré da Cachoeira do Campo, com **BRÍZIDA MARIA DO ROSÁRIO** ou **BRÍZIDA MARIA DE OLIVEIRA**[605].
Por sua vez, Brízida Maria do Rosário foi batizada aos 25-AGO-1739, na Capela de São Gonçalo do Monte, filial da Matriz de Nossa Senhora de Nazaré da Cachoeira do Campo, tendo como padrinho o Capitão Francisco Marques da Silva Rabelo[606]. Era filha legítima do Sargento-Mor **Domingos de Oliveira e Souza** ou apenas **Domingos de Oliveira**, natural da Freguesia de Santa Maria de Quintiães, Arcebispado de Braga[607], e de **Antônia da Ascenção** (ou **Antônia da Assunção**), nascida na Freguesia de São Sebastião da Pedreira do Patriarcado de Lisboa (ambos já falecidos em 1789)[608], sendo neta paterna de **Domingos Manuel** e sua mulher **Domingas Antônia**, naturais da Freguesia de Santa Maria de Quintiães, e neta materna de **Alexandre Fernandes**, nascido na Freguesia de São Pedro de Calvelo do Arcebispado de Braga, e sua mulher **Maria da Silva**,

---

604 Cremos que seja o atual distrito de Engenheiro Corrêa, em Ouro Preto.

605 Arquivo Eclesiástico da Arquidiocese de Mariana. Processo *de genere et moribus* do Padre Manuel Pereira Lima – Cachoeira do Campo – ano 1789 – nº. 1626; Livro de Casamentos da Freguesia de Cachoeira do Campo – 1734 a 1842 - p. 80 – AA-13.

606 Arquivo Eclesiástico da Arquidiocese de Mariana. Processo *de genere et moribus* do Padre Manuel Pereira Lima – Cachoeira do Campo – ano 1789 – nº. 1626.

607 Do assento de batismo de seu neto, Vigário Francisco Gomes de Moura, consta que o Sargento-Mor Domingos de Oliveira e Souza seria natural do Algarve (Livro de Batismos da Freguesia de Cachoeira do Campo – 1744 a 1770- p. 107v - Arquivo Eclesiástico da Arquidiocese de Mariana - AA-7).

608 O Sargento-Mor **Domingos de Oliveira e Souza** e sua mulher **Antônia da Assunção** tiveram os filhos: *A)* Ana dos Reis de Oliveira, que se casou aos 26-NOV-1759, na Capela de São Gonçalo do Monte, filial da Freguesia de Nossa Senhora de Nazaré da Cachoeira do Campo, com o português Antônio Pereira de Brito, filho de Francisco Pereira de Brito e de Maria da Torre, ambos falecidos na ocasião; *B)* Isabel Maria de Oliveira, casada com Francisco Gomes de Moura, com geração; *C)* Antônia Maria Assunção, que se casou na Capela de São Gonçalo do Monte, em 14-NOV-1772, com Capitão Pedro Nunes da Silva, viúvo de Clara Eugênia dos Serafins, filho de Pedro Machado Teixeira e de Maria Machada (desse assento matrimonial não consta o nome da mãe da nubente); *D)* **Brízida Maria de Oliveira** (ou **Brízida Maria do Rosário**), que se casou com **Pedro Pereira Lima**, com geração descrita neste trabalho (Livro de Casamentos da Freguesia de Cachoeira do Campo – 1734 a 1842 - p. 59v, 65v, 79v e 80 - Arquivo Eclesiástico da Arquidiocese de Mariana – AA-13).

natural da Freguesia de São Sebastião da Pedreira do Patriarcado de Lisboa[609].

Numa alusão ao nome de sua fazenda, também era conhecida como **BRÍZIDA DA BARRA**[610] e foi sepultada em 7-SET-1808, na Paróquia de São Gonçalo do Bação, em sepultura que a fábrica emprestou para a Irmandade da Boa Viagem pelas suas estarem impedidas[611].

Aos 23-DEZ-1779, na Fazenda da Barra do Ribeirão dos Fornos, na Freguesia de Cachoeira do Campo, Pedro Pereira Lima fez testamento[612] declarando que antes de se casar teve cinco filhos naturais, sendo quatro de MARIA DE CRASTRO e uma filha havida de JOSEFA FERNANDES.

Por ocasião do testamento de Pedro Pereira Lima, sua mulher, Brízida Maria do Rosário, estava grávida, mas ele tinha com ela mais cinco filhos na ocasião, sendo a primeira havida antes do matrimônio.

Ele pediu, em seu testamento, que sua mulher Brízida Maria do Rosário fosse testamenteira e tutora dos seus filhos legítimos e naturais.

Pedro Pereira Lima declarou, ainda, em testamento, que todos os bens que possuía foram adquiridos por sua agência, indústria e trabalho e que possuía a roça em que morava (Fazenda da Barra, na Freguesia de Cachoeira).

Segundo o inventário de Pedro Pereira Lima, iniciado em 9-DEZ-1789, ele deixou 10 barras de ouro, além de ouro em pó; prataria (um copo, um par de esporas, cinco colheres e 1 faca com cabo desse metal); utensílios em cobre e estanho; 11 espadas de ferro e uma espingarda; 10 escravos; vários créditos. O monte-mor foi avaliado em 35:350$177[613].

---

609 Cf. certidão de teor dos autos de habilitação de Antônio de Oliveira e Silva, natural da Freguesia de Cachoeira do Campo (irmão germano de Brízida Maria do Rosário), juntada ao processo *de genere et moribus* do Padre Manuel Pereira Lima (Arquivo Eclesiástico da Arquidiocese de Mariana – Cachoeira do Campo – ano 1789 – nº. 1626).

610 Cf. consta do termo de sepultamento de seu genro José de Souza Monteiro (Livro de Óbitos – Bação - 1779 a 1838 - site: http://familysearch.org, consultado em JUL-2014).

611 Livro de Óbitos – Bação - 1779 a 1838 - imagem 23(site: http://familysearch.org, consultado em JUL-2014)

612 Cf. inventário (Arquivo da Casa Setecentista do Pilar – Ouro Preto – códice 127 – autos 1582 – ano 1789 - 1º Ofício).

613 Arquivo da Casa Setecentista do Pilar – Ouro Preto – códice 127 – autos 1582 – ano 1789 - 1º Ofício.

Segundo o inventário de Pedro Pereira Lima, ele teve quatro filhos com Maria de Crastro, parda forra, moradora na Freguesia de Cachoeira do Campo[614]:

1(IV)- ANTÔNIA, casada com MANUEL DA SILVA RODRIGUES.

2(IV)- LUÍS FERREIRA PEDROSA aparece com 17 anos em 1789. Em justificação realizada no ano de 1795, constante do inventário do pai, é qualificado como branco, com 26 anos de idade mais ou menos, natural e batizado na Capela de São Gonçalo do Tijuco, onde era morador, bem como que vivia de seu negócio de tropas com que andava no caminho novo da Cidade do Rio de Janeiro.

3(IV)- FRANCISCO PEREIRA LIMA que, em 1789, figura com 16 anos de idade. Em data de 10-OUT-1795, apresentou justificação no inventário do pai, da qual consta que era soldado pago da 1ª Companhia "desta praça" (Vila Rica) e maior de 25 anos.

4(IV)- ANA, com 15 anos.

Pedro Pereira Lima ainda teve, com Josefa Fernandes, parda forra, na Paraopeba de Santa Ana, a filha:

5(IV)- MARIA PEREIRA, casada com FRANCISCO DE OLIVEIRA E SILVA.

Pedro Pereira Lima e sua mulher Brízida Maria do Rosário tiveram a seguinte descendência:

6(IV)- MARIANA deve ter falecido criança, pois era menor por ocasião do testamento do pai, mas não aparece no respectivo inventário.

7(IV)- PEDRO PEREIRA LIMA casou-se com MARIA FERNANDES ou MARIA FERNANDES DA ENCARNAÇÃO, com quem teve filhos conforme segue.

8(IV)- Reverendo Padre **MANUEL PEREIRA LIMA** (*Padre Pereira*), com geração que segue no § 2º.

9(IV)- MARIA ANGÉLICA PEREIRA ou MARIA ANGÉLICA DE LIMA foi casada com JOSÉ DE SOUZA MONTEIRO, com quem não teve filhos, mas, após ficar viúva, ela teve vários filhos naturais, inclusive com o Sargento-Mor JOSÉ JOAQUIM DE SOUZA. Segue geração no § 8º.

10(IV)- JOSÉ provavelmente faleceu criança, pois era menor por ocasião do testamento paterno, mas não figura no respectivo inventário.

---

614 Arquivo da Casa Setecentista do Pilar – Ouro Preto – códice 127 – autos 1582 – ano 1789 - 1º Ofício.

11(IV)- ANA MARIA DO ROSÁRIO casou-se com ANTÔNIO JOSÉ DE SOUZA, com quem teve geração descrita no § 10º adiante.

IV- PEDRO PEREIRA LIMA foi batizado no dia 4-OUT-1773, na Capela de São Gonçalo do Tijuco, filial da Matriz de Nossa Senhora de Nazaré da Cachoeira do Campo. Teve como padrinhos: Luís Gomes de Carvalho, solteiro, morador na Freguesia de Itaubira, e Isabel Maria, casada com Francisco Gomes de Moura, da Freguesia de Cachoeira do Campo[615]. Casou-se aos 27-NOV-1792, na Capela de São Miguel, filial da Matriz de Nossa Senhora do Pilar de Ouro Preto, com MARIA FERNANDES ou MARIA FERNANDES DA ENCARNAÇÃO, natural e batizada nesta, filha de Antonio Fernandes e de Ana Monteira[616; 617]. Eram moradores na Fazenda da Barra, na Freguesia de Cachoeira do Campo, tendo ele falecido, sem testamento, em 3-AGO-1805[618]. Segundo o inventário de Pedro Pereira Lima, iniciado em 4-NOV-1805, ele deixou poucos bens móveis, gado *vacum* e cavalos, seis escravos e, como bem de raiz, uma roça de cultura com casa de vivenda coberta de telha, paiol, engenho de farinha de mandioca e todos os pertences em que era sócio com seu cunhado Antônio José de Souza. O Padre Manuel Pereira Lima assinou a rogo da viúva, por ela não saber escrever, sendo ainda tutor de seus sobrinhos órfãos[619]. Embora Pedro Pereira Lima fosse da Freguesia da Cachoeira, foi sepultado na Paróquia de São Gonçalo do Bação, em 4-AGO-1805[620]. Tiveram filhos que seguem:

1(V)- JOSÉ PEREIRA LIMA, que foi casado duas vezes: a primeira com RITA NICASIA DA ENCARNAÇÃO (ou RITA DE

---

615 Livro de Batismos da Freguesia de Cachoeira do Campo – 1772 a 1787 - p. 19 (Arquivo Eclesiástico da Arquidiocese de Mariana – AA-8).

616 Livro de Casamentos da Freguesia de Nossa Senhora da Boa Viagem de Itabira – Itabirito - 1742 a 1801 (site: http://familysearch.org, consultado em JUL-2014).

617 *Provavelmente* trata-se de Ana Monteira, viúva, moradora em Itabira do Campo (atual Itabirito), que foi sepultada aos 24-FEV-1832, na Paróquia de São Gonçalo do Bação (Livro de Óbitos - Bação - 1779 a 1838 (site: http://familysearch.org, consultado em JUL-2014).

618 Cf. inventário (Arquivo da Casa Setecentista do Pilar – Ouro Preto – códice 126 – autos 1576 – 1805 - 1º Ofício).

619 Arquivo da Casa Setecentista do Pilar – Ouro Preto – códice 126 – autos 1576 – 1805 - 1º Ofício.

620 Livro de Óbitos – Bação - 1779 a 1838 (site: http://familysearch.org, consultado em JUL-2014).

CÁSSIA FERNANDES) e a segunda com ANA RODRIGUES DE CARVALHO, com geração de ambas, conforme segue.

2(V)- ANTÔNIO, com 6 anos por ocasião do inventário paterno (1805).

V- JOSÉ PEREIRA LIMA, batizado aos 24-FEV-1799, na Igreja de Nossa Senhora da Boa Viagem de Itabira do Campo (atual Itabirito), tendo como padrinhos o Padre Francisco Gomes de Moura e Brígida Maria do Rosário[621]. Figurou no inventário paterno, com 8 anos, em 1805. No dia 15-FEV-1820, na Capela da Senhora do Carmo da Freguesia de Itabira, contraiu núpcias com RITA NICASIA DA ENCARNAÇÃO ou RITA NICASIA FERNANDES ou, ainda, RITA DE CÁSSIA FERNANDES, sendo testemunhas o Capitão Joaquim José de Oliveira e Antônio Fernandes Araújo, de licença o Padre Manuel Pereira Lima[622]. Após ficar viúvo, casou-se com ANA RODRIGUES DE CARVALHO (ou ANA MARIA RODRIGUES ou, apenas, MARIA RODRIGUES), que foi sua inventariante. Ele faleceu, com testamento cerrado, em 30-SET-1872, no Arraial de São Gonçalo do Bação, onde morava, sendo seu inventário iniciado aos 27-MAIO-1873, na Comarca de Ouro Preto[623]. Em seu testamento, datado de 26-AGO-1868, pediu que seu corpo fosse envolto em hábito de São Francisco e Sagrado Escapulário de Nossa Senhora das Mercês, bem como que fosse sepultado no adro da Capela de São Gonçalo, perto do cruzeiro. Pediu, ainda, que seu enterro fosse sem pompa alguma, que "se digão por minha alma as missas que minha mulher possa mandar dizer" e que se repartissem 10 mil réis com a pobreza do lugar. Nas disposições de última vontade, nomeou o filho Antônio como beneficiário do que coubesse da terça, após tirada a meação e pagas as dívidas. O testamento foi aberto na data de seu falecimento e recebeu o cumpra-se em 23-OUT-1872[624]. Deixou muitos bens móveis, roupas de cama, dois escravos e dívidas ativas. O monte-mor foi de 4:557$658, sendo que, com o abatimento de 804$864, restou o monte

621 Livro de Batismos da Freguesia de Nossa Senhora da Boa Viagem de Itabira – Itabirito – 1798 a 1799 (site: http://familysearch.org, consultado em JUL-2014).

622 Livro de Casamentos da Freguesia de Cachoeira do Campo – 1734 a 1842 - p. 135 (Arquivo Eclesiástico da Arquidiocese de Mariana – AA-13).

623 Arquivo da Casa Setecentista do Pilar – Ouro Preto – J/16 – volume 1793 – anos 1873 a 1875.

624 Cf. testamento constante de fls. 26/28v do inventário de José Pereira Lima (Arquivo da Casa Setecentista do Pilar – Ouro Preto – J/16 – volume 1793 – anos 1873 a 1875).

partível de 3:752$794. A meação da viúva foi de 1:876$397. Do primeiro casamento, com Rita de Cássia Fernandes, teve oito filhos:

1(VI)- ANA PEREIRA LIMA, batizada aos 23-JUN-1825, na Capela de Santo Antônio do Monte, filial da Matriz de Nossa Senhora de Nazaré da Cachoeira do Campo, tendo como padrinhos: Capitão Joaquim José de Oliveira Mafra e Maria Fernandes da Encarnação[625]. Foi casada com FRANCISCO GOMES DE MOURA.

2(VI)- PRUDENCIANA, que se casou com FORTUNATO FELICÍSSIMO DE ALBERGARIA.

3(VI)- BENIGNA, que foi casada com JOAQUIM JERÔNIMO ANTUNES.

4(VI)- MARIA BELARMINA, casado com HONÓRIO GONÇALVES PIMENTA.

5(VI)- LEONOR, batizada em 15-MAIO-1836, na Igreja Matriz de Nossa Senhora da Boa Viagem de Itabira do Campo, tendo como padrinhos o Capitão Francisco Rodrigues de Carvalho e Ana Leopoldina Cândida Rosa[626]. Casou-se com ANTÔNIO JOAQUIM RIBEIRO.

6(VI)- MALVINA foi casada com JOÃO DE SOUZA ALMEIDA.

7(VI)- JOSÉ PEREIRA LIMA JÚNIOR, que se casou com ANA GONÇALVES PIMENTA.

8(VI)- AVELINA PEREIRA LIMA foi batizada aos 27-MAIO-1844, em Itabira do Campo, tendo como padrinhos: Reverendo José Fernandes Monteiro e Ana Monteiro[627]. Tinha com 32 anos de idade por ocasião do inventário paterno.

José Pereira Lima e sua segunda mulher, Ana Rodrigues de Carvalho, tiveram dois filhos, segundo o inventário dele:

9(VI)- ANTÔNIO PEREIRA LIMA, com 7 anos.

---

625 Livro de Casamentos e de Batismos da Freguesia de Cachoeira do Campo – 1822 a 1834 - p. 49v (Arquivo Eclesiástico da Arquidiocese de Mariana – AA-10). Em outro registro, consta que o batismo de Ana Pereira Lima teria sido ministrado aos 25-JUN-1825, na Capela da fazenda denominada Barra, pelo Padre Manuel Pereira Lima (Livro de Casamentos e de Batismos da Freguesia de Cachoeira do Campo – p. 20v (Arquivo Eclesiástico da Arquidiocese de Mariana – AA-14).

626 Livro de Casamentos e de Batismos da Freguesia de Cachoeira do Campo – p. 20v (Arquivo Eclesiástico da Arquidiocese de Mariana – AA-14).

627 Livro de Batismos da Freguesia de Nossa Senhora da Boa Viagem de Itabira – Itabirito (site: http://familysearch.org).

10(VI)- MARIA PEREIRA LIMA, de 4 anos.

§ 2º

IV- Reverendo Padre **MANUEL PEREIRA LIMA** (*Padre Pereira*), filho de Pedro Pereira Lima e de Brízida Maria do Rosário (nº. III do § 1º acima). Era natural e foi batizado aos 20-JAN-1776, na Capela de São Gonçalo do Tijuco (atual Amarantina), filial da Matriz de Nossa Senhora de Nazaré da Cachoeira do Campo, Termo de Vila Rica, Bispado de Mariana. Teve como padrinhos: Pedro Gomes Carmo e Isabel Maria de Oliveira, mulher de Francisco Gomes, todos da referida freguesia[628].

Em 1831, ele aparece no censo do Distrito ou Paróquia de Nossa Senhora da Conceição do Rio das Pedras (atual Acuruí), na época pertencente ao Termo da Comarca e Vila de Sabará, com 11 escravos, mais os agregados Maria, de 20 anos; João José, de 13 anos; e David Pereira Lima[629].

O Padre Manuel Pereira Lima era proprietário da Fazenda da Soledade, a uma légua de distância do Rio das Pedras, e também possuía a Fazenda do Vira e Sai, cuja sede situava-se nas proximidades da atual Escola Estadual Engenheiro Queiroz Júnior, em Itabirito[630].

O Reverendo Padre Capelão de Rio das Pedras Manuel Pereira Lima veio a falecer em 4-SET-1840 e foi sepultado no dia seguinte, na referida localidade, na Capela do Rosário dos Pretos, então filial da Matriz de Santo Antônio do Rio Acima, acompanhado solenemente por oito sacerdotes[631].

Em testamento datado de 23-MAIO-1837, o Padre Manuel Pereira Lima declarou que era morador na Freguesia do Rio das Pedras, mais precisamente na Fazenda do Retiro da Soledade, pertencente a David Pereira. Por essas disposições de última vontade, reconheceu, expressamente, duas filhas havidas em estado secular, herdeiras das duas partes de seus bens (Ana Cândida e Leocádia ou Liocárdia). Instituiu, ainda, como herdeiros dos remanescentes da sua terça, David Pereira Lima; Maria do Carmo, mulher de Mariano Ribeiro Guimarães; e João Carneiro, filho de João Joaquim de Oliveira, todos em iguais partes.

---

628 Arquivo Eclesiástico da Arquidiocese de Mariana. Processo *de genere et moribus* do Padre Manuel Pereira Lima – Cachoeira do Campo – ano 1789 – nº. 1626.

629 Arquivo Público Mineiro, mapas de população, caixa 11, documento 2

630 FIORILLO, Padre Miguel Ângelo. *Fundamentos Históricos da Paróquia de Nossa Senhora da Boa Viagem*, p. 45.

631 Livro de Óbitos da Freguesia do Rio das Pedras – Acuruí - 1836 a 1885 (site: http://familysearch.org, consultado em JUL-2014).

Nomeou como seus testamenteiros: David Pereira Lima, em primeiro lugar; Mariano Ribeiro Guimarães, em segundo; e o Alferes Antônio Manuel de Abreu Lobato, em terceiro[632].

O Padre Manuel Pereira Lima teve os seguintes filhos, sendo Leocádia Alves Pereira Lima havida de ANA ALVES DA CRUZ; e David Pereira Lima havido de **MARIANA MARTINS DA SILVA**[633]:

1(V)- ANA CÂNDIDA, casada com o Alferes ANTÔNIO MANUEL DE ABREU LOBATO, morador no Bom Jardim, aplicação da Capela Nova do Betim, Freguesia do Curral Del Rei, por ocasião do testamento do Padre Manuel Pereira Lima, em 1837.

2(V)- LEOCÁDIA ALVES PEREIRA LIMA ou LIOCARDIA ALVES PEREIRA era viúva e moradora no Termo de Mariana por ocasião do testamento do Padre Manuel Pereira Lima. Ela faleceu em Itabira do Campo (atual Itabirito), com testamento datado de 3-FEV-1858, escrito a rogo por Nicolau Pereira Lima, na qual declara que foi casada com JOAQUIM GUERINO, já falecido e enterrado no Arraial de São José da Barra Longa, mas não teve filhos. Também diz ser filha natural de Ana Alves da Cruz, já falecida, além de instituir seu irmão David Pereira Lima como herdeiro e primeiro testamenteiro, bem como seus sobrinhos Pedro Pereira Lima e Francisco Pereira Lima como segundo e terceiro testamenteiros. Pediu, ainda, que fossem rezadas oito missas pela alma de seu finado "padrinho" Padre Manuel Pereira Lima[634]. Seu inventário foi iniciado aos 16-MAR-1859, deixando "insignificantes bens" que foram herdados por seu irmão David Pereira Lima, sendo: alguns móveis, uma escrava de nome Teresa e uma morada de casa de sobrado, com

---

632 Cf. traslado do testamento no Livro de Óbitos da Freguesia do Rio das Pedras – Acuruí - 1836 a 1885 – p. 11-12 (site: http://familysearch.org, consultado em JUL-2014).

633 Em testamento, o Padre Manuel Pereira Lima reconheceu, expressamente, Ana Cândida e Liocardia Alves Pereira como suas filhas, mas sem mencionar o nome das mães. Segundo a tradição da família, David Pereira Lima seria filho do Padre Manuel Pereira Lima. Porém, David Pereira Lima não foi reconhecido como filho no testamento, embora tenha sido instituído como herdeiro e primeiro testamenteiro do padre. Contudo, a prova documental de que David Pereira Lima era mesmo filho do Padre Manuel Pereira Lima está no inventário de Leocádia Alves Pereira Lima, no qual há referência expressa de que David Pereira Lima era irmão dela (Arquivo da Casa Setecentista do Pilar – Ouro Preto – códice 93 – autos 1132 – ano 1859 - 1º Ofício).

634 Cf. inventário (Arquivo da Casa Setecentista do Pilar – Ouro Preto – códice 93 – autos 1132 – ano 1859 - 1º Ofício).

quintal, situada no Arraial de Itabira do Campo, na rua que vai para Matozinhos[635].

3(V)- **DAVID PEREIRA LIMA**, casado com **ANA JOAQUINA DOS SANTOS**, com geração que segue. Após ficar viúvo, teve um filho com GRACIANA JOAQUINA DA SILVA, conforme segue.

4(V)- SILVIANA, que, em 1841, residia em Itabira do Campo, em casa de uma irmã do Padre Manuel Pereira Lima[636].

V- **DAVID PEREIRA LIMA** nasceu em 5-JAN-1802, sendo exposto a Brízida Maria do Rosário e batizado no dia 8-JAN-1802, pelo Reverendo Marciano de Almeida Sande, na Igreja Matriz de Nossa Senhora de Itabira (atual Itabirito), tendo como padrinhos o Reverendo Manuel Pereira Lima e sua irmã Maria Angélica de Lima[637]. Foi casado com **ANA JOAQUINA DOS SANTOS**.

Em 1831, David Pereira Lima figurou como agregado do Reverendo Manuel Pereira Lima no recenseamento do Distrito ou Paróquia de Nossa Senhora da Conceição do Rio das Pedras. Na ocasião, ele estava junto com sua mulher Ana Joaquina, de 24 anos, e os filhos Francisco, Rodrigo e José, respectivamente com 5, 3 e 1 ano de idade; além de 3 escravos[638].

Em 1837, o Padre Manuel Pereira Lima declarou, em seu testamento, morar na Fazenda do Retiro da Soledade, na Freguesia do Rio das Pedras, pertencente a David Pereira Lima "porque a comprou a Marcos Rodrigues, mas me hé devedor do preço de seu importe por lhe haver eu emprestado

---

635 Arquivo da Casa Setecentista do Pilar – Ouro Preto – códice 93 – autos 1132 – ano 1859 - 1º Ofício.

636 Essa informação, bem como a de que Silviana seria filha do Padre Manuel Pereira Lima constam do registro de sepultamento ocorrido em 26-MAR-1841, na Matriz do Rio de Pedras, de "hum innocente que foi batizado em caza com o nome de José filho natural de Joaquina crioula escrava que foi do finado Padre Manoel Pereira Lima, e hoje estava de sua própria filha por nome Silvianna cuja está se criando na Itabira do Campo em casa de huma irmam do dito finado Padre Manoel Pereira Lima e a dita criança pertencia a esta mesma Silvianna por ser a escrava Joaquina dada por sua morte a dita Silvianna, foi encomendada por mim por ordem do testamenteiro do finado Padre, David Pereira Lima, e para constar fis este ascento. O Vigário Justino Pinto Ferreira" (Livro de Óbitos da Freguesia do Rio das Pedras – Acuruí - 1836 a 1885 – site: http://familysearch.org, consultado em JUL-2014).

637 Livro de Batismos da Freguesia de Nossa Senhora da Boa Viagem de Itabira – Itabirito (site: http://familysearch.org, consultado em JUL-2014).

638 Arquivo Público Mineiro, mapas de população, caixa 11, documento 2

com a condição de eu morar e disfruta-la enquanto vivo e só por minha morte ele a pagar a meos herdeiros em quatro anos em quatro pagamentos iguais e por isso quero assim se cumpra sem que ele ou seus herdeiros poção cobrar disbulhos, e nem os meus herdeiros poçãm a ter dele benfeitorias ou premio do dinheiro"[639].

Ana Joaquina dos Santos foi sepultada aos 23-AGO-1846, na Capela do Rosário, que servia de matriz da Freguesia do Rio das Pedras[640]. De seu inventário processado em Ouro Preto, iniciado em 10-MAIO-1847, vê-se que havia uma capelinha ou ermida feita dentro da casa em que residia na Fazenda Soledade, com ornamentos e diversos santos, avaliados em 50$000. Também foram inventariados 8 escravos, vários móveis que guarneciam a casa, objetos de cobre e ferro, cavalos e gado *vacum*. Dentre os bens de raiz, foram arrolados: fazenda de cultura denominada Soledade, situada na Freguesia de Rio das Pedras, com casas de morada grandes, com diversos cômodos e benfeitorias, além de fornos próprios para torrar farinha, senzalas, paióis, engenho de cana, engenho de pilões e mandioca, dois moinhos correntes e prontos, tudo coberto de telhas, com seu quintal e onde se achavam diversos arvoredos, rego d'água, contendo 100 alqueires de terras de plantar, entre melhores e ordinárias, toda valada, divisando com Antônia Felícia da Silva, de outro lado com José Pereira Peçanha, de outro com terras da Fazenda do Portão e de outro lado com os campos de São Gonçalo do Monte, pelo valor de 3:000$000; uma morada de casas e seu paiol, cobertos de telhas, situados defronte da casa de vivenda em terras do pasto da referida fazenda, por 200$000; casas situadas no Arraial de Rio das Pedras, no valor de 100$000; um quintal todo cercado de pedras situado no mesmo arraial, com pequeno terreno que serve de pasto e com um anexo de campo aberto, no valor de 30$000; e uma porção de terras no lugar denominado o Fundão e na barra do Rio das Velhas, com 14 alqueires de planta, com um tapume que, de um lado, pertenciam à viúva e herdeiros do finado Manuel Rodrigues e do outro partem com terras chamadas dos Pilões, que servem de pasto, no valor de 150$000. Também foi declarado, pelo viúvo, que o casal tinha o que lhe coubesse na partilha do inventário dos bens do finado Vigário de Cachoeira do Campo, Francisco Gomes de Moura[641].

---

639 Cf. traslado do testamento no Livro de Óbitos da Freguesia do Rio das Pedras – Acuruí - 1836 a 1885 – p. 11-12 (site: http://familysearch.org, consultado em JUL-2014).

640 Livro de Óbitos da Freguesia do Rio das Pedras – Acuruí - 1836 a 1885 (site: http://familysearch.org, consultado em JUL-2014).

641 Cf. inventário de Ana Joaquina dos Santos (Arquivo da Casa Setecentista do Pilar – Ouro Preto – códice 11 – autos 98 – ano 1847 - 1º Ofício).

Em 1850, David Pereira Lima comprou de Vicente José de Araújo um corte de terras de 12 alqueires de roça de milho, por 250$000, bem como 22 alqueires de terras da Fazenda dos Andaimes, de Benedito Ferreira de Aguiar, por 200$000[642].

No dia 22-JUL-1855, na Soledade, David Pereira Lima declarou que era possuidor de um terreno que ainda se achava *pro indiviso*, situado no lugar denominado Portão e Chancudo, que houve por compra a Manuel Ferreira de Aguiar, José Joaquim de Souza e Graciana Joaquina da Silva, com 30 alqueires de planta de milho, divisando com Luís Antônio Esteves, Vicente Ferreira Vaz e os herdeiros do finado Manuel da Rocha e da mesma Graciana Joaquina da Silva. Declarou, ainda, que era possuidor de uma fazenda de cultura, campos e casas, situada na Freguesia da Cachoeira do Campo, denominada Soledade, com 60 alqueires, comprada de Maria Rodrigues Silva, que divide, pelo nascente, com terras de Silvério Dias e dos escravos da finada Dona Antônia Felícia da Silva; pelo norte com o Rio das Velhas; pelo poente com terras de José Pereira Peçanha e dos herdeiros do finado Felix Ferreira de Aguiar[643].

No ano de 1867, David Pereira Lima aparece no censo de Itabira do Campo (atual Itabirito), com 64 anos, qualificado como lavrador, com os filhos Joaquim Pereira Lima e Ana Joaquina dos Santos, ambos com 22 anos, além de sete escravos[644].

Aos 16-MAIO-1873, na Fazenda da Soledade, David Pereira Lima fez testamento declarando que, na ocasião, morava na Freguesia do Rio das Pedras, mas era nascido e batizado na Freguesia de Itabira do Campo, filho natural de **Mariana Martins da Silva**, já falecida[645] e que teria sido

---

642 FIORILLO, Padre Miguel Ângelo. *Fundamentos Históricos da Paróquia de Nossa Senhora da Boa Viagem*, p. 45.

643 Arquivo Público Mineiro – Registros Paroquiais de Terras – Cachoeira do Campo – RP 000010 – p. 4v.

644 Arquivo Público Mineiro, mapas de população, caixa 13, documento 3.

645 **Mariana Martins da Silva** deixou testamento cerrado, por ela assinado, datado de 8-AGO-1855, na Fazenda Boa Vista. Na ocasião, declarou ser nascida e batizada na Capela de São Caetano da Moeda, Freguesia de Nossa Senhora da Piedade, Termo do Ouro Preto, filha legítima do Sargento-Mor **João Martins da Silva** e de **Bárbara Joana Pereira de Castro**, já falecidos (Cf. *Conta de testamento* - Arquivo da Casa Setecentista do Pilar – Ouro Preto – códice 348 – autos 7248 - ano 1859 – 1º Ofício).

O Sargento-Mor **João Martins da Silva** e sua mulher **Bárbara Joana Pereira de Castro** (ou **Bárbara Joana Pereira**) foram sepultados em São Gonçalo do Bação, ele no dia 18-OUT-1785 e ela em 7-FEV-1818 (Livro de Óbitos – Bação - 1779 a 1838 – imagens 13 e 17 - site: http://familysearch.org, consultado em 2019).

exposto em casa do Reverendo Manuel Pereira Lima, seu "padrinho". Disse, também, que teve 12 filhos com sua mulher Ana Joaquina dos Santos, sendo que dois deles já eram falecidos na ocasião; tendo reconhecido, no mencionado testamento, um filho natural de nome Manuel que teve, no estado de viúvo, com GRACIANA JOAQUINA DA SILVA, moradora na Freguesia da Cachoeira do Campo[646].

No dia 3-AGO-1855, Graciana Joaquina da Silva declarou ter 25 alqueires na Fazenda do Portão, com cultura, casas e campos, divisando pelo nascente com David Pereira Lima, pelo norte com José Pereira Peçanha, pelo poente com a Fazenda do Marzagão e pelo sul com os herdeiros do falecido Manuel Rocha[647].

O inventário de Davi Pereira Lima, iniciado em 4-OUT-1880, foi processado na Comarca de Ouro Preto, deixando muitos bens, entre eles: um coração de ouro pesando 1 oitava e 6 vinténs avaliado por 3$800; 5 pares de colheres de prata, por 32$140, 1 par de esporas de prata, por 32$320; um caixilho de prata por 4$320; utensílios em cobre, avaliados

---

Em suas disposições de última vontade, Mariana Martins da Silva declarou, ainda, que sempre viveu no estado de solteira, mas teve um filho de nome David, "o qual hé meu erdeiro". Apontou, também, ter vendido os direitos de toda herança que tinha dos pais ao irmão Domingos Martins da Silva, bem como que vendeu seus escravos a Custódio Martins da Silva. Pediu para seu corpo ser envolto em hábito da Ordem da Senhora Mãe dos Homens, "de quem sou indigna Filha". Nomeou **David Pereira Lima**, Rodrigo Pereira Lima e seu irmão Francisco Martins da Silva como primeiro, segundo e terceiro testamenteiros, respectivamente. Ela veio a falecer na Fazenda da Boa Vista da Aplicação de São Caetano da Moeda, da Freguesia de Nossa Senhora da Piedade da Paraopeba, Termo do Ouro Preto, sendo seu testamento apresentado aos 30-OUT-1855 e aberto pelo pároco dessa freguesia, Reverendo Domingos Ferreira de Meneses (Cf. *Conta de testamento* - Arquivo da Casa Setecentista do Pilar – Ouro Preto – códice 348 – autos 7248 - ano 1859 – 1º Ofício).

Outro irmão germano de Mariana Martins da Silva era Joaquim Martins da Silva, que se casou no dia 9-FEV-1797, na ermida ereta na casa de sua mãe Bárbara Joana Pereira, na Freguesia de Nossa Senhora da Boa Viagem de Itaubira (atual Itabirito), com Maria Efigênia da Silveira Alvarenga, nascida e batizada em São João Del Rei, filha legítima do Doutor Inácio José de Alvarenga e de Bárbara Heliodora Guilhermina da Silveira (ISOLDI, Maria Celina Exner Godoy, *Transcrições de assentos matrimoniais de filhas dos inconfidentes Cláudio Manuel da Costa e Inácio José de Alvarenga*, *in* Revista do IHGMG nº. 44 – suplemento especial de genealogia, p. 119-120).

646 Cf. inventário (Arquivo da Casa Setecentista do Pilar – Ouro Preto – 0851- ano 1880).

647 Arquivo Público Mineiro – Registros Paroquiais de Terras – Cachoeira do Campo – RP 000021 – p. 10.

em 237$750; objetos em ferro, por 338$490; diversos metais, por 32$940, móveis, por 762$240; louças e vidros, por 35$880; roupas, avaliadas em 71$300; couro, por 4$000; gado *vacum*, pelo valor de 2:764$000; muares, por 40$000; cavalares, por 833$00; lanígeros (ovinos), por 114$000; suínos, por 765$000; além de dívidas ativas de 226$940. Ainda tinha 10 escravos, avaliados em 8:000$000; e bens de raiz, por 7:581$750. O valor do monte-mor foi 21:869$890[648].

Dentre os bens de raiz, havia: uma morada de casas, térrea, coberta de telhas com pátio e quintal murado de pedra, situada na rua em frente à matriz, no Arraial da Itabira do Campo, dividindo com Francisco Coelho dos Santos, avaliada em 400$000; outra morada de casa, na mesma rua, contígua à anterior, dividindo em outro lado com casas de Antônio Estevão da Silva e José Felicíssimo de Paula, avaliada em 600$000; outra casa térrea e coberta de telhas, no mesmo arraial, na rua do curral, com pátio que tinha uma coberta e quintal, pelo valor de 258$000; uma parte na casa térrea, coberta de telhas e quintal, no Rio das Pedras, avaliada em 10$000; uma casa coberta de telhas no Retiro e lugar denominado Ramos, com quintal e pastinho em roda, inclusive o curral, por 250$000; um moinho corrente e moenda, no mesmo lugar, por 1000$000; uma casa no retiro da calçada, com uma coberta de telhas e pequeno quintal, por 100$000[649].

Além disso, David Pereira Lima possuía a Fazenda Soledade composta de casa de vivenda, paiol, engenhos de cana e mandioca com todos os seus pertences, cobertas, paiolzinho, quartos de sela, senzalas, estribaria, um moinho no quintal e outro na ponte, pelo valor de 2:360$000; a décima parte que o falecido comprara do herdeiro Antônio Estevão da Silva, por 118$000; uma ermida avaliada em 50$000, na qual o espólio tinha duas décimas partes compradas aos herdeiros Antônio Estevão da Silva e Francisco Manuel do Nascimento, por 10$000; mais 260 alqueires de terras no Retiro do Ramos, cujas divisas começam na serra que ficou por cima dos Andaimes em uma cachoeira na cabeceira do córrego da Luísa dos Santos, e por este abaixo até o Rio da Itabira e por este abaixo até o Rio das Velhas, seguindo por este abaixo até a barra do Rio de Peixe e por este acima até um corregozinho que desce das terras do Ceará e por este acima até o valo da porteira, por esta entrando segue em direção ao alto da mina e assento do descoberto, direto ao caminho que vai para o Ceará na

---

648 Arquivo da Casa Setecentista do Pilar – Ouro Preto – 0851- ano 1880.

649 Cf. inventário de David Pereira Lima (Arquivo da Casa Setecentista do Pilar – Ouro Preto – 0851- ano 1880).

encruzilhada do barreiro, e por este caminho adiante até onde faz uma ladeira divisando com Fortunato ...[650].

Também constam do inventário de Davi Pereira Lima um pastinho murado no Arraial da Itabira, denominado pasto do Chafariz, avaliado em 50$000; outro pastinho no mesmo arraial, na chácara, tapado de muro e valo com ¾ de planta de milho, no valor de 100$000; outro pastinho no mesmo arraial e morro do João Dias todo valado, por 8$000; um terreno entre a casa do curral e Antônio Mendanha, na Itabira, por 5$000; um quintal murado e valado com um pequeno pastinho de campo aberto no Arraial do Rio das Pedras e rua de baixo, no valor de 30$000, mas que o espólio só tinha a décima parte; parte no pasto do fundão; um terreno que levará meio alqueire mais ou menos, unido também ao pasto das éguas, no lugar denominado Ponte do Portão, que foi de José Francisco, avaliado em 4 mil réis; um corte de terras valadas, no lugar denominado *Chamado*, avaliado em 15 alqueires, por 750$000; e outras partes na Fazenda da Soledade, do Rio das Velhas para o lado do Portão, que levará 39 alqueires, por ser metade do falecido, mais 39 alqueires de compras feitas por ele a Antônio Estevão da Silva, 3 a Rosa e outros 2 a Manuel Gomes de Miranda, além de outros 5, tudo avaliado por 585$000; mais uma parte na Fazenda da Soledade, do Rio das Velhas para o lado do Rio de Pedras, que levará 22 alqueires mais ou menos, pelo valor de 50$000; além de outros terrenos menores[651].

David Pereira Lima e sua mulher Ana Joaquina dos Santos tiveram a seguinte descendência:

1(VI)- FRANCISCO PEREIRA LIMA casou-se com CÂNDIDA FERREIRA DE AGUIAR, com quem teve filhos. Ele também teve uma filha com a escrava MARIA CONGA. Segue geração abaixo.

2(VI)- RODRIGO PEREIRA LIMA foi batizado aos 30-NOV-1826, na Capela de Santo Antônio do Monte, filial da Matriz de Nossa Senhora de Nazaré da Cachoeira do Campo. Seus padrinhos foram: Tenente-coronel Rodrigo Pereira Soares de Albergaria e Mariana Martins da Silva, por procuração a Maria Euflávia de Lima[652]. Foi casado com ANA EULÁLIA DA SILVA. No estado de viúvo, veio a falecer, em Itabira do Campo, no dia 1º-NOV-

650 Cf. inventário (Arquivo da Casa Setecentista do Pilar – Ouro Preto – 0851- ano 1880).

651 Arquivo da Casa Setecentista do Pilar – Ouro Preto – 0851- ano 1880.

652 Livro de Batismos da Freguesia de Cachoeira do Campo – 1813 a 1834 - p. 57 (Arquivo Eclesiástico da Arquidiocese de Mariana – AA-10).

1904, "vitimado por uma congestão", sem deixar filhos nem outros descendentes, mas com testamento cerrado[653]. Em suas disposições de última vontade, ele nomeou como testamenteiro seu irmão Pedro Pereira Lima, mas em 24-JUL-1905 houve pedido de homologação de partilha amigável entre seus herdeiros, sendo o monte-mor avaliado em 4:774$900 (móveis no valor de 66$500, semoventes 175$000, bens de raiz 8$000, caderneta da caixa econômica particular 1:505$400, ações da Companhia Industrial Itabira do Campo 2:800$000 e dívidas ativas no montante de 220$000). Abatidas as custas, o prêmio do testamenteiro e o imposto territorial, restou o monte líquido partível de 3:574$900 que foi dividido entre as herdeiras Generosa Augusta de Lima, casada com José Ferraz Pinto de Vasconcelos, e Vitalina Pereira Lima, casada com Francisco Pedro Pereira Lima[654].

3(VI)- JOSÉ PEREIRA LIMA foi batizado em 4-AGO-1828, na Capela de São Gonçalo, filial da Cachoeira do Campo, pelo Reverendo Vigário Francisco Gomes Moura. Teve como padrinho o Reverendo Manuel Rodrigues Peixoto, por seu procurador o Sargento-Mor Francisco Rodrigues Peixoto, e Egino Gomes Ribeiro, da Freguesia de Cachoeira do Campo[655]. Na ocasião, seus pais eram paroquianos na Freguesia de Nossa Senhora da Conceição do Rio das Pedras. Veio a falecer aos 22-FEV-1846, sendo sepultado na Capela do Rosário, em Rio das Pedras[656].

4(VI)- PEDRO PEREIRA LIMA, batizado aos 22-FEV-1830, na Igreja Matriz de Nossa Senhora da Conceição do Rio das Pedras. Seus padrinhos foram o Reverendo Vigário José de Araújo da Cunha e o Sargento-Mor Francisco Rodrigues Peixoto, ambos por procuração que apresentou por eles o Padre Manuel Pereira

653 Cf. certidão de óbito em inteiro teor do Cartório de Registro Civil das Pessoas Naturais de Itabirito, matrícula 04436201551904400001151000441-75, expedida em 7-MAR-2019.

654 Cf. homologação de partilha amigável (Arquivo da Casa Setecentista do Pilar – Ouro Preto – letra R – maço 98 - 1905 - 1º Ofício).

655 Livro de Batismos da Freguesia do Rio das Pedras – Acuruí (site: http://familysearch.org, consultado em JUL-2014).

656 Livro de Óbitos da Freguesia do Rio das Pedras – Acuruí - 1836 a 1885 (site: http://familysearch.org, consultado em JUL-2014).

Lima[657]. Foi inventariante de seu pai, ocasião na qual era solteiro. Em 1874, era professor no Distrito de Nossa Senhora da Conceição do Rio das Pedras, em Ouro Preto[658]. Herdou parte da Fazenda Soledade (situada atualmente em Itabirito), onde construiu outra casa, próxima à já existente, que ficara para seu irmão Joaquim Pereira Lima[659]. Nesse local morou Maria Conga, a escrava que inventou o *pastel de angu*[660].

5(VI)- MARIA ANGÉLICA DE JESUS ou MARIA PEREIRA LIMA, que foi casada com JOSÉ FERREIRA DE AGUIAR, com quem teve geração descrita no § 3º.

6(VI)- ANTÔNIO PEREIRA LIMA, que se casou com CARLOTA CÂNDIDA FERREIRA AGUIAR. Segue no § 4º.

7(VI)- **DAVID PEREIRA LIMA JÚNIOR** ou **DAVID PEREIRA LIMA**, casado com **ANA CÂNDIDA DO CARMO**, que segue no § 5º.

8(VI)- MARIANA ROSA DA SILVA casou-se com ANTÔNIO ESTEVÃO DA SILVA, com geração que segue no § 6º.

9(VI)- JOAQUIM PEREIRA LIMA casou-se com AUGUSTA ROSA DA SILVA ou AUGUSTA DE LIMA, com geração que segue no § 7º.

10(VI)- ANA JOAQUINA DOS SANTOS, gêmea do anterior, figurou com 22 anos de idade, no censo de Itabira do Campo, em 1867, junto com seu pai, ocasião em que ainda era solteira[661]. foi casada com ANTÔNIO JOAQUIM DA SILVEIRA.

11(VI)- ROSA MARIA DO SACRAMENTO, nascida no dia 5 e batizada aos 17-DEZ-1842, na Freguesia de Rio das Pedras, sendo padrinhos: José da Cunha Melo, vigário de Ouro Preto, e (Vicencia?) Maria de Jesus, solteira[662]. Casou-se com FRANCISCO MANUEL DO NASCIMENTO.

---

657 Livro de Batismos da Freguesia do Rio das Pedras – Acuruí (site: http://familysearch.org, consultado em JUL-2014).

658 MARTINS, Antônio de Assis (organizador), *Almanak Administrativo, Civil e Industrial da Provincia de Minas Gerais do anno de 1874*, p. 120.

659 PEDROSA, Gercina. *Maria Conga e Etelvina*, *in* Itabirito em Revista, Edição Especial nº. 3, p.35.

660 PEDROSA, Gercina. *Maria Conga e Etelvina*, *in* Itabirito em Revista, Edição Especial nº. 3, p.35.

661 Arquivo Público Mineiro, mapas de população, caixa 13, documento 3.

662 Livro de Batismos da Freguesia do Rio das Pedras – Acuruí (site: http://familysearch.org, consultado em JUL-2014).

12(VI)- filha inocente, falecida aos 24-JUL-1846 e sepultada na Capela do Rosário do Rio das Pedras[663].

David Pereira Lima teve com GRACIANA JOAQUINA DA SILVA o seguinte filho, reconhecido por testamento e que herdou em igual parte com os filhos legítimos[664]:

13(VI)- MANUEL CIRILO DE LIMA, solteiro por ocasião do inventário do pai em 1880.

VI- FRANCISCO PEREIRA LIMA foi batizado no dia 16-JUN-1825, na Capela de Santo Antônio do Monte, filial da Matriz de Nossa Senhora de Nazaré da Cachoeira do Campo, pelo Reverendo Manuel Pereira Lima, tendo como padrinhos o Reverendo Vigário Francisco Gomes de Moura, por procuração a Maria Euflávia Florisbela de Lima[665]. Casou-se com CÂNDIDA FERREIRA DE AGUIAR ou apenas CÂNDIDA FERREIRA. Figuram no recenseamento em Itabira do Campo (atual Itabirito), no ano de 1867, respectivamente com 43 e 32 anos, sendo ele qualificado como lavrador[666]. Tiveram:

1(VII)- PEDRO CÂNDIDO PEREIRA LIMA, casado com MARIA JOSÉ DE JESUS, com geração que segue.

2(VII)- GENEROSA, batizada na Freguesia de Rio das Pedras, em 14-JUL-1852, tendo nascido no dia 23-JUN-1852. Seus padrinhos foram: Rodrigo Pereira Lima e sua mulher Ana Eulália da Silva, moradores no Paraopeba[667]. Ela figura junto com os pais, no censo de 1867, com o nome de GENEROSA CÂNDIDA. *Provavelmente* trata-se de GENEROSA AUGUSTA DE LIMA, que foi casada com JOSÉ FERRAZ PINTO DE VASCONCELOS, herdeira testamentária de Rodrigo Pereira Lima.

3(VII)- FERNANDO CÂNDIDO PEREIRA LIMA, que também assinava FERNANDO CÂNDIDO PEREIRA ou FERNANDO

663 Livro de Óbitos da Freguesia do Rio das Pedras – Acuruí - 1836 a 1885 (site: http://familysearch.org, consultado em JUL-2014).

664 Cf. inventário (Arquivo da Casa Setecentista do Pilar – Ouro Preto – 0851- ano 1880).

665 Livro de Batismos da Freguesia de Cachoeira do Campo – 1813 a 1834 - p. 49v (Arquivo Eclesiástico da Arquidiocese de Mariana – AA-10).

666 Arquivo Público Mineiro, mapas de população, caixa 13, documento 3

667 Livro de Batismos da Freguesia do Rio das Pedras – Acuruí - 1836 a 1870 (site: http://familysearch.org, consultado em AGO-2014).

PEREIRA LIMA, foi batizado na Freguesia do Rio das Pedras, aos 28-JAN-1855, tendo como padrinhos: José de Faria Grugel (ou Gurgel) e Maria Florisbela de Jesus[668]. Casou-se com FIRMINA FERREIRA PEDROSA, com geração no nº. VI do § 25º do Capítulo 1º - família FERREIRA PEDROSA.

4(VII)- MODESTINO PEREIRA, com 8 anos no censo de 1867.

5(VII)- MARIA PEREIRA LIMA tinha 6 anos em 1867[669] e já era falecida em 1917[670].

6(VII)- JOSÉ, com 4 anos no censo de 1867.

7(VII)- FRANCISCO PEREIRA LIMA JÚNIOR ou FRANCISCO PEDRO PEREIRA LIMA tinha 2 anos de idade no censo de Itabira do Campo, em 1867. Casou-se aos 24-MAIO-1890, na Freguesia de Nossa Senhora da Conceição do Rio das Pedras, com VITALINA PEREIRA LIMA. As testemunhas do ato nupcial foram: Pedro Pereira Lima e Jorge Pereira Lima. Ela, *provavelmente*, é a filha de Antônio Pereira Lima e de Carlota Cândida Ferreira de Aguiar – nº. 5(VII) do nº VI do § 4º adiante.

8(VII)- ANTÔNIO, que foi batizado em 19-SET-1868, na Igreja de Nossa Senhora da Boa Viagem de Itabira. Padrinhos: Alferes Antônio Martins de Aguiar e Carlota Cândida de Lima.

9(VII)- ANTÔNIO PEREIRA LIMA, nascido na Fazenda do Portão, em 8-OUT-1870 e batizado no dia 28 subsequente, na Igreja de Nossa Senhora da Boa Viagem de Itabira, atual Itabirito. Seus padrinhos foram Pedro Pereira Lima e Ana Cândida do Carmo.

Além dos filhos acima, Francisco Pereira Lima teve uma filha com MARIA CONGA, escrava que inventou o *pastel de angu*, qual seja[671]:

10(VII)- ETELVINA, nascida aos 25-AGO-1885, sendo batizada em 6-SET do mesmo ano, na Igreja de Nossa Senhora da Conceição de Rio das Pedras. Seus padrinhos foram: João Batista de Lima e Generosa Augusta de Lima. Ainda estava bastante dinâmica e

668 Livro de Batismos da Freguesia do Rio das Pedras – Acuruí - 1836 a 1870 (site: http://familysearch.org, consultado em AGO-2014).

669 Cf. recenseamento de Itabira do Campo, atual Itabirito (Arquivo Público Mineiro, mapas de população, caixa 13, documento 3)

670 Cf. certidão dos autos de arrolamento dos bens deixados por Fernando Cândido Pereira Lima (Arquivo da Casa Setecentista do Pilar – Ouro Preto – 1917).

671 PEDROSA, Gercina. *Maria Conga e Etelvina*, *in* Itabirito em Revista, Edição Especial nº. 3, p.35.

lúcida quando morreu, acometida por um problema renal, em 1980[672].

VII- PEDRO CÂNDIDO PEREIRA LIMA, batizado em 9-JAN-1850, na Freguesia de Nossa Senhora da Conceição do Rio das Pedras (Acuruí), tendo como padrinhos Pedro Pereira Lima e sua irmã Maria Angélica de Jesus[673]. Casou-se com MARIA JOSÉ DE JESUS, filha de José Ferreira de Aguiar e de Maria Angélica de Jesus, estes residentes em Itabira (atual Itabirito) – nº VI do § 3º adiante. O casal residia em Itabira do Campo, em terras que pertenciam ao pai dela no lado direito do Rio das Velhas, em Itabira do Campo[674]. Pais dos seguintes filhos, nascidos no lugar denominado Soledade, do Distrito de Itabira do Campo (atual Itabirito)[675]:

1(VIII)- JACINTO, que nasceu aos 18-AGO-1896, tendo como padrinhos os avós maternos.

2(VIII)- MARIA, nascida aos 29-JUN-1898, teve como padrinhos Custódio Ferreira de Aguiar e Generosa Augusta de Lima.

3(VIII)- CÂNDIDA, nascida em 8-JUL-1901, cujos padrinhos foram: Antenor Grugel e Virgínia Ferreira de Aguiar.

4(VIII)- JOSÉ, que nasceu aos 21-ABR-1903 e teve como padrinhos: Modestino Pereira Lima e Maria Francisca de Lima.

5(VIII)- MANUELA, nascida em 2-MAR-1908. Teve como padrinhos: Afonso Pereira Lima e Teolinda de Jesus, todos residentes no Distrito de São Gonçalo do Monte.

6(VIII)- GERALDA, nascida aos 24-ABR-1910, sendo seus padrinhos João Severiano dos Reis e Maria Estevão. Assinaram o ato como testemunhas: Francisco Cândido Pereira Lima e Afonso de Jesus Pereira Lima.

7(VIII)- FERNANDO, que nasceu no dia 14-SET-1914, tendo como padrinhos: Fernando Cândido Pereira Lima e sua mulher Firmina Pedrosa.

---

672 PEDROSA, Gercina. *Maria Conga e Etelvina*, *in* Itabirito em Revista, Edição Especial nº. 3, p.35 e 37.

673 Livro de Batismos da Freguesia do Rio das Pedras – Acuruí - 1836 a 1870 (site: http://familysearch.org, consultado em AGO-2014).

674 Arquivo da Casa Setecentista do Pilar – Ouro Preto – Letra J – maço 54 – 1907 - 1º Ofício.

675 Livro de Registro de Nascimentos (1890-1915) – Rio das Pedras – nº. 239, 240, 241, 242, 389, 422 e 529 (Coleção Digital de Itabirito, in: www.arq.ufmg.br/nehcit/itabirito). Apenas em relação ao filho Fernando não há referência expressa de que teria nascido no lugar denominado Soledade.

§ 3º

VI- MARIA ANGÉLICA DE JESUS ou MARIA PEREIRA LIMA, filha de David Pereira Lima e Ana Joaquina dos Santos (nº. V do § 2º). Foi batizada aos 15-DEZ-1831, na Freguesia do Rio de Pedras, sendo padrinhos: Joaquim José de Santana, morador na Cachoeira, e Angélica Eufrásia de Oliveira, moradora em São Bartolomeu[676]. Foi casada com JOSÉ FERREIRA DE AGUIAR, lavrador, que faleceu com 77 anos de idade, em seu domicílio, no lugar denominado Portões, na Fazenda da Soledade, Distrito de Itabira do Campo (atual Itabirito), então pertencente ao Município de Ouro Preto, no dia 4-DEZ-1904, filho de José Ferreira de Aguiar e de Graciana Joaquina da Silva, ambos já falecidos[677; 678]. O inventário dele foi iniciado em 16-MAIO-1907, na Comarca de Ouro Preto, tendo como inventariante a viúva[679]. O casal residia no morro acima da Fazenda Velha da Soledade, na margem esquerda do Rio das Velhas, que coube a Joaquim Pereira Lima na herança de David Pereira Lima, onde havia água em abundância não só para serviço de casa, mas também para tocar moinho[680]. José Ferreira de Aguiar deixou vários bens: móveis e utensílios, avaliados por 514$000; semoventes (vacas, bois e cavalos), no valor de 895$000; cinco ações nominativas da Companhia Industrial Itabira do Campo, avaliadas em 1:000$000, dividendos das ações no montante de 250$000; dívidas ativas no importe de 1:985$000, bens

676 Livro de Batismos da Freguesia do Rio das Pedras – Acuruí (site: http://familysearch.org, consultado em JUL-2014).

677 Cf. certidão de óbito em inteiro teor do Cartório de Registro Civil das Pessoas Naturais de Itabirito, matrícula 04436201551904400001155000045O-35, expedida em 10-MAIO-2019.

678 O casal José Ferreira de Aguiar – Graciana Joaquina da Conceição (ou Graciana Joaquina da Silva) figura no censo da Paróquia de Nossa Senhora da Conceição do Rio das Pedras (atual Acuruí), em 1831, 6º quarteirão, fogo 6º, ele como 32 anos de idade e roceiro, ela com 26 anos, e o filho José com 3 anos, todos qualificados como pardos, com duas escravas (Arquivo Público Mineiro, mapas de população, caixa 11, documento 2).

679 Arquivo da Casa Setecentista do Pilar – Ouro Preto – Letra J – maço 54 – 1907 - 1º Ofício.

680 Cf. justificação iniciada em 1908, constante do inventário de José Ferreira de Aguiar (Arquivo da Casa Setecentista do Pilar – Ouro Preto – Letra J – maço 54 – 1907 - 1º Ofício).

imóveis avaliados em 7:000$000, em Itabira do Campo, dentre eles 1/10 de uma casa velha de pedras, situada na rua da Matriz, e vários cortes de terras e pastagens, sendo alguns nas margens do Rio das Velhas, 30 alqueires de semeadura de milho na Fazenda dos Portões, 20 alqueires de semeadura de milho na Grota do Retiro, terras no lugar denominado Fundão, entre outras. O monte-mor foi avaliado em 11:644$000 e, abatidos 202$100 em dívidas passivas, restou o monte líquido partível de 11:441$900[681]. Maria Angélica de Jesus estava sem vista em 1908, segundo declaração de seu irmão Pedro Pereira Lima[682]. Tiveram os seguintes filhos, dos quais apenas nove são mencionados no assento de óbito de José Ferreira de Aguiar e respectivo inventário:

1(VII)- VIRGÍNIA DE SOUZA LIMA, batizada aos 22-SET-1854, na Freguesia de Rio das Pedras. Seus padrinhos foram: David Pereira Lima e Mariana Rosa do Sacramento. Era viúva, em 1904, segundo assento de óbito de seu pai.

2(VII)- OLÍMPIO FERREIRA DE AGUIAR foi casado com LUZIA RODRIGUES PEDROSA, com geração que segue.

3(VII)- TEOLINDA FERREIRA DE AGUIAR, que tinha 47 anos de idade e era viúva em 1904, conforme consta do assento de óbito de seu genitor.

4(VII)- ANTÔNIO FERREIRA LIMA, casado com LUÍSA CONSTÂNCIA DE AMORIM. Tinha 46 anos em 1904.

5(VII)- CUSTÓDIO FERREIRA LIMA era solteiro e tinha 42 anos em 1904, segundo assento do óbito paterno. Residia em Itabira do Campo, em terras que pertenceram ao seu pai, com 10 alqueires de semeadura de milho, que divisavam com Fortunato Avelino de Araújo, João Alves Góis e Laurindo Rodrigues Peixoto[683].

6(VII)- CARLOS FERREIRA DE AGUIAR, batizado no dia 6-FEV-1867, na Matriz de Nossa Senhora da Boa Viagem, tendo como padrinhos o Capitão José Antônio da Silva e Pedro Pereira Lima. Faleceu após seu pai e foi representado no inventário por sua viúva ALMEIRINDA AUGUSTA DE LIMA.

---

681 Cf. inventário de José Ferreira de Aguiar (Arquivo da Casa Setecentista do Pilar – Ouro Preto – Letra J – maço 54 – 1907 - 1º Ofício).

682 Cf. justificação constante do inventário de José Ferreira de Aguiar, fl. 63 (Arquivo da Casa Setecentista do Pilar – Ouro Preto – Letra J – maço 54 – 1907 - 1º Ofício).

683 Arquivo da Casa Setecentista do Pilar – Ouro Preto – Letra J – maço 54 – 1907 - 1º Ofício.

7(VII)- MANUEL FERREIRA DO NASCIMENTO tinha 34 anos em 1904, segundo assento de óbito de seu pai, e era solteiro em janeiro de 1908[684].

8(VII)- PEDRO FERREIRA DE AGUIAR tinha 32 anos em 1904 e também solteiro em 1908.

9(VII)- RITA, batizada aos 26-JUN-1864, na Igreja de Nossa Senhora da Boa Viagem de Itabira. Teve como padrinhos Antônio Augusto Pereira Lima e sua mulher Ana Josefina de Araújo França. Não figura no inventário paterno.

10(VII)- ROSA, que foi batizada em 17-MAR-1866, na Igreja de Nossa Senhora da Boa Viagem de Itabira do Campo. Seus padrinhos foram: Francisco Manuel do Nascimento e sua mulher Rosa Maria do Sacramento. Não figura no inventário do pai.

11(VII)- MARIA JOSÉ DE JESUS, que nasceu em 10-AGO-1875 e foi batizada aos 29-AGO-1875, em Rio das Pedras, sendo padrinhos: Manuel Cirilo de Lima e Virgínia Ferreira Lima. Casou-se com PEDRO CÂNDIDO PEREIRA LIMA, filho de Francisco Pereira Lima e de Cândida Ferreira de Aguiar. O casal teve geração descrita no nº VII do § 2º retro.

VII- OLÍMPIO FERREIRA DE AGUIAR, casado com LUZIA RODRIGUES PEDROSA ou LUZIA FERREIRA PEDROSA. Residiam nas terras de propriedade do pai dele, na Fazenda dos Portões, em Itabira do Campo, com 30 alqueires de semeadura de milho, divisando com herdeiros de Francisco Pereira Lima e herdeiros de David Pereira Lima[685]. Pais de, pelo menos:

1(VIII)- MARIA FAUSTA DE JESUS, nascida em 19-DEZ-1882 e batizada no dia 31 subsequente, na Freguesia de Rio das Pedras. Seus padrinhos foram: Antônio Martins Pedrosa e Firmina Rodrigues Pedrosa. Em 1904, habilitou-se para casar com FELIPPO DOARDO, de 32 anos, trabalhador, nascido em

---

684 Cf. justificação constante do inventário de José Ferreira de Aguiar, fl. 63 (Arquivo da Casa Setecentista do Pilar – Ouro Preto – Letra J – maço 54 – 1907 - 1º Ofício).

685 Arquivo da Casa Setecentista do Pilar – Ouro Preto – Letra J – maço 54 – 1907 - 1º Ofício.

Roverè di Velo, Província de Verona, Reino da Itália, filho de Crescenzio Doardo, já falecido, e de Lucia Zamim[686].

2(VIII)- FIRMINA, nascida em 12-OUT-1884 e batizada no dia 29 seguinte, na Freguesia do Rio das Pedras, tendo como padrinhos: José Ferreira de Aguiar e Maria Angélica de Jesus.

§ 4º

VI- ANTÔNIO PEREIRA LIMA, filho de David Pereira Lima e Ana Joaquina dos Santos (nº. V do § 2º). Batizado na Freguesia do Rio das Pedras, em 18-JUL-1833, teve como padrinhos: Nicolau Pereira Lima e Ana Maria do Rosário, estes moradores em Itabira do Campo[687]. Casou-se com CARLOTA CÂNDIDA FERREIRA DE AGUIAR, que fez testamento com o nome de CARLOTA CÂNDIDA DE LIMA, datado de 18-SET-1919, no Cartório do 1º Ofício do Distrito de Itabira do Campo, então Município e Comarca de Ouro Preto. Nas disposições de última vontade, ela pediu que seu enterro fosse feito segundo o uso e com a decência relativa a sua pessoa, além de rezarem 8 missas por sua alma e 8 pela alma de seu finado marido. Possuía uma casa com quintal, além de terras da Fazenda da Palmeira, situada no Distrito de Itabira do Campo[688]. Já viúva, ela faleceu na referida fazenda, no dia 8-MAIO-1931, aos 88 anos de idade, em consequência de colapso cardíaco, no decurso de gripe, e foi sepultada no cemitério civil São João Batista no dia 22 subsequente[689]. O mencionado testamento recebeu o "cumpra-se" em 18-MAIO-1931[690]. O casal teve os seguintes filhos[691]:

---

686 Livro de Registro de Editais de Casamentos (1890-1908) – Freguesia de Itabira do Campo – Município de Ouro Preto – nº. 91 – edital 241 (Coleção Digital de Itabirito, in: www.arq.ufmg.br/nehcit/itabirito, consultado em MAR-2019).

687 Livro de Batismos da Freguesia do Rio das Pedras – Acuruí (site: http://familysearch.org, consultado em JUL-2014).

688 Cf. traslado do testamento, autuado em 15-MAIO-1931 (Arquivo da Casa Setecentista do Pilar – Ouro Preto – 2º Ofício).

689 Cf. certidão de óbito em inteiro teor do Cartório de Registro Civil das Pessoas Naturais de Itabirito, matrícula 04436201551930400006037000012 3-80, expedida em 7-MAR-2019.

690 Cf. traslado do testamento de Carlota Cândida de Lima, autuado em 15-MAIO-1931 (Arquivo da Casa Setecentista do Pilar – Ouro Preto – 2º Ofício).

691 Os cinco primeiros filhos aqui elencados figuram no testamento materno (cf. traslado do testamento de Carlota Cândida de Lima, autuado em 15-MAIO-1931 - Arquivo da Casa Setecentista do Pilar – Ouro Preto – 2º Ofício).

1(VII)- JORGE PEREIRA LIMA, nascido por volta de 1860[692], foi casado com RITA DE CÁSSIA PEREIRA LIMA, filha do Capitão Antônio Augusto Pereira Lima e de Ana Josefina França – nº. 5(VII) do nº VI do § 12º adiante. Ele faleceu em Itabira do Campo, no dia 6-JUN-1916, sem testamento. O casal não teve filhos, sendo herdeiras a viúva e a mãe dele. Deixou os seguintes bens: 53 ações da Companhia Industrial Itabira do Campo, no valor total de 10:600$000; cinco ações da Companhia Progresso de Itabira, avaliadas em 50$000; uma caderneta da Caixa Econômica Federal, com 1:000$000; cinco alqueires de terras na Fazenda do Marzagão, por 200$000; mais cinco alqueires de campos na mesma fazenda, por 100$000; partes na casa do Marzagão, no Retiro da Botica e no Capão do Hermenegildo, no Distrito de Itabira do Campo, avaliadas em 796$000. O monte-mor foi de 12:746$000, sendo o monte líquido de 11:700$000, dividido entre as herdeiras em partes iguais[693].

2(VII)- MARIA JOAQUINA DE LIMA, batizada aos 20-JUN-1867, em Itabira do Campo, tendo como padrinhos o Tenente-coronel Nicolau Pereira Lima e Maria Augusta Pereira Lima. Já era falecida por ocasião do testamento de sua mãe, sendo seus representantes beneficiados com a partilha dos bens.

3(VII)- JOSÉ ANTONIO PEREIRA LIMA.

4(VII)- ROMANA PEREIRA LIMA, que se casou com ANTÔNIO FERNANDES DE OLIVEIRA, com quem teve a geração que segue.

5(VII)- VITALINA PEREIRA LIMA. *Provavelmente* trata-se de Vitalina Pereira Lima, casada com FRANCISCO PEDRO PEREIRA LIMA[694], que foi herdeira testamentária de Rodrigo Pereira Lima.

6(VII)- ANA DA CONCEIÇÃO LIMA.

---

692 Cf. Livro de Registro de Editais de Casamentos (1890-1908) – Freguesia de Itabira do Campo – Município de Ouro Preto – nº. 53 (Coleção Digital de Itabirito, in: www.arq.ufmg.br/nehcit/itabirito, consultado em MAR-2019).

693 Arquivo da Casa Setecentista do Pilar – Ouro Preto – Letra J - maço 67 - ano 1916 – 1º Ofício.

694 Francisco Pedro Pereira Lima ou Francisco Pereira Lima Júnior era filho de Francisco Pereira Lima e de Cândida Ferreira de Aguiar – nº 7(VII) do nº. VI do § 2º deste capítulo).

VII- ROMANA PEREIRA LIMA, que nasceu em 28-FEV-1870 e foi batizada aos 26-MAR-1870, na Matriz de Itabira do Campo, tendo como padrinhos: José Antônio da Silva e Ana Cândida do Carmo. Veio a se casar com ANTÔNIO FERNANDES DE OLIVEIRA, filho de João Fernandes de Oliveira e Maria Silvéria de Aguiar – nº. 5(IX) do nº VIII do § 7º do Capítulo 2º - família AGUIAR. Tiveram os seguintes filhos, todos nascidos em Rio de Pedras, atual Acurui[695]:

1(VIII)- JOÃO, nascido aos 30-JAN-1893, no lugar denominado Fazenda da Palmeira.

2(VIII)- REVINDA, nascida no lugar denominado Campinho, aos 29-JUL-1901, sendo batizada em 10-AGO-1901, tendo como Padrinhos Pedro Pereira Lima e Bernardina de Sena Lima.

3(VIII)- JOSÉ FERNANDES DE OLIVEIRA, que nasceu no lugar denominado Campinho, tendo sido registrado em 9-NOV-1904.

§ 5º

VI- **DAVID PEREIRA LIMA JÚNIOR** ou **DAVID PEREIRA LIMA**, também chamado **DAVID PEREIRA JÚNIOR,** filho de David Pereira Lima e Ana Joaquina dos Santos (nº. V do § 2º). Foi batizado em 5-AGO-1835, na Capela de São Gonçalo, Freguesia de Cachoeira, pelo Reverendo Manuel Pereira Lima, sendo padrinhos: José Antônio de Souza e Brízida Maria do Rosário, da Freguesia de Itabira[696]. Casou-se com **ANA CÂNDIDA DO CARMO**[697] e foram moradores em Itabira do Campo (atual Itabirito). Tiveram os seguintes filhos, que descobrimos:

1(VII)- JOÃO, batizado aos 27-ABR-1865, na Matriz de Itabira, sendo padrinho Antônio Pereira Lima, debaixo da proteção da Senhora de S. Ana[698].

2(VII)- ANTÔNIO PEREIRA LIMA SOBRINHO foi batizado aos 24-OUT-1867, no oratório em casa de David Pereira Júnior. Seus

---

695 Livro de Registro de Nascimentos (1890-1915) – Rio das Pedras – assentos nº. 80, 203 e 253 (Coleção Digital de Itabirito, in: www.arq.ufmg.br/nehcit/itabirito).

696 Livro de Batismos da Freguesia do Rio das Pedras – Acuruí (site: http://familysearch.org, consultado em JUL-2014).

697 Em família, Ana Cândida do Carmo era conhecida como Ana do Carmo Pereira.

698 Livro de Batismos da Freguesia de Nossa Senhora da Boa Viagem de Itabira – Itabirito (site: http://familysearch.org, consultado em JUL-2014).

padrinhos foram: Pedro Pereira Lima e Augusta Rosa da Silva[699]. Natural da Freguesia de Cachoeira do Campo, no ano de 1904, habilitou-se para casar com ANA AUGUSTA PEREIRA LIMA, de 17 anos, nascida no distrito de Rio das Pedras, filha de Joaquim Pereira Lima e de Augusta Rosa da Silva[700] - nº. 4(VII) do nº VI do § 7º.

3(VII)- **ROBERTO PEREIRA LIMA** nasceu em 8-MAR-1870, na Fazenda do Portão, sendo batizado a 5-ABR-1870, na Matriz de Itabira do Campo (hoje Itabirito), tendo como padrinhos: Rodrigo Pereira Lima e Belarmina Augusta de Lima[701]. Foi proprietário da Fazenda Capim Largo, em Itabirito[702]. Casou-se com **BLANDINA FERREIRA PEDROSA**, filha do Tenente Manuel Ferreira Pedrosa e de Militina Silvéria de Aguiar. Com geração no § 26º do Capítulo 1º - família FERREIRA PEDROSA.

4(VII)- CRISTÓVÃO, nascido em 1º-MAR-1880 e batizado em 3-ABR do mesmo ano, de licença em casa de David Pereira Júnior, sendo padrinhos: João José Rodrigues e Ana do Carmo[703].

5(VII)- RITA PEREIRA LIMA, que se casou com JOSÉ BATISTA DE LIMA, com geração que segue.

VII- RITA PEREIRA LIMA casou-se com JOSÉ BATISTA DE LIMA, filho de Manuel Ferreira de Lima e de Maria Joaquina de Jesus. Tiveram as seguintes filhas, nascidos no Arraial do Morro de São Vicente, Freguesia do Rio das Pedras[704]:

1(VIII)- MARIA, nascida em 9-JAN-1907, veio a ser batizada em 3-MAR-1907, tendo como padrinhos: Manuel Cirilo de Lima e Luzia Ferreira de Lima.

---

699 Livro de Batismos da Freguesia de Nossa Senhora da Boa Viagem de Itabira – Itabirito (site: http://familysearch.org, consultado em JUL-2014).

700 Livro de Registro de Editais de Casamentos (1890-1908) – Freguesia de Itabira do Campo – Município de Ouro Preto – nº. 87 – edital nº. 237 (Coleção Digital de Itabirito, in: www.arq.ufmg.br/nehcit/itabirito, consultado em MAR-2019).

701 Livro de Batismos da Freguesia de Nossa Senhora da Boa Viagem de Itabira – Itabirito (site: http://familysearch.org, consultado em JUL-2014).

702 DEUS, Gercina Pedrosa de – comunicação pessoal.

703 Livro de Batismos da Freguesia de Nossa Senhora da Boa Viagem de Itabira – Itabirito (site: http://familysearch.org, consultado em JUL-2014).

704 Livro de Registro de Nascimentos (1890-1915) – Rio das Pedras – nº. 360 e 444 (Coleção Digital de Itabirito, in: www.arq.ufmg.br/nehcit/itabirito).

2(VIII)- LUÍSA, nascida em 4-OUT-1911. Seus padrinhos foram: Cristóvão Pereira Lima e Maria Fermiana.

§ 6º

VI- MARIANA ROSA DA SILVA, filha de David Pereira Lima e Ana Joaquina dos Santos (nº. V do § 2º). Ela tinha 10 anos por ocasião do inventário materno, em 1847. Casou-se com ANTÔNIO ESTEVÃO DA SILVA, com quem teve, pelo menos:

1(VII)- DOMINGOS PEREIRA DA SILVA tinha 23 anos quando, em 1892, habilitou-se para se casar civilmente com LUÍSA AUGUSTA DA SILVA, de 21 anos, filha de Domingos de Faria Grugel e de Virgínia Pereira Lima. Na ocasião, declararam que já eram casados catolicamente, mas não haviam registrado o casamento[705].

§ 7º

VI- JOAQUIM PEREIRA LIMA, filho de David Pereira Lima e Ana Joaquina dos Santos (nº. V do § 2º). Contava com 9 anos de idade por ocasião do inventário da mãe, em 1847. Figurou no censo de Itabira do Campo, em 1867[706]. Veio a se casar aos 24-JAN-1877, na Freguesia de Nossa Senhora da Conceição do Rio das Pedras, com AUGUSTA ROSA DA SILVA, que passou a se chamar AUGUSTA DE LIMA. As testemunhas do ato nupcial foram: Rodrigo Pereira Lima e José Ferreira de Aguiar. Ele herdou a parte da Fazenda Soledade, onde havia casa-sede e capela dedicada a Nossa Senhora da Soledade, situada onde hoje é a Fazenda Recanto da Mata, bem próximo ao Rio das Velhas, logo acima da "Estrada Real", em Itabirito. "O movimento na fazenda era muito intenso, com grande produção de engenho e produção de alimentos, que eram vendidos principalmente em Ouro Preto. O transporte era feito em tropas de animais e mantinha ali um local de referência comercial entre Itabira do Campo (Itabirito) e Ouro Preto"[707]. Atualmente restam apenas ruínas em pedras da antiga casa e capela da fazenda. Pais de, pelo menos:

---

705 Livro de Registro de Editais de Casamentos (1890-1908) – Freguesia de Itabira do Campo – Município de Ouro Preto – nº. 34 (Coleção Digital de Itabirito, in: www.arq.ufmg.br/nehcit/itabirito, consultado em MAR-2019).

706 Arquivo Público Mineiro, mapas de população, caixa 13, documento 3.

707 PEDROSA, Gercina. *Maria Conga e Etelvina*, *in* Itabirito em Revista, Edição Especial nº. 3, p.35.

1(VII)- FRANCISCO, nascido no dia 22-SET-1880 e batizado aos 29-JAN-1881, na Freguesia de Rio das Pedras, sendo padrinhos o Capitão Francisco José Lopes e Guilhermina da Silva[708].

2(VII)- MARIA AUGUSTA PEREIRA LIMA, nascida no dia 6-MAR-1885 e batizada em 17-MAR-1885, na Freguesia de Rio das Pedras, tendo como padrinhos: Antônio Pereira Lima e Carlota Cândida de Lima[709]. Foi casada com JOSÉ AUGUSTO PEIXOTO[710], com geração que segue.

3(VII)- DAVID AUGUSTO PEREIRA LIMA, lavrador, que, aos 22 anos de idade, em 1908, habilitou-se para casar com ANA AUGUSTA DE LIMA, de 18 anos, filha de David Pereira Lima, já falecido, e de Ana Cândida de Lima, domiciliados em Itabira do Campo[711].

4(VII)- ANA AUGUSTA PEREIRA LIMA, nascida em 17-JUL-1887 e batizada no dia 30 subsequente, na Freguesia de Rio das Pedras, tendo como padrinhos: Rodrigo Pereira Lima e Ana Cândida do Carmo[712]. Em 1904, habilitou-se para casar com ANTÔNIO PEREIRA LIMA SOBRINHO, filho de David Pereira Lima e de Ana Cândida do Carmo – nº. 2(VII) do nº VI do § 5º.

5(VII)- HERMOGENES, nascido em 14-DEZ-1892, em Rio das Pedras[713]

VII- MARIA AUGUSTA PEREIRA LIMA nasceu em 6-MAR-1885 e foi batizada aos 17-MAR-1885, NA Freguesia do Rio das Pedras, tendo como

---

708 Livro de Batismos da Freguesia do Rio das Pedras – Acuruí (site: http://familysearch.org, consultado em JUL-2014).

709 Livro de Batismos da Freguesia do Rio das Pedras – Acuruí (site: http://familysearch.org, consultado em JUL-2014).

710 DEUS, Gercina Pedrosa de – comunicação pessoal.

711 Livro de Registro de Editais de Casamentos (1890-1908) – Freguesia de Itabira do Campo – Município de Ouro Preto – nº. 184 – Edital nº. 324 (Coleção Digital de Itabirito, in: www.arq.ufmg.br/nehcit/itabirito, consultado em MAR-2019).

712 Livro de Batismos da Freguesia do Rio das Pedras – Acuruí (site: http://familysearch.org, consultado em JUL-2014).

713 Cf. assento nº. 104, datado de 1º-MAR-1894, do Livro de Registro de Nascimentos (1890-1915) – Rio das Pedras (Coleção Digital de Itabirito, in: www.arq.ufmg.br/nehcit/itabirito, consultado em junho/2014).

padrinhos: Antônio Pereira Lima e Carlota Cândida de Lima. Casou-se com JOSÉ AUGUSTO PEIXOTO, sendo pais de, pelo menos[714]:

1(VIII)- JOSEFINA PEREIRA LIMA que, após ficar viúva de JACINTO PEREIRA LIMA, uniu-se a MANUEL PEREIRA PEDROSA. Teve geração de ambos, conforme segue.

VIII- JOSEFINA PEREIRA LIMA nasceu em 14-ABR-1906, na Fazenda da Soledade, em Itabirito, cidade em que faleceu[715]. Foi casada com JACINTO PEREIRA LIMA, filho de Pedro Cândido Pereira, com quem teve três filhos[716]. Após ficar viúva, uniu-se a MANUEL PEREIRA PEDROSA (*Neca Tucano*), com quem teve geração descrita no nº. VII do § 25º do Capítulo 1º - família FERREIRA PEDROSA. Do primeiro consórcio, ela teve[717]:

1(IX)- MARIA AUGUSTA DA CONCEIÇÃO.
2(IX)- SEBASTIÃO PEREIRA LIMA.
3(IX)- GERALDA PEREIRA LIMA.

§ 8º

IV- MARIA ANGÉLICA PEREIRA ou MARIA ANGÉLICA DE LIMA ou MARIA ANGÉLICA PEREIRA LIMA, filha de Pedro Pereira Lima e de sua mulher Brízida Maria do Rosário (nº. III do § 1º retro). Tinha 11 de idade na época do inventário do pai (1789). Foi casada com JOSÉ DE SOUZA MONTEIRO, sepultado aos 18-FEV-1796, na Paróquia de São Gonçalo do Bação[718].

Segundo consta do inventário de José de Souza Monteiro, processado em Outro Preto, ele era natural do Reino de Portugal e faleceu, desgraçadamente, no Arraial de Nossa Senhora da Boa Viagem de Itabira do Campo, sem testamento e sem filhos. A viúva era moradora no Sítio da Barra, na Freguesia de Cachoeira do Campo, e os bens do falecido

---

714 DEUS, Gercina Pedrosa de – comunicação pessoal.

715 DEUS, Gercina Pedrosa de – comunicação pessoal.

716 DEUS, Gercina Pedrosa de – comunicação pessoal.

717 DEUS, Gercina Pedrosa de – comunicação pessoal.

718 Livro de Óbitos – Bação - 1779 a 1838 (site: http://familysearch.org, consultado em JUL-2014).

achavam-se em várias partes, porém sob o domínio de Maria Angélica Pereira[719].

Após ficar viúva, Maria Angélica Pereira teve os seguintes filhos naturais:

1(V)- BRÍGIDA MARIA DO ROSÁRIO, batizada aos 24-FEV-1812, na Matriz de Nossa Senhora da Boa Viagem de Itabira, sendo padrinhos o Reverendo Vigário Francisco Xavier de Meireles e Souza e Ana Maria do Rosário[720].

2(V)- PEDRO PEREIRA LIMA, que era filho natural do Sargento-Mor José Joaquim de Souza. Foi casado com MARIA URBANA, de cujo matrimônio teve um filho que faleceu logo após nascer. Porém, teve um filho natural com MATILDES RODRIGUES, conforme segue.

3(V)- MANUEL PEREIRA LIMA.

4(V)- JOSÉ PEREIRA LIMA.

2(V)- MARIA BENIGNA DE LIMA, casada com ALEXANDRE NUNES DA SILVA, com geração que segue no § 9º.

V- PEDRO PEREIRA LIMA, nascido na Freguesia de Nossa Senhora da Boa Viagem de Itabira do Campo, era filho natural do Sargento-Mor José Joaquim de Souza com Maria Angélica Pereira Lima (nº IV deste §). Seu inventário foi iniciado em 2-JUN-1847 e processado em Ouro Preto, do qual consta que ele era morador no Arraial de Itabira do Campo, onde faleceu[721]. Em seu testamento nuncupativo, datado de 22-NOV-1842, ele declarou ser casado com MARIA URBANA, viúva de Honório Justiniano Soares de Albergaria, de cujo matrimônio só teve um filho que faleceu logo que nasceu e, não tendo outro filho legítimo, nomeou como seu herdeiro um filho natural que teve com MATILDES RODRIGUES, antes de se casar, de nome Antônio Pereira Lima[722]. Para seu irmão e afilhado José Pereira Lima, deixou a terça, depois de descontadas as despesas, preservando a meação. Nomeou como testamenteiros, em primeiro lugar seu irmão Alferes José Joaquim de Souza, em segundo lugar seu meio

---

719 Arquivo da Casa Setecentista do Pilar – Ouro Preto – códice 30 - autos 335 – ficha 440 - ano 1796 – 2º Ofício.

720 Livro de Batismos da Freguesia de Nossa Senhora da Boa Viagem de Itabira – Itabirito (site: http://familysearch.org).

721 Arquivo da Casa Setecentista do Pilar – Ouro Preto – códice 113 - autos 1447 – ano 1847 – 1º Ofício.

722 Cf. certidão de testamento constante de fls. 20/22 do inventário (Arquivo da Casa Setecentista do Pilar – Ouro Preto – códice 113 - autos 1447 –ano 1847 – 1º Ofício).

irmão Manuel Pereira Lima e em terceiro lugar seu irmão Antônio[723]. O testamento foi aberto em 9-DEZ-1842 e recebeu o "cumpra-se" em 13-JUL-1844. Segundo o inventário, possuía pouco ouro e prata velha, dois escravos, dívidas ativas e, entre outros bens de raiz, uma casa de moradas na Ladeira do Matozinhos, feita pela maior parte de pedras, com varanda e quintal todo murado de pedras; bem como uma porção de terras dividindo com terras que foram do falecido Sargento-Mor José Joaquim de Souza, denominada "O Vira Saia" e, por outro lado, com terras do Alferes Fausto Augusto e, pelo rio, com terras de Maria Peixota. Teve um único filho:

1(VI)- ANTÔNIO PEREIRA LIMA que, segundo se depreende do inventário paterno, tinha 18 em 1845 e foi casado com MIQUELINA DA SILVA. Ambos venderam a parte que tinham na herança de Pedro Pereira Lima a José Rodrigues de Araújo França, sendo que, em 1850, Antônio Pereira Lima já havia falecido[724].

§ 9º

V- MARIA BENIGNA DE LIMA, filha natural de Maria Angélica Pereira Lima (nº IV do § 8º). Nascida e batizada em Itabirito, casou-se no dia 7-FEV-1837, na Ermida de Nossa Senhora da Soledade do Rio de Pedras, com ALEXANDRE NUNES DA SILVA, filho do Cirurgião-Mor João Clímaco da Silva e de Maria Nunes[725]. Pais de:

1(VI)- JOSÉ, batizado em 11-MAR-1838, na Capela de São Vicente. Os padrinhos foram o Sargento-Mor José Joaquim... com procuração a David Pereira Lima, homem branco, solteiro, da Freguesia da Itabira, e Brígida Maria do Rosário, branca e solteira[726].

§ 10º

---

723 Pelas informações do testamento e do inventário de Pedro Pereira Lima não é possível concluir se Antônio seria irmão por parte materna ou paterna. Em razão dos sobrenomes, cremos que o Alferes José Joaquim de Souza seja irmão apenas por parte de pai, sendo José Pereira Lima e Manuel Pereira Lima irmãos por parte de mãe.

724 Cf. inventário de Pedro Pereira Lima (Arquivo da Casa Setecentista do Pilar – Ouro Preto – códice 113 - autos 1447 –ano 1847 – 1º Ofício).

725 Livro de Casamentos da Freguesia do Rio das Pedras (Acuruí) – 1835 a 1891 (site: http://familysearch.org).

726 Livro de Batismos da Freguesia do Rio das Pedras – Acuruí (site: http://familysearch.org).

IV- ANA MARIA DO ROSÁRIO, filha de Pedro Pereira Lima e de sua mulher Brízida Maria do Rosário (nº. III do § 1º retro). Figura com 8 anos de idade no inventário paterno (1789). Natural e batizada na Freguesia de Nossa Senhora de Nazaré da Cachoeira do Campo, onde se casou, aos 23-JAN-1798, com ANTONIO JOSÉ DE SOUZA, natural e batizado na Freguesia de Itabira, filho de Antônio José de Souza e Brígida Angélica. As testemunhas do matrimônio foram o Sargento-Mor Jacinto Coelho da Silva e o Reverendo Manuel Pereira Lima[727]. Ele faleceu aos 23-MAIO-1823, sendo inventariado em Ouro Preto. O monte-mor foi avaliado em 533$562, ficando a viúva com a meação, sendo atribuídos bens no valor de 66$695 para os filhos José Antônio de Souza, Maria Vitória do Nascimento, Maria Felisberta de Jesus e Nicolau Pereira Lima[728]. Tiveram:

1(V)- JOSÉ ANTÔNIO DE SOUZA, com 26 anos de idade por ocasião do inventário do pai. Trata-se, *provavelmente*, de JOSÉ ANTÔNIO DE SOUZA LIMA que, no dia 4-AGO-1855, em Itabira do Campo, declarou possuir uma porção de terras de cultura que faz parte da Fazenda Vira Saia, com 17 alqueires[729].

2(V)- ANA, batizada aos 31-DEZ-1798, na Igreja de Nossa Senhora da Boa Viagem de Itabira do Campo, tendo como padrinhos: Brígida Maria do Rosário, viúva, mãe de Ana Maria[730].

3(V)- MARIA VITÓRIA DO NASCIMENTO tinha 24 anos na época do inventário paterno.

4(V)- MARIA FELISBERTA DE JESUS contava com 23 anos no inventário do pai.

5(V)- MARIA, batizada aos 27-JAN-1805, em casa, pelo Reverendo Manuel Pereira Lima[731].

6(V)- Tenente-Coronel NICOLAU PEREIRA LIMA casou-se com MARIA BELARMINA DE SENE, com geração que segue.

---

727 Livro de Casamentos da Freguesia de Cachoeira do Campo – 1734 a 1842 - p. 114v (Arquivo Eclesiástico da Arquidiocese de Mariana – AA-13).

728 Cf, inventário de Antônio José de Souza (Arquivo da Casa Setecentista do Pilar – Ouro Preto – códice 66 - autos 736 - ficha 701 - ano 1823 – 2º Ofício).

729 Arquivo Público Mineiro – Registros Paroquiais de Terras – Cachoeira do Campo – RP 000016 – p. 7v.

730 Livro de Batismos da Freguesia de Nossa Senhora da Boa Viagem de Itabira – Itabirito - (site: http://familysearch.org, imagem 12).

731 Livro de Batismos da Freguesia de Nossa Senhora da Boa Viagem de Itabira – Itabirito (site: http://familysearch.org).

V- Tenente-Coronel NICOLAU PEREIRA LIMA que, por ocasião do inventário de seu pai (1823), estava morando havia pouco tempo em Baependi, segundo declarou seu irmão e então tutor José Antônio de Souza[732]. No censo de 1831, realizado na Paróquia de Itabira do Campo (atual Itabirito), ele tinha 29 anos, sendo qualificado como branco e professor público de primeiras letras. Nessa ocasião, já estava casado com MARIA BELARMINA ou MARIA BELARMINA DE SENE, também branca, costureira e com 24 anos de idade[733]. Do referido recenseamento consta que tinham 4 escravos. Em 1847, Nicolau Pereira Lima já era tenente-coronel.

No dia 4-AGO-1855, em Itabira do Campo, Nicolau Pereira Lima declarou possuir uma porção de terras de cultura, com 64 alqueires, que faziam parte da fazenda chamada Vira Saia, situada na Freguesia de Cachoeira do Campo, divisando, pelo nascente, com Luís Antônio Esteves e Graciana Joaquina da Silva, pelo poente com o Rio Itabira, pelo norte com José Joaquim de Souza e pelo sul com a estrada para Cachoeira do Campo[734].

No censo de Itabira do Campo, em 1867, contava com 60 anos de idade, era viúvo e foi qualificado como professor. O mesmo censo aponta que tinha 8 escravos[735]. O casal teve a seguinte descendência:

1(VI)- JOSÉ, inocente, sepultado em cova de Santo Antônio, no dia 15-JUL-1829, na Matriz de Nossa Senhora da Boa Viagem de Itabira do Campo[736].

2(VI)- ANA, batizada em 3-MAIO-1830, em Cachoeira do Campo, sendo seus padrinhos: José Antônio de Souza e Ana Maria do Rosário[737]. Figura com os pais no censo de Itabira do Campo em 1831. Trata-se, *provavelmente*, de ANA BERNARDINA DE LIMA, que se casou com o Alferes ANTÔNIO JUSTINIANO RODRIGUES SILVA, com geração que segue no § 11º.

---

732 Cf, inventário de Antônio José de Souza (Arquivo da Casa Setecentista do Pilar – Ouro Preto – códice 66 - autos 736 - ficha 701 - ano 1823 – 2º Ofício).

733 Arquivo Público Mineiro, mapas de população, caixa 01, documento 4.

734 Arquivo Público Mineiro – Registros Paroquiais de Terras – Cachoeira do Campo – RP 000016 – p. 7v.

735 Arquivo Público Mineiro, mapas de população, caixa 13, documento 3.

736 Livro de Óbitos da Freguesia de Nossa Senhora da Boa Viagem de Itabira – Itabirito (site: http://familysearch.org, imagem 59).

737 Livro de Batismos da Freguesia de Cachoeira do Campo – 1829 a 1831 – p. 8v (site: http://familysearch.org, consultado em FEV-2019)

3(VI)- FRANCISCA DE LIMA ou FRANCISCA CAROLINA DE LIMA era solteira e tinha 33 anos de idade por ocasião do censo de Itabira do Campo em 1867 [738].

4(VI)- MARIA LEOPOLDINA figura no censo de 1867, em Itabira do Campo, com 28 anos de idade e solteira[739].

5(VI)- (*provavelmente*) ELISA AUGUSTA DE LIMA, ELISA PEREIRA LIMA, ILIZA DE LIMA ou, ainda ELISA GUILHERMINA WOODS, que se casou com WILLIAM SIMPSON WOODS, conhecido no Brasil como GUILHERME WOODS, com geração no § 13º.

6(VI)- Capitão ANTÔNIO AUGUSTO PEREIRA LIMA, casado com ANA JOSEFINA DE ARAÚJO FRANÇA, com quem teve descendência que segue no § 12º.

7(VI)- BELARMINA DE LIMA ou BELARMINA AUGUSTA DE LIMA ou, ainda, BELARMINA PEREIRA LIMA era solteira e tinha 24 anos por ocasião do censo de Itabira do Campo em 1867[740]. No ano de 1890, habilitou-se para casar com JOAQUIM JOSÉ DE SOUZA, de 56 anos de idade, viúvo de Ana de Souza Carmo, sendo filho legitimado de José Joaquim de Souza, mas não reconhecia a mãe por ter sido exposto[741].

8(VI)- HENRIQUETA, que foi batizada em 18-JUN-1844, em Itabira do Campo (atual Itabirito), tendo como padrinhos Francisco Rodrigues de Carvalho e Ana Bernardina[742].

9(VI)- PRUDENCIANA foi batizada aos 20-AGO-1845, em Itabira. Seus padrinhos foram Antônio Pereira Lima e Mariana Ribeiro[743].

10(VI)- Coronel NICOLAU PEREIRA LIMA ou NICOLAU PEREIRA LIMA JÚNIOR teve três filhos legitimados, sendo dois com

---

738 Arquivo Público Mineiro, mapas de população, caixa 13, documento 3.

739 Arquivo Público Mineiro, mapas de população, caixa 13, documento 3.

740 Arquivo Público Mineiro, mapas de população, caixa 13, documento 3.

741 Livro de Registro de Editais de Casamentos (1890-1908) – Freguesia de Itabira do Campo – Município de Ouro Preto – nº. 13 (Coleção Digital de Itabirito, in: www.arq.ufmg.br/nehcit/itabirito, consultado em MAR-2019).

742 Livro de Batismos da Freguesia de Nossa Senhora da Boa Viagem de Itabira – Itabirito – 1823 a 1846 (site: http://familysearch.org, consultado em JUL-2014).

743 Livro de Batismos da Freguesia de Nossa Senhora da Boa Viagem de Itabira – Itabirito – 1823 a 1846 (site: http://familysearch.org, consultado em JUL-2014).

CÂNDIDA DOS REIS e um com MARIA JOSÉ BENFICA, conforme segue.

VI- Coronel NICOLAU PEREIRA LIMA ou NICOLAU PEREIRA LIMA JÚNIOR nasceu no dia 2-MAR-1847 e foi batizado no dia 12 seguinte, em Itabira do Campo (atual Itabirito), sendo padrinhos o Coronel Olímpio Viriato Catão e Francisca de Lima[744]. Figurou no censo de Itabira do Campo, em 1867[745]. No dia 20-NOV-1892, participou da fundação da fábrica de tecidos Companhia Industrial Itabira do Campo[746]. Em 1899, tornou-se diretor da referida empresa[747].

Faleceu aos 20-DEZ-1903, deixando testamento público, realizado em 2-DEZ-1903, na casa do testador, situada no Distrito de Itabira do Campo, Termo de Ouro Preto, por ele estar de cama, doente[748]. Em suas disposições de última vontade, declarou que era solteiro, mas tinha três filhos legitimados, que foram: Cornélio Pereira Lima, já falecido, e Hermano Pereira Lima, havidos com CÂNDIDA DOS REIS; bem como Antônio Francisco de Lima, que teve com MARIA JOSÉ BENFICA[749].

Em seu testamento, o Coronel Nicolau Pereira Lima deixou a seu neto Cornélio, filho de Cornélio Pereira Lima, a casa assoalhada e envidraçada, situada em frente à casa grande de residência do testador; bem como a seu afilhado Abílio, filho de César Augusto de Menezes, a casa de sua propriedade denominada da Tenda, situada do lado de cima da que deixou para o neto Cornélio, com cláusula de reversão a seus herdeiros diretos, caso o afilhado falecesse antes de constituir família. Legou, ainda, valores a serem pagos em dinheiro, independentemente de impostos, para continuação das obras de três igrejas eretas na freguesia: 200 mil réis para

744 Livros de Batismos da Freguesia de Nossa Senhora da Boa Viagem de Itabira – Itabirito - 1847 a 1853 – imagem 7 (site: http://familysearch.org).

745 Arquivo Público Mineiro, mapas de população, caixa 13, documento 3.

746 Jornal *Minas Gerais*, ano I, nº. 215, de 28-NOV-1892, p. 1264-1265.

747 Jornal *Minas Gerais*, ano VIII, nº. 74, de 22-MAR-1899, p. 2-3.

748 Cf. traslado do testamento de Nicolau Pereira Lima realizado no tabelionato de notas do então Distrito de Itabira do Campo, constante de fls. 5/7v de seu inventário (Arquivo da Casa Setecentista do Pilar – Ouro Preto – Letra N - autos 736 - maço 91 - ano 1904 – 1º Ofício).

749 Cf. traslado do testamento de Nicolau Pereira Lima no tabelionato de notas do então Distrito de Itabira do Campo, constante de fls. 5/7v de seu inventário (Arquivo da Casa Setecentista do Pilar – Ouro Preto – Letra N - autos 736 - maço 91 - ano 1904 – 1º Ofício).

a Igreja de Nossa Senhora do Rosário, 100 mil réis para a Igreja de Nossa Senhora das Mercês e 100 mil réis para a Igreja do Senhor Bom Jesus de Matozinhos. Por fim, o restante de sua terça deixou para o filho Antônio Francisco de Lima, destinado a sua educação[750].

Do inventário do Coronel Nicolau Pereira Lima, processado em Ouro Preto, iniciado no dia 7-JAN-1904, constam, como bens de raiz: duas partes na casa grande onde residia o inventariado, avaliada em 800$000; uma casa que foi legada ao menor Cornélio (neto), divisando com José Faustino da Silva e com Abílio Menezes, pelo valor de 1:500$000; uma casa legada a Abílio Menezes, que divide com a casa de José Ferreira Pedrosa e com a do menor Cornélio; pelo valor de 500$000; uma casa que se achava perto do beco, divisando com a casa de Serafim Rodrigues de Oliveira e com a casa dos herdeiros de Domingos Faria Gurgel, avaliada em 400$000; uma casa que se acha situada na Cidade do Curvelo, a ser avaliada por precatória; um moinho que se acha situado na praia; por 400$000; mais uma parte no moinho situado no terreno da casa grande, pelo valor de 50$000; pasto da Peroba, com 25 alqueires ou 121 hectares, avaliado em 2:500$000; outro pasto, denominado do Sapecado, com 10 alqueires ou 48 hectares, por 1:500$000; uma parte no Retiro da Botica, por 150$000; mais um pasto, com 3 alqueires, pelo valor de 1:000$000. Havia, ainda, 11 semoventes, entre vacas e novilhas. Na conta de liquidação, temos móveis por 285$000; bens de raiz, no total de 9:650$000; semoventes por 1:126$000; bem como 52 ações da Companhia Industrial de Itabira do Campo, por 10:400$000; dividendos das mesmas ações, no montante de 1:248$000; uma caderneta da Caixa Econômica da União Federal, no valor de 10:000$000; uma caderneta da Caixa Econômica Particular de Ouro Preto, no valor de 2:419$500; mais 155$000 em dinheiro; balanço do fundo de negócio 435$000; dívidas ativas no montante de 27:248$000. O monte-mor foi avaliado em 62:967$700, sendo deduzidas custas em geral de 1:307$040 e dívidas passivas de 2:848$000, ficando o monte líquido partível de 58:812$700[751].

---

750 Cf. traslado do testamento de Nicolau Pereira Lima realizado no tabelionato de notas do então Distrito de Itabira do Campo, constante de fls. 5/7v de seu inventário (Arquivo da Casa Setecentista do Pilar – Ouro Preto – Letra N - autos 736 - maço 91 - ano 1904 – 1º Ofício).

751 Cf. inventário do Coronel Nicolau Pereira Lima (Arquivo da Casa Setecentista do Pilar – Ouro Preto – Letra N - autos 736 - maço 91 - ano 1904 – 1º Ofício).

O Coronel Nicolau Pereira Lima e Cândida dos Reis, filha legítima de Joaquim José dos Reis e sua mulher Maria Herculana, tiveram os seguintes filhos legitimados por escritura pública aos 28-JUL-1884[752]:

1(VII)- CORNÉLIO PEREIRA LIMA foi casado com PAULINA PALMIRENA DE CARVALHO, com geração que segue.

2(VII)- HERMANO PEREIRA LIMA tinha 9 anos de idade na época da legitimação (1884). Do inventário do pai, consta que era farmacêutico e residia na Cidade de Piraí, Estado do Rio de Janeiro.

Por escritura de 1º-DEZ-1903, o Coronel Nicolau Pereira Lima reconheceu o seguinte filho, havido de Maria José Benfica, solteira, falecida no Distrito de Itabira do Campo[753]:

3(VII)- ANTÔNIO FRANCISCO DE LIMA nasceu aos 24-JUL-1892 e foi batizado na Matriz de São Gonçalo do Bação, tendo como padrinhos José Cândido Jeremias e Gabriela Maria da Silva. No inventário de seu pai, teve como tutor o Major Antônio Carlos de Carvalho, que também foi testamenteiro e inventariante.

VII- CORNÉLIO PEREIRA LIMA tinha 14 anos quando foi legitimado no ano de 1884. Já era falecido por ocasião do testamento do pai, Coronel Nicolau Pereira Lima Júnior, em 1903. Natural de Itabira do Campo, era farmacêutico e se casou, em 1894, com PAULINA PALMIRENA DE CARVALHO, com 20 anos na ocasião, filha de José Rodrigues Araújo França e de Ana ... de Carvalho[754]. O casal teve quatro filhos:

1(VIII)- ALBERTINA.

2(VIII)- ANA.

3(VIII)- ODETE.

4(VIII)- CORNÉLIO.

---

752 Cf. traslado da escritura pública de legitimação do cartório de notas de Itabira do Campo, juntadas às fls. 10/11 do inventário do Coronel Nicolau Pereira Lima (Arquivo da Casa Setecentista do Pilar – Ouro Preto – Letra N - autos 736 - maço 91 - ano 1904 – 1º Ofício)

753 Cf. traslado da escritura de perfilhação do tabelião de notas de Itabira do Campo, juntadas às fls. 8/9v do inventário do Coronel Nicolau Pereira Lima (Arquivo da Casa Setecentista do Pilar – Ouro Preto – Letra N - autos 736 - maço 91 - ano 1904 – 1º Ofício)

754 Livro de Registro de Editais de Casamentos (1890-1908) – Freguesia de Itabira do Campo – Município de Ouro Preto – nº. 54 (Coleção Digital de Itabirito, in: www.arq.ufmg.br/nehcit/itabirito, consultado em MAR-2019).

§ 11º

VI- ANA, batizada em 3-MAIO-1830, em Cachoeira do Campo, filha do Tenente-Coronel Nicolau Pereira Lima e de Maria Belarmina de Sene (nº. V do § 10º). Teve como padrinhos: José Antônio de Souza e Ana Maria do Rosário[755]. Figura com os pais no censo de Itabira do Campo em 1831. Trata-se, *provavelmente*[756], de ANA BERNARDINA DE LIMA, que se casou com Alferes ANTÔNIO JUSTINIANO RODRIGUES SILVA, pais dos seguintes filhos, que foram batizados na Matriz de Nossa Senhora da Boa Viagem (atual Itabirito), exceto os dois primeiros, cujos assentos não foram localizados[757]:

1(VII)- OLÍMPIA CESARINA, com 14 anos de idade no censo de Itabira do Campo, em 1867.

2(VII)- CARLOS JUSTINIANO, com 12 anos de idade no referido censo de 1867.

3(VII)- JOSÉ, batizado aos 22-OUT-1857, tendo como padrinhos: José Antônio da Silva e Francisca Carolina de Lima.

4(VII)- CRISTÓVÃO, batizado em 30-OUT-1859, sendo padrinhos: Francisco Rodrigues de Carvalho e Teolinda de Lima.

5(VII)- BEATRIZ, batizada em 9-NOV-1861. Seus padrinhos foram Gabriel Justiniano Rodrigues da Silva e Delminda Justiniana Rodrigues da Silva. Não figura no censo de 1867.

6(VII)- ANTÔNIO, batizado em 7-JUN-1864, tendo como padrinhos o Alferes José Rodrigues de Carvalho e Maria Augusta de Lima. Não figura no censo de 1867.

7(VII)- MARIA, batizada em 10-SET-1866, sendo padrinhos: Coronel Manuel de Araújo França e Balbina Matildes França.

8(VII)- LUÍS, batizado aos 26-SET-1868. Padrinhos: Tenente Antônio Rodrigues de Carvalho e sua mulher Delminda Justiniana.

---

755 Livro de Batismos da Freguesia de Cachoeira do Campo – 1829 a 1831 – p. 8v (site: http://familysearch.org, consultado em FEV-2019)

756 Não localizamos documento que indicasse expressamente Ana Bernardina de Lima como sendo filha de Nicolau Pereira Lima e Maria Belarmina de Sene. Contudo, a documentação consultada evidencia que havia proximidade de Ana Bernardina de Lima com pessoas da família de Nicolau Pereira Lima, notadamente em razão de apadrinhamentos recíprocos. Reforçando essa hipótese, o referido casal teve uma filha de nome Ana, batizada em 1830.

757 Livros de Batismos da Freguesia de Nossa Senhora da Boa Viagem de Itabira – Itabirito (site: http://familysearch.org).

§ 12º

VI- Capitão ANTÔNIO AUGUSTO PEREIRA LIMA, filho do Tenente-Coronel Nicolau Pereira Lima e de Maria Belarmina de Sene (nº. V do § 10º)[758]. Faleceu com 55 anos de idade, no dia 9-SET-1897, em sua casa, no distrito de Itabira (atual Itabirito), sua terra natal, sendo declarante do óbito Nicolau Pereira Lima[759]. Foi casado com ANA JOSEFINA DE ARAÚJO FRANÇA ou ANA JOSEFINA FRANÇA, filha do Capitão Manuel de Araújo França e de Felicíssima Ricardina. Com seu sogro, estabeleceu, na Fazenda do Marzagão, uma fábrica de ferro, pelo processo então em voga, denominado catalão, onde eram produzidos: fogões, ferraduras, foices e machados[760]. Também foi um dos fundadores da Companhia Industrial Itabira do Campo, do ramo têxtil, em 1892[761].

Do inventário do Capitão Antônio Augusto Pereira Lima, iniciado em 28-FEV-1897, verifica-se que deixou alguns imóveis, cuja totalidade foi avaliada em 11:830$000, dentre eles: uma casa de vivenda, avaliada em 1:500$000; outra casa denominada da Mata, no Arraial de Itabira do Campo, por 800$000; 150 alqueires ou 726 hectares de terras ruins de cultura, em matas, capoeira e capoeirinhas, sitas na Fazenda do Marzagão, em Itabira do Campo, divisando de uma parte com Fortunato Arduino de Araújo, por outra com terras da Catta Branca, com Usina Esperança, com Graciano Pereira de Carvalho, herdeiros de José Ferreira de Aguiar e de João de Araújo Villa, avaliados em 6:000$000; mais 80 alqueires ou 380 hectares e 20 ares de terra em campos de capim, situados na mesma

---

758 Não localizamos nenhum documento que indicasse expressamente o nome dos pais do Capitão Antônio Augusto Pereira Lima. Porém, o livro *Fundamentos Históricos da Paróquia de Nossa Senhora da Boa Viagem*, do Padre Miguel Ângelo Fiorillo, aponta que ele seria oriundo de Nicolau Pereira Lima e de "Maria Guilhermina da Silveira" (p. 102). Cremos que se trata de leitura equivocada do nome "Maria Belarmina de Sene". Além disso, o processo de dispensa matrimonial de sua filha Rita de Cássia Pereira Lima, embora não haja menção aos nomes dos avós dos oradores, aponta relação de parentesco que confirma a filiação de Antônio Augusto Pereira Lima (Arquivo Eclesiástico da Arquidiocese de Mariana. Processo Matrimonial nº. 105691, arm. 42, pasta 10570, ano 1894, Itabirito).

759 Cf. certidão de óbito do Cartório de Registro Civil das Pessoas Naturais de Itabirito, matrícula 04436201551897400001092000027 7-48, expedida em 3-MAIO-2017.

760 FIORILLO, Padre Miguel Ângelo. *Fundamentos Históricos da Paróquia de Nossa Senhora da Boa Viagem*, p. 102-103.

761 FIORILLO, Padre Miguel Ângelo. *Fundamentos Históricos da Paróquia de Nossa Senhora da Boa Viagem*, p. 57.

fazenda do Marzagão, pelo valor de 1:600$000; uma parte nos pastos, capões, currais e casa de vivenda no Retiro do Pico, pelo valor de 350$000; bem como 10 ações da Companhia Industrial Itabira do Campo, avaliadas em 2:000$000. Também deixou móveis e utensílios que guarneciam a referida fazenda, avaliados em 456$200, além de semoventes no valor de 780$000. O monte-mor foi de 15:066$200 e, deduzidas as custas, restou o monte líquido partilhável de 13:900$000[762]. Pais de:

1(VII)- MARIA BELARMINA DE CARVALHO, batizada no dia 17-JAN-1863, em Itabira do Campo, tendo como padrinhos o Tenente-Coronel Nicolau Pereira Lima e o Capitão Manuel de Araújo França[763]. Foi casada com VIRGÍLIO RODRIGUES DE CARVALHO.

2(VII)- JOAQUIM AUGUSTO PEREIRA LIMA, que foi batizado em 12-SET-1864, em Itabira do Campo, sendo padrinhos: Antônio Justiniano Rodrigues da Silva e Francisca Carolina de Lima[764]. Casou-se com MARIA DULCINEA DE LIMA.

3(VII)- AGRIPINO AUGUSTO PEREIRA LIMA, batizado em Itabira do Campo no dia 9-SET-1866, tendo como padrinhos Guilherme Woods e sua mulher Elisa Pereira Lima[765]. Foi casado com MARIA LYDIA DE SOUZA COUTINHO.

4(VII)- ANTÔNIO AUGUSTO PEREIRA LIMA, batizado aos 29-JUL-1868, em Itabira do Campo, sendo padrinhos: José Rodrigues de Carvalho e Belarmina Pereira Lima[766]. Casou-se com MANUELA JOSEFINA DE LIMA.

---

762 Arquivo da Casa Setecentista do Pilar – Ouro Preto – Letra A - maço 1 - ano 1897 – 1º Ofício.

763 Livro de Batismos da Freguesia de Nossa Senhora da Boa Viagem de Itabira – Itabirito - 1850 a 1864 – imagem 52 (site: http://familysearch.org, consultado em JUL-2014).

764 Livro de Batismos da Freguesia de Nossa Senhora da Boa Viagem de Itabira – Itabirito - 1850 a 1864 - imagem 62 (site: http://familysearch.org, consultado em JUL-2014).

765 Livro de Batismos da Freguesia de Nossa Senhora da Boa Viagem de Itabira – Itabirito – 1868 a 1871 - imagem 16 (site: http://familysearch.org, consultado em JUL-2014).

766 Livro de Batismos da Freguesia de Nossa Senhora da Boa Viagem de Itabira – Itabirito – 1868 a 1871 – imagem 26 (site: http://familysearch.org, consultado em JUL-2014).

5(VII)- RITA DE CÁSSIA PEREIRA LIMA nasceu aos 22-MAIO-1870, na Fazenda do Marzagão, e foi batizada no dia 18-JUN-1870, em Itabira do Campo. Teve como padrinhos: José Antônio da Silva e América Pereira Lima[767]. Residia em Itabira do Campo (atual Itabirito) e foi casada com JORGE PEREIRA LIMA, filho de Antônio Pereira Lima e de Carlota Cândida de Lima – nº. 1(VII) do nº VI do § 4º acima. Em 1894, houve dispensa matrimonial por impedimento de 4º grau de linha colateral porque Ana, bisavó da oradora, era irmã do Padre Pereira, bisavô do orador. Pelo lado materno dos nubentes, não havia parentesco algum[768]. Não tiveram filhos.

6(VII)- VIRGINA, batizada em 19-MAR-1871, em Itabira do Campo, sendo padrinhos: Tenente Antônio Rodrigues Carvalho e Virgina Palmira de Lima[769]. Não figura no inventário paterno.

7(VII)- FELICÍSSIMA RICARDINA, casada com PEDRO COUTINHO.

8(VII)- TEODOLINDA PEREIRA LIMA, solteira, com 22 anos de idade por ocasião do inventário do pai (1897).

9(VII)- NICOLAU AUGUSTO PEREIRA LIMA, solteiro, com 20 anos em 1897. Foi qualificado como tropeiro, quando se habilitou para casar em 1907, com MARIA DE SOUZA FRANÇA, com 27 anos na ocasião, filha de José Brás de Oliveira França e de Maria de Souza Carmo, ambos falecidos[770].

.

§ 13º

VI- ELISA AUGUSTA DE LIMA, ELISA PEREIRA LIMA ou ILIZA DE LIMA, *provavelmente* filha do Tenente-Coronel Nicolau Pereira Lima e de

---

767 Livro de Batismos da Freguesia de Nossa Senhora da Boa Viagem de Itabira – Itabirito – 1868 a 1871 – imagem 53 (site: http://familysearch.org, consultado em JUL-2014).

768 No processo de dispensa matrimonial foram mencionados os nomes dos pais dos oradores, mas não citam os avós (Arquivo Eclesiástico da Arquidiocese de Mariana. Processo Matrimonial nº. 105691, arm. 42, pasta 10570, ano 1894, Itabirito).

769 Livro de Batismos da Freguesia de Nossa Senhora da Boa Viagem de Itabira – Itabirito – 1868 a 1871 – imagem 60 (site: http://familysearch.org, consultado em JUL-2014).

770 Livro de Registro de Editais de Casamentos (1890-1908) – Freguesia de Itabira do Campo – Município de Ouro Preto – nº.147 – Edital nº. 291 (Coleção Digital de Itabirito, in: www.arq.ufmg.br/nehcit/itabirito, consultado em MAR-2019).

Maria Belarmina de Sene (nº. V do § 10º)[771]. Casou-se em 1858, com o inglês WILLIAM SIMPSON WOODS, conhecido no Brasil como GUILHERME WOODS, nascido em 15-JUN-1825, em Lowestoft, Condado de Suffolk[772]. Após o matrimônio, ela passou a se chamar ELISA GUILHERMINA WOODS, tendo falecido com 55 anos de idade, no dia 31-OUT-1895, em Itabira do Campo, onde nasceu e residia[773]. Tiveram sete filhos[774]:

1(VII)- MARIA GUILHERMINA WOODS foi batizada na Igreja de Nossa Senhora da Boa Viagem de Itaubira (atual Itabirito), no dia 23-JAN-1860, tendo como padrinhos: Tenente Nicolau Pereira Lima e Antônio Augusto Pereira Lima[775]. Casou-se no dia 23-MAIO-1898, em Itabira do Campo, em casa de residência de Alberto da Costa Soares, com JOÃO CAVEDAGNI, também com 39 anos, natural do Rio Grande do Sul, filho de Luís Cavedagni e de Teresa Cavedagni.

2(VII)- DELIA WOODS, casada com AFONSO RODRIGUES DE CARVALHO. Foi batizada como ADELIS, aos 15-FEV-1862, na Igreja de Nossa Senhora da Boa Viagem de Itaubira, atual Itabirito. Seus padrinhos de batismo foram: José Antônio de Souza e Ana Bernardina de Lima[776].

3(VII)- CATARINA WOODS, que se casou com AURELIANO DE SOUZA.

4(VII)- EMILIA WOODS, casada com ALBERTO DA COSTA SOARES.

5(VII)- GENNY WOODS, casada com PEDRO BARCELOS.

6(VII)- GUILHERME WOODS.

7(VII)- ELISA GUILHERMINA WOODS, que se casou, aos 18 anos de idade, com o ARTUR DE ABREU LACERDA, nascido em

---

771 Não localizamos nenhum documento que indicasse os nomes dos pais de Elisa Augusta de Lima. Tal informação adveio de comunicação pessoal com Breno Henrique Booz Carvalho Corrêa, descendente do casal.

772 CORRÊA, Breno Henrique Booz Carvalho – comunicação pessoal.

773 Cf. certidão de óbito do Cartório de Registro Civil das Pessoas Naturais de Itabirito, matrícula 04436201551895400001077000021 6-26, expedida em 10-MAIO-2019.

774 CORRÊA, Breno Henrique Booz Carvalho – comunicação pessoal.

775 Livros de Batismos da Freguesia de Nossa Senhora da Boa Viagem de Itabira – Itabirito – 1850 a 1864, imagem 30 (site: http://familysearch.org).

776 Livros de Batismos da Freguesia de Nossa Senhora da Boa Viagem de Itabira – Itabirito – 1850 a 1864, imagem 44 (site: http://familysearch.org).

Teresópolis, Estado do Rio de Janeiro, com 26 anos de idade, escriturário da Estrada de Ferro Central do Brasil, filho de Antônio de Lacerda Telles, natural da Ilha do Faial, em Portugal, e de Maria de Abreu, natural de Teresópolis. Aos 19-DEZ-1890 houve publicação de edital para esse matrimônio em Itabira do Campo[777]

Capítulo 4º- **RODRIGUES PEIXOTO**

O tronco dessa família é o casal português Manuel Peixoto – Ana Martins Ramalha, cujo filho, Lino Peixoto, veio para o Brasil em meados do século XVIII, casando-se em Mariana, com Escolástica Rodrigues Dantas, dando origem ao sobrenome duplo "Rodrigues Peixoto".
Menos numerosa, mas não menos relevante, a família Rodrigues Peixoto fixou-se em São Gonçalo do Tijuco, atual Amarantina, entrelaçando-se com os Ferreira Pedrosa e com os Aguiar, cujas genealogias foram anteriormente tratadas.

§ 1º

I- **MANUEL PEIXOTO** e **ANA MARTINS RAMALHA** ou somente **ANA MARTINS**, ambos naturais da Freguesia de São João de Sernande, Concelho de Unhão, Termo de Guimarães, Arcebispado de Braga, em Portugal, tiveram o seguinte filho[778]:

1(II)- LINO PEIXOTO casado com ESCOLÁSTICA RODRIGUES DANTAS, com geração que segue.

II- **LINO PEIXOTO** nasceu e foi batizado na Freguesia de São João de Sernande, Concelho de Unhão, Arcebispado de Braga, em Portugal. Veio para o Brasil, onde se casou, na presença do Padre Manuel Pereira de Pinho, no dia 14-NOV-1757, às 17h30, na Capela de Santa Ana da Cidade de Mariana, com **ESCOLÁSTICA RODRIGUES DANTAS**, natural, batizada e moradora na Freguesia de Bom Jesus do Furquim, Bispado de Mariana. As testemunhas do ato nupcial foram: Francisco Soares de Araújo, João Rodrigues de Freitas e Manuel Teixeira de Freitas, todos da

---

777 Livro de Registro de Editais de Casamentos (1890-1908) – Freguesia de Itabira do Campo – Município de Ouro Preto – nº. 9 – edital 14 (Coleção Digital de Itabirito, in: www.arq.ufmg.br/nehcit/itabirito, consultado em MAR-2019).

778 Arquivo Eclesiástico da Arquidiocese de Mariana. Processo *de genere et moribus* do Padre Manuel Rodrigues Peixoto – Cachoeira do Campo – ano 1789 – nº. 1652.

Freguesia da Sé de Mariana[779]. Ela era filha legítima do Alferes **Veríssimo Rodrigues Dantas**, português, nascido na Freguesia de São João do Rio Frio, Termo da Vila dos Arcos de Valdevez, Arcebispado de Braga, e de **Margarida Veloza de Anhaya** ou **Margarida Veloza** ou, ainda, **Margarida de Anhaya**, "da Freguesia de Otú da Serra Asima, termo da dita Vila de Otú, Bispado de São Paulo"[780].

Lino Peixoto veio a falecer no dia 7-DEZ-1789, tendo sido sepultado na Matriz da Freguesia de Cachoeira do Campo. Em seu testamento, datado de 18-JUN-1781, declarou ter vindo para "estas Minas" com aproximadamente 22 anos de idade e que morava na paragem chamada "da Feira" ou "Feira dos Cavalos", no Arraial do Tijuco, na mencionada freguesia, bem como que pertencia a Irmandade das Almas. Pediu que seu corpo fosse amortalhado no hábito de São Francisco e foi sepultado na Matriz da Freguesia da Cachoeira, em cova da Irmandade das Almas[781].

De seu inventário, processado em Ouro Preto, iniciado em 11-FEV-1790, constam vários objetos, dentre eles onze espadas; gado *vacum* e cavalar; 13 escravos; bem como um sítio de roças com casa de vivenda coberta de telhas, com seu engenho de mandioca, da paragem da Feira, que parte de um lado com Domingos de Araújo, José da Costa, Luiz Esteves e com os Campos do Maracujá, imóvel avaliado em 366$000; mais um quintal com casa de telha murado de pedra, situada na paragem chamada a Feira, por 50$000; uma roça situada na paragem chamada Palmital, que parte de uma banda com o Tenente Antônio Gomes Mafra e com Domingos de Araújo e, por outro, com Manuel Ferreira Pedrosa, por volta 75$000[782]. O casal teve quatro filhos:

1(III)- Reverendo Padre MANUEL RODRIGUES PEIXOTO foi batizado na Capela de São Gonçalo do Tijuco, filial da Matriz de Nossa Senhora de Nazaré da Cachoeira do Campo, em 10-JUL-

---

779 Livro de Casamentos da Freguesia de Cachoeira do Campo – 1734 a 1842 - p. 56v (Arquivo Eclesiástico da Arquidiocese de Mariana – AA-13).

780 A informação de que Margarida de Anhaya seria da "Freguesia de Otú da Serra Asima" consta da certidão de batismo do Padre Manuel Rodrigues Peixoto, acostada em seu processo *de genere et moribus.* No entanto, nos mesmos autos, há um requerimento feito pelo habilitando em que ele faz referência de que ela seria nascida na Vila de Santos, Bispado de São Paulo (Arquivo Eclesiástico da Arquidiocese de Mariana – Cachoeira do Campo – ano 1789 – nº. 1652).

781 Cf. inventário (Arquivo da Casa Setecentista do Pilar – Ouro Preto – códice 92 - autos 1119 - ano 1790 – 1º Ofício).

782 Arquivo da Casa Setecentista do Pilar – Ouro Preto – códice 92 - autos 1119 - ano 1790 – 1º Ofício.

1760, tendo como padrinhos: Manuel Martins Ramalho, da Freguesia de Casa Branca, e Rosa Rodrigues Dantas, cunhada de Lino Peixoto[783]. Seu processo de *genere et moribus* data de 1789[784]. É qualificado como capelão no censo de São Gonçalo do Bação. Era morador em São Gonçalo do Bação, Freguesia de Nossa Senhora da Boa Viagem da Itabira do Campo, onde faleceu com testamento datado de 6-NOV-1831. Deixou bens móveis, seis escravos, um sítio de casa com quintal cercado de pedra no valor de 45$500, um moinho em São Gonçalo do Bação avaliado por 14$000 e uma morada de casas e quintal, murada de pedra com seus arvoredos de café e bananeiras, na mesma localidade, no valor de 250$000. Seus herdeiros e testamenteiros foram seu sobrinho e afilhado Francisco Rodrigues Peixoto, seu irmão Sargento-Mor Francisco Rodrigues Peixoto e seu sobrinho Alferes Feliz (ou Fidelis, como assina) Rodrigues Peixoto[785].

2(III)- JOÃO RODRIGUES PEIXOTO foi batizado em Cachoeira do Campo, no dia 2-JUL-1762, sendo padrinhos: João Rodrigues de Freiras, morador na Cidade de Mariana, e Maria de Jesus, mulher de João Martins Ramalho, morador na Freguesia da Casa Branca[786]. Figurou no inventário do pai em 1790.

3(III)- FELIX RODRIGUES PEIXOTO, que se casou com RITA MARIA DO SACRAMENTO, com quem teve geração que segue.

4(III)- Sargento-Mor **FRANCISCO RODRIGUES PEIXOTO**, casado com **ANA JOAQUINA DO ESPIRITO SANTO** ou **ANA JOAQUINA RIBEIRA**, com geração que segue no § 2º.

---

783 Arquivo Eclesiástico da Arquidiocese de Mariana - Processo *de genere et moribus* do Padre Manuel Rodrigues Peixoto – Cachoeira do Campo – ano 1789 – nº. 1652; e Livro de Batismos da Freguesia de Cachoeira do Campo – 1744 a 1770- p. 93 - AA-7.

784 Arquivo Eclesiástico da Arquidiocese de Mariana. Processo *de genere et moribus* do Padre Manuel Rodrigues Peixoto – Cachoeira do Campo – ano 1789 – nº. 1652.

785 Arquivo da Casa Setecentista do Pilar – Ouro Preto – Inventário com testamento do Padre Manuel Rodrigues Peixoto - códice 102 - autos 1279 - ano 1832 – 1º Ofício.

786 Livro de Batismos da Freguesia de Cachoeira do Campo – 1744 a 1770 (Arquivo Eclesiástico da Arquidiocese de Mariana - AA-7). Agradecemos à Sra. Luciana Viana Assunção, pela leitura e encaminhamento das informações sobre esse assento de batismo.

III- FELIX RODRIGUES PEIXOTO contava com 26 anos no inventário do pai (1790). Foi batizado no dia 9-AGO-1764, na Capela de São Gonçalo do Tijuco (atual Amarantina), tendo como padrinho Felix Ferreira de Morais, solteiro[787]. Foi casado com RITA MARIA DO SACRAMENTO, com quem teve:

1(V)- ROSA MARIA RODRIGUES, nascida e batizada na Freguesia de São João Del Rei, casou-se em 13-JUL-1812, na Capela de São Gonçalo do Tijuco, com ANTÔNIO GOMES DE CARVALHO, nascido e batizado em São Gonçalo do Tijuco, filho de Joaquim Rodrigues de Carvalho e de Ana Maria Gomes. Testemunharam o matrimônio: Padre Joaquim Gomes de Carvalho e Francisco Rodrigues Peixoto[788].

2(IV)- FELIX RODRIGUES PEIXOTO, que se casou, no dia 12-FEV-1813, na Capela de São Gonçalo do Tijuco, com ANA MARIA DE NAZARÉ, filha do Alferes Bernardo Gomes de Oliveira e de Maria do Rosário Ferreira. As testemunhas do ato nupcial foram o Capitão Francisco Rodrigues Peixoto, Luís Pedrosa Ferreira e Antônia Felícia da Silva[789].

3(IV)- ESCOLÁSTICA RODRIGUES casou-se na Igreja Matriz de Ouro Preto, em 17-FEV-1813, com PEDRO DE ALCÂNTARA DO SACRAMENTO, filho do Alferes Antônio de Oliveira Matos e de Francisca do Rosário[790].

§ 2º

III- Sargento-Mor **FRANCISCO RODRIGUES PEIXOTO**, filho de Lino Peixoto e de Escolástica Rodrigues Dantas (nº. II do § 1º). Foi batizado aos 23-DEZ-1766, na Capela de São Gonçalo do Tijuco, filial da Matriz de Nossa Senhora de Nazaré da Cachoeira do Campo, tendo como padrinhos: Francisco Ferreira da Silva e sua mulher Ana Maria de Jesus[791]. Casou-se

---

787 Livro de Batismos da Freguesia de Cachoeira do Campo – 1744 a 1770- p. 107v (Arquivo Eclesiástico da Arquidiocese de Mariana - AA-7).

788 Livro de Casamentos da Freguesia de Cachoeira do Campo – 1734 a 1842 - p. 124 (Arquivo Eclesiástico da Arquidiocese de Mariana – AA-13).

789 Livro de Casamentos da Freguesia de Cachoeira do Campo – 1734 a 1842 - p. 128v (Arquivo Eclesiástico da Arquidiocese de Mariana – AA-13).

790 Livro de Casamentos da Freguesia de Cachoeira do Campo – 1734 a 1842 - p. 128v (Arquivo Eclesiástico da Arquidiocese de Mariana – AA-13).

791 Livro de Batismos da Freguesia de Cachoeira do Campo – 1744 a 1770- p. 115v - Arquivo Eclesiástico da Arquidiocese de Mariana - AA-7).

em 30-MAIO-1799, com **ANA JOAQUINA DO ESPIRITO SANTO** (ou **ANA JOAQUINA RIBEIRA**), sendo o ato registrado na Igreja Matriz de Nossa Senhora de Nazaré, em Cachoeira do Campo[792]. Ela era filha de **Manuel Ribeiro Gomes** e de **Rosa Marcelina do Espírito Santo** – nº. 3(VI) do nº. V do § 2º do Capítulo 2º – família AGUIAR.

No ano de 1831, o casal figurou no censo de São Gonçalo do Tijuco, onde ele foi juiz de paz[793]. O Sargento-Mor Francisco Rodrigues Peixoto faleceu no Distrito do Tijuco, com solene testamento, sendo inventariado em 1836, na Comarca de Ouro Preto, deixando cinco filhos legítimos com sua mulher Ana Joaquina Ribeira, já falecida por ocasião do testamento, além de um natural[794]:

1(IV)- FRANCISCO RODRIGUES PEIXOTO foi testamenteiro do pai[795].

2(IV)- **ANA JOAQUINA RODRIGUES** ou **ANA JOAQUINA RODRIGUES PEIXOTO** ou, ainda, **ANA RODRIGUES PEIXOTO**, batizada aos 26-JUL-1802, na Capela de São Gonçalo do Tijuco (atual Amarantina), filial da Matriz de Nossa Senhora de Nazaré da Cachoeira do Campo, tendo como padrinho Egino Gomes[796]. Foi casada com **ESTEVÃO FERREIRA PEDROSA**, filho de Manuel Ferreira Pedrosa e de Maria Machado do Espirito Santo. Com geração no § 21º do Capítulo 1º - família FERREIRA PEDROSA.

3(IV)- MANUEL RODRIGUES PEIXOTO foi casado com MARIA PEREIRA LIMA, com geração que segue.

4(IV)- JOÃO RODRIGUES PEIXOTO, nascido por volta de 1806, morava com seus pais em São Gonçalo do Tijuco no ano de 1831, época em que era solteiro e feitor[797].

---

792 Livro de Casamentos da Freguesia de Cachoeira do Campo – 1734 a 1842 - p. 116 (Arquivo Eclesiástico da Arquidiocese de Mariana – AA-13).

793 Arquivo Público Mineiro, mapas de população, caixa 1, documento 8.

794 Cf. inventário e testamento (Arquivo da Casa Setecentista do Pilar – Ouro Preto – códice 47 - autos 569 – ano 1836; e códice 337 – autos 7078 - ano 1836 – 1º Ofício).

795 *Provavelmente* trata-se do Francisco Rodrigues Peixoto que figura no Censo de São Gonçalo do Bação, em 1831, com 30 anos de idade, negociante, junto com sua mulher Mariana, com 24 anos, costureira, com dois filhos (Francisco, com 10 anos de idade, e Maria, com 8 anos) e 8 escravos

796 Arquivo Eclesiástico da Arquidiocese de Mariana. Processo Matrimonial nº. 87452, arm. 35, pasta 8746, ano 1823, Itabirito.

797 Arquivo Público Mineiro, mapas de população, caixa 1, documento 8.

5(IV)- MARIANA JOAQUINA RODRIGUES PEIXOTO, que se casou com JOSÉ PEREIRA DE REZENDE com geração no § 5º adiante.

6(IV)- JOAQUIM RODRIGUES PEIXOTO (filho natural).

IV- MANUEL RODRIGUES PEIXOTO casou-se em 14-FEV-1828, na Freguesia de Nossa Senhora de Nazaré da Cachoeira do Campo, com MARIA PEREIRA LIMA, com cerimônia realizada pelo Reverendo Manuel Pereira Lima. As testemunhas do ato matrimonial foram o Reverendo Vigário de Casa Branca, Bernardo de Magalhães, e o Reverendo Manuel Rodrigues Peixoto[798]. Foram moradores em São Gonçalo do Tijuco, filial de Nossa Senhora da Conceição de Cachoeira do Campo, onde ele aparece qualificado como negociante e com quatro escravos, no censo de 1831[799].

Maria Pereira Lima faleceu no dia 2-SET-1862, na fazenda denominada Soledade, na Freguesia de Cachoeira do Campo, onde eram moradores[800]. No inventário dela, processado em Ouro Preto, foram elencados 22 escravos, sendo quatro deles de menor idade; além de mantimentos, créditos, vacas e bois. Entre os bens de raiz, temos terras de cultura que confrontam e divisam pelo lado nascente com a estrada que segue para Ouro Preto, com Francisco Xavier da Silva Cardoso e com o Capitão José Coelho dos Santos; pelo norte divisam com Luís Ventura Fortuna e Joaquim Gomes de Oliveira; pelo poente com o arraial do Tijuco; e pelo sul com as Fazendas da Passagem e Candelária, bem como com Domiciano Pimenta e Dona Maria Carolina, totalizando 200 alqueires, avaliados em 6:000$000. Além disso, tinha uma pequena casa de vivenda coberta de telhas com poucas camadas, um moinho e um pequeno quintal, cercado de madeira, que se acha situada no lugar denominado Engenho, por 300$000; bem como uma casa de vivenda, coberta de telhas, com quintal, situada no arraial da Cachoeira de Campo, que ficavam fronteiras às casas de Manuel Avelino Neves Murta, pelo valor de 400$000. Segundo inventário dela, eram pais de[801]:

1(V)- JOSÉ RODRIGUES PEIXOTO, casado.

---

798 Livro de Casamentos da Freguesia de Cachoeira do Campo – 1734 a 1842 - p. 143 (Arquivo Eclesiástico da Arquidiocese de Mariana – AA-13).

799 Arquivo Público Mineiro, mapas de população, caixa 1, documento 8.

800 Cf. inventário de Maria Pereira Lima (Arquivo da Casa Setecentista do Pilar – Ouro Preto – M 20 - ano 1863).

801 Arquivo da Casa Setecentista do Pilar – Ouro Preto – M 20 - ano 1863.

2(V)- Capitão MANUEL RODRIGUES PEIXOTO JÚNIOR. Na época do inventário materno, era tenente. Foi casado com BRÍZIDA RODRIGUES PEDROSA, filha de Estevão Ferreira Pedrosa e de Ana Joaquina Rodrigues Peixoto – nº. 14(V) do nº IV do § 21º do Capítulo 1º - família FERREIRA PEDROSA.

3(V)- Alferes FRANCISCO RODRIGUES PEIXOTO, casado. Em 1874, era agricultor no Distrito de São Gonçalo do Tijuco, em Ouro Preto[802].

4(V)- Capitão ANTÔNIO RODRIGUES PEIXOTO, que veio a se casar com ANA JOAQUINA PEDROSA ou ANA FERREIRA PEDROSA, que segue.

5(V)- ANA JOAQUINA RODRIGUES DE LIMA, casada com ANTÔNIO COELHO DOS SANTOS, filho do Capitão José Coelho dos Santos e de Maria Justina Pedrosa – nº. 2(VI) do nº V do § 4º do Capítulo 1º - família FERREIRA PEDROSA.

6(V)- JOAQUIM RODRIGUES PEIXOTO, com 19 anos na ocasião do inventário materno.

7(V)- PERCILIANA FILOMENA RODRIGUES DE LIMA, com 16 anos em 1863.

8(V)- MARIA CAROLINA RODRIGUES DE LIMA, com 14 anos na mesma época.

9(V)- LUCAS RODRIGUES PEIXOTO, de 11 anos.

V- Capitão ANTÔNIO RODRIGUES PEIXOTO, fazendeiro, nascido por volta de 1840, na Freguesia de Cachoeira do Campo[803]. Era alferes e ainda solteiro em 1863, por ocasião do inventário materno. No ano de 1874, era agricultor no Distrito de São Gonçalo do Tijuco, em Ouro Preto[804]. Em 1892, era capitão do 3º Batalhão da Guarda Nacional do Município de Ouro Preto[805]. Casou-se em Nossa Senhora da Conceição do Rio das Pedras (atual Acuruí), em 19-FEV-1871, com ANA JOAQUINA PEDROSA ou ANA FERREIRA PEDROSA, filha de José Lourenço de

802 MARTINS, Antônio de Assis (organizador), *Almanak Administrativo, Civil e Industrial da Provincia de Minas Gerais do anno de 1874*, p. 120.

803 Cf. qualificação de seu depoimento, numa justificação realizada em 1908, constante do inventário de José Ferreira de Aguiar, fl. 57 (Arquivo da Casa Setecentista do Pilar – Ouro Preto – Letra J – maço 54 – 1907 - 1º Ofício).

804 MARTINS, Antônio de Assis (organizador), *Almanak Administrativo, Civil e Industrial da Provincia de Minas Gerais do anno de 1874*, p. 120.

805 Cf. autos do testamento de seu sogro José Lourenço de Melo (Arquivo da Casa Setecentista do Pilar – Ouro Preto – testamento – 1884– 1892).

Melo e de Ana Joaquina Rodrigues Pedrosa - nº. 6(VIII) do nº. VII do § 5º do Capítulo 2º - família AGUIAR. Havia impedimento de 2º e 3º graus. Tiveram os seguintes filhos, que, exceto a última, foram batizados em Rio das Pedras[806], onde residiam:

1(VI)- ANTÔNIO, batizado em 14-FEV-1872, tendo como padrinhos: José Fernandes Pereira e Maria Sabina, ele com procuração de Manuel Rodrigues Peixoto.

2(VI)- JOSÉ, que recebeu primeiro sacramento aos 26-OUT-1873, sendo padrinhos: José Fernandes Pereira e sua mulher Luzia Ferreira Pedrosa.

3(VI)- FRANCISCO PEIXOTO DE MELO, casado com AMÉLIA JOAQUINA DE OLIVEIRA, com geração que segue.

4(VI)- JOAQUIM PEIXOTO DE MELO, nascido no dia 6-OUT-1878 e batizado aos 24-NOV-1878. Seus padrinhos foram Joaquim Rodrigues Peixoto e Maria Bárbara de Jesus. Foi casado com TEOLINDA OLÍMPIA DE MELO, com quem teve geração que segue no § 3º

5(VI)- AUGUSTO nasceu aos 27-MAR-1881 e veio a ser batizado em 21-MAIO-1881.

6(VI)- JOÃO RODRIGUES PEIXOTO ou JOÃO PEIXOTO DE MELO, casado com CONSTANÇA ETELVINA DE MELO, com geração que segue no § 4º.

7(VI)- ANA nasceu aos 23-JUL-1887 e foi batizada no dia 4-SET seguinte, tendo como padrinhos: Antônio Peixoto de Melo e Firmina Ferreira Pedrosa.

8(VI)- MARIA, nascida em 2-SET-1894, em Rio das Pedras[807]. Foi batizada na Igreja de Santo Antônio da Casa Branca (atual Glaura) aos 30-SET-1894, tendo como padrinhos: José Rodrigues Peixoto e Constância Ferreira de Pádua[808].

VI- FRANCISCO PEIXOTO DE MELO, que foi batizado em 9-ABR-1876, tendo como padrinhos: Francisco Rodrigues Peixoto e Ana Joaquina Rodrigues de Lima. Foi casado com AMÉLIA JOAQUINA DE

---

806 Livro de Batismos da Freguesia do Rio das Pedras – Acuruí (site: http://familysearch.org, consultado em JUL-2014).

807 Livro de Registro de Nascimentos (1890-1915) – Rio das Pedras – nº. 108 (Coleção Digital de Itabirito, in: www.arq.ufmg.br/nehcit/itabirito, consultado em 2016).

808 Livro de Batismos da Freguesia de Santo Antônio da Casa Branca – Glaura - 1871 a 1898 – imagem 12 (site: http://familysearch.org, consultado em ABR-2019).

OLIVEIRA, filha de José Fernandes Pereira e de Luzia Ferreira Pedrosa – nº. VIII do § 6º do Capítulo 2º - família AGUIAR. Pais de[809]:

1(VII)- JOSÉ, nascido aos 22-MAIO-1903, na Fazenda do Calado, na Freguesia de Nossa Senhora da Conceição do Rio das Pedras, onde foi batizado aos 28-JUN-1903. Padrinhos: Antônio Rodrigues Peixoto e Luzia Ferreira Pedrosa.

2(VII)- MARIA, nascida aos 22-JAN-1905, no lugar denominado Calado, sendo batizada na Freguesia de Nossa Senhora da Conceição do Rio das Pedras. Seus padrinhos foram: Augusto Peixoto de Melo (ou Augusto Fernandes de Oliveira) e Ana Joaquina Pedrosa[810].

3(VII)- MARIA nasceu em 4-OUT-1906, no lugar denominado Calado e foi batizada aos 28-OUT-1906, na Freguesia de Nossa Senhora da Conceição do Rio das Pedras, tendo como padrinhos: Miguel Fernandes de Oliveira e Ana Joaquina da Conceição.

4(VII)- JOÃO, nascido em 7-AGO-1908, no lugar denominado Fazenda do Calado, Freguesia de Nossa Senhora da Conceição do Rio de Pedras. Seus padrinhos de batismo foram: João Rodrigues Peixoto e Luzia Basília de Melo.

5(VII)- FRANCISCO, nascido em 11-MAR-1910, no lugar denominado Calado, Freguesia de Rio das Pedras.

6(VII)- ANTÔNIO nasceu em 18-MAR-1913, no lugar denominado Calado, Freguesia de Nossa Senhora da Conceição do Rio das Pedras. Seus padrinhos de batismo foram: Joaquim Rodrigues Peixoto e sua irmã Maria Joaquina de Nazaré.

7(VII)- ANA, nascida em 7-DEZ-1914, no lugar denominado Fazenda do Calado, Freguesia de Nossa Senhora da Conceição do Rio de Pedras.

§ 3º

809 Livro de Registro de Nascimentos (1890-1915) – Rio das Pedras – nº. 227, 253, 351, 392, 416, 492 e 541 (Coleção Digital de Itabirito, in: www.arq.ufmg.br/nehcit/itabirito, consultado em março/2019).

810 Livro de Batismos da Freguesia do Rio das Pedras – Acuruí (site: http://familysearch.org).

VI- JOAQUIM PEIXOTO DE MELO, nascido no dia 6-OUT-1878 e batizado aos 24-NOV-1878, filho do Capitão Antônio Rodrigues Peixoto e de Ana Joaquina Pedrosa (nº V do § 2º). Seus padrinhos foram Joaquim Rodrigues Peixoto e Maria Bárbara de Jesus. Foi casado com TEOLINDA OLÍMPIA DE MELO, filha de Olímpio Fernandes de Melo e de Filomena Rodrigues Pedrosa – nº. 6(IX) do nº. VIII do § 5º do Capítulo 2º - família AGUIAR. Tiveram os seguintes filhos, todos nascidos na Freguesia de Rio das Pedras, atual Acuruí:

1(VII)- MARIA, nascida em 1º-FEV-1909, no lugar denominado Chapada, tendo como padrinhos de batismo o avô materno e a avó paterna[811].

2(VII)- SALVINA, batizada na Capela de São Vicente, na Freguesia de Rio das Pedras, aos 23-JUL-1911, sendo padrinhos: Capitão Antônio Rodrigues Peixoto e Mariana Joaquina Pedrosa[812].

3(VII)- TEOLINDA, que nasceu em 10-SET-1912, no lugar denominado Chapada[813].

4(VII)- EVA, nascida em 4-NOV-1913 no lugar denominado Chapada e batizada no dia 11 subsequente, na Freguesia de Rio das Pedras, tendo como padrinhos: Augusto Rodrigues Peixoto e Luzia Basília de Melo[814].

§ 4º

VI- JOÃO RODRIGUES PEIXOTO, que também assinava JOÃO PEIXOTO DE MELO, filho do Capitão Antônio Rodrigues Peixoto e de Ana Joaquina Pedrosa (nº V do § 2º). Nascido em 17-MAIO-1885 e batizado no dia 30 subsequente. Foram padrinhos: Olímpio Fernandes de Melo e sua mulher Filomena Rodrigues Pedrosa. Foi casado com CONSTANÇA ETELVINA DE MELO, filha de Olímpio Fernandes de Melo e de

811 Livro de Registro de Nascimentos (1890-1915) – Rio das Pedras – nº. 394 (Coleção Digital de Itabirito, in: www.arq.ufmg.br/nehcit/itabirito, consultado em JUN/2019).

812 Livro de Batismos da Freguesia do Rio das Pedras – Acuruí (site: http://familysearch.org).

813 Livro de Registro de Nascimentos (1890-1915) – Rio das Pedras (Coleção Digital de Itabirito, in: www.arq.ufmg.br/nehcit/itabirito, consultado em JUN/2019).

814 Livro de Registro de Nascimentos (1890-1915) – Rio das Pedras – nº. 507 (Coleção Digital de Itabirito, in: www.arq.ufmg.br/nehcit/itabirito, consultado em JUN/2019).

Filomena Rodrigues Pedrosa – nº. 10(IX) do nº. VIII do § 5º do Capítulo 2º - família AGUIAR. Pais de[815]:

1(VII)- MARIA CONCEIÇÃO PEIXOTO nascida em 10-ABR-1912, no lugar denominado Chapada, Arraial do Rio das Pedras. Teve como padrinhos de batismo os avós paternos.

2(VII). JOSÉ, nascido em 17-NOV-1914, no lugar denominado Chapada, no Arraial do Rio das Pedras. Seus padrinhos de batismo foram: Francisco Peixoto de Melo e sua irmã Ana, filha de Antônio Peixoto de Melo.

§ 5º

V- MARIANA JOAQUINA RODRIGUES PEIXOTO, filha do Sargento-Mor Francisco Rodrigues Peixoto e de Ana Joaquina Ribeira (nº. III do § 2º acima). Casou-se com JOSÉ PEREIRA DE REZENDE aos 27-JUN-1826, na Capela de São Gonçalo do Tijuco, em cerimônia realizada pelo Padre Manuel Rodrigues Peixoto, de licença. As testemunhas foram o Alferes José Pereira da Rocha e o Sargento-Mor Francisco Rodrigues Peixoto[816]. Foram moradores em Rio das Pedras (Acuruí) e figuram com os dois primeiros filhos no censo de 1831[817]. Pais de:

1(VI)- FRANCISCO, com 4 anos de idade no censo de 1831.

2(VI)- JOSÉ, com 2 anos em 1831.

3(VI)- MARIA, batizada aos 29-NOV-1831, em Rio das Pedras, sendo padrinhos: Manuel Rodrigues Peixoto e sua mulher Maria Pereira Lima, moradores na Freguesia de Cachoeira do Campo.

COMUNICAÇÕES PESSOAIS

CORRÊA, Breno Henrique Booz Carvalho.

DEUS, Gercina Pedrosa de.

MAGALHÃES, Vander.

---

[815] Livro de Registro de Nascimentos (1890-1915) – Rio das Pedras – nº. 450 e 540 (Coleção Digital de Itabirito, in: www.arq.ufmg.br/nehcit/itabirito, consultado em JUN/2019).

[816] Livro de Casamentos da Freguesia de Cachoeira do Campo – 1734 a 1842 - p. 141v (Arquivo Eclesiástico da Arquidiocese de Mariana – AA-13).

[817] Arquivo Público Mineiro, mapas de população, caixa 11, documento 2.

PEDROSA, Ivanilde.

PEDROZA, Pedro Ferreira.

PEDROZA, Renato Benedito.

SILVA, Ione Magalhães da.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMATO, Marta. *Família Andrade de Minas Gerais. Ascendência e descendência de Antônio de Brito Peixoto. 500 anos de História*. Campinas: edição da autora, 2016.

AMATO, Marta. *Bento da Costa Preto. Um Paulista nas Minas Gerais*. São Carlos: edição da autora, 2017.

BARBOSA, Waldemar de Almeida. *Dicionário histórico-geográfico de Minas Gerais.* Belo Horizonte, 1971.

Cartas de Sesmaria. In: Revista do Arquivo Público Mineiro, v. 4. Belo Horizonte: Imprensa Oficial de Minas Gerais, 1899.

CARVALHO, Adilson de. *A Freguesia de Nossa Senhora da Assumpção do Cabo Verde e sua história (das minas de ouro aos cafezais)*, 1998.

CORRÊA, Breno Henrique Booz Carvalho. *Porvindouros de um nobre legado*. In: Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Minas Gerais nº. 44 – suplemento especial de genealogia. Belo Horizonte: Usina do Livro, 2019.

COSTA, Joaquim Ribeiro. *Toponímia de Minas Gerais com Estudo Histórico da Divisão Territorial Administrativa*. Belo Horizonte: Imprensa Oficial do Estado, 1970.

CRUZ, Rodnei Brunete. *Resumo do 1º Livro de Casamentos de Santana do Parnaíba, coligidos por Silva Leme*. In: Revista da ASBRAP nº. 2, 1995.

DAUNT, Ricardo Gumbleton, *O capitão Diogo Garcia da Cruz, neto de Diogo Garcia e Julia Maria da Caridade, naturais da Ilha do Faial, e sua geração*. In: Revista do Instituto Heráldico-Genealógico nº. 9. São Paulo, 1942-1943

FIORILLO, Padre Miguel Ângelo. *Fundamentos Históricos da Paróquia de Nossa Senhora da Boa Viagem*. Belo Horizonte: Editora O Lutador, 1996.

GASPAR, Tarcísio de Souza. *O Arraial de São Gonçalo do Tijuco: história, memória e patrimônio do distrito de Amarantina em Ouro Preto*. Cad. Pesq. Cdhis. v. 23, nº. 1. Uberlândia, jan./jun. 2010 (*site* www.seer.ufu.br/index.php/cbhis/article/viewFile 17712/7128, consultado em 17-JUN-2014)

ISOLDI, Maria Celina Exner Godoy. *Transcrições de assentos matrimoniais de filhas dos inconfidentes Cláudio Manuel da Costa e Inácio José de Alvarenga.* In: Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Minas Gerais nº. 44 – suplemento especial de genealogia. Belo Horizonte: Usina do Livro, 2019.

ISOLDI, Maria Celina Exner Godoy. *Um Antigo Habitante da Região de Cabo Verde (Minas Gerais): Frutuoso Machado Tavares e Silva*. In: Revista da ASBRAP nº. 5, 1998.

ISOLDI, Maria Celina Exner Godoy. *Um Ramo da Família Bueno de Camargo*. In: Edição Comemorativa do Cinquentenário do Instituto Genealógico Brasileiro. São Paulo: 1991.

ISOLDI FILHO, Carlos Alberto da Silveira. *A família Verlangieri, originária da Comuna de Polla, na Itália, e suas ramificações nos Estados Unidos da América e no Brasil*. In: Revista da ASBRAP nº. 12, 2006.

ISOLDI FILHO, Carlos Alberto da Silveira. *Furlanetto: uma família de origem vêneta*. In: Revista da Revista da Associação Brasileira de Pesquisadores de História e Genealogia ASBRAP nº. 16, 2010.

ISOLDI FILHO, Carlos Alberto da Silveira. *Os Santomauros que, de Montepeloso, migraram para Padula*. In: Revista da ASBRAP nº. 20, 2013.

LEME, Luiz Gonzaga da Silva. *Genealogia Paulistana*, v. 7. São Paulo: Duprat & Cia., 1905.

MARTINS, Antônio de Assis (organizador). *Almanak administrativo, civil e industrial da Província de Minas Gerais do anno de 1874 para servir no de 1875*. Ouro Preto: Tipografia de J. F. de Paula Castro, 1874.

Minas Gerais, ano I, nº. 215, de 28-NOV.1892.

Minas Gerais, ano VIII, nº. 74, de 22-MAR-1899.

Monographia da Freguezia da Cachoeira do Campo (Município de Ouro Preto) Parte Histórica. In: Revista do Arquivo Público Mineiro. Ano XIII - 1908. Belo Horizonte: Imprensa Oficial de Minas Gerais, 1909.

NOBRE, Eduardo Dias Roxo. *Capitão Vicente e seus descendentes*. São José do Rio Pardo: edição do autor, 2001.

PEDROSA, Gercina. *Maria Conga e Etelvina*. In: Itabirito em Revista, Edição Especial nº. 3. Itabirito: editor Emílio F. Nolasco, 2014.

RIBEIRO DO VALLE, José. *"E eles também cresceram e se multiplicaram ...": os Ribeiro do Valle, da região de São João D'El Rei às nascentes dos rios Pardo e Sapucaí*. São Paulo: J. R. do Valle, 1982.

SILVEIRA, Carlos da. *Aditamento à Genealogia Paulistana*. In: Revista Genealógica Latina, v. XX. São Paulo, 1968.

TRINDADE, Cônego R. *Velhos Troncos Mineiros*, v. I e II. São Paulo: Revista dos Tribunais, 1955.

GENEALOGIA E HISTÓRIA DA FAMÍLIA DO CONSELHEIRO LEÔNCIO DE CARVALHO

Renato de Lucca

***Resumo**: Novos dados sobre a origem e família do Conselheiro Leôncio de Carvalho, antigo ministro do Império, fundador do Liceu de Artes e Ofícios e responsável pela reforma educacional brasileira.*

***Abstract**: New data on the origin and family of the Counselor Leôncio de Carvalho, former minister of the Empire, Lyceum of Arts and Crafts founder and responsible for the Brazilian educational reform.*

Agradecimentos

Meus sinceros agradecimentos aos genealogistas Roberto Menezes de Moraes pelo incentivo e apoio, Carlos Eduardo Uchôa Fagundes Jr. e Alan Camargo por indicarem algumas fontes para este artigo.

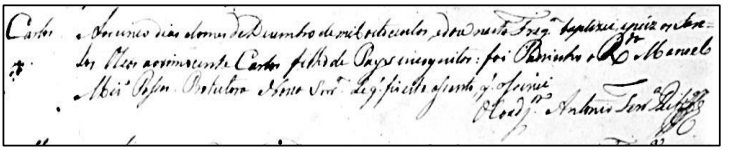
Apresentação

No curso de uma pesquisa mais abrangente sobre meu trisavô polemista no século XIX, Dr. Antônio Teixeira da Silva, deparei-me com uma peculiar família cujo membro mais antigo foi um distinto aluno formando em 1836 em uma das primeiras turmas das Arcadas, o Dr. Carlos Antônio de Carvalho, pai dos famosos Conselheiro Leôncio de Carvalho e do Dr. Carlos Antônio de França Carvalho, bem como sogro do Barão de Massambará, Visconde de Cananéia, Dr. Teixeira de Carvalho, Dr. Brasil Silvado e do Dr. Teixeira da Silva.

Este artigo apresenta informações genealógicas e históricas inéditas destas famílias a quem meu trisavô Teixeira da Silva esteve aliado por laços de seu primeiro matrimônio, servindo de base para uma melhor contextualização e conhecimento dos personagens e seus entrelaçamentos familiares.

Família Azevedo Carvalho
§ único

I- **DR. CARLOS ANTÔNIO DE CARVALHO**. Nasceu no Rio de Janeiro/RJ onde foi batizado em 05-DEZ-1812 na igreja da freguesia do Santo Sacramento da Sé, sendo padrinho o Reverendo Manoel Martins Passos, em cujo assento consta ser filho de pais incógnitos[1].



Batismo de Carlos (paróquia S.Sacramento - 1812)

Graças ao seu prontuário de aluno[2] e ao livro de bacharéis[3] da Faculdade de Direito de São Paulo que sobreviveram ao incêndio ocorrido naquela instituição em 1880, pude ter acesso aos comprovantes de matrículas, notas e comprovação de conclusão do curso que apontam como pai o Coronel Antônio José de Carvalho, bem como a um ofício onde o próprio aluno solicita em 1831 sua certidão de batismo ao pároco identificando-se como filho natural de Emerenciana Joaquina Corrêa. Destes nada se sabe além parecerem ter boa condição de vida possibilitando o filho estudar em uma faculdade. Segue parte do ofício do prontuário do aluno:

> *"Diz Carlos Antonio de Carvalho filho natural de D. Emmerencianna Joaqu^na^ Corr.^a^ natural e baptizado na Freguesia do S. Sacramento que se lhe faz preciso que o referido Parocho lhe passe por certidão theor do assento do seo baptismo, e como o não pode fazer sem despacho. R.^o^ 26 de 9br.^o^ de 1831."*

Carlos Antônio de Carvalho ingressou no curso de Direito em 1832 e se formou em 1836, época do Diretor Dr. José Maria de Avellar Brotero, do Presidente do ato Dr. Carlos Carneiro de Campos, do Secretário Ildefonso Xavier Ferreira e do Chanceler Antônio Maria de Moura. Não há menção do

---

[1] Paróquia do Santíssimo Sacramento da Sé do Rio de Janeiro/RJ, Livro de Batismos nº 5 da, pág.67, "Carlos", em 05-DEZ-1812, acessado em 02-JUN-2019, disponível em:https://www.familysearch.org/ark:/61903/3:1:939F-R8FS-7?i=73&cc=1719212&cat=57132

[2] Acervo da Faculdade de Direito de São Paulo, Prontuário do aluno Carlos Antônio de Carvalho, Ano de 1832, № 236.

[3] Acervo da Faculdade de Direito de São Paulo, Livro de registro da carta dos Bacharéis, Ano 1836, pág. 114.

nome de Carlos Antônio de Carvalho nos livros de história dos alunos daquela faculdade.

Faleceu[4] na cidade do Rio de Janeiro em 15-JAN-1899 com 86 anos e foi sepultado no cemitério São João Batista[5], deixando geração que veremos em breve.

> *"Dr. Carlos Antonio de Carvalho - A baronesa de Massambará, o Dr. Carlos Antonio de França Carvalho, conselheiro Carlos Leoncio de Carvalho e sua mulher D. Angela Souza Queiroz de Carvalho, viscondessa de Cananeia, D. Maria Carlota T. de Carvalho, D. Maria Augusta Brasil Silvado e seu marido Dr. João Brasil Silvado, D. Maria Joanna Teixeira da Silva e seu marido Dr. Antonio Teixeira da Silva, coronel Joaquim José de Carvalho, Dr. Vicente Carlos de França Carvalho e sua mulher D. Maria Virgilia de França Carvalho, desembargador D. Carlos de Souza Silveira e sua mulher D. Dolores Avellar de Souza Silveira convidam os seus parentes e amigos para acompanharem hoje, 16 do corrente, às 9 horas, da rua Marques de Olinda n. 31 para o cemitério de São João Baptista, os restos mortais de seu muito prezado pai, sogro, irmão, avô, e amigo, Dr. Carlos Antonio de Carvalho, e por esse ato religioso se confessam desde já agradecidos". - Gazeta de Notícias (RJ) de 16 de janeiro de 1899*

Casou no Rio de Janeiro em 1840, conforme os jornais cariocas publicaram larga notícia[6] da comemoração no ano de 1890 do cinquentenário de seu casamento com Maria Luiza de Azevedo Carvalho, falecida em Vassouras/RJ na casa de uma de suas filhas no dia 15-JUN-1893, filha de José Antônio de Carvalho e Joaquina Maria de Azevedo. Raras são as informações sobre ela, sendo conhecida a existência de seu inventário no 2º Ofício de Juízo Civil de Órfãos de Niterói/RJ, porém não localizado, o qual certamente traria luz quanto aos seus herdeiros e aos seus bens mencionados em 30 Contos de Réis.

Segue abaixo os anúncios fúnebres da sua esposa[7], onde constatamos interessantes vínculos familiares mediante a menção dos nomes dos filhos Dr. França Carvalho, Cons. Leôncio de Carvalho, Maria Joanna Quintão de

---

[4] Corregedoria Geral da Justiça do Rio de Janeiro, 5º Circunscrição, Livro de Óbitos C-21, Folha 15v, Termo 58, Carlos Antônio de Carvalho na data de 15-JAN-1899, acesso em 02-JUN-2019, disponível em: https://www.familysearch.org/ark:/61903/3:1:S3HY-DZF9-8SL?i=15&cc=1582573

[5] Gazeta de Notícias, Rio de Janeiro, 16-JAN-1899, Ano XXV, nº 16, pág.4

[6] Gazeta de Notícias, Rio de Janeiro, 29-SET-1890, Ano XVI, nº 272, pág.1

[7] Correio Paulistano, São Paulo, 21-JUN-1893, Ano XXXIX, № 11.002, pág.3

Carvalho Teixeira da Silva e do genro Joaquim José Teixeira de Carvalho casado com sua filha Maria Carlota. No outro anúncio cita Maria Luiza como esposa do Dr. Carlos Antônio de Carvalho, mãe de França Carvalho e Leôncio, sogra do Dr. Teixeira da Silva[8].

> *"ANNUNCIOS - D. Maria Luiza de Azevedo Carvalho - O dr. Carlos Antonio de França Carvalho e sua senhora, o conselheiro Leoncio de Carvalho e sua senhora (ausentes), d. Maria J. Q. de Carvalho Teixeira da Silva e Joaquim José Teixeira de Carvalho, filhos, noras e neto da virtuosa sra. D. Maria Luiza de Azevedo Carvalho, fallecida em Vassouras, mandam celebrar no dia 22 do corrente, às 8 horas da manhã, na egreja por sua alma, e para este acto de religião e caridade convidam as pessoas de sua amisade". - Correio Paulistano de junho de 1893*

> *"Passamento - Soube-se hontem nesta capital, por telegramma expedido de Vassouras, Estado do Rio, ter-se dado naquella cidade o fallecimento da sra.d.Maria de Carvalho, esposa do dr. Carlos Antonio de Carvalho, mãe dos srs. Conselheiro Leoncio de Carvalho e dr. França Carvalho, deputado federal, e sogra do dr. Teixeira da Silva, advogado nesta capital. Pezames á familia da finada". - Correio Paulistano de junho de 1893*

Antes de apresentar os filhos do Dr. Carlos Antônio de Carvalho é importante comentar que por ser um sobrenome comum existe alguma confusão em creditar o nome do Conselheiro Carlos Augusto de Carvalho como filho deste casal, apesar da sua semelhança física com o filho legítimo Leôncio de Carvalho. Porém, sabe-se que Carlos Augusto de Carvalho[9] nasceu no Rio de Janeiro em 20-MAR-1851 e faleceu em 05-SET-1905, sendo filho do Tenente-Coronel José Carlos de Carvalho e de Antônia Francisca Ferraz de Carvalho, concluindo seus estudos quando se bacharelou em Direito no ano de 1873 em São Paulo. Foi presidente da província do Pará e do Paraná entre 1882 e 1883, ministro das relações exteriores no governo de Floriano Peixoto, ministro da agricultura, chefe da polícia do Paraná, diretor do Banco da República, advogado do Paraná na questão de limites com Santa Catarina.

O casal Carlos Antônio e Maria Luiza tiveram dez filhos, deixando seis mulheres e dois homens maiores:

1(II)- Maria Luiza de Azevedo Carvalho (Baronesa de Massambará), que segue.

2(II)- Dr. Carlos Antônio de França Carvalho, que segue.

---

[8] Correio Paulistano, São Paulo, 17-JUN-1893, Ano XXXIX, № 10.999, pág. 1

[9] *Carlos Augusto de Carvalho*, Wikipédia, Acessado em 01-JUN-2019.

3(II)- Conselheiro Carlos Leôncio da Silva Carvalho, que segue.

4(II)- Maria Procópia de Azevedo Carvalho, que segue.

5(II)- Maria Eugenia de Azevedo Carvalho (Viscondessa de Cananéia), que segue.

6(II)- Carlos Antônio de Carvalho Junior, que segue.

7(II)- Maria Augusta de Azevedo Carvalho, que segue.

8(II)- Maria Carlota de Azevedo Carvalho, que segue.

9(II)- Maria Joanna Quintão de Carvalho, que segue.

10(II)- *desconhecida*.

II- MARIA LUIZA DE AZEVEDO CARVALHO (BARONESA DE MASSAMBARÁ). Nasceu no Rio de Janeiro/RJ em 22-MAI-1843 e faleceu[10] em casa na Rua da Praia do Botafogo nº 390 com 69 anos no Rio de Janeiro/RJ em 21-OUT-1912 sem deixar descendentes e foi sepultada no cemitério de São Francisco Xavier.

Contraiu matrimônio em Niterói/RJ[11] em 13-FEV-1869 com o Barão de Massambará (1822-1898), Marcelino de Avellar e Almeida, filho do Barão de Ribeirão, José de Avellar e Almeida, sendo segundas núpcias dele[12]. Marcelino casou-se em primeiras núpcias com sua prima-irmã Ana Rita de Avelar, filha do Capitão Marcelino José de Avelar e Almeida e de Francisca de Paula Corrêa e Castro, que é filha de Laureano Corrêa e Castro, Barão de Campo Belo, deixando a filha Francisca de Paula.

Conforme anúncio fúnebre abaixo[13], identificamos as irmãs da baronesa, de nome Maria Eugênia conhecida como a Viscondessa de Cananéia, outra de nome Maria Carlota e por fim Maria Augusta, conhecida como viúva Brasil Silvado. Consta também o cunhado Dr. Teixeira da Silva casado com sua irmã Maria Joanna, o seu sobrinho Dr. Vicente França de Carvalho[14] e o cunhado e desembargador Dr. Dom Carlos Balthazar da Silveira casado com sua sobrinha

[10] Corregedoria Geral da Justiça do Rio de Janeiro, 5º Circunscrição, Livro de Óbitos nº 48, Folha 150, Termo 1099, Baronesa de Massambará na data 21-OUT-1912, acessado em 02-JUN-2019. Disponível em: https://www.familysearch.org/ark:/61903/3:1:S3HY-XCZS-WP1?i=149&cc=1582573

[11] FORJAZ, Jorge. MENDES, Antônio Ornelas. *Genealogias das Quatro ilhas: Faial, Pico, Flores, Corvo*. Rio de Janeiro:Dislivro Histórica, 2009, vol.1, pág. 173.

[12] MORAES, Roberto Menezes. NOVAES, Vilma Dutra de. *A primeira família de Vassouras: os descendentes de Francisco Rodrigues Alves e Antonio Barbosa de Sá*, Rio de Janeiro, 1993, parte III, pág.90 a 95.

[13] Correio Paulistano, São Paulo, 23-OUT-1912, nº 17.691, pág.4

[14] O Paiz, Rio de Janeiro, 22-OUT-1912, Ano XXVIII, nº 10.243, pág.5

Dolores Avellar de Souza Silveira[15], filha de sua irmã Maria Eugênia. Por último, o Dr. Arthur de Vasconcellos, casado com "Lilita", filha da Dolores mencionada a pouco[16].

> *"Falleceu na Capital federal a exma. Sra. D. Maria Luiza de Azevedo Carvalho, baroneza de Massambará. Senhora distincta, de preciosas virtudes, consagrou sua vida à pratica do bem. Era viúva do barão de Massambará e não deixa filhos. Entre os seus parentes contam-se a viscondessa de Cananéa, d. Maria Carlota de Carvalho, viúva Brasil Silvado, dr. Arthur de Vasconcellos, dr. Teixeira da Silva, dr. Vicente França Carvalho e desembargador Dr. Carlos da Silveira". - Correio Paulistano de 23 de outubro de 1912.*
>
> *"Baroneza de Massambará - Na visinha capital, faleceu segunda-feira, 22 do corrente, a exma. baroneza de Massambará, após longos e dolorosos sofrimentos. A finada era filha do sr. Carlos Antonio de Carvalho, viuva do exmo. Barão de Massambará, que foi verdadeira influencia politica na comarca de Vassouras, e tia da exma. Esposa do sr. desembargador d. Carlos de Souza da Silveira. A finada deixou avultada fortuna. À sua illustre familia nossas consolencias". O Fluminense de 24 de outubro de 1912.*
>
> *"Baroneza de Massambará - A viscondessa de Cananéa e família, Maria Carlota de Carvalho e família, viúva Brazil Silvado e família, Dr. Teixeira da Silva e família, Dr. Vicente de França Carvalho e família, desembargador dr. Carlos da Silveira e família, Dr. Arthur de Vasconcellos e família e Porcina de Avellar Calvet e família convidam os parentes e amigos para acompanharem o féretro da BARONEZA DE MASSAMBARÁ, cujo saimento terá logar hoje, terça-feira, ás 5 horas, da praia do Botafogo n. 390, para o cemitério de S. Francisco Xavier". - O Paiz de 22 de outubro de 1912*
>
> *"Fallecimentos - Falleceu hotem as 5 horas da tarde, em sua residência, a praia de Botafogo 390, a exma. Sra. D. Maria Luiza de Azevedo Carvalho, baroneza de Massambará. Senhora distincta, de preciosas virtudes, consagrou sua vida à pratica do bem. Era viúva do barão de Massambará e não deixa filhos. À sua família, especialmente à viscondessa de Cananéa, d. Maria Carlota de Carvalho, viúva Brazil Silvado, dr. Arthur de Vasconcellos, dr. Teixeira da Silva, dr. Vicente França Carvalho e desembargador Dr. Carlos da Silveira, enviamos sentidas condolências. O enterro da baroneza de Massambará effectua-se hoje, ás 4 horas, saindo o féretro da residência acima indicada, para o cemitério de S. Francisco Xavier". - O Paiz de 22 de outubro de 1912.*

[15] O Fluminense, Rio de Janeiro, 24-OUT-1912, Ano 35, nº 8.604, pág.1

[16] O Paiz, Rio de Janeiro, 22-OUT-1912, Ano XXVIII, nº 10.243, pág.13

III- DR. CARLOS ANTÔNIO DE FRANÇA CARVALHO. Nasceu em 11-SET-1845 na Vila de Iguaçu/RJ[17], batizado na freguesia de Santo Antônio de Jacutinga e freguês da paróquia de São Domingos no Rio de Janeiro.

Formado pela Faculdade de Direito de São Paulo em 1867 era árduo defensor dos ideais abolicionistas[18] e um dos fundadores da sociedade secreta estudantil *Fraternização* que logrou libertar muitos escravos. Ele alforriou todos os escravos cativos na fazenda que pertencia a ele próprio e a seu irmão, o Conselheiro Leôncio de Carvalho, logo que começou o movimento abolicionista. Um dos interessantes relatos históricos de Jorge Americano[19] é a respeito de um sujeito que tinha sido escravo do Cons. Leôncio de Carvalho e que ficou perambulando e bebendo pelas ruas após a abolição da escravatura, dando vivas à monarquia e ao conselheiro, ganhando o nome de "Preto Leôncio". Um dia à noite caminhando pelas ruas ele começou um comício na esquina vazia e mal iluminada da Rua de São João, quando os cavalarianos chegaram e ouvindo os brados, abriram fogo, acertando a perna do homem que teve a perna torta como sequela. Apesar disso fez seus comícios até morrer. França Carvalho foi um dos sócios fundadores do Liceu de Artes e Ofícios de São Paulo em 1873, redator chefe do jornal *Reforma* e filiado ao Partido Liberal foi eleito Deputado por diversas vezes no Rio de Janeiro entre 1878 e 1891, quando deixou a monarquia e participou dos trabalhos de elaboração da primeira Constituição da República, sendo que em Junho seguinte assumiu sua cadeira na Câmara dos Deputados até Dezembro de 1893, quando se encerrou o seu mandato e a legislatura. Ele era descrito[20] como alto, corpulento, rosto redondo, claro e corado, olhos e cabelos castanhos, barba loura e no estilo inglês. Era muito inteligente e regularmente aplicado. Orador, jornalista e bom estudante de direito. Falava com bastante fluência, dicção nítida e voz um tanto estridente quando na tribuna se apaixonava pelo debate. Era de trato amabilíssimo. Indulgente como os de almas grandes e bondoso para com todos, Dr. França Carvalho tinha fácil o elogio e na apreciação alheia o qualificativo: "*é um cidadão distinto!*". O Dr. França Carvalho, como era conhecido, sempre foi solidário com as ideias pedagógicas[21]

---

[17] BLAKE, Augusto Victorino Alves Sacramento. *Diccionario Bibliographico Brazileiro*, Rio de Janeiro: Conselho Federal de Cultura, 1970, vol. 2 de 1893, pág.47.

[18] ABREU, Alzira Alves de. *Dicionário Histórico-Biográfico da Primeira República 1889-1930*, São Paulo: Editora CPDOC/FGV, 2015.

[19] Americano, Jorge. *São Paulo naquele tempo 1895 - 1915*, São Paulo: Edição Saraiva, 1957, pág. 166.

[20] NOGUEIRA, Almeida. *A Academia de S. Paulo Tradições e Reminiscências*, São Paulo, 1910, 8ª série, pág. 165.

[21] CALMON, Pedro. *Universidade do Brasil: História da Faculdade Nacional de Direito 1891-1920*, Rio de Janeiro: Editora A. Coelho Branco Filho, 1945, pág. 144.

de seu irmão e acreditava na necessidade de completa regeneração do ensino, não pelo rigor de estilo antigo, senão pela tolerância, pela espontaneidade, pela sinceridade de um sistema liberal. Esta foi a proposta apresentada por Leôncio de Carvalho em 1871 na Faculdade de Direito de São Paulo, que apregoava acabar com cobrança de faltas, lições e sabatinas nos cursos superiores, sendo estes métodos de valia para a instrução primária e secundária, mas impróprio para faculdade, cujas aulas deveriam ser frequentadas por alunos que já deviam dispor de um espírito culto sabendo o que mais lhe convinha aos seus interesses e aspirações. A proposta da reforma era compelir o estudante ao exemplo de seu mestre, mostrando proficiência nas lições e severidade dos exames, deixando o aluno estudar com quem e onde quiser, indo prestar perante os lentes da faculdade as provas determinadas por lei. Concedeu a todo cidadão o direito de abrir cursos em que lecione e desenvolva qualquer ciência, tendo como único juiz de seu mérito a opinião independente do público. No arrojo desta proposta metodológica e mediante a Constituição de 1891 que permitia o ensino jurídico por escolas particulares é que se delineou o projeto da metodologia da Faculdade Livre de Direito do Rio de Janeiro, a qual coube ao Dr. França Carvalho a honra de ter sido o principal fundador desta faculdade, na qual foi diretor de 4-NOV-1892, após desistência do Dr. José Joaquim do Carmo[22], até morrer e ser substituto na direção pelo seu irmão Cons. Leôncio de Carvalho de 6-FEV-1909 até 1912 quando também faleceu. A atual Faculdade Nacional de Direito pertencente hoje à Universidade Federal do Rio de Janeiro e é resultado da fusão ocorrida em 1920 das duas escolas de direito existentes à época na então capital da república, a cidade do Rio de Janeiro. A primeira e maior escola, denominada *Faculdade Livre de Sciencias Jurídicas e Sociaes do Rio de Janeiro* foi fundada em 18-ABR-1882, mas somente foi autorizada a funcionar em 1891. A segunda escola, denominada *Faculdade Livre de Direito do Rio de Janeiro* foi fundada em 1891 pelo Dr. França Carvalho. As duas escolas foram criadas por professores que oscilavam entre correntes progressistas e conservadoras, republicanas e monarquistas, formados em São Paulo, Recife e Coimbra. Sua unificação só foi possível quase trinta anos após a fundação das escolas, em razão dos problemas políticos. Com a fusão em 1920 foi instituída a *Faculdade de Direito da Universidade do Rio de Janeiro*, transformada em 1937 na *Faculdade Nacional de Direito da Universidade do Brasil*. Em 1967 o governo militar alterou sua denominação para a atual, embora ainda seja possível utilizar a denominação *Faculdade Nacional de Direito*[23].

[22] CALMON, Pedro. *Universidade do Brasil: História da Faculdade Nacional de Direito 1891-1920*, Rio de Janeiro: Editora A. Coelho Branco Filho, 1945, págs. 300-306.

[23] *Faculdade Nacional de Direito*, Wikipédia, acesso em 02-JUN-2019.

O Dr. França Carvalho faleceu em 19-JAN-1909 no Rio de Janeiro/RJ[24], sendo sepultado no nº 2673 no cemitério São João Batista, posteriormente homenageado com seu busto na faculdade que fundou.



Dr. França Carvalho (1909) Faculdade de direito no Rio de Janeiro[25]

Casou em São Paulo/SP na casa do Barão de Limeira em 25-JAN-1870 com Maria Olésia de Souza Queiróz, nascida na capital de São Paulo em 23-MAI-1847, batizada na paróquia da Sé, filha deste barão, e falecida na cidade do Rio de Janeiro em 31-DEZ-1893, sepultada no cemitério São João Batista[26] junto a seu esposo.

No anúncio da missa de sétimo dia de Maria Olésia consta no rol de parentes pelo lado do seu marido, o seu único filho Vicente Carlos, as cunhadas Viscondessa de Cananéia, Baronesa de Massambará, Maria Augusta casada com o Dr. João Brasil Silvado, Maria Joanna casada com o Dr. Teixeira da Silva, seu cunhado Conselheiro Leôncio de Carvalho casado com sua irmã Ângela, seu sogro Dr. Carlos Antônio de Carvalho, faltando o nome de uma de suas cunhadas, talvez solteira na época.

> *"D. Maria Olezia de Souza Queiroz França Carvalho - O dr. Carlos Antonio de França Carvalho, dr. Vicente Carlos de França Carvalho, baroneza de Limeira, d. Genebra de Souza Queiroz Barros, ...(etc)... Dr. Carlos Antonio de Carvalho, visconde e viscondessa de Cananéa, barão e baroneza de Massambará, Dr. João Brazil Silvado, Maria Augusta Carvalho Silvado, Dr. Antonio Teixeira da Silva, d. Maria Joanna Teixeira da Silva, convidam os seus parentes e amigos para assistirem segunda-feira 8 do corrente as missas que*

[24] O Paiz, Rio de Janeiro, 24-JAN-1909, Ano XXV, nº 8.879, pág.7.

[25] CALMON, Pedro. *Universidade do Brasil: História da Faculdade Nacional de Direito 1891-1920*, Rio de Janeiro: Editora A. Coelho Branco Filho, 1945, pág.129.

[26] Diário de Notícias, Rio de Janeiro, 07-JAN-1894, Ano XI, № 3.091, pág.3

por alma de sua esposa, mãe, filha, irmã, nora e cunhada d. Maria Olezia de Souza Queiroz França Carvalho mandam celebrar na egreja de S. Francisco de Paula as 9 horas da manhã e na cathedral de Vassouras à mesma hora, confessando-se gratos por este acto de religião e caridade". - Diário de Notícias (RJ) de 7 de janeiro de 1894

O casal Dr. França Carvalho e Maria Olésia deixou apenas um filho:

1(IV)- DR. VICENTE CARLOS DE FRANÇA CARVALHO.

Nascido na capital de São Paulo em 11-DEZ-1869, batizado na Sé em 10-MAI-1870, falecido[27] na data de 18-JAN-1938.

Formado[28] na primeira turma de direito da Faculdade Livre de Direito do Rio de Janeiro fundada em 1891 pelo seu pai, foi o primeiro professor formado pela própria faculdade após uma nomeação em 1893 para lecionar Direito Constitucional. Permaneceu por muito pouco tempo no cargo, dirigiu por algum tempo a biblioteca da faculdade e posteriormente mudou para a cidade de São Paulo, onde exerceu o cargo de delegado de polícia, falecendo na década de 1930.

Casou com sua prima de primeiro grau, Maria Virgília de Avellar, filha de segundas núpcias do Visconde de Cananéia[29] com Maria Eugênia de Azevedo Carvalho, uma das sete irmãs do Dr. França Carvalho, sendo também Maria Virgília sobrinha do Barão de Avellar e Almeida, da Baronesa de Werneck e do Barão de Massambará pelo casamento com sua tia Maria Luiza de Azevedo Carvalho, conforme mencionado no item *1(VII)*.

O casal Vicente Carlos e Maria Virgília tiveram cerca de quatro filhos já publicados na Revista Genealógica Brasileira[30] e não serão mencionados neste artigo.

---

[27] FORJAZ, Jorge. MENDES, Antônio Ornelas. *Genealogias das Quatro ilhas: Faial, Pico, Flores, Corvo*. Rio de Janeiro:Dislivro Histórica, 2009, vol.1, pág. 180.

[28] CALMON, Pedro. *Universidade do Brasil: História da Faculdade Nacional de Direito 1891-1920*, Rio de Janeiro: Editora A. Coelho Branco Filho, 1945, pág.173.

[29] MORAES, Roberto Menezes. NOVAES, Vilma Dutra de. *A primeira família de Vassouras: os descendentes de Francisco Rodrigues Alves e Antonio Barbosa de Sá*, Rio de Janeiro, 1993, parte III, pág.90 a 95.

[30] MOYA, Cel. Salvador de. *Revista Genealógica Brasileira: Galeria Biográfica*, São Paulo:Instituto Genealógico Brasileiro, 1º semestre de 1943, Edição 7, Ano IV, pág. 309.

IV- CONSELHEIRO CARLOS LEÔNCIO DA SILVA CARVALHO.

Nasceu em 18-JUN-1847 em Nova Iguaçu/RJ[31], conforme consta em sua habilitação de casamento. Faleceu aos 65 anos de idade em 09-FEV-1912 de arteriosclerose[32].

Formou-se na Faculdade de Direito de São Paulo em 1868. Com dezenove anos de idade em 1866 e em companhia de Candido Leitão e Dídimo da Veiga fundou a revista *Palestras Academicas* de publicidade mensal[33]. Seu pai mudou-se para o Rio de Janeiro onde era comendador, mas retornava em ocasiões especiais, como por exemplo, quando foi à São Paulo no vapor *Paulista* em 1869 hospedando-se no famoso Hotel de França[34] a fim de assistir a defesa da tese de doutorado do seu filho na Academia de Direito, sendo recebido na estação por diversos amigos, que ali o foram esperar[35]. Devido à grande inteligência do seu filho, apenas um ano após seu bacharelado defendeu tese e recebeu o grau de doutor, sendo aprovado por unanimidade recebendo a nota "*plenamente*", ganhando os parabéns dos jornais e tido como "*jovem talentoso e distinto*"[36]. Era doutor de borla e capelo, além de lente de uma cadeira de Direito aos ternos 24 anos de idade em 1871. Nas palavras da imprensa[37] no início de 1870, perante o juiz municipal de Niterói, o Dr. Luiz Mattoso Duque-Estrada Câmara, deu-se uma causa que despertou a atenção pública no Rio de Janeiro envolvendo o Dr. Leôncio de Carvalho e seu pai por questões políticas:

> *"No meio das lutas ardentes da política, apesar de homem firme nas suas ideias e que as professa com franqueza, o Dr. Carlos Antônio de Carvalho tem sido sempre estimado por homens sérios e importantes do Partido Conservador, que reconhecem as excelentes qualidades daquele distinto cavalheiro e cidadão prestimoso. Disse ele: "Pertenço à geração dos Eusébio, Saturninos, Gomes de Menezes e outros vultos que nos precederam". O Dr. Carvalho tem ainda a seu favor a idade e a posição de antigo advogado que o devia escudar de violências e maus tratos dos moços que aspiram a uma boa reputação na sociedade. Não compreendemos, pois, como o juiz municipal de Niterói, ontem saído dos bancos escolásticos, desrespeitou o seu velho e distinto colega, negou-lhe até o sagrado direito de pugnar por um filho, e o mandou sair de seu tribunal e*

---

[31] AZEVEDO, Antônio Junqueira de. *Revista da Faculdade de Direito*, São Paulo: Universidade de São Paulo, 1993, vol. 88, pág. 45.

[32] Gazeta de Notícias, Rio de Janeiro, 10-FEV-1912, Ano XXXVI, nº 41, pág.3

[33] O Estado de S.Paulo, São Paulo, 10-FEV-1912, Ano XXXVIII, № 12.109, pág.6

[34] Correio Paulistano, São Paulo, 25-OUT-1883, Ano XXX, № 8.158, pág. 2

[35] Correio Paulistano, São Paulo, 09-ABR-1869, Ano XVI, № 3.843, pág.1

[36] Correio Paulistano, São Paulo,18-ABR-1869, Ano XVI, № 3.851, pág.2

[37] Correio Paulistano, São Paulo, 21-JAN-1870, Ano XVII, № 4.072, pág.2

> *recolher preso como um facínora de mau caráter. Lendo friamente as publicações feitas pelo Dr. Antônio de Carvalho e seus filhos, vê-se que o juiz municipal foi injusto e precipitado. Ainda mesmo que ele se reputasse com direito a obrigar um cidadão a defender-se quando este o não queria, ainda mesmo que se julgasse com o direito de tolher a um acusado visivelmente enfermo a faculdade de se retirar da audiência e confiar a outrem a sua defesa, ainda mesmo finalmente que notasse da parte do pai desse acusado impaciência por semelhantes atos, pedia a prudência de juiz e o cavalheirismo de moço, que houvesse mais contemplação com um cidadão que reclamava, com um colega encanecido honrosamente no Foro, com um pai que via coartada a defesa de seu filho. Não conhecemos o juiz, senão de nome. Mas esse nome lhe impunha mesmo a obrigação de corresponder à nomeada de delicadeza que seu pai e tios granjearam na carreira da magistratura". - Correio Paulistano de janeiro de 1870*

No ano seguinte Leôncio foi nomeado lente substituto[38] por decreto de 04-JAN-1871 tomando posse em 03-FEV-1872 na Faculdade de Direito de São Paulo. Também foi o principal fundador[39] do Liceu de Artes e Ofícios de São Paulo no ano de 1873, existente até os dias atuais e na época formado por um grupo de aristocratas pertencentes à elite cafeeira nacional que pretendia formar mão de obra especializada para uma futura possível industrialização do país, de acordo com os ideais positivistas que pregavam a dignificação do homem através do trabalho. Em 1874 foi um dos fundadores do Instituto dos Advogados de São Paulo[40], criado na capital paulista por iniciativa de cerca de quarenta advogados, juristas e professores da Academia de Direito, dentre os quais se destacavam os nomes de Barão de Ramalho, Américo Brasiliense de Almeida Mello, João Mendes de Almeida e João Theodoro Xavier de Mattos, cuja principal finalidade era a de promover a reunião dos advogados em proveito geral da ciência do Direito. Em 1875 ocorreu em São Paulo em algumas salas da Faculdade de Direito a abertura da Exposição Provincial dos produtos e objetos que seriam enviados para a Exposição Internacional da Filadélfia em 1876. A comissão central nomeada pelo Presidente da Província Dr. João Teodoro Xavier ficou composta pelo Conselheiro Dr. João da Silva Carrão, Desembargador Bernardo Avelino Gavião Peixoto, Dr. Antônio de Aguiar Barros, e

---

[38] BLAKE, Augusto Victorino Alves Sacramento. *Diccionario Bibliographico Brazileiro*, Rio de Janeiro: Conselho Federal de Cultura, 1970, vol. 2 de 1893, pág.82.

[39] *O Lyceu de Artes de Officios de São Paulo: Preâmbulo Histórico*, São Paulo: Liceu de Artes e Ofícios de São Paulo, 1946, pág.7 (só existem três exemplares conhecidos e um deles se encontra no acervo da instituição).

[40] AMBROSINI, Diogo Rafael. SALINAS, Natasha Schmidt Caccia. *Memórias do IASP e da advocacia de 1874 aos nossos dias*, Campinas:Millennuim, 2006, pág.46.

posteriormente o Marquês de Itu, e do Dr. Leôncio de Carvalho para promover a aquisição dos produtos e artefatos e organizar a referida exposição. Ainda em 1875 foi diretor do jornal *Correio Paulistano*, um dos jornais de maior circulação, onde defendeu ideias como a instituição das eleições diretas no país, a extinção da vitaliciedade do senado, a responsabilidade ministerial pelos atos do poder moderador e limitação da prerrogativa deste de dissolver a Câmara dos Deputados, a liberdade de culto e o casamento civil, a liberdade de indústrias e comércio, dentre outras propostas constantes da plataforma do novo Partido Liberal, reformado em 1869, convertendo-se à República depois da Proclamação. Segundo uma revista publicada pelos alunos, no dia 18-JUN-1876 foi inaugurado o retrato[41] do Dr. Leôncio de Carvalho no edifício da Faculdade de Direito do Largo São Francisco. Muitos alunos, moços, imprensa, outros doutores e desembargadores estavam presentes com suas famílias. Tocaram duas bandas de músicas postadas no saguão do edifício da Academia de Direito e prestavam as honras da recepção àqueles que chegavam. Ao meio dia com a entrada do Dr. Leôncio e sua família ao som do hino acadêmico, deu-se começo à solenidade em uma das salas do pavimento superior, devidamente ornada pelo senhor Moncada, negociante do Rio de Janeiro, que foi a São Paulo a pedido dos alunos. Por parte dos diversos estudantes discursaram Froes, Pita, Ottoni, Corrêa Dias e Peixoto Monteiro, os quais em entusiásticos discursos interpretaram os sentimentos do corpo acadêmico em relação ao mérito do Dr. Leôncio.



Cons. Leôncio de Carvalho (1909) - Faculdade Livre de Direito[42]

[41] A Academia de São Paulo, São Paulo, 26-JUN-1876, Ano I, № 10, pág.4

[42] CALMON, Pedro. *Universidade do Brasil: História da Faculdade Nacional de Direito 1891-1920*, Rio de Janeiro: Editora A. Coelho Branco Filho, 1945, pág129.

Este quadro até os dias atuais encontra-se em uma das salas da faculdade, um retrato a óleo em ponto grande do Capitão Delphim da Câmara, um dos artistas nacionais de maior mérito que havia na época. Seu trabalho satisfez a todos, que o consideraram como o melhor retrato de todos os demais existentes na faculdade. Terminada a solenidade, todo o numeroso auditório dirigiu-se à casa do Dr. Leôncio de Carvalho a convite dele, onde foi servido um *lunch* em meio a maior animação. Leôncio ocupou o posto de Ministro de Negócios do Império em 1878 presidido pelo Conselheiro Sinimbu, devido aos trabalhos realizados no Liceu de Artes e Ofícios de São Paulo, quando naquela ocasião reformou a instrução pública primária e secundária no Rio de Janeiro e o ensino superior em todo o Império através de um decreto de 1879 que levou o seu nome e autorizava o governo a criar ou auxiliar nas províncias cursos para o ensino primário, permitindo que os escravos frequentassem as escolas. Buscava também estimular a alfabetização dos adultos, exigindo a leitura e escrita, dando preferência para obtenção de empregos nas oficinas do Estado aos indivíduos que cursaram a instrução primária. No Relatório de 1878 como ministro, Leôncio de Carvalho chamou a atenção da Assembleia Legislativa para a importância da criação de cursos para o ensino primário destinado aos adultos, devido à discussão na Câmara dos Deputados sobre a reforma do sistema eleitoral que colocava como exigência que se soubesse ler e escrever para o exercício do voto. Instituiu a Reforma do Ensino Livre[43] com a liberdade de ensino e da liberdade de frequência, cujas medidas causaram muita polêmica, recebendo críticas por facilitar o crescimento das escolas particulares e por ser sua proposta excessivamente liberal[44]. Teve sua caricatura desenhada no meio de muitos olhos em uma das edições da *Revista Illustrada*[45] de autoria de Ângelo Agostini em 1878, onde a reportagem dizia que o ministro do império "*deveria compreender a importância do caso pela imensidade de olhos que na época estavam dirigidos sobre ele"*. Este periódico era semanal, editado e publicado no Rio de Janeiro entre os anos 1876 e 1898, veiculando regularmente textos e imagens intercalados nas oito páginas de cada número da revista. As imagens eram charges, caricaturas e retratos, ilustravam e evidenciavam os acontecimentos políticos, sociais, econômicos, culturais, assim como os relatos da vida cotidiana, na segunda metade do século XIX, que eram os temas

[43] AMBROSINI, Diogo Rafael. SALINAS, Natasha Schmidt Caccia. *Memórias do IASP e da advocacia de 1874 aos nossos dias*, Campinas:Millennuim, 2006, pág.47.

[44] *Índice do Glossário Sobre Educação Brasileira*, Campinas:Unicamp, acesso em 01/JUN/2019, Disponível em: *http://www.histedbr.fe.unicamp.br/*

[45] AGOSTINI, Angelo. *Revista Illustrada: caricatura de Leôncio de Carvalho*, Rio de Janeiro:Museu Imperial, 12-OUT-1878, Ano III, № 133, Disponível em http://museuimperial.museus.gov.br/dami/. Acesso em 28/MAI/2015

recorrentes em todas as edições da revista. Por decreto de 1881 foi nomeado lente catedrático de Direito Constitucional, das Gentes e Diplomacia em São Paulo e no mesmo ano foi membro do Conselho de Instrução Pública da cidade de São Paulo e eleito Deputado pela Província de São Paulo, dentre outros noventa conselheiros no Estado, como o Dr. Américo Ferreira de Abreu[46]. Em 08-MAI-1882, por ocasião do primeiro centenário do Marquês de Pombal, o *Clube Gymnastico Portuguez* realizou no seu salão nobre um sarau literário presidido pelo Conselheiro Leôncio de Carvalho, tendo feito o discurso oficial o recém-formado na Academia de Direito, Dr. Pelino Joaquim da Costa Guedes[47]. Em discursos, pareceres e escritos diversos tratou infatigavelmente de assuntos relativos a várias questões do ensino em seus diferentes graus, sendo o iniciador da liberdade do ensino nas faculdades do Império, pondo em execução a respectiva reforma, assim como da Exposição Pedagógica de 1883, em cujo congresso serviu o cargo de secretário. Entre os seus trabalhos referentes à questão de ensino, há uma conferência realizada durante a exposição sobre a "*educação da infância desamparada",* um grosso volume de documentos relativos a essa mesma exposição impresso em 1884 com uma introdução de mais de duzentas páginas, um volume de atas e pareceres do Congresso de Instrução, publicado naquele mesmo ano[48]. Em Fevereiro de 1884 outra iniciativa muito interessante ocorreu quando a famosa livraria Faro & Lino resolveu subsidiar uma das premiações que o Liceu de Artes e Ofícios de São Paulo fazia aos seus alunos destacados, instituindo um prêmio com o nome "Prêmio Leôncio de Carvalho[49]", homenageando naquele ano um aluno de desenho com o livro "*O Curso de Desenho de Eugene Ciceri*" repleto de exemplares de pinturas e inscrito a ouro com o nome do fundador[50]. Foi realizada em 21-NOV-1884 a primeira exposição de trabalhos dos alunos na presença da Princesa Isabel e do Conde D'Eu, e pelos resultados concluiu então o Governador da Província que o "*Liceu veio realmente a preencher uma grande lacuna*", fato que os régios visitantes corroboraram e distinguiram, tendo oferecido a quantia de 500 mil Réis para ser distribuída em prêmios. Um dos melhores trabalhos foi o de Manoel Santiago Peres, com a face de Vênus de

[46] Almanach Paulista: 1º Anno ao actual Presidente da Provincia de S. Paulo Exm.Sr. Conde de Tres Rios, São Paulo, 1881, pág. 161.

[47] MARTINS, Antonio Egydio. *São Paulo Antigo 1554-1910*, São Paulo:Editora Paz e Terra, 2003, pág. 272.

[48] O Estado de S.Paulo, São Paulo, 10-FEV-1912, Ano XXXVIII, № 12.109, pág.6

[49] A Provincia de São Paulo, São Paulo, 17-FEV-1884, Ano X, № 2.674, Pág. 2

[50] RIBEIRO, José Jacintho. *Chronologia Paulista*, São Paulo:Diário Oficial, 1899, vol.1, pág.126.

Milo[51]. Posterior a isso, um aluno fez uma réplica em gesso do projeto do Monumento do Ipiranga do Dr. Pinto Gonçalves e recebeu 2 Contos de Réis. Nas páginas do jornal *A Provincia de São Paulo* de 1884, podemos ler um parecer do próprio Dr. Rangel Pestana sobre o Liceu[52]:

> *"Ha mais de um ano que funciona nesta capital o Lyceu de Artes e Officios, dando, a instrução a cerca de 400 indivíduos que frequentam as diversas aulas. Subiu a 600 o número da matrícula geral. Só a matrícula no curso primário fechou-se no fim do ano com aquele número de alunos. É certo que a frequência não foi regular e proporcionada ao numero dos matriculados, mas é fora de dúvida que a das aulas primárias e de desenho, foi grande e deu uma média de mais de 200 alunos, cuja assiduidade pode-se verificar.*
> *Era, entretanto, o primeiro ano e havia a atender muita coisa em relação aos mestres e aos alunos. Aqueles iam lecionar gratuitamente, à noite, tendo outros trabalhos diários, e estes saíam de suas oficinas, muitos deles homens feitos, com preconceitos populares, e com alguma dificuldade de se sujeitarem a um regime severo de ensino.*
> *A experiência, porém, está feita e pode-se afirmar que o Lyceu é uma instituição necessária e útil. A diretoria que se reúne hoje pretende providenciar de modo a funcionarem as aulas regularmente e serem regidas por bons professores, entre os quais conta alguns que mostraram no ano findo muita dedicação e revelaram verdadeira aptidão para o ensino especial de um estabelecimento dessa ordem, onde o mestre deve ser prático, claro, preciso e paciente em suas lições. Cremos, pois, que neste ano o Lyceu prestará reais serviços à população pobre e aos operários que procuram a instrução. Esperamos mesmo que os pequenos auxílios que a instituição tem recebido do público sejam maiores e que mais pessoas se mostrem interessadas em manter um estabelecimento de instrução, cuja utilidade é incontestável. A sociedade "Propagadora de Instrução Popular" tem hoje os seus estatutos aprovados e a sua diretoria, que se compõe de cidadãos ilustres e patriotas, está disposta a empregar todos os esforços para que o Lyceu seja mais um fato honroso para a Província de São Paulo. Se no ano passado os recursos foram minguados e deficientes, não obstante a boa vontade de alguns generosos cidadãos, o que embaraçou a completa execução do programa de ensino profissional, é de crer que neste as coisas mudem e esse programa tenha uma execução mais prática e desenvolvida. Não falta ao Lyceu, e fazemos justiça dizendo que não lhe faltou até hoje, a proteção oficial.*
> *Ainda agora o atual administrador da província, na fala à Assembleia, recomenda a atenção desta, a útil instituição e lembra, como conveniente, uma subvenção. A assembleia saberá pesar as razões do honrado presidente da província e procederá na altura da compreensão da grande necessidade - instruir as classes operárias.*

[51] A Provincia de São Paulo, São Paulo, 03-DEZ-1884, Ano X, № 2.912, Pág.1

[52] A Provincia de São Paulo, São Paulo, 17-FEV- 1884, Ano X, № 2.674, Pág.1

Parece-nos que o Lyceu é digno de viver e prosperar para honra da província e utilidade daqueles que precisam instruir-se, mas não possuem os meios de pagar bons mestres".
Rangel Pestana. – A Província de São Paulo de 17 de Fevereiro de 1884

Em 1885 foi nomeado bibliotecário da faculdade em São Paulo quando ainda residia[53] na Rua Senador Feijó № 28. Também participou de muitos temas ligados à fundação da Sociedade de Imigração de São Paulo, conforme conferências feitas pelo seu diretor secretário e idealizador Dr. Ennes de Souza que reunia nomes como o de Paula Souza, Augusto Queiroz, Campos Toledo, Visconde de Pinhal, Rangel Pestana, dentre outros[54]. Entre 1885 e 1888 o *Almanach da Provincia de São Paulo* mostrava que o Liceu era considerado na área de educação uma das escolas mais importantes[55] junto com a Academia de Direito do Largo São Francisco, a Escola Normal e o Seminário Episcopal. Em Novembro 1885 o Imperador Dom Pedro II realizou uma visita ao Liceu, acompanhado do Presidente da Província, Ministro da Agricultura, Visconde de Paranaguá, Barão de Saboia, Barão de Ivinhema e muitas outras pessoas gradas da cidade, sendo introduzido pelo Presidente Leôncio de Caralho e Diretores Dr. Rangel Pestana, Dr. Antônio Carlos de Andrade e Dr. Vieira de Carvalho. Ele assistiu às aulas dos professores Rozo Lagoa, Gabriel Franzen, Antônio Aymoré e Galdino Bittencourt, e inaugurou o Museu Pedagógico, que era um conjunto de recursos didáticos composto de gravuras, modelos tridimensionais e outras peças, utilizado pelos mais modernos métodos de ensinos utilizados nos Estados Unidos e Europa, e especialmente comprado para o Liceu, na França, por seu presidente o Conselheiro Leôncio de Carvalho[56]. O Imperador demonstrou inteira satisfação perante a escola "*que faz honra a Província de São Paulo*", destinando-lhe "*o maior dos donativos com que dignou-se favorecer a instrução pública da Província*". Também neste ano a Assembleia Provincial aumentou a subvenção para 12:000$000 Réis ao Liceu, mas retirou a autorização para funcionamento no prédio da Rua Boa Morte. Assim o Liceu transferiu-se para a Rua do Imperador № 5, instalando-se no novo endereço o Museu Pedagógico e a Biblioteca que já possuía mais de 5.000 volumes. Leôncio sempre esteve ligado

[53] Almanach Administativo, Commercial e Industrial da Provincia de São Paulo para o Anno de 1885, Jorge Seckler, 1884, Ed.III, Parte III, Seção VI, pág. 134

[54] A Immigração, Rio de Janeiro, Fevereiro de 1885, Ano II, № 9, pág. 5

[55] Sandra Regina CASAGRANDE. *Desenvolvimento do Liceu de Artes e Ofícios de São Paulo e seu papel na formação da mão de obra qualificada para a arquitetura paulistana nos seus 124 anos*, 1997, pág. 23, Mestrado em Arquitetura e Urbanismo, Universidade Mackenzie, São Paulo.

[56] GORDINHO, Margarida Cintra. *Liceu de Artes e Ofícios de São Paulo: Missão Excelência*, São Paulo:Editora Marca D' Água, 2000, pág. 26.

à causa da abolição da escravatura. Em Dezembro de 1887 reuniram-se em São Paulo numerosos fazendeiros, sob a presidência do Marquês de Três Rios, fazendo parte da mesa Antônio da Silva Prado, Cons. Leôncio de Carvalho, Dr. Rafael de Barros e Dr. Albuquerque Lins, onde foi discutido como conseguir libertação total dos escravos até 31-DEZ-1890 e como modificar o regime de trabalho agrícola[57] para assegurar a permanência dos libertos[58]. Em 03-OUT-1888 os empregados do comércio de atacados de São Paulo por intermédio de uma comissão composta pelo Conselheiro Leôncio de Carvalho, Comendador Antônio da Costa Moreira, Miguel Cardoso, Vitorino Carmilo, Dolivaes Nunes, Joaquim Paião e João Aguiar conseguiram que fosse estabelecido um acordo para o fechamento das portas às seis horas da tarde em todos os dias úteis, que entrou em vigor poucos dias depois, onde a comissão foi agraciada com uma passeata dos empregados do comércio que se reuniram à noite no teatro do Clube Ginástico Português, tendo saído de lá em *marche aux flambeaux*, precedidos da banda de música *Permanentes* do 17º Batalhão de Infantaria do Exército, percorrendo diversas ruas da cidade, discursando às portas dos jornais alguns moços do comércio e o pessoal de algumas das redações das mesmas folhas, recolhendo-se a passeata na melhor ordem às nove horas da noite[59]. Por decreto de 04-OUT-1890 Leôncio foi nomeado diretor da Faculdade de Direito exercendo no ano de 1890 e 1891. Fez parte do senado paulista e do Congresso Constituinte da República, sendo também um dos relatores da 1ª Constituição de São Paulo em 1891. Por decreto de 07-FEV-1895 foi designado para a cadeira de Direito Público na Faculdade de Direito do Largo São Francisco, na qual se jubilou por decreto de 12-JAN-1901. Grande foi a contribuição quanto à Reforma Eleitoral, na questão do direito dos trabalhadores, no ensino prático de agricultura, exposição e projeto apresentado ao Congresso Nacional, teses propostas ao Congresso de Instrução Pública de que foi organizador, meios de atrair a expansão econômica, organização e fraternidade do trabalho e do capital, relatório sobre a primeira exposição pedagógica brasileira, discursos parlamentares sobre instrução pública, exposição e projeto de organização do ensino primário municipal. Após jubilar-se como diretor da faculdade em São Paulo em 1901 mudou para a cidade do Rio de Janeiro onde foi membro do conselheiro de instrução do Rio de Janeiro, registrando o *Jornal do Brasil* uma manifestação de apreço ao conselheiro em 1911 realizado na "Escola Rosa da Fonseca", nome em homenagem à avó do Marechal Hermes da Fonseca, situada

[57] A Provincia de São Paulo, São Paulo, 25-MAI-1888, Ano XIV, № 3.944, pág.2

[58] AMARAL, Rubens. *Homens de São Paulo*, São Paulo:Livraria Martins Editora S.A., 1955, pág. 232 a 264.

[59] MARTINS, Antonio Egydio. *São Paulo Antigo 1554-1910*, São Paulo:Editora Paz e Terra, 2003, pág. 375.

na região de Copacabana, por ter organizado escolas com oficinas profissionalizantes com o respaldo do prefeito General Serzedello Correa[60]. A escola era amparada pela destreza da mestra das oficinas[61] de costura, chapéus e flores, a dona Helena Rebello, que dirigia cerca de oitenta e cinco moças aprendizes, cujos trabalhos figuraram em várias exposições com louvor, seguindo o modelo de escolas pré-existentes nos Estados Unidos, Suíça, França e Alemanha, mesclando estudos com práticas de ofícios[62]. Lecionou na Faculdade Livre de Direito ao lado do seu irmão e Diretor França Carvalho até este falecer em 1909, data em que se tornou o diretor até a sua própria morte. O estado de saúde de Leôncio tornou-se desesperador, com seu pulso sendo mantido a custo de injeções de cafeína, óleo canforado e soro fisiológico[63], via-se à sua cabeceira sua segunda esposa[64], seu dedicado médico assistente Dr. Dalmo Silva que lhe empregou 5 Contos de Réis em cuidados[65], sua filha adotiva, os doutores Dídimo da Veiga, Mario Vianna, Conselheiro Augusto Silva, Dr. Victor da Cunha, Conselheiro Cândido de Oliveira, Dr. Irurá Vianna, Dr. Frederico Borges, Dr. Joaquim Abílio Borges, Dr. Bento Esteves, Dr. Eugênio Catta Preta, Dr. Oswaldo Jacinto dos Santos, Alfredo Sergio Ferreira Filho, Dr. Ferreira de Almeida, Dr. João Augusto da Costa Carvalho, sua irmã viúva Brasil Silvado e muitos outros amigos e colegas do enfermo e grande número de alunos da faculdade de Direito[66].

O Cons. Leôncio de Carvalho casou em primeiras núpcias em São Paulo/SP, na mesma data e local que seu irmão França Carvalho, na casa do Barão de Limeira em 25-JAN-1870 com cerimônia do Vigário Joaquim Manoel Gonçalves de Andrade, pertencente à paróquia da Sé (N.S. da Assunção), quando às nove horas da noite lhes foi conferida a benção nupcial, participando como testemunhas do Leôncio o Senador Francisco Antônio de Souza Queiroz, Dr. Joaquim de Paula Souza e o Dr. Cônego João Jacinto Gonçalves de Andrade[67]. Foram testemunhas do Dr. França Carvalho o seu pai e o Dr. Antônio

[60] Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, 20-JUN-1911, Ano XXI, nº 171, pág.7

[61] Jornal do Commercio, Rio de Janeiro, 11-JUL-1911, Ano 85, nº 191, pág.4

[62] O Paiz, Rio de Janeiro, 14-JAN-1911, Ano XXVII, nº 9597, pág.3

[63] O Paiz, Rio de Janeiro, 09-FEV-1912, Ano XXVIII, nº 9987, pág.3

[64] Citada a esposa também em Gazeta de Notícias, Rio de Janeiro, 10-FEV-1912, Ano XXXVI, nº 41, pág.3.

[65] Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, 13-MAI-1913, Ano XXIII, № 129, pág.6

[66] O Paiz, Rio de Janeiro, 10-FEV-1912, Ano XXVIII, № 9.988, pág. 3

[67] Registros da Igreja Católica, Paróquia de Nossa Senhora da Assunção, Livro № 7 de Casamentos Livres, Leôncio de Carvalho na data de 25-JAN-1870, pág. 25 e 26. Acessado em 02-JUN-2019, disponível em: https://familysearch.org/pal:/MM9.3.1/TH-1-

Francisco de Aguiar Barros[68]. Casou-se com Ângela de Souza Queiróz, nascida na capital de São Paulo em 08-OUT-1850, batizada na paróquia da Sé, filha deste barão e sem deixar descendência. Sua esposa faleceu na cidade do Rio de Janeiro em 14-OUT-1907 na residência da Rua São Clemente nº 148, sendo sepultada no cemitério São João Batista[69] com grandes manifestações de pesares, incluso da Faculdade Livre de Direito e do Instituto Affonso Penna, do qual o conselheiro também foi diretor, sendo suspensas as aulas por três dias[70].

O Cons. Leôncio de Carvalho casou-se em segundas núpcias[71] no Rio de Janeiro/RJ em 06-FEV-1912, apenas três dias de sua morte, assinando o livro de matrimônio já com letras trêmulas e separação de bens, com Isolina Payer Robulla[72], solteira de 44 anos, imigrante da Áustria desembarcada no Rio de Janeiro em 24-DEZ-1888, filha de Francisco Rebulla e Francisca Payer Rebulla[73], que declarou habitar na mesma casa de Leôncio, possivelmente por trabalhar como doméstica naquele lar e gozar de confiança, sendo recompensada então com alguns benefícios, como os que posteriormente o Ministro da Fazenda mandou pagar à Isolina referentes a rendimentos que o finado deixou de receber e uma pensão[74]. Mudou-se em 1944 para a cidade de São Paulo na Rua 24 de Maio nº 233 e em 1956 para a Rua Alvarenga nº 282 no Butantã, sendo desconhecida sua data de falecimento, sem deixar descendência deste casamento. É interessante notar que um jornal publicou uma nota a respeito do velório de seu esposo onde doze estudantes faziam a vigília: "*A estes estudantes chamou-lhes a atenção uma determinada senhora, não identificada, trajando rigoroso luto, que depois de ter espargido sobre o esquife algumas flores naturais,*

14090-11010-33?cc=2177299&wc=M5JC-T3X:371870001%2c372113201%2c372584101

[68] Arquidiocese de São Paulo, Dispensa matrimonial do ano de 1870 vol. 7915, Parte-A, Estante 12 Gaveta 35, pág. 49 a 52, acessado em 02-JUN-2019, disponível em: https://familysearch.org/pal:/MM9.3.1/TH-1-14087-14244-80

[69] Correio da Manhã, Rio de Janeiro, 16-OUT-1907, Ano VII, № 2285, pág.3

[70] O Seculo, Rio de Janeiro, 15-OUT-1907, Ano II, № B00356, pág.2

[71] Corregedoria Geral da Justiça do Rio de Janeiro, 3ª Circunscrição, Livro de Casamentos B-4 , Folha 67, Termo 9, Data 06-FEV-1912. Acessado em 02-JUN-2019 e disponível em: https://www.familysearch.org/ark:/61903/3:1:S3HY-63YS-3PJ?i=70&cc=1582573

[72] Jornal do Commercio, Rio de Janeiro, 10-FEV-1912, Ano 86, № 41, pág.4

[73] Cartões de Imigração de 1902-1980, *Isolina Payer Rebulla de Carvalho*, Letra C, Carvalho-Carvalho, Parte 4, São Paulo:Arquivo Público do Estado de S. Paulo, acessado em 02-JUN-2019, disponível em: https://www.familysearch.org/ark:/61903/3:1:3QS7-99DQ-V9H3-C?i=778&cc=2140223

[74] Correio da Manhã, Rio de Janeiro, 16-ABR-1912, Ano XI, № 3924, pág.5.

sentou-se ao lado do caixão e passou toda a noite em contemplação. Essa senhora era um protegida do conselheiro. E foi a única pessoa, além dos membros da comissão que passou toda a noite em claro"[75].

Lêoncio teve apenas uma única filha adotiva[76]:

1(V) ALZIRA CARVALHO FERREIRA DE ALMEIDA. Natural de Porto Alegre/RS, nascida em 1875, casada em São Paulo com o Dr. Francisco Ferreira de Almeida, advogado formado na Faculdade de Direito do Rio de Janeiro, nascido em Porto Alegre/RS em 06-NOV-1866, batizado a 27-JAN-1867, filho de Francisco Ferreira de Almeida (primo da Viscondessa de Falcarreira) e Antônia Joana Pires.

Tiveram os filhos:

1(VI)- ANGELITA FERREIRA DE ALMEIDA. Casada com o médico Dr. Antônio Leão Veloso, com dois filhos que desconheço.

2(VI)- PEDRO FERREIRA DE ALMEIDA.

3(VI)- CELIA FERREIRA DE ALMEIDA.

4(VI)- BABI FERREIRA DE ALMEIDA.

V- MARIA PROCOPIA DE AZEVEDO CARVALHO. Nascida na cidade do Rio de Janeiro na data de 22-SET-1850, batizada na paróquia do Santíssimo Sacramento da Sé em 19-ABR-1851, foi seu padrinho o Capitão Anacleto da Silva Ramos e madrinha a dona Rita de Carvalho Moraes[77]. Faleceu com 39 anos[78] de febre perniciosa ainda solteira e sem deixar descendência na data de 13-MAR-1889 na cidade do Rio de Janeiro, quando residente na Rua São Sebastião nº 7 em São Domingos, sendo sepultada no cemitério Maruí.

"O Dr. Carlos Antonio de Carvalho (ausente), sua senhora, D. Maria Luiza de Azevedo Carvalho, seus filhos e genros, participam a todos os seus parentes e amigos o infausto passamento de sua muito presada filha, irmã e cunhada, D. Maria Procopia de Azevedo Carvalho, e lhes rogam o obsequio de

[75] O Seculo, Rio de Janeiro 10-FEV-1912, Ano VI, № 1684, pág.3

[76] FELIZARDO, Jorge G. A família Ferreira de Almeida, *Revista Genealógica Brasileira*, São Paulo:Instituto Genealógico Brasileiro, 2º semestre de 1942, Ano III, nº 6, pg.473.

[77] Paróquia do Santíssimo Sacramento da Sé do Rio de Janeiro/RJ, Livro de Batismos nº 16, Folha 224v, "Maria" na data 19-ABR-1851, Acessado em 02-MAI-2019 e disponível em: https://www.familysearch.org/ark:/61903/3:1:939F-GV1X-S?i=417&cc=1719212&cat=57132

[78] O Fluminense, Rio de Janeiro, 13-MAR-1889, Ano XII, Nº 1.681, pág.4

acompanharem o seu enterro, o qual se effectuará hoje, 13 do corrente, ás 9 horas da manhã, sahindo o féretro da chácara n.7 da rua de S. Sebastião, em S. Domingos, para o cemitério de Maruhy, e pedem desculpa áquelles a quem não tenha chegado o convite por carta, protestando a todos seus reconhecimento." - O Fluminense de 13 de março de 1889

VI- MARIA EUGENIA DE AZEVEDO CARVALHO (VISCONDESSA DE CANANÉIA). Nasceu[79] no Rio de Janeiro/RJ em 07-MAR-1852 e foi batizada na paróquia do Santíssimo Sacramento da Sé em 01-MAI-1852, sendo seu padrinho Sabino da Silva Nazaretto e madrinha Mariana Joaquina Pinheiro. Faleceu[80] com 79 anos no Rio de Janeiro/RJ em 17-SET-1931, sepultada no cemitério São João Batista.

Casou em 26-SET-1869 em Vassouras/RJ com o Visconde de Cananéia (que faleceu em 1896), este em suas segundas núpcias, deixando descendência conhecida e publicada por outros autores[81], porém, citarei apenas seus filhos:

1(VII) - MARIA VIRGÍLIA DE AVELLAR (ou Maria Amélia), nascida em Vassouras em 04-JUN-1872, casada em 1897 com Dr. Vicente Carlos de França Carvalho, conforme mencionado em *1(IV).*

2(VII)- BERNARDINO CARVALHO DE AVELLAR. Nascido em Vassouras/RJ e falecido com onze meses.

3(VII)- VIRGÍLIO CARLOS DE AVELLAR, ou Virgílio Cananéia. Nascido em Vassouras/RJ em 04-JUN-1887 e falecido na mesma cidade e solteiro.

VII- CARLOS ANTÔNIO DE CARVALHO JUNIOR. Nascido em 27-JUL-1853 no Rio de Janeiro/ RJ[82], batizado na paróquia do Santíssimo Sacramento da

[79] Paróquia do Santíssimo Sacramento da Sé do Rio de Janeiro/RJ, Livro de Batismos Livro nº 16, Folha 299, "Maria (Eugenia)" na data 01-MAI-1852, Acessado em 02-MAI-2019 disponível em: https://www.familysearch.org/ark:/61903/3:1:939F-GV1L-Y?i=493&cc=1719212&cat=57132

[80] Corregedoria Geral da Justiça do Rio de Janeiro, 12º Circunscrição, Livro de Óbitos nº 32, Folha 24, Termo 388, "Viscondessa de Cananéia" na data de 17-SET-1931, Acessado em 02-JUN-2019, disponível em: https://www.familysearch.org/ark:/61903/3:1:S3HT-DZP9-DZ7?i=24&cc=1582573

[81] FORJAZ, Jorge. MENDES, Antônio Ornelas. *Genealogias das Quatro ilhas: Faial, Pico, Flores, Corvo*. Rio de Janeiro:Dislivro Histórica, 2009, vol.1, pág. 180.

[82] Paróquia do Santíssimo Sacramento da Sé do Rio de Janeiro/RJ, Livro de Batismos nº 17, Folha 105, "Carlos" na data de 26-SET-1853, Acessado em 02-JUN-2019,

Sé em 26-SET-1853. Faleceu em 01-FEV-1870 com apenas 16 anos de idade, uma vez que residindo em São Domingos no Rio de Janeiro, foi banhar-se com um companheiro mais jovem à praia de Icaraí, afogando-se. Transportado para a casa do Comendador Ribeiro de Almeida foi logo socorrido pelos Drs. Canto, Castro Carreira, Paula Fonseca e Saturnino Ferreira da Veiga, que forneceu todos os instrumentos necessários para o "*emprego da eletricidade, introdução do ar nos pulmões, etc".* Os esforços destes senhores foram muito secundários por alguns dedicados e caridosos estudantes de medicina, que espontaneamente se apresentaram para coadjuvar e ainda pelos parentes vizinhos do mesmo cidadão Ribeiro de Almeida, mas todos os esforços foram improfícuos, sendo mais tarde sepultado no cemitério Maruí[83]. Este fato se deu apenas um mês após o casamento do Dr. França Carvalho e do Dr. Leôncio. Houve publicação nos jornais da missa que foi celebrada na capela do Sacramento da Igreja da Sé no dia cinco de fevereiro aquele ano[84]:

> *"Os Drs. Carlos Antônio de Carvalho, Carlos Antônio de França Carvalho, e Carlos Leôncio da Silva Carvalho, profundamente consternados pela noticia da morte de seu muito presado filho e irmão Carlos Antônio de Carvalho Junior falecido na Corte, convidam aos seus parentes e amigos para assistirem a Missa de 7º dia, que por alma do mesmo finado vai ser celebrada na Capela do Sacramento da Igreja da Sé no dia 5 do corrente às 8 horas da manhã, e desde já se confessam gratos a todas as pessoas que lhes fizerem tão caridoso obséquio".*

VIII-MARIA AUGUSTA DE AZEVEDO CARVALHO. Nascida em 16-NOV-1854 no Estado do Rio de Janeiro, faleceu viúva na casa da Av. Joaquim Leite nº 511 na cidade de Barra Mansa/RJ em 31-JAN-1934, onde foi sepultada no cemitério municipal com setenta e nove anos, dois meses e quinze dias, conforme seu assento de óbito[85].

Disponível em: https://www.familysearch.org/ark:/61903/3:1:939F-RZS1-3L?i=114&cc=1719212&cat=57132

[83] Óbito de Carlos Antônio de Carvalho Junior em 30/01/1870, Registros da Igreja Católica 1616-1980, Niterói, São João Batista, Livro de Óbitos de 1866 a 1872, pág. 117, Family Search: https://familysearch.org/ark:/61903/3:1:939F-8X97-Q2?i=121&wc=M6Z5-YNP%3A131775601%2C131773402%2C132130701&cc=1719212

[84] Correio Paulistano, São Paulo, 04-FEV-1870, Ano XVII, № 4.082, pág.3

[85] Corregedoria Geral da Justiça do Rio de Janeiro, Cartório civil de Barra Mansa/RJ, Livro de Óbitos nº C-32, Folha 125v, Termo 22, Maria Augusta de Carvalho Brasil Silvado na data de 31-JAN-1934, acesso em 02-JUN-2019, disponível em: https://www.familysearch.org/ark:/61903/3:1:S3HY-XXDW-8K9?i=126&cc=1582573

Casou em primeiras núpcias com Antônio Lourenço Torres Junior sem deixar descendência.

Casou em segundas núpcias com outro famoso advogado, o Dr. João Brasil Silvado, de cujo casamento desconheço descendência, sendo que ele foi aluno da Faculdade de Direito de São Paulo e membro da Sociedade Abolicionista Paulista, realizando diversas conferências abolicionistas em favor de velhos escravos. Escreveu a letra do "Hino da Abolição" cantado em festas abolicionistas no Clube Ginástico Português e no Teatro São José até 1888. Formou-se em 1882, porém, sempre residiu no Rio de Janeiro onde foi delegado e chefe de polícia, professor em 1891 na Faculdade Livre de Direito recém-fundada pelo seu cunhado Dr. França Carvalho. Foi também por muitos anos inspetor de Instrução Pública, fundou a Escola Correcional em São Cristóvão no Rio de Janeiro, voltou a ser chefe de polícia em 1899, mas foi exonerado após ser ridicularizado publicamente em 1900 em uma caricatura da revista[86] *Don Quixote* prendendo os três reis magos em alusão a algumas prisões banais ocorridas no matadouro da Penha. Deu aulas no Colégio Abílio por volta de 1903, foi diretor do Instituto dos Surdos Mudos "Benjamin Constant" entre 1905 e 1907 e faleceu em Paris na França em 06-DEZ-1911 de hemorragia devido a uma úlcera no estômago[87].

VIII-MARIA CARLOTA DE AZEVEDO CARVALHO. Nascida provavelmente na década de 1850 no Rio de Janeiro e faleceu em 12-DEZ-1918 no Rio de Janeiro/RJ.

Casou com o Dr. Joaquim José Teixeira de Carvalho Junior, nascido em 20-AGO-1847 na cidade do Rio de Janeiro, formado na Faculdade de Direito de São Paulo em 1871.

Deixou os filhos:

1(VIII)- JOSÉ CARLOS TEIXEIRA DE CARVALHO. Nasceu em 14-SET-1885 e casou em 29-JAN-1920 no 7º cartório do Rio de Janeiro com Judith Gitahy de Alencastro.

2(VIII)- CARLOTA DE CARVALHO. Batizada[88] em 05-FEV-1871 na paróquia São João Batista de Niterói/RJ e nascida em 27-NOV-1870

[86] *Caricatura do Dr. Brasil Silvado*, Don Quixote, Rio de Janeiro, 06-JAN-1900, Ano VI, nº 110, pág.1 e 7, acesso pelo site da Hemeroteca da Biblioteca Digital.

[87] Correio Paulistano, São Paulo, diversas edições entre 1882 e 1911 (nº 11387, 13063 e 17371)

[88] Paróquia de São João Batista, Niterói/RJ, Livro de Batismos de 1871-1874, Folha nº 3, "Carlota" na data de 05-FEV-1871, Acessado em 02-JUN-2019, disponível em: https://www.familysearch.org/ark:/61903/3:1:939F-VZ9G-DC?i=226&cc=1719212

na mesma cidade, casou em 12-ABR-1890 no 5º cartório do Rio de Janeiro com Lúcio Veiga.

3(VIII)- ARTHUR JÚLIO DE CARVALHO. Casado em 29-OUT-1924 no Rio de Janeiro/RJ.

IX- MARIA JOANNA QUINTÃO DE CARVALHO. Nascida no Estado do Rio de Janeiro por volta de 1860, filha legítima do casal e não adotada como menciona a Revista do Instituto Genealógico de Minas Gerais[89].

Faleceu no bairro da Liberdade em São Paulo/SP em 27-OUT-1902 com 40 anos[90], sepultada no cemitério do Araçá. No seu inventário constam diversos bens, entre eles pratarias, joias, móveis, cerca de cinco terrenos e casas na região da Avenida Paulista e parte de um quinhão hereditário do testamento de sua madrinha Maria Benedicta Quintão, relacionado a apólices da caixa de amortização fruto do empréstimo feito em 1837 ao governo[91]. Uma menção em 1902 na[92] *Revista das Missões Nacionais* relata a conversão de Maria Joanna ao presbiterianismo por influência de seu marido e cunhado Rev. Erasmo de Carvalho Braga, o que deve ter acontecido perto da época de seu falecimento, confirmando que Maria Joanna era de fato muito enferma devido *"as ferventes orações que por ella faziam os seus, durante longos annos".* Imaginei a possibilidade de seu irmão Leôncio também ter se convertido até encontrar a informação que Leôncio de Carvalho foi um dos fundadores[93] do Centro Católico Brasileiro por volta de 1910. O jornal *O Estado de S. Paulo* também noticiou[94] a morte de Maria Joanna:

> *"Fallecimentos - Finou-se ante-hontem nesta capital a sra. d. Maria Joanna Quintão de Carvalho Teixeira, estremecida esposa do dr. Antonio Teixeira da Silva, advogado do nosso fôro e irman do conselheiro Leoncio de Carvalho. Era uma senhora dotada do excellentes dotes de espirito e de coração.*

---

[89] TEIXEIRA, Fausto. A Família Teixeira. *Revista Genealógica Brasileira*, Instituto Genealógico de Minas Gerais, Ano VI, № 11 e 12, págs.151 a 160, 1945.

[90] Cartório de registro civil da Liberdade em São Paulo, Livro C-16, Folha 4, nº 527, Maria Joanna Quintão de Carvalho Teixeira da Silva na data 27-OUT-1902.

[91] Acervo Histórico do Tribunal de Justiça do Estado de São Paulo, Gestão Documental, Inventário de Maria Joanna Quintão de Carvalho Teixeira da Silva, 1ª Instância TJ1-1001284209-9, pág. 7.

[92] Revista das Missões Nacionaes da Egreja Evangelica Presbyteriana no Brazil, São Paulo, 10-NOV-1902, Ano XVII, № 2, pág. 3

[93] A Imprensa, Rio de Janeiro, 17-JUL-1910, Ano VII, nº 938, pág.7

[94] O Estado de S. Paulo, São Paulo, 29-OUT-1902, Ano XXVIII, № 8.786, pág.2

Apresentamos a expressão do nosso pezar à familia da finada". - O Estado de S. Paulo de 29 de outubro de 1902

— No dia 21 do p. p. de uma complicação que veiu aggravar a molestia que a fazia padecer, passou, para a Patria celeste, a nossa irmã d. Maria Joanna Quintão de Carvalho Teixeira da Silva, esposa do nosso irmão dr. A. Teixeira da Silva.

Pertencia ella a uma das familias de posição mais elevada no Brazil, sendo irmã do sr. conselheiro Carlos Leoncio de Carvalho, que foi ministro do Imperio e é um dos homens que mais têm trabalhado pela liberdade de consciencia neste paiz. Collocada por seu casamento no meio de uma familia christã, todavia o testemunho dado pelo seu esposo, depois de sua conversão, foi o que a decidiu deixar de vez a Romanismo. A dedicação dos crentes que a visitavam, o sentimento da fraternidade que se revelou assim ao seu coração, as ferventes orações que por ella faziam os seus, durante longos annos, a trouxeram ao Rei de Deus. Antes de fallecer deu testemunho de que esperava em Deus, e rogava as orações dos circumstantes.

Deixou dois filhinhos menores.

Revista das Missões Nacionais (1902)

Outros jornais presbiterianos como *O Estandarte*[95] e *O Puritano*[96] também deram notícia de seu passamento, como se pode ver abaixo.

FALLECIMENTOS

Nossos prezados irmãos Isidro B. de Camargo e d. Maria B. de Camargo passaram pelo doloroso golpe de perderem seu filho Mario de 17 annos. No dia 25 do corrente, indo banhar-se no Tietê, lamentavel desastre lhe cortou o fio da existencia.

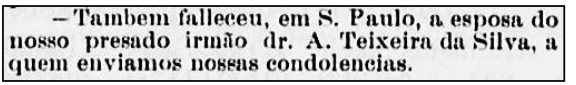
Aos nossos prezados amigos nossas profundas sympathias.

—No dia 27 do corrente falleceu nesta cidade nossa estimada irmã d. Maria Joanna Quintão de Carvalho Teixeira, digna esposa de nosso prezado irmão dr. Antonio Teixeira da Silva. Ao enluctado esposo nossas sinceras condolencias.

O Estandarte (1902)

[95] O Estandarte, São Paulo, 30-OUT-1902, Ano X, № 44, pág.3

[96] O Puritano, Rio de Janeiro, 06-NOV-1902, Ano IV, № 174, pág.3


— Tambem falleceu, em S. Paulo, a esposa do nosso presado irmão dr. A. Teixeira da Silva, a quem enviamos nossas condolencias.

O Puritano (1902)

Casou em 1890 no Rio de Janeiro/RJ com o Dr. Antônio Teixeira da Silva, meu trisavô, nascido em Tietê/SP em 14-OUT-1863, batizado após dezessete dias na paróquia da Santíssima Trindade, filho de Mathias Teixeira da Silva Pinto e Francisca Maria de Almeida, de ascendência nobiliária paulista conforme os trabalhos de Silva Leme. Seu nome foi dado à rua que cruza a Avenida Paulista nº 266 bem antes do seu falecimento em São Paulo/SP no dia 24-JAN-1917 (quando havia já contraído segundas núpcias com Annita Fuchs Marques[97] deixando os filhos Archibaldo Teixeira da Silva e Anna Teixeira da Silva que não serão tratados neste artigo, pois sua biografia está em desenvolvimento pelo autor deste artigo).

Maria Joanna teve os seguintes filhos:

1(X)- LEÔNCIO DE CARVALHO TEIXEIRA DA SILVA. Nascido em 31-JAN-1892 em São Paulo/SP[98], estudou na escola Abílio Soares, ingressou na Faculdade de Direito de São Paulo[99] em 1910 e pediu transferência para a Faculdade Livre de Direito do Rio de Janeiro onde seu tio, o Cons. Leôncio de Carvalho, era diretor. Porém, não concluiu os estudos apesar de excelentes notas por falecer[100] de tuberculose em 29-JAN-1915 em um hospital referência em São José dos Campos/SP, sendo sepultado naquela cidade no cemitério Padre Rodolfo de Komerek[101], sem deixar descendência.

---

[97] Seu nome correto e sem tradução é Anna Fuchs Marko, imigrada em 1896 para a colônia de Pariquera-açu/SP, registrada como austríaca e oriunda do império Austro-húngaro, desembarcada na primeira leva de croatas ao Brasil, sendo esta sua verdadeira nacionalidade. Nasceu em 10/03/1887 em Markovići, uma vila da cidade de Vižinada. Filha de Adam Marko, natural de Vrpoljie também na Croácia, e de Sophia Fuchs. Faleceu na casa dos avós do escritor deste artigo, deixando fotos que fazem parte de seu acervo.

[98] Cartório de registro civil da Consolação em São Paulo, Livro A-4, Folha 115, Nº 214, Leôncio, data de 31-JAN-1892.

[99] Acervo da Faculdade de Direito de São Paulo, Prontuário de Leôncio de Carvalho Teixeira da Silva, nº 128.

[100] Cartório de registro civil de São José dos Campos/SP, Livro C-31, Fls. 197, Nº 58, Leôncio Teixeira da Silva, data de 29-JAN-1915.

[101] Arquivo Público de São José dos Campos/SP, Certidão de Sepultamento de Leôncio Teixeira da Silva, expedido em 31-JUL-2017.

2(X)- JOÃO BAPTISTA DE CARVALHO TEIXEIRA DA SILVA. Nascido em 10-MAR-1895 em São Paulo/SP[102], ingressou na 2ª turma[103] do curso de Medicina e Cirurgia da Cidade de São Paulo[104] em 1915, mas abandonou os estudos quando seu pai faleceu, retirando-se para Niterói/RJ para possuir uma casa herdada, onde completou 50 anos de idade[105], sendo desconhecida sua descendência e sobre a sua morte.

3(X)- ÂNGELA. Nascida em 07-MAI-1897 em São Paulo/SP em sua casa na Av. Paulista, falecida em 27-SET-1897 de bronquite, sepultada no cemitério do Araçá[106].

Nota sobre o autor

Pesquisador histórico das famílias apresentadas neste artigo, grato por qualquer informação relevante (e-mail: *ats1863@hotmail.com*).

[102] Cartório de registro civil da Consolação em São Paulo, João Baptista, Livro A-11, Folha 86, Nº 858, data de 10-MAR-1895.

[103] Acervo da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo, Prontuário nº 19, João Batista de Carvalho Teixeira da Silva.

[104] Correio Paulistano, São Paulo, 14-FEV-1915, nº 18.528, pág.7

[105] TEIXEIRA, Fausto. A Família Teixeira. *Revista Genealógica Brasileira*, Instituto Genealógico de Minas Gerais, Ano VI, № 11 e 12, págs.151 a 160.

[106] Cartório de registro civil da Vila Mariana em São Paulo, Livro C-1, Folha 36, Nº 125, Ângela, data de 27-SET-1897.

LOURENÇO WESTIN (1787-1846)

PRIMEIRO CÔNSUL DA SUÉCIA NO BRASIL

Nilson Lemes da Silva

***Resumo**: Biografia de Lourenço Westin (1787-1846), primeiro cônsul da Suécia no Brasil.*

***Abstract**: Biography of Lourenço Westin (1787-1846), Sweden's first consul in Brazil.*

Documento extraído do Livro: **"SUECOS NO BRASIL"**.
Autor: **João Gualberto de Oliveira** - (*Secretário Geral do Centro Cultural Brasil-Suécia*)
Publicação do Livro: 1952 (S.Paulo-SP).
* (Este livro foi Composto e Impresso nas oficinas da Empresa Gráfica da Revista dos Tribunais Ltda. - Rua Conde de Sarzedas, n. 38 - S.Paulo,SP, em julho de 1952).

(***Lourenço Westin***) - (Páginas - 239 até 266):-

Em nossos trabalhos temos sempre lembrado os nomes de diversos suecos que aportaram às terras de Santa Cruz, em recuadas eras, aqui viveram, trabalharam, prosperaram e contribuíram para o engrandecimento do Brasil.

Cabe-nos agora, no limiar dos modestos estudos biográficos que empreendemos, tratar mais detidamente da principal figura de nórdico, entre os que para aqui vieram, ou seja a de LOURENÇO WESTIN, primeiro cônsul sueco no Brasil, que tendo visto a luz na Península Escandinava, viveu longos anos em nosso meio, prestando à nação brasileira os mais assinalados serviços.

Com efeito, Lourenço Westin, exercia o cargo de Cônsul Geral Sueco-Norueguês em Lisboa no alvorecer do século passado, quando conheceu ali José Bonifácio de Andrada e Silva, Diogo Antônio Feijó, Felipe Nery de Carvalho e outros próceres brasileiros, representantes do Brasil nas Cortes da Metrópole Portuguesa.

Os que sobre ele escreveram, pintam-no como cavalheiro amável, inteligente, conhecedor de diversas línguas e que, a serviço do rei da Suécia, já havia visitado alguns países europeus, assim como a China, do outro lado do mundo.

Foi talvez em virtude das suas ligações com tão ilustres brasileiros, empenhados na emancipação política de sua pátria, que Lourenço Westin se sentiu atraído por este longínquo rincão da América, tão afastado e tão diferente da terra escandinava. O fato é que um dia, cumprindo ordens de Estocolmo, embarcou para o Rio de Janeiro, aonde vinha ocupar o cargo de cônsul geral e encarregado de negócios da Suécia, no qual sempre se aveio como embaixador da amizade da coroa sueca (ao tempo compreendia também a da Noruega) junto à monarquia brasileira. Nesse posto, pôde ele, dada a sua grande capacidade cultural e política, prestar à nossa terra, relevantes serviços, servindo à causa da monarquia e da nacionalidade, às quais durante tantos anos rendeu os mais marcantes benefícios.

E aquele tempo era bem diferente do nosso de hoje. País imenso, escassamente povoado, todos que os que nele aportavam eram logo absorvidos e assimilados pelo meio ambiente. E foi assim que tivemos estrangeiros ilustres em todos os setores da administração, da representação parlamentar e até na carreira das armas. Para sermos exatos e verazes, devemos mesmo consignar aqui que a Coroa jamais teve motivos para arrepender-se desse seu liberalismo acolhedor. Mercê dele, Lourenço Westin, com instruções especiais do Príncipe, viajou para diversos pontos do País em missão diplomática e política. Duas vezes dirigiu-se ao Rio Grande do Sul, por volta de 1835, onde se avistou com os chefes da guerra dos Farrapos, entre eles com Antônio de Souza Neto (que viria a ser logo depois, o proclamador da República de Piratini) na ânsia, sem êxito, de estabelecer uma pacificação que só mais tarde se lograria, após correr muito sangue nas coxilhas.

De outra feita, Sua Alteza o encarregou de uma viagem a Pernambuco, em missão reservada, durante os acontecimentos verificados na cidade de Olinda. Nessa província do Norte, com o intuito de acalmar os ânimos dos católicos, que se tinham voltado com a monarquia, o representante sueco a serviço do Brasil conferenciou com Dom Tomás de Noronha, bispo de Olinda, da Ordem de São Domingos. Dessa entrevista, ficou-nos um pormenor curioso: o

cônsul e o frade, por motivos particulares, puseram de parte a língua da terra e as outras que certamente conheciam, para se entenderem em latim.

Ao regressar ao Brasil, depois de trinta e seis anos de ausência, José Bonifácio de Andrada e Silva trazia já formada a intenção de recolher-se ao seu sítio dos leiteirinhos, na cidade de Santos, para nesse recanto de paz e meditação, por em ordem os seis mil volumes da sua biblioteca, e a bela coleção mineralógica que pacientemente organizara não só em Portugal, como nos outros países que visitara. Mas como, em verdade, não era ele, por índole, homem capaz de isolar-se no sossego daquela vida, a que pensava poder destinar-se a política, em plena efervescência na época, acabou logo, irresistivelmente, por arrastá-lo de novo à liça.

Como vimos em outro passo desta memória, José Bonifácio se fizera amigo de Lourenço Westin desde os tempos de Lisboa. Porisso, naturalmente, o cônsul sueco se arvorou logo numa espécie de mediador entre ele e o Príncipe para desfazer certas incompatibilidades existentes entre ambos. Quando Lourenço Westin regressava das missões particulares das quais o último o incumbia, dava ele sempre conta do resultado das mesmas a seus velhos amigos; não só a José Bonifácio, mas também ao Padre Feijó, a Gonçalves Ledo, a Nery e a Suplicy. Deu-se isso muitas vezes, particularmente quando Westin regressou de Pernambuco, ocasião em que teve oportunidade de enaltecer os bons sentimentos do bispo de Olinda. Só depois dessas confabulações íntimas com os seus camaradas é que se avistava com sua Majestade, que aliás muito se alegrava com as suas boas novas.

Numa dessas visitas, o Príncipe reinante manifestou a Westin o seu desgosto diante da precária situação financeira em que se debatia o tesouro imperial. O representante sueco, ouvindo isto, voltou-se para as pessoas que o rodeavam e perguntou-lhes por que motivo não corriam em auxílio do País. Relatam as crônicas que nesse momento Joaquim Gonçalves Ledo apresentou-lhe papel e lápis como a dizer-lhe meta mãos à obra, que nós o acompanharemos! A resposta de **Lourenço Westin** ficou na história política do Brasil. Suas palavras foram estas: ***"Lápis, não; traga-me caneta e tinta..."***

Ato contínuo, o sueco abriu a lista das contribuições com a quantia de dezoito contos de réis, em ouro. Acompanhou-o Feijó, que subscreveu doze contos, e Suplicy, dez contos. Quanto a Nery, não se sabe qual foi a sua quota. Obtidos esses avultados donativos, outros os sucederam, menores, mas em grande número. Westin combinou com os presentes que todos iriam buscar o dinheiro em seus depósitos e o levariam à sala das reuniões, no dia seguinte, para entregá-lo ao Príncipe, pessoalmente. E assim se fez.

Recebidos todos por sua Alteza, este indagou de Lourenço Westin se se tratava de um empréstimo oficial à Coroa, ou de um presente. A tais palavras, o cônsul respondeu que a oferta não constituia empréstimo, mas uma dádiva sua e de seus amigos, que alí se encontravam reunidos, a sua Majestade, com o fim de auxiliar o erário público e assim contribuir para o engrandecimento do Brasil. Em virtude dessa resposta singela, a lista de subscritores foi destruída, para que da mesma não ficasse vestígio.

Mostrou-se o Príncipe sensibilizado com a demonstração de amizade que assim lhe efeita. E sabedor de que Lourenço Westin tivera a iniciativa e encabeçava o movimento em prol das finanças nacionais, fêz-lhe diversas propostas de recompensa, todas "in limine" recusadas, pois o sueco dizia que, como recompensa de seus trabalhos nada mais desejava que a felicidade do povo brasileiro.

Diante do firme propósito de Lourenço Westin, o Príncipe respondeu-lhe: "Terás uma lembrança minha". E segundo rezam as crônicas, o escrínio, com as iniciais "**L.W**.", que se vê dentro do carro de bois que aparece no quadro histórico da Independência, é precisamente a lembrança oferecida por Sua Alteza.

Lourenço Westin era dotado de grande coração, em que até mesmo a tolerância religiosa cabia. Apesar de protestante convicto e militante era, contudo bom amigo do nosso clero católico, a ponto de, com sua amizade pessoal, conseguir que sua Alteza elevasse a prebenda anual destinada à Cúria Metropolitana de duzentos para quinhentos mil réis.

Sobre Westin há muito o que respigar. A sua obra, por assim dizer, de cordialidade, já vinha de muito antes, isto é, datava de sua chegada às terras do Brasil. A propósito, podemos lembrar um episódio ocorrido nos dias tormentosos da Independência.

Ei-lo:

Joaquim Gonçalves Ledo, propagandista extremado da nossa emancipação política, líder da chamada "facção ultraliberal" e quse republicana, senão mesmo abertamente republicana, desejava segundo Oliveira Lima, evitar a Monarquia após a Independência, fazendo desde logo do Brasil uma República como as outras nações que se iam emancipando na América. Para tanto, apoiava-se ele no "Grande Oriente", que era a fôrça maçonica do Brasil. De outro lado, e contra essa doutrina, estava José Bonifácio de Andrada e Silva. Em oposição às tendências republicanas da época, fundara ele o "Apostolado". E entre o inquieto reformador e o conservador fundamentalmente monárquico surgiu e se desenvolveu acirrada animosidade.

Na qualidade de Primeiro Ministro, José Bonifácio mandara "instaurar processo contra Domingos Alves Branco, Rocha Pinto, Alves de Azevedo, Tinco, Gouveia, Valério Tavares, Lisboa, Costa Barros, Lopes, Gonçalves Ledo, Nóbrega, Jose Clemente Pereira e os padres Januário e Lessa, todos simpatizantes com os acontecimentos de 30 de outubro de 1822, que irei contando, como escreve o historiador Melo Morais.

E continua:

"Os desejos de vingança pela sede de mando eram extraordinários e como Ledo era o maior inimigo e êmulo de José Bonifácio, almejava este capturá-lo para novamente processá-lo; e Ledo, não ignorando as diligências que se faziam para o prender, ocultou-se em diversas partes, até que, em uma noite..."

Deixemos, porém, o documento na sua aridez tabelioa e procuremos descrever a cena como possivelmente ela se verificou. Gonçalves Ledo arranjou meios de pintar de preto o rosto, o peito e os braços, vestiu-se de mulher, pôs um balaio de roupa na cabeça e acompanhado por amigos, que o seguiam a distância, um aqui, outro além, na esquina e encaminhou-se para o cais Pharoux, tomou uma falua e atravessou a baia de Guanabara com destino a Niterói, sempre naquela fantasia de negra de ganho, sem que ninguém o suspeitasse, indo homiziar-se na fazenda de São Gonçalo, de propriedade do seu amigo Belarmino, mais tarde Barão de São Gonçalo.

Nessa fazenda, Gonçalves Ledo esteve acoitado durante algum tempo, e de lá só conseguiu sair com a ajuda e proteção de Lourenço Westin que, como Cônsul da Suécia que era, lhe facilitou o embarque clandestino em um navio dessa nação, surto na baía do Rio de Janeiro e prestes a sair com destino ao Sul. E assim, graças à amistosa intervenção de Lourenço Westin, o ilustre republicano da Independência conseguiu fugir para Buenos Aires, onde permaneceu muito tempo até que a força política dos Andradas declinou e se desfez com a dissolução da Constituinte, em 12 de novembro de 1823, sendo o Patriarca deportado nesse mesmo mês para a Europa, em virtude de acórdão do Conselho de Estado.

Através desse episódio pitoresco, que colhemos na história agitada dos anos da Independência, podemos apreciar mais uma faceta do caráter impoluto do preclaro sueco que, vindo para o Brasil, aqui se devotou de corpo e alma a serviço da incipiente nação. E não se limitou a tirar dinheiro do seu bolso, para melhorar a situação do erário público; não se contentou em fazer longas e penosas viagens a fim de levar a palavra de paz mandada pelo Príncipe Regente. Foi mais longe. Pôs em risco sua reputação, tomando parte em fugas de criminosos políticos - não porque isso estivesse de acordo com suas ideias, mas

para que esses brasileiros idealistas nada sofressem das forças conservadoras que contra eles, agressivamente, se erguiam. Será difícil encontrar em nossa história miotos varões cujos sentimentos generosos fossem tão grandes e cuja inteligência fosse tão esclarecida como a de Lourenço Westin, o alienígena que foi um dos maiores amigos do Brasil, quando o Brasil amanhecia para o mundo.

Todavia, ainda não dissemos uma palavra sequer sôbre a atuação desse assombroso Lourenço Westin, antes das suas relações de amizade com José Bonifácio de Andrada e Silva e, bem assim, logo após sua chegada ao Brasil, o que vamos fazer agora, na medida das nossas possibilidades.

O bisavô de Lourenço Westin chamava-se "Jan Jansson Bränare", que depois de haver servido nas tropas comandadas por Carlos XII, fixou residência na cidade de Wästerás, na província sueca de Westmaland, onde faleceu em 1.774. Casado teve um filho, o circunspecto Johan Westin (1722 - 1786), que na sua maturidade devia alcançar o honroso lugar de presidente da Sociedade de Curtidores de Couro, Capitão da Guarda-Nacional e Deputado à Câmara nos anos 1765, 1771, 1778 e 1786. Jan Jansson Bränare, desejando criar um sobrenome mais interessante para o filho, fê-lo tomando a designação da cidade em que residia, chamada Wästerás, cortou letras, acrescentou letras, e, sem fazer propriamente um anagrama, compôs para ele o nome de Westin. E o rapaz passou a chamar-se João Westin.

Esse João Westin, em chegando à idade própria, casou-se com Dª. Marta Brita Santag, de cujo consórcio nasceu Johan Jansson Sênior (1751 - 1828), que também foi Presidente da Sociedade dos Curtidores de Couros, tal qual seu avô. Como ele, foi igualmente deputado à Câmara Geral, exercendo o mandato nos anos de 1.789, 1.792, 1.800, 1.810, 1.812, 1.815, 1.818 e 1.823. E, dado não lhe faltaram os dons da palavra, alcançou também as glórias de "orador oficial" nos anos de 1.810, 1.818 e 1.823.

Johan Joansson Sênior casou-se com Dª Elizabeth Norling, havendo o casal apenas um filho em 1.787, a que deu o nome de LOURENÇO, e que veio a ter brilhante e dinâmica personalidade, cuja expressiva e simpática biografia estamos tentando esboçar. O filho, neto e bisneto daqueles abastados burgueses de Wästeras, adotou o nome do avô, tornando-se para todos os efeitos, **Lourenço Westin**, tal como o Brasil deveria conhecê-lo e admirá-lo mais tarde.

LOURENÇO WESTIN casou-se com Dª Cristina Beata Chenon, de nobre família oriunda da França, de cujo consórcio lhes nascera um filho, no Rio de Janeiro, em 9 de setembro de 1.833, sendo-lhe dado o nome de Lourenço Diogo Felipe Westin. Êsse primogênito seguiu um dia para São João da Boa Vista, na Província de São Paulo, e a 22 de maio de 1.854 aí se casou com Dª Maria Amélia de Oliveira Westin, de tradicional família local. Lourenço Diogo,

filho de Lourenço Westin, fora levado à pia batismal pelas figuras de maior relevo na Côrte de São Cristóvão, entre outras pelo senador Diogo Antônio Feijó e por Felipe Nery de Carvalho, grandes amigos que foram do primeiro cônsul sueco no Brasil. Daí o comprido nome que usou durante a vida.

Logo após o nascimento do filho, Lourenço Westin mandou-o para a Suécia, em companhia de sua mãe. A doce Cristina e o menino Lourenço Diogo lá permaneceram muito tempo, e Lourenço Westin, que aqui ficara, dois anos depois, em 19 de agosto de 1.835, cheio de saudades de ambos, enviou-lhes um seu retrato em cujo verso se lia o sexteto seguinte, escrito em língua sueca, e que eu vou esforçar-me para traduzir em português: "Desta longínqua e meridional plaga, eis intruso hóspede que se apresenta. Ele, que na terra fluminense afaga longas saudades que a distância alenta, ver no regaço da mãezinha amada, seu ídolo do mesmo nome intenta".

Havia pouco tempo que o Brasil se libertara da Metrópole, tornando-se independente, mas cumpria-lhe, então, organizar sua vida jurídica, elaborar seus códigos. Primeiro, e por todas as razões, o político. Com a carta de lei de 25 de março de 1.824, veio a Constituição do Império do Brasil, que estabelecia, no art. 179, nº 18, fossem decretados, quanto antes, os Códigos Civil e Criminal, fundados nas sólidas bases da justiça e da equidade. Do Comercial, porém, não se cogitou. No entanto, êste se tornou de tal modo imperativo para o recém-nato e promitente país que, em 1.831, por iniciativa de José da Costa Carvalho, Marquês de Monte Alegre, deputado por São Paulo e terceiro diretor dos Cursos Jurídicos, a Regência Permanente, de que êle fazia parte, tratou de elaborar um anteprojeto do Código Comercial. Coube a Lino Coutinho, a esse tempo Ministro da Justiça, nomear a Comissão Especial encarregada dessa tarefa, Comissão que ficou constituída por José Antonio Lisboa, Inácio Ratton, Lourenço Westin e Guilherme Midosi, sob a presidência de Antônio Paulino de Abreu, Visconde de Abaeté, logo depois substituído, na Chefia da Comissão, por José Clemente Pereira.

Só em 1.834, porém é que fica ultimado o esboço de projeto, dividido em três partes, a saber: "Das pessoas do Comércio", "Dos contratos e obrigações" e do "Comércio Marítimo e das Quebras".

Para bem avaliar o mérito dessa obra, cumpre salientar que o preparo do Código Comercial Brasileiro, nos meados do século passado, não representou simples obra de gabinete, como muita gente poderá pensar. Ainda havia antagonismo a vencer e nações que, pela força, se atribuíam o domínio dos mares. O trabalho da Comissão Especial, nomeada, como dissemos, por Lino Coutinho, foi grande e exaustivo. A respeito existe farta documentação. Para nossa tese, entretanto, pela sua própria índole biográfica, vamos fiscalizar

somente a participação que **Lourenço Westin** teve nela. Êste inteligente sueco escreveu e deu à estampa em 1.838, no Rio de Janeiro, na edição da "Associação do Despertador", dirigida por J. M. da Rocha Cabral, um trabalho intitulado: **"Parte Marítima do Projeto do Código Comercial do Império do Brasil".** Tal contribuição, que ele dedicou ao espírito culto do Marquês de Monte Alegre, ex-Regente do Império, Grã-Cruz da Imperial Ordem do Cruzeiro e Deputado à Assembleia Geral Legislativa, foi logo aceita e mais tarde introduzida no Código. No ano seguinte, fez ele uma crítica ao projeto do referido Código, em trabalho impresso e distribuído entre seus pares a fim de receber sugestões. Era um opúsculo e tinha o título de "Erros ou Omissões Observadas no Projeto do Código Comercial" (impresso por Seignot Plancher & Cia.).

Do contingente com que Lourenço Westin participou desse nosso Código, que em 25 de junho de 1.950 completou o primeiro centenário de sua promulgação, podemos dizer que na feitura desse documento, de suma importância para o jovem país, fala bem alto o fato de ter o corpo de legisladores brasileiros contado sempre com o precioso auxílio de Lourenço Westin, primeiro cônsul geral da Suécia e da Noruega e encarregado de negócios desses países no Brasil. Nomeado para o cargo de membro da Comissão Marítima do referido código, o ilustre sueco dedicou-se, com todo o afã a realização da tarefa que lhe coube e dela, se poderá ver no Código ainda vigente, desincumbiu-se com inexcedível brilho.

Esse Código, de início, chamou-se "Código Comercial do Império do Brasil". Mais tarde, com o advento da República e após pequenas modificações no texto e algumas novas disposições que a vida marítima moderna impôs, esse diploma legal passou a chamar-se, como ainda se chama em nossos dias, "Código Comercial Brasileiro".

Voltando, porém, aos seus pródromos, é oportuno lembrar que no Brasil, pelo menos, nunca se falou, nunca se escreveu tanto sobre o mar como nesse período de gestação do Código Comercial. Os comentadores acentuavam, já nesse tempo, que a liberdade é o grande postulado do comércio marítimo, visto que do mar a ninguém é lícito assenhorar-se, por ser ele causa comum, cujo inexaurível uso, entretanto, deve obedecer a certas normas. E vinham as copiosas e eruditas citações: "Cousa admirável - Exclama Cresp em seu trabalho "Cours de Droit Marítime" - o mar, aquilo que deveria separar os homens, as regiões, tornou-se o meio mais ativo, pronto, fácil e econômico de comunicação e de permuta para o gênero humano".

Longe, pois, de distanciar os homens, como pensava Horácio, em suas "Odes", o mar, tal qual um caminho que se move e por si mesmo se repara,

segundo Bentham, os uniu. Ele é, acrescenta o mesmo Bentham, a mais límpida afirmação da vida coletiva dos povos.

A discussão sobre a matéria encheu as colunas da imprensa daqueles dias. Felizmente, porém, todo esse aluvião de palavras chegou até aos nossos dias com um interesse já bem restrito e amortecido. Graças aos tratadistas, e não raro à intervenção de alguma forma material, a liberdade dos mares está hoje consagrada e pacificamente aceita por todos os povos, erigindo-se em princípio básico do mundo em que ora vivemos.

Essa liberdade, todavia, não é absoluta. Sofre suas restrições. Se em alto mar não há soberania constituída e, portanto, não há cerceamentos provenientes de qualquer jurisdição, cumpre contudo reconhecer certas limitações que, na paz e na guerra, circunscreveram um pouco essa franquia.

Em 1.850 os primeiros vapores de roda começavam a sulcar os mares; os legisladores brasileiros tiveram de pensar nessa nossa situação que acabava de ser criada...

Foi, pois, nesse cenário jurídico e político que fez a sua aparição entre nós a figura empolgante de **Lourenço Westin**, sueco de nascimento mas brasileiro de coração, que muito contribuiu para que tivéssemos normas assentes nesse importante ramo do Direito Internacional, consubstanciadas no Código Comercial e Marítimo do Império do Brasil.

Logo depois, sentindo-se muito doente, ao cabo de tantos esforços e inquietações, **Lourenço Westin**, solicitou reiteradamente ao governo sueco a sua substituição no posto que exercia na Corte Brasileira. De uma feita foi atendido e então, por volta de 1.840, escolheu as montanhas próximas a Poços de Caldas para nelas se fixar, pois aquele clima amenizava os seus sofrimentos, causados por atrofia do coração. Adquiriu, para isso, uma fazenda, a qual deu o nome de "Jardim".

Provavelmente foi Lourenço Westin quem fez a escolha da **Vila de Caldas**, hoje Parrreiras (**atual Caldas-MG**), para nela estabelecer-se o seu douto compatriota ***ANDRÉ FREDERIK REGNELL***, o grande botânico que chegou ao Brasil em 1.840 e que tantos serviços prestou à ciência. Se tem visos de verdade esta suposição, fica excluída a idéia do "espírito de aventura" do cientista enfermo, ou mesmo "a vaga indicação de um vago patrício" que o levaram a "atravessar o Equador e dirigir-se para **Caldas**".

Lourenço Westin, como estamos vendo, não era absolutamente "um vago patrício", como ficou dito nas crônicas referentes à época, mas talvez, em importância e projeção, o primeiro sueco da América do Sul. Basta lembrar que foi ele o primeiro Consul Geral do Reino Unido da Suécia e Noruega na Corte

do Rio de Janeiro. Como não houvesse ministro desses reinos no Brasil, era o consulado de Westin sua verdadeira legação. E ele aliás como tal sempre procedeu. Culto e zeloso dos interesses de sua pátria, muito fez pelos países escandinavos na América do Sul, principalmente no Brasil.

Lourenço Westin, foi grande amigo do Padre Diogo Antonio Feijó. Certa vez sabendo-o doente e talvez no fim de seus dias, veio até a cidade de Sorocaba, na Província de São Paulo, e com ele temoradas confabulações. Conhecendo-lhe a fé religiosa, embora diferente da sua, achou jeito de ouvi-lo até sobre esse delicado ponto.

- Após sua morte, deseja V.Exa. missa de 7º dia? - Perguntou-lhe Westin, por ocasião de sua visita.

- Mas, como? A política dominante é contrária a isso. A chave da Igreja está com ela! - respondeu tristemente o padre senador.

- Pois que Deus tal não permita. Entretanto, se V.Exa. vier a falecer, eu lhe prometo essa missa...

Finda a visita, Lourenço Westin regressou à sua Fazenda, nas cercanias de Machado, na Província de Minas Gerais, e poucos dias depois de sua chegada recebeu a notícia da morte do Padre Diogo Antonio Feijó. Então, cumprindo sua palavra, mandou celebrar missa na **igreja matriz de Caldas**, por intenção da alma de seu grande amigo. Contra a expectativa geral, até do próprio Westin, os membros dos dois Partidos Políticos, embora em luta aberta, compareceram em peso ao ato religioso. Em com eles toda a população de Caldas e arredores. Nunca se vira missa mais concorrida na matriz de Caldas.

A seguir, Lourenço Westin partiu para a Capital de São Paulo a fim de assistir às cerimônias fúnebres e às manifestações de pesar pelo desaparecimento do ex-regente Feijó. Aqui chegando, o generoso sueco ordenou, por sua própria conta o embalsamento do coração do grande morto. Depois, acomodou-o dignamente e envolveu-o numa faixa em que se lia: “Não pulsa mais. Pelejou uma boa peleja e muitas outras”.

Conta-se que Lourenço Westin sempre repetia essas palavras às pessoas de sua família, em particular a seu filho Lourenço Diogo Felipe, que residiu por muitos anos em São João da Boa Vista, para que elas ficasse gravadas na memória e assim, pudessem ser transmitidas oralmente de geração para geração.

Agora, em rápida digressão sobre a vida admirável que foi a de Westin, tomemos por um atalho que, por ser o da Arte, nos parece mais ameno e suave. Na igreja Matriz de Caldas, a mesma onde Westin fez celebrar missa por intenção da alma do Padre Diogo Antonio Feijó, existe uma tela de grande porte,

representando a **"Anunciação"**. É um belo e majestoso quadro, no consenso geral de todos os que já tiveram a felicidade de admirá-lo. Embora mal conservada, e, pior ainda, mal retocada, a obra se impõe à admiração não só da gente da terra, como também dos turistas, que procuraram vê-la assim que ali chegam, pois é, de fato, uma das maiores curiosidades do lugar.

Não há informação segura sobre quem a teria levado à remota Caldas, nem de como hoje se encontra na sacristia da matriz local. Os nomes de Regnell e de Westin, principalmente deste último, acodem sempre a mente, como sendo os dos mais prováveis doadores da tela àquela cidade de Minas Gerais. Chega-se mesmo a atribuir tal quadro ao pincel mágico de Murilo. Muitos são os que participam dessa crença. Visitantes versados na arte pictórica, costumam ser ouvidos a tal respeito, sendo conhecidos diversos pareceres. O Dr. Carlos da Silva Araújo, por exemplo, que é cientista e membro da Academia Carioca de Letras e do Instituto Brasileiro da História da Arte, assim se manifestou: "A identificação da autoria de tela de Murilo ou de qualquer outro dos grandes mestres antigos é problema que desafia argúcia e conhecimentos dos melhores peritos e deixa quase sempre subsistirem dúvidas. Em relação a essa tela, entretanto, parece que nem mesmo a leigos que já tenham observado as "Madonas" do excelso mestre sevilhano possam ocorrer hesitações. Nada, na "Anunciação de Caldas", lembra o piedoso idealismo de suas "Virgens", nem as feições da "Madona", ou do anjo, nem o seu colorido, bem mais vivo. Há, de fato, na feições, na nuança da pele, na cor dos cabelos meio ruivos, motivos sérios para se preferir a suposição de autor nórdico. Flamengo? Sueco? Hipótese razoável, como razoável também é a de que Westin ou Regnell foram os seus doadores, embora ambos - vale a pena observá-lo - tivessem sido protestantes luteranos. E a ter sido um deles o portador da tela para o Brasil e para Caldas, prefiro admitir que tenha sido o cônsul, homem de posses, de cultura e vida social intensa na metrópole brasileira, uma vez que o outro, o médico, para aqui veio doente, jovem e pobre. Alicerça esta suposição o fato de o Dr. Barros Cobra, testamenteiro, em vida, de Regnell, haver lhe sugerido um legado "post-mortem" à igreja matriz caldense, e o mesmo haver se recusado a acatar tal lembrança, recordando sua religiosidade diferente.

Em conclusão, tudo leva a crer tenha sido mesmo Fredrik Westin (1782-1862), irmão mais velho de Lourenço Westin, por parte de pai, o verdadeiro autor da tela que tem sido objeto de estudos e polêmicas. Segundo uma enciclopédia sueca, Fredrik Westin era pintor de envergadura, tendo produzido diversas alegorias, entre as quais se destacam: "As horas do Dia"; "As Quatro Estações do Ano"; e, "Flora Coroando o Busto Linná", assim como as composições históricas e religiosas tais como: "A Sagrada Família"; "Transfiguração de Cristo" e "Enterro de Cristo". Poderíamos citar ainda outras

obras de Fredrik Westin, como “Grupo da Família Bernadotte” ou “Retratos de “Carlos XIV”, “Johan a Cavalo” e “Magnus Brahe”. Diz ainda a fonte onde fomos colher êsses informes que Fredrik Westin “foi muito admirado pelos seus contemporâneos, os quais chegaram até a compará-lo a Rafael, mas uma crítica posterior o considerou medíocre para ser posto em confronto com esse celebre mestre”.

Retornemos, porém, à figura sempre exemplar de Lourenço Westin, nos anos que se seguiram. Internando-se no País e fixando-se como fazendeiro nas localidades de São João da Boa Vista e de Machado, pouco distante da Vila de Caldas, deixou o seu nome honrado e brilhante entrelaçado aos de famílias paulistas e mineiras localizadas em várias zonas e proximidades de suas antigas fazendas.

Já foi, por vezes, aventada a hipótese de que a transformação do cônsul em fazendeiro tivesse decorrido de sua ingerência na política agitada e cheia de competições dos primeiros tempos do Brasil autônomo, e consequente desagrado dos que estavam no poder, ao lado do exuberante Pedro I. Nada, porém, de positivo a esse respeito se nos deparou nos velhos papéis que consultamos.

Em 1842, pouco mais ou menos, um certo Luis Alves, conhecido pelas façanhas que dele se contavam, chegou a Caldas com a sua famosa carreta, a fim de prender algumas pessoas envolvidas nas lutas políticas daquele ano e que tiveram o seu influxo no vilarejo mineiro. Na lista de Luis Alves figurava o nome de Lourenço Westin. Este não fugiu, não se escondeu, não arredou o pé da fazenda. No entanto, achou jeito de avisar as outras pessoas da violência iminente que as ameaçava. Pode-se mesmo acrescentar que Luís Alves foi muito bem recebido na Fazenda Jardim quando lá foi ter. O seu proprietário providenciou sobre uns consertos da carreta, mandou servir boa e farta alimentação aos presos que ela transportava e, quando chegou o momento da partida, incorporou-se, por sí mesmo, à melancólica comitiva.

Logo depois, foi libertado e voltou aos seus penates. Durante cerca de quatro anos dedicou-se aos trabalhos da Fazenda Jardim, até que a 1º de Julho de 1.846, veio a falecer cercado pelos seus e pelo carinho de todos os que o conheciam. Antes, todavia, de fechar os olhos para a vida, recomendou a seu filho, na ocasião ainda menor, “que nunca comprasse nem vendesse escravos, assim como não estudasse para advogado”. Determinou também que desejava ser enterrado na própria fazenda, o que foi feito, pois esse era o costume muito arraigado na época, visto que ainda não havia cemitérios públicos e, certamente, o luterano não desejava ser enterrado no chão de uma igreja católica.

Orando à beira do seu túmulo florido, recanto da Fazenda Jardim, por ocasião do sepultamento do primeiro cônsul da Suécia no Brasil, o seu patrício J.

F. Widgren, proferiu palavras memoráveis: “Este sueco era doutor em filosofia e sacerdote luterano. Em Caldas, viveu anos como hóspede e colaborador do cientista Regnell, trabalhando na organização dos seus herbários. A oração fúnebre que proferiu em língua sueca foi traduzida para o português por Cristóvão Frederico Jacobson, professor de ciências e línguas. Da mesma destacamos alguns conceitos:-

“Nelas (as façanhas) viverá, pois enquanto os anais do comércio sueco conservarem a memória do dia em que a bandeira da Suécia pela primeira vez tremulou na baía do Rio de Janeiro, igualmente lembrado será o homem sob cuja imediata proteção esse comércio foi colocado e também sabiamente orientado durante perto de um quarto de século, com real proveito para este porto, cujo movimento aumentou consideravelmente. Enquanto a história registrar admiradores da Suécia, seu nome será saudoso e sinceramente lembrado, assim como retumbará muitas vezes no Panteão Escandinavo, onde, entre os de seus mais insignes protetores, é objeto de especial veneração”.

Naquele poético lugar da Fazenda Jardim, próxima da localidade de Gimirim, isto é , já nas lides do atual município de Machado, no Estado de Minas Gerais, encontra-se ainda hoje uma cruz de bronze, cercada de agreste vegetação, em cuja base se lê: “Aqui jaz Lourenço Westin, nascido em Estocolmo a 22 de fevereiro de 1.787 e falecido nesta Fazenda a 1º de julho de 1.846. Foi o primeiro cônsul da Suécia e da Noruega no Brasil”.

Pelos inestimáveis serviços prestados a sua terra natal, o ínclito sueco dela recebeu, em vida, duas condecorações: a primeira uma medalha com a efígie de Gustavo III, rei da Suécia, tendo no anverso os dizeres: “Letitia iterum” ao redor da medalha, e no bordo inferior: “Ordinum Rex Educatione Pr. Haer. XXIX - Martíi - MDCCLXXXIX. A segunda é uma comenda da “Ordem de Vasa”, ordem honorífica instituída em 1.772 por Gustavo III para recompensar o mérito pessoal.

O cônsul Lourenço Westin, mal aqui chegado, enamorou-se da terra brasileira, nela se integrando, de corpo e alma, não só no seu progresso e desenvolvimento, como também no seu campo político. E tantas belas coisas fez, que o seu nome se tornou padrão de duas pátrias amigas: a Suécia, onde ele nasceu, e o Brasil, onde viveu e com tanta galhardia amou e serviu, nele afinal morrendo, e em cujo seio paternal, sob a mística proteção do Cruzeiro do Sul, descansam em paz seus abençoados restos.

Foi um grande homem, possuidor de grande alma e altruístico coração, que soube sempre por sua fecunda vida, simultaneamente, a serviço de duas grandes nacionalidades: a Suécia e o Brasil; uma, àquela em que abriu os olhos à

luz, e a outra, aquela em que fechou, para sempre, esses mesmos olhos, ficando ambas as pátrias refletidas neles, como gratas imagens superpostas.

Glória, pois, à sua memória, nunca de mais nem assaz enaltecida, aqui ou no ultramar.-

METODOLOGIA E CONVENÇÃO DE ABREVIATURAS UTILIZADAS NA REVISTA DA ASBRAP

A Redação

METODOLOGIA PARA DESCRIÇÃO DE ASCENDENTES:

- A árvore de costado descritivo dá sempre o nº 1 à pessoa que se inicia a descrição de seus ascendentes.
- Os homens terão sempre números pares e as mulheres sempre números ímpares (à exceção do nº 1, que varia).
  - Os pais do nº 1 serão 2 e 3.
  - Os avós paternos 4 e 5 e os maternos 6 e 7, etc.
- Para se conhecer os pais de um determinado número, multiplica-se por 2 para o pai e, e a este nº encontrado adiciona-se 1 para a mãe. Exemplo:
  - os pais do nº 20 são 40 e 41.
- Para se conhecer o filho de determinado nº faz-se operação inversa. Exemplo:
  - o número 35 é mulher do nº 34 e mãe do nº 17.

METODOLOGIA PARA DESCRIÇÃO DE DESCENDENTES:

- Será adotado o sistema português moderno.
- Os trabalhos são divididos em títulos de família (Abreus, Carvalhos, Laras, etc.)
- Cada título (ttº) é dividido em parágrafos (§).
- Cada parágrafo (§) pode receber nome que mostre como eram conhecidos os membros daquele ramo.
- O tronco, elemento iniciante da família, está sempre no § 1 e terá a numeração I (algarismo romano).
- Os filhos deste tronco serão relacionados em seqüência, todos com o número II (romano), indicando a geração de que fazem parte, precedidos, entre parenteses, pelo número (arábico) que mostre a ordem de nascimento.
- Fora a descendência da primogenitura varonil (que se seguirá no mesmo parágrafo), cada outro filho ou filha, se houver interesse do autor, será remetido para outro parágrafo, onde se fará referência à sua filiação para facilitar a sua identificação.

OBSERVAÇÕES A SEREM CONSIDERADAS:

- Os nomes dos descendentes e de seus cônjuges devem constar em letras maiúsculas. Em conseqüência, os pais e avós de um cônjuge não virão em letras maiúsculas.
- No caso de um ramo desentroncado, ou ainda não devidamente ligado ao tronco, lançá-lo nos últimos parágrafos, com a menção *desentroncado*.
- Preferencialmente seguir a descendência varonil do ramo em cada parágrafo, como se houvesse morgadio na família.
- A localização de uma pessoa se dará simplesmente da seguinte maneira: § 45 nº VIII, sendo que o VIII indica a geração de que faz parte. Não se faz menção, por não haver necessidade, do número arábico, que indica a ordem de nascimento.
- A escolha do número para os parágrafos fica a critério do autor. Este método facilita a inserção, infinita, de novos ramos que vão sendo descobertos no transcurso de uma pesquisa.
- As mulheres devem vir sempre com o nome de solteira, e se desejado pelo autor, o nome de casada viria depois, com a devida distinção.

CONVENÇÃO DE ABREVIATURAS:

1) DE EXPRESSÕES USUAIS:

bat. .....batizada/ batizado
C. .....Casou/ Casou-se
c. .....com
Cap. .....capitão
Cav. .....cavaleiro
C.B.A. .....Carta de Brasão de Armas
Cel. .....coronel
c.g. .....com geração
Cia. .....Companhia
concº .....concelho
C.R. .....Casa Real
D. .....Dom/ Dona
Dr. .....doutor
ed. .....edição
Engº .....engenheiro
fª .....filha
fal. .....faleceu/ falecida/ falecido
Fid. .....fidalgo
fls. .....folha/ folhas
fº .....filho
Fr. .....frei
fregª .....freguesia
F.S.O. .....Familiar do Santo Ofício
g. .....geração
Gen. .....general
Gov. .....governador
hab. .....habilitado/ habilitação
ib. .....ibidem
invº .....inventário
Lº .....livro
Lº mº .....livro misto
Maj. .....major
n. .....nascida/ nascido
n.m. .....neta/ neto por parte materna
nº .....número
n.p. .....neta/ neto por parte paterna
N.S. .....Nosso Senhor
N.Sª .....Nossa Senhora
O.C. .....Ordem de Cristo
op. cit. .....*opus citatum* (obra citada)
pág. .....página
Pe. .....padre
q.d. .....que se descobriu através de documentos
S. .....Santa/ Santo/ São
Sarg. .....sargento
s.g. .....sem geração
s/m. .....sua mulher
s.m.n. .....sem mais notícias

Ten. .....tenente
test^{o} .....testamento
testr^{o} .....testamenteiro
tt^{o} .....título
v. .....verso
v^{a} .....vila
vigr^{o} .....vigário
V.O.T. .....Venerável Ordem Terceira
X.N. .....cristão novo
X.V. .....cristão velho

2) DE FONTES ARQUIVÍSTICAS:

ACM.. .....Arquivo da Cúria Metropolitana de ... (sigla da arquidiocese).
AHU .....Arquivo Histórico Ultramarino (Lisboa, Portugal).
IAN/TT .....Instituto dos Arquivos Nacionais/ Torre do Tombo (Lisboa, Portugal).
BNP .....Biblioteca Nacional de Portugal.
BNRJ .....Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro.
DAESP .....Divisão do Arquivo do Estado de São Paulo.

3) DE FONTES BIBLIOGRÁFICAS:

ACCSP .....*Atas da Câmara da Cidade de São Paulo*, publicação oficial do Arquivo Histórico Municipal de São Paulo.
AGB/IGB .....*Anuário Genealógico Brasileiro*, publicação do Instituto Genealógico Brasileiro.
AGL/IGB .....*Anuário Genealógico Latino*, publicação do Instituto Genealógico Brasileiro.
BGB/IGB .....*Biblioteca Genealógica Brasileira*, publicação do Instituto Genealógico Brasileiro.
BGL/IGB .....*Biblioteca Genealógica Latina*, publicação do Instituto Genealógico Brasileiro.
BR.GEN. .....Brasil Genealógico- Revista do Colégio Brasileiro de Genealogia.
CG .....JABOATÃO, Fr. Antonio de S. Maria (* 1695- † 1779). *Catálogo Genealógico das Principais Famílias que procedem de Albuquerques Cavalcantes em Pernambuco e Caramurus na Bahia*, em duas edições:
1ª- 1889, Rio de Janeiro. *In* RIHGB, volume 52.
2ª- 1947, Rio de Janeiro: Imprensa Nacional. *In* RIHGB, volume 191.
DIC.BAN. ....FRANCO, Francisco de Assis Carvalho (* 1886- † 1953). *Dicionário de Bandeirantes e Sertanistas do Brasil*, São Paulo: Indústria Gráfica Siqueira S/A, 1954.
DH/BNRJ .....*Documentos Históricos*, publicação da Biblioteca Nacional, do Rio de Janeiro.
DOC.INT. ....*Documentos Interessantes para a história e costumes de São Paulo*, publicação oficial da Divisão do Arquivo do Estado de São Paulo.
F.NEGRÃO .NEGRÃO, Francisco (* 1871- † 1937). *Genealogia Paranaense*, Curitiba: Impressora Paranaense, 1926 a 1950, 6 volumes.
FP .....LIMA, Jacinto Leitão Manso de (* 1690- † 1753). *Famílias de Portugal* (cópia fiel do manuscrito original existente na Biblioteca Nacional de Lisboa- publicado de letras A a M), Lisboa: 1925 a 1931, 14 volumes.

F.GAYO ..... GAYO, Manoel José da Costa Felgueiras (* 1750- † 1831). *Nobiliário das Famílias de Portugal*, em duas edições:
- 1ª- 1938 a 1942, Braga: Tip. Augusto Costa & Cia. Ltda., 17 volumes.
- 2ª- 1989 a 1990, Braga: Oficinas Gráficas de Barbosa & Xavier, Ltda. Edição Carvalhos de Basto, fac-similar da 1ª, 12 volumes.

INV. E TEST. *Inventários e Testamentos*, publicação oficial da Divisão do Arquivo do Estado de São Paulo.

NOB.MAD. .. NORONHA, Henrique Henriques de (* 16??- † 1730). *Nobiliário da Ilha da Madeira*, publicado pelo Instituto Genealógico Brasileiro. *In* BGL/IGB, São Paulo: 1948, 3 volumes, composta em 1700.

NIT..... SOARES, Eduardo de Campos de Castro de Azevedo (CARCAVELLOS), *Nobiliário da Ilha Terceira*. 3 volumes, Porto: Fernando Machado & Cia, 1944.

NP ..... FONSECA, Antonio José Vitoriano Borges da (* 1718- † 1786). *Nobiliarquia Pernambucana*, Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional, 1935, 2 volumes.

NPHG ..... LEME, Pedro Taques de Almeida Paes (* 1714- † 1777). *Nobiliarquia Paulistana Histórica e Genealógica*, em 5 edições:
- 1ª- 1869 a 1872. *In* RIHGB, tomos XXXII (parte 1ª), XXXIII (parte 1ª), XXXIV (parte 2ª) e XXXV (parte 1ª), Rio de Janeiro: B.L. Garnier, Livreiro- Editor.
- 2ª- 1926 (o 1º volume *in* RIHGB, tomo especial, Rio de Janeiro), 1941 (volume 2, *in* RIHGSP, volume XXXIX, São Paulo) e 1944 (3º volume, *in* RIHGSP, volume XXXIX-bis, São Paulo).
- 3ª- 1953, em 3 volumes, pela Comissão do IV Centenário da Cidade de São Paulo, compondo a série *Biblioteca Histórica Paulista*- São Paulo: Livraria Martins Editora.
- 4ª- 1953. Idem à 3ª edição, tiragem de luxo.
- 5ª- 1980, em 3 volumes, da coleção *Reconquista do Brasil* (nºs 5, 6 e 7), São Paulo: Editora Itatiaia Ltda. (Belo Horizonte, MG), em regime de co-edição com a EDUSP- Editora da Universidade de São Paulo.

PFRJ ..... RHEINGANTZ, Carlos G. (* 1915- † 1988). *Primeiras Famílias do Rio de Janeiro* (Séculos XVI e XVII), Rio de Janeiro: Livraria Brasiliana Editora, 1967-1995, 3 volumes.

PL ..... MORAES, Cristóvão Alão de (* 1632- † 1693). *Pedatura Lusitana- Hispânica (Nobiliário de Famílias de Portugal)*, Porto: Livraria Fernando Machado, 1943 a 1948, 12 volumes, composta de 1667 a 1690.

RAPM ..... *Revista do Arquivo Público Mineiro*.

RGB/IGB ..... *Revista Genealógica Brasileira*, publicação do Instituto Genealógico Brasileiro.

RGCSP ..... *Registro Geral da Câmara de São Paulo*, publicação oficial do Arquivo Histórico Municipal de São Paulo.

RGL/IGB ..... *Revista Genealógica Latina*, publicação do Instituto Genealógico Brasileiro.

RIGB ..... *Revista do Instituto Genealógico Brasileiro*.

RIHGB ..... *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*.

RIHGSP ..... *Revista do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo*.

SL ..... LEME, Luiz Gonzaga da Silva (* 1852- † 1919). *Genealogia Paulistana*, São Paulo: Duprat & Cia., 1903 a 1905, 9 volumes.